

Robert Gerwarth

O CARRASCO DE HITLER

A VIDA DE
REINHARD
HEYDRICH

O Supervisor
da Solução Final
para a Questão
Judaica e a
Origem do
Holocausto



Cultrix



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



**O CARRASCO DE
HITLER**

**A Vida de Reinhard
Heydrich**

Robert Gerwarth

**O CARRASCO DE
HITLER**
**A Vida de Reinhard
Heydrich**

**O Supervisor da Solução Final para a
Questão
Judaica e a Origem do Holocausto**

Tradução
MÁRIO MOLINA



Título original: *Hitler's Hangman*.

Copyright © 2011 Robert Gerwarth.

Copyright da edição brasileira © 2013 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2013.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Cultrix não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de textos: Denise de C. Rocha Delela

Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Roseli de S. Ferraz

Revisão técnica: Adilson Silva Ramachandra

Produção editorial: Indiará Faria Kayo

Assistente de produção editorial: Estela A. Minas

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Claudete Agua de Melo e Vivian Miwa Matsushita

Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gerwarth, Robert

O carrasco de Hitler : a vida de Reinhard Heydrich o supervisor da solução final para a questão judaica e a origem do holocausto / Robert Gerwarth ; tradução Mário Molina. – São Paulo: Cultrix, 2013.

Título original: *Hitler's Hangman*

ISBN 978-85-316-1234-3

1. Alemanha - Política e governo - 1933-1945 2. Heydrich, Reinhard, 1904-1942 3. Hitler, Adolf, 1889-1945 4. Nazismo 5. Nazistas - Biografia 6. Tchecoslováquia - Política e governo - 1938-1945 I. Título.

13-06041 CDD-943.086092

Índices para catálogo sistemático:

1. Alemanha: História, 1933-1945: Nazistas: Biografia 943.086092

1ª edição digital - 2013

ISBN Digital: 978-85-316-1243-5

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 - 04270-000 - São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 - Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editoracultrix.com.br>

E-mail: atendimento@editoracultrix.com.br

Foi feito o depósito legal.

Para Porscha

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Imagens e mapas

Prefácio

Introdução

Capítulo 1 - Morte em Praga

Capítulo 2 - O Jovem Reinhard

A Família Heydrich

Guerra e Pós-Guerra

Na Marinha

Lina von Osten

Dispensa e Crise

Capítulo 3 - Tornando-se heydrich

Uma Segunda Chance

Tomadas do Poder

Luta de Poder pela Prússia

A Noite das Facas Longas
Problemas de Família

Capítulo 4 - Combatendo os inimigos do Reich
Em Busca de Novos Inimigos
Os Judeus
As Igrejas
Os Maçons
Antissociais
Uma Vida de Privilégio

Capítulo 5 - Ensaaios para a guerra
O Caso Fritsch-Blomberg
Anschluss
Noite dos Cristais519
A Morte da Tchecoslováquia
Tannenberg

Capítulo 6 - Experimentos de assassinato em massa
A Invasão da Polônia
Construindo uma Nova Ordem Racial
Terror na Frente Interna

Capítulo 7 - Em guerra com o mundo
Para o Ocidente
Madagáscar
Preparando-se para a Guerra Total
Barbarossa

Decisões Fatídicas
A Conferência de Wannsee

Capítulo 8 - Protetor do Reich
O Protetorado da Boêmia e Morávia
Pacificando os Tchecos
Governando um Estado
Germanizando o Protetorado
Holocausto
Imperialismo Cultural
O Crescimento da Resistência

Capítulo 9 - Legados de destruição

Siglas

Bibliografia

Fontes Impressas Primárias
Jornais e Periódicos
Fontes Impressas Secundárias

Índice

Caderno de fotos

IMAGENS E MAPAS

1. Heydrich como chefe da Polícia Política Bávara, 1934. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
2. Carro destruído de Heydrich depois da tentativa de assassinato, maio de 1942. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
3. a) e b) Os assassinos de Heydrich: Josef Gabčík e Jan Kubiš. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
4. O pai de Reinhard, Bruno Heydrich, c.1940. Stadtarchiv Halle.
5. O jovem Reinhard e a irmã Maria, c.1910. Pertence a coleção pessoal do autor.
6. Heydrich como aspirante da marinha, 1924. Stadtarchiv Halle.
7. O casamento de Heydrich, 1931. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
8. Heinrich Himmler acompanha a partida de Heydrich e Karl Wolff de sua casa em Waldtrudering, c.1935. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
9. Himmler, Heydrich e Kurt Daluege, c.1935. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
10. Heydrich fala a uma delegação de industriais alemães, c.1935. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
11. Heydrich, os filhos Klaus e Heider, e a filha recém-nascida Silke, 1939. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
12. Heydrich vê Hitler observar o *front* na Polônia, 1939. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
13. Heydrich em traje de piloto durante a Batalha da Grã-Bretanha, 1940. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.

14. Himmler, Heydrich e Heinrich Müller conferenciam após o fracassado atentado contra a vida de Hitler, 1939. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
15. Heydrich durante um torneio de esgrima em Berlim, c.1941. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
16. Heydrich e Göring na recepção pelo aniversário deste em janeiro de 1941. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz.
17. Heydrich, Rudolf Hess, Himmler e Fritz Todt ouvem o professor Konrad Meyer explicar seus planos de assentamento alemão no Leste, março de 1941. Arquivo SZ.
18. Heydrich presta homenagem à bandeira da SS sendo hasteada no Castelo de Praga quando de sua chegada, setembro de 1941. Arquivo SZ.
19. Heydrich saúda seu ex-assistente, Carl Albrecht Oberg, ao chegar a Paris, maio de 1942. Arquivo SZ.
20. Himmler fala no funeral de Heydrich, junho de 1942. Arquivo SZ.

Mapas

1. Alemanha, 1937.
- 2 Reich Alemão, 1942.

PREFÁCIO

Como escrever a biografia de Reinhard Heydrich, um dos protagonistas do mais criminoso genocídio da história, um personagem histórico a que Thomas Mann, ganhador do Nobel de Literatura em 1929, se referia, de um modo que se tornou afamado, como o “carrasco” de Hitler? Essa é a pergunta que tenho me feito desde o momento em que decidi levar em frente o projeto deste livro. Sempre foi claro para mim que escrever a biografia de um nazista traria um determinado conjunto de desafios, que iam da necessidade de dominar o vasto e sempre crescente acervo da literatura sobre a ditadura hitlerista ao problema peculiar de ter de penetrar na mente de uma pessoa cujo modo de pensar e o universo ideológico parecem *a priori* repelentes e estranhamente distantes, embora a ditadura nazista tenha acabado há menos de 70 anos. O maior desafio, no entanto, se encontra em outro lugar: isto é, no fato de que o relato de uma vida, seja de que tipo for, exige certo grau de empatia com o objeto do livro, mesmo que esse objeto seja Reinhard Heydrich.

Os biógrafos frequentemente usam as imagens contrastantes de autópsia e retrato para descrever seu trabalho: enquanto a autópsia fornece o exame isento, forense de uma vida, o retrato se apoia na empatia do biógrafo com seu objeto. Decidi combinar as duas abordagens numa terceira via mais bem descrita como “empatia fria”: uma tentativa de reconstruir a vida de Heydrich com distância crítica, mas sem ler a história a partir de uma visão atual ou sucumbir ao risco de confundir

o papel do historiador com o de um promotor público no julgamento de um criminoso de guerra. Como os historiadores devem estar basicamente voltados para a explicação e a contextualização, não para a condenação, tentei fugir do sensacionalismo e do tom incriminatório que tendem a caracterizar narrativas anteriores da vida de Heydrich. As ações, a linguagem e o comportamento de Heydrich falam por si mesmos e, sempre que possível, tentei dar espaço à sua própria escolha de expressões e voz característica.

Registros pessoais, no entanto, são escassos no caso de Heydrich. Pesquisei os arquivos pertinentes na Alemanha, na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos, na Rússia, em Israel e na República Tcheca, pesquisa que revelou um número muito maior de fontes sobre a vida de Heydrich do que, com frequência, se presume existir. Contudo, ao contrário de Joseph Goebbels ou do jovem Heinrich Himmler, Heydrich não manteve um diário pessoal e só fragmentos de sua correspondência particular sobreviveram à Segunda Guerra Mundial. Contudo, existe um conjunto notavelmente vasto de documentos oficiais, discursos e cartas, que nos permitem reconstruir com grande detalhe suas rotinas diárias e processos de tomada de decisões.

Para identificar o material de consulta extremamente disperso em que este livro está baseado, tive com frequência de contar com a útil orientação de arquivistas e bibliotecários. Sou muito grato à assistência especializada das equipes de diversos arquivos e bibliotecas pelo mundo afora, que me deram acesso a seus extensos acervos e me forneceram material não publicado. Entre eles o Institut für Zeitgeschichte [Instituto de História Contemporânea], em Munique, os Arquivos Federais Alemães e seus vários ramos

em Berlim, Koblenz, Friburgo e Ludwigsburg, os Arquivos Nacionais Britânico e Tcheco, em Kew e Praga, os arquivos do Yad Vashem, em Jerusalém, e o Museu Memorial do Holocausto, em Washington, DC, assim como o Instituto Histórico Alemão, em Moscou, que me facilitou muito o acesso às pastas do Escritório Central de Segurança do Reich, no Arquivo Osobyi.

Este livro teve origem em Oxford e continuo profundamente grato aos muitos amigos e ex-colegas de lá. Martin Conway e Nicholas Stargardt serviram de assessores em vários estágios do projeto e fizeram críticas extremamente bem-vindas aos primeiros esboços do livro. Roy Foster me ensinou muita coisa sobre como escrever uma biografia, fez comentários brilhantes a respeito do original e continuou sendo amigo e inspiração mesmo depois do meu período em Oxford. Desde que saí de Oxford em 2007, tornei-me membro da equipe da University College Dublin, que me concedeu notável liberdade para pesquisar e escrever. Entre meus colegas na UCD, William Mulligan, Stephan Malinowski e Harry White foram leitores críticos e fontes de encorajamento extremamente úteis. Ao lado de meus colegas do Centro de Estudos de Guerra da UCD, devo também agradecer a John Horne, do Trinity College Dublin, por três anos de feliz colaboração na pesquisa e por ser uma inspiração constante com sua dedicação à cultura histórica.

Fora de Oxford e Dublin, Nikolaus Wachsmann, Chad Bryant, Mark Cornwall e Jochen Boehler concordaram generosamente em ler esboços do meu trabalho, assim como dois leitores anônimos que foram muito além de suas obrigações ao comentar minhas ideias iniciais. Suas sugestões valorizaram muito o manuscrito final e sou

imensamente grato a eles. Em Praga, tive a sorte de trabalhar com Miloš Hořejš, cuja aptidão para traduzir seções cruciais da literatura e das fontes tchecas permitiu-me incorporar o importante trabalho sobre a ocupação nazista da Boêmia e da Morávia que foi publicado em tcheco nas últimas duas décadas. Em Berlim, tive o prazer de trabalhar com Jan Bockelmann, cujo zelo em compilar farta quantidade de literatura e de fontes alemãs ajudou muito na conclusão em tempo hábil deste estudo. Ele e Wolf Beck também realizaram um trabalho de especialistas fornecendo os dois mapas deste volume, enquanto Seumas Spark me ajudou no índice. Heather McCallum autorizou a publicação deste livro a aproximadamente seis anos atrás e ela e seus colegas da Yale University Press acompanharam o processo de produção com grande entusiasmo, competência e paciência. É difícil imaginar uma editora melhor.

Os agradecimentos finais, como sempre, vão para minha família. Durante minhas constantes viagens de pesquisa a Berlim, meus pais, Michael e Evelyn Gerwarth, proporcionaram apoio, amor e encorajamento incondicionais, pelos quais nunca será demais lhes agradecer. Finalmente, minha dívida para com minha esposa, Porscha, é enorme. Ela leu o original do princípio ao fim e teve de conviver com minhas ausências periódicas e distração constante nos últimos cinco anos. Dedicar-lhe este livro é uma tentativa necessariamente inadequada de confessar a profundidade do meu amor e gratidão.

Dublin, maio de 2011

INTRODUÇÃO

Reinhard **HEYDRICH** É **AMPLAMENTE RECONHECIDO COMO UM DOS GRANDES VILÕES** icônicos do século XX, um personagem aterrador mesmo dentro do contexto da elite nazista. Incontáveis documentários de TV, instigados pela fascinação pelo mal, têm proporcionado visões populares de sua vida intrigante e não faltam relatos sensacionalistas de seu assassinato em 1942 e da onda sem precedentes de violência nazista retaliatória, que culminou na vingativa destruição da aldeia boêmia de Lídice. Tratando possivelmente da mais espetacular operação de serviço secreto de toda a Segunda Guerra Mundial, a história da Operação Antropoide e de suas consequências violentas tem inspirado a imaginação popular desde 1942, fornecendo o pano de fundo a *Lídice* (1942), de Heinrich Mann, *Os Carrascos Também Morrem* (1943), de Bertolt Brecht, e o recente romance *HHhH*¹ (2010), de Laurent Binet, ganhador do Prix Goncourt.²

A persistente fascinação popular por Heydrich é facilmente explicada. Embora tivesse apenas 38 anos na época de sua morte violenta em Praga, em junho de 1942, ele acumulara três posições-chave no império em rápida expansão de Hitler. Como chefe do vasto aparelho de polícia política e criminal, que se fundiu com o poderoso serviço de inteligência da SS – o SD – formando o Escritório Central de Segurança do Reich (RSHA) em 1939, Heydrich comandou um considerável exército espião de oficiais da Gestapo e do SD diretamente responsável pelo terror nazista doméstico e nos territórios ocupados. Como tal, esteve também

encarregado das infames unidades móveis de extermínio da SS, os *Einsatzgruppen*, durante as campanhas contra a Áustria, a Tchecoslováquia, a Polônia e a União Soviética. Em segundo lugar, em setembro de 1941, Heydrich foi nomeado interinamente por Hitler como protetor do Reich da Boêmia e Morávia, um cargo que o transformava no governador indiscutível das antigas terras tchecas. Os oito meses de seu governo em Praga e as consequências de seu assassinato são ainda lembrados como a época mais negra da moderna história tcheca. Em terceiro lugar, em 1941, Heydrich foi instruído pelo segundo homem mais poderoso da Alemanha nazista, Hermann Göring, a encontrar e implementar uma “solução final para o problema judaico” na Europa, uma solução que, no verão de 1942, culminou no assassinato indiscriminado e sistemático dos judeus na Europa. Nessas três posições, Reinhard Heydrich desempenhou sem dúvida um papel central no complexo sistema de poder do Terceiro Reich.

Contudo, a despeito de sua grande cota de responsabilidade por algumas das piores atrocidades cometidas em nome da Alemanha nazista e do persistente interesse tanto de historiadores quanto do público em geral na ditadura de Hitler, Heydrich continua sendo um vulto incrivelmente negligenciado e singularmente nebuloso na extensa literatura sobre o Terceiro Reich. Embora tenham sido publicados cerca de 40 mil livros sobre a história da Alemanha nazista, incluindo vários estudos importantes sobre outros oficiais do alto escalão da SS, como Heinrich Himmler, Ernst Kaltenbrunner, Adolf Eichmann e Werner Best, não existe uma biografia acadêmica séria que abarque a totalidade da vida dessa figura-chave dentro do aparelho de terror nazista.³ A única exceção a essa incrível

negligência é a tese pioneira de doutorado de Shlomo Aronson, de 1967, sobre o papel de Heydrich na história inicial da Gestapo e do SD, que infelizmente termina em 1936, quando a SS assumiu pleno controle da polícia alemã. Escrita em alemão e nunca traduzida para o inglês, a pesquisa de Aronson deixou uma rica fonte de material sobre o início da vida de Heydrich que nenhum historiador que venha a trabalhar na área pode ignorar, mas seu estudo não é uma biografia e jamais pretendeu ser.⁴

Vários jornalistas tentaram preencher a lacuna deixada por historiadores profissionais. Embora não sem mérito, em especial por reunirem depoimentos posteriores à guerra de antigos companheiros de Heydrich na SS e amigos de infância, essas primeiras biografias de Heydrich refletem uma visão hoje bastante obsoleta dos líderes nazistas como criminosos depravados ou assassinos de gabinete perversamente racionais – uma interpretação que se baseia nos depoimentos pós-guerra tanto de vítimas do nazismo quanto de ex-membros da SS.⁵ O alto comissário da Liga das Nações em Danzig entre 1937 e 1939, o suíço Carl Jacob Burckhardt, que conhecera Heydrich no verão de 1935 durante um giro de inspeção pelos campos de concentração nazistas, fez em suas memórias a célebre descrição de Heydrich como o “jovem e perverso deus da morte” do Terceiro Reich.⁶ Recordações pós-guerra de antigos subordinados da SS foram igualmente pouco lisonjeiras. Seu assistente de muitos anos, dr. Werner Best, caracterizou Heydrich como “a personalidade mais demoníaca da liderança nazista”, impelida por “uma desumanidade que não levava em conta aqueles que exterminava”.⁷ O ajudante pessoal de Himmler, Karl Wolff, descreveu Heydrich como “diabólico”, enquanto Walter Schellenberg, o

mais jovem dos chefes de departamento no Escritório Central de Segurança do Reich, recordou o antigo patrão como um homem tremendamente ambicioso, com “uma percepção incrivelmente aguçada da fraqueza moral, humana, profissional e política dos outros”. “Seu intelecto incomum”, Schellenberg insistiu, “se fazia acompanhar dos instintos sempre vigilantes de um animal predador” que, “num bando de lobos ferozes, tem sempre de provar ser o mais forte.”⁸

Devemos encarar com cautela esses depoimentos pós-guerra de antigos oficiais da SS. Com Heydrich, Himmler e Hitler mortos, e o Terceiro Reich em ruínas, Best, Wolff, Schellenberg e os demais veteranos da SS detidos pelos Aliados estavam ávidos por atenuar suas responsabilidades e “provar” que tinham apenas cumprido ordens de superiores demasiado poderosos e assustadores para serem desobedecidos. Contudo, as caracterizações que fizeram de Heydrich criaram raízes na imaginação popular, abastecida por livros como a biografia de Charles Wighton, de 1962, *Heydrich: Hitler's Most Evil Henchman* [*Heydrich: O Mais Cruel Capanga de Hitler*]. Wighton eternizou um poderoso mito ao interpretar o zelo criminoso de Heydrich: o mito de um suposto contexto familiar judeu que se originou no início da juventude de Heydrich e que, apesar dos muitos esforços da família para refutá-lo, continuou vindo à tona durante e após o Terceiro Reich. Depois de 1945, ele foi cultivado por ex-oficiais da SS, como Wilhelm Höttl, que sustentou num livro autobiográfico, *The Secret Front* [*A Frente Secreta*], de 1950, que Heydrich ordenou que seus agentes removessem a lápide da “avó judia”.⁹ Outros recorreram ao expediente potencialmente lucrativo de “expor” o principal organizador do Holocausto como judeu. Presumivelmente para dar um

empurrão nas vendas de seu livro com revelações sensacionais sobre a liderança da SS, o massagista finlandês de Himmler, Felix Kersten, sustentou em memórias altamente duvidosas que tanto Himmler quanto Hitler tinham conhecimento do “terrível segredo” de Heydrich desde o início dos anos 1930, mas que preferiram usar “o homem extremamente talentoso, mas também muito perigoso” para os feitos mais sórdidos do regime.[10](#)

Wighton não foi o único a se deixar seduzir pelo mito das origens judaicas de Heydrich. No prefácio às memórias de Kersten, Hugh Trevor-Roper confirmou “com toda a autoridade que possuo” que Heydrich era judeu – um ponto de vista sustentado por eminentes historiadores alemães, como Karl Dietrich Bracher e Joachim Fest, o biógrafo de Hitler.[11](#) A breve descrição do caráter de Heydrich feita por Fest – de estilo nitidamente brilhante, mas de conteúdo não convincente – acrescentou lenha ao debate popular sobre a personalidade supostamente dividida de Heydrich. Fest renovou os rumores sobre um contexto familiar judaico de Heydrich e atribuiu suas ações a um antissemitismo de quem odiava a si mesmo. Como um maníaco esquizofrênico impelido pela autoaversão, Heydrich quis provar seu valor e transformou-se “num homem que parecia uma correia de chicote”, dirigindo o aparelho de terror nazista com “frieza luciferiana” de modo a alcançar a meta final de se tornar o “sucessor de Hitler”.[12](#)

A caracterização de Heydrich feita por Fest foi posta em dúvida pelo surgimento de uma segunda imagem poderosa dos oficiais veteranos da SS, capturada na foto icônica de Adolf Eichmann em sua cabine de vidro no tribunal da comarca de Jerusalém. O famoso relato desse julgamento feito por Hannah Arendt e seu dito sobre a “banalidade do

mal” moldou a percepção pública dos homens da SS nas décadas que se seguiram.¹³ Durante muitos anos, o burocrático “tecnocrata da morte” – o criminoso perversamente racional atrás de uma escrivãzinha – tornou-se a imagem dominante dos perpetradores de malfeitos nazistas. Esses perpetradores concentravam-se em seus deveres, aceitavam as tarefas administrativas atribuídas a eles e cumpriam-nas “corretamente” e “conscientiosamente”, sem se sentirem responsáveis pelos resultados.¹⁴ O assassinato em massa de judeus era visto agora não tanto como reversão à barbárie, mas como o zênite da burocracia moderna e da tecnologia desumanizante que encontrara sua expressão final nas anônimas fábricas de morte de Auschwitz. O assassinato em massa era apresentado como um processo de saneamento realizado por profissionais – médicos e advogados, demógrafos e agrônomos – que agiam com base em decisões amorais, mas que pareciam racionais, derivadas da eugenia racial, de considerações geopolíticas e do planejamento econômico.¹⁵

Tais imagens exerceram vigoroso efeito sobre outra biografia popular de Heydrich, publicada pela primeira vez em 1977: *The Pursuit of Total Power [A Busca do Poder Total]*, de Günther Deschner. Deschner, um ex-colaborador do diário conservador *Die Welt*, descartou justificadamente as satanizações pseudopsicológicas de Wighton e Fest. Seguiu, em vez disso, a tendência predominante nas décadas de 1970 e 1980, descrevendo Heydrich como o arquétipo de um tecnocrata de alto escalão interessado basicamente na eficiência, no desempenho e no poder total, para quem a ideologia nazista era antes de tudo um veículo para o carreirismo. A ideologia, Deschner sugeriu, parecia

algo que Heydrich era inteligente demais para levar a sério.[16](#)

Se a percepção popular de Heydrich como o frio “administrador da morte” do Terceiro Reich persistiu praticamente sem contestação no decorrer dos anos, os princípios básicos em que essa imagem se apoia sofreram um meticuloso desgaste nas últimas duas décadas. Em primeiro lugar, hoje está claro que a ideologia desempenhou um papel motivador fundamental para os oficiais veteranos da SS e que qualquer tentativa de tratá-los sumariamente como estranhos patologicamente perturbados é extremamente enganadora. No mínimo, os perpetradores da SS tendiam a ser *mais* instruídos que o alemão médio ou o europeu ocidental seus contemporâneos. Na maioria das vezes, eram jovens graduados na universidade, socialmente emergentes e ambiciosos, vindos de ambientes familiares perfeitamente íntegros, de modo algum elementos de uma minoria desajustada de extremistas saídos das margens criminosas da sociedade.[17](#)

Em segundo lugar, é hoje comumente aceito que os processos de tomada de decisões que levaram ao Holocausto desenvolveram-se através de vários estágios de radicalização gradual. A ideia de que Heydrich planejava conscientemente o Holocausto desde o início dos anos 1930, ainda defendida por seu biógrafo Eduard Calic na década de 1980, é um ponto de vista que se tornou insustentável.[18](#) Embora elemento central no desenvolvimento das práticas de perseguição política da Alemanha nazista, Heydrich foi apenas um dentre uma grande variedade de atores em Berlim e na Europa ocupada pelos alemães que promoveram medidas de exclusão cada vez mais extremas e, finalmente, o assassinato em massa.

A Alemanha nazista não foi uma ditadura brandamente hierárquica, mas antes uma “selva de muitas supremacias”, com grupos competindo entre si e órgãos do Estado erraticamente presididos por Hitler. A “radicalização cumulativa” em certas áreas políticas emergiu como resultado de tensões e conflitos entre indivíduos poderosos e grupos de interesse que procuravam agradar o Führer se antecipando às suas ordens.[19](#) Dentro dessa complexa estrutura de poder, os indivíduos contribuíram para as políticas nazistas de perseguição e assassinato pelas mais diferentes razões, indo do compromisso ideológico e do hipernacionalismo ao carreirismo, cobiça, sadismo, fraqueza ou – de maneira mais realista – a uma combinação de mais de um desses elementos.[20](#)

Para um biógrafo de Heydrich, os argumentos revisionistas das últimas décadas colocam toda uma série de questões espinhosas. Se o Holocausto não foi um genocídio centralizado, desenrolando-se sem percalços, e Heydrich e Himmler não foram responsáveis por cada aspecto da perseguição e do assassinato em massa dos judeus, pelo que exatamente foram eles responsáveis?[21](#) Se, como alguns historiadores bem justificadamente sugerem, o Holocausto era meramente o passo inicial para o desemaranhar sangrento da complexa constituição étnica da Europa, que papel Heydrich desempenhou na evolução e implementação desses planos?[22](#) Ainda mais fundamentalmente: como ele “se tornou” Heydrich?

As respostas fornecidas neste livro revisam algumas suposições mais antigas sobre a transição pessoal de Heydrich para o nazismo e sua contribuição para alguns dos piores crimes cometidos em nome do Terceiro Reich. Nascido em 1904, numa privilegiada família católica de

músicos profissionais da cidade de Halle, o caminho de Heydrich para o genocídio foi qualquer coisa menos direto. Além de sua vida ter sido condicionada por inúmeros acontecimentos imprevisíveis que estiveram com frequência fora de seu controle, suas ações só podem ser plenamente explicadas se colocadas no contexto mais amplo das condições intelectuais, políticas, culturais e socioeconômicas que moldaram a história alemã na primeira metade do século XX.

Heydrich foi ao mesmo tempo um representante típico e atípico de sua geração. Participou de muitas das rupturas profundas e experiências traumáticas da chamada geração de jovens da guerra: isto é, a Grande Guerra e os turbulentos anos pós-guerra de agitação revolucionária, hiperinflação e declínio social, que ele vivenciou quando adolescente. Contudo, embora essas experiências tenham tornado Heydrich e muitos outros alemães suscetíveis ao nacionalismo radical, ele se absteve do ativismo político durante toda a década de 1920, chegando inclusive a ser segregado pelos colegas oficiais de marinha por não ser suficientemente nacionalista. A grande reviravolta na primeira fase de sua vida ocorreu na primavera de 1931, quando foi dispensado do serviço militar como resultado de uma promessa de noivado quebrada e de seu subsequente comportamento arrogante diante do tribunal de honra militar. Sua dispensa no auge da Grande Depressão coincidiu mais ou menos com o primeiro encontro com sua futura esposa, Lina von Osten, que já era uma nazista engajada e que o convenceu a buscar um cargo nos efetivos pequenos, mas de elite, da SS de Heinrich Himmler.

Até esse momento, a vida de Heydrich poderia ter tomado uma direção muito diferente e, de fato, ele inicialmente

possuía poucas qualificações óbvias para o papel que desempenhou posteriormente como chefe da Gestapo e do SD. Cruciais para seu desenvolvimento futuro foram as experiências e encontros pessoais *dentro* da SS após 1931 e, em particular, a relação de grande proximidade entre ele e Heinrich Himmler. Em outras palavras, o fator que mais significativamente contribuiu para a radicalização de Heydrich foi a imersão num ambiente político de homens jovens, e com frequência extremamente preparados, que se desenvolvia a partir de noções violentas de purificação da Alemanha de supostos inimigos internos, rejeitando ao mesmo tempo normas burguesas de moralidade como frouxas, obsoletas e inadequadas para assegurar o renascimento nacional da Alemanha.

Contudo, a imersão nesse mundo violento de extremistas políticos profundamente engajados não explica por si mesma por que Heydrich emergiu como o personagem possivelmente mais radical dentro da liderança nazista. Pelo menos uma das razões para o subsequente radicalismo, como sem dúvida se afirmará, reside em sua falta de credenciais nazistas mais antigas. A vida anterior de Heydrich continha alguns senões, mais especialmente os persistentes rumores sobre uma ascendência judaica - que levaram a uma humilhante investigação do partido em 1932 - e a conversão relativamente tardia ao nazismo. Para compensar por essas imperfeições e impressionar seu superior, Heinrich Himmler, Heydrich transformou-se num nazista-modelo, adotando e ainda radicalizando princípios básicos da visão de mundo de Himmler, bem como os ideais da SS de masculinidade, intrepidez no esporte e postura militar. Heydrich chegou a manipular a história de sua vida anterior para respaldar as credenciais nazistas. Teria

supostamente lutado nas combativas unidades direitistas dos Freikorps²³ após a Grande Guerra, mas seu envolvimento em atividade paramilitar depois de 1918 foi, na melhor das hipóteses, mínimo. Nem existe qualquer registro provando que tenha sido membro de algum dos vários grupos antisemitas de Halle, aos quais mais tarde afirmou ter pertencido.

Em meados dos anos 1930, Heydrich conseguira se reinventar como um dos divulgadores mais radicais da ideologia nazista e de sua implementação mediante programas rígidos e cada vez mais abrangentes de perseguição política. A realização da sociedade utópica de Hitler, assim ele firmemente acreditava, exigia a implacável e violenta exclusão dos elementos julgados perigosos para a sociedade alemã, uma tarefa que poderia ser mais bem cumprida pela SS, como executora da vontade de Hitler. Só purificando a sociedade alemã de tudo que era estrangeiro, doentio e hostil poderia emergir uma nova comunidade nacional e poderia a inevitável guerra contra a arqui-inimiga do Reich, a União Soviética, ser vencida. Os meios de “limpeza” imaginados por Heydrich iam se alterar dramaticamente entre 1933 e 1942, parcialmente em resposta a circunstâncias alheias a seu controle e parcialmente como resultado da crescente *Machbarkeitwahn* - fantasia de onipotência - que se apoderou de muitos veteranos da SS, planejadores políticos e engenheiros demográficos após a deflagração da Segunda Guerra Mundial: a ideia enganosa de que surgira uma oportunidade histórica única para rechaçar, de uma vez por todas, os inimigos reais ou imaginários da Alemanha dentro e fora do Reich. Embora o extermínio em massa de judeus parecesse inconcebível até mesmo para Heydrich antes da

deflagração da guerra em 1939, seus pontos de vista sobre o assunto se radicalizaram durante os dois anos e meio seguintes. Uma combinação de embrutecimento de tempos de guerra, frustração ante fracassados esquemas de expulsão, pressões de administradores alemães locais no Leste ocupado e determinação ideologicamente motivada de resolver o “problema judaico” levou a uma situação em que ele acreditou que o assassinato em massa sistemático seria ao mesmo tempo exequível e desejável.

A “solução da questão judaica” pela qual Heydrich arcava com responsabilidade direta desde o final dos anos 1930 era, no entanto, apenas parte de um plano de guerra muito mais amplo de recriar toda a constituição étnica da Europa por meio de um projeto gigantesco de expulsão, reinstalação e extermínio de milhões de pessoas na Europa Oriental após a vitória da Wehrmacht sobre a União Soviética. Como protetor do Reich interino da Boêmia e Morávia - um posto que ocupou de setembro de 1941 até sua morte violenta em junho de 1942 - Heydrich enfatizou seu compromisso fundamental com esses planos iniciando um programa singularmente ambicioso de classificação racial e imperialismo cultural no Protetorado.

Apesar de seu empenho na germanização da Europa Central e do Leste, Heydrich estava plenamente consciente de que a realização completa desse objetivo teria de esperar até a vitória da Wehrmacht sobre o Exército Vermelho. Era simplesmente impossível, de um ponto de vista logístico, expulsar, reinstalar e matar cerca de 30 milhões de pessoas eslavas, no Leste conquistado, travando simultaneamente uma guerra contra uma aliança numericamente superior de inimigos nos campos de batalha. A destruição dos judeus da Europa, uma

comunidade menor e mais facilmente identificável, colocava problemas logísticos consideravelmente menores. Para Heydrich e Himmler, a rápida implementação da “solução final” também proporcionava uma importante vantagem estratégica face a operações que com ela pudessem rivalizar nos territórios ocupados: documentando sua confiabilidade na execução das ordens genocidas de Hitler, eles se credenciavam junto ao Führer como instrumentos naturais para implementar o ainda maior projeto pós-guerra de germanização.[24](#)

A vida de Heydrich, portanto, nos oferece um ponto de observação singularmente privilegiado, interior e orgânico de alguns dos aspectos mais sombrios do domínio nazista, muitos dos quais com frequência artificialmente divididos ou tratados separadamente na literatura altamente especializada sobre o Terceiro Reich: a ascensão da SS e o surgimento do Estado policial nazista; os processos de tomada de decisões que levaram ao Holocausto; as interconexões entre políticas antijudaicas e de germanização; e os diferentes modos pelos quais os regimes de ocupação alemã operavam através da Europa controlada pelos nazistas. Num nível mais pessoal, ela ilustra as circunstâncias históricas sob as quais rapazes saídos de ambientes de classe média perfeitamente “normais” podem se tornar extremistas políticos determinados a recorrer à ultraviolência para pôr em prática suas fantasias distópicas[25](#) de transformar radicalmente o mundo.

1 Acrônimo de *Himmlers Hirn heißt Heydrich* – “o cérebro de Himmler se chama Heydrich”. Uma das formas correntes de se referir a Heydrich entre os membros da SS.

2 Os relatos populares mais amplamente conhecidos do assassinato de Heydrich são Callum MacDonald, *The Killing of SS Obergruppenführer Reinhard Heydrich: 27 May 1942* (Londres, 1992); Hellmut Haasis, *Tod in Prag. Das Attentat auf Reinhard Heydrich* (Reinbek, 2002); Miroslav Ivanov, *Der Henker von Prag. Das Attentat auf Heydrich* (Berlim, 1993), Jiří Fiedler, *Atentát 1942* (Brno, 2002); Michal Burian, Aleš Knížek, Jiří Rajlich e Eduard Stehlík, *Assassination: Operation Anthropoid 1941-1942* (Praga, 2002). Para um útil apanhado da extensa literatura tcheca sobre o assassinato até 1991, ver Zdeněk Jelínek, “K problematice atentátu na Reinharda Heydricha”, *Historie a vojenství* 40 (1991), pp. 65-101.

3 Sobre Himmler, ver Peter Longerich, *Heinrich Himmler. Biographie* (Munique, 2008); Richard Breitman, *The Architect of Genocide: Himmler and the Final Solution* (Nova York, 1991); Peter R. Black, *Ernst Kaltenbrunner: Ideological Soldier of the Third Reich* (Princeton, NJ, 1984); sobre Best, Ulrich Herbert, *Best. Biographische Studien über Radikalismus, Weltanschauung und Vernunft, 1903-1989* (Bonn, 1996); sobre Eichmann, David Cesarani, *Becoming Eichmann: Rethinking the Life, Crimes and Trial of a Desk Murderer* (Cambridge, MA, 2006)

4 Shlomo Aronson, “Heydrich und die Anfänge des SD und der Gestapo, 1931-1935”, tese de Ph.D., FU Berlim, 1967; em seguida publicada como Shlomo Aronson, *Reinhard Heydrich und die Frühgeschichte von Gestapo und SD* (Stuttgart, 1971). Ver também os ensaios mais curtos de Charles Sydnor, “Reinhard Heydrich. Der ‘ideale Nationalsozialist’”, em Ronald Smelser e Enrico Syring (orgs.), *Die SS. Elite unter dem Totenkopf. 30 Lebensläufe* (Paderborn, 2000), pp. 208-19; *idem*, “Executive Instinct: Reinhard Heydrich and the Planning for the Final Solution”, em Michael Berenbaum e Abraham Peck (orgs.), *The Holocaust and History: The Known, The Unknown, The Disputed and the Re-examined* (Bloomington, IN, 1998), pp. 159-86.

5 Charles Whiting, *Heydrich: Henchman of Death* (Barnsley, 1999); Charles Wighton, *Heydrich: Hitler's Most Evil Henchman* (Londres, 1962); Günther Deschner, *Heydrich: The Pursuit of Total Power* (Londres, 1981); Edouard Calic, *Reinhard Heydrich: The Chilling Story of the Man Who Masterminded the Nazi Death Camps* (Nova York, 1985); Mario Dederichs, *Heydrich: The Face of Evil* (Londres, 2006); Joachim Fest, “The Successor”, em *idem*, *The Face of the Third Reich: Portraits of the Nazi Leadership* (Nova York, 1970), pp. 98-114.

6 Carl Jacob Burckhardt, *Meine Danziger Mission, 1937-1939* (Munique, 1960), p. 57.

7 Declaração do dr. Werner Best sobre Heydrich, 1º de outubro de 1959: IfZ, ZS 207/2.

8 Depoimento pós-guerra de Wolff: IfZ, ZS 317, ff. p. 34s.; Walter Schellenberg, *The Labyrinth: The Memoirs of Hitler's Secret Service Chief* (Londres, 1956), p. 36. Para um relato similar, ver Walter Hagen (vulgo Wilhelm Höttl), *Die geheime Front. Organisation, Personen und Aktionen des deutschen Geheimdienstes* (Linz e Viena, 1950), p. 27; sobre Höttl e seu relato, ver Thorsten Querg, “Wilhelm Höttl – Vom Informanten zum Sturmbannführer im Sicherheitsdienst der SS”, em Barbara Danckwortt, Thorsten Querg e Claudia Schöningh (orgs.), *Historische*

Rassismusforschung. Ideologie - Täter - Opfer (Hamburgo e Berlim, 1995), pp. 208-30.

[9](#) Hagen, *Geheime Front*, p. 21.

[10](#) Felix Kersten, *Totenkopf und Treue - Heinrich Himmler ohne Uniform* (Hamburgo, 1952), p. 128. Ver também as memórias de Hans Bernd Gisevius, *Bis zum bitteren Ende. Bericht eines Augenzeugen aus den Machtzentren des Dritten Reiches* (Hamburgo, 1954), p. 118.

[11](#) Hugh Trevor-Roper, "Introduction", Felix Kersten, *The Kersten Memoirs, 1940-1945*, org. Hugh Trevor-Roper (Londres, 1957); Fest, "Successor", pp. 139ss.; Karl Dietrich Bracher, *The German Dictatorship: The Origins, Structure, and Consequences of National Socialism* (Nova York, 1970), p. 60. O mito do suposto contexto familiar judeu de Heydrich continua a ressurgir periodicamente. Ver Dederichs, *Heydrich*, p. 69; Michael Puntenius, "Das Gesicht des Terrors. Reinhard Heydrich (1904-1942)", em *idem*, *Gelehrte, Weltanschauer, auch Poeten. Literarische Porträts berühmter Hallenser* (Halle, 2006), pp. 199-201, aqui p. 200; e Paula Diehl, *Macht - Mythos - Utopie. Die Körperbilder der SS-Männer* (Berlim, 2005), p. 163, nº 51. O mito da descendência judaica de Heydrich foi convincentemente refutado por Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 18s., 24, 63s.; e Karin Flachowsky, "Neue Quellen zur Abstammung Reinhard Heydrich", *VfZ* 48 (2000), pp. 319-27.

[12](#) Fest, "Successor", p. 139. Sobre a ideia de que Heydrich queria suceder Hitler, ver também Horst Naudé, *Erlebnisse und Erkenntnisse als politischer Beamter im Protektorat Böhmen und Mähren* (Berlim, 1975), p. 145; e Gisevius, *Bis zum bitteren Ende*, p. 264.

[13](#) Hannah Arendt, *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil* (Londres, 1963).

[14](#) A interpretação mais influente dentro desses parâmetros foi a de Raul Hilberg, *The Destruction of the European Jews* (Londres, 1961).

[15](#) Cesarani, *Eichmann*, p. 4; o exemplo mais conhecido é Zygmunt Baumann, *Modernity and the Holocaust* (Ithaca, NY, 1989).

[16](#) Deschner, *Heydrich*. O mito da falta de convicção ideológica de Heydrich originou-se da declaração pós-guerra de Werner Best sobre Heydrich, em 1º de outubro de 1959: *IfZ*, ZS 207/2.

[17](#) Jens Banach, *Heydrich Elite. Das Führerkorps der Sicherheitspolizei und des SD, 1936-1945* (Paderborn, 1996); George C. Browder, *Hitler's Enforcers: The Gestapo and the SS Security Service in the Nazi Revolution* (Nova York, 1996); Friedrich Wilhelm, *Die Polizei im NS-Staat. Die Geschichte ihrer Organisation im Überblick* (2ª ed., Paderborn, 1999); Herbert, Best; Klaus-Michael Mallmann e Gerhard Paul (orgs.), *Karrieren der Gewalt. Nationalsozialistische Täterbiographien* (Darmstadt, 2004); Michael Wildt, *Generation des Unbedingten. Das Führungskorps des Reichssicherheitshauptamtes* (Hamburgo, 2002); Cesarani, *Eichmann*; Götz Aly e Susanne Heim, *Vordenker der Vernichtung. Auschwitz und die deutschen Pläne für eine europäische Ordnung* (Frankfurt am Main, 1993); Harald Welzer, *Täter. Wie aus ganz normalen Menschen Massenmörder werden* (Frankfurt am Main, 2005).

[18](#) Edouard Calic, *Reinhard Heydrich, Schlüsselfigur des Dritten Reiches* (Düsseldorf, 1982).

[19](#) Peter Hüttenberger, "Nationalsozialistische Polykratie", *Geschichte und*

Gesellschaft 2 (1976), pp. 417-42; Hans Mommsen, "The Realization of the Unthinkable: The 'Final Solution of the Jewish Question' in the Third Reich", em Gerhard Hirschfeld (org.), *The Policies of Genocide: Jews and Soviet Prisoners of War in Nazi Germany* (Londres, 1986); Martin Broszat, "Hitler und die 'Endlösung'. Aus Anlass der Thesen von David Irving", *VfZ* 25 (1977), pp. 739-75; Ian Kershaw, "'Working towards the Führer': Reflections on the Nature of the Hitler Dictatorship", *Contemporary European History* 2 (1993), pp. 103-18.

[20](#) Para sínteses claras e cuidadosamente desenvolvidas, ver Christopher R. Browning, *The Origins of the Final Solution: The Evolution of Nazi Jewish Policy, September 1939-March 1942* (Lincoln, NB, 2004); Peter Longerich, *Politik der Vernichtung. Eine Gesamtdarstellung der nationalsozialistischen Judenverfolgung* (Munique e Zurique, 1998); Saul Friedländer, *Nazi Germany and the Jews*, vol. 1: *The Years of Persecution, 1933-1939*, e vol. 2: *The Years of Extermination, 1939-1945* (Nova York, 1997 e 2007); Donald Bloxham, *The Final Solution: A Genocide* (Oxford, 2009).

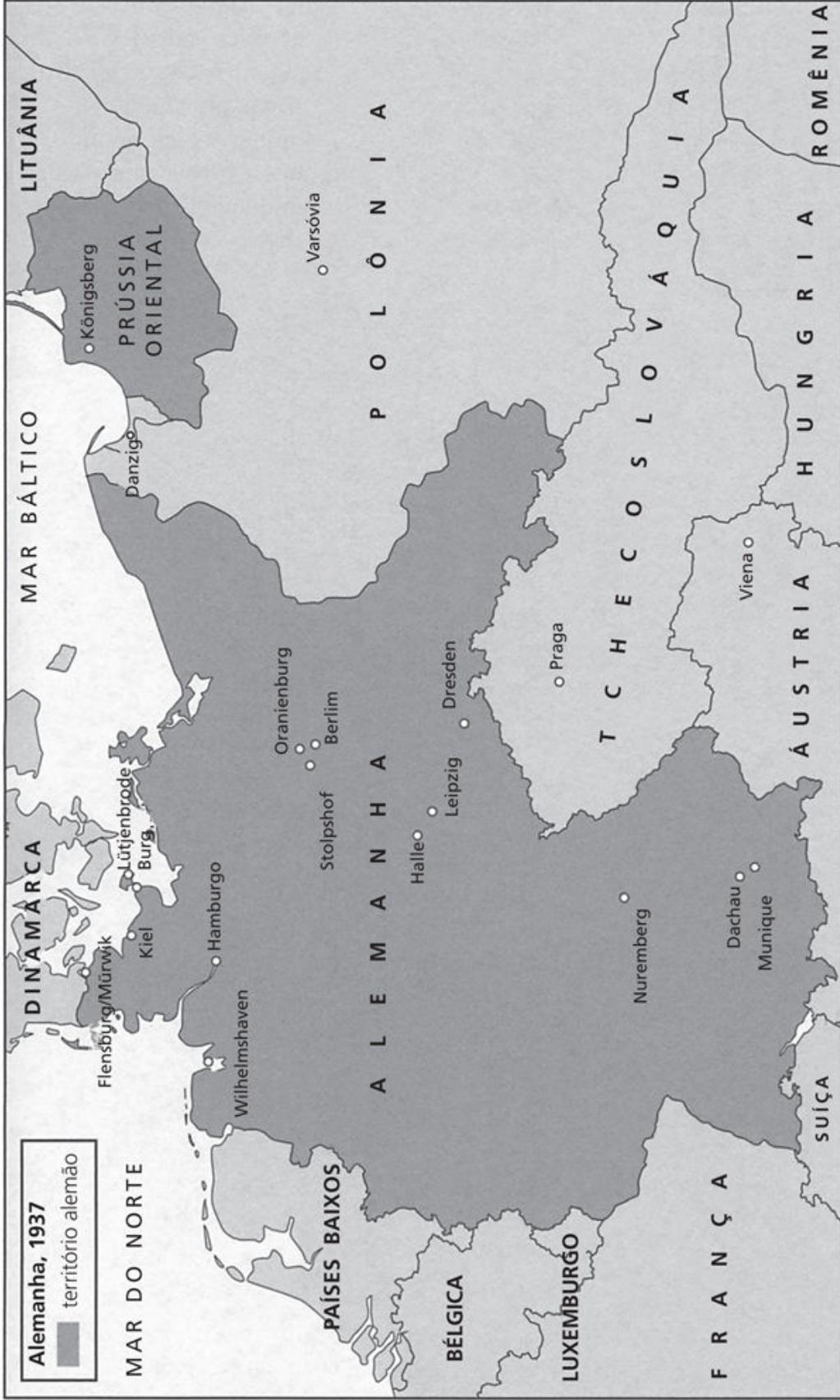
[21](#) Cesarani, *Eichmann*, p. 5.

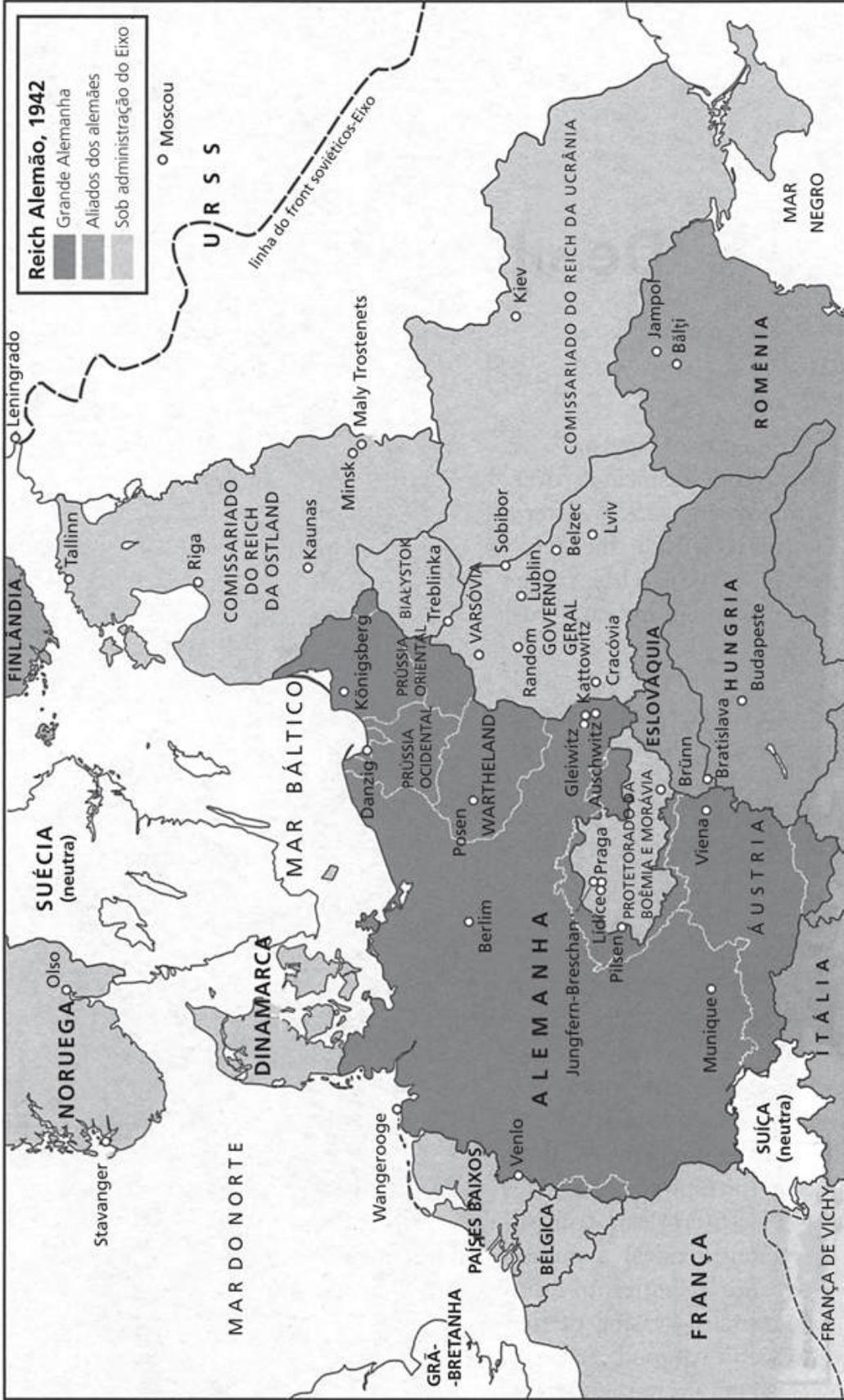
[22](#) Aly e Heim, *Vordenker*; Karl Heinz Roth, "Konrad Meyers erster 'Generalplan Ost' (April/Mai 1940)", *Mitteilungen der Dokumentationsstelle zur NS-Sozialpolitik* 1 (1985), pp. 45-52; Isabel Heinemann, "Rasse, Siedlung, deutsches Blut". *Das Rasse- und Siedlungshauptamt der SS und die rassenpolitische Neuordnung Europas* (Göttingen, 2003).

[23](#) "Brigadas Livres" em alemão, isto é, milícias paramilitares. (N. do T.)

[24](#) Longerich, *Himmler*, 766.

[25](#) Isto é, anômalas, doentias. (N. do T.)





Morte em Praga

VINTE E SETE DE MAIO DE 1942 FOI UM BELO DIA. A MANHÃ RAIU MUITO CLARA, auspiciosa, sobre as terras boêmias, ocupadas pela Alemanha desde 1939. Após um inverno longo e excepcionalmente frio, a primavera finalmente havia chegado. As árvores estavam cheias de flores e havia um burburinho de vida nos cafés de Praga. Cerca de 20 quilômetros ao norte da capital, nos jardins frondosos de sua vasta propriedade rural neoclássica, o incontestado governante das terras tchecas e chefe do aparelho de terror nazista, Reinhard Heydrich, brincava com os dois filhos pequenos, Klaus e Heider, enquanto a esposa, Lina, num estado avançado de gravidez do quarto filho, observava do terraço segurando pela mão a filha de tenra idade, Silke.[26](#)

Tanto pessoal quanto profissionalmente, Heydrich tinha todas as razões para estar contente. Com apenas 38 anos de idade, e como o segundo homem mais poderoso da SS, atrás somente de Heinrich Himmler, construíra a reputação de ser um dos mais intransigentes executores das fantasias distópicas de Hitler para o futuro do Reich e da Europa ocupada pelos nazistas. A “solução do problema judaico” na Europa, da qual Heydrich fora oficialmente encarregado em janeiro de 1941, estava em rápido progresso: na primavera de 1942, os alemães e seus cúmplices da Europa Oriental já haviam assassinado cerca de 1,5 milhão de judeus,

predominantemente por meio de fuzilamentos sumários. Muitos outros morreriam nas fábricas da morte da antiga Polônia, onde o trabalho de construção de instalações fixas para administração de gases havia começado no inverno anterior. Apesar da recente declaração de guerra da Alemanha contra os Estados Unidos, o futuro de Heydrich parecia brilhante. Nas frentes oriental e da África do Norte, o exército alemão avançava rapidamente e estava prestes a desferir uma série de golpes devastadores contra os Aliados. As atividades da Resistência, sem dúvida, tinham aumentado por toda a Europa desde a invasão alemã da União Soviética no verão de 1941, mas Heydrich tinha bons motivos para confiar que esses desafios ao domínio nazista iriam antes fortalecer que enfraquecer a influência da SS – onde ele era em geral encarado como a estrela em ascensão – sobre as políticas de ocupação alemã.

Contrariando o hábito diário de ir de carro para o trabalho logo após o amanhecer, Heydrich deixou sua propriedade rural por volta das 10 horas naquela manhã. O motorista, Johannes Klein, um homem de trinta e poucos anos, estava à espera dele no vestíbulo, pronto para levá-lo a seu escritório no Castelo de Praga e, de lá, ao aeroporto, onde o avião de Heydrich iria transportá-lo a Berlim para que submetesse a Hitler seus planos de administração futura do Protetorado e desse sugestões políticas mais gerais sobre o combate às atividades de resistência por toda a Europa ocupada. Como de hábito, cobririam a curta distância até Praga numa Mercedes conversível e sem escolta policial. Quando Klein e Heydrich deram início à jornada, nenhum dos dois poderia supor que, aproximadamente 15 minutos estrada abaixo, no subúrbio de Libeň, três agentes tchecoslovacos vindos da Grã-Bretanha esperavam

nervosos por eles, as armas e granadas cuidadosamente escondidas sob a roupa civil.[27](#)

Planos secretos para assassinar Reinhard Heydrich tinham surgido em Londres, mais de seis meses antes, no final de setembro de 1941. As origens dos planos continuam extremamente controversas até os dias de hoje e têm dado lugar a todo tipo de teorias conspiratórias, em grande parte porque as partes envolvidas – o SOE, British Special Operations Executive [Comitê Britânico de Operações Especiais] e o governo tchecoslovaco no exílio do presidente Edvard Beneš – negaram oficialmente, após 1945, qualquer responsabilidade pelo assassinato. Nenhuma delas queria ser acusada de tolerar o assassinato político como ação de guerra, principalmente por sempre ter estado claro que os alemães responderiam à morte de um líder nazista proeminente com as represálias mais brutais contra a população civil.[28](#)

Os documentos relativos ao assassinato que sobreviveram revelam que o plano para matar Heydrich havia nascido basicamente do desespero: desde a queda da França, no verão de 1940, e a vergonhosa retirada das Forças Expedicionárias Britânicas de Dunquerque, as autoridades britânicas vinham se esforçando ao máximo para recuperar a iniciativa militar. Sem nenhuma possibilidade de conseguirem derrotar sozinhos o exército alemão, os britânicos esperavam estimular a agitação popular nos territórios ocupados pelos nazistas, desviando assim recursos militares alemães vitais para uma série de locais com problemas. Hugh Dalton, ministro da Economia de Guerra, falava em criar organizações subversivas atrás das linhas inimigas, enquanto o Ministério da Guerra estava enfaticamente exigindo “esforços ativos para combater a

séria perda de confiança no Império Britânico que surgira... na sequência de nossos recentes desastres”.[29](#)

Nem Dalton nem qualquer outra pessoa do gabinete britânico faziam realmente ideia das imensas dificuldades e impedimentos com que se defrontavam as organizações clandestinas na Europa ocupada pelos nazistas. Nem avaliavam como era complicado conduzir operações de sabotagem em pequena escala. Os tchecos e polacos e Livross em Putney e Kensington eram mais realistas. Não estavam dispostos a pôr em risco as redes de inteligência que existiam em sua terra natal organizando ambiciosas insurreições de massa que só poderiam fracassar diante de uma esmagadora presença militar alemã. Contudo, mesmo quando medidos pelos níveis de atividade de resistência no início de 1941, generalizadamente baixos, os tchecos eram vistos pelos britânicos como particularmente complacentes. Como o principal assessor de inteligência de Beneš, František Moravec, admitiu após a guerra, levando-se em consideração as atividades de resistência nos territórios ocupados, “a Tchecoslováquia esteve sempre nos últimos lugares da lista. O presidente Beneš se sentia muito embaraçado com esse fato. Disse-me que, em suas conversas com representantes dos países aliados, a questão de uma resistência significativa ao inimigo afluía com humilhante insistência. Os britânicos e os russos, sob grande pressão em seus próprios campos de batalha, continuavam chamando a atenção de Beneš para a necessidade urgente de um esforço máximo de cada país, incluindo a Tchecoslováquia”.[30](#)

A falta de resistência tcheca ao domínio nazista estava prejudicando cada vez mais a posição diplomática de Beneš e pondo em risco seu definitivo objetivo pós-guerra de

restabelecer a Tchecoslováquia com as fronteiras anteriores a 1938. Beneš temia que uma paz negociada entre a Alemanha e a Grã-Bretanha deixasse as terras boêmias permanentemente dentro da esfera de influência nazista. Afinal, o governo britânico ainda não repudiara o Pacto de Munique de 1938 – que havia permitido que Hitler ocupasse os Sudetos, uma região da Tchecoslováquia habitada em grande parte por alemães – e retardava conscientemente qualquer reconsideração dessa decisão para manter a pressão sobre Beneš.[31](#)

Em 5 de setembro de 1941, cada vez mais impaciente, Beneš radiotelegrafou para a Liderança Central da Resistência Interna (ÚVOD) em Praga: “É essencial passar dos planos e preparativos teóricos às ações... Temos sido informados em Londres e Moscou que a destruição ou pelo menos uma redução considerável da indústria de armas teria um profundo impacto sobre os alemães neste momento... Toda a nossa posição se revelará sob uma luz permanentemente desfavorável se não nos mantivermos pelo menos no mesmo passo que os outros”.[32](#) Atendendo à pressão de Londres, a ÚVOD de fato elevou ao máximo as atividades de sabotagem e coordenou, entre 14 e 21 de setembro, um boicote bem-sucedido da imprensa do Protetorado, controlada pelos nazistas. Não demorou mais de uma semana, porém, para o entusiasmo inicial de Beneš se transformar em completa frustração quando Hitler decidiu substituir seu “fraco” protetor do Reich em Praga, Konstantin von Neurath, pelo famigerado chefe do Escritório Central de Segurança do Reich, Reinhard Heydrich. Em seguida à chegada de Heydrich a Praga, em setembro de 1941, as autoridades alemãs aumentaram enormemente o controle sobre a sociedade tcheca: a comunicação entre o

Protetorado e Londres deixou temporariamente de existir e o movimento clandestino foi paralisado por uma onda de prisões organizadas pela Gestapo.[33](#)

Quando os planos ambiciosos de uma ampla resistência começaram a desmoronar ao seu redor, Beneš encontrou um aliado igualmente sitiado no British Special Operations Executive (SOE). Lançado em julho de 1940 e instruído pelo próprio Winston Churchill para “colocar a Europa em chamas” apoiando levantes populares contra o domínio nazista, o SOE conheceu um sucesso muito limitado no primeiro ano de sua existência. Como Hugh Dalton anotou em seu diário em dezembro de 1941: “Nossos últimos relatórios foram quase longas e vazias narrativas do que não foi feito... Estou particularmente ansioso por uma ou duas operações bem-sucedidas”.[34](#) Assim como Beneš, o SOE estava cada vez mais desesperado para mostrar algum tipo de sucesso que justificasse sua existência, particularmente depois de um rival bem estabelecido, o SIS – Secret Intelligence Service [Serviço Secreto de Inteligência], ter requerido, em agosto de 1941, que toda a responsabilidade por operações de sabotagem em território inimigo fosse de novo transferida para ele e para seu diretor, *sir* Stewart Menzies. Encarando o novato SOE como uma organização amadora e arrivista, Menzies e sua equipe de veteranos estavam ansiosos para se livrarem do órgão rival, que parecia de fato ineficiente.[35](#)

Durante as semanas seguintes, o chefe de inteligência de Beneš, František Moravec e representantes do alto escalão do SOE se encontraram com frequência, buscando uma solução para o problema comum. Coordenaram planos de introduzir agentes tchecos treinados em espionagem, comunicações e sabotagem no Protetorado, mas uma

combinação de más condições meteorológicas e falta de comunicação com os líderes da resistência no terreno impediram uma ação conjunta. Além disso, eles começaram a perceber que mesmo o emprego bem-sucedido de peritos em sabotagem não seria suficientemente espetacular para aplacar seus críticos. E assim, chegaram a um plano muito mais ambicioso: como o próprio Hitler estava além de seu alcance, tentariam assassinar o chefe do aparelho de terror da Alemanha nazista, Reinhard Heydrich.[36](#)

Em 3 de outubro de 1941, dois dias após um dossiê secreto do SOE descrever Heydrich como “provavelmente o homem mais perigoso na Europa ocupada pela Alemanha” depois do próprio Hitler, aconteceu em Londres um encontro clandestino entre o chefe do SOE, Frank Nelson, e Moravec, durante o qual foram discutidos detalhes da missão. Acordaram que o SOE forneceria as armas e o treinamento a dois ou três homens de Moravec “para a execução de um assassinato espetacular. Heydrich, se possível”. O assassinato de Heydrich – com o nome em código de Operação Antropoide – chamaria atenção para a capacidade que tinha o SOE de desferir um severo golpe no aparelho de segurança nazista e para a determinação da resistência tcheca em enfrentar os opressores alemães.[37](#)

Se Beneš teria se satisfeito com qualquer ação espetacular de resistência, o SOE punha claramente o foco em Heydrich, como alvo ideal. Para obter informações sobre o alvo da Operação Antropoide, a inteligência militar britânica depositou grande confiança no livro *Inside the Gestapo* [Por dentro da Gestapo], publicado em 1940 pelo já então ex-oficial da Gestapo Hansjürgen Köhler, que descreveu o antigo chefe Heydrich como:

o todo-poderoso executivo da polícia do Terceiro Reich... Sem ele, Himmler não passaria de um fantoche sem movimentos... Ele é o homem que move tudo (por trás da cena, mas com permanente destreza), o Poder por trás do Trono, puxando os cordões e seguindo seus próprios e sinistros objetivos. Heydrich é jovem e inteligente... É, em suma, o senhor brutal, despótico e impiedoso da polícia nazista; um furão, cuja implacável certeza de objetivo não conhece desvio... Embora impulsivo, de pavio curto, ele se mantém sóbrio, calculando friamente no fundo da cena e sabe que o poder que ambiciona já é seu. Crueldade e fúria repentina são tão severamente disciplinadas em sua constituição quanto sua atividade incansável.

A ênfase de Köhler em Heydrich como o homem diretamente responsável por um “incomensurável sofrimento, desgraça e morte” estava marcada no exemplar anexado à pasta de Heydrich no SOE.³⁸ O plano de assassinato concebido pelo SOE menos de uma semana depois já era muito específico: requeria um ataque direto a Heydrich no momento em que ele estivesse seguindo de carro de sua propriedade rural para o Castelo de Praga, de preferência num cruzamento onde o carro tivesse de diminuir a velocidade.³⁹

Represálias alemãs brutais, assim a avaliação um tanto cínica sugeria, levariam a uma insurreição mais generalizada da população tcheca contra o domínio nazista. Como o próprio Beneš estava “apreensivo com as possíveis repercussões no Protetorado” e como o governo britânico não podia, mesmo numa guerra contra a opressão nazista, ser alvo de suspeitas de estar violando oficialmente normas internacionais de tempos de guerra patrocinando atos de terrorismo, ambos os lados sentiram a “necessidade de elaborar alguma forma de história de fachada”. Foi rapidamente acordado que o assassinato seria descrito pela propaganda aliada como um ato espontâneo de resistência,

planejado e posto em prática pelo movimento clandestino da própria Tchecoslováquia, embora a resistência em Praga jamais tenha sido informada sobre os planos de Londres para assassinar Heydrich.[40](#)

À medida que o Natal se aproximava, três missões vitais estavam esperando transporte para o Protetorado: Antropoide, a dupla treinada para matar Heydrich, assim como Silver A e Silver B, dois grupos de radiotelegrafistas incumbidos de restabelecer as linhas de comunicação cortadas entre Londres e a resistência tcheca local. Os dois homens selecionados para assassinar Heydrich foram bem preparados para a missão. Jan Kubiš, um ex-suboficial da Morávia, com 27 anos, tivera as primeiras experiências em atividades de resistência contra os alemães na primavera de 1939, quando integrara um dos pequenos grupos de resistência que haviam surgido espontaneamente após a invasão nazista. Quando a Gestapo tentou prendê-lo, ele conseguiu escapar para a Polônia, onde conheceu o segundo futuro assassino de Heydrich, Josef Gabčík, um serralheiro da Eslováquia, de baixa estatura mas musculoso, que como Kubiš havia servido como suboficial no antigo exército tcheco antes de fugir em desespero do país durante a ocupação nazista.

Como muitos outros refugiados jovens e sem dinheiro da Tchecoslováquia, Gabčík e Kubiš alistaram-se na Legião Estrangeira Francesa e lutaram brevemente na frente ocidental no início do verão de 1940, antes de serem evacuados para a Grã-Bretanha após a queda da França. Lá, em conformidade com um acordo entre os Aliados, foram recrutados para a Brigada Tcheca, o pequeno braço militar do governo no exílio de Beneš, que somava cerca de 3 mil homens. Quando o SOE deu início a seu recrutamento para

operações secretas no Protetorado, Gabčík e Kubiš se ofereceram como voluntários. Mas foram mantidos no escuro sobre o objetivo da missão. Só após meses de treinamento intensivo, primeiro perto de Manchester, depois no campo de treinamento em sabotagem de Camusdarach, em Inverness-shire, e na Villa Bellasis, uma propriedade rural requisitada na região dos condados da periferia de Londres, perto de Dorking, os dois foram informados de que tinham sido escolhidos para matar o próprio protetor do Reich.[41](#)

Embora orgulhosos por terem sido escolhidos para uma tarefa tão importante, tanto Gabčík quanto Kubiš sabiam que era altamente improvável que sobrevivessem à missão. A viagem para o Protetorado através da Europa continental controlada pelos nazistas era, em si mesma, extraordinariamente perigosa e, mesmo que chegassem em segurança a Praga e completassem a missão, não havia plano de fuga. Os dois agentes permaneceriam na clandestinidade até serem mortos ou capturados, ou até Praga ser libertada do domínio nazista. Ambos preferiram fazer seus testamentos em 28 de dezembro de 1941, na noite em que seu voo partiu do aeródromo de Tangmere, uma base secreta da RAF em Sussex.[42](#)

O Halifax, muito pesado, carregando nove paraquedistas e a tripulação, cruzou o Canal para os céus escuros da França ocupada pelos nazistas antes de continuar sua viagem sobre a Alemanha. Repetidos ataques das baterias antiaéreas alemãs e de caças noturnos da Luftwaffe dificultaram a jornada, mas finalmente, pouco depois das duas da manhã, eles alcançaram o Protetorado da Boêmia e Morávia. A neve pesada no solo impossibilitou que o piloto identificasse as zonas designadas de salto para as três

equipes. Embora instruído a se dirigir para Pilsen (Plzeň), onde os paraquedistas deveriam fazer contato com membros locais da resistência tcheca, o piloto soltou acidentalmente Gabčík e Kubiš num campo nevado perto da aldeia de Nehvizdy, a aproximadamente 30 quilômetros a leste de Praga. Os endereços de seus contatos eram agora inúteis.

Houve também outros problemas: Gabčík machucou seriamente o tornozelo quando aterrissou e suspeitou, corretamente, que a chegada dos dois não passara despercebida. Devido à falta de visibilidade, o Halifax descera para uma altitude de pouco mais de 150 metros antes de soltar os paraquedistas e os potentes motores do bombardeiro tinham interrompido o sono de metade dos habitantes do lugarejo. Pelo menos dois moradores viram os paraquedas flutuarem para terra. Segundo todas as regras de probabilidade, a Gestapo mais cedo ou mais tarde encontraria o rastro dos dois.[43](#) A sorte, porém, estava ao lado dos paraquedistas naquele dia. Um guarda florestal local, simpático à causa nacional, foi o primeiro a encontrá-los. Depois de ver os paraquedas enterrados na neve, seguiu as pegadas até uma pedreira abandonada. Logo se juntou a ele o moleiro de Nehvizdy, Břetislav Baumann, que por acaso era membro de um grupo da resistência tcheca e que os colocou em contato com camaradas em Praga.[44](#) Baumann pagaria um alto preço por ajudar os assassinos. Após a morte de Heydrich, ele e a esposa foram presos e enviados para o campo de concentração de Mauthausen, onde foram mortos.[45](#)

Logo após o ano-novo, Gabčík e Kubiš tomaram o trem para Praga, onde passaram os cinco meses seguintes circulando entre várias casas seguras fornecidas pelo ÚVOD.

O equipamento deles, que incluía granadas, pistolas e uma submetralhadora, ia junto. Em busca de um ponto ideal para levar a cabo o assassinato, passaram semanas caminhando ou pedalando em torno do Castelo de Praga, da propriedade rural de Heydrich e da estrada que Heydrich usava para a viagem diária entre os dois locais. No início de fevereiro, tinham identificado um lugar que parecia ideal para um ataque: uma curva muito fechada no subúrbio de Praga de Liběň, por onde Heydrich passava na viagem diária para o trabalho. O local parecia perfeito, pois o carro de Heydrich teria de reduzir a marcha para um passo de caminhada na curva fechada, permitindo que Gabčík e Kubiš alvejassem o alvo de muito pouca distância. Havia também um ponto de ônibus logo depois da curva, onde os assassinos poderiam esperar o carro de Heydrich sem despertar suspeitas.[46](#)

Contudo, a evidente facilidade com que os paraquedistas tinham conseguido se infiltrar no Protetorado tornou-os menos cautelosos do que deveriam ter sido nas circunstâncias. Tanto Gabčík quanto Kubiš se envolveram em aventuras sexuais com mulheres que conheceram por meio das famílias que lhes ofereceram abrigo, transgredindo assim todas as normas de sigilo. Numerosas pessoas e famílias que pertenciam ao círculo mais amplo da resistência tcheca foram desnecessariamente comprometidas pelo uso negligente de casas seguras e bicicletas, peças de vestuário e pastas emprestadas que posteriormente levaria a Gestapo a quem os ajudou e, por fim, aniquilaria toda a resistência organizada do Protetorado. Durante certo tempo, porém, Gabčík e Kubiš tiveram sorte suficiente para não serem descobertos.

Outros foram menos afortunados. Os cinco paraquedistas dos grupos Silver A e Silver B, que tinham sido lançados

apenas minutos depois de Gabčík e Kubiš na noite de 28 de dezembro, separaram-se pouco depois de pousar. Alguns foram presos pela Gestapo ou eles próprios se entregaram ao sentir que as famílias estavam em perigo. Só o líder do grupo Silver A, Alfréd Bartoš, conseguiu restabelecer contato com um dos poucos chefes sobreviventes do ÚVOD, o comandante Václav Morávek, e instalar um radiotransmissor, com o codinome de Libuše, que logo começou a irradiar para Londres informações sobre a produção industrial e o estado de espírito da população. Seus comunicados, no entanto, confirmavam que as atividades de resistência no Protetorado haviam se tornado “excepcionalmente difíceis”, senão impossíveis, porque “para cada elemento politicamente ativo, há um agente permanente da Gestapo”.[47](#)

Se outra das razões para mandar agentes para o Protetorado era facilitar o bombardeio de instalações cruciais de produção de armamentos, isso, também, teve limitado sucesso. Um plano para coordenar um ataque aéreo britânico às oficinas da Škoda, em Pilsen, com a ajuda do transmissor de Libuše enfrentou muitos problemas. Outras missões, incluindo as do Silver B, fracassaram completamente. Entre dezembro de 1941 e o final de maio de 1942, 16 outros paraquedistas da Inglaterra foram lançados sobre o Protetorado, mas nenhum completou sua missão: dois foram detidos pela polícia; dois se colocaram voluntariamente à disposição da Gestapo para evitar o encarceramento ou a tortura; alguns foram baleados ou cometeram suicídio quando acossados pela polícia alemã. Outros simplesmente abandonaram suas missões e voltaram para casa, para suas famílias. Surpresos com a onipresença do Estado policial nazista e portando

documentos falsos de qualidade precária, muitos simplesmente entraram em pânico. Num caso, um paraquedista mandou dizer à mãe que estava vivo e bem. Agitada, a mãe contou a um conhecido, que prontamente transmitiu a notícia à Gestapo. O pai e dois irmãos do paraquedista foram mantidos como reféns e ameaçados de execução até o paraquedista se entregar.[48](#)

Em maio, Bartoš exigiu que os lançamentos de paraquedas cessassem completamente. “Vocês estão nos mandando pessoas que não nos podem ser úteis”, disse ele a Londres. “São um fardo para a rede organizacional, o que é indesejável nos tempos críticos de hoje. As autoridades de segurança tchecas e alemãs têm tanta informação e conhecimento sobre nós que repetir essas operações seria um desperdício de pessoal e equipamento.”[49](#) Mas o SOE e Beneš não se detiveram. Não muito tempo depois, para seu horror, Bartoš descobriu o objetivo da missão confiada a Gabčík e Kubiš.[50](#) Duas vezes no início de maio, o ÚVOD transmitiu mensagens desesperadas a Beneš, rogando-lhe que desistisse do assassinato, sustentando que, provavelmente, as represálias alemãs pela morte de Heydrich aniquilariam o que quer que restasse do movimento clandestino tcheco:

A julgar pelos preparativos que Ota e Zdenek [os codinomes de Gabčík e Kubiš] estão fazendo e pelo local onde realizam esses preparativos, presumimos, apesar do silêncio que mantêm, que planejam assassinar “H”. Esse assassinato não beneficiaria de modo algum os Aliados e poderia ter consequências inimagináveis para nossa nação. Não apenas colocaria em risco nossos reféns e prisioneiros políticos, mas também custaria milhares de outras vidas. Exporia a nação a consequências sem paralelo, liquidando ao mesmo tempo os últimos vestígios da organização [clandestina]. Como resultado, se tornaria impossível fazer qualquer coisa útil pelos Aliados no

futuro. Pedimos, portanto, que você emita instruções por meio de Silver A para que o assassinato seja cancelado. Uma demora poderia se revelar perigosa. Mande instruções imediatamente. Se for realmente desejável um assassinato por considerações de política externa, faça com que seja dirigido contra outra pessoa.[51](#)

Dois dias depois, o chefe de inteligência de Beneš, František Moravec, respondeu com uma mensagem desorientadora: “Não se preocupe quando se tratar de ações terroristas. Acreditamos ver a situação com clareza; portanto, dada a situação, quaisquer ações contra autoridades do Reich alemão estão fora de cogitação. Informe ao ÚVOD...”. No dia seguinte, 15 de maio, o próprio Beneš enviou uma mensagem para o movimento clandestino sem sequer mencionar o plano de assassinato:

Acredito que na próxima ofensiva os alemães avançarão mais com suas forças. Eles estão certos de ter algum sucesso... Nesse caso, eu contaria com propostas alemãs para uma paz não conclusiva.[52](#) Seria uma crise séria [para nós]... Em tal situação, atos de violência como distúrbios, subversão direta, sabotagem ou demonstrações, poderiam ser imperativos, necessários em nosso país. Isso salvaria a nação internacionalmente e justificaria até mesmo grandes sacrifícios.[53](#)

Beneš tinha mais uma vez sucumbido à pressão do governo britânico. Como assinalavam analistas de inteligência em Londres, “telegramas recentes de Silver A indicam que o povo tcheco está contando cada vez mais com os russos...” – um desdobramento que representava séria ameaça para os interesses britânicos a longo prazo na Europa Central. O democrático movimento clandestino tcheco, concluía o informe, simplesmente não estava fazendo a sua parte, sendo certamente “capaz de fazer esforços muito maiores...”. Agora parecia “essencial, tanto

do ponto de vista militar quanto político, agir de forma drástica para renovar a confiança no esforço de guerra britânico e, particularmente, no SOE, se pretendermos manter a iniciativa na direção das operações subsequentes”.[54](#)

Gabčík e Kubiš, apesar dos apelos de última hora de seus protetores do movimento clandestino para que renunciassem à missão, decidiram que estava na hora de agir. Como soldados, sentiam que não estavam em posição de questionar as ordens que lhes haviam sido dadas diretamente por Beneš. Quando um informante tcheco de dentro do Castelo de Praga passou à resistência os planos de viagem de Heydrich para um encontro com Hitler em 27 de maio, sugerindo que o protetor do Reich ficaria várias semanas fora do país, Gabčík e Kubiš decidiram que aquela era a data para levar a cabo o assassinato.[55](#)

Na manhã de 27 de maio, enquanto Heydrich ainda estava brincando com os filhos em sua propriedade rural, os dois se posicionaram, conforme o combinado, perto da curva fechada escolhida para o ataque. Apesar do tempo quente, Gabčík levava uma capa no braço, escondendo a submetralhadora. Do outro lado da rua, Kubiš estava encostado num poste de luz, duas bombas de rastilho altamente sensíveis na sua pasta. Um terceiro homem, Josef Valčík, que fora lançado de paraquedas no Protetorado em dezembro como membro da equipe Silver A, posicionou-se colina acima, onde agiria como sentinela para a aproximação do carro. Por volta das 10h20 da manhã, o espelho de barbear de Valčík cintilou ao sol, sinalizando que o carro de Heydrich estava se aproximando.[56](#)

Como os assassinos haviam previsto, o motorista de Heydrich diminuiu a

marcha para entrar na curva. Quando o carro dobrou a esquina, Gabčík saltou, apontando a submetralhadora para Heydrich e puxando o gatilho, mas a arma, anteriormente desmontada e escondida em sua pasta sob uma camada de grama, emperrou. Heydrich, presumindo que houvesse apenas um assassino, rapidamente mandou que o motorista parasse o carro e sacou da pistola, determinado a baleiar Gabčík - um erro fatal de julgamento que lhe custaria a vida. Quando o carro freou bruscamente, Kubiš saiu das sombras e atirou uma de suas bombas na direção da Mercedes aberta. Calculou mal a distância e a bomba explodiu contra a roda traseira do carro, lançando estilhaços em seu rosto e espatifando as janelas de um bonde que passava. Enquanto o barulho da explosão se extinguia, Heydrich e o motorista pularam do carro destruído com pistolas apontadas, prontos para matar os assassinos. Klein correu para Kubiš, que estava meio cego pelo sangue que lhe pingava da testa, e Heydrich se virou para cima, para onde estava Gabčík, ainda paralisado, segurando a metralhadora inútil. Klein, desorientado pela explosão, cambaleou na direção de Kubiš, mas este conseguiu agarrar a bicicleta e fugir ladeira abaixo, convencido de que a tentativa de assassinato havia fracassado.[57](#)

Gabčík achou que não seria fácil fugir. Quando Heydrich veio em sua direção através da poeira da explosão, Gabčík se abrigou atrás de um poste de telégrafo, plenamente convencido de que Heydrich ia atirar nele. Subitamente, porém, Heydrich caiu se contorcendo de dor, enquanto Gabčík aproveitava a oportunidade e fugia. Logo que os assassinos desapareceram, transeuntes tchecos e alemães saíram em socorro de Heydrich e fizeram parar a caminhonete de uma padaria, que transportou o ferido para

o Hospital Bulovka, que ficava próximo, onde um exame de raios X confirmou que era preciso realizar urgentemente uma cirurgia: o diafragma estava rompido e fragmentos da bomba e do tecido de crina do estofamento do carro tinham se alojado no baço. Embora estivesse sentindo uma dor severa, a paranoia e a desconfiança de Heydrich com relação aos tchecos eram fortes: ele se recusou a deixar que o médico local o operasse, exigindo que um especialista voasse de Berlim para realizar a cirurgia, urgentemente necessária. Ao meio-dia, admitiu uma solução conciliatória, concordando que uma equipe de especialistas locais, chefiados pelo professor Josef A. Hohlbaum, da Clínica Cirúrgica Alemã de Praga, realizassem a operação. Pouco depois do meio-dia, Heydrich foi levado de maca para o centro cirúrgico enquanto Himmler e Hitler, que haviam sido imediatamente informados do ataque, despachavam seus médicos pessoais, professor Karl Gebhardt e dr. Theodor Morell, para Praga.[58](#)

Enquanto Heydrich se encontrava no hospital, seu destino incerto, a fúria se espalhou entre líderes nazistas e alemães do Protetorado. A polícia teve de agir para impedir que alemães étnicos atacassem lojas, bares e restaurantes locais e linchassem seus vizinhos-tchecos.[59](#) Oficialmente, a imprensa controlada pelos nazistas subestimou a importância do ataque, enfatizando que os ferimentos de Heydrich não colocavam sua vida em risco e informando os êxitos da ofensiva alemã de verão na frente oriental, mais especialmente a recente batalha de cerco ao sul de Kharkov, onde mais de 240 mil soldados do Exército Vermelho haviam sido feitos prisioneiros.[60](#) Em particular, no entanto, a liderança nazista estava muito mais agitada

do que parecia disposta a admitir em público. Como Goebbels registrou em seu diário a 28 de maio de 1942:

Notícia alarmante está chegando de Praga. Foi organizado, num subúrbio local, um ataque a bomba contra Heydrich, que o deixou gravemente ferido. Mesmo que no momento ele não esteja correndo risco de morte, sua condição é ainda assim preocupante... É imperativo que se consiga pegar os assassinos. Depois deve ser instalado um tribunal para lidar com eles e seus cúmplices. O contexto do ataque ainda não está claro. Mas é revelador que Londres tenha noticiado tão rapidamente o ataque. Devemos ter clareza de que um ataque como esse pode abrir um precedente se não respondermos da forma mais brutal possível.[61](#)

O próprio Führer estava inteiramente de acordo. Menos de uma hora após a tentativa de assassinato, Hitler, ultrajado, ordenou que o substituto de Heydrich e comandante da SS e chefe de polícia no Protetorado, Karl Hermann Frank, executasse até 10 mil tchecos em retaliação pelo ataque. Mais no final do dia, Himmler, profundamente abalado, reiterou a ordem de Hitler, insistindo para que “uma centena dos mais importantes reféns tchecos fossem fuzilados naquela mesma noite”.[62](#)

Frank, temendo que represálias em grande escala pudessem trabalhar contra os interesses econômicos vitais da Alemanha na região, voou imediatamente para Berlim numa tentativa de convencer Hitler de que o ataque era um ato isolado orquestrado de Londres. Iniciar execuções em massa, Frank sugeriu, significaria abandonar as bem-sucedidas políticas de ocupação de Heydrich, colocando em risco a produtividade da indústria tcheca de armamentos e favorecendo o jogo da propaganda inimiga. Hitler, porém, ficou furioso e ameaçou enviar a Praga o general da SS Erich von dem Bach-Zelewski, chefe do combate à

resistência na frente oriental. Bach-Zelewski, Hitler insistiu, “avançaria por um mar de sangue com satisfação, sem o menor escrúpulo. Os tchecos têm de aprender a lição de que, se abaterem um homem, ele será imediatamente substituído por alguém ainda pior”. No final do encontro, porém, Frank conseguiu apaziguar um pouco Hitler. Nesse momento, o Führer rescindia a ordem para a execução indiscriminada de 10 mil reféns, mas insistia que os assassinos tinham de ser capturados imediatamente.[63](#)

Antes de sua partida de Praga, Frank impusera lei marcial ao Protetorado. Quem desse ajuda ou abrigo aos assassinos, ou mesmo deixasse de comunicar informação sobre seus paradeiros à polícia, seria morto juntamente com toda a família. O mesmo destino esperava os tchecos com mais de 16 anos que deixassem de tirar novos documentos de identificação antes da meia-noite da sexta-feira, 29 de maio. Quem fosse encontrado sem os devidos documentos no sábado seria baleado. Serviços ferroviários e todos os outros meios de transporte público pararam. Cinemas e teatros, restaurantes e cafés estavam fechados. O Festival de Música de Praga foi interrompido. Foi estabelecido um toque de recolher das nove da noite às seis da manhã e, em obediência a uma diretiva de Hitler, foi anunciada uma recompensa de 10 milhões de coroas pela captura dos assassinos. O governo do Protetorado, ansioso para distanciar-se do assassinato, prometeu dobrar a recompensa.[64](#)

No decorrer da tarde, ordenaram pelo telefone que o chefe da Polícia da Ordem Alemã, Kurt Daluege, assumisse o posto de protetor do Reich interino e caçasse os assassinos com todos os meios à sua disposição.[65](#) Temendo que a tentativa de assassinato pudesse ser o sinal para um levante mais

geral no Protetorado, Daluge desencadeou imediatamente uma das maiores operações policiais da moderna história europeia. Praga foi completamente isolada pela polícia e pelo exército alemão. Unidades da Gestapo, reforçadas por contingentes da Polícia da Ordem, da SS, da gendarmeria tcheca e por três batalhões da Wehrmacht – mais de 12 mil homens no total – começaram a realizar batidas em 36 mil edifícios em busca dos assassinos.⁶⁶ Contudo, embora dificilmente alguma casa tenha escapado da revista, a operação policial não conseguiu alcançar os resultados esperados. Cerca de 500 pessoas foram detidas por delitos menores, sem relação com a tentativa de assassinato, mas apesar de um número imenso de pistas (e denúncias falsas) fornecidas pela população tcheca e alemã, os autores do atentado não foram presos.⁶⁷

Enquanto a população civil do Protetorado prendia a respiração com medo de represálias, Beneš estava extasiado, mesmo que o resultado da tentativa de assassinato continuasse incerto. Ele expediu imediatamente uma mensagem para Bartoš, seu principal contato local: “Vejo que você e seus amigos estão cheios de determinação. Para mim é prova de que toda a nação tcheca se mantém inabalável em sua atitude. Asseguro-lhe que está dando resultados. Os acontecimentos em nossa terra tiveram um efeito incrível [em Londres] e trouxeram grande reconhecimento da resistência da nação tcheca”.⁶⁸ Contudo, não havia nenhuma certeza nesse momento de que Heydrich sucumbiria aos ferimentos. Em 31 de maio, Himmler visitou-o no quarto de hospital em Praga. O estado do ferido melhorava continuamente e os dois puderam ter uma rápida conversa.⁶⁹ Dois dias depois, no entanto, surgiu uma infecção na cavidade estomacal. Se a penicilina já

estivesse disponível na Alemanha em 1942, Heydrich teria sobrevivido. Sem ela, a febre piorou e ele passou a um estado de coma, dando origem a temores renovados em Berlim de que pudesse morrer. Em 2 de junho, Goebbels refletiu em seu diário sobre o agravamento do estado de saúde de Heydrich e acrescentou: “A perda de Heydrich... seria desastrosa!”.[70](#)

Uma visão similar prevalecia na Grã-Bretanha: “Se Heydrich não sobreviver ao atentado ou se ficar incapacitado por um considerável período de tempo, a perda para o regime nazista seria de fato muito séria. Pode-se dizer com segurança que, depois de Himmler, Heydrich é a alma do mecanismo do terror... A perda da ‘mente dirigente’ terá sérias consequências”.[71](#) Em 3 de junho, o estado de Heydrich se deteriorou ainda mais. Os médicos se mostravam incapazes de combater a septicemia, a temperatura aumentava e ele estava com muitas dores. Na manhã seguinte, às nove horas, Heydrich sucumbiu à infecção sanguínea. O “carrasco” de Hitler, como Thomas Mann celebrenemente o chamou no dia seguinte, em seu comentário na BBC, estava morto.[72](#)

[26](#) Deschner, *Heydrich*, p. 240.

[27](#) MacDonald, *Killing*; Haasis, *Tod*; Ivanov, *Henker*; Burian et al., *Assassination*; Fiedler, *Atentát 1942*; Chad Bryant, *Prague in Black: Nazi Rule and Czech Nationalism* (Cambridge, MA, 2007), pp. 167ss.

[28](#) Extenso material sobre o planejamento do assassinato pode ser encontrado em “Detailed Report on Operation Anthropoid” (30 de maio de 1942), do SOE, em Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/39, assim como no extenso relatório investigativo de 1942 da própria Polícia Criminal Alemã, em BAB, R 58/336.

[29](#) Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/79.

[30](#) Frantisek Moravec, *Master of Spies: The Memoirs of General Frantisek Moravec* (Garden City, NY, 1975), p. 196. Sobre Beneš, ver Zbyněk Zeman, *The Life of Edvard Beneš 1884-1948: Czechoslovakia in Peace and War* (Oxford, 1997).

[31](#) Sobre as ambições pós-guerra de Beneš, ver Richard J. Crampton, “Edvard Beneš”, em Steven Casey e Jonathan Wright (orgs.), *Mental Maps in the Era of the Two World Wars* (Basingstoke, 2008), pp. 135-56.

[32](#) IfZ, OKW T-77/1050, 6526169-70, NA.

[33](#) MacDonald, *Killing*, 97, pp. 118ss., 142s.; Detlef Brandes, *Die Tschechen unter deutschem Protektorat*, 2 vols. (Munich, 1969 e 1975), vol. 1, pp. 251ss. Ver também Václav Kural, *Vlastenci proti okupaci. Ústřední vedení odboje domácího 1940-1943* (Praga, 1997); Jan Němeček, “Německá okupační politika v protektorátu a český protiněmecký odpor”, em *Historické, právní a mezinárodní souvislosti Dekretů prezidenta republiky* (Praga, 2003), pp. 21-40.

[34](#) Hugh Dalton, *The Second World War Diary of Hugh Dalton 1940-1945*, org. Ben Pimlott (Londres, 1986), p. 329.

[35](#) Stephen Twigge, Edward Hampshire e Graham Macklin, *British Intelligence: Secrets, Spies and Sources* (Kew, 2008), pp. 167-210.

[36](#) National Archives, Kew, HS 4/79. Sobre o SOE na Tchecoslováquia, ver Michael R. D. Foot, *SOE: An Outline History of the Special Operations Executive, 1940-1946* (Londres, 1984), pp. 199-202; Twigge et al., *British Intelligence*, pp. 167-210.

[37](#) Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/79; tenente-coronel Peter Wilkinson, oficial do Estado-Maior, seção tcheco-polonesa, sede do SOE, Londres, como citado em Roderick Bailey, *Forgotten Voices of the Secret War: An Inside History of Special Operations during the Second World War* (Londres, 2008), p. 111.

[38](#) Hansjürgen Köhler, *Inside the Gestapo: Hitler's Shadow over Europe* (Londres, 1941), extratos na ficha de Heydrich do SOE, Arquivos Nacionais, Kew, WO 208/4472.

[39](#) Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/39.

[40](#) Peter Wilkinson (MX) para Colin Gubbins (M) e Peter Wilkinson (MX) para AD/P, 25 de julho de 1942, em Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/39; e Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/79.

[41](#) Whiting, *Henchman*, p. 268.

[42](#) Suas “últimas vontades” estão reproduzidas em Burian et al., *Assassination*, p. 44.

[43](#) A chegada dos paraquedistas foi subsequentemente reconstituída pela Polícia Criminal Alemã nos mínimos detalhes. Ver o relatório final sobre o assassinato em BAB, R 58/336.

- [44](#) Bryant, *Prague in Black*, pp. 167s.
- [45](#) “Totenbuch des SS-Standortarztes Mauthausen”, 24 de outubro de 1942, em KZ-Gedenkstätte Mauthausen, AMM Y/46.
- [46](#) MacDonald, *Killing*, pp. 142s.; Ladislav Vaněk, *Atentát na Heydricha* (Praga, 1962).
- [47](#) Bartoš ao governo tcheco no exílio, informe de 3 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/39. Bryant, *Praga*, p. 168. Sobre Silver A, Silver B e outras missões, ver Zdeněk Jelínek, *Operace Silver A* (Praga, 1992); Jan Břečka, *Silver B neodpovídá. Historie čs. paraskupiny z Velké Británie v letech 2. světové války* (Brno, 2004); Marie Matušů, *Muži pro speciální operace* (Praga, 2004).
- [48](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, pp. 247ss.; MacDonald, *Killing*, pp. 146s., 199; Bryant, *Prague*, p. 168.
- [49](#) MacDonald, *Killing*, p. 155.
- [50](#) Vojtech Mastny, *The Czechs under Nazi Rule: The Failure of National Resistance, 1939-42* (Nova York, 1971), p. 156; Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 252.
- [51](#) ÚVOD ao governo tcheco no exílio, transmitido em 11 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/39. A mensagem foi interceptada pela Gestapo, mas obviamente não levada suficientemente a sério para que fossem providenciadas medidas de segurança adicionais para Heydrich.
- [52](#)27 Para uma paz em separado. (N. do T.)
- [53](#) Beneš para ÚVOD, 15 de maio de 1942, como citado em Mastny, *Czechs*, p. 209.
- [54](#) Dossiê para o comando do SOE e o Ministério da Guerra, 4 de março de 1942, em Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/79.
- [55](#) Ivanov, *Henker*, pp. 229s.
- [56](#) A Polícia Criminal Alemã empreendeu uma investigação completa do caso depois da morte de Heydrich e produziu uma reconstituição detalhada dos acontecimentos de 27 de maio de 1942. Ver Stanislav F. Berton, “Das Attentat auf Reinhard Heydrich vom 27. Mai 1942. Ein Bericht des Kriminalrats Heinz Pannwitz”, *VfZ* 33 (1985), pp. 668-706.
- [57](#) *Ibid.*, pp. 690s.
- [58](#) MacDonald, *Killing*, pp. 166-67, 171-73; Burian *et al.*, *Assassination*, p. 65. Ver também Hans-Ulrich Stoldt, “Operation Anthropoid”, em Stephan Burgdorff (org.), *Der Zweite Weltkrieg. Wendepunkte der deutschen Geschichte* (Munique, 2005), pp. 171-75; Peter Witte *et al.* (orgs.), *Der Dienstkalender Heinrich Himmlers 1941/42* (Hamburgo, 1999), 27 de maio de 1942, p. 438. Nos dias seguintes, Gebhardt apresentou a Himmler informes telefônicos diários sobre o estado de Heydrich: Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, pp. 438ss.
- [59](#) Informe do SD “Meldungen aus dem Reich”, nº 287, 28 de maio de 1942, ff. pp. 4ss., e informe nº 288 de 1º de junho de 1942, pp. 3ss. em: BAB, R58/172. Ver também: Mastny, *Czechs*, 215; Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 256.
- [60](#) *Völkischer Beobachter*, 27 de maio de 1942.
- [61](#) Joseph Goebbels, *Die Tagebücher von Joseph Goebbels*, org. Elke Fröhlich (Munique, 1995), parte II, vol. 4, p. 386.
- [62](#) IfZ, Ed 450; telegrama de Himmler para Frank, 27 de maio de 1942, em Miroslav Kárný, Jaroslava Milotová e Margita Kárná (orgs.), *Deutsche Politik im “Protektorat Böhmen und Mähren” unter Reinhard Heydrich 1941-1942* (Berlim,

1997), doc. 104, p. 280. Ver também Brandes, *Tschechen*, vol. 1, pp. 254s.

[63](#) Ver o protocolo de Karl Hermann Frank de sua reunião com Hitler em 28 de maio de 1945, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 106, pp. 282-90, aqui pp. 283-85.

[64](#) *Verordnungsblatt des Reichsprotectors in Böhmen und Mähren* 19 (28 de maio de 1942), pp. 123s.; Brandes, *Tschechen*, vol. 1, pp. 254s. A recompensa é mencionada no diário de Goebbels. Ver *Tagebücher*, parte II, vol. 4, p. 386.

[65](#) Ver o anúncio oficial de 29 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, Úřad říšského protektora (Gabinete do Protetor do Reich), suplemento 1, caixa 53.

[66](#) Ver o relatório final sobre a operação policial feito pelo dr. Geschke, 24 de junho de 1942, em Arquivo do Ministério do Interior, Praga, 301-5-4. Ver também Berton, "Attentat", p. 683.

[67](#) Ver a longa lista de informantes e as somas pagas a eles em troca de informação no Arquivo do Ministério do Interior, Praga, 315-194-30.

[68](#) Beneš para Bartoš, como citado em Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 254. Ver também a declaração pública de Beneš de 29 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/79.

[69](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, pp. 440ss. (informes do prof. Gebhardt e anotação de 31 de maio de 1941). Ver também Lina Heydrich, *Leben mit einem Kriegsverbrecher* (Pfaffenhofen, 1976), p. 6.

[70](#) Goebbels, *Tagebücher*, parte II, vol. 4, p. 432.

[71](#) Informe da inteligência militar de 27 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Kew, WO 208/4472.

[72](#) Ver o relato oficial *post-mortem* do prof. Weyrich (17 de junho de 1942), em Arquivo do Instituto de Medicina Forense, Praga. Ver também Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 3 de junho de 1942, p. 448; Thomas Mann, "Nachruf auf einen Henker" (junho de 1942), em: Thomas Mann, *Essays*, vol. 5: *Deutschland und die Deutschen 1938-1945*, org. Hermann Kurzke e Stephan Stachorski (Frankfurt am Main, 1997), pp. 185s e 373s.

CAPÍTULO 2



O Jovem Reinhard

A Família Heydrich

REINHARD TRISTAN EUGEN HEYDRICH NASCEU EM 7 DE MARÇO DE 1904 NA CIDADE prussiana de Halle, nas margens do rio Saale.⁷³ O nome refletia o ambiente musical e os interesses da família: o pai, Bruno Heydrich, era um compositor e cantor de ópera de algum mérito que havia obtido reconhecimento nacional como diretor-fundador do Conservatório de Halle, onde a esposa, Elisabeth, trabalhava como professora de piano. Ao dar nome ao primeiro filho, buscaram inspiração no mundo de música que os cercava: “Reinhard” era o nome do herói trágico da primeira ópera de Bruno, *Amen*, que estreara em 1895, “Tristan” prestava homenagem à ópera *Tristão e Isolda*, de Richard Wagner, e “Eugen” era o nome do falecido avô materno, professor Eugen Krantz, diretor de uma das mais aclamadas academias musicais da Alemanha, o Conservatório Real de Dresden.⁷⁴

O nascimento de Reinhard coincidiu com um período de rápida mudança e otimismo ilimitado na Alemanha. Sob Bismarck e Guilherme II, a Alemanha Imperial se tornara a nação mais influente da Europa: seu poderio econômico e militar se destacava, enquanto a ciência, a tecnologia, a educação e suas administrações municipais eram invejadas pelo mundo. Mas a modernidade associada à Alemanha guilhermina também possuía aspectos sombrios, em particular um anseio generalizado de transformá-la num poder mundial cuja influência estivesse à altura de suas realizações econômicas e culturais. A Alemanha Imperial, o país onde Heydrich nasceu, é, portanto, mais bem descrita

como uma nação com duas faces: politicamente semiautoritária, com uma liderança preparada para reforçar a importância internacional do país por meio de imprudentes aventuras de política externa, mas cultural e cientificamente hipermoderna.[75](#)

O pai de Reinhard, Bruno Heydrich, fora um dos que haviam se beneficiado com o *boom* econômico quase ininterrupto que vinha transformando radicalmente a Alemanha desde 1871, época em que a nação-Estado alemã emergira de um variado conjunto de reinos, grão-ducados, principados e cidades livres da Europa Central após três guerras vitoriosas contra a Dinamarca (1864), a Áustria (1866) e a França (1870-1971). Nascido em fevereiro de 1863, na aldeia de Leuben, na Saxônia, numa família protestante da classe operária, Bruno experimentou a austeridade e a privação econômica no início da vida. A trajetória de seus pais, Ernestine Wilhelmine e Carl Julius Reinhold Heydrich, levou-os de Leuben, onde Carl trabalhava como um pobre aprendiz de marceneiro, para a cidade de Meissen, internacionalmente conhecida por suas manufaturas de porcelana, onde a família residiu de 1867 em diante. Quando de sua morte prematura de tuberculose em maio de 1874, com apenas 37 anos, Carl Julius deixou três filhos e três filhas com idade entre 3 e 13 anos.[76](#)

A morte prematura de Carl Heydrich deixou a família numa situação de ruína econômica. Sem ter herdado praticamente nada, a mãe de Bruno foi forçada a aceitar serviços ocasionais para ganhar a vida para ela e os seis filhos. Bruno Heydrich recordou algum tempo depois uma “juventude difícil, dolorosa”, durante a qual foi obrigado a desempenhar o duplo papel de “arrimo de família e educador” para os irmãos mais novos, em particular depois

que o irmão mais velho, Reinhold Otto, morreu de tuberculose aos 19 anos. Achando difícil alimentar os filhos, Ernestine Heydrich buscou um novo provedor e, em maio de 1877, casou-se com um serralheiro protestante, Gustav Robert Süss, que era 13 anos mais novo que ela e apenas 9 anos mais velho que Bruno. Em anos subsequentes, foi o nome de família Süss, de ressonância judaica, que alimentou especulações sobre uma ascendência não ariana de Heydrich, embora o próprio Süss não fosse nem pai de Bruno, nem tivesse ascendência judaica.[77](#)

Em vista de seu modesto ambiente familiar, a decisão de Bruno de lançar-se numa carreira de músico profissional era fora do comum e exigiria considerável talento e motivação. O músico profissional, formado especificamente para atuar em salas de concerto e óperas, era um fenômeno relativamente novo na Alemanha: o primeiro conservatório de música realmente habilitado da Alemanha, o estabelecimento de Felix Mendelssohn em Leipzig, datava apenas de 1843, e a Filarmônica de Berlim, logo considerada o epítome da música séria em seu conjunto, fora fundada em 1882. Uma educação musical era também dispendiosa e a mãe de Bruno não tinha sobras de dinheiro. Mas Bruno não se deixava facilmente desencorajar. Aos 12 anos de idade, enquanto ainda frequentava a escola em Meissen, começou primeiro a tocar violino e trompa, depois contrabaixo e tuba. O passatempo logo se transformou numa fonte muito bem-vinda de renda, pois ele e o irmão mais novo, Richard, suplementavam os ganhos da família cantando em feiras locais. Os dons de Bruno como cantor não passaram despercebidos e, aos 13 anos, ele já estava atuando como solista em concertos públicos da Orquestra de Jovens de Meissen.[78](#)

O talento e a determinação de Bruno fizeram com que ficasse conhecido além da pequena comunidade de Meissen: em abril de 1879, ele ganhou uma bolsa de estudos para um curso de três anos de composição e canto no prestigioso Conservatório Real de Dresden, o melhor estabelecimento de educação musical da Saxônia, que era dirigido por seu futuro sogro, o professor Eugen Krantz, conselheiro real.⁷⁹ Em julho de 1882, Bruno se graduou com a mais alta distinção no Conservatório de Dresden e começou a tocar contrabaixo nas orquestras das cortes de Meiningen e Dresden. Performances como coadjuvante, no papel de Lyonel da ópera cômica *Martha*, de Friedrich von Flotow, no Teatro da Corte em Sondershausen (1887), e nos papéis principais em *Lohengrin*, em Weimar (1889), e *Tannhäuser* e *Fausto*, em Magdeburg (1890), foram seguidas por participações como tenor dramático em Stettin, Kolberg, Aachen, Colônia, Halle, Frankfurt e, em seguida, nos palcos internacionais de Antuérpia, Genebra, Bruxelas, Viena, Praga e Marienbad. O sucesso de Heydrich foi considerável, mas não suficiente para sustentar uma carreira viável como tenor profissional, em particular porque ele continuava a dar suporte financeiro à mãe e às quatro filhas dela, uma das quais produto do segundo casamento. Mesmo assim, o sucesso inicial garantiu-lhe um convite para Bayreuth, onde, no verão de 1890, cantou trechos de *Lohengrin*, *Parsifal*, *Die Meistersinger* e *Rienzi* para a viúva de Richard Wagner, Cosima. No Teatro do Festival idealizado por Wagner, construído em 1871 numa colina verdejante nos arredores da pequena cidade francônia de Bayreuth, Heydrich poderia ter tido a maior oportunidade de sua carreira, mas o sonho de participar do Festival de Wagner

em Bayreuth não ia se realizar. Nunca tornaram a convidá-lo.⁸⁰

O fracasso de Bruno Heydrich em conseguir trabalho em Bayreuth contribuiu para a equivocada avaliação feita no pós-guerra de que ele era “um músico de segunda ou terceira classe”, uma avaliação que foi indevidamente influenciada pela carreira criminoso do filho no Terceiro Reich.⁸¹ O principal regente da Orquestra Filarmônica de Nova York, Bruno Walter, que conheceu Bruno Heydrich em Colônia, em meados da década de 1890 e que, como judeu alemão, tinha sido forçado pelos nazistas a se exilar em 1933, declarou após a guerra que o pai de Reinhard tinha uma “voz sem encanto, onde o frescor já não era tão intenso” e que era visto como uma “personalidade dúbia” entre os colegas. “O executor nazista Reinhard Heydrich”, Walter acrescentou, “foi o filho apavorante desse homem e, quando leio sobre o sádico, penso com frequência no cantor medíocre de voz feia... que foi escolhido pelo destino para gerar um demônio.”⁸²

A avaliação pós-guerra de Walter, obscurecida pelos crimes de Reinhard Heydrich no Terceiro Reich, se mantém em violento contraste com avaliações que os contemporâneos de Bruno fizeram de seus talentos, o que sugere que ele desfrutava de elevado prestígio entre seus pares. Nas palavras de um crítico de música, Otto Reitzel, a apresentação de Bruno Heydrich como Siegfried no Teatro da Cidade de Colônia, em 1896, foi caracterizada pela “infalibilidade musical”, enquanto outro crítico elogiava seu desempenho como Fra Diavolo em Brunswick, em 1901, como “uma personificação absolutamente perfeita”.⁸³ O sucesso trouxe mais sucesso e, em 1895, no mesmo ano em que Heydrich conheceu Bruno Walter, ofereceram-lhe o

papel principal em *Der arme Heinrich*, de Hans Pfitzner, em Mainz. Pfitzner travara conhecimento com Heydrich em Colônia e ficara tão impressionado por seu desempenho, “musical e intelectualmente ativo”, como Siegfried que lhe oferecera o papel principal em sua nova ópera.[84](#)

Paralelamente a atividades profissionais como cantor de ópera, Bruno devotava-se cada vez mais à composição, acabando por escrever não menos que cinco óperas: *Amen* (*Amém*, 1895), *Frieden* (*Paz*, 1907), *Zufall* (*Acaso*, 1914), *Das Leiermädchen* (*O Filho da Lira*, 1921) e *Das Ewige Licht* (*A Luz Eterna*, 1923). As obras de Bruno não estavam entre as mais refinadas composições de fins do século XIX e inícios do XX, mas a montagem de várias óperas no berço da música clássica, ao lado de obras de compositores como Beethoven, Mendelssohn, Wagner e Strauss, significava, em si mesma, considerável sucesso. Em termos de estilo e conteúdo, suas composições eram inspiradas pelo exemplo imponente de Richard Wagner, o mais importante artista de vanguarda de seu tempo, cujo drama musical em quatro partes *O Anel do Nibelungo* (1876) tinha revolucionado a cena da ópera internacional, levando o romantismo musical a novas e potencialmente insuperáveis alturas. Os temas principais das composições de Wagner – amor, poder e os eternos confrontos entre o bem e mal, que ele desenvolveu mais vigorosamente em seus últimos dramas musicais, *Tristão & Isolda*, *Os Mestres Cantores de Nuremberg* e *Parsifal* – causaram profundo impacto na obra de Bruno Heydrich, como se tornou evidente quando sua primeira ópera, *Amen*, estreou em Colônia, em setembro de 1895, sob grande aclamação da crítica.[85](#)

Como Siegfried e Tristão, heróis de Wagner, o protagonista de *Amen*, Reinhard, é uma figura essencialmente trágica

posta à prova pelo destino e pelas ações traiçoeiras do vilão da ópera, o líder camponês Thomas, representando a ameaçadora ascensão da social-democracia na Alemanha Imperial. Ao contrário de Thomas, o vilão coxo que mata Reinhard por meio de uma desumana punhalada nas costas, Reinhard é uma figura de herói germânico dotada de grandes dons morais, intelectuais e físicos – suficientemente dotada para Bruno batizar seu primeiro filho em homenagem a ele.

O sucesso da ópera trouxe reconhecimento nacional e um certo grau de segurança material, permitindo que Bruno se casasse com a filha de seu mentor, o professor Krantz, em dezembro de 1897. A mãe de Reinhard Heydrich, Elisabeth Anna Amalia Krantz, tinha 26 anos na época do casamento, sendo, sob muitos aspectos, o extremo oposto do marido. Figura imponentemente alta e ligeiramente acima do peso, com cabelo preto e crespo, Bruno era jovial e divertido, pontuando sua fala com gestos extremamente teatrais, enquanto Elisabeth era pequena e de constituição delicada, de ar severo e bem controlado.⁸⁶ Além do mais, Elisabeth fora criada como católica, sendo, portanto, membro de uma minoria religiosa. Os católicos constituíam 36% da população do império e eram raros os casamentos entre pessoas de religiões diferentes. A mãe de Elisabeth, Maria Antonie, filha de uma rica família de comerciantes de Bautzen, tinha criado os filhos plenamente cientes de seu *status* social como membros de uma opulenta família de classe média alta. Seus dois filhos homens tinham sido mandados para Londres, para ganhar experiência como negociantes e adquirir conhecimentos de uma língua estrangeira, enquanto Elisabeth fora educada num convento católico de Lugano antes de se formar como pianista no

conservatório do pai. Essa criação era comum para as filhas de famílias ricas: a fim de dar suporte às aspirações sociais dos maridos, especialmente nas classes médias instruídas, esperava-se cada vez mais que as esposas tivessem uma educação bem trabalhada, talento artístico e habilidades musicais.⁸⁷ Apesar da criação diversa e da diferença de personalidade dos dois, o casamento de Heydrich foi uma união por amor. Eles compartilhavam uma profunda paixão pela música e a afeição mútua era forte o bastante para fazê-los superar as consideráveis diferenças de condição social, riqueza e formação religiosa.

Incentivado pelo sucesso de *Amen*, Bruno Heydrich abrigou planos ambiciosos para sua segunda ópera, *Frieden*, que queria ver montada na Ópera da Corte de Berlim, como sinal de endosso real. Distinções oficiais e patrocínio real tinham grande importância na Alemanha Imperial, mas os altos voos dos planos de Bruno deram em nada. Na realidade, *Frieden* estreou em Mainz, a 27 de janeiro de 1907, para homenagear os 48 anos do kaiser Guilherme II. A falta de interesse do kaiser pela ópera de Bruno devia-se parcialmente a seu conteúdo: ambientada no século XVI, a ópera em três atos tinha um subtexto fortemente religioso e girava em torno das noções católicas de pecado e redenção – não seria exatamente um chamariz para o chefe da igreja protestante alemã.⁸⁸ A heterogênea recepção pública de *Frieden* foi uma decepção para Heydrich e suas aparições nos palcos se tornaram menos frequentes. Embora um avanço radical como compositor lhe escapasse, ele deixou uma obra extensa, incluindo cinco óperas, várias composições para piano, obras corais, tercetos líricos e peças de música de câmara: um conjunto de 60 composições no deflagrar da Grande Guerra, garantindo-lhe

um lugar não insignificante na história da música alemã no início do século XX.[89](#)

O maior sucesso de Bruno, no entanto, foi como professor de música. Depois do casamento na família Krantz e ajudado pela substancial herança que Elisabeth recebera do pai, que morrera prematuramente em 1898, Bruno Heydrich se mudou com a esposa para a cidade de Halle (local de nascimento de Georg Friedrich Händel onde fundou a Escola Coral de Halle, uma instituição baseada no famoso modelo da internacionalmente aclamada Akademie Prussiana de Canto, de Carl Friedrich Christian Fasch. Embora havia muito consolidada como uma das melhores cidades universitárias da Alemanha e terra de acadêmicos de renome internacional, como o economista Gustav Schmoller (1845-1917), e da Leopoldina, a mais antiga academia de ciências da Alemanha, Halle fora uma sonolenta cidade provinciana de tamanho médio, com uma população não superior a 50 mil habitantes, durante a maior parte do século XIX. Na época da chegada dos Heydrich, contudo, havia se tornado uma das cidades em rápido crescimento da Alemanha, cuja prosperidade estava baseada na forte expansão da mineração e da indústria química, bem como num número crescente de bancos regionais que transformaram Halle na sexta maior cidade alemã, com uma população de 156 mil habitantes.[90](#)

Dentre os muitos beneficiários desse radical processo de transformação, as classes médias foram as que mais prosperaram. Com a crescente riqueza delas, cresceu o *status* social associado a uma distinta cultura burguesa de *Bildung* (educação e cultivo por meio do envolvimento com a literatura, a música e as belas-artes). Apesar do atraso de sua elite política, a Alemanha Imperial era um país com uma

cena cultural hipermoderna, um país em que as artes eram amplamente cultivadas e oficialmente promovidas.⁹¹ Na época em que Bruno Heydrich abriu seu negócio em Halle, a música havia se tornado um bem da classe média, constituindo parte essencial de uma educação burguesa. Seu instrumento típico era o piano, que se tornou um ativo ao alcance de muitas salas de estar de classe média no final do século XIX. Com a passagem da manufatura de pianos da oficina artesanal para a fábrica em meados do século XIX, a produção de pianos na Alemanha aumentou oito vezes entre 1870 e 1910. Seu custo foi, logicamente, reduzido pela metade e o piano se transformou na peça central do refinamento da classe média. A *Hausmusik*, composições simples para pianistas amadores, foi um aspecto central do entretenimento e cultura da classe média.⁹²

Em 1901, a pequena Escola Coral de Bruno Heydrich transformou-se num conservatório realmente completo, especializado em piano e lições de canto. Foi o primeiro estabelecimento dessa espécie em Halle. O progresso foi rápido nos anos seguintes. Os cidadãos da cidade cada vez mais rica, que tanto crescia, podiam perfeitamente se dar ao luxo de mandar os filhos para o conservatório. Várias vezes por ano os alunos de Bruno se apresentavam em concertos públicos, que logo se tornaram um aspecto importante da vida cultural de Halle.⁹³ Paralelamente a seu sucesso profissional, Bruno Heydrich conseguiu se integrar plenamente nos círculos sociais de Halle. Como em outras cidades europeias da época, os clubes e associações de Halle continuavam sendo a moldura preferida para as interações sociais da classe média. Em 1900, o cartório de registros de Halle relacionava 436 clubes e associações privados, muitos deles centros de cultura que alimentavam

os interesses das classes médias ricas e com instrução superior, organizando serões literários, concertos, bailes e outros eventos sociais igualmente edificantes. Dentre essas entidades, uma das mais socialmente influentes era a loja maçônica dos Três Sabres, cujo quadro de associados incluía tanto pessoal universitário quanto membros da mais ampla comunidade de negócios. Não está claro quando Bruno Heydrich juntou-se à loja, mas ele organizou repetidamente concertos em suas instalações nos primeiros anos do século XX.[94](#)

Bruno foi também um dos fundadores da sucursal em Halle da Sociedade Schlaraffia, uma organização onde só ingressavam homens, fundada em Praga, em 1859, com o objetivo de fazer avançar as artes, a sociabilidade e a amizade através das fronteiras nacionais. A participação na Schlaraffia não era atípica para um artista como Bruno Heydrich. Contemporâneos mais eminentes, como o famoso compositor húngaro Franz Lehár e o poeta austríaco Peter Rosegger, eram membros da sociedade, que atuava em toda a Europa Central. Como celebridade local, Bruno foi também convertido em membro honorário de várias sociedades musicais da cidade, como a Hallesche Liedertafel, um coro masculino fundado em 1834. No aniversário de 75 anos da Liedertafel, em 1909, ele compôs um “Hino para o Coro dos Homens” e montou repetidamente apresentações corais da qual participavam tanto membros da Liedertafel quanto alunos de seu conservatório.[95](#)

Enquanto isso, o Conservatório de Halle continuava a prosperar. O número de alunos cresceu rapidamente, de 20 em 1902 para 190 em 1904, exigindo 11 professores permanentes, quatro assistentes de ensino e um secretário.

A essa altura, os Heydrich também podiam se dar ao luxo de empregar duas criadas e um mordomo. Elisabeth cuidava do lado financeiro e administrativo dos negócios da família, mantendo intacto o que logo teria se desintegrado se tivesse sido deixado nas mãos do marido artisticamente talentoso, mas financeiramente inepto, que gastava dinheiro mais depressa do que ganhava. Os talentos musicais e aptidões sociais de Bruno, combinados à fortuna da esposa, garantiram à família Heydrich um lugar de respeito na comunidade de Halle. Cultivavam relações pessoais com o prefeito de Halle e o editor do jornal local, o *Saale-Zeitung*. Outro amigo íntimo da família era o conde Felix von Luckner, que alcançaria fama durante a Grande Guerra como um dos mais famosos heróis da Alemanha na guerra naval.[96](#)

Reinhard Heydrich nasceu, portanto, numa família de consideráveis recursos financeiros e posição social, uma família que procurava levar uma vida ordeira, caracterizada pela regularidade e trabalho árduo, como era típico de uma família burguesa alemã em ascensão na virada do século. Enquanto a mãe de Heydrich devotava-se inteiramente às atividades do lar e ao bem-estar dos filhos, ocasionalmente trabalhando como professora de piano no conservatório do marido, o pai Bruno se distinguia em sua profissão como essencialmente um orientador. A distribuição de papéis segundo o sexo na família Heydrich era normal para a época: o pai era o chefe incontestado da família e tomava todas as decisões importantes relativas à criação e educação dos filhos, enquanto a mãe - juntamente com governantas no caso da família Heydrich - cuidava das necessidades diárias das crianças. As moças, incluindo a irmã mais velha de Reinhard, Maria, eram preparadas para

seus papéis predefinidos de mães e esposas, enquanto os rapazes eram criados como futuros provedores e chefes de suas próprias famílias.[97](#)

Apenas quatro meses depois do nascimento de Reinhard, no verão de 1904, os Heydrich se mudaram para uma casa consideravelmente maior. A onda de novos alunos e a resultante falta de espaço haviam forçado Bruno Heydrich a procurar um novo local. Em julho de 1904, o Conservatório de Música e Teatro de Bruno Heydrich mudou-se de dois edifícios separados em Marienstrasse para Poststrasse, um dos distritos mais saudáveis da área central de Halle. Com seus edifícios de ar imponente, o bairro proporcionava um ambiente perfeito para a atividade da família Heydrich, inteiramente voltada para as necessidades educacionais e de *status* da comunidade de classe média. O novo conservatório também fornecia um lar espaçoso para a família do proprietário, dispondo ainda de um número maior de salas de aula e instrumentos musicais, assim como de seu próprio palco para ensaios.[98](#)

O jovem Reinhard sem a menor dúvida se beneficiou dos talentos musicais dos pais. Sendo o filho mais velho, herdaria um dia o conservatório, um destino profissional que requeria rigorosa formação musical desde uma tenra idade. Antes mesmo de começar a frequentar a escola primária em 1910, já aprendera notação musical; era capaz de tocar perfeitamente estudos para piano de Czerny e começara a ter lições de violino. O pai incentivava seus interesses musicais e, em 1910, Bruno e o filho, então com apenas 6 anos de idade, assistiram a uma excepcional atração musical no Teatro da Cidade de Halle: uma montagem de *O Anel do Nibelungo* com o elenco de Bayreuth. A paixão pela música romântica e pelo mundo mítico da ópera wagneriana

em particular permaneceria com Reinhard pelo resto da vida - uma paixão que compartilhava com o futuro Führer da Alemanha nazista, Adolf Hitler.[99](#)

A vida diária da família Heydrich corria de acordo com papéis determinados com precisão e consistentemente mantidos. Elisabeth Heydrich levava extremamente a sério tanto a educação religiosa quanto a participação ativa na vida da igreja. Duas conversões haviam deslocado os Heydrich da Igreja Protestante para a Igreja Católica. Ao se casar com a católica Maria Antonie Mautsch, o avô materno de Reinhard, Eugen Krantz, abandonara o protestantismo. Na geração subsequente, o protestante Bruno Heydrich cederia aos pedidos da esposa e se convertera ao catolicismo. Não era uma decisão fácil numa sociedade em sua franca maioria protestante. A religião, sempre uma força importante na vida alemã, adquirira um novo e mais intenso significado desde a fundação do Império Alemão em 1871. A *Kulturkampf* - a malsucedida tentativa feita por Bismarck, durante o final da década de 1870 e início da de 1880, de esmagar o catolicismo político por meio da perseguição e prisão de centenas de padres católicos que teriam usado o púlpito "para fins políticos" - deixara um amargo legado de desconfiança mútua entre protestantes e católicos.[100](#)

Na época do nascimento de Heydrich, porém, a intensidade do antagonismo confessional estava declinando. No nível das bases, havia uma tendência para o catolicismo popular deslocar-se da cultura sectária da década de 1870 para uma atitude ostensivamente patriótica destinada a responder à acusação de que a verdadeira lealdade dos católicos alemães era para com Roma, não com o Reich. A religião, no entanto, continuou tendo um lugar importante

nos primeiros anos de vida de Reinhard. Enquanto as taxas de comparecimento às igrejas protestantes caíam significativamente no início do século XX, o processo de secularização era menos dramático para a Igreja Católica, onde as regras a serem cumpridas eram muito mais flexíveis.[101](#) Os Heydrich faziam parte desse ambiente católico flexível. Elisabeth, uma católica piedosa, orientava as crianças em suas preces à noite e, aos domingos, a família inteira assistia à missa. Reinhard serviu como coroinha na igreja católica local.[102](#) O catolicismo dele, conscientemente mantido, foi uma das poucas coisas dignas de nota do início de sua vida, particularmente quando comparado com sua postura radicalmente anticatólica dos anos 1930: ele o tornava membro de uma minoria minúscula na cidade esmagadoramente protestante de Halle. Segundo um censo de 1905, 94% dos 170 mil habitantes de Halle eram protestantes. A comunidade católica, ao contrário, tinha apenas cerca de 7 mil membros.[103](#)

Outra singularidade de sua infância, considerando a obsessão pela boa condição física em anos subsequentes, foi sua fragilidade física. Como uma criança de porte delgado e estatura relativamente baixa, com uma constituição fraca e suscetibilidade a doenças, Reinhard foi incentivado pelos pais a se dedicar a diferentes tipos de exercício físico desde uma tenra idade: natação, corrida, futebol, iatismo, equitação e esgrima. A paixão por esportes, que durou toda a vida de Heydrich, começou aí.[104](#) As férias de verão da família geralmente eram passadas na pitoresca costa do Mar Báltico, na elegante cidade litorânea de Swinemünde, na ilha de Usedom. Para os filhos dos Heydrich esse era certamente o período mais

estimulante do ano. A família passava os dias visitando pontos turísticos, fazendo caminhadas e divertindo-se com excursões de barco e dias passados na praia.[105](#)

Enquanto isso, o conservatório continuava a prosperar: em 1907 reunia um total de 250 alunos pagando mensalidades e o número de empregados subira para 19. Apenas um ano depois, em 1908, o conservatório tinha 300 alunos, número suficiente para levar os Heydrich a pensar numa nova ampliação de suas atividades.[106](#) Em abril de 1908 (Reinhard mal acabara de completar 4 anos), os Heydrich tornaram a se mudar, dessa vez para a casa muito maior e mais imponente que haviam mandado construir na Gütchenstrasse, na qual Reinhard ia passar a maior parte de sua infância e adolescência. A casa de três andares, num local exclusivo, ciente de seu *status*, perto do Teatro da Cidade, testemunhava a crescente riqueza da família gerada pela renda que Elisabeth tinha do Conservatório de Dresden e pela renda do Conservatório de Halle de Bruno, sempre em expansão, que em 1911 alcançou um recorde de 400 alunos, empregando 27 professores em caráter permanente.[107](#) “A casa”, um colega de escola de Reinhard recordou após a guerra, “dava a impressão de prosperidade: salas imponentes forradas de madeira, uma grande quantidade de travessas de prata, a porcelana mais fina.” No anexo do pátio havia um grande salão de música, onde se faziam *soirées* e se davam concertos regulares e onde colegas de escola participavam das festas de aniversário de Reinhard.[108](#)

Um crítico de arquitetura da época comentou como era realmente grande e bem equipada a casa da família Heydrich:

O conservatório está localizado numa área frondosa, no espaçoso conjunto de três andares de uma nova e esplêndida construção da Jentzsch & Reichardt, na Gütchenstrasse. A construção abriga uma série de salas de aula muito claras, acolhedoras, quase todas com vista para os jardins verdejantes, uma sala de espera, um gabinete para a administração e tudo que constitui um moderno edifício escolar. Mas a principal atração do conservatório é o esplêndido *hall* no andar térreo, que tem lugar para 300 pessoas. Espaçoso, muito claro e arejado, fornece um salão de verão extremamente agradável para os muitos amigos e patrocinadores que, há anos, vêm frequentando as apresentações do conservatório para acompanhar o progresso dos alunos de Heydrich. O *hall*, com um elegante sistema de iluminação elétrica e adornos engenhosamente coloridos, faz a pessoa se imaginar num daqueles belos, pequenos e privados teatros principescos que encantam quem visita castelos aqui e ali...[109](#)

Dados o sucesso econômico e as ambições sociais de Bruno, sempre esteve claro que o filho mais velho concluiria o ensino secundário. A escola secundária, naquela época, estava reservada para uma elite pequena, privilegiada e esmagadoramente masculina. No início do século XX, cerca de 90% dos estudantes alemães não iam além da escola primária. Dos afortunados 10% que frequentariam escolas secundárias só para meninos, cerca de 66% continuavam sua educação no *Gymnasien* humanista, que terminava com o *Abitur*, o certificado de conclusão escolar qualificando-os para frequentar a universidade. Os restantes 34% frequentavam o *Oberrealschule*, uma instituição ligeiramente menos acadêmica cujo certificado de conclusão não qualificava os alunos para a universidade.[110](#)

Quando chegou o momento de Reinhard ir para a escola secundária, os pais resolveram mandá-lo para o *Reformgymnasium* local, uma instituição relativamente nova que personificava o otimismo científico de um Império Alemão dinâmico, voltado para o futuro. O

Reformgymnasium fora concebido para conciliar o que era característico do *Gymnasium* clássico (com sua ênfase numa educação humanista completa e estudos de latim e grego antigo) com as modernas exigências educacionais do início do século XX. Como acontecia com a maioria das novas universidades politécnicas do Reich alemão, o *Reformgymnasium* tinha suas origens no zelo e no entusiasmo tecnológicos de fins do século XIX, que ajudaram a fomentar a liderança da Alemanha na chamada segunda revolução industrial, baseada na inovação tecnológica. Na época em que Reinhard começou a frequentar a escola secundária, a Alemanha se tornara a potência industrial da Europa, internacionalmente dominante nos campos da química, física e engenharia. A decisão de Bruno Heydrich de mandar o filho mais velho para um *Reformgymnasium* foi, portanto, não apenas o resultado das boas notas de Reinhard, mas também um tributo ao otimismo tecnológico e científico da época. O *Reformgymnasium* era moderno ainda em outro sentido. Embora a grande maioria das escolas alemãs da época fosse religiosa, o *Reformgymnasium* não era filiado a qualquer crença religiosa. Em 1906, não menos de 95% das crianças protestantes e 91% das católicas eram educadas em escolas de sua própria fé. A experiência educacional de Reinhard Heydrich foi, portanto, excepcionalmente moderna e, em mais de um sentido, voltada para o futuro.[111](#)

Além das principais matérias científicas ensinadas nas escolas secundárias da Alemanha - química, física e matemática -, era dada grande ênfase à literatura e à cultura alemãs, assim como a línguas modernas: o francês era ensinado do sétimo período em diante, o latim a partir do oitavo e o inglês era introduzido no décimo período.

Talvez como era de se prever, em vista do refinado ambiente familiar, o desempenho de Reinhard Heydrich na escola foi acima da média. Seus resultados em matérias científicas eram particularmente notáveis e, quando adolescente, ele teve vontade de seguir a carreira de químico. Simultaneamente, começou a desenvolver um apetite insaciável pela ficção policial e por romances de espionagem, muitos publicados como folhetim em jornais. Histórias de detetive da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos - de Sherlock Holmes a Nick Carter e Nat Pinkerton - eram um enorme sucesso na Alemanha e capturaram a imaginação do jovem Heydrich. Durante toda a guerra e na década de 1920, ele manteve um ávido interesse pelo gênero e soube usar seu conhecimento de aficionado em 1931, quando se encontrou com Himmler pela primeira vez. Nenhum dos dois tinha a menor ideia de como organizar um serviço de espionagem, mas Heydrich, usando o conhecimento obtido com as histórias de detetive e de espionagem, impressionou Himmler a tal ponto que este lhe propôs a tarefa de criar uma agência de inteligência da SS: o futuro SD.[112](#)

Guerra e Pós-Guerra

No verão de 1914 – quando os Heydrich estavam passando as férias anuais na costa do Báltico – o mundo bem ordenado da família foi profundamente abalado por um grave acontecimento: em 28 de junho, o herdeiro austríaco legítimo, Francisco Ferdinando, foi baleado em Sarajevo, agravando uma crise internacional que logo culminou na Primeira Guerra Mundial. Em agosto de 1914, o entusiasmo popular pela guerra era limitado e os Heydrich não eram exceção. Embora confiantes de que venceriam a guerra, Bruno e a esposa tinham plena consciência de que a guerra também trazia consigo incertezas econômicas para o futuro do conservatório.[113](#)

As plenas implicações dos acontecimentos que o cercavam eram de difícil compreensão para o jovem Reinhard Heydrich. Como menino de 10 anos no irromper da Grande Guerra, era parte da geração jovem da guerra – jovem demais para ser mandado para o *front* como soldado, mas com idade suficiente para experimentar conscientemente a guerra como um acontecimento decisivo em sua vida pessoal e na história de seu país. Embora nenhum membro próximo da família tivesse de partir para o campo de batalha, a guerra era onipresente: jornais e cartazes bombardeavam a frente interna com informes gloriosos sobre o progresso das campanhas militares, fotos de generais proeminentes e ex-alunos condecorados adornavam as salas de aula e os professores anunciavam as últimas vitórias nas assembleias da escola. Nesse meio-tempo, os rapazes mais velhos da escola de Reinhard

gradualmente iam desaparecendo ao partir para o *front*. Em junho de 1915, cerca de 80% dos rapazes da série mais alta tinham se apresentado ao exército como voluntários, enquanto os que ficavam para trás, nas séries mais baixas, aguardavam avidamente o momento em que poderiam seguir o exemplo deles. Como a maioria dos garotos de sua idade, Reinhard deve ter encarado a guerra como um jogo distante, cheio de aventuras, do qual os alemães saíam inevitavelmente vitoriosos - crença fomentada pelos *penny dreadfuls* [livrinhos baratos] extremamente populares, que vendiam aos milhões, especialmente para os garotos adolescentes.[114](#)

Enquanto a guerra assolava a Europa Oriental, os distantes campos de Flandres e o norte da França, a prosperidade econômica do conservatório começou a declinar lenta, mas continuamente. Por causa do deflagrar da guerra, a matrícula de alunos estagnou e depois começou a encolher. No final de 1914, Bruno Heydrich teve de exonerar nove de seus professores, mas continuou a organizar uma série de concertos e apresentações públicas da Associação de Canto dos Homens Patriotas de 1914, fundada por ele quando a guerra foi deflagrada. A esposa Elisabeth também contribuía para a causa nacional, dirigindo um curso de tricô no conservatório, no qual as viúvas e mães da classe média de Halle produziam roupas - principalmente cachecóis e meias - para os maridos, filhos e irmãos que eram soldados no *front*.[115](#)

Em 1915, os efeitos econômicos da guerra começaram a penetrar na vida diária dos Heydrich. Restrições de suprimentos de comida e de outros bens essenciais se tornaram cada vez mais presentes. Antes de 1914, a Alemanha vinha importando 25% de seus suprimentos de

comida e o bloqueio naval britânico impedira efetivamente todas as importações do país. O problema foi ampliado pela falta de cavalos de carga e homens fisicamente aptos nas fazendas e, em consequência disso, a produção de alimentos diminuiu em 30% durante a guerra. O racionamento do pão começou em 1915 e, no ano seguinte, foi introduzido o racionamento da carne. O consumo nutricional médio diário de antes da guerra, 2.500 calorias, declinou em mais da metade durante a guerra.[116](#) Pela primeira vez na vida, os filhos dos Heydrich experimentaram a fome, em particular durante o Inverno dos Nabos, em 1916. Ao mesmo tempo, os salários reais caíam, especialmente os das classes médias, muitas das quais perderam também suas economias e não podiam mais se dar ao luxo de proporcionar aos filhos uma instrução musical. As férias dos Heydrich também se tornaram menos exclusivas. Durante a guerra, Reinhard passava as férias anuais de verão na úmida região de Düben, entre as cidades de Torgau e Dessau, onde os pais alugaram um chalé de um guarda-florestal local. Depois da Segunda Guerra Mundial, o filho do guarda-florestal, Erich Schultze, recordou que ele e Reinhard passavam o tempo lendo livros de história e adquirindo um conhecimento rudimentar de russo ao conversar com os prisioneiros de guerra que trabalhavam nos campos locais. Segundo Schultze, ele e Reinhard também tentaram penetrar na versão francesa original de *Histoire de la Civilisation*, de Charles Seignobos, que discutiam em francês ou, pelo menos, tentavam fazê-lo.[117](#)

Enquanto a guerra na frente ocidental estagnava e as tropas francesas defendiam Verdun com inesperada tenacidade, a família Heydrich aguardava avidamente, em

1916, a publicação do *Hugo Riemanns Musik-Lexikon*, que na época era a mais completa e mais amplamente utilizada enciclopédia alemã de música e músicos, cujo aparecimento era esperado para aquele verão com um verbete sobre a vida e a obra de Bruno Heydrich.[118](#) A expectativa se transformou em raiva e frustração quando finalmente chegaram os exemplares. Ao abrir a enciclopédia de Riemann, a família descobriu um verbete sugerindo que Bruno era um compositor judeu e que seu último nome era “na verdade Süss”.[119](#) Heydrich não era um homem particularmente político, mas a insinuação de que era judeu (coisa potencialmente prejudicial numa cidade protestante, propícia a um antissemitismo latente) incitou-o a processar os editores da enciclopédia por calúnia. Como o processo judicial revelou em 1916, o verbete original sobre Heydrich (sem a insinuação “prejudicial”) fora alterado por Martin Frey, um ex-aluno de Heydrich expulso do conservatório, num ato planejado de vingança. Frey conseguira a alteração por meio de um parente na equipe editorial da enciclopédia para causar dano à reputação de Bruno Heydrich na comunidade de Halle.[120](#) Depois de os fatos terem sido esclarecidos, Bruno ganhou a ação e a menção de seu suposto passado judeu foi removida da edição seguinte da enciclopédia. Mas os rumores não desapareceram. Ganharam, ao contrário, mais força depois que se tornou público que Hans Krantz, um dos tios maternos de Reinhard em Dresden, se casara com uma judia da Hungria chamada Iza Jarmy. Na escola, os colegas de Reinhard passaram a caçar dele e do irmão, Heinz Siegfried, chamando-os de “Isi” ou “Isidor”.[121122](#)

Até o fim dos anos de guerra, os Heydrich se dedicaram com muito empenho a negar esses rumores, ameaçando

com processos de calúnia os que os repetiam. Contudo, suas relações pessoais com os cidadãos judeus de Halle - que não ultrapassavam 1.400 em 1910 - eram inteiramente normais e não há indício sugerindo que a atitude de Bruno Heydrich com relação aos judeus fosse hostil. Na realidade, os judeus mandavam os filhos e as filhas para o conservatório de Heydrich, Bruno alugara o porão da escola como espaço de armazenagem para um comerciante judeu local e seu filho mais velho, Reinhard, fizera amizade com o filho do solista da comunidade judaica de Halle, Abraham Lichtenstein.[123](#)

O escândalo que envolveu os Heydrich em 1916 é, portanto, menos indicativo de crenças racistas por parte de Bruno que de um clima geral de crescente antissemitismo. Embora os judeus não estivessem mais sujeitos a uma legislação discriminatória na Alemanha Imperial, continuava a existir uma discriminação não oficial contra eles quando se tratava de acesso à interação social e a posições de destaque na burocracia do Estado ou nas fileiras superiores das forças armadas. O antissemitismo na Alemanha Imperial era comum, mas provavelmente não mais que na França ou no Leste Europeu, e não constituía um sistema de crenças claramente definido, internamente consistente. Na realidade, era um feixe indefinido de estereótipos tirados de um amplo leque de tradições que podiam ser misturadas em proporções variadas. O antissemitismo racista, a força ideológica propulsora na vida posterior de Reinhard, só motivava uma pequena minoria nas margens extremas da política alemã e nenhum grupo de pressão decididamente concentrado no “problema judaico” jamais conseguiu se tornar um sucesso eleitoral na Alemanha Imperial. Mas expressões de hostilidade com relação a judeus podiam ser

encontradas por todo o espectro político, assim como em declarações públicas das igrejas protestante e católica. Para o jovem Reinhard Heydrich, a acusação de ser meio judeu foi um inconveniente, mas, embora o possa ter tornado hostil com relação aos que espalhavam os rumores, certamente não o converteu num racista antissemita.[124](#)

Muito mais devastadoras que os rumores sobre a ascendência judaica de Heydrich foram as notícias de que a guerra estava perdida. A propaganda alemã havia incessantemente sugerido até o outono de 1918 que a vitória estava à vista e o tratado de Brest-Litovsk, que formalizou a vitória da Alemanha sobre a Rússia na primavera de 1918, levou o povo a acreditar que a derrota da Grã-Bretanha e da França era apenas uma questão de tempo.[125](#) A assinatura do armistício em novembro de 1918, portanto, caiu como um grande golpe e uma surpresa indesejável que despedaçou as esperanças e expectativas de muitos alemães. O caráter repentino da vitória aliada, meses apenas depois do início da ofensiva alemã da primavera de 1918, inicialmente bem-sucedida, contribuiu para uma situação em que muitos alemães se recusavam a acreditar que seu exército havia sido derrotado. Em vez disso, um poderoso mito tornou-se corrente de um lado a outro do país: a chamada lenda da punhalada nas costas, segundo a qual as forças armadas alemãs, que não conheciam derrota, haviam sido traídas por revolucionários antipatrióticos na frente interna. A punhalada nas costas tinha uma vigorosa ressonância na cultura alemã, até porque o personagem do herói na popular saga dos nibelungos, Siegfried, fora assassinado pelas costas - um tema que foi abordado no *Ciclo do Anel* de Wagner e na ópera *Amen* de Heydrich. Embora uma maioria de alemães

tenha inicialmente saudado o fim da guerra e o fim do sistema imperial, a disposição de ânimo rapidamente se alterou quando a revolução se radicalizou em fins de 1918 e inícios de 1919, dando origem a demolidoras sublevações políticas e a um difuso clima apocalíptico. Dois meses após a derrota da Alemanha, os revolucionários espartaquistas, de extrema-esquerda, tentaram tomar o poder em Berlim. A insurreição fracassou e, na noite de 15 de janeiro de 1919, seus principais líderes, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, foram detidos e assassinados por soldados dos Freikorps. A ameaça revolucionária, no entanto, continuou, especialmente em Brêmên, Munique e nos centros industriais da Alemanha Ocidental e Central.[126](#)

Em fins de fevereiro de 1919, a onda revolucionária alcançou a cidade natal de Heydrich, Halle. Até esse momento, Bruno Heydrich não fora um homem particularmente interessado em política - era leal ao *Kaiser*, tinha uma visão liberal-nacionalista, mas nunca se filiara a qualquer partido específico. Sua politização começou com a derrota alemã e a revolução que se seguiu: no início de 1919, tornou-se membro do Partido Popular Nacionalista Alemão (DNVP), um partido com um programa fortemente antidemocrático, monarquista. Ele virara político e as graves mudanças políticas que ocorreram em Halle na primavera de 1919 teriam certamente de deixar sua marca no filho de 14 anos, Reinhard.

Em 23 de fevereiro de 1919, a Assembleia de Mineiros da Alemanha Central reuniu-se em Halle e proclamou uma greve geral contra o governo provisório do Reich em Weimar. A situação que já era tensa deteriorou-se ainda mais quando os cidadãos anticomunistas de Halle reagiram com uma contragreve: empresários locais fecharam suas

lojas e oficinas, cortando assim todo o abastecimento de alimentos da cidade. Os serviços postais deixaram de operar e policiais, médicos, professores e outros funcionários públicos recusaram-se a trabalhar. A greve geral atingiu seu clímax em 27 de fevereiro, quando três quartos das fábricas e minas da Alemanha Central estavam cercadas de piquetes. Nesse mesmo dia, Halle experimentou a maior demonstração política de sua história: cerca de 50 mil trabalhadores exigiram a renúncia do governo do Reich, o estabelecimento de conselhos operários e a nacionalização do parque industrial da Alemanha. Preocupado com a agitação crescente em Halle (próxima da cidade de Weimar, onde os deputados da Assembleia Nacional Constituinte haviam se reunido para elaborar uma nova constituição republicana), o ministro da defesa, o social-democrata Gustav Noske, ordenou que uma unidade dos Freikorps, composta de ex-soldados desmobilizados e estudantes voluntários, “recapturasse” a cidade de Halle. Seu oficial comandante era o major-general Georg Maercker, um ex-oficial colonial profundamente conservador que havia participado das criminosas campanhas coloniais contra os hererós e os namaquas na África do Sudoeste Alemã antes de lutar nas frentes orientais e ocidentais na Primeira Guerra Mundial.[127](#)

Para Reinhard Heydrich, a experiência de uma ameaça revolucionária concreta em sua cidade natal reforçava percepções de estar vivendo uma importante era de ameaças tangíveis, existenciais. Tanto em casa quanto na escola, o exemplo da Revolução Bolchevique de 1917 surgia com destaque nas discussões sobre a sorte futura do Reich alemão. Rumores sobre atrocidades cometidas pelos bolcheviques contra as antigas elites russas emanaram do

Leste e foram rapidamente projetados sobre a situação da própria Alemanha. A difusão de tais rumores só pode ser explicada se considerarmos o contexto mais amplo da Revolução Russa e a subsequente guerra civil que custou a vida de cerca de 3 milhões de pessoas. A consolidação bem-sucedida do poder por uma decidida minoria revolucionária de bolcheviques russos durante o inverno de 1917-1918 injetou nova e potente energia no mundo da política, o que resultou no surgimento de forças contrarrevolucionárias igualmente decididas, para quem a repressão violenta da revolução e, mais especialmente, dos revolucionários, constituía o objetivo supremo.[128](#)

Com Maercker reunindo as tropas dos Freikorps ao sul de Halle, a situação se agravou quando um de seus oficiais, o tenente-coronel Klüber, entrou na cidade disfarçado com roupas civis, numa incursão de reconhecimento. Ao ser descoberto por soldados revolucionários, Klüber foi atacado e espancado antes de ser atirado no rio Saale e morto por um tiro disparado da multidão que se reunira para assistir ao espetáculo. O incidente radicalizou uma atmosfera que já era tensa, alimentada por histórias de atrocidades que procediam de outras partes da Alemanha, mais especialmente de Berlim, onde jornais conservadores sugeriam que rebeldes comunistas tinham matado ou ferido tropas governamentais e reféns civis. Descobriu-se algum tempo depois que a maioria dos rumores sobre atrocidades era falsa ou exagerada, mas eles exerceram uma influência poderosa sobre a imaginação pública, incluindo a do jovem Reinhard Heydrich, que citava com frequência os acontecimentos de 1918 a 1919 durante sua carreira no Terceiro Reich.[129](#)

As tropas de Maercker invadiram a cidade na manhã seguinte. Durante vários dias as tropas se barricaram na principal agência dos correios de Halle, enquanto os rebeldes tomavam o Teatro da Cidade, a apenas algumas quadras da casa da família Heydrich. Nos dois dias seguintes, Reinhard testemunhou com os pais as tropas do governo atacando o Teatro da Cidade com armas pesadas, incluindo artilharia, antes de finalmente conseguirem tomar o prédio. As tropas de Maercker continuaram, então, a esmagar a rebelião com extrema crueldade, matando um total de 29 pessoas e ferindo 67, muitas delas civis que estavam lá por acaso. Mais de 200 pessoas foram presas. As próprias tropas de Maercker sofreram 7 mortes.

Na segunda-feira, 3 de março, Maercker ordenou a ocupação sistemática da cidade e declarou lei marcial. Dois dias depois, organizou uma força de defesa civil voluntária com cidadãos e estudantes universitários de Halle. Seu objetivo básico era proteger a propriedade privada e manter a ordem na improvável ocorrência de novas agitações civis. A formação logo contava com 400 membros.¹³⁰ Um dos novos recrutas era Reinhard Heydrich, então com 15 anos e ainda aluno do *Reformgymnasium*.¹³¹ Muito pouco se sabe sobre seu papel na força voluntária, mas em vista de sua idade e inexperiência é improvável que o envolvimento representasse mais que um gesto simbólico - uma tentativa algo patética de compensar a falta de experiência de combate na guerra ingressando numa organização paramilitar que dificilmente enfrentaria um verdadeiro combate. Para muitos jovens voluntários como ele, que haviam crescido numa atmosfera belicosa saturada de histórias de heroicos banhos de sangue, mas que haviam perdido uma experiência em primeira mão do “embate das

armas”, as milícias ofereciam uma bem recebida oportunidade de viver uma romantizada existência de guerreiro sem qualquer perigo real de ser morto.[132](#)

À luz de sua carreira posterior e da caracterização popular dos Freikorps como vanguarda do nazismo, é fácil superestimar o impacto do envolvimento de Heydrich em atividades paramilitares após a Grande Guerra.[133](#) Para alguns dos futuros protagonistas do Terceiro Reich, incluindo Heinrich Himmler e o futuro assistente de Heydrich, dr. Werner Best, a experiência da derrota e revolução foi de fato o momento do despertar político. Como Himmler, aos 18 anos, anotou em seu diário durante a revolução na sua Baviera nativa, a “traição” da frente interna exigia uma reação violenta e, em função disso, ele ingressara nos Freikorps “Oberland”, que participaram, na primavera de 1919, do sangrento esmagamento da República Soviética da Baviera, de vida curta.[134](#) A reação de Heydrich foi menos radical e, na verdade, mais representativa da geração jovem da guerra como um todo. Embora sem a menor dúvida indignado com a derrota alemã e o irromper da revolução, Heydrich não se tornou um protonazista logo depois da Grande Guerra. Como para muitos de seus colegas de escola, que também ingressaram na força de defesa civil de Halle, a motivação básica foi o gosto pela aventura típico da juventude e a promessa de uma manobra de guerra sem derramamento de sangue contra os comunistas, que havia muito tinham sido derrotados. Seu verdadeiro envolvimento na atividade paramilitar ficou, portanto, em grande parte limitado à exibição de um capacete de aço e de um uniforme, grandes demais, aos colegas adolescentes.[135](#)

Mal se passara um ano e, enquanto Heydrich ainda estava alistado na força de defesa civil, Halle foi palco mais uma vez de sangrenta luta de rua. Em março de 1920, vários Freikorps marcharam em Berlim para protestar contra sua iminente dissolução pelo governo republicano e conseguiram instalar temporariamente um governo autoritário sob a liderança de Wolfgang Kapp, proeminente membro-fundador do Partido da Pátria Alemã, de extrema-direita. O golpe foi rapidamente derrotado por uma impressionante greve geral que, por sua vez, instigou a esquerda radical dos centros industriais da Alemanha a empreender uma segunda tentativa de promover uma revolução bolchevique. Halle, com sua considerável classe operária industrial, foi uma das cidades afetadas pela revolta. Durante vários dias, os Freikorps em retirada combateram simpatizantes comunistas em prolongadas batalhas de rua que resultaram na morte de dezenas de homens de ambos os lados. Em 23 de março, tropas do governo intervieram e restauraram a ordem pública em Halle.[136](#)

Mais uma vez não existe indício sugerindo que Heydrich tenha participado ativamente de qualquer um desses combates. Há pouca dúvida de que a derrota e a revolução tiveram um efeito politizante sobre ele, mas continuamos sem saber exatamente até que ponto foi essa politização. Segundo o testemunho pós-guerra de um amigo de infância, o mais tarde oficial das SA Karl von Eberstein, Heydrich já desenvolvera uma atitude “extremamente *völkisch*” durante a guerra - uma atitude em que os interesses do *Volk* ou povo alemão ganhavam precedência sobre todas as outras considerações políticas ou éticas - lendo panfletos nacionalistas radicais, livros de história e procurando

ingressar em algumas das ligas e sociedades racistas que estavam surgindo rapidamente em Halle.[137](#) O próprio Heydrich mais tarde afirmou ter sido membro da sucursal em Halle da Liga de Proteção e Oposição Nacionalista Alemã (Deutschvölkischer Schutz-und Trutzbund) entre 1920 e 1922. Com 25 mil membros em 1920, a Liga foi a maior e mais ativa dentre as inúmeras associações antissemitas que surgiram na Alemanha após a derrota de 1918, mas foi proscrita depois do assassinato do ministro do Exterior, Walther Rathenau, em 1922.[138](#)

É possível e de fato provável que Heydrich tenha afirmado, depois de 1933, ter sido membro da organização apenas para provar um compromisso antigo com a política de direita.[139](#) O único documento existente que dá suporte à sua reivindicação de envolvimento antigo em organizações de direita é um cartão-postal sem data que sobreviveu entre seus papéis pessoais. A frente do cartão traz um texto de propaganda da Ordem Teutônica, um dos inúmeros e minúsculos grupos marginais de extrema-direita que floresceram na Alemanha do pós-guerra. No verso, um autor anônimo indaga sobre o compromisso de Heydrich com a causa nacionalista: “Aguardamos ansiosamente ter de novo, muito em breve, notícias suas. Está mais do que na hora de alemães racialmente conscientes e de sangue puro trabalharem em conjunto para a façanha final. Você é um de nós?!”. A explicação mais provável para esse misterioso cartão é que Heydrich tenha de fato comparecido a uma reunião da Ordem Teutônica em Halle, mas que não tenha voltado, inspirando assim a indagação escrita. Pelo que sabemos, nunca respondeu a ela.[140](#)

Embora Heydrich dificilmente tenha se tornado, como resultado dos acontecimentos de 1918-1919, um

protonazista ou um assassino em massa pronto para a ação, com toda a certeza apoiou ideias que foram compartilhadas por muitos dos jovens alemães que frequentavam as escolas no período do imediato pós-guerra: antibolchevismo, forte rejeição dos acordos da Paz de Versalhes e uma recusa em aceitar a “fronteira que sangra” entre o Reich e a Polônia. Embora essas ideias representassem algo acerca do qual a maioria dos alemães (da esquerda moderada à direita radical) poderiam concordar, as experiências pessoais de Heydrich com as sublevações de 1918-1919 também o tornavam suscetível a uma ideia que logo constituiria parte integrante da ideologia nazista: a convicção de que a vida era uma luta permanente e violenta. De 1919 em diante – primeiro em Halle, depois na marinha e finalmente na SS – Heydrich foi cercado por um ambiente político em que a disposição de usar a violência contra uma série de inimigos tornava-se, cada vez mais, um denominador comum.

Reinhard compartilhava o sentimento de sua geração de estar atravessando uma crise de proporções épicas, caracterizada pela derrota militar e suas consequências políticas, assim como pela pauperização crescente das classes médias. A Alemanha havia perdido mais de 2 milhões de homens em ação e mais de 4,1 milhões de soldados estavam feridos numa população total de 65 milhões. O país havia gasto o equivalente a cerca de 40 bilhões de dólares na guerra, a maior parte dos quais obtidos como empréstimo de seus cidadãos. No Tratado de Versalhes, a Alemanha perdeu 13% de seu território e lhe foi exigido que pagasse 33 bilhões de dólares como indenização de guerra aos vencedores. A crise econômica do pós-guerra avançou de mãos dadas com uma inflação de

preços de uma dimensão sem precedentes na história alemã. Em grande parte, essa inflação tinha origens domésticas, mais especialmente nos pesados empréstimos feitos durante a guerra e num acúmulo de dívidas que só poderiam ser reembolsadas na eventualidade de uma vitória militar. A crise financeira e econômica que atingiu o auge na vergonhosa hiperinflação de 1923, quando meio quilo de manteiga custava 13 mil reichsmarks, abalou as bases econômicas das classes médias e praticamente aniquilou os ativos em dinheiro dos Heydrich. A reforma monetária de 1923 pouco fez para alterar esse estado de coisas. Bruno Heydrich tinha uma dificuldade cada vez maior para sustentar a família, inclusive para sustentar a mãe, que continuou a receber ajudas em dinheiro do filho até sua morte em janeiro de 1923.[141](#)

A inflação e a destruição das poupanças de uma vida inteira de muitos alemães reduziram significativamente a possibilidade que tinham os cidadãos de Halle de financiar a instrução musical dos filhos. O conservatório tinha ainda 200 alunos em 1921 e os Heydrich ainda conseguiam pagar as atividades de lazer dos filhos, como as idas a sessões de filmes mudos, a óperas ou de aulas de dança.[142](#) Mas em 1922, sua crise financeira tornou-se patente: numa extensa carta ao prefeito de Halle, Bruno Heydrich rogava que lhe fosse concedido um subsídio do Estado de 10 mil reichsmarks e uma redução nas taxas do carvão, do gás e da eletricidade para manter o conservatório aberto. Bruno foi forçado a admitir que, “como resultado dos excessivos aumentos de preço, da renda reduzida e da perda cada vez maior de nossos bens de raiz”, a família estava “no final de suas forças”. Se a guerra e a revolução que se seguiu já haviam minado a viabilidade econômica de sua atividade, a

inflação o privava dos meios de subsidiar o conservatório com as economias da família. A existência do conservatório, o primeiro instituto de formação de professores de música da cidade, estava “seriamente” ameaçada. A carta de Bruno expressava um profundo ressentimento pelo surgimento do entretenimento comercial, pelo advento do rádio e, de um modo mais geral, pela furiosa investida dos “tempos modernos”, tempos em que “o grande público prefere comer *Bratwurst*¹⁴³ a receber uma instrução musical”.¹⁴⁴

O pedido de Bruno Heydrich de subsídios do Estado não foi atendido. Aos 60 anos de idade, ele se via diante da ruína profissional e o trabalho de toda a sua vida parecia perdido. Mesmo que a estabilização da economia alemã no início de 1924 proporcionasse ao conservatório uma certa dose de alívio, o medo de um declínio econômico e social radical continuaria acompanhando sem cessar a família Heydrich na década seguinte.

Na Marinha

Depois de obter com notas altas o certificado *Abitur* de conclusão colegial no final da primavera de 1922, Reinhard decidiu seguir uma carreira de oficial da marinha. Tornar-se músico profissional e assumir a direção do Conservatório de Halle, um passo lógico levando-se em conta seus antecedentes familiares e talentos musicais, já não era uma opção atraente ante o contínuo declínio econômico desse ramo de atividade. Ele também resolveu não estudar química, uma matéria que o interessara particularmente na escola.[145](#)

O que exatamente levou Reinhard Heydrich a ingressar na marinha alemã continua sendo objeto de pura especulação. Sua esposa sugeriu, após a guerra, que o jovem Heydrich ficara obcecado pela marinha durante as férias dos tempos de infância na costa do Báltico, onde podia observar as manobras da Esquadra Imperial de Alto-Mar.[146](#) Outros deram destaque à influência pessoal do conde Felix von Luckner, o velho amigo da família e herói naval da Primeira Guerra Mundial, cuja autobiografia, *Seeteufel* (Demônio do Mar), com empolgantes descrições das viagens cheias de aventuras que ele fez entre 1914 e 1918, apareceu um ano antes de Heydrich terminar o colégio e foi devorada por toda uma geração de jovens leitores alemães.[147](#) Uma terceira possível influência pode ter vindo do amigo de infância de Heydrich, Erich Schultze, com quem ele havia passado as férias do tempo da guerra na região de Düben. Schultze já ingressara na marinha como aspirante em 1921.[148](#)

Qualquer que tenha sido a influência decisiva de infância, o jovem Reinhard fora certamente criado num país em que as forças armadas em geral e a marinha em particular desfrutavam de grande prestígio como guardiãs da segurança nacional do império e fiadoras do futuro destino da Alemanha, uma percepção cultivada em livros escolares do último período guilhermino.¹⁴⁹ O apelo da vida militar conservou todo o seu brilho depois de 1918, particularmente para os rapazes que não haviam tido experiência direta da guerra de trincheiras com a qual pudessem comparar as imagens heroicas evocadas pelos glorificadores filmes de guerra e pelos livrinhos baratos dos primeiros anos de Weimar. Além da segurança, da articulação que o mundo militar oferecia numa época cada vez mais insegura, que parecia bastante tumultuada, a figura fantástica do soldado heroico do *front* (o “novo homem” decidido, cujo estrito e desafiador procedimento militar o distanciava das imagens desprezadas de um almofadinha afeminado de Berlim ou de um revolucionário bolchevique de ar surrado) exercia, nos anos 1920, uma influência vigorosa sobre os rapazes alemães como modelo de comportamento.¹⁵⁰

A marinha alemã, no entanto, que já fora o orgulho e motivo de júbilo dos nacionalistas alemães, estava talvez mais contaminada pelo ódio da traição que qualquer outra divisão das forças armadas: fora em Kiel, em 1918, que estourara a Revolução de Novembro. Começara com um motim dos marinheiros alemães contra as ordens de seus oficiais de pôr a Esquadra Imperial no mar para um último acerto de contas com a Marinha Real Britânica. Só depois do ostensivamente “heroico” autoafundamento da Esquadra Imperial de Alto-Mar, em Scapa Flow, em 1919 (uma

tentativa bem-sucedida de impedir a rendição à Grã-Bretanha dos navios de guerra alemães), tinha a reputação da marinha sido restaurada a ponto de, mais uma vez, representar uma atraente opção de carreira para os filhos das patrióticas famílias de classe média. Foi a imagem popular do oficial naval em tempo de guerra - arrojado, intrépido, equilibrado e atraente para as mulheres - que chamou a atenção de Heydrich, não a cruel e assustadora realidade de uma força naval reduzida pelo Tratado de Versalhes a 15 mil homens e a um punhado de encouraçados e cruzadores obsoletos.[151](#)

A atitude da família Heydrich com relação à carreira que Reinhard escolhera foi ambivalente. Enquanto a mãe estava “muito orgulhosa” de que Heydrich quisesse se tornar oficial de marinha, o pai achava difícil aceitar que um filho com talento musical não assumisse o comando do negócio da família.[152](#) Apesar das objeções do pai, Heydrich começou seu serviço como cadete da marinha em Kiel, a 1º de abril de 1922, juntamente com dezenas de outros cadetes da “Turma de 22” (batizada conforme o ano do ingresso). A formação do cadete começou com seis meses de severo treinamento básico a bordo do encouraçado *Braunschweig*, seguido de três meses no veleiro *Niobe*. Terminou com o serviço no cruzador *Berlin*, entre julho de 1923 e março de 1924. Em 1º de abril de 1924, Heydrich foi promovido a oficial de marinha e enviado para treinamento como oficial à Escola Naval de Mürwick, perto de Flensburg.[153](#)

Segundo testemunhos posteriores à guerra de colegas cadetes de Heydrich, sem a menor dúvida impregnados da determinação de não parecerem ter tido intimidade com um criminoso de guerra, Heydrich continuou sendo um individualista isolado durante todo o período que passou em

Kiel e “não tinha amigos entre os membros da turma”.[154](#) Embora seja verdade que Heydrich tenha achado difícil adaptar-se ao novo ambiente, as razões para sua condição de *outsider* permanecem obscuras. Alguns ex-membros da turma destacam como explicações sua timidez, a aparência física incomum e a incapacidade de enfrentar as exigências físicas do treinamento. “A aparência de Heydrich tinha uma incrível falta de harmonia”, lembrou um de seus colegas de turma após a Segunda Guerra Mundial.

Os membros de alguma forma não combinavam. Uma cabeça comprida, estreita e pequena demais, colocada num pescoço comprido, com cabelo louro curto, nariz comprido, olhos desconfiados que não olhavam de frente e ficavam muito perto um do outro, e uma boca pequena, cujos lábios meio abertos ele geralmente apertava com força. Um tórax comprido com braços que quase pareciam de macaco colocados sobre um quadril fundo, largo; uma compleição troncada com pernas arredondadas, sem musculatura... Parecia desengonçado, um tanto molenga e afeminado.

Mesmo as aptidões de Heydrich para o aprendizado, recordava o mesmo companheiro oficial, eram

no máximo medianas. Aplicação e esmero nunca eram com ele. Talvez pegasse as coisas rapidamente, mas era superficial demais para processar o que havia aprendido e para organizá-lo adequadamente. Contudo, seria injusto meramente lhe atribuir sagacidade. Sua inteligência... estava baseada em pensamento lógico, comportamento coerente e num instinto para tratar os outros de um modo que lhe fosse vantajoso, para reconhecer oportunidades que o favorecessem, para prever os desejos de seus superiores e para usar sua capacidade de adaptação.[155](#)

Considerando a paixão por esportes que durou toda a vida de Heydrich, parece altamente improvável que uma incapacidade de enfrentar as exigências físicas do

treinamento fosse a razão fundamental para sua condição de *outsider*.[156](#) Quando ingressou na marinha, Heydrich já era havia muitos anos um desportista ativo. Era membro de uma associação de ginástica em Halle, um nadador ativo e fora membro da equipe do clube de remo do colégio. Além disso, havia se iniciado na esgrima desde muito novo e praticou-a diariamente durante o tempo que passou na marinha. Para completar, foi um marujo dedicado, ganhando o campeonato de remo do Mar Báltico com uma barco de 3,5 metros em 1927 e, um ano depois, e na mesma classe, o campeonato do Mar do Norte.[157](#)

É mais provável que a condição de *outsider* de Heydrich entre os membros da turma fosse, ao menos em parte, resultado de sua formação num ambiente de classe média culta, particularmente suas inclinações musicais e a propensão a tocar violino a bordo quando não estava de serviço, um passatempo que parecia singularmente deslocado no mundo masculino da marinha.[158](#) O pai lhe dera um violino como presente de despedida quando ele partiu para Kiel e Heydrich praticava nele, solitário, sempre que encontrava tempo. Suas inclinações musicais tornavam-no repetidamente alvo de zombaria. Durante o treinamento básico em Kiel, por exemplo, um suboficial-instrutor da Prússia Ocidental acordava-o frequentemente durante a noite e o obrigava a tocar a Serenata Toselli no violino. Muitos anos depois, Heydrich recordou esses incidentes humilhantes ao fazer comentários condescendentes com relação à inferioridade racial dos prussianos ocidentais, com sua etnia “infestada de sangue polaco”.[159](#)

Duas razões adicionais para a fama de esquisitão de Heydrich no início de sua formação como oficial precisam ser levadas em conta. Ao iniciar uma carreira naval, ele

penetrara num dos ambientes mais rigidamente direitistas da Alemanha de Weimar, um ambiente em que oficiais e suboficiais compensavam o “vergonhoso” motim naval de Kiel, em 1918, adotando uma postura agressivamente nacionalista. O corpo de oficiais da marinha não só desempenhara um papel decisivo na violência dos Freikorps contra rebeldes comunistas em 1919 e 1920, como também proporcionara uma base de alistamento para muitos dos terroristas de direita que faziam parte da infame Organização Cônsul, responsável pelos assassinatos de destacados políticos de Weimar, como Matthias Erzberger e Walther Rathenau. Dentro desse clima geral de extremismo direitista, ou assim alguns de seus colegas da marinha declararam depois da guerra, Heydrich parecia estranhamente apolítico. Se de fato flertara com o extremismo de direita em 1918, parecia ter perdido o interesse em 1922. Quando um de seus colegas cadetes, Ernst Werner Techow, participou do assassinato de Rathenau, então ministro do Exterior no verão de 1922, Heydrich desapontou os colegas de quarto não demonstrando interesse pelo caso. Nem a ocupação francesa do Ruhr em 1923 – calorosamente discutida entre seus colegas oficiais de marinha e a população alemã em geral – chegou a lhe despertar qualquer interesse. No máximo, assim declarou o companheiro cadete Hans Rehm após a guerra, Heydrich era considerado um liberal pelos colegas e evitado exatamente por isso.¹⁶⁰ É bem interessante que sua futura esposa Lina tenha feito uma avaliação similar da inicial falta de interesse de Heydrich pela política. Depois da guerra, Lina sustentou que “politicamente ele era um enigma... Encarava todos os partidos, em particular o Partido Nazista, com arrogância e

considerava que a política era em si uma coisa vulgar. Nesse ponto, bancava realmente o esnobe, considerando a carreira na marinha como a coisa mais importante. O resto não contava”.[161](#)

Talvez ainda mais importante que a notória indiferença pela política, para consolidar sua condição de *outsider*, tenha sido o ressurgir de rumores sobre um suposto passado familiar judeu. “Em nossa classe”, recordou um ex-cadete que fora seu colega, “Heydrich era mais ou menos encarado como judeu porque outro camarada da turma, que vinha de Halle, nos disse que o nome da família dele era na verdade ‘Süss’ e que todo mundo sabia disso em Halle.” No correr dos anos seguintes, os colegas cadetes chamariam Heydrich de o “judeu branco” ou o “Moisés branco”. Para rebater os rumores, Heydrich sustentou que fora membro, em Halle, da antissemita Liga de Proteção e Oposição Nacionalista Alemã - uma organização que não aceitava judeus como membros e que fora abolida após o assassinato de Rathenau em 1922. Embora provavelmente falsa, essa reivindicação parece ter melhorado a situação de Heydrich entre seus pares.[162](#)

A posição de Heydrich melhorou ainda mais após servir durante dois meses no veleiro *Niobe*, no verão de 1923, depois do que foi transferido para o cruzador *Berlin*. Foi lá, no *Berlin*, que Heydrich conheceu e fez amizade com o futuro chefe da agência de inteligência militar da Alemanha nazista, Wilhelm Canaris, então primeiro oficial a bordo. Canaris impressionou o jovem Heydrich pela experiência militar: como tenente-piloto a bordo do pequeno cruzador *Dresden* durante a Batalha das Malvinas, em 1914, conseguira escapar de um internamento no Chile em 1915 antes de retornar à Alemanha. Canaris, por sua vez,

instantaneamente se interessou pelo rapaz tímido com inclinações musicais e se transformou no mentor de Heydrich nos anos seguintes. De 1924 em diante, convidou com frequência Heydrich para ir à casa dele, em Kiel, onde Reinhard e a esposa de Canaris, Erika, tocavam violino num quarteto de cordas particular, exibindo-se frequentemente para membro das elite de Kiel.[163](#)

Heydrich também tocava música fora do ambiente doméstico de Canaris. Segundo Hertha Lehmann-Jottkowitz, estudante do Instituto de Economia Global de Kiel no final dos anos 1920, ela encontrou Heydrich pela primeira vez quando ele tocou violino na casa de um amigo em comum e violoncelista amador. Lehmann-Jottkowitz recordava Heydrich como um violinista extremamente sensível que revelava uma brandura e uma sentimentalidade que impressionavam profundamente quem o ouvia. Na conversa, dava a impressão de ser um “marujo com poucas ideias”, que tinha pouco a contribuir para discussões, mas ele se transformava completamente assim que começava a tocar o violino ou a falar de assuntos relacionados à música.[164](#)

O componente final da formação de Heydrich como oficial foi um serviço de seis meses no *Schleswig-Holstein*, o navio capitânia da Esquadra Alemã do Mar do Norte. No verão de 1926, ele partiu numa viagem de treinamento pelo Atlântico e pelo Mediterrâneo Ocidental, visitando a Espanha, Portugal e a Ilha da Madeira, onde, ao que parece, provocou um pequeno escândalo na Cantina dos Oficiais quando a esposa de um oficial britânico recusou seu convite para dançar.[165](#) Concluído o treinamento a bordo do *Schleswig-Holstein*, Heydrich foi promovido a segundo-tenente naval.[166](#) Após a promoção, parece ter recebido mais

reconhecimento dos colegas e era menos frequentemente alvo de piadas. Seu camarada e colega de quarto no *Schleswig-Holstein*, Heinrich Beucke, recordou que, depois da promoção, Heydrich “cresceu significativamente... Os superiores com frequência lhe mostravam reconhecimento e lhe davam boas avaliações. Ele era solícito e mostrava que as pessoas podiam confiar nele... A cada sinal de reconhecimento, seu zelo aumentava, mas também sua arrogância... A ambição era sem a menor dúvida o traço mais forte de Heydrich. Queria realizar alguma coisa que pudesse deixar os outros atônitos”.[167](#) O amigo de infância Erich Schultze chegou a uma conclusão similar quando encontrou Reinhard durante uma breve visita a Halle. “Todos nós tínhamos certeza de que iria longe na marinha devido à ambição e capacidade. Ele nunca se contentava com o que havia realizado. Seu impulso era sempre por mais; fazer melhor; chegar mais alto. Como tenente, já estava sonhando em se tornar almirante.”[168](#)

Enquanto o relacionamento com os outros jovens oficiais melhorava substancialmente, Heydrich passou a mostrar uma nítida arrogância para com os subordinados – algo que se intensificaria ainda mais nos anos 1930. Ele abordava os marinheiros comuns e os suboficiais do *Schleswig-Holstein* de um modo autoritário e pessoalmente ofensivo, a tal ponto que em duas ocasiões seu comportamento quase levou a um motim.[169](#) Mas, apesar desses contratemplos, a confiança de Heydrich crescia e ele sentiu que tinha “finalmente se adaptado” à carreira de oficial de marinha.[170](#) Durante e depois do serviço a bordo do *Schleswig-Holstein*, ele usou o tempo de lazer, que lhe era mais generosamente concedido, para atividades esportivas, principalmente para velejar, nadar e lutar esgrima. Segundo

o colega de quarto Beucke, Heydrich se exercitava todo dia e, nos finais de semana, cavalgava e corria na mata.

Ele queria se tornar um pentatleta. Fazia tudo com assombrosa energia, embora superestimando enormemente seus talentos e aptidões... Já estava sonhando com os louros olímpicos e nunca se envergonhava de colocar suas realizações nas alturas. Quando não foi convidado para os Jogos Militares do Reich, sentiu-se completamente injustiçado. Com base nos resultados alcançados nos Jogos, “provou-me” que teria ganho o pentatlo...[171](#)

No caso de Heydrich, a proeza no esporte e a postura militar eram impulsionadas por um desejo de ganhar a aceitação de seus pares, mas ele não estava sozinho no entusiasmo pelo esporte como expressão de juventude e virilidade. Em 1931, mais de 6,5 milhões de alemães eram membros de associações esportivas organizadas. Os esportes mais populares para espectadores eram as artes marciais de vários tipos, assim como esportes envolvendo velocidade, incluindo a moderna pilotagem de aviões, que com suas manobras arrojadas era associada a aventura, bravura heroica e progresso técnico. Na imaginação popular o piloto heroico, encarnado por figuras do tempo da guerra como o Barão Vermelho,[172](#) representava o domínio pelo homem dos desafios da tecnologia moderna. O próprio Heydrich começou a ter aulas de voo nos anos 1930, antes de participar como piloto em várias incursões aéreas nas frentes russa e norueguesa durante a Segunda Guerra Mundial.[173](#)

Depois de passar por treinamento especializado em operações de rádio e telegrafia sem fio, Heydrich continuou a servir no *Schleswig-Holstein* como oficial de rádio até outubro de 1928.[174](#) Em 1950, seu oficial-instrutor da escola de comunicações navais, Gustav Kleikamp, recordou

que “os talentos, o conhecimento e a capacidade [de Heydrich] estavam acima da média”. Kleikamp também declarou que Heydrich “estava sempre convencido de suas aptidões, era ambicioso e capaz de apresentar suas realizações aos superiores sob uma luz favorável” - um “talento” de que, em anos posteriores, saberia tirar o melhor proveito.[175](#) A ambição ficava maior a cada êxito. Segundo seu colega de quarto na época, Heydrich tentava “‘brilhar’ em toda parte: no trabalho, com relação aos superiores, com relação aos companheiros, com relação à tripulação, no esporte, na sociedade e no bar. Colecionava um repertório de piadas e anedotas e cantava acompanhado de um alaúde. E desse jeito frequentemente impressionava as pessoas...”.[176](#)

Em 1º de julho de 1928, Heydrich foi promovido a primeiro-tenente e designado para a divisão de comunicações da Estação Naval do Báltico, em Kiel. Tinha, agora, períodos consideravelmente maiores de tempo livre, que dedicava em grande parte ao esporte, à música e a uma terceira área de interesse: mulheres. Já revelara um forte interesse por garotas durante a viagem de verão do *Schleswig-Holstein* à Espanha e Portugal e, segundo alguns antigos colegas oficiais, viveu suas fantasias sexuais em bares e bordéis.[177](#) De volta a Kiel, procurou repetidamente a companhia de mulheres, sabendo impressioná-las com o uniforme de oficial, as boas maneiras e os talentos musicais. Seus esforços não eram infrutíferos, como lembrou após a guerra um de seus colegas oficiais: “Várias vezes ele impressionou bem, particularmente senhoras mais velhas”.[178](#) Em 1930, travou conhecimento com uma colegial de Berlim, que visitou na capital durante um

período de vários meses. Esse relacionamento ia ter imensas consequências pessoais para Heydrich.[179](#)

Lina von Osten

Reinhard Heydrich conheceu sua futura esposa, Lina von Osten, num baile em Kiel, a 6 de dezembro de 1930. Nascida na ilha de Fehmarn, no Holstein Oriental, Lina fora criada na cidadezinha costeira de Lütjenbrode, onde o pai, Jürgen von Osten, era o responsável pela escola local. A família Osten descendia da nobreza dinamarquesa, mas enfrentara um sério declínio social desde a guerra de 1864 entre a Alemanha e a Dinamarca, quando Fehmarn caiu sob o domínio da Prússia. Como o segundo filho numa família com seis meninos e duas meninas, Jürgen von Osten teve de desistir de todas as reivindicações sobre os bens da família e, em 1896, mudou-se para a ilha de Fehmarn, onde conheceu e se casou com uma de suas alunas: a mãe de Lina, Mathilde Hiss, cujos familiares viviam e trabalhavam como comerciantes havia gerações na ilha. Como os Osten, os Hiss haviam conhecido tempos melhores. A guerra e a inflação que se seguiu extinguiram tudo que tivesse sobrado dos haveres da família e os Osten foram forçados a morar no edifício de tijolo vermelho da escola, onde o pai de Lina dava aula às crianças locais.[180](#)

Depois de uma infância marcada por privação material e incerteza com relação ao futuro, Lina recebeu seu certificado de conclusão escolar em Oldenburg, em 1927, antes de passar um ano na casa dos pais, período durante o qual a mãe a ensinou a cozinhar e a cumprir outras tarefas domésticas. Mas Lina era mais ambiciosa e desafiou as convenções sociais. Por iniciativa própria, candidatou-se a um emprego na Escola Vocacional para Moças de Kiel, com

o objetivo de se tornar professora – uma profissão que, pelo menos na Alemanha, continuava a ser em grande parte dominada pelos homens. Em 1928, ela se mudou para Kiel, onde morou numa hospedaria para moças, a Henriettenhaus, comparecendo frequentemente a reuniões sociais e bailes, como o de dezembro de 1930, onde se encontrou pela primeira vez com Reinhard Heydrich.[181](#)

Heydrich gostou de imediato da loura autoconfiante e bonita de 19 anos. A atração foi mútua e Heydrich ficou o resto da noite ao lado de Lina antes de se oferecer para acompanhá-la de volta ao seu local de moradia quando o baile acabou. Enquanto caminhavam pela noite, ele pediu permissão para vê-la de novo e ela concordou com um passeio no parque local, dois dias depois. Segundo suas memórias, Lina sentiu uma “simpatia” instantânea pelo “homem ambicioso, mas reservado”, que, como ela declarou muitos anos depois, foi “companheiro, amigo – e de fato muito mais do que isso”.[182](#)

Três dias depois do primeiro encontro, Reinhard convidou Lina para ir ao teatro e depois para uma adega nas proximidades. Embora mal se conhecessem, Heydrich concluiu a noite com uma proposta de casamento. Lina levantou uma série de objeções (seus pais não tinham ideia da existência de Heydrich e ela ainda nem acabara o colégio), mas acabou aceitando. Em 18 de dezembro, Lina e Heydrich ficaram secretamente comprometidos, com Reinhard assegurando à noiva que pediria a aprovação da família dela no Natal.[183](#)

Naquele mesmo dia, seriamente tomado de paixão, Reinhard Heydrich escreveu-lhe uma carta:

Minha querida, querida Lina! No meio do corre-corre do trabalho e com muita pressa antes de minha partida, eu queria que soubesse que... todos os meus pensamentos estão com você. E percebo agora quanto a amo. Sim, você! Não consigo mais lembrar como eram as coisas antes. Mas sei muito bem o que deixo para trás. É por isso que estou aguardando cada vez mais ansiosamente a vida que se estende diante de nós. Você! Com você eu poderia suportar qualquer desgosto! Só mais alguns dias até a noite de Natal. Quanto mais ela se aproxima, mais confiante penso no futuro. Pois ser franco e honrado é a exigência básica que sempre fiz a mim mesmo. Não me será então difícil encarar seu pai. Você sabe, para mim não há nada pior com relação às pessoas que amo do que andar com rodeios e não ser sincero com elas. Não hesito em enfrentar caras duros com as mesmas armas. Mal posso esperar até sábado! Até lá, muito amor, Seu Reinhard.[184](#)

Naquele fim de semana, Heydrich escreveu oficialmente ao pai de Lina, Jürgen von Osten, para pedir a mão da filha em casamento. Depois, durante o feriado do Natal, Heydrich visitou a família de sua noiva em Lütjenbrode. A visita confirmou muito do que Lina já havia dito a Reinhard: os Osten faziam parte da baixa aristocracia empobrecida do norte da Alemanha, uma família que perdera todas as suas economias na inflação do pós-guerra. Desde então, a família havia compensado a perda de prestígio e riqueza deslocando-se, como muitas outras famílias aristocráticas alemãs que tinham passado a enfrentar tempos difíceis, para a extrema-direita do espectro político. O irmão de Lina, Hans, fora um dos primeiros membros do partido nazista da região, tendo ingressado em abril de 1929, após uma das primeiras aparições de Hitler no norte da Alemanha. Na época da primeira visita de Reinhard a Lütjenbrode, Hans já era membro do partido e das SA havia quase três anos.[185](#)

Lina também já era uma nazista convicta e uma veemente antissemita quando conheceu Reinhard Heydrich em 1930. Havia assistido pela primeira vez a um grande comício do

partido nazista em 1929 e ficara particularmente impressionada com os vistosos rapazes da SS, em seus uniformes pretos, que guardavam o palanque onde Hitler estava falando naquele dia. Talvez Reinhard tenha lhe trazido à lembrança aqueles homens imponentes no dia em que se encontraram pela primeira vez, pois ela o descreveu como “alto, másculo e muito senhor de si em seu uniforme”.[186](#) Segundo, porém, seu próprio depoimento pós-guerra, Heydrich não tinha qualquer interesse por partidos políticos na época em que se conheceram. Pior ainda, do ponto de vista dela, é que Heydrich nunca teria ouvido falar do *Mein Kampf* de Hitler e, com frequência, fazia piadas sobre o líder do Partido Nazista, o “cabo boêmio”, e sobre o “coxo” Goebbels.[187](#) Lina, ao contrário, achava o antissemitismo de Hitler particularmente atraente. Mesmo na década de 1970, quando a maioria das pessoas na Alemanha tentava disfarçar o antigo antissemitismo, Lina confessou abertamente que, na adolescência, encarara os judeus poloneses que tinham entrado no país após 1918 como “intrusos e hóspedes que não eram bem-vindos” e se sentira tão “provocada” pela mera presença deles que simplesmente “teve de odiá-los”: “Comparávamos a vida com eles a um casamento forçado, no qual os parceiros literalmente não podem sentir o cheiro um do outro”.[188](#)

Foi por intermédio de Lina e da família dela que Heydrich teve sua primeira verdadeira introdução ao nazismo, uma ideologia nascida na imediata atmosfera pós-guerra de trauma nacional, derrota, revolução e inflação. A maioria dos elementos que entravam nessa ideologia eclética – antissemitismo, darwinismo social e uma firme crença numa forte liderança autoritária – já tinha existido na Alemanha e em muitas outras sociedades europeias antes de 1914. A

queda da Alemanha num abismo político e econômico entre 1914 e 1923 deu uma nova urgência a pontos de vista tão extremos, aumentando a disposição para usar da violência e do crime para implementar as medidas que pangermanistas, antisemitas, eugenistas e ultranacionalistas vinham defendendo desde antes da virada do século.¹⁸⁹ A nítida desunião na política de Weimar, assim acreditavam os seguidores de Hitler, requeria uma liderança firme para reunir a nação numa nova comunidade do povo, a *Volksgemeinschaft*. As instituições do Estado, sociedade e cultura seriam remodeladas para criar uma nação racialmente homogênea imbuída de um propósito: tornar de novo grande a Alemanha. Todos os que se colocassem em seu caminho seriam esmagados. Os “estranhos à comunidade” e sobretudo os judeus seriam extirpados da sociedade. Os elementos fracos, frágeis ou “degenerados” também seriam eliminados da cadeia de hereditariedade. Assim fortalecida, a nação alemã desencadearia uma guerra de conquista na Europa Oriental que transformaria a Alemanha numa superpotência e superaria as humilhações das décadas anteriores.¹⁹⁰

Essas ideias subsistiram como as ideias de um pequeno número de alemães até 1929, quando o início da Grande Depressão catapultou o anteriormente minúsculo partido de extremistas de Hitler para o centro da política alemã, embora eles nunca tivessem conseguido uma verdadeira maioria em eleições gerais. Na época em que Reinhard conheceu Lina, o partido havia conquistado sucessos eleitorais com os quais Hitler, sequer um cidadão alemão naquele momento, dificilmente poderia ter sonhado. Nas eleições gerais de setembro de 1930 - apenas três meses

antes de Reinhard e Lina se conhecerem – o Partido Nazista havia obtido quase 6,5 milhões de votos, constituindo-se como o segundo maior partido no parlamento nacional alemão, o Reichstag.[191](#)

A influência de Lina e de sua família no despertar político de Heydrich deve ter sido realmente muito grande, mas foi somente no ano seguinte, desencadeada pelo maior desastre pessoal em sua vida, que começaria a completa conversão de Heydrich ao nazismo. Por enquanto, ele estava feliz por ter passado no teste inicial do encontro com os pais de Lina: Jürgen von Osten nada encontrou para criticar em Heydrich, nem mesmo quando o futuro genro confessou que nenhum ativo financeiro devia ser esperado dos outrora florescentes conservatórios de música de Halle e Dresden. Um oficial de marinha inteligente, ambicioso, com um soldo que parecia garantido e uma carreira sem dúvida brilhante pela frente era mais do que os Osten poderiam ter esperado e se ajustava à imagem que Jürgen von Osten fazia de um possível genro. Um noivado oficial seguiu-se ao Natal, que Reinhard e Lina comemoraram com os pais dela.[192](#)

De volta ao trabalho depois de sua primeira visita a Lütjenbrode, Reinhard escreveu aos sogros em 3 de janeiro de 1931:

Caros sogros! De volta ao serviço e trabalhando muito, gostaria de agradecer-vos mais uma vez de todo o meu coração por terem me recebido com tanta gentileza e como um filho em sua casa. Jamais esquecerei meus primeiros dias na casa onde Lina passou a infância. Estou muito grato pelo consentimento ao nosso noivado. A cada dia que passa sinto cada vez mais que fizemos a coisa certa. Lina não tem de recorrer ao segredo em Kiel, podemos estar juntos com frequência e passar a nos conhecermos cada vez melhor sem ter de dar importância à bisbilhotice dos outros.

Com relação à data do nosso casamento: por favor, por favor nos permitam casar em setembro (17!)... Não há nada pior que a indecisão. Ficaria muito, muito grato se concordassem com setembro - meus pais também estarão então disponíveis. Aceitem meus sinceros agradecimentos, Vosso Reinhard.[193](#)

O que Heydrich tinha convenientemente deixado de mencionar à futura noiva era que, na época, ela não era a única mulher em sua vida - um detalhe que abalaria os próprios alicerces da vida dele.

Dispensa e Crise

A felicidade do jovem casal não durou muito. Heydrich enviou o anúncio do noivado publicado no jornal para vários amigos e conhecidos. Um dos que o receberam foi uma jovem de Berlim, que Heydrich conhecera mais de seis meses antes num baile organizado pela Escola Feminina Colonial, em Rendsburg, e com quem fizera amizade. Como os dois tinham vivido um relacionamento sexual nos meses que se seguiram e se haviam visitado mutuamente em Berlim e Kiel, a jovem presumiu que estava noiva de Heydrich. Reinhard, que continuou a cultivar a relação mesmo depois de ter conhecido Lina, convidara a jovem para ir a Kiel e, apesar de ela ter pedido um quarto separado num hotel, a incentivara a passar a noite em seus aposentos. Provavelmente foi nessa ocasião que os dois tiveram relações mais íntimas. Seja como for, a moça viu nisso um compromisso e reagiu ao recebimento da notícia de noivado de Heydrich com um colapso nervoso.[194](#)

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, tem havido muita especulação acerca da identidade da jovem em questão, mas tudo que pode ser dito com certeza é que o pai dela devia ter contatos muito bons com o corpo de oficiais veteranos da marinha. Em resposta ao esgotamento nervoso da filha, ele apresentou uma queixa oficial contra Heydrich junto ao chefe do Estado-Maior da marinha alemã, almirante Erich Raeder. A queixa teve sérias consequências para Heydrich: no início de janeiro de 1931, ele foi convocado a um tribunal de honra militar sob a presidência do almirante Gottfried Hansen, comandante da Esquadra do

Báltico, e convidado a se explicar.[195](#) Uma promessa de noivado quebrada era uma clara violação do código de conduta do corpo de oficiais, mas não era uma falta cuja gravidade justificasse automaticamente a dispensa imediata do oficial em questão. O episódio embaraçoso poderia ter terminado em pouco mais que uma reprimenda pelo que era, afinal, “uma história de garotas”, mas a atitude arrogante de Heydrich lhe trouxe problemas com os três membros da corte: o almirante Hansen, seu oficial-instrutor Gustav Kleikamp e o membro mais velho da turma de Heydrich, Hubertus von Wangenheim. Em vez de aceitar a responsabilidade e se conformar com uma punição menor, Heydrich insistiu que fora a própria mulher quem iniciara o relacionamento sexual. Também negou que, em troca, lhe tivesse prometido casamento, descrevendo a ligação com termos de desprezo que irritaram os membros do tribunal. Embora não tenham sobrevivido registros da audiência do tribunal, possivelmente destruídos pela Gestapo nos anos 1930, os procedimentos foram reconstituídos após a Segunda Guerra Mundial por colegas oficiais. O colega de quarto de Heydrich em Kiel, Heinrich Beucke, recordou que “Heydrich procurou lavar as mãos acerca do assunto e implicar [a moça em questão]. Sua atitude diante do tribunal de honra, a falta de coragem para dizer a verdade, para aceitar a censura e defender a mulher, foi o que levou à sua dispensa, não o delito real em si”.[196](#)

Um dos membros do tribunal de honra, Gustav Kleikamp, confirmou essa versão e declarou que a “comprovada falta de sinceridade” de Heydrich, “com o objetivo de inocentar a si próprio”, irritou mais o tribunal que a falta real. O membro mais novo do tribunal, Hubertus von Wangenheim, pressionou abertamente pela dispensa de Heydrich,

afirmando que seu comportamento havia desonrado o corpo de oficiais alemão.[197](#)

O tribunal concluiu suas deliberações perguntando se era “possível que um oficial culpado de uma conduta tão imperdoável permanecesse na marinha”, embora se abstinhasse de fazer qualquer recomendação. O assunto foi passado para o almirante Raeder, que decidiu que Heydrich era “indigno” de ser oficial e deveria ser dispensado imediatamente. Kleikamp acrescentou de maneira enfática: “Uma decisão que - ainda que severa - foi reconhecida por todos como imparcial e correta, e para a qual não havia alternativa para ninguém familiarizado com os fatos”.[198](#)

Em 30 de abril de 1931, a promissora carreira naval de Heydrich chegou abrupta e inesperadamente ao fim. “A exoneração da marinha”, Lina recordou após a guerra, “foi o golpe mais duro de sua vida... Não foi a perda de um meio de ganhar a vida que pesou, mas o fato de que ele havia se empenhado na carreira de oficial com cada fibra do seu ser.”[199](#) A princípio ele teve esperanças de uma reintegração, mas um apelo formal contra a dispensa submetido ao presidente do Reich, Paul von Hindenburg foi recusado. Heydrich teve subitamente de se defrontar com a sinistra realidade de estar desempregado em 1931, em plena Grande Depressão. Expulso da marinha menos de um ano antes de ver assegurado seu direito a um soldo, o futuro parecia sombrio, embora ele fosse continuar a receber pagamentos finais de 200 reichsmarks por mês durante os próximos dois anos. Heydrich se trancou no quarto e chorou de raiva e autopiedade durante dias.[200](#)

A dispensa de Heydrich de fato ocorreu no pior momento possível. Após a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em Wall Street, em 29 de outubro de 1929, a situação

econômica da Alemanha havia se deteriorado dramaticamente. Milhões de trabalhadores desempregados mergulharam em terrível sofrimento, enquanto a indústria e o comércio alemães experimentavam quedas dramáticas em volume de negócios. A crise econômica era ainda exacerbada pelo desmoronamento do último governo de coalizão de Weimar e sua substituição por um gabinete minoritário subordinado ao autoritário Heinrich Brüning, um político do Partido do Centro. As políticas deflacionárias de Brüning, destinadas a demonstrar a incapacidade da Alemanha para pagar novas reparações aos aliados ocidentais, exacerbaram a situação já sombria. Na primavera de 1931, havia mais de 4,5 milhões de alemães desempregados, um montante que se elevaria a mais de 6 milhões em fevereiro de 1932.[201](#)

Logo depois da dispensa, Heydrich viajou com a noiva para Halle, para informar a família do desligamento e pedir-lhes apoio financeiro. Más notícias, no entanto, também o esperavam lá: o conservatório, já enfrentando sérios problemas desde a hiperinflação do pós-guerra e a invenção de formas modernas de entretenimento musical, como rádios e gramofones, estava à beira da bancarrota. Bruno Heydrich, que havia sofrido, no início daquele ano, um debilitante derrame cerebral, não podia mais se envolver na direção do negócio da família e deixava a maior parte do ensino a cargo da esposa e da filha.[202](#) Os pais de Heydrich, portanto, não estavam mais em condições de sustentar o casal. Elisabeth Heydrich, que até recentemente pudera se dar ao luxo de ter uma criada, tinha de fazer ela mesma as tarefas de casa quando não estava dando aulas de piano. Além do marido, Elisabeth precisava agora manter a filha Maria e o genro desempregado Wolfgang Heindorf,

assim como o filho mais novo, Heinz Siegfried, que abandonara os estudos em Dresden, e a noiva dele, Gertrud Werther. A fracassada carreira na marinha do filho mais velho aumentava os problemas já enfrentados e os pais de Reinhard acusaram-no de arruinar levemente seu futuro. Desesperada, Elisabeth não parava de discutir com seus irmãos, Hans e Kurt, a conveniência de vender o cada vez menos lucrativo Conservatório de Dresden, que o pai, Eugen Krantz, havia legado aos três filhos. Após a guerra, Lina recordou com nitidez a atmosfera depressiva na casa dos Heydrich, onde as preocupações diárias com as contas contrastavam agudamente com os remanescentes da mobília antiga, a porcelana cara e os talheres de prata que atestavam um passado de afluência e prestígio social.[203](#)

O pior estava por vir. Em maio de 1931, Bruno Heydrich foi informado de que, após uma série de queixas sobre a queda dos padrões de ensino, seu conservatório ia ser examinado por uma comissão do governo. O relatório encaminhado pela comissão revelava que o conservatório não proporcionava mais o nível de ensino requerido para um diploma público e que os alunos haviam demonstrado conhecimentos insuficientes de suas artes. Fisicamente incapacitado, financeiramente arruinado e destruído em termos profissionais, Heydrich respondeu às autoridades escolares admitindo “que minha instituição e cursos de formação qualificados, que testei durante trinta anos, não atendem mais às expectativas de hoje”. Ele renunciou voluntariamente ao reconhecimento do Estado para sua instituição de ensino.[204](#)

A privação econômica também punha em dúvida o casamento de Reinhard com Lina. A mãe de Reinhard censurava Lina pela dispensa do filho e os pais de Lina

também já não viam com bons olhos o relacionamento. Casar a filha com um ex-oficial de marinha desempregado era uma perspectiva bem menos atraente que ter um genro com alta posição social e salário e aposentadoria assegurados. Embora Lina se recusasse a romper o noivado, o casamento seria impossível até que Reinhard encontrasse outro trabalho. Dia após dia, Lina incitava o noivo a procurar uma carreira adequada que pudesse sustentar a vida futura dos dois como uma família.[205](#) Durante as quatro semanas seguintes, Heydrich considerou e descartou diferentes opções de carreira e mandou seu certificado de dispensa da marinha, surpreendentemente positivo, para vários empregadores potenciais:

Todos os oficiais superiores declaram que Heydrich é um oficial consciencioso e confiável com uma grande dedicação ao dever... que se incumbiu zelosamente de todos os deveres exigidos dele. Com relação a seus oficiais superiores, conduziu-se de maneira franca, num estilo militar adequado e é bastante estimado pelos colegas oficiais. Tratou bem e de forma justa os soldados sob seu comando. Heydrich tem excelente condição física e é um bom esgrimista e marujo.[206](#)

Heydrich de fato recebeu várias ofertas de emprego, apesar da crise econômica. Um amigo de Kiel, Werner Mohr, ofereceu-lhe uma oportunidade para trabalhar como instrutor de navegação na Escola Hanseática de Latim da cidade de Neustadt, na costa báltica de Holstein.[207](#) Apesar do salário mensal relativamente generoso de 380 reichsmarks, Heydrich rejeitou a proposta de Neustadt, assim como propostas similares de Kiel e Ratzeburg; recusava-se a se tornar um “criado marujo para meninos ricos”.[208](#) Não se sabe por que não agarrou de imediato essa oportunidade, mas a razão decisiva parece ser que não

conseguia aceitar a perda de seu *status* social como oficial, como confessou à noiva.[209](#)

Nessas circunstâncias, a mãe de Reinhard tomou a iniciativa e falou à madrinha de Heydrich, baronesa Elise von Eberstein, dos infortúnios profissionais do filho. Dama imponente de sessenta e poucos anos, a baronesa e o marido, major Von Eberstein, tinham conhecido os Heydrich num concerto em Halle logo após chegarem à cidade e se tornaram os amigos mais íntimos da família, dando apoio às atividades do conservatório por meio de importantes doações.[210](#) A baronesa contactou de imediato o filho Karl, que ingressara no Partido Nazista em meados dos anos 1920 e já conquistara uma posição importante como líder das *Sturmabteilung* (Tropas de Assalto, SA) em Munique, para ver se ele sabia de algum cargo apropriado. A resposta de Karl foi cautelosamente otimista.[211](#) Sob a competente liderança de Ernst Röhm e beneficiando-se do número crescente de homens desempregados na Alemanha, as SA tinham passado de pouco mais de 60 mil membros em 1930 para mais de 150 mil homens no ano seguinte. Na atmosfera de guerra civil do início dos anos 1930, quando partidários armados dos nazistas se chocavam com seus oponentes com uma frequência quase diária, ex-oficiais como Heydrich, treinados em táticas militares, eram uma adição bem-vinda às fileiras nazistas. Contudo, enquanto a mãe e a noiva de Heydrich se mostravam entusiasmadas com a perspectiva de uma segunda carreira em uniforme para Heydrich, ele parece ter tido reservas iniciais, embora Lina o instigasse a examinar cuidadosamente a opção.[212](#) Foi somente quando Karl Eberstein lhe acenou com a perspectiva de um “cargo elevado” na sede do Partido Nazista, em Munique, que Heydrich concordou em tomar

esse caminho. O que Eberstein tinha em mente era um cargo na equipe de Heinrich Himmler, o chefe ainda praticamente desconhecido da *Schutzstaffel* (Brigada de Proteção, SS), uma diminuta, mas elitista formação paramilitar subordinada à liderança de Ernst Röhm nas SA.[213](#)

Em parte como resultado de circunstâncias além de seu controle - a severa decisão da corte militar de dispensá-lo da marinha, os infortúnios econômicos da família e, em termos mais gerais, a Grande Depressão - e em parte graças aos contatos da família e ao firme compromisso de Lina com a causa nazista, Heydrich, anteriormente bastante apolítico, que nunca lera *Mein Kampf* ou sequer ouvira falar da SS, estava prestes a entrar na formação paramilitar mais radical dentro do movimento de Hitler. Não seguiu esse caminho por alguma convicção ideológica profunda, mas porque o nazismo lhe oferecia a oportunidade de retornar a uma vida estruturada dentro de um uniforme, uma vida que trazia consigo um objetivo e uma saída para recuperar a confiança de Lina e de sua família de dedicados nazistas.

Como pré-condição para ser aceito no novo trabalho, Heydrich teve de ingressar no Partido Nazista, o que fez em 1º de junho de 1931. Seu número de filiação, 544.916, não o transformava exatamente num “Velho Militante” do movimento nazista, mas ele ingressava cedo o bastante para escapar da suspeita de carreirismo que os membros que se filiaram depois de 1933 tiveram em geral de enfrentar. Heydrich procurou rapidamente obter as duas cartas de recomendação exigidas para o cargo. A primeira referência veio de Karl Eberstein, que assegurou a Himmler que Heydrich era a pessoa adequada: “Com qualificações muito boas, prolongados serviços no exterior... Heydrich foi

dispensado da marinha devido a diferenças pessoais sem importância. Continuará recebendo seu salário por mais dois anos; portanto, por ora, pode trabalhar para o movimento sem paga”. Por ignorância ou para aumentar as chances de Heydrich em conseguir o trabalho, Eberstein acrescentou que Heydrich havia trabalhado durante “três anos como perito em inteligência na estação da Divisão do Estado-Maior do Mar do Norte e Báltico”.[214](#) Uma segunda carta de recomendação foi encaminhada pelo ex-oficial comandante de Heydrich, o capitão Warzecha:

Conheci o tenente naval Heydrich desde o início de seu serviço na marinha do Reich. Fui seu oficial-instrutor por dois anos durante o período de cadete e tive outras oportunidades de observar seu desenvolvimento como oficial. Estou bastante familiarizado com as razões de sua dispensa da marinha. Elas não me impedem de recomendar, de forma irrestrita, o tenente Heydrich para qualquer cargo que possa surgir.[215](#)

A solicitação de Heydrich, realçada pela insistência de Eberstein de que seu amigo de infância era um perito em espionagem, chegou numa hora propícia, pois Himmler estava empenhado em organizar um serviço de inteligência da SS. No verão de 1931, instigado pelo sucesso eleitoral do Partido Nazista e um correspondente afluxo de novos membros, frequentemente de lealdade questionável, para a causa, Himmler sentiu a necessidade urgente da criação de tal serviço. Temia, com razão, que alguns dos novos membros das SA e da SS estivessem sendo pagos pela polícia ou por adversários políticos para agirem como espiões ou agentes provocadores. Percebeu que precisava de um oficial adequadamente treinado em sua equipe de Munique para lidar com esse problema. Tendo sabido, por meio de Eberstein, de um ex-oficial da “inteligência” naval

que estava oferecendo seus serviços ao movimento nazista, convidou Heydrich para uma entrevista.[216](#)

O encontro com Himmler já havia sido marcado quando Eberstein telegrafou para Heydrich de Munique, dizendo que o chefe da SS estava doente. Heydrich estava pronto para remarcar a entrevista, mas Lina o instigou a viajar para Munique e se encontrar assim mesmo com Himmler. A importância que Lina dava a essa oportunidade está clara em suas memórias, onde, 35 anos depois, ela descreve o dia do primeiro encontro entre Heydrich e Himmler, 14 de junho de 1931, como o “maior momento de minha vida, de nossas vidas”.[217](#)

[73](#) O nascimento foi publicamente anunciado no jornal local, *Hallescher Central-Anzeiger*, em 10 de março de 1904.

[74](#) Registro batismal, 1904, St Franziskus und Elisabeth Kirche, Halle, p. 356, inscrição nº 154. Uma cópia do certificado de batismo pode ser encontrada em StaH, Handschriftenabteilung J 36. Ver também Aronson, *Frühgeschichte*, p. 320.

[75](#) As percepções da Alemanha guilhermina mudaram radicalmente desde o final da década de 1990. Para um relato se concentrando em seus aspectos sombrios, ver Volker Ullrich, *Die nervöse Grossmacht. Aufstieg und Untergang des Kaiserreiches, 1871-1918* (3ª ed., 2007). Para relatos subsequentes enfatizando a modernidade da Alemanha Imperial, ver Sven Oliver Müller e Cornelius Torp (orgs.), *Imperial Germany Revisited: Continuing Debates and New Perspectives* (Oxford e Nova York, 2010); Dominik Geppert e Robert Gerwarth (orgs.), *Wilhelmine Germany and Edwardian Britain: Essays on Cultural Affinity* (Oxford, 2008).

[76](#) “Gutachten über die rassische Herkunft des Oberleutnant z. Ver a.D. Reinhardt Heydrich”, 22 de junho de 1932, em BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich. Ver também Flachowsky, “Abstammung”, p. 325.

[77](#) Bruno Heydrich, “Bericht zum zehnjährigen Bestehen von Bruno Heydrich Konservatorium für Musik und Theater, I. Hallesches Konservatorium”, 1909, em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. II; Flachowsky, “Abstammung”, p. 325.

[78](#) Heydrich, “Bericht”, em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. II.

[79](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 6.

[80](#) *Ibid.*, pp. 7s. e 17. Sobre Cosima Wagner, ver Oliver Hilmes, *Herrin des Hügels. Das Leben der Cosima Wagner* (Munique, 2007).

[81](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 30.

[82](#) Bruno Walter, *Thema und Variationen. Erinnerungen und Gedanken* (Estocolmo, 1947), p. 117.

[83](#) Citações do dr. Otto Reitzel, Colônia no Reno, e do prof. Bulthaupt, Brêmen, em “Presstimmen über meine Thätigkeit als Sänger, Componist, Dirigent”, em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. I.

[84](#) Hans Pfitzner, *Reden, Schriften, Briefe. Unveröffentlichtes und bisher Verstreutes* (Berlim, 1955), p. 240. Sobre o papel de Pfitzner no Terceiro Reich, ver Sabine Busch, *Hans Pfitzner und der Nationalsozialismus* (Stuttgart, 2001). Sobre sua relação com Bruno Heydrich, ver John W. Klein, “Hans Pfitzner and the Two Heydrich”, *Music Review* 26 (1965), pp. 308-17.

[85](#) Ver, por exemplo, os comentários de Carl Wolff, 22 de setembro de 1895, em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. I.

[86](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 15-9; ver também a carta anônima de um colega de escola de Reinhard Heydrich, escrita para o editor W. Ludwig em resposta à publicação das memórias de Lina Heydrich, em IfZ, Ed 450.

[87](#) SS-Ahnentafel Heinz Siegfried Heydrich, em BAB, (BDC), RS (Rasse- und Siedlungshauptamt); ver também Aronson, *Frühgeschichte*, pp.15s.

[88](#) Todas as citações da brochura *Grosser populärer Erfolg von “Frieden”, Oper (Elegie) in 3 Akten (4 Bildern)* (Halle, 1907), em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. I.

[89](#) “13., 14. und 15. Jahresbericht von Bruno Heydrich Konservatorium für Musik und Theater, Halle 1915”, em StaH, Akten der Schulverwaltung, 118, vol. II. Ver

também Aronson, *Frühgeschichte*, 21; Hugo Riemann, *Riemanns Musik-Lexikon* (8ª ed., Berlim e Leipzig, 1916), vol. 1.

[90](#) Sobre a tendência da população em geral, ver Hans-Ulrich Wehler, *Deutsche Gesellschaftsgeschichte*, vol. 3: *Von der deutschen Doppelrevolution bis zum Beginn des Ersten Weltkrieges, 1849-1914* (2ª ed., Munique, 2007), pp. 724ss.; Jürgen Reulecke, *Geschichte der Urbanisierung in Deutschland* (Frankfurt am Main, 1985), pp. 68ss. Sobre Halle mais especificamente, ver Werner Freitag, Katrin Minner e Andreas Ranft (orgs.), *Geschichte der Stadt Halle*, vol. 2: *Halle im 19. und 20. Jahrhundert* (Halle an der Saale, 2006), pp. 18s., 33s., Mathias Tullner, *Halle 1806 bis 2006. Industriezentrum, Regierungssitz, Bezirksstadt. Eine Einführung in die Stadtgeschichte* (Halle an der Saale, 2007), pp. 40ss.

[91](#) Sobre a tendência geral, ver Matthew Jefferies, *Imperial Culture in Germany, 1871-1918* (Basingstoke e Nova York, 2003); Carl Dahlhaus, *Nineteenth-Century Music* (Berkeley, CA, 1989); Walter Frisch, *German Modernism: Music and the Arts* (Berkeley, CA, 2005); Celia Applegate, "Culture and the Arts", em James Retallack, *Imperial Germany, 1871-1918* (Oxford, 2008), pp. 106-27. Sobre Halle mais especificamente, Andrea Hauser, *Halle wird Grossstadt. Stadtplanung, Grossstadtleben und Raumerfahrungen in Halle an der Saale 1870 bis 1914* (Halle an der Saale, 2006), p. 21; Tullner, *Halle*, p. 51.

[92](#) Konrad Sasse, "Aus Halles Musikleben von der Mitte des 19. Jahrhunderts bis 1945", em Rat der Stadt Halle (org.), *Halle als Musikstadt* (Halle an der Saale, 1954), pp. 40-52, aqui p. 44.

[93](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 16.

[94](#) Freitag et al., *Halle*, p. 46; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 20 e 259, nº 44. Sobre a Loja Maçônica dos Três Sabres, ver Gustav Friedrich Hertzberg, *Geschichte der Freimaurerloge zu den drei Degen im Orient von Halle* (Halle, 1893, reeditado em 1907). "11. und 12. Jahresbericht des Konservatoriums von Bruno Heydrich", 1., em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. 1.

[95](#) Freitag et al. (orgs.), *Halle*, p. 46; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 16 e 20, nº 45. "Bericht zum 10jährigen Bestehen von Bruno Heydrich Konservatorium für Musik und Theater (1909)", p. 9, vol. II, e "11. und 12. Jahresbericht des Konservatoriums von Bruno Heydrich (1911)", pp. 3s., em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. I.

[96](#) Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 15s. e 25. Sobre Luckner, ver Norbert von Frankenstein, *Seeteufel Felix Graf Luckner. Wahrheit und Legende* (Hamburg, 1997).

[97](#) Ute Frevert, *Women in German History: From Bourgeois Emancipation to Sexual Liberation* (Oxford e Washington, DC, 1990) e a breve síntese fornecida por Angelika Schaser, "Gendered Germany", em Retallack (org.), *Imperial Germany*, pp. 128-50; Christian Berg, "Familie, Kindheit, Jugend", em *Handbuch der deutschen Bildungsgeschichte*, vol. IV, pp. 91-139, aqui pp. 99ss.

[98](#) Hauser, *Halle*, pp. 22s.; "Bericht zum 10jährigen Bestehen von Bruno Heydrich Konservatorium für Musik und Theater, 1. Hallesches Konservatorium (1909)", em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. I.

[99](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 113; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 32.

[100](#) Christopher Clark, "Religion and Confessional Conflict", em Retallack (org.), *Imperial Germany*, pp. 83-105.

[101](#) Chris Clark, "Religion and confessional conflict", em Retallack, *Imperial*

Germany, pp. 83-105; Olaf Blaschke e Frank-Michael Kuhlemann (orgs.), *Religion im Kaiserreich. Milieus - Mentalitäten - Krisen* (Gütersloh, 1996).

[102](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 56.

[103](#) Heinrich Silbergleit (org.), *Preussens Städte. Denkschrift zum 100jährigen Jubiläum der Städteordnung vom 19. November 1808* (Berlim, 1908), p. 61.

[104](#) Dederichs, *Heydrich*, p. 33; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 16 e 20; Herbert Edler von Daniels, "Reinhard Heydrich als nationalsozialistischer Leibeserzieher", *Leibesübungen und körperliche Erziehung* 61 (1942), pp. 114-17; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 24; Berno Bahro, "Reinhard Heydrich und Hermann Fegelein. Sportler - Soldaten - Helden", *Stadion. Internationale Zeitschrift für Geschichte des Sports* 31 (2007), pp. 111-30.

[105](#) Lina sustentou mais tarde que essas experiências tomaram conta da imaginação do jovem Reinhard a ponto de fazê-lo decidir ser oficial da marinha. Ver Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 22s.

[106](#) "Bericht zum 10jährigen Bestehen von Bruno Heydrich Konservatorium für Musik und Theater (1909)", em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. 1, s. 18.

[107](#) "11. und 12. Jahresbericht des Konservatoriums von Bruno Heydrich (1911)", pp. 3-4, em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. I.

[108](#) Carta anônima de um colega de escola de Reinhard Heydrich, escrita para o editor W. Ludwig, em resposta à publicação das memórias de Lina Heydrich, em IfZ, Ed 450. Ver também Lina Heydrich a Peter Schneiders (Amsterdã), 12 de janeiro de 1962, em NIOD, doc. I, 691A. Sobre a localização da casa, ver Steffen Mikolajczyk, "Eine aufstrebende Industriestadt huldigt der Monarchie. Der Kaiserbesuch 1903", em Werner Freitag e Katrin Minner (orgs.), *Vergnügen und Inszenierung. Stationen städtischer Festkultur in Halle* (Halle an der Saale, 2004), pp. 206-13; Hauser, *Halle*, pp. 105ss.

[109](#) "Bericht zum 10jährigen Bestehen von Bruno Heydrich Konservatorium für Musik und Theater, 1. Hallesches Konservatorium (Staatl. Genehmigte Anstalt)" (Halle, 1909), 17, em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. I, s. 13.

[110](#) Andrew Donson, *Youth in the Fatherless Land: War Pedagogy, Nationalism and Authority in Germany, 1914-1918* (Cambridge, MA, 2010), pp. 22s.

[111](#) Angelika Schaser, "Gendered Germany", em Retallack, *Imperial Germany*, pp. 128-50, aqui pp. 133s.

[112](#) Deschner, *Heydrich*, p. 26; depoimento pós-guerra de Maria Heydrich, segundo o qual o irmão lia apenas livros de aventuras, incluindo romances policiais e de espionagem. Ver Aronson, *Frühgeschichte*, p. 19.

[113](#) Sobre a opinião pública alemã em agosto de 1914, ver Jeffrey Verhey, *The Spirit of 1914: Militarism, Myth and Mobilization in Germany* (Cambridge, 2000); Steffen Bruendel, *Volksgemeinschaft oder Volksstaat. Die "Ideen von 1914" und die Neuordnung Deutschlands im Ersten Weltkrieg* (Berlim, 2003).

[114](#) Sobre a "geração jovem da guerra", ver Donson, *Youth*; Herbert, *Best*, particularmente pp. 42ss.: Wildt, *Generation*. Uma das melhores e primeiras descrições dos passatempos das crianças no período de guerra podem ser encontradas em Sebastian Haffner, *Geschichte eines Deutschen. Die Erinnerungen 1914-1933* (4ª ed., Stuttgart, 2000), p. 22. Haffner foi o primeiro a fazer a importante observação de que a geração de homens do período da guerra produziu menos nazistas radicais que a geração jovem da guerra.

[115](#) “13, 14. und 15. Jahresbericht des Konservatoriums von Bruno Heydrich” (Halle, 1915), pp. 4ss., em StaH, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. II. Sobre o trabalho com tricô como uma expressão feminina muito difundida de patriotismo, ver Donson, *Youth*, p. 85.

[116](#) Donson, *Youth*, p. 125.

[117](#) Deschner, *Heydrich*, pp. 23s. (baseado no depoimento pós-guerra de Erich Schulze).

[118](#) Alexander Rehding, *Hugo Riemann and the Birth of Modern Musical Thought* (Cambridge, 2003).

[119](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 18.

[120](#) *Ibid.*, p. 15.

[121](#) Prenome muito usado, na época, pelos judeus. (N. do T.)

[122](#) Depoimento pós-guerra da cunhada de Heydrich, Gertrude Heydrich, como citado em *ibid.*, p. 19 e 15, nº 21; ver também Deschner, *Heydrich*, p. 22 e 74.

[123](#) Dederichs, *Heydrich*, p. 45. Sobre a população judaica de Halle em 1910, ver Heinrich Silbergleit, *Die Bevölkerungs - und Berufsverhältnisse der Juden im Deutschen Reich* (Berlim, 1930), p. 24.

[124](#) Como era de se esperar, a literatura sobre esse tema é vasta. Para uma visão geral clássica, ver Peter G. Pulzer, *Die Entstehung des politischen Antisemitismus in Deutschland und Österreich 1867-1914* (2ª ed., Göttingen, 2004); Stefan Scheil, *Die Entwicklung des politischen Antisemitismus in Deutschland zwischen 1881 und 1912* (Berlim, 1999); Massimo Ferrari Zumbini, *Die Wurzeln des Bösen. Gründerjahre des Antisemitismus. Von der Bismarckzeit zu Hitler* (Frankfurt am Main, 2003); Olaf Blaschke, *Katholizismus und Antisemitismus im Deutschen Kaiserreich* (Göttingen, 1997).

[125](#) Sobre a propaganda durante a guerra, ver David Welch, *Germany, Propaganda and Total War, 1914-1918* (New Brunswick, NJ, 2000). Sobre seus efeitos sobre os jovens, ver Donson, *Youth*, pp. 176ss.

[126](#) Heinrich August Winkler, “Die Revolution von 1918/19 und das Problem der Kontinuität in der deutschen Geschichte”, *Historische Zeitschrift* 250 (1990), pp. 303-19. Fritz Klein, “Between Compiègne and Versailles: The Germans on the Way from a Misunderstood Defeat to an Unwanted Peace”, em Manfred F. Boemeke, Gerald D. Feldman e Elisabeth Glaser (orgs.), *The Treaty of Versailles: A Reassessment after 75 Years* (Nova York, 1998), pp. 203-20. Sobre o papel dos soldados retornando, ver Scott Stevenson, *The Final Battle: Soldiers of the Western Front and the German Revolution of 1918* (Cambridge, 2009).

[127](#) Georg Maercker, *Vom Kaiserheer zur Reichswehr. Geschichte des freiwilligen Landesjägerkorps. Ein Bitrag zur Geschichte der deutschen Revolution* (Leipzig, 1921).

[128](#) Robert Gerwarth, “The Central European Counter-Revolution: Paramilitary Violence in Germany, Austria and Hungary after the Great War”, *Past and Present* 200 (2008), pp. 175-209.

[129](#) Ver as memórias de Maercker, *Vom Kaiserheer zur Reichswehr*.

[130](#) Hans-Walter Schmuhl, “Halle in der Weimarer Republik und im Nationalsozialismus”, em Freitag et al. (orgs.), *Halle*, vol. 2, pp. 237-302, aqui pp. 237-48; ver também o informe do prefeito de Halle, *Oberbürgermeister Rive*, de 11 de abril de 1919, em StaH, Centralbüro Kap. I, Abt. B, nº 12, vol. I.

[131](#) Um cartão de identidade emitido em 6 de março de 1919 mostra que

Heydrich estava a serviço da Terceira Divisão do Regimento Landesjäger de Voluntários e da milícia de cidadãos de Halle. Ver BAB, R 58, anexo 21; BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich. Ver também Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 23ss., e Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 23.

[132](#) Gerwarth, “Counter-Revolution”; Hagen Schulze, *Freikorps und Republik* (Boppard, 1968); Dirk Schumann, *Politische Gewalt in der Weimarer Republik. Kampf um die Strasse und Furcht vor dem Bürgerkrieg* (Essen, 2001).

[133](#) Robert Waite, *Vanguard of Nazism: The Free Corps Movement in Postwar Germany, 1918-23* (Cambridge, MA, 1952).

[134](#) Longerich, *Himmler*, p. 34.

[135](#) Deschner, *Heydrich*, p. 22. Sobre as reações em geral da geração jovem da guerra à derrota alemã, ver Donson, *Youth*, p. 239.

[136](#) *Hallesche Nachrichten*, 30 de março de 1920, particularmente o suplemento “Die Schreckenstage em Halle vom 13. bis 26. März 1920”; sobre o contexto, ver Heinrich August Winker, *Von der Revolution zur Stabilisierung. Arbeiter und Arbeiterbewegung in der Weimarer Republik 1918 bis 1924* (Berlim e Bonn, 1984), pp. 515-20.

[137](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 23 e 259, nº 57.

[138](#) Heydrich prestou essa declaração em sua ficha de oficial da SS: BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich. Sobre a Liga, ver Stefan Breuer, *Die Völkischen in Deutschland. Kaiserreich und Weimarer Republik* (Darmstadt, 2008), pp. 150-60.

[139](#) BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich.

[140](#) BAB, R 58, anexo 21. Sobre a “Deutsche Orden”, ver Uwe Puschner, *Die völkische Bewegung im wilhelminischen Kaiserreich. Sprache, Rasse, Religion* (Darmstadt, 2001), p. 237.

[141](#) Helmut Kerstingjohänner, *Die deutsche Inflation, 1919-1923. Politik und Ökonomie* (Frankfurt am Main, 2004); Gerald D. Feldman, *The Great Disorder: Politics, Economics and Society in the German Inflation 1914-1924* (Oxford, 1993); Evans, *The Coming of the Third Reich*, pp. 103ss. Martin H. Geyer, *Verkehrte Welt. Revolution, Inflation und Moderne, München 1914-1924* (Göttingen, 1998); Aronson, *Frühgeschichte*, p. 12.

[142](#) Carta anônima de um colega de escola de Reinhard Heydrich, escrita para o editor W. Ludwig em resposta à publicação das memórias de Lina Heydrich, em *IfZ*, Ed 450.

[143](#) *Bratwurst* é uma salsicha de origem alemã, feita com carne de porco, carne de boi e às vezes vitela. (N. do T.)

[144](#) Carta de Bruno Heydrich para o procurador da cidade de Halle, 6 de julho de 1922, em *StaH*, Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. II. Sobre os avanços tecnológicos e as mudanças culturais a que Bruno Heydrich estava se referindo, ver Elisabeth Harvey, “Culture and Society in Weimar Germany: The Impact of Modernism and Mass Culture”, em Mary Fulbrook (org.), *Twentieth-Century Germany: Politics, Culture and Society 1918-1990* (Londres, 2001), pp. 279-97; Lynn Abrams, “From Control to Commercialization: The Triumph of Mass Entertainment in Germany 1900-1925”, *German History* 8 (1990), pp. 278-93; Corey Ross, *Media and the Making of Modern Germany: Mass Communications, Society and Politics from the Empire to the Third Reich* (Oxford, 2008).

[145](#) Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 23ss.; Deschner, *Heydrich*, p. 26s.

[146](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 22s.; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 25;

Deschner, *Heydrich*, p. 27.

[147](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 25; Deschner, *Heydrich*, p. 27; Dederichs, *Heydrich*, p. 39s.

[148](#) Deschner, *Heydrich*, p. 27 e 333, nº 3.

[149](#) Heinz Lemmermann, *Kriegserziehung im Kaiserreich. Studien zur politischen Funktion von Schule und Schulmusik 1890-1918*, 2 vols. (Liliental bei Bremen, 1984), vol. 2, p. 671; Donson, *Youth*, p. 54s.

[150](#) Richard Bessel, "The 'Front Generation' and the Politics of Weimar Germany", em Mark Roseman (org.), *Generations in Conflict: Youth Revolt and Generation Formation in Germany, 1770-1968* (Cambridge, 2003), pp. 121-36.

[151](#) Sobre a "vergonha" de 1918 e Scapa Flow, ver Andreas Krause, *Scapa Flow. Die Selbstversenkung der wilhelminischen Flotte* (Berlim, 1999). Sobre a marinha de Weimar, ver Keith W. Bird, *Weimar, the German Naval Officer Corps and the Rise of National Socialism* (Amsterdã, 1977); Michael Salewski, *Die Deutschen und die See. Studien zur deutschen Marinegeschichte des 19. und 20. Jahrhunderts*, 2 vols. (Stuttgart, 1998 e 2002), vol. 2, pp. 102-14. Sobre a imagem dos oficiais alemães, ver Ursula Breymayer e Bernd Ulrich (orgs.), *Willensmenschen. Über deutsche Offiziere* (Frankfurt am Main, 1999).

[152](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 25; Deschner, *Heydrich*, p. 27.

[153](#) "Deutsche Dienststelle für die Benachrichtigung der nächsten Angehörigen von Gefallenen der ehemaligen deutschen Wehrmacht (WASt)", 8 de julho de 2009. Ver também Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 25, 27 e 259, nº 65; Deschner, *Heydrich*, p. 27; Dederichs, *Heydrich*, p. 40. Sobre a Escola Naval de Mürwick, ver Jörg Hillmann e Reinhard Scheiblich, *Das rote Schloss am Meer. Die Marineschule Mürwik seit ihrer Gründung* (Hamburgo, 2002).

[154](#) Depoimentos pós-guerra de Hans Rehm e Hans Heinrich Lebram, como citados em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 26s.; ver também Deschner, *Heydrich*, p. 28. Enquanto Rehm descreveu sua antipatia com relação a Heydrich como parte de um sentimento generalizado dentro de seu grupo de cadetes, Lina Heydrich sugeriu que Rehm era o único cadete "abertamente hostil" na "Turma de 22" de Heydrich. Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 23.

[155](#) Beucke como citado em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 27s.; ver também Deschner, *Heydrich*, p. 28.

[156](#) Deschner, *Heydrich*, p. 29.

[157](#) BAB, R 58, anexo 21; Lina Heydrich para Peter Schneiders (Amsterdã), 12 de janeiro de 1962, NIOD, doc. I, 691A; Deschner, *Heydrich*, p. 30; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 22.

[158](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 23s.

[159](#) Deschner, *Heydrich*, p. 28s.; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 23s.

[160](#) Depoimento pós-guerra de Rehm segundo Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 26ss. e 260, nº 71. Segundo Dederichs e Calic, Heydrich foi "doutrinado" por Canaris; ver Dederichs, *Heydrich*, p. 42; Calic, *Heydrich*, pp. 32-40, particularmente p. 38.

[161](#) Lina Heydrich como citado em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 34.

[162](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 28s.

[163](#) Deschner, *Heydrich*, p. 30; ver também Michael Müller, *Canaris. Hitlers Abwehrchef. Biographie* (Berlim, 2006), p. 123; Heinz Höhne, *Canaris. Patriot im Zwielicht* (Munique, 1976), p. 91; André Brissaud, *Canaris. Fürst des deutschen*

Geheimdienstes oder Meister des Doppelspiels? (Frankfurt am Main, 1976), p. 26s.; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 24.

[164](#) Lehmann-Jottkowitz, como citado em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 32.

[165](#) Depoimento pós-guerra de Lebram como citado em *ibid.*, p. 31; ver também Deschner, *Heydrich*, p. 32s. Os relatos pós-guerra de Lebram da falta de modos de Heydrich são pouco convincentes e estão em contradição com outros relatos. Ver por exemplo o relato pós-guerra de seu amigo de infância Günther Gereke, como citado em Calic, *Schlüsselfigur*, p. 48, e o de seu colega de turma Heinrich Beucke, em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 32 e 260, nº 80.

[166](#) “Deutsche Dienststelle für die Benachrichtigung der nächsten Angehörigen von Gefallenen der ehemaligen deutschen Wehrmacht (WASSt)”, 8 de julho de 2009; ver também Aronson, *Frühgeschichte*, p. 31.

[167](#) Beucke, como citado em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 32.

[168](#) Schultze, como citado em Deschner, *Heydrich*, p. 35.

[169](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 33; e a descrição mais “colorida” em Calic, *Heydrich*, p. 38.

[170](#) Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 32 e 260, nº 80. Lebram e Lina Heydrich confirmaram essa avaliação em suas lembranças de pós-guerra. Ver o depoimento de Lebram em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 33, e Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 24.

[171](#) Beucke, como citado em Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 32 e 260, nº 80. Ver também Deschner, *Heydrich*, p. 34.

[172](#) Célebre aviador alemão da Primeira Guerra Mundial. (N. do T.)

[173](#) Christine Eisenberg, “Massensport in der Weimarer Republik. Ein statistischer Überblick”, *Archiv für Sozialgeschichte* 33 (1993), pp. 137-77, aqui p. 147.

[174](#) Calic, *Heydrich*, p. 35; Dederichs, *Heydrich*, p. 44.

[175](#) Carta de Gustav Kleikamp em *Der Spiegel*, 9/1950 (2 de março de 1950), p. 42.

[176](#) Beucke, como citado em Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 32 e 260, nº 80.

[177](#) Lebram, como citado em *ibid.*, p. 49.

[178](#) Beucke, como citado em *ibid.*, pp. 32 e 260, nº 80.

[179](#) *Ibid.*, p. 53.

[180](#) *Ibid.*, p. 34; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 12ss.

[181](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 7s.; Dederichs, *Heydrich*, p. 30s.

[182](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 9; Dederichs, *Heydrich*, p. 49.

[183](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 10s.; Deschner, *Heydrich*, p. 37; Dederichs, *Heydrich*, p. 50.

[184](#) Reinhard Heydrich para Lina von Osten, 18 de dezembro de 1930, em IfZ, Ed 450.

[185](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 34; Deschner, *Heydrich*, p. 37. Sobre o declínio social e a radicalização política da aristocracia alemã, ver Stephan Malinowski, *Vom König zum Führer. Deutscher Adel und Nationalsozialismus* (Frankfurt am Main, 2003).

[186](#) Lina Heydrich, como citado em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 54.

[187](#) Lina Heydrich, como citado em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 35.

[188](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 34; Deschner, *Heydrich*, p. 37s.; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 42s.

- [189](#) Evans, *Coming of the Third Reich*, p. 76.
- [190](#) Richard J. Evans, "The Emergence of Nazi Ideology", em Jane Caplan (org.), *Nazy Germany* (Oxford, 2008), pp. 26-47.
- [191](#) Jürgen Falter, Thomas Lindenberger e Siegfried Schumann, *Wahlen und Abstimmungen in der Weimarer Republik. Materialien zum Wahlverhalten 1919-1933* (Munich, 1986), p. 41.
- [192](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 12s. e 19; Dederichs, *Heydrich*, p. 50.
- [193](#) Reinhard Heydrich para os pais de Lina von Osten, 3 de janeiro de 1931, em IfZ, Ed 450.
- [194](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 20; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 34; Dederichs, *Heydrich*, p. 50s.; Deschner, *Heydrich*, p. 38; Calic, *Heydrich*, p. 45.
- [195](#) Deschner, *Heydrich*, p. 39; Dederichs, *Heydrich*, p. 51; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 35; Deschner, *Heydrich*, p. 39; Gustav Kleikamp, *Der Spiegel*, 9/1950 (2 de março de 1950), p. 42; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 21.
- [196](#) Beucke, como citado em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 35. Essa versão dos acontecimentos foi sustentada por um dos membros do tribunal de honra, o vice-almirante Gustav Kleikamp. Ver *Der Spiegel*, 2 de março de 1950, p. 42s.
- [197](#) Kleikamp em *Der Spiegel*, 2 de março de 1950.
- [198](#) Kleikamp em *Der Spiegel*, 2 de março de 1950. Ver também Aronson, *Frühgeschichte*, p. 35; Deschner, *Heydrich*, p. 40; Dederichs, *Heydrich*, p. 51.
- [199](#) Notícia da dispensa de Heydrich em *Marineverordnungsblatt*, 1º de maio de 1931; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 25.
- [200](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 21 e 26s.; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 35; Deschner, *Heydrich*, p. 40.
- [201](#) Números do desemprego segundo Falter *et al.*, *Wahlen*, p. 38. Sobre as origens e consequências da Grande Depressão, ver Milton Friedman e Anna Jacobson Schwartz, *The Great Contraction, 1929-1933* (Princeton, NJ, 2008); Patricia Clavin, *The Great Depression in Europe, 1929-1939* (Basingstoke, 2000).
- [202](#) Deschner, *Heydrich*, p. 40; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 20s.; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 35.
- [203](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 21; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 36.
- [204](#) "Abschrift des Berichts aus dem September 1931 über die Besichtigung des Heydrichchen Musikseminars", StaH, Akten der Schulverwaltung, 118, vol. II; ver também Aronson, *Frühgeschichte*, p. 36; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 21s.
- [205](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 25.
- [206](#) Uma cópia está reproduzida em *ibid.*, p. 32.
- [207](#) Deschner, *Heydrich*, 41; Dederichs, *Heydrich*, p. 54; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 25.
- [208](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 26; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 36.
- [209](#) Deschner, *Heydrich*, p. 41; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 22; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 37.
- [210](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 33.
- [211](#) Depoimento de Karl von Eberstein em julgamento no pós-guerra, 15 de outubro de 1965, em Eberstein Papers, Bayerisches Hauptstaatsarchiv, Munich.
- [212](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 37; Dederichs, *Heydrich*, p. 54; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 25; Deschner, *Heydrich*, p. 42.
- [213](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 37.

[214](#) BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich; carta de referência de Eberstein, em Arquivos Nacionais, Kew, WO 219/5283, p. 5.

[215](#) Carta de referência de Warzecha, em Arquivos Nacionais, Kew, WO 219/5283, pp. 5-6.

[216](#) George C. Browder, *Foundations of the Nazi Police State: The Formation of Sipo and SD* (Lexington, KY, 1990), p. 21.

[217](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 26; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 37; Deschner, *Heydrich*, pp. 43ss.

CAPÍTULO 3



Tornando-se Heydrich

Uma Segunda Chance

EM 14 DE JUNHO DE 1931, POUCO ANTES DO MEIO-DIA, HEYDRICH CHEGOU À ESTAÇÃO Central de Munique. Seu amigo de infância, Karl von Eberstein, foi esperá-lo na estação e levou-o de carro para a granja avícola de Himmler, em Waldtrudering, subúrbio de Munique, onde o *Reichsführer-SS* estava se recuperando da gripe.[218](#) O encontro ia se revelar importante, o início de um relacionamento de onze anos de estreita colaboração e respeito mútuo. Muito foi escrito desde a Segunda Guerra Mundial sobre a suposta rivalidade entre os dois homens e as ostensivas tentativas posteriores de Heydrich para pôr Himmler de lado em busca do poder total.[219](#) Mas os depoimentos pós-guerra de ex-oficiais da SS em que essa interpretação foi baseada são geralmente pouco confiáveis e concentrados de forma muito estreita nas diferenças mais evidentes entre o “mestre-escola” Himmler, movido pela ideologia, cuja aparência física se mantinha em violento contraste com sua própria visão da SS, e Heydrich, friamente racional, supostamente movido apenas pelo interesse na carreira. A testemunha-chave para o mito da rivalidade entre os dois, Felix Kersten, massagista de Himmler, afirmou que, ao lado do *Reichsführer-SS*, frequentemente indeciso e inseguro, Heydrich dava a impressão de ser feito de “aço afiado”. Segundo Kersten, só o “fato” da ascendência judaica de Heydrich permitia que Himmler mantivesse seu primeiro-tenente sob controle.[220](#)

Na realidade, os dois tinham uma relação de confiança profunda, talentos complementares e convicções políticas

compartilhadas. Himmler, apenas quatro anos mais velho que Heydrich, vinha também de uma família instruída de classe média, sendo filho do diretor de uma das melhores escolas secundárias da Baviera, o Wittelsbach Gymnasium. Fora convocado para o serviço militar em 1917 e, no ano seguinte, vivera o colapso alemão como aspirante no quartel do exército em Regensburg. O despertar político de Himmler ocorreu nitidamente mais cedo que o de Heydrich: politizado pela guerra e pelo seu vergonhoso fim, ingressou nos Freikorps para fazer frente, em 1919, à República Soviética de Munique, que pouco durou; simultaneamente, estudava para conquistar seu certificado de conclusão escolar *Abitur*, que obteve no mesmo ano. Entre 1919 e 1922, estudou na Universidade Técnica de Munique, conseguindo um diploma em agricultura. Trabalhou durante um ano numa fábrica em Schleissheim, que produzia fertilizantes de esterco, mas estava cada vez mais obcecado pela política. Por meio de antigos contatos dos Freikorps e de um envolvimento posterior com duas sociedades *völkisch* e antissemitas radicais, a Liga Artamanen e a Sociedade Thule, Himmler teve conhecimento do Partido Nazista, que então emergia, nele ingressando em agosto de 1923 e de cujas fileiras participava durante o malogrado *putsch* em Munique, promovido por Hitler em novembro daquele ano. No verão de 1924, quando o partido de Hitler estava na ilegalidade, Himmler tornou-se secretário de Gregor Strasser - então o segundo homem mais poderoso do Partido Nazista e o principal patrocinador da ala nacional-bolchevique do partido. Atuando como chefe de propaganda de Strasser, viajou de moto por toda a Baviera. Seu casamento, em julho de 1928, com a enfermeira Margarete Boden, sete anos mais velha que ele, permitiu-lhe adquirir

uma granja avícola em Waldtrudering depois de Margarete ter vendido sua parte num asilo para idosos em Berlim.[221](#)

Desde que Himmler assumira a liderança da (então ainda minúscula) SS em 1929, seu desejo de transformá-la numa organização para a elite racial tinha se refletido na introdução de critérios de seleção física para seus homens. Ele considerava o corpo “ariano” como a figura perfeita de um estado ideal de humanidade, que se distinguiu de corpos enfermos e “inferiores”. Queria homens altos, de olhos azuis, que pudessem mostrar árvores genealógicas livres de alguma “origem racial inferior”: o corpo era o local onde a qualidade de integrante da raça ariana de uma pessoa podia ser “verificada”. Como era de se esperar, Himmler ficou muito impressionado pelo jovem candidato que se apresentou na tarde de 14 de junho de 1931. Louro, de olhos azuis e com um pouco mais de 1,80 metros de altura, Heydrich chegava a ultrapassar os rigorosos critérios de recrutamento para a escolta SS de Hitler, a elitista “Leibstandarte Adolf Hitler”.[222](#)

Himmler conversou com Heydrich sobre seus planos de criar um serviço de inteligência dentro da SS. Foi somente nesse ponto que eles perceberam que seu encontro estava baseado num mal-entendido. Heydrich fora um oficial de rádio na marinha, não um oficial de inteligência.[223](#) Indiferente à compreensão de que o candidato na sua frente não possuía qualquer qualificação anterior para o trabalho de espionagem, Himmler pediu que Heydrich esboçasse um plano organizacional para uma agência de inteligência da SS e lhe deu vinte minutos para completar a tarefa. Sem qualquer experiência prévia no campo da espionagem, Heydrich recorreu ao conhecimento mínimo que obtivera após anos de leitura de histórias policiais e romances de

espionagem baratos, revestindo as sugestões para um futuro serviço de inteligência da SS com uma fraseologia adequadamente militar. Seu conhecimento mínimo de espionagem parece ter ultrapassado o de Himmler: o *Reichsführer-SS* ficou impressionado e o contratou, preferindo ele a um segundo candidato, um ex-capitão da polícia chamado Horninger. Os instintos de Himmler souberam orientá-lo. Horninger se revelou um agente da Polícia Política Bávara e foi preso após a tomada do poder pelos nazistas em 1933, cometendo suicídio na prisão algum tempo depois.[224](#)

O salário de Heydrich começou com modestos 180 reichsmarks por mês – mais do que Eberstein havia sugerido a Himmler na carta de recomendação, mas consideravelmente menos do que, por exemplo, um trabalhador especializado da indústria química (228 RM por mês), um estagiário do serviço público (244 RM) ou mesmo um empregado do comércio sem especialização (228 RM) poderiam esperar ganhar em 1931.[225](#) O fato de Heydrich ter preferido o cargo na SS em vez de um dos empregos mais bem pagos que eram oferecidos deveu-se a uma série de fatores: o desejo de impressionar a esposa e a família dela com um trabalho no movimento político que eles apoiavam, a natureza semimilitar do cargo e a atração por uma tarefa nova e desafiadora numa instituição revolucionária que rejeitava o próprio sistema político que, do ponto de vista de Heydrich, tinha simplesmente dado fim à sua aparentemente segura carreira naval.[226](#)

Pelo resto da vida de Heydrich, Himmler foi seu principal ponto de referência ideológica e profissional, talvez até mais que Hitler. Do início ao fim de sua carreira na SS, Heydrich se manteve consciente da dívida que tinha para com o

Reichsführer-SS e Himmler pôde confiar na sua inabalável lealdade. Embora o relacionamento dos dois fosse de natureza hierárquica, estava baseado não na subordinação, mas em estreita colaboração - num sentimento de compreensão mútua e na busca de um objetivo comum. A natureza desse objetivo ia se transformar com o correr do tempo, à medida que as políticas nazistas fossem gradualmente se radicalizando e a escalada do terror e das perseguições dentro do Reich se convertesse em genocídio pan-europeu, mas durante todo o caminho que compartilharam em suas carreiras os dois sempre souberam que podiam confiar um no outro. Como o próprio Himmler expressou no funeral de Heydrich em 1942: “Tenho o privilégio de agradecer-lhe por uma lealdade inabalável e por sua esplêndida amizade, que foi um laço entre nós nesta vida e que a morte nunca poderá romper!”.[227](#)

Embora formalmente Himmler não tivesse assistente, Heydrich desempenhou *de facto* esse papel a partir de 1933. Mas Heydrich foi mais que o leal paladino e vassalo de Himmler: foi também o homem que transformou a visão de mundo nazista, como expressa por Hitler e Himmler, em políticas concretas. Embora Himmler não fosse de modo algum um líder fraco e possuísse um pronunciado talento estratégico para lidar com outros veteranos nazistas e com os subordinados, Heydrich era seu executor - um homem de ação, de feitos concretos e implementação. O que distinguia Himmler de outros líderes nazistas era sua profunda convicção ideológica e uma concentração decidida nos objetivos, assim como a astuta capacidade de manobrar dentro das intrigas políticas que caracterizavam o Terceiro Reich. Heydrich provou ser o mais ávido discípulo de Himmler em questões ideológicas, exibindo ao mesmo

tempo uma energia insuperável para realizar suas fantasias insólitas.

Em seguida à bem-sucedida entrevista com Himmler, Heydrich viajou para Hamburgo, onde ingressou na SS em 14 de julho de 1931. Nessa época, a organização era pequena e relativamente insignificante. A SS serviu originalmente como corpo de guarda-costas pessoais de Hitler após sua libertação da Prisão Landsberg, onde ele passara a maior parte do ano de 1924 por causa da fracassada tentativa de golpe em Munique, no ano anterior. Era subordinada às SA e continuou sendo uma organização subsidiária durante alguns anos, mas rapidamente desenvolveu uma consciência especial de si própria como guarda de honra do Partido Nazista, extremamente leal a Hitler.[228](#)

A SS se manteve como organização minúscula, com no máximo 280 membros, até Himmler assumir sua liderança em 1929. Impelido por ambição política e pela convicção ideológica de que sua organização poderia servir de exemplo para o partido ao aderir estritamente aos princípios do nazismo, concebeu um programa de expansão que iria convertendo sistematicamente a SS numa elite racial dentro do movimento nazista. Exigia que cada possível novo membro da SS fornecesse uma foto para que ele pudesse examinar pessoalmente as características raciais ou “o sangue bom” do candidato. O caráter elitista da organização atraiu um grande número de jovens de direita com diploma universitário, gente sem emprego e com poucas esperanças de encontrar trabalho durante a Grande Depressão. Ela também agradava a ex-oficiais dos Freikorps, muitos deles pequenos aristocratas procurando um abrigo político depois da criação da República de Weimar, que parecia exótica e

hostil. Entre esses oficiais se incluíam futuros elementos-chave do império da SS, como o ex-oficial pomerânio da Reichswehr, Erich von dem Bach-Zelewski, e o primeiro-tenente Udo von Woyrsch, um veterano dos graves conflitos étnicos decorridos na Alta Silésia após 1918.[229](#) Em dezembro de 1929, menos de doze meses após Himmler ter assumido o comando, a SS já havia alistado mil homens. Em fins de 1930, esse número havia subido para 2.727 e, no momento do ingresso de Heydrich, em meados de julho de 1931, contava com mais de 10 mil membros. Mesmo assim, em comparação com as SA, que nessa época tinham quase 100 mil homens, a SS continuava sendo uma organização relativamente pequena.[230](#)

Ao contrário das SA, cujos líderes locais representavam uma variedade de tendências políticas e ambições pessoais dentro do movimento nazista, às vezes desafiando diretamente a autoridade da liderança do partido em Munique, a SS demonstrava repetidamente uma lealdade incondicional a Hitler. No verão de 1930 e de novo na primavera de 1931, por exemplo, o grupo das SA em Berlim, sob a liderança de Walter Stennes, organizou uma revolta aberta contra o chefe da ramificação do Partido Nazista na capital, Joseph Goebbels, para assegurar mais cadeiras para membros das SA nas próximas eleições gerais. Goebbels se voltou para a SS em busca de proteção pessoal. Embora com efetivos menores que seus adversários das SA, a SS ficou ao lado da liderança do partido e emergiu fortalecida dessa crise interna do partido.[231](#)

Heydrich, então, ingressou na SS num importante momento de reviravolta de sua história, o que em parte ajuda a explicar o apelo que a organização teve para ele: a SS prometia uma carreira de tipo militar e a oportunidade

de progresso rápido dentro de uma corporação ainda maleável, que promovia pontos de vista revolucionários para a reorganização da Alemanha. Mesmo que o salário fosse modesto, a nova atividade oferecia a Heydrich, ávido leitor de histórias policiais, um trabalho numa organização de elite que restaurava sua abalada autoconfiança. Também oferecia um sistema ideológico abrangente, com um mundo binário claramente definido de amigos e inimigos, parecendo assim explicar, de modo coerente, um mundo cada vez mais complicado.

Nas duas semanas seguintes, entre meados de julho e inícios de agosto, Heydrich serviu na SS em Hamburgo, onde foi introduzido num meio político de nazistas fanáticos. Foi lá que conheceu Bruno Streckenbach, um homem que ia se tornar seu íntimo associado em anos futuros, dirigindo o departamento de pessoal do aparelho de terror de Heydrich e comandando a maior força-tarefa da SS durante o ataque alemão à Polônia em 1939. Nascido em 1902, Streckenbach fora criado numa família de classe média em Hamburgo e fora profundamente politizado pela guerra e pelas sublevações que a ela se seguiram. Ao contrário de Heydrich, largara os estudos em 1918 para combater a revolução em Hamburgo. Deu continuidade a seu ativismo de direita durante a década de 1920, pegando empregos temporários numa firma de importação e no Automóvel Clube da Alemanha para sobreviver. Em seguida a filiações a vários pequenos grupos marginais de extrema-direita, Streckenbach ingressou no Partido Nazista em 1930, tornando-se membro da SS de Hamburgo no início de agosto de 1931.[232](#)

Como um recém-chegado sem a credibilidade de uma militância de rua, Heydrich teve de mostrar seu valor nas

batalhas contra os encontros de comunistas e social-democratas na reta final das eleições locais de Hamburgo, de 27 de setembro de 1931, nas quais o número de representantes dos nazistas na câmara de vereadores passaria de 3 para 43.[233](#) Nessas ocasiões, pequenas unidades motorizadas da SS atacavam reuniões partidárias de adversários políticos e desapareciam antes da chegada da polícia. Ao que parece, Heydrich conquistou rapidamente uma certa notoriedade como líder de uma tropa de choque, tornando-se conhecido nos círculos comunistas de Hamburgo como a “besta louca”, cujo destacamento exibia uma impressionante disciplina militar.[234](#) Streckenbach possuía grande experiência no combate a comunistas, sociais-democratas e sindicalistas nas ruas de Hamburgo e, sem a menor dúvida, exerceu influência sobre Heydrich durante o tempo que este passou em Hamburgo. Também para Streckenbach, o encontro se mostrou vantajoso: em novembro de 1933, ele ingressou no SD de Heydrich, foi nomeado chefe da polícia política em Hamburgo e, com o apadrinhamento de Heydrich, conseguiu chegar a *SS-Brigadeführer* (brigadeiro) no início da Segunda Guerra Mundial.[235](#)

Em agosto, Heydrich retornou a Munique para assumir seu novo cargo na sede do Partido Nazista, a Casa Marrom. Himmler confiou a Heydrich o desenvolvimento de um serviço de inteligência da SS, o futuro *Sicherheitsdienst* (Serviço de Segurança ou SD), que em 1931 mostrava pouca semelhança com a sinistra organização que ia se tornar em anos subsequentes. Seu modelo original era o Ic – o pequeno departamento de contraespionagem do exército alemão, cuja estrutura organizacional Heydrich procurava reproduzir. A tarefa inicial do SD era dupla: reunir

informação sobre adversários políticos, particularmente o Partido Comunista (KPD) e o Partido Social-Democrata (SPD), e (uma questão mais delicada que criaria repetidamente problemas para o SD) procurar informantes da polícia e espiões comunistas disfarçados dentro do Partido Nazista, que crescia rapidamente.[236](#)

Os primórdios do SD foram muito modestos: em comparação com o serviço de inteligência das SA, mais consolidado, que operava separadamente sob a direção do conde Du Moulin Eckart, o SD era uma organização de um homem só. Heydrich era o único membro de seu quadro de pessoal, organizando um sistema básico de arquivos com fichas contendo os nomes de inimigos políticos. Devido aos fundos limitados, era obrigado a compartilhar sua sala e sua máquina de escrever na Casa Marrom com Richard Hildebrandt, chefe do Estado-Maior da minúscula Divisão Sul da SS, que, durante a Segunda Guerra Mundial, tornou-se chefe da SS e da polícia de Danzig-Prússia Ocidental.[237](#)

Apesar desse nada impressionante ambiente de trabalho, Heydrich começou a recuperar a confiança e se animou com suas novas responsabilidades. Um dia apenas depois de assumir o novo cargo, escreveu uma carta aos pais de Lina, na qual procurava convencê-los de que as dúvidas com relação à sua possibilidade de enfrentar as obrigações de um casamento eram agora infundadas e que ele já caíra nas graças de seus superiores por meio de trabalho árduo. A partir de 1º de setembro de 1931, receberia um salário regular, que lhe permitiria sustentar uma família e pagar o dinheiro que tomara emprestado da família de Lina após a dispensa da marinha:

Meu cargo e meu trabalho me dão grande prazer. Posso trabalhar com independência e construir alguma coisa nova. Acima de tudo, independentemente da situação política que estamos hoje vivendo, este cargo me permitirá construir um lar, o objetivo para o qual todo o meu trabalho esteve e continua a estar voltado. De 1º de setembro em diante, ainda que restringindo devidamente meu estilo de vida, estarei em condições de quitar minhas dívidas com as mais altas parcelas de amortização possíveis. Aluguei um quarto barato, muito simples, num bairro muito bom, de uma pacata senhora de idade. Meu dia de trabalho é extremamente longo... É provável que eu venha a realizar extensas viagens oficiais por toda a Alemanha como representante do *Reichsführer-SS* num futuro próximo e espero conseguir também chegar a Lütjenbrode. Até lá, os mais calorosos cumprimentos do vosso Reinhard.[238](#)

Somente dez dias depois, em 22 de agosto, Heydrich anunciou à sogra que, em sua próxima visita, pagaria a soma total que lhe pedira emprestado. Tinha, Heydrich enfatizou com orgulho, muito que fazer agora que pertencia ao grupo mais próximo de Himmler e trabalhava todo dia, inclusive aos domingos, até tarde da noite:

Estou criando uma grande organização conforme um projeto meu, o que reclama toda a minha energia. Como naturalmente gasto o mínimo possível comigo mesmo, fazendo apenas as despesas mais essenciais de casa e comida, e como quero ser capaz de dar-lhe provas das maiores economias possíveis no início de setembro, a senhora pode imaginar como é minha rotina diária. Provavelmente não preciso dizer que meus pensamentos desviam-se para Lütjenbrode a cada minuto livre. Hoje tive notícias muito boas: *herr Himmler, Reichsführer-SS*, garantiu-me que, depois de me casar, receberei 290 reichsmarks por mês.

Em noites tranquilas, sinto frequentemente saudades do mar e do norte.[239](#)

Embora obviamente a carta fosse escrita para recuperar a confiança de Mathilde von Osten em sua capacidade de sustentar uma família, a descrição feita por Heydrich de sua frenética rotina de trabalho provavelmente não era

exagerada, já que o desenvolvimento e a extensão iniciais das responsabilidades do SD estavam estreitamente relacionadas com suas enormes ambições pessoais. Segundo o futuro principal ordenança de Himmler, Karl Wolff, o então ainda muito “inseguro jovem” já havia feito sua primeira palestra sobre táticas inimigas num encontro de comando com 65 oficiais superiores da SS em Munique, a 26 de agosto de 1931, menos de dois meses após ingressar num ambiente de trabalho com o qual não tinha a menor familiaridade. De um modo que ia se tornar característico seu, Heydrich enfatizou a importância de sua própria tarefa, lembrando ao público que o Partido Nazista era continuamente ameaçado e espionado tanto pela polícia quanto por outros partidos políticos. Para enfrentar essa ameaça concreta, anunciou seu desejo de organizar um pequeno grupo de homens da SS encarregados de desmascarar os espiões dentro do movimento nazista. Poucos anos depois, após a tomada do poder, Heydrich ia usar argumentos semelhantes para justificar uma extensão dos poderes da SS: sugerindo que a comunidade nacional estava cercada e penetrada por inimigos internos que tinham conseguido se camuflar como nazistas leais, fez a defesa convincente de uma força de ataque extraordinária, capaz de descobrir e eliminar os inimigos dentro do movimento nazista.[240](#)

As sugestões de Heydrich foram prontamente colocadas em prática: uma ordem de Himmler, em 4 de setembro de 1931, determinava o desenvolvimento de uma rede de agentes com o objetivo de formar um núcleo de inteligência. Uma passagem contida na ordem, declarando que o grupo restringiria suas atividades a organizações não governamentais, era mera camuflagem para a

eventualidade de a polícia bávara tomar conhecimento do plano.[241](#)

Durante os primeiros meses em Munique, Heydrich morou sozinho como inquilino na casa de uma viúva idosa, Viktoria Edrich, simpatizante de longa data do Partido Nazista. A casa ficava na Türkenstrasse 23, no bairro boêmio de Schwabing, onde Edrich alugava quartos para homens solteiros da SS. Em dezembro de 1931, Heydrich transferiu seu serviço de inteligência, com uma equipe de três membros recentemente nomeados, para seus aposentos na casa, de modo a proteger o trabalho de potenciais espões na Casa Marrom.[242](#) Durante as semanas e os meses seguintes, Heydrich se esforçou para instalar oficiais de ligação do SD em cada um dos diferentes regimentos da SS espalhados pela Alemanha, com ordens de reunir informação sobre inimigos políticos e transmitir essa informação a Munique. Cerca de cinquenta desses oficiais de ligação estavam a postos no final de dezembro de 1931.[243](#)

Para grande contrariedade de Heydrich, o rápido progresso de seu trabalho não passou despercebido. Em novembro de 1931, o jornal *Münchner Post* publicou um artigo investigativo que detonou os esforços de Heydrich para manter sua organização secreta: o artigo falava a respeito de um novo serviço de inteligência da SS, destinado a se tornar “uma Cheka fascista” (um equivalente alemão da famosa organização soviética de segurança do Estado fundada por Lênin em 1917), se Hitler um dia ascendesse ao poder. De forma ainda mais prejudicial para ele, o jornal revelava quem acreditava ser o “verdadeiro cérebro por trás da organização: um ex-oficial de marinha chamado Reinhard Heydrich”. O *Post*, sem a menor dúvida,

superestimava a importância de Heydrich na época, mas o artigo o convenceu de que estava cercado por espiões e que não podia ter tanta confiança em seus colegas no futuro.[244](#)

No final de 1931, Heydrich havia de tal forma consolidado seu futuro profissional e suas finanças pessoais que pôde finalmente se casar com sua noiva. No primeiro dia depois do Natal, data do aniversário do sogro, Reinhard Heydrich casou-se com Lina von Osten na igreja protestante de Santa Catarina, em Grossenbrode, na costa do Báltico. A descrição pós-guerra que Lina fez do dia de seu casamento ilustra como ela já estava fortemente relacionada com círculos nazistas e como o casal utilizou essa ocasião formal para demonstrar suas convicções políticas:

Meu noivo ainda era praticamente desconhecido até então, mas eu já era alguém no Partido. Meu irmão era também conhecido como um dos primeiros 100 mil seguidores de Hitler... As SA e a SS tinham acabado de ser temporariamente proibidas. Mas a polícia não podia intervir facilmente no cemitério que cercava a igreja. As SA e a SS, vestindo camisas brancas e calças pretas, formaram uma guarda de honra pelo caminho que levava ao portão do cemitério. O pastor também estava do nosso lado... [e] nos deu uma citação de Lutero como divisa matrimonial: “E embora este mundo, cheio de demônios, ameace nos arruinar, Nós não temeremos, pois Deus quis que Sua verdade triunfasse por meio de nós”. Quando saímos da igreja, o organista tocou a Canção de Horst Wessel.[245](#) Quando deixamos o cemitério em seguida ao casamento, vários guardas de honra foram detidos pela polícia.[246](#)

Para marcar a feliz ocasião, Himmler promoveu Heydrich a *SS-Sturmbannführer* (major) – apenas sete dias depois de sua promoção a *SS-Hauptsturmführer* (capitão). Em pouco mais de 15 meses na SS, Heydrich já havia ultrapassado seu antigo posto militar na marinha. Mesmo que, naquele

momento, ser um oficial de marinha ainda trouxesse mais prestígio que uma carreira na SS, Heydrich deve ter sentido que sua vida entrava de novo nos trilhos. Himmler também autorizou o prometido aumento de salário para 290 reichsmarks, o que significava que (incluindo o pagamento indenizatório que Heydrich continuaria a receber da marinha durante mais alguns meses) a família Heydrich tinha uma renda total de 490 reichsmarks por mês - não exatamente uma fortuna, mas um salário confortável.[247](#)

O gesto generoso de Himmler era, pelo menos em parte, destinado a incentivar outros líderes da SS a seguir o exemplo de Heydrich, iniciando uma família com uma mulher racialmente adequada. Menos de uma semana após o casamento de Heydrich, em 31 de dezembro, Himmler emitiu sua famosa “ordem de casamento”, numa tentativa de transformar a SS de entidade exclusivamente masculina numa comunidade de famílias cuidadosamente selecionadas, a *SS-Sippengemeinschaft*. Homens solteiros da SS - incluindo os suspeitos de tendências homossexuais - foram convocados a se casar, mas antes de fazê-lo tinham de requerer a aprovação de Himmler para as noivas que escolhessem. Essa aprovação dependia de um teste de adequação racial realizado pelo Escritório Racial da SS (posteriormente Escritório de Raça e Assentamento ou RuSHA). Os prováveis noivo e noiva eram ambos submetidos a um exame médico e a testes para identificar doenças genéticas e problemas de fertilidade. Além disso, tinham de responder a questionários sobre a história médica de suas famílias. Um formulário especial, o chamado *Rassekarte*, era usado para registrar as características raciais de cada homem da SS e de sua futura noiva. Os relatórios eram então submetidos a Himmler para saber se

a reprodução mútua dos casais era “racialmente desejável”.[248](#)

O sentido e objetivo da obsessão de Himmler com a seleção e a reprodução raciais, objeto de muita zombaria e crítica fora da SS, era desenvolver a organização como uma comunidade racialmente superior de maridos, esposas e filhos. As esposas da SS não apenas assegurariam um quadro doméstico estável, no qual os maridos soldados pudessem reunir novas energias para suas tarefas de combate, mas também - o que era mais importante - serviriam como “preservadoras da espécie” no campo de batalha da “guerra do nascimento”, ocupando assim um lugar tão importante quanto o dos maridos dentro da comunidade racial.[249](#) No centro da ideologia racial de Himmler encontrava-se uma vulgarizada noção darwinista de seleção “positiva” e “negativa”. A família SS era fundamental para a realização de sua fantasia de criar uma nova aristocracia racial dentro da “raça nórdica-germânica”, uma “aristocracia de sangue e solo” que o mentor intelectual de Himmler, Walther Darré, descrevera num livro de 1930 que tinha essa expressão como título.[250](#)

Ideólogos da SS como Darré e Himmler colocavam os povos nórdicos - altos, louros e de olhos azuis - no cume da hierarquia racial em que viam ordenada a humanidade. Himmler de modo algum inventara ele próprio essa noção: a ideia de uma raça nórdica pura e superior, nascida para governar o mundo, tinha sido difundida décadas antes na Alemanha e em outros países europeus. Desde a virada do século, higienistas raciais vinham discutindo a possibilidade de usar a seleção racial para alcançar um nível mais elevado de desenvolvimento humano. Baseando suas ideias nas teorias de Darwin e nas subsequentes publicações do

primo de Darwin, Francis Galton, os higienistas raciais acreditavam que poderiam usar o princípio da seleção para explicar a história humana como uma história de progresso. Para eles, o elemento fundamental na teoria de evolução de Darwin era a luta pela sobrevivência, em que só os mais aptos se impunham e sobreviviam. Contudo, a eficiência do processo de seleção natural fora tão solapada pela “civilização moderna” no correr dos anos que os “inaptos” também conseguiram sobreviver, transmitindo assim um material genético defeituoso e potencialmente enfraquecendo a raça como um todo. Os nazistas acreditavam que podiam corrigir essa “degeneração” por um processo de seleção artificial. A reprodução do “inapto” devia ser impedida e a do “apto” promovida.[251](#)

O conceito de seleção racial de Himmler, que nos anos seguintes também formou a base das convicções de Heydrich, estava assim baseado, por um lado, em tradições do positivismo, em particular na suposição de que todos os processos da natureza são cientificamente explicáveis e, por outro, numa forma vulgarizada de darwinismo social que vinha sendo propagada na maioria dos países europeus ocidentais desde o final do século XIX. Em termos de seleção racial, os Heydrich devem ter parecido um perfeito exemplo de saudáveis “características nórdicas” – um “bonito casal”, como Hitler comentou quando foi apresentado a Lina pelo marido.[252](#)

Depois do casamento, Lina acompanhou Reinhard de volta a Munique, onde alugaram uma pequena casa no subúrbio de Lochhausen. Embora os Heydrich tenham passado apenas oito meses em Lochhausen, Lina começou imediatamente a mobiliar a casa com dinheiro do seu dote e a se familiarizar com os costumes da nova vizinhança.

Reinhard Heydrich ingressou no clube de futebol local, mesmo que apenas como membro não participante.[253](#) Numa carta eufórica de 6 de janeiro de 1932, agradeceu aos sogros pela festa de casamento e descreveu a nova vida do casal em Lochhausen: “Nossa bela casa, muito bem arrumada, tornou-se agora um verdadeiro lar. Aqui, longe da agitação da cidade grande, encontramos repouso e podemos relaxar após nosso trabalho diário. Lina reina suprema em seu reino. Quase todo dia aparece uma ou outra visita”.[254](#) Mas Lina teve mais dificuldade em se adaptar ao estilo de vida bávaro, que não lhe era familiar, e a seu papel na *SS-Sippengemeinschaft* do que Heydrich estava disposto a admitir. Ela adquiriu uma antipatia particular por Margarete Himmler, que encontrava com frequência em Munique. Algum tempo depois Lina a descreveria como uma mulher “vulgar, sem graça”, cujo caráter insosso estava refletido no mobiliário barato da casa de Himmler. Lina também se sentia sozinha no ambiente novo, desconhecido, onde passava grande parte de sua vida diária sem o marido. Reinhard, cujo trabalho lhe ocupava a maior parte do tempo, raramente estava em casa.[255](#)

A necessidade de reformas na rede de espionagem ainda extremamente amadorista de Heydrich na Alemanha tornou-se evidente em fevereiro de 1932, quando o SD se viu de repente numa crise deflagrada pela prisão de um agente de Heydrich que tentara colher informação militar secreta do comando da marinha em Wilhelmshaven. Embora a investigação policial não tenha revelado o envolvimento de Heydrich no caso, ele ainda assim admitiu a necessidade de reestruturar seu serviço de inteligência para evitar novos contratemplos.[256](#) Uma proibição das SA e da SS em abril de 1932 trouxe uma inesperada

oportunidade de fazer isso. Depois de uma onda de violento terror de rua das SA contra adversários políticos, o chanceler do Reich Heinrich Brüning banuiu oficialmente as organizações paramilitares nazistas, embora o banimento fosse em seguida suspenso por seu sucessor, Franz von Papen, apenas algumas semanas depois. Durante esse breve período de ilegalidade, o departamento de Heydrich procurou se disfarçar adotando a inócua denominação de Serviço de Imprensa e Informação (PID), enquanto ao mesmo tempo passava por uma reforma estrutural. Heydrich pretendia tornar a organização menos dependente da boa vontade de informantes das diferentes divisões da SS, assim como protegê-la da interferência futura de outras instâncias do partido. Para esse fim, empreendeu uma série de giros de inspeção por toda a Alemanha, durante os quais conseguiu contratar equipes de tempo integral que teriam agora de prestar contas unicamente ao seu escritório em Munique (e por ele seriam supervisionadas).[257](#)

Depois de o banimento ter sido suspenso em junho de 1932, o SD de Heydrich emergiu fortalecido. A agência também se impôs ante a competição interna do serviço de inteligência das SA sob a direção do conde Du Moulin Eckart, que cessou de existir naquele mês.[258](#) Ao mesmo tempo, Heydrich foi promovido ao posto de *SS-Standartenführer* ou coronel. Os Heydrich puderam então se dar ao luxo de se mudar para uma pequena casa com jardim na cidade, perto do Palácio de Ninfemburgo, que também servia como nova sede do SD, com um total de oito empregados de tempo integral.[259](#) Lina passou pouco tempo lá. Durante a campanha para as eleições do Reichstag de 31 de julho de 1932, grassaram, por toda a Alemanha, batalhas diárias de rua entre comunistas e

nazistas, matando mais de 100 pessoas e ferindo mais de 4.500. Reinhard temeu pelo bem-estar da esposa e mandou-a para uma pequena pensão no campo bávaro, onde ela permaneceu por várias semanas.[260](#)

A rápida ascensão de Heydrich na hierarquia da SS e sua ambição mal disfarçada renderam-lhe muitos inimigos. No início de junho de 1932, o velho rumor de uma ascendência judaica voltou de novo a assediá-lo, dessa vez com o potencial nocivo ampliado pelo fato de ele estar agora trabalhando para uma organização política em que o antissemitismo era artigo fundamental de fé. É provável que membros locais do Partido Nazista em Halle, invejando a rápida ascensão de Heydrich, tenham alertado a liderança regional do partido acerca dos rumores. Em 6 de junho, o *gauleiter*[261](#) nazista de Halle-Magdeburg, Rudolf Jordan, escreveu ao chefe organizacional do Partido Nazista, Gregor Strasser, pedindo informações sobre “um membro do partido chamado Heydrich, cujo pai mora em Halle. Há motivos para presumir que seu pai, Bruno Heydrich, seja judeu”. Como “prova”, Jordan anexou o trecho da edição de 1916 da enciclopédia de música de Hugo Riemann em que Bruno Heydrich era mencionado como “Heydrich (na verdade Süß)”. Jordan insistiu para que o departamento de pessoal do partido investigasse o assunto.[262](#)

Mais ou menos na mesma época, o ex-colega oficial de Heydrich e membro do tribunal de honra, Hubertus von Wangenheim, falou a um parente que estava trabalhando na Casa Marrom sobre os rumores que tinham acompanhado o período de Heydrich na marinha. Mencionou que os colegas aspirantes provocavam Heydrich chamando-o de “judeu branco” e “Moisés branco”. Tais rumores alimentaram suspeitas na sede do Partido

Nazista.[263](#) Strasser passou imediatamente a questão para o genealogista-chefe do partido, dr. Achim Gercke, diretor do *Auskunft* dos nazistas ou Escritório de Informação. Num prazo de apenas duas semanas, em 22 de junho, Gercke respondeu com um relatório detalhado sobre a ascendência de Heydrich, confirmando que ele era “de origem alemã e livre de qualquer influência de sangue mestiço ou judeu”. Gercke insistiu que o “rumor insultante” de ascendência não ariana era inteiramente sem fundamento: “Assumo plena responsabilidade pela exatidão deste parecer e me declaro pronto a reafirmá-lo perante um tribunal se houver necessidade”.[264](#)

Apesar do esclarecimento, Heydrich ficou profundamente abalado pelo ressurgimento desses rumores prejudiciais apenas um ano depois de sua dispensa da marinha, rumores que ameaçavam uma existência profissional cuidadosamente reconstruída. Em vez de se dar por satisfeito com as conclusões de Gercke, encarregou confidencialmente um membro de seu serviço SD, Ernst Hoffman, de realizar novas investigações genealógicas. Depois da guerra, Hoffman recordou o nervosismo de Heydrich em cada encontro dos dois, um nervosismo que parecia “compreensível, mas sem fundamento”.[265](#) Não foi a última vez que Heydrich teve de ocupar-se do temido rumor: em 1940, um padeiro de Halle, Johannes Papst, membro do Partido Nazista, foi sentenciado a 12 meses de prisão por espalhar o boato calunioso de que Heydrich era judeu.[266](#)

Parcialmente como resultado do episódio embaraçoso, com potencial para dar fim à sua carreira, Heydrich dedicou grande energia ao trabalho no verão de 1932. Suas ambições continuavam a ser muito grandes. Em setembro,

durante o primeiro encontro com os diretores recentemente empossados de sucursais do SD, ele declarou que pretendia transformar a organização no equivalente alemão do serviço secreto britânico (como ele o compreendia): “Sua tarefa seria reunir, avaliar e certificar material substantivo sobre os objetivos, métodos e planos dos inimigos internos; e informar sobre malfeitos potenciais dentro de nossas próprias fileiras”.[267](#) Tendo em vista a realidade da situação em meados de 1932, eram metas fantásticas. O SD ainda era uma diminuta unidade com não mais que 33 funcionários de tempo integral e uma rede escassamente disseminada de agentes em grande parte não pagos, dificilmente capazes de cumprir as tarefas já designadas para eles.[268](#)

O outono de 1932 trouxe mais incertezas para Heydrich. Nas eleições de novembro para o Reichstag, o partido de Hitler perdeu mais de 2 milhões de votos, desencadeando uma campanha de mídia extremamente otimista da esquerda republicana prevendo a morte iminente do nazismo. Mesmo que apenas brevemente, Heydrich deve ter se perguntado se tomara a decisão correta ao ingressar no Partido Nazista. As finanças do SD, sempre dependendo de pagamentos irregulares do partido e das SA, deterioraram-se a tal ponto no final de 1932 que, durante algumas semanas por volta do Natal, até o telefone de Heydrich foi cortado por falta de pagamento. Em janeiro de 1933, imediatamente antes da indicação de Hitler para o cargo de chanceler pelo presidente Paul von Hindenburg, o Partido Nazista parou temporariamente por completo de pagar os empregados do SD. O severo inverno de 1932 marcou claramente o ponto crítico da carreira de Heydrich na SS e, nessa época, pouca

gente seria capaz de prever que o SD ou Heydrich tivessem algum papel futuro a desempenhar na política alemã.[269](#)

Tomadas do Poder

Os acontecimentos de janeiro de 1933 equivaleram a um extraordinário drama político, um drama que se desenrolou silenciosamente por trás de portas fechadas e em grande parte fora da visão de Heydrich. Com o respaldo de antigas personalidades da comunidade empresarial alemã e da poderosa Liga Agrária, formada em grande parte por proprietários do Leste do Elba, o ex-chanceler conservador da Alemanha, Franz von Papen, estava procurando meios de substituir seu sucessor na pasta, o general Kurt von Schleicher, cada vez mais impopular e isolado, por um governo de coalizão de direita que desfrutasse de amplo apoio popular. O único meio de estabelecer um governo viável da direita nacional, como estava claro para todos os envolvidos, era trazer o mais forte partido político da Alemanha, o Partido Nazista, para o gabinete. A questão era saber se os atores principais – Hitler, Papen e o presidente do Reich, Paul von Hindenburg – poderiam chegar a um acordo sobre o preço de uma participação nazista no governo. Embora de início Papen quisesse o cargo de chanceler para si próprio, negociações frenéticas entre Hitler, Papen e íntimos associados de Hindenburg levaram finalmente a um compromisso: Hitler ia chefiar o governo como chanceler, mas seria firmemente contido por uma maioria de ministros conservadores “confiáveis”, que gozavam do apoio de Hindenburg.[270](#)

Privado do apoio crucial de Hindenburg, o chanceler Von Schleicher renunciou em 27 de janeiro de 1933. Nesse mesmo dia, Heydrich recebeu ordens de Himmler para se

transferir para Berlim, onde se instalou no saudável Westend, numa casa que lhe servia tanto de residência particular quanto de quartel-general do SD na capital alemã. Contra o pano de fundo das negociações que se processavam entre Hitler, Papen e Hindenburg com relação a um futuro governo de coalizão sob liderança nazista, a tarefa de Heydrich era dupla: preparar a transferência do SD de Munique para Berlim para a eventualidade cada vez mais provável de uma tomada do poder pelos nazistas e para estabelecer laços mais estreitos com a divisão da SS na capital, poderosa e em grande parte independente. Apenas três dias depois da chegada de Heydrich a Berlim, em 30 de janeiro, Himmler informou-o de que Hitler fora nomeado chanceler alemão como chefe de um governo de coalizão.[271](#)

Heydrich desempenhou um papel passivo nos acontecimentos em grande parte desarticulados que então se desenrolaram por toda a Alemanha. Tendo em vista as eleições gerais de 5 de março, que Hitler esperava que pudessem fortalecer a base eleitoral de seu novo governo, os nazistas foram gradualmente aumentando a pressão sobre seus adversários da esquerda política, começando com o Decreto para a Proteção do Povo Alemão de 4 de fevereiro, que proporcionava um meio de proibir os jornais de oposição durante a campanha eleitoral. Um conveniente pretexto para a escalada da violência física contra comunistas e sociais-democratas surgiu em 27 de fevereiro, quando um holandês solitário com um passado comunista, Marinus van der Lubbe, pôs fogo no prédio do Reichstag em Berlim. A liderança nazista se aproveitou de imediato do acontecimento como uma oportunidade, havia muito tempo esperada, de travar uma guerra aberta contra o Partido

Comunista Alemão.[272](#) Cinco dias antes, para lidar com um suposto aumento da violência da esquerda radical, o novo ministro-presidente prussiano, Hermann Göring, havia recrutado cerca de 50 mil homens das fileiras das SA e da SS como “policiais auxiliares” com autoridade para realizar prisões. Agora o dia do ajuste de contas, tantas vezes profetizado, havia chegado. Os policiais auxiliares nazistas usaram rapidamente os poderes recentemente obtidos para encarcerar milhares de reais ou supostos inimigos políticos e para mantê-los, sem ordem judicial, em fábricas abandonadas, armazéns e porões, onde foram submetidos a orgias de violência e crueldade. Os comunistas, em particular, foram ferozmente reprimidos. As pessoas eram brutalmente espancadas e torturadas, às vezes inclusive assassinadas, com total impunidade. Em abril, o número de prisioneiros políticos detidos somente na Prússia ultrapassava 25 mil.[273](#)

A coerção física foi dirigida com extrema ferocidade contra as lideranças comunistas, social-democratas e sindicalistas, e, com força simbólica ou ilustrativa, contra os que se opunham menos frontalmente à política do emergente Terceiro Reich, como os liberais, os católicos e os conservadores. Os judeus foram frequentemente maltratados, mas não eram o alvo primário da violência nazista. No final do verão de 1933, cerca de 100 mil pessoas, principalmente adversários da esquerda política, tinham sido presas por toda a Alemanha, com cerca de 500 a 600 mortos.[274](#)

Embora a “revolução” nazista de 1933 reclamasse relativamente poucas vidas - ao menos em comparação com o extraordinário banho de sangue dos doze anos seguintes - a violência e a intimidação foram um

componente central. A onda de prisões, deliberadamente executada para criar um clima de medo, levou as vítimas a prisões da polícia ou, pior ainda, a um dos muitos campos de concentração “improvisados” ou porões de tortura informais que surgiram por todo o país para lidar com supostos inimigos. A violência física durante as primeiras semanas do Terceiro Reich servia a um duplo propósito: eliminar os que se opunham mais francamente ao nazismo e intimidar os que pudessem constituir uma ameaça potencial. O terror nazista, real e como ameaça, teve um efeito devastador, mas a violência física foi aplicada de forma heterogênea em diferentes partes da Alemanha, onde as SA locais geralmente agiam por iniciativa própria. Pelo menos nos primeiros dois meses do Terceiro Reich, o terror não foi coordenado de cima.[275](#)

Durante as primeiras semanas do Terceiro Reich, Heydrich se manteve como mero observador dos acontecimentos políticos e do terror que irrompeu nas ruas da Alemanha. Se ele e Himmler tinham esperado que a tomada do poder pelos nazistas os impelisse para posições de influência em Berlim, suas ambições foram rapidamente frustradas. Ambos foram deixados de mãos abanando após a distribuição dos cargos principais na capital alemã. Heydrich permaneceu em Berlim até março de 1933, mas continuou a operar nas margens dos importantes acontecimentos políticos que tiveram lugar na capital da Alemanha. Desapontado com o fato de a nova aurora do Terceiro Reich não ter aumentado em nada sua influência pessoal, decidiu pôr em prática uma iniciativa própria.

Em 5 de março, o dia das eleições gerais que, de forma não surpreendente (em vista das pressões sobre a oposição), deram aos nazistas 43,9% do voto popular,

Heydrich procurou fazer contato com Kurt Daluege, o poderoso líder da Divisão Leste da SS e recentemente nomeado comissário de missões especiais no Ministério do Interior prussiano, que algum tempo depois se tornaria o correlativo de Heydrich como chefe da uniformizada Polícia da Ordem, do Terceiro Reich. Daluege, simplesmente estava claro para Heydrich, era um contato indispensável que poderia abrir portas na capital. Nascido em 1897 na região etnicamente misturada da Alta Silésia, Daluege teve uma carreira típica na SS: servira tanto na Grande Guerra quanto, depois de 1918, em várias formações dos Freikorps e ingressara no Partido Nazista em 1922, antes de se transferir das SA para a SS em 1929, tornando-se o líder dessa organização para Berlim e o norte da Alemanha. Desde então, Daluege desempenhara um papel-chave na contenção das indisciplinadas SA da Alemanha do Leste, cujos membros achavam que a rota legalista de Hitler para o poder era simplesmente vagarosa demais. Parcialmente por essa razão, Göring o escolhera como o futuro homem forte do aparelho policial prussiano e o autorizara a empreender um expurgo político da força policial.[276](#)

Como Heydrich percebeu, ser diretamente autorizado por Göring e agora empregado como funcionário de alto escalão no Ministério do Interior prussiano tornava Daluege relativamente independente do comando da SS em Munique. Daluege, que estava ocupado galgando degraus em sua escada da carreira, tinha pouco tempo para o desconhecido enviado de Munique, que era também seu inferior nas fileiras da SS. Daluege nunca respondeu aos telefonemas de Heydrich e, em 5 de março, frustrado, Heydrich escreveu para se queixar de que não tivera êxito

em penetrar no “biombo protetor” das recepcionistas de Daluege.[277](#)

Nessa mesma noite, Heydrich retornou a Munique, onde – um mês após a designação de Hitler como chanceler do Reich – a tomada do poder pelos nazistas estava finalmente muito próxima. Ironicamente, a Baviera, o segundo maior estado alemão e berço original do nazismo, foi o último dos *länder*[278](#) a ficar sob controle nazista. Em 9 de março, um dos mais destacados políticos nazistas da Baviera, Franz Ritter von Epp, foi empossado em Munique como novo comissário do Estado. A conquista ficou assegurada depois que Heydrich e um grupo de homens da SS ameaçaram usar de violência contra trabalhadores dos correios leais ao Partido Popular da Baviera – até então no poder – para garantir a entrega do telegrama anunciando a nomeação de Epp por Hitler.[279](#) Epp, por sua vez, nomeou Himmler como chefe de polícia interino de Munique e, logo depois, em 1º de abril, o *Reichsführer-SS* assumiu o controle de toda a Polícia Política Bávara e das formações policiais auxiliares compostas de homens das SA e da SS. A Polícia Política Bávara, que durante a República de Weimar havia servido para combater os extremistas da esquerda e da direita radicais, foi entregue a Heydrich, então com 29 anos, que rapidamente usou os poderes recentemente obtidos para transformar o departamento num eficiente instrumento de terror contra inimigos reais e supostos da revolução nazista.[280](#)

Heydrich executou a nova tarefa com determinação, muito satisfeito por ver as frustrações dos meses anteriores finalmente superadas. A carta que Lina escreveu aos pais em 13 de março reflete parte desse entusiasmo, assim

como a surpresa dos Heydrich ao ver como, de repente, Reinhard fora impelido para uma posição de poder:

Que vida! Vocês certamente terão lido sobre nossa pequena revolução nos jornais. A julgar pelos relatos de Reinhard, ela deve ter sido maravilhosa. Deixem-me contar como a vivi: na quarta-feira, Reinhard chegou em casa cedo e anunciou que tinha de voltar imediatamente para a Casa Marrom, pois o governo bávaro se recusava a se submeter.. Às onze horas ele me telefonou para dizer que eu devia mandar sua pistola para a Casa Marrom. Naturalmente temi pelo pior e tive realmente um choque. À uma hora o governo instruiu a polícia bávara a disparar de imediato contra as SA se elas tentassem derrubar o governo bávaro seguindo as ordens do chanceler do Reich. Então Ernst Röhm, Himmler e Reinhard foram até o ministro-presidente [Heinrich] Held e negociaram com ele por uma hora inteira... Reinhard disse que sentiu grande satisfação ao ver que as mesmas pessoas que, ainda há seis meses, andavam encarcerando as SA e a SS, que os espancavam com cassetetes de borracha, agora já nem conseguiam mais endireitar as costas de tanto curvá-las. Himmler se tornará o chefe de polícia... e Reinhard - por favor não riam agora - se tornará diretor da polícia política. Eu tive de dar boas gargalhadas... À noite as SA e a SS se divertiram. Estavam incumbidas de prender todos os inimigos políticos conhecidos e tinham de levá-los para a Casa Marrom. Isso significou muito para os rapazes. Podiam finalmente se desferrar de toda a injustiça que fizeram com eles, de todos os socos e ferimentos, e vingar os camaradas que tombaram. Mais de 200 estão agora trancados, gente do KPD, do SPD, do Partido Popular da Baviera e judeus... Lá, no saguão de recepção [da Casa Marrom], o ministro do Interior, de meias e camisa de dormir, estava cercado por um grupo de homens das SA e da SS que não conseguiam parar de rir. Então eles avançaram com seus grandes sapatos e pisaram nos dedos dos pés do ministro do Interior, gritantemente expostos, fazendo-o pular de uma perna para a outra. Vocês podem imaginar a cena.

Lina descreve então como um membro proeminente da comunidade judaica de Munique foi arrastado para a Casa Marrom por um grupo de homens da SS:

Resolveram rapidamente a coisa com ele [*machten kurzen Prozess mit ihm*]. Espancaram-no com chicotes de cachorro, tiraram-lhe os sapatos e as meias e ele teve de voltar para casa caminhando descalço na companhia dos homens da SS... Isso lhes dará uma ideia de como eles fazem as coisas. Muitos jesuítas e judeus fugiram daqui. Ninguém morreu, ninguém foi seriamente ferido, mas eles têm medo, medo, eu lhes digo.[281](#)

A realidade era ainda mais sombria que o relato de Lina sugeria. Sob a égide de Himmler e Heydrich, a escala de prisões na Baviera foi proporcionalmente mais elevada até mesmo que na Prússia. Imediatamente depois de 9 de março, uma primeira onda de prisões arrebanhou inimigos reais e imaginários do regime nazista, mais notadamente comunistas, sociais-democratas e dirigentes de sindicatos – cerca de 10 mil deles em abril.[282](#) Os judeus também apareciam com destaque entre os presos. Os protestos contra as prisões frequentemente arbitrárias eram respondidos com violência, como constatou o advogado Michael Siegel quando, em 10 de março, um dia depois da nomeação de Heydrich como chefe da Polícia Política Bávara, apresentou uma queixa contra a prisão de um de seus clientes judeus pela polícia de Munique. Siegel foi severamente espancado por policiais auxiliares da SS e forçado a marchar pelas ruas da cidade com um cartaz amarrado no pescoço: “Jamais voltarei a apresentar queixa contra a polícia”.[283](#)

Numa tentativa de transformar a Polícia Política Bávara num eficiente instrumento de repressão, Heydrich recrutou rapidamente aproximadamente 152 homens de diferentes escalões da Polícia Metropolitana de Munique. Alguns eram membros do Partido Nazista, mas a maioria não. Vários dos novos recrutas compartilhariam a trajetória profissional de Heydrich até o último momento, muito especialmente talvez

um homem de 33 anos, Heinrich Müller, que se tornaria chefe da Gestapo de Heydrich em 1939, um posto que manteve até o fim da Segunda Guerra Mundial. Müller nascera em Munique em 1900, filho de um policial subalterno católico. De 1917 em diante, havia participado da Primeira Guerra Mundial como voluntário, ganhando várias condecorações por bravura como piloto. Depois da guerra, entrou na Polícia Metropolitana de Munique onde, graças a uma grande energia, progrediu rapidamente. Estava vinculado ao departamento de polícia política, onde se especializara em combater a extrema-esquerda. Quando Heydrich tomou o prédio da Polícia Metropolitana de Munique em 9 de março de 1933, Müller estava entre os que ofereceram resistência. Contudo, em vez de demiti-lo do serviço, Heydrich decidiu tirar vantagem de seu conhecimento do comunismo internacional e de assuntos de polícia, apesar da avaliação política negativa que Müller recebera da *gauleitung* [administração provincial] de Munique por ser leal ao Partido Popular Bávaro, havia longo tempo no poder. A conservação de membros sem filiação nazista, assim como Müller, nos serviços da nova polícia estatal não era de forma alguma atípica. Em 1933-1934, os órgãos de polícia política na maioria dos estados alemães só esporadicamente foram repovoados com membros do Partido Nazista.²⁸⁴ Como não era um perito em assuntos policiais, Heydrich não tinha muita opção a não ser confiar na competência profissional e experiência de homens como Müller. Embora publicamente se referisse aos peritos apolíticos como, em última análise, dispensáveis, na prática não podia passar sem eles.²⁸⁵

Como parte de sua reconstrução da Polícia Política Bávara, transformando-a num instrumento de repressão

ideologicamente confiável e eficiente, Heydrich fez extenso uso de um novo recurso de terror conhecido como detenção preventiva - o internamento de pessoas, por períodos potencialmente em aberto e sem supervisão judicial, em campos de concentração recentemente criados, onde inimigos reais ou supostos do novo regime eram submetidos a terror arbitrário e desenfreado.[286](#) Já em meados de março, uma fábrica de munições abandonada em Dachau, uma pequena cidade 16 quilômetros a noroeste de Munique, fora convertida no que ia se tornar um dos mais famosos e precoces campos de concentração para prisioneiros em detenção preventiva.[287](#) Um dia depois de Heydrich ser empossado como chefe da Polícia Política Bávara, o controle sobre Dachau (anteriormente nas mãos da polícia comum) foi transferido para a SS, que imediatamente desencadeou outra orgia de violência. Muitos prisioneiros morreram como resultado de maus-tratos e fuzilamentos casuais. O temido nome de Dachau logo se tornou um poderoso elemento de dissuasão, sinônimo dos acontecimentos terríveis, embora em grande parte mantidos em silêncio, que se sabia ou se presumia terem ocorrido dentro dos muros do campo.[288](#)

O número de internos do campo de Dachau cresceu rapidamente, passando de 170 em março a 2.033 em maio de 1933, como Heydrich relatou, num tom de júbilo, em duas cartas ao ministro do Interior bávaro. Em 1º de agosto desse ano, cerca de 4.152 oponentes políticos da Baviera estavam sendo mantidos em detenção preventiva, mais de 2.200 deles em Dachau. Em janeiro de 1934, um total de 16.409 pessoas haviam sido presas, das quais 12.554 foram soltas de novo, geralmente após severos espancamentos acompanhados de advertências para jamais voltarem a se tornar politicamente ativas.[289](#) Maus-tratos brutais dos

prisioneiros sob detenção preventiva em Dachau eram a norma. Só entre meados de abril e fins de maio de 1933, 13 internos do campo morreram como resultado de ferimentos recebidos durante o cativeiro.[290](#)

Em tudo isso, as ações de Heydrich não podem simplesmente ser compreendidas como as de um sádico sedento de sangue desempenhando um papel preconcebido na construção de um estado policial totalitário. Desde que ingressara na SS em 1931, ele mergulhara num ambiente político que prosperava em torno da noção de estar preso a uma luta de vida ou morte. A vitória nessa luta requeria ação decisiva contra inimigos com relação aos quais mesmo a crueldade mais inimaginável era justificada. Como seu futuro assistente, Werner Best, comentou, Heydrich tendia a projetar sua própria inclinação para intrigas e violência sobre inimigos reais ou supostos. Finalmente livre para mover-se contra um inimigo ideológico que havia supostamente levado vantagem até 1933, ele considerava o terror uma arma justificável - de fato, a única arma adequada contra tamanho mal.[291](#)

Que Heydrich estivesse encarregado do encarceramento e soltura de inimigos políticos, mas não do campo de Dachau em si era característico tanto das divisões de trabalho dentro da Alemanha nazista em geral quanto, mais especificamente, do estilo de liderança de Himmler. O comandante do campo de Dachau era Theodor Eicke, nascido em 1892 e dispensado do exército após uma breve carreira militar em 1919. Eicke, membro do partido desde 1928, fora sentenciado a dois anos de prisão durante a República de Weimar por porte ilegal de explosivos e passara os primeiros meses de 1933 num asilo psiquiátrico. Como no caso de Heydrich, Himmler ofereceu a Eicke uma

segunda oportunidade e ele não desapontaria seu novo padrão.[292](#)

Num prazo de meses, Eicke, que se tornaria inspetor de todos os campos de concentração em 1934, criou uma nova forma de regime de campo que diferia profundamente dos antigos campos de concentração do Terceiro Reich. Os traços básicos do chamado sistema de Dachau, que posteriormente forneceria o modelo para os campos de Sachsenhausen, Buchenwald e Ravensbrück, incluíam o total isolamento dos internos do mundo exterior, envolvendo sobretudo a prevenção de fugas a qualquer preço para limitar o surgimento de “propaganda inimiga”, obrigações de trabalho de todos os prisioneiros para tornar o sistema economicamente viável, sistematização da violência anteriormente arbitrária por meio da introdução de um código penal e de punição, e supervisão mais rigorosa dos guardas, que eram agora supridos de regulamentos especiais. A desejada impressão causada no público, isto é, que a violência arbitrária das SA fora agora substituída por um regime de campo que era severo, mas estava baseado em certas regras, foi também um componente desse sistema. Na realidade, é claro, as condições no campo eram horripilantes e a violência contra os internos continuou a ser puramente arbitrária.[293](#)

Na verdade, os excessos de violência ocorriam em tal escala que Heydrich julgou necessário lembrar sua equipe, em setembro de 1934, que os maus-tratos aplicados sem controle aos internos em detenção preventiva não seriam mais tolerados, enfatizando que “é indigno” de um homem da SS “insultar ou tratar internos com desnecessária brutalidade. O preso deve ser tratado com a necessária severidade, mas nunca com perfídia ou perseguição

desnecessárias. Vou submeter a sindicâncias severas, feitas com o máximo rigor, as desobediências a esta ordem”.[294](#) O que motivou a ordem de Heydrich não foi compaixão pelos internos, mas a vontade de ter uma disciplina mais rigorosa e uma preocupação com a imagem pública da SS. Queria que a polícia política nazista fosse temida pelos inimigos por causa da eficiência e meticulosidade, mas também queria que o “cidadão de bem” soubesse que não era preciso temer sua organização. A percepção exterior tinha muito mais importância para ele que a sombria realidade com que os internos se defrontavam atrás dos muros bem vigiados dos campos.[295](#)

A vítima mais proeminente da primeira onda de perseguições de Heydrich na Baviera foi o ganhador do prêmio Nobel Thomas Mann. Observando atentamente a dramática marcha dos acontecimentos políticos na Alemanha, Mann, que viajara para uma série de palestras na Holanda, na Bélgica e na França logo após a designação de Hitler como chanceler, decidiu prolongar por alguns meses a estada no exterior até que a situação em seu país tivesse se estabilizado. Como conservador liberal, não judeu, deveria ter pouco a temer, mas atacara os nazistas numa série de declarações públicas e artigos no início dos anos 1930 e sabiamente decidiu ser cauteloso. No final de abril, sua casa em Munique sofreu uma batida da polícia política de Heydrich. Seus carros, contas bancárias e posses particulares foram confiscados.[296](#)

Em 12 de junho, Heydrich foi ainda mais longe. Numa carta ao comissário de Estado Von Epp, requereu que, quando de seu retorno a Munique, Mann fosse posto em detenção preventiva em Dachau, pois o escritor era “um inimigo do movimento nacional e um seguidor do ideário

marxista”. Como prova, Heydrich declarava que Mann pedira uma anistia geral para todos os revolucionários de 1918. Além disso, insistia que a obra-prima de Mann, *A Montanha Mágica* (1924), continha um “trecho de glorificação” do abate ritual judaico de animais. Em suma, Heydrich concluía, a “atitude antialemã, antinazista, marxista e simpática aos judeus [do escritor] fornece o motivo para decretarmos a detenção preventiva de Thomas Mann, que por enquanto não poderia ser cumprida devido à ausência do acusado. Contudo, por ordem dos ministérios, todos os seus bens foram confiscados”. Quando Epp indagou que ministérios haviam autorizado esse passo, Heydrich não respondeu. Por essa época, a SS já se transformara numa força basicamente autônoma na Baviera. Pouco depois, Heydrich empregou os mesmos argumentos quando solicitou que Mann fosse despojado de sua cidadania alemã, um procedimento concluído em 1936, após um pedido renovado do chefe do SD. Mann e Heydrich jamais se encontrariam, mas se mantiveram relacionados por uma profunda hostilidade. Foi Mann quem, depois do assassinato de Heydrich em 1942, divulgou um dos primeiros obituários na BBC, condenando-o como um dos mais aterradores capangas de Hitler.[297](#)

O caso de Thomas Mann foi um exemplo atípico de perseguição nazista. Ao contrário da maioria dos funcionários de médio escalão dos Partidos Comunista ou Social-Democrata, Mann era financeiramente independente e tinha suficiente reputação internacional para prosseguir sua carreira no exílio sem maiores transtornos. Ao mesmo tempo, porém, o caso foi paradigmático tanto da perseguição crescente de escritores classificados como antialemães quanto da gradual expansão do terror de modo

a abranger grupos inimigos definidos de forma cada vez mais ampla. Na Baviera, por exemplo, a grande maioria das mais de 5 mil pessoas detidas entre março e junho de 1933 era comunista e social-democrata, mas os grupos-alvo foram logo ampliados. Em junho, Himmler e Heydrich ordenaram a prisão dos principais funcionários do conservador Partido Popular Bávaro (BVP) para forçar o partido a se dissolver. Após essa meta ter sido atingida e os funcionários do BVP terem sido libertados, já em agosto de 1933, a Baviera tinha ainda 3.965 pessoas em detenção preventiva, incluindo 2.420 em Dachau. Um ano depois, em junho de 1934, o número estava reduzido para 2.204 pessoas sob prisão da SS, mais da metade delas em Dachau.[298](#)

Himmler e Heydrich precisaram de menos de um ano para criar um sistema eficiente de terror na Baviera. Perto do fim de 1933, a ambição dos dois aumentou e eles começaram a procurar obter controle sobre as formações de polícia política em outros estados além da Baviera. A Alemanha era uma federação, com forças independentes de polícia política, de tamanhos variados, em cada estado e a tarefa de assumir controle sobre elas requeria paciência e habilidade tática. Durante o outono de 1933 e o verão de 1934, as polícias políticas da maioria dos estados foram gradualmente levadas para o controle da SS.[299](#) Nesse processo, Himmler fez bom uso de sua capacidade de negociação e contatos pessoais com líderes nazistas locais para colocar aliados de confiança em postos-chave das forças de polícia política dos estados. Os departamentos de polícia política na maioria dos estados alemães eram minúsculos e sua tomada gradual pela SS atraiu pouca atenção dos rivais políticos da SS. Era também útil que a SS

fosse amplamente encarada como uma organização de elite disciplinada, leal à liderança do Partido Nazista. O sucesso da SS na Baviera em combater de forma eficiente e sem estardalhaço a oposição política era agora visto como modelo para a Alemanha como um todo, um modelo que era preferível aos surtos de violência descoordenados e frequentemente espontâneos das SA, que causavam problemas com os conservadores parceiros de coalizão de Hitler.

Durante essas semanas e meses, Heydrich acompanhou Himmler em diversas viagens pela Alemanha, recrutando novo pessoal e negociando com os que tomavam decisões políticas. Conseguiu garantir que os homens da SS indicados por Himmler como chefes das forças locais de polícia política fossem simultaneamente recrutados para o SD, possibilitando que Heydrich tivesse acesso à informação política reunida pelos comandantes das polícias locais. Já na primavera de 1934, sete dos onze chefes das forças de polícia política nos diferentes estados alemães eram membros do SD. Heydrich recrutou um grande número de membros para sua equipe. Eles compartilhariam e às vezes inclusive moldariam sua trajetória profissional e crenças políticas nos anos seguintes.³⁰⁰ Em setembro de 1933, por exemplo, conheceu o dr. Werner Best, que teria uma duradoura influência intelectual sobre ele. Nascido em 1903, Best estudara direito e se tornara juiz na República de Weimar. Em 1930, ingressara no Partido Nazista em Hessen e, em seu tempo livre, dirigira seu departamento jurídico. Quando, em 1931, foram fornecidos às autoridades os chamados documentos Boxheim, que indicavam que Best fizera planos para um golpe nazista, ele foi exonerado da magistratura. Depois da subida dos nazistas ao poder,

tornou-se chefe da polícia em Hessen, onde supervisionou as primeiras prisões de oponentes políticos, mas divergências pessoais com o novo comissário do Estado nazista em Hessen, Jakob Sprenger, levaram à sua demissão em setembro de 1933. Foi nessa situação que encontrou Heydrich pela primeira vez.[301](#)

Depois da guerra, Best lembrou seu primeiro encontro com Heydrich, uma recordação que mostrava até que ponto este havia se desenvolvido desde 1931, quando Wolff o descrevera como “jovem inseguro”:

Heydrich era alto, de estatura mais avantajada que a maioria de seus subordinados. Parecia magro, embora ao mesmo tempo uma certa largura, particularmente nos quadris, lhe desse um ar vigoroso, robusto. O rosto estreito, comprido, sob o cabelo louro era dominado pelo enérgico nariz aquilino e pelos olhos azuis, muito próximos um do outro. Esses olhos muitas vezes encaravam com frieza, esquadrinhando, desconfiados, frequentemente desconcertando as pessoas devido a um piscar constante... Ele articulava suas opiniões e intenções rapidamente, com notável vigor, deixando os outros sem alternativa além de concordar e submeter-se à sua vontade ou empreender um contra-ataque, para o qual poucos tinham a coragem necessária. Desse modo, Heydrich obrigava todos a se posicionarem de imediato como amigos ou inimigos... O vigor de sua atitude e comportamento certamente deixava uma impressão duradoura... Ele frequentemente expressava insatisfação para com os subordinados de modo excessivamente tempestuoso e com observações intencionalmente cruéis. Por outro lado, quando estava satisfeito – particularmente quando uma pessoa que tinha originalmente resistido a ele finalmente se submetia à sua vontade – podia exibir a maior benevolência, conquistando efetivamente o interlocutor. Mas seu comportamento era sempre caracterizado por uma indisfarçável subjetividade e pela determinação impetuosa de se impor a cada momento e a qualquer custo.[302](#)

Best era consideravelmente mais intelectualizado que Heydrich e com frequência se surpreendia com a falta de

interesse do chefe por questões filosóficas de maior alcance. “Durante uma viagem”, Best recordou, “estávamos conversando sobre o que faríamos se, por alguma razão, fôssemos subitamente obrigados a deixar o serviço público. Enquanto falei sobre a possibilidade de me voltar para áreas de conhecimento que ainda não tivera tempo de estudar, como filosofia ou história, Heydrich declarou que se dedicaria inteiramente ao esporte.”³⁰³ Devido à sua superioridade intelectual e à inexperiência de Heydrich em questões legais e policiais, Best exerceu uma poderosa influência sobre seu superior do início ao fim da década de 1930, familiarizando-o com teorias que pareciam corroborar o sistema de valores do próprio Heydrich. Por meio de Best, Heydrich aprendeu mais sobre o “realismo heroico”, uma noção propagada por Ernst Jünger e outros proeminentes intelectuais de direita na década de 1920 e início da década de 1930. Embora tivesse originalmente emergido como um “mecanismo de compensação” derivado da guerra mundial perdida e da crítica de direita da República de Weimar, o realismo heroico exerceu um fascínio particular sobre os membros da geração mais jovem que não tinham podido lutar como soldados e que, por conseguinte, não haviam tido oportunidade de provar sua capacidade no campo de batalha.³⁰⁴

Na visão de mundo de Best, ideias emanando de biólogos da hereditariedade, demógrafos e higienistas raciais se fundiam com outros constructos ideológicos da extrema-direita. A força de Heydrich, assim Best observou, estava na sua capacidade de traduzir essas ideias e doutrinas abstratas em políticas reais e em aplicá-las rigorosamente. Para Heydrich e Best, a vida era uma luta constante, um estado permanente de emergência, em que o inimigo devia

ser combatido impiedosamente, não por crueldade ou ódio, mas pela necessidade biológica “objetiva” de vencer a luta dos povos pela sobrevivência do mais apto.[305](#)

Essa luta exigia firmeza, para consigo mesmo e para com os outros. Exigia a supressão de emoções e o cultivo da insensibilidade, da dureza e da falta de piedade para com todos os adversários. Sendo duros no presente, assim acreditavam, seriam gentis no futuro. A firmeza incondicional isolava a pessoa dos que não tinham estômago para a luta de vida ou morte pela sobrevivência da Alemanha. A palavra-chave “sobriedade” era usada para propagar uma imagem ideal de soldados ideológicos frios, pragmáticos, cujas ações não seriam mais guiadas por emoções irracionais, uma atitude que também ajudava a ocultar momentos de inépcia ou incerteza sociais.[306](#)

No decorrer dos anos vindouros, essas atitudes e crenças se associariam num catálogo completo de “virtudes”, que se tornou aspiração da SS como um todo e com o qual o próprio Heydrich tentou sinceramente viver de acordo. Era intenção de Himmler que ideais como honra, lealdade, obediência, decência e camaradagem guiassem o comportamento de seus homens na SS. Tiradas do vocabulário-padrão dos movimentos autoritários, essas virtudes ganharam um significado especial na Alemanha nazista, enquanto eram cada vez mais despojadas de seu conteúdo mais amplo. Para os membros da SS, a lealdade, por exemplo, referia-se apenas à relação deles com Adolf Hitler. Essa lealdade formava o núcleo de um código de honra especial que distinguia os homens da SS de todos os outros. Uma quebra de lealdade era o delito mais grave que um homem da SS podia cometer e resultava automaticamente na perda de honra. A camaradagem

aglutinava a organização, transformando-a numa unidade em que os conflitos e as invejas mesquinhas eram inaceitáveis.[307](#)

Guiado por tais princípios, Heydrich começou a desenvolver um estilo característico de liderança, um estilo que, mesmo seus colaboradores mais próximos descreveram como “despótico”.[308](#) Muitas vezes se comportava de forma mais impulsiva que o cauteloso Himmler e com frequência usava da intimidação para enfrentar os problemas. Mesmo quando estava entre colegas íntimos, Best observou, Heydrich “abordava as pessoas daquele modo investigativo, desconfiado, que todos percebiam de imediato ser sua característica dominante”, criando assim uma “atmosfera [permanentemente] tensa, cheia de suspeita e atrito”. Durante toda a sua vida, ele achou difícil aceitar a crítica e, dentro de seu ambiente imediato de trabalho, não a tolerava de modo algum. Ajudado por uma memória prodigiosa para o detalhe, gostava com frequência de intimidar os parceiros de conversa, lembrando-os de coisas que um dia tinham dito e havia muito esquecido. Na mais precisa caracterização pós-guerra do estilo de liderança de Heydrich, Werner Best sustentou “que todos os subordinados de Heydrich o temiam, ainda que todos também compartilhassem certo respeito e admiração por ele”.[309](#)

Heydrich cultivou conscientemente essa imagem e a combinação de medo e admiração que Best descreveu devia-se em parte ao fato de ele parecer praticar as altas exigências que colocava diante de seus homens. Seus dias de trabalho eram longos: ia para o escritório ao amanhecer e só tarde da noite retornava para casa, em geral jantando

no trabalho. Apesar da agenda cada vez mais apertada, ainda conseguia encontrar tempo e entusiasmo para o exercício físico diário e esperava que os homens compartilhassem seu entusiasmo.[310](#) Também aqui tentava viver de acordo com os ideais da SS. A aparência física de um homem da SS era vista como prova de serenidade interior, masculinidade e força. A imagem pública de um oficial da SS, assim Heydrich acreditava, dependia de sua boa forma física, de um uniforme mantido em estado impecável, de um comportamento controlado e boa postura corporal. Beber em público de uniforme era desencorajado e a moderação no fumo, desejada. Mesmo durante a guerra, Heydrich insistiria numa observância estrita de programas de exercícios físicos que ele próprio concebeu para os funcionários. O Escritório Central de Segurança do Reich tinha instalações esportivas próprias e esperava-se que todos os seus homens frequentassem as sessões de educação física duas vezes por semana, com as funcionárias mulheres tendo sessões adicionais aos sábados, entre 8 e 10 da manhã.[311](#)

Ao contrário de Himmler, que alternava entre reprimendas paternas e elogios numa tentativa de educar seus homens, o estilo de liderança de Heydrich se baseava em instilar medo e dar o exemplo de como viver a vida como um homem da SS. Raramente passava uma impressão de jovialidade e convivência amigável na companhia dos outros, muito dificilmente bebendo ou fumando e jamais se regalando com jantares caros. O ascetismo que impusera a si próprio era parte da imagem marcial que cultivou até a morte. No trabalho, distribuía as tarefas de seus subordinados imediatos, que deviam cumprir as ordens de modo eficiente e criativo, pois ele incentivava iniciativas

radicais vindas de baixo. Desde muito cedo, Heydrich promoveu e viveu um ideal de *Menschenführung* – o termo da SS para liderança – com ênfase radical no instinto, no compromisso ideológico e no ativismo indiferente a regras. Isso diferia profundamente dos ideais de liderança da administração tradicional. A iniciativa pessoal era recompensada e as conciliações consideradas atos de covardia – uma atitude que ia ter consequências fatais durante o desencadear da violência dos *Einsatzgruppen* da SS na Segunda Guerra Mundial.[312](#)

Embora o SD ainda fosse uma organização muito pequena, pouco se parecendo com sua encarnação posterior de sinistro instrumento de terror do tempo da guerra, em 1934 ele já começara a exibir características dessa encarnação. Como a repressão ativa da oposição continuava sendo tarefa do Estado e mais especificamente da polícia política, o SD concentrou suas atividades de vigilância e espionagem naqueles supostos grupos inimigos que não eram, ainda, os alvos primários da repressão nazista: os judeus, os maçons e as igrejas. Impelido ao menos em parte pelo desejo de justificar sua existência, o SD forneceu assim a base material e ideológica para ondas futuras de perseguição política.[313](#) Durante os primeiros anos do Terceiro Reich, o SD de Heydrich também atraiu um grande número de elementos que se diferenciavam nitidamente do funcionário nazista típico. Heydrich rodeou-se de um círculo estreito de homens que eram ao mesmo tempo significativamente mais jovens que a maior parte das outras figuras de destaque do serviço público e consideravelmente mais preparados que o filiado médio do Partido Nazista. Em meados da década de 1930, o líder típico do SD tinha, como o próprio Heydrich, por volta de 30

anos de idade. Ao contrário de Heydrich, a maioria deles havia experimentado seu despertar político durante os primeiros anos da República de Weimar, quando se tornaram atuantes em associações e clubes de extrema-direita. Desafiando o risco de se desqualificarem para empregos no serviço público, tenderam a manter contato com grupos de direita ilegais durante a formação universitária. A autoimagem peculiar da maior parte dos líderes do SD estava, portanto, baseada num firme compromisso ideológico, numa ênfase no ativismo, na eficiência e numa rejeição elitista de organizações de massa como as SA ou, de fato, o próprio Partido Nazista.[314](#)

Ao selecionar os subordinados mais próximos, Heydrich dava a maior importância à convicção ideológica, à postura marcial e a uma aparência física atlética.[315](#) Seu assistente pessoal entre 1938 e 1942, o dr. Hans-Achim Ploetz, foi um excelente exemplo: nascido em 1911, Ploetz conquistara um doutorado em literatura e preenchia todas as condições ideológicas e físicas para o trabalho. Alto, atlético, louro e de olhos azuis, foi elogiado por Heydrich como um “imaculado nacional-socialista”.[316](#) A relativa juventude e o preparo de seus recrutas do SD eram uma expressão da determinação de Heydrich em criar uma nova elite nazista, eficiente, profissional e ideologicamente confiável, graças à realização, à capacidade e à disciplina. Essa nova elite foi adestrada para desempenhar tarefas e papéis cruciais no Terceiro Reich, que Heydrich estava determinado a consolidar e a defender permanentemente. Muito tempo depois, durante a Segunda Guerra Mundial, esses homens se tornariam o pessoal preferido por Heydrich para servir no Leste.[317](#)

Luta de Poder pela Prússia

No verão de 1934, Himmler e Heydrich tinham colocado sob seu controle os departamentos de polícia política na maioria dos estados alemães, mas a Prússia, o maior e politicamente mais importante estado alemão, continuava fora de alcance. Qualquer tentativa de assumir o controle da polícia prussiana teria sido encarada como um desafio direto ao poderoso ministro-presidente da Prússia, Hermann Göring, que dirigia pessoalmente a polícia política prussiana, a Gestapo. Tanto Heydrich quanto Himmler sabiam perfeitamente bem que não estavam em condições de vencer essa disputa.³¹⁸ Mas nem Himmler nem Heydrich se deixavam demover com facilidade. Na busca do controle da Gestapo, eles se beneficiaram do fato de que a violência aleatória das SA, que Göring havia instituído como forças policiais auxiliares em fevereiro de 1933, ameaçava cada vez mais causar danos à autoridade do partido e do Estado. Isso irritava não só os conservadores parceiros de coalizão dos nazistas, mas também grandes parcelas da população alemã. Embora relutando em conceder qualquer um de seus poderes a Himmler, Göring começou a encarar a SS como o único instrumento adequado para manter as SA, uma entidade rival muito maior que ela, sob controle. Por esse motivo instruiu a polícia política a usar apenas homens da SS como policiais auxiliares e decidiu que novos cargos na Gestapo deveriam ficar estritamente reservados para homens da SS.³¹⁹

Em abril de 1934, Göring e Himmler se encontraram para discutir o futuro da polícia política prussiana. Himmler

convenceu Göring de que ele continuaria tendo controle total da Gestapo e que a SS jamais ameaçaria sua autoridade. Assegurado seu controle total, Göring nomeou formalmente Himmler como diretor em exercício da Gestapo. Embora Himmler permanecesse formalmente sob a supervisão de Göring, o controle de todas as estruturas de polícia política da Alemanha se encontrava agora nas mãos da mais radical formação partidária, a SS. Apesar das objeções iniciais de Göring, Heydrich surgiu na esteira de Himmler: em 22 de abril de 1934, ele tornou a se deslocar para Berlim a fim de assumir seu novo cargo como chefe em exercício do escritório da Gestapo, retendo ao mesmo tempo suas funções como chefe do SD.[320](#)

Imediatamente após assumir o controle da Gestapo, Heydrich transferiu seu pessoal de confiança da Polícia Política Bávara, incluindo Heinrich Müller, Franz Josef Huber e Josef Meisinger, para a sede da Gestapo na Prinz-Albrecht-Strasse, em Berlim, uma antiga escola de artes e ofícios no coração do distrito governamental da Alemanha que ia se tornar sinônimo do Estado de terror nazista.[321](#) Quando Heydrich assumiu o comando da Gestapo prussiana em abril de 1934, herdou com ela um aparelho burocrático bastante grande que incluía por volta de 700 funcionários e membros do Estado-Maior na sede em Berlim, além de aproximadamente mais mil elementos nas sucursais locais da Gestapo por toda a Prússia.[322](#) No correr dos três anos seguintes, os efetivos da equipe subiriam para aproximadamente 7 mil empregados, a maioria deles oficiais de campo. Três quartos dos empregados da polícia política da Alemanha nazista já haviam trabalhado em diferentes ramos da polícia durante a República de Weimar; adicionais 5% vieram de outras instituições do Estado. Só

20% eram novos recrutas, em sua maioria membros ou simpatizantes do Partido Nazista.[323](#) Além disso, a polícia política podia recorrer a um exército de informantes pagos e não pagos, muitos deles antigos inimigos do nazismo que compraram a liberdade espionando ex-camaradas, e aos chamados vigias de bloco, geralmente simpatizantes nazistas e zeladores de blocos de apartamentos. Não existiam menos de 200 mil vigias de bloco em 1935, cada um responsável pela supervisão política de 40 a 60 moradias.[324](#) Como o jornalista americano Howard Smith, correspondente estrangeiro na Alemanha nazista, observou, em consequência disso a desconfiança mútua rapidamente permeou a sociedade alemã, criando um onipresente clima de acusação: “*Ich zeige Dich an, junger Mann!*” – essa é a frase mágica nos dias de hoje: ‘Farei com que o prendam, seu rapaz arrogante’, essa e ‘Tenho um amigo na cúpula do partido e *ele* vai ter uma conversinha com você!’ são como crianças ameaçando ‘chamar o meu pai, que é maior que o seu’”.[325](#)

A imagem convencional de uma sociedade alemã vigiando a si própria é, no entanto, um exagero. Só uma diminuta fração da população do Terceiro Reich fornecia voluntariamente informação à Gestapo. Denúncias de certos “crimes”, como “corrupção de raça” (relações sexuais com judeus) ou gente contando anedotas políticas eram muito mais comuns que a denúncia de inimigos políticos. Em números absolutos, os casos de denúncia eram raros; por exemplo, além de só ter havido de 3 a 51 denúncias por ano no estado de Lippe, onde a população era de 176 mil, uma alta proporção dos denunciantes era de membros do Partido Nazista.[326](#) Mesmo na capital da Alemanha nazista, a densidade da vigilância política permaneceu notavelmente

baixa. O número de funcionários da Gestapo jamais excedeu 800 oficiais e agentes. Numa cidade de 4,5 milhões de habitantes, isso equivalia a não mais que um agente para 5.600 berlinenses.[327](#)

Contudo, embora nunca tenha sido uma organização gigantesca, a Gestapo criou conscientemente uma atmosfera de medo e desconfiança. Heydrich contribuiu ativamente para essa atmosfera retratando a Gestapo, em artigos de jornal e declarações públicas, como uma organização onipresente, justificadamente temida pelos inimigos do Estado, enquanto ao mesmo tempo sugeria que os “cidadãos honestos” nada tinham a temer. Essa visão não refletia a força real da Gestapo, mas ainda assim conseguia criar uma situação em que os cidadãos se abstinham de cometer “crimes” para não serem alcançados por ela.[328](#)

Pouco depois de garantir o controle da Gestapo, Heydrich e Himmler voltaram-se para o próximo obstáculo que se colocava no caminho de suas crescentes ambições: as SA, sob a liderança de Ernst Röhm. Essa luta foi particularmente delicada, visto que Röhm, além de ter intimidade com Heydrich, era padrinho de seu filho mais velho, Klaus, que nascera em 17 de junho de 1933. Heydrich, Himmler e Röhm haviam sido aliados, inclusive amigos, nos primeiros meses após a indicação de Hitler como chanceler, formando uma frente comum contra conservadores e nazistas moderados. Foi a gradual aquisição pela SS do aparato policial do Estado que introduziu uma cunha entre eles. Assim que a liderança da SS obteve controle sobre todos os meios legítimos de repressão estatal, as SA, com sua ilegal violência de rua, tornou-se uma competidora inconveniente na luta pelo controle da força na Alemanha nazista.

Heydrich encarava a falta de disciplina das SA e sua discutível lealdade ao Führer com preocupação crescente: embora tivesse alguma simpatia pessoal pelo radicalismo antiordem-vigente de Röhm e seus associados, ele e Himmler logo perceberam que teriam mais poder a ganhar unindo-se ao crescente campo de conservadores anti-SA e às veteranas figuras militares que rejeitavam a ambição das SA de se tornarem o exército revolucionário do Terceiro Reich, o que acabaria por substituir a velha Reichswehr.[329](#)

A Noite das Facas Longas

Heydrich estava bem ciente de que predominava um clima tenso na Alemanha no verão de 1934. Mais de um ano após a subida de Hitler ao poder, a severa crise econômica que sacudia a Alemanha desde o outono de 1929 e possibilitara a ascensão de Hitler estava longe de terminar. Só um terço dos 6 milhões de pessoas desempregadas no final de 1932 tinham encontrado trabalho desde que os nazistas haviam assumido o governo e, aos poucos, o entusiasmo inicial que arrebatara grande parte da população em janeiro de 1933 dava lugar à desilusão. Contra esse pano de fundo, as SA, com sua promessa populista e anticapitalista de uma “segunda revolução”, representavam perigosa fonte de uma potencial agitação política. Tendo quebrado o poder da esquerda e intimidado os liberais, forçando-os à submissão, a liderança das SA também queria varrer para o lado os aliados conservadores (incluindo comerciantes, industriais e banqueiros) que haviam, antes de tudo, tornado possível a chegada de Hitler ao poder.[330](#)

Mais ameaçadoramente, Röhm desafiava o papel de liderança da Reichswehr na defesa nacional. Hitler temia uma guerra civil e, em fevereiro de 1934, rejeitou as exigências das SA, o que só exacerbou o conflito latente. No início de 1934, os oponentes das SA – o partido, a Gestapo e a Reichswehr – começaram a se preparar para uma ação decisiva. Desde muito cedo a SS – com um efetivo em torno de 200 mil homens na primavera de 1934 – tinha se posicionado como o leal braço executivo de Hitler para um possível ataque às SA, tropas rebeldes e muito maiores.

Depois de assumir o controle da Gestapo em abril, Heydrich intensificou a busca de material que pudesse incriminar o comando das SA. Em maio, sua Gestapo e o departamento de inteligência militar no ministério Reichswehr começaram a trocar material sobre as SA. A partir de meados de junho, a SS e o SD foram postos em alerta máximo.[331](#)

Aproximadamente na mesma época, a posição de Hitler foi também desafiada por seus parceiros conservadores da coalizão. Em 17 de junho, o vice-chanceler Franz von Papen provocou uma crise de governo proferindo um discurso, com ampla repercussão, na Universidade de Marburg, em que criticava violentamente o arbitrário regime de terror dos nazistas, ameaçando o futuro do governo de Hitler ao sugerir que apresentaria seu pedido de renúncia ao presidente Von Hindenburg. Isso teria dado fim ao governo de coalizão nomeado por Hindenburg em 30 de janeiro de 1933, levando à exoneração de Hitler como chanceler. Hitler ficou alarmado, sabendo que, no verão de 1934, o regime nazista não estava de modo algum estabelecido com a firmeza necessária para sobreviver a um confronto aberto com Hindenburg e os militares.[332](#)

Hitler solucionou a crise empreendendo uma ação decisiva contra as SA. Calculou que, eliminando a liderança das SA poderia desfazer o emaranhado de seus problemas políticos domésticos com um único golpe. A ameaça de uma segunda revolução seria varrida do horizonte, a maioria da população saudaria a eliminação das indisciplinadas SA com um suspiro de alívio e a aliança de governo entre nacional-socialistas e conservadores emergiria mais forte que nunca.[333](#)

A influência de Heydrich sobre a decisão de Hitler continua sendo objeto de considerável controvérsia. Segundo o

depoimento pós-guerra de oficiais superiores da SS, Heydrich iniciou uma conspiração consciente para destruir a liderança das SA forjando provas de um iminente golpe das SA. Outros afirmaram que a maioria das provas incriminadoras contra o comando das SA foi fornecida pelo exército e que a SS desempenhou antes o papel de executora que de instigadora da conspiração. Como a maior parte dos documentos relativos à Noite das Facas Longas foi destruída depois de 30 de junho de 1934, é difícil apurar a verdade. O que está claro é que Heydrich se voltou contra as SA não apenas por razões de avanço na carreira, como foi frequentemente alegado, mas também porque ele e Himmler viram nas SA uma ameaça real à estabilidade doméstica. Eles acreditavam firmemente que o facciosismo tornava a Alemanha vulnerável a ataques inimigos.[334](#)

Não poderia ter havido momento mais favorável para uma ação decisiva contra as SA que a oportunidade que surgiu no fim de junho de 1934: Röhm tinha saído de férias e mandara todas as lideranças SA tirarem férias de verão no mês de julho. Em função disso, a SS deu início aos preparativos para a eliminação do comando das SA. No início de junho, Eicke, comandante de Dachau, realizara treinamentos secretos para a distribuição de tropas da SS na área de Munique. No dia 27 de junho, os comandantes de distrito da SS e os principais oficiais do SD encontraram-se em Berlim, onde Heydrich explicou-lhes “que, segundo relatórios confirmados de inteligência, está sendo planejada uma revolta das SA sob o comando de Röhm”. Num acesso de raiva, Heydrich falou em tom bombástico sobre “as conexões de Röhm com a França e o envolvimento de outras forças hostis ao Estado”, como “os comunistas, que fluíram em grande quantidade para as SA, e ‘círculos reacionários’.

As únicas forças que podem proteger o Estado e o governo do Führer são a SS e a Reichswehr”.[335](#)

O SD de Heydrich forneceu listas com os nomes dos líderes das SA que deviam ser liquidados. Coordenando a operação de Berlim, Heydrich mandou Best e seu assistente no SD, Carl Albrecht Oberg, para Munique, a fim de supervisionarem uma onda de prisões no sul da Alemanha.[336](#) Em 30 de junho, o comando das SA foi detido no retiro bávaro de férias de Röhm, Bad Wiessee. Prisões simultâneas ocorreram em Berlim, na Silésia e em outros lugares. Cerca de 200 pessoas foram assassinadas, entre elas o próprio Röhm e o ex-chefe de organização do Partido Nazista, Gregor Strasser, que tinha se desentendido com Hitler no final de 1932. A SS também desferiu um golpe na direita conservadora. Entre os que foram mortos se incluíam o secretário de Papen, Herbert von Bose, o intelectual neoconservador Edgar Julius Jung e o antecessor de Hitler como chanceler alemão, general Kurt von Schleicher, que foi baleado juntamente com a esposa em sua casa perto de Berlim. Heydrich também usou a onda de prisões para acertar as contas com representantes proeminentes do “catolicismo político”, ordenando pessoalmente o assassinato do líder da organização Ação Católica, Erich Klausener. A advertência para os conservadores e políticos católicos não se colocarem no caminho dos novos governantes era inequívoca.[337](#)

A SS - e o SD em particular - emergiram como os verdadeiros vitoriosos da luta pelo poder entre o comando do Partido Nazista, a Reichswehr e as SA, que culminou, em 30 de junho, na Noite das Facas Longas. Para começar, fora com toda a probabilidade o SD de Heydrich que divulgara o material acusando Röhm de estar planejando um golpe. E os

oficiais da sua Gestapo tinham realizado a maioria dos assassinatos, provando uma inabalável lealdade ao Führer. Em reconhecimento aos seus feitos, Heydrich foi nomeado *SS-Gruppenführer* ou general de divisão em 30 de junho, aos 30 anos de idade.[338](#)

Problemas de Família

Em meados de 1934, a crise profissional de Heydrich, desencadeada pela dispensa da marinha, foi substituída por sua rápida ascensão na SS. Contudo, a difícil situação financeira dos pais continuava a desgostá-lo. Depois de um breve alívio de problemas de dinheiro nos meados dos anos 1920, as finanças do Conservatório de Halle foram rapidamente corroídas. Após o debilitante derrame de Bruno Heydrich em 1931, a esposa e a filha passaram a comandar o negócio da família em Halle, mas não tinham a reputação de Bruno. Além disso, a Grande Depressão privou o conservatório tanto de economias quanto de alunos. Depois de uma última era dourada nos anos 1920, a Depressão trouxe um desastre financeiro do qual instituições que proporcionavam educação em música clássica, como o conservatório de Bruno Heydrich, jamais se recuperaram. Educação musical virou de repente um luxo que poucas pessoas podiam se permitir, em particular quando a difusão dos gramofones oferecia uma forma alternativa (muito mais acessível) de entretenimento doméstico. Durante os anos da Depressão, o número de músicos profissionais e professores de música declinou dramaticamente e o Conservatório de Heydrich nunca se recuperou do golpe. No início de 1933, o conservatório estava diante da falência e a família teve de se mudar de sua mansão para um apartamento alugado.[339](#)

O cunhado de Heydrich, Wolfgang Heindorf, pôs Reinhard a par, em 6 de novembro de 1933, das extremas dificuldades financeiras da família e indagou se ele não teria condições de lhes fazer um empréstimo de 5 mil

reichsmarks. Heydrich deve ter recusado o pedido, pois duas semanas depois a mãe lhe pediu pessoalmente ao menos uma “pequena soma de dinheiro”. Heydrich – que pedira o apoio dos pais apenas dois anos e meio antes – parece que também não respondeu a essa carta. A 23 de novembro, os pais tornaram a fazer contato com ele, dessa vez por uma mensagem de telex mandada diretamente para seu gabinete. A nota manuscrita de Heydrich nas margens do telex indicam sua má vontade para tratar do assunto, mas ele acabou enviando dois vales postais, cada um de 50 reichsmarks, para os pais – muito menos que os 5 mil reichsmarks pedidos.[340](#)

Menos de três semanas depois, o dinheiro estava gasto e, em 18 de dezembro, sua irmã Maria contactou-o de novo, descrevendo a situação financeira dos pais nos termos mais sombrios. Como Maria e o marido não tinham meios financeiros de remediar essa situação e os pais estavam praticamente sem qualquer renda, o apoio de Heydrich parecia indispensável se ele não quisesse que os pais morressem de fome.[341](#) Maria e o marido também pediam a Heydrich dinheiro para subsidiar sua própria existência. Em junho de 1934, por exemplo, Heydrich recebeu uma conta de mais de 216 reichsmarks de uma loja de *delicatessen* de Halle, Pfeiffer & Haase, relativa às despesas da recepção de casamento dos Heindorf. Heydrich ficou furioso e se recusou a pagar.[342](#)

Para ter uma ideia dos complicados direitos de propriedade do Conservatório de Dresden e para calcular quanto dinheiro a mãe, como coproprietária, poderia esperar receber na eventualidade de uma liquidação do negócio, Heydrich pediu que um subordinado do SD, o dr. Herbert Mehlhorn, advogado, o assessorasse sobre as

possíveis estratégias legais. Mehlhorn, membro da SS desde 1932, só entrara no SD em março de 1933, mas já se tornara subchefe da Gestapo na Saxônia. No verão de 1935, presumivelmente graças à sua assistência na resolução dos assuntos de família de Heydrich em Halle e Dresden, foi nomeado para um cargo importante no escritório central do SD em Berlim.[343](#)

A resposta de Mehlhorn ao pedido de Heydrich chegara rapidamente. Em 18 de dezembro de 1933, submetia sua avaliação legal da situação ao gabinete de Heydrich. Mehlhorn estimava que, em teoria, a parte de Elisabeth Heydrich no Conservatório de Dresden elevava-se a 36 mil reichsmarks. No clima econômico da época, porém, era provável que uma venda do conservatório resultasse em muito menos, mesmo que os irmãos consentissem em vender o negócio da família. Segundo Mehlhorn, o irmão mais velho fizera uma proposta decente, oferecendo-se para comprar a parte dela em três prestações: 5 mil reichsmarks imediatamente, 5 mil RM em cinco anos e uma prestação final de 2 mil RM em oito anos. Estava inclusive disposto a pagar juros sobre os débitos a vencer com uma taxa de 4% ao ano. Embora a proposta não refletisse o valor teórico da parte de Elisabeth Heydrich no negócio da família, resolveria seus inadiáveis problemas financeiros. Para grande desapontamento de Mehlhorn, os pais de Reinhard rejeitaram a proposta, insistindo para que o filho mais velho lhes fizesse um empréstimo até que a situação econômica permitisse a venda do Conservatório de Dresden por um valor mais alto.[344](#)

Depois de ler o relatório de Mehlhorn, Heydrich informou aos pais que seus recursos financeiros eram insuficientes para atender às suas demandas e que ele próprio pedira um

empréstimo a Himmler. Lembrava que já fornecera 700 reichsmarks para as despesas correntes dos dois nos últimos dois meses – uma situação insustentável dado o recente aumento de sua própria família. Em junho de 1933, Lina dera à luz o primeiro filho dos Heydrich, Klaus, o que significava que o modesto salário de Heydrich tinha agora de sustentar uma família de três.³⁴⁵ Heydrich acrescentou à carta uma minuta de acordo contratual entre os pais e ele, regulando os respectivos deveres. Segundo o acordo, Heydrich propunha-se a pagar as despesas correntes dos pais (65 reichsmarks para o aluguel e 50 reichsmarks para os gastos de consumo) até eles venderem a casa em Halle e as reivindicações com relação ao Conservatório de Dresden terem sido decididas. Em troca, solicitava que os pais se mudassem para Munique e procurassem não acumular novas dívidas. Os pais também deviam evitar “a tagarelice” em estabelecimentos de comércio e bares que pudesse “pôr em risco o meio de vida de seus filhos” – provavelmente uma referência ao fato de que tanto os pais quanto a família da irmã tendiam a se referir à elevada posição de Reinhard Heydrich no novo regime sempre que compravam mantimentos e bebidas a crédito. Violações do acordo isentariam Heydrich da obrigação de fazer seus pagamentos voluntários.³⁴⁶

O fato de não existir uma cópia assinada do acordo nos arquivos pessoais de Heydrich e de jamais os pais de Heydrich terem se mudado para Munique sugere que rejeitaram a proposta do filho, o que presumivelmente acelerou o colapso final do outrora florescente Conservatório de Halle. Em 26 de dezembro de 1935, Bruno Heydrich informou as autoridades de Halle de que seu conservatório havia fechado as portas para sempre.³⁴⁷ Os

problemas constantes do conservatório e o relacionamento cada vez mais tenso com a família em Halle fizeram no mínimo com que Reinhard se distanciasse ainda mais de sua vida passada. As idas a Halle cessaram inteiramente. Ele já não visitava os pais, que passaram a morar, até o verão de 1938, quando Bruno já estava agonizante, num minúsculo apartamento alugado num dos bairros operários da cidade. Heydrich não retornou à sua cidade natal após o funeral do pai no final de agosto daquele ano, mas continuou a fazer contribuições financeiras esporádicas para as despesas correntes da mãe. Foi só após a morte de Reinhard, em 1942, que Elisabeth Heydrich foi de novo convidada a frequentar a casa da família, possivelmente para tomar conta dos netos. Para Reinhard, ao contrário, o futuro parecia de fato muito promissor no verão de 1934. Depois de quase três anos de incerteza profissional, de mudanças constantes para acomodações de curto prazo e alugadas, ele estava finalmente em condições de se permitir um generoso apartamento em Südende, subúrbio afluyente de Berlim. A renda de Heydrich era também suficiente para contratar uma empregada doméstica. No final desse ano extremamente bem-sucedido, em 28 de dezembro de 1934, a esposa de Heydrich deu à luz o segundo filho do casal, Heider.[348](#)

[218](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 26.

[219](#) Ver, por exemplo, Breitman, *Architect*, p. 87; Heinrich Fraenkel e Roger Manvell, *Himmler. Kleinbürger und Massenmörder* (Frankfurt am Main, 1965), p. 80; depoimento de Wilhelm Höttl, em *IMT*, vol. 11, p. 259; testemunho de Kaltenbrunner de 12 de abril de 1946, em *IMT*, vol. 11, p. 337s.; Fest, "Successor", pp. 143, 146s. e 151s.; Andreas Schulz e Gundula Grebner, *Generationswechsel und historischer Wandel* (Munique, 2003); Schellenberg, *Labyrinth*, pp. 228 e 256s.; Deschner, *Heydrich*, pp. 10 e 282.

[220](#) Kersten, *Totenkopf*, p. 130. Ver também o testemunho pós-guerra de Wilhelm Wanek, um funcionário graduado da SD-Ausland, em *IfZ*, ZS 1579. Essa interpretação foi popularizada por Fest, "Successor", pp. 139ss.

[221](#) Longerich, *Himmler*; Breitman, *Architect*; sobre seus primeiros anos, ver também Bradley F. Smith, *Heinrich Himmler: A Nazi in the Making, 1900-1921* (Stanford, CA, 1974).

[222](#) Diehl, *Körperbilder*, Sven Reichardt, "Gewalt, Körper, Politik, Paradoxien in der Kulturgeschichte der Zwischenkriegszeit", em Wolfgang Hardtwig (org.), *Politische Kulturgeschichte der Zwischenkriegszeit 1918-1939* (Göttingen, 2005), pp. 205-39.

[223](#) Deschner, *Heydrich*, p. 45s.; Dederichs, *Heydrich*, p. 55; Shlomo Aronson e Richard Breitman, "Eine unbekannte Himmler-Rede vom Januar 1943", *VfZ* 38 (1990), pp. 337-48, aqui p. 343.

[224](#) Wildt, *Generation*, p. 241.

[225](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 27; Aronson e Breitman, "Rede", p. 343s., sugerem que o salário era ainda mais baixo: 120 reichsmarks por mês. Para os salários citados e outros usados como termo de comparação para 1931, ver Dietmar Petzina, Werner Abelschauser e Anselm Faust (orgs.), *Materialien zur Statistik des Deutschen Reiches 1914-1945* (Munique, 1978), pp. 100ss.

[226](#) Ver o depoimento pós-guerra de Erich Schultze, como citado em Deschner, *Heydrich*, p. 46.

[227](#) Discurso fúnebre de Himmler como reproduzido em Walter Wannenmacher (org.), *Reinhard Heydrich Ein Leben der Tat* (Praga, 1994), pp. 81ss.

[228](#) BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich; Heinz Höhne, *Der Orden unter dem Totenkopf. Die Geschichte der SS* (Munique, 1984), pp. 23ss.

[229](#) Höhne, *Orden*, p. 56.

[230](#) Inspekteur für Statistik to Himmler, 1º de março de 1943, como citado em Bernd Wegner, *Hitlers politische Soldaten. Die Waffen-SS 1933-1945. Leitbild, Struktur und Funktion einer national-sozialistischen Elite* (Paderborn, 1997), p. 80. Ver também Adrian Weale, *The SS: A New History* (Londres, 2010), pp. 19ss.; sobre aristocratas na SS, ver Malinowski, *Führer*; sobre as SA, ver Peter Longerich, *Die braunen Bataillone. Geschichte der SA* (Munique, 1989), p. 111. O número de filiação de Heydrich à SS era 10.120. Ver BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich.

[231](#) Sven Reichardt, *Faschistische Kampfbünde. Gewalt und Gemeinschaft im italienischen Squadrismus und in der deutschen SA* (Colônia, 2002), pp. 166ss.

[232](#) BAB, BDC, SSO Streckenbach; Michael Wildt, "Der Hamburger Gestapo-chef Bruno Streckenbach. Eine nationalsozialistische Karriere", em Frank Bajohr e Joachim Szodrzynski (orgs.), *Hamburg in der NS-Zeit: Ergebnisse neuerer Forschungen* (Hamburgo, 1995), pp. 93-123.

[233](#) Sobre a postura apolítica de Heydrich em 1931, ver Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 27 e 63; Aronson e Breitman, “Rede”, p. 344; sobre Hamburgo nesse período, ver Anthony McElligott, *Contested City: Municipal Politics and the Rise of Nazism in Altona, 1917-1937* (Ann Arbor, MI, 1998), pp. 163ss.; Ursula Büttner, “Der Aufstieg der NSDAP”, em Forschungsstelle für Zeitgeschichte em Hamburgo (org.), *Hamburg im Dritten Reich* (Göttingen, 2005), pp. 27-68.

[234](#) Calic, *Heydrich*, p. 58s. Com certeza, essas histórias têm de ser digeridas com uma pitada de sal. É estranho que a propaganda nazista jamais tenha mencionado o período de Heydrich em Hamburgo após 1942, quando um confronto violento com um oponente ideológico, talvez até um ferimento recebido durante um ataque, teria aumentado a auréola de Heydrich como “homem de ação”.

[235](#) Sobre Streckenbach, ver Wildt, “Streckenbach”.

[236](#) Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 55ss.; Browder, *Enforcers*, pp. 105ss.; Lawrence D. Stokes, “The Sicherheitsdienst (SD) do Reichsführer SS e German Public Opinion, September 1939-June 1941”, tese de doutorado não publicada, Johns Hopkins University, 1972, p. 28.

[237](#) BAB, BDC, SSO Hildebrandt; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 56; Deschner, *Heydrich*, p. 51.

[238](#) Reinhard Heydrich para Mathilde von Osten, 11 de agosto de 1931, em IfZ, Ed 450.

[239](#) Reinhard Heydrich para Mathilde von Osten, 22 de agosto de 1931, em IfZ, Ed 450.

[240](#) Aronson, *Frühgeschichte*, doc. 7, pp. 317s. Ver o depoimento pós-guerra de Wolff, em IfZ, ZS 317, ff. p. 34s.

[241](#) Ordem de Himmler em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 55 e (como doc. 8) p. 318.

[242](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 56; Deschner, *Heydrich*, p. 55; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 27.

[243](#) Wildt, *Generation*, p. 242; Browder, *Enforcers*, pp. 107ss.

[244](#) Browder, *Foundations*, p. 23.

[245](#) Hino do Partido Nazista. (N. do T.)

[246](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 28s.

[247](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 29; ver os documentos da promoção de 11 e 18 de dezembro de 1931 (assinados por Himmler) em IfZ, Ed 450. Para comparação de salários, ver Petzina *et al.* (orgs.), *Materialien*, pp. 100ss.

[248](#) “Verlobungs- und Heiratsbefehl”, de Himmler, 31 de dezembro de 1931, BAB, NS 2/174; ver também Gudrun Schwarz, *Eine Frau an seiner Seite. Ehefrauen in der SS-Sippengemeinschaft* (Hamburgo, 1997), pp. 24ss.; Isabel Heinemann, “‘Another Type of Perpetrator’: The SS Racial Experts e Forced Population Movements in the Occupied Regions”, *Holocaust and Genocide Studies* 15 (2001), pp. 387-411.

[249](#) Schwarz, *Frau an seiner Seite*.

[250](#) Richard Walther Darré, *Neuadel aus Blut und Boden* (Munique, 1930), pp. 127-200; Josef Ackermann, *Heinrich Himmler as Ideologe* (Göttingen, 1970), p. 103s.; Alexandra Gerstner, *Neuer Adel. Aristokratische Elitekonzeptionen zwischen Jahrhundertwende und Nationalsozialismus* (Darmstadt, 2008); Eckart

Conze, "Adel unter dem Totenkopf. Die Idee eines Neuadels in den Gesellschaftsvorstellungen der SS", em *idem* e Monika Wienfort (orgs.), *Adel und Moderne. Deutschland im europäischen Vergleich im 19. und 20. Jahrhundert* (Colônia, 2004), pp. 151-76.

[251](#) Ulrich Herbert, "Traditionen des Rassismus", em *idem*, *Arbeit, Volkstum, Weltanschauung. Über Fremde und Deutsche im 20. Jahrhundert* (Frankfurt am Main, 1995), pp. 11-29, particularmente pp. 22-6; Ludolf Herbst, *Das nationalsozialistische Deutschland, 1933-1945. Die Entfesselung der Gewalt. Rassismus und Krieg* (Frankfurt am Main, 1996), pp. 37-58, particularmente pp. 54ss.; Stefan Kühl, *Die Internationale der Rassisten. Aufstieg und Niedergang der internationalen Bewegung für Eunegetik und Rassenhygiene im 20. Jahrhundert* (Frankfurt am Main e Nova York, 1997), p. 122s.; Peter Weingart, Jürgen Kroll e Kurt Bayertz, *Rasse, Blut und Gene. Geschichte der Eugenik und Rassenhygiene in Deutschland* (Frankfurt am Main, 1988), pp. 367ss.

[252](#) Richard Weikart, *From Darwin to Hitler: Evolutionary Ethics, Eugenics, and Racism in Germany* (Basingstoke, 2004); Mike Hawkins, *Social Darwinism in European and American Thought, 1860-1945* (Cambridge, 1997); Heydrich, *Kriegsverbrecher*.

[253](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 29 e 34; cartão de membro do clube de futebol Lochhausen, 1º de junho de 1932, em BAB, R 58, anexo 21.

[254](#) Reinhard Heydrich para os pais de Lina, 6 de janeiro de 1932, em IfZ, Ed 450.

[255](#) Lina Heydrich sobre Margarete Himmler, em *Der Spiegel*, 9 de fevereiro de 1950, pp. 24-8, aqui p. 24. Ver também Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 30.

[256](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 57; Dederichs, *Heydrich*, p. 66.

[257](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 57s.

[258](#) *Ibid.*, pp. 43ss. e 57; ver também Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 33.

[259](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 60; Yad Vashem Archive, pp. 97-210 F I.

[260](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 34; sobre as sangrentas campanhas das eleições, ver Reichardt, *Kampfbünde*, pp. 579ss.

[261](#) Líder provincial. (N. do T.)

[262](#) Jordan para Strasser, 6 de junho de 1932, em BAB, PK E0071.

[263](#) Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 63 e 260, nº 72.

[264](#) Gercke to Reichsorganisationsleitung der NSDAP, 22 de junho de 1932, em BAB, PK E71. Uma cópia da carta de Gercke foi também enviada a Himmler. Ver Aronson, *Frühgeschichte*, p. 63; uma cópia da carta está reproduzida como doc. 4 em p. 312s.

[265](#) Depoimento pós-guerra de Ernst Hoffmann, 9 de março de 1971, em IfZ, Ed 450. Ver também Flachowsky, "Abstammung", pp. 317ss.; carta de Wolfgang Heindorf a Heydrich de 30 de novembro de 1935, informando sobre o progresso nas investigações particulares sobre a suposta ascendência judaica de Bruno Heydrich, em BAB, R 58, anexo 22.

[266](#) Deschner, *Heydrich*, p. 62.

[267](#) Ver o depoimento pós-guerra de Paul Leffler, um dos poucos empregados assalariados do SD em tempo integral em 1932, como citado em Aronson, *Heydrich*, p. 61; sobre a ambição de Heydrich de copiar o serviço secreto britânico, ver Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 33.

[268](#) Wildt, *Generation*, p. 243; sobre o número de empregados do SD, ver

George Browder, "The Numerical Strength of the Sicherheitsdienst des RFSS", *Historical Social Research* 28 (1983), pp. 30-41.

[269](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 62; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 35s.

[270](#) Para um relato detalhado desses eventos, ver Ian Kershaw, *Hitler 1889-1936: Hubris* (Londres, 1998), pp. 413ss.

[271](#) Henry Ashby Turner, *Hitler's Thirty Days to Power: January 1933* (Londres, 1997); Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 38.

[272](#) Sobre o papel do terror na fase inicial do Terceiro Reich, ver Klaus Drobisch und Günther Wieland, *System der NS-Konzentrationslager 1933-1939* (Berlim, 1993), pp. 11ss.; Browder, *Foundations*, pp. 50ss.; Richard Bessel, "The Nazi Capture of Power", *Journal of Contemporary History* 39 (2004), pp. 169-88.

[273](#) Sobre os diferentes tipos dos primeiros campos de concentração em 1933-1944, ver Johannes Tuchel, *Konzentrationslager. Organisationsgeschichte und Funktion der "Inspektion der Konzentrationslager" 1934-1938* (Boppard, 1991), pp. 38ss.; Nikolaus Wachsmann "The Dynamics of Destruction: The Development of the Concentration Camps, 1933-1945", em *idem* e Jane Caplan (orgs.), *Concentration Camps in Nazi Germany: The New Histories* (Londres, 2009), pp. 17-43.

[274](#) Evans, "Coercion and Consent"; ver também Richard Bessel, *Political Violence and the Rise of Nazism: The Storm Troopers in Eastern Germany 1925-1934* (New Haven, CT, 1984), pp. 97ss.; Eric G. Reiche, *The Development of the SA in Nürnberg, 1922-1934* (Cambridge, 1986), pp. 173ss.; Longerich, *SA*, pp. 165ss.

[275](#) Bessel, "Capture of Power", pp. 169ss.; Evans, "Coercion and Consent".

[276](#) Browder, *Foundations*, p. 50s.; Tuchel, *Konzentrationslager*, pp. 47ss.; Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 75ss.

[277](#) Heydrich a Daluege, 5 de março de 1933, em IfZ, Ed 450. Ver também Johannes Tuchel e Reinold Schattenfroh, *Zentrale des Terrors. Prinz-Albrecht-Str. 8. Das Hauptquartier der Gestapo* (Berlim, 1987), p. 63s.; Wildt, *Generation*, p. 244; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 107.

[278](#) Regiões administrativas. (N. do T.)

[279](#) Deschner, *Heydrich*, p. 84s.; Dederichs, *Heydrich*, p. 73s.; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 38s.; Aronson, *Frühgeschichte*, p. 107.

[280](#) Sobre a tomada do poder na Baviera, ver Jochen Klenner, *Verhältnis von Partei und Staat 1933-1945, dargestellt am Beispiel Bayerns* (Munique, 1974), pp. 44ss.; Robert Gellately, *The Gestapo and German Society: Enforcing Racial Policy 1933-1945* (Oxford, 1990), p. 53s.; Ortwin Domröse, *Der NS-Staat in Bayern von der Machtergreifung bis zum Röhm-Putsch* (Munique, 1974), pp. 80ss.; Tuchel, *Konzentrationslager*, pp. 121ss.; Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 98ss.; a nomeação de Heydrich foi acompanhada de outra promoção, dessa vez para *SS-Oberführer*. Ver Arquivo do Yad Vashem, pp. 97-210 F I.

[281](#) Lina Heydrich para os pais, 13 de março de 1933, em IfZ, Ed 450.

[282](#) Martin Broszat e Hartmut Mehringer (orgs.), *Bayern in der NS-Zeit*, vol. 5: *Die Parteien, KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand* (Munique, 1983); Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 117ss.

[283](#) Doris Seidel, "Die jüdische Gemeinde Münchens 1933-1945", em Angelika Baumann e Andreas Heussler (orgs.), *München arisiert. Entrechtung und Enteignung der Juden in der NS-Zeit* (Munique, 2004), pp. 31-53, aqui p. 34;

Douglas Bokovoy, "Verfolgung und Vernichtung", em *idem* e Stefan Meining (orgs.), *Versagte Heimat. Jüdisches Leben in Münchens Isarvorstadt* (Munique, 1994), pp. 223-60, aqui p. 223; Baruch Z. Ophir e Falk Wiesemann, *Die jüdischen Gemeinden in Bayern 1918-1945* (Munique, 1979), p. 43s. Reinhard Weber, *Das Schicksal der jüdischen Rechtsanwälte in Bayern nach 1933* (Munique, 2006), p. 50.

[284](#) Sobre Müller, ver Joachim Bornschein, *Gestapochef Heinrich Müller. Technokrat des Terrors* (Leipzig, 2004); ver também Andreas Seeger, "Gestapo-Müller". *Die Karriere eines Schreibtischtäters* (Berlim, 1996).

[285](#) Reinhard Heydrich, *Wandlungen unseres Kampfes* (Munique e Berlim, 1936), p. 19

[286](#) Sobre o sistema triangular da SS, polícia política e campos de concentração, ver Browder, *Foundations*, pp. 66ss.; sobre os primeiros campos, ver Jane Caplan, "Political Detention and the Origin of the Concentration Camps in Nazi Germany, 1933-1935/6", em Neil Gregor (org.), *Nazism, War and Genocide: New Perspectives on the History of the Third Reich* (Exeter, 2008), pp. 22-41; Drobisch e Wieland, *System*, pp. 27ss.

[287](#) Longerich, *Himmler*, p. 160s.; sobre Dachau, ver Barbara Distel e Ruth Jakusch, *Konzentrationslager Dachau, 1933-1945* (Bruxelas, 1978); Anne Bernou-Fieseler e Fabien Théofilakis (orgs.), *Das Konzentrationslager Dachau. Erlebnis, Erinnerung, Geschichte. Deutsch-Französisches Kolloquium zum 60. Jahrestag der Befreiung des Konzentrationslagers Dachau* (Munique, 2006); Hans-Günter Richardi, *Schule der Gewalt. Die Anfänge des Konzentrationslagers Dachau 1933-1934. Ein dokumentarischer Bericht* (Munique, 1983).

[288](#) Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 125s.; Richardi, *Schule*, pp. 55ss. e 88ss.; Christopher Dillon, "We'll Meet Again in Dachau: The Early Dachau SS and the Narrative of Civil War", *Journal of Contemporary History* 45 (2010), pp. 535-54.

[289](#) Ambas as cartas de Heydrich a Wagner, de 5 de agosto de 1933 e 1º de janeiro de 1934, estão reproduzidas em Aronson, *Frühgeschichte*, p. 325, docs. 17 e 17a. Sobre os números, ver Stanislav Zámečník, "Dachau-Stammlager", em Wolfgang Benz e Barbara Distel (orgs.), *Der Ort des Terrors* (Munique, 2005-2009), vol. 2, pp. 233-74, aqui p. 234.

[290](#) Zámečník, "Dachau-Stammlager", p. 235.

[291](#) Ver a declaração pós-guerra de Best em Heydrich, IfZ, ZS 207/2.

[292](#) BAB, BDC, SSO Eicke.

[293](#) Sobre o "modelo Dachau", ver Tuchel, *Konzentrationslager*, pp. 141ss.; Richardi, *Schule*, pp. 119ss.

[294](#) Heydrich às sucursais da Gestapo, 29 de outubro de 1934, em BAB, R 58/264, f. 69. Ver também Browder, *Foundations*, p. 157.

[295](#) Sobre a vida nos primeiros campos, ver Caplan e Wachsmann (orgs.), *Concentration Camps*.

[296](#) Paul Egon Hübinger, "Thomas Mann und Reinhard Heydrich in den Akten des Reichsstatthalters von Epp", *VfZ* 28 (1980), pp. 111-43.

[297](#) *Ibid.*, citação em pp. 136ss.

[298](#) Hartmut Mehringer, "Die KPD in Bayern 1919-1945. Vorgeschichte, Verfolgung und Widerstand", em *idem* Broszat (orgs.), *Bayern in der NS-Zeit*, vol. 5: *Die Parteien KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand*, pp. 1-286, aqui pp. 73ss.; ver também Tuchel, *Konzentrationslager*, pp. 53ss.

[299](#) Sobre Hamburgo, ver Browder, *Foundations*, pp. 100ss.; Wildt, “Streckenbach”, pp. 93ss.; Ludwig Eiber, “Unter Führung des NSDAP-Gauleiters. Die Hamburger Staatspolizei (1933-1937)”, em Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (orgs.), *Die Gestapo. Mythos und Realität* (Darmstadt, 1995), pp. 101-17. Sobre Lübeck, Mecklenburg e Württemberg, ver Browder, *Foundations*, pp. 104ss. Sobre Baden, ver Michael Stolle, *Die Geheime Staatspolizei in Baden. Personal, Organisation, Wirkung und Nachwirken einer regionalen Verfolgungsbehörde im Dritten Reich* (Konstanz, 2001), pp. 85ss. Sobre Brêmen, ver Inge Marssolek e René Ott, *Bremen im “Dritten Reich”. Anpassung - Widerstand - Verfolgung* (Brêmen, 1986), pp. 121ss. e pp. 176ss. Sobre Anhalt, Hessen, Turíngia, Saxônia e Lippe, ver Browder, *Foundations*, pp. 109ss. Sobre Brunswick, ver Gerhard Wysocki, *Die Gehemeine Staatspolizei im Land Braunschweig. Polizeirecht und Polizeipraxis im Nationalsozialismus* (Frankfurt am Main e Nova York, 1997), p. 58s.

[300](#) Wildt, *Generation*, p. 247; Browder, *Foundations*, p. 100s.; Alwin Ramme, *Der Sicherheitsdienst der SS. Zu seiner Funktion im faschistischen Machtapparat und im Besatzungsregime des sogenannten Generalgouvernements* (Berlim Oriental, 1970), pp. 33ss.; Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 156ss.

[301](#) Herbert, *Best*, pp. 133ss.

[302](#) Declaração sobre Heydrich do dr. Werner Best, 1º de outubro de 1959, em Copenhagen, em IfZ, ZS 207/2, p. 3. Para um relato similar, ver Schellenberg, *Labyrinth*, p. 36; e o depoimento pós-guerra de Anatol von der Milwe (26 de junho de 1949), em IfZ, ZS 106.

[303](#) Declaração sobre Heydrich do dr. Werner Best, 1º de outubro de 1959, em Copenhagen, IfZ, ZS 207/2, p. 13.

[304](#) Herbert, *Best*, pp. 91ss.

[305](#) Stefan Breuer, *Ordnungen der Ungleichheit. Die deutsche Rechte im Widerstreit ihrer Ideen, 1871-1945* (Darmstadt, 2001).

[306](#) Helmut Lethen, *Cool Conduct: The Culture of Distance in Weimar Germany* (Berkeley, CA, 2002); ver também Moritz Bassler e Ewout van der Knaap (orgs.), *Die (k)alte Sachlichkeit. Herkunft und Wirkungen eines Konzepts* (Würzburg, 2004).

[307](#) Longerich, *Himmler*, pp. 265ss.

[308](#) Ver o depoimento pós-guerra de Walter Wanec, um funcionário graduado do SD-Ausland, em IfZ, ZS 1579.

[309](#) A mais perspicaz dessas caracterizações é o relato pós-guerra de Werner Best em IfZ (Munique), ZS 207/2. Arthur Nebe escreveu após a guerra que só a presença de Heydrich já lhe provocava um “tremor físico”. Ver Arthur Nebe, “Das Spiel ist aus. Glanz und Elend der deutschen Kriminalpolizei”, em *Der Spiegel*, 22 de dezembro de 1949, p. 27. Numa declaração similar do pós-guerra, o chefe do SD-Inland, Franz Alfred Six, sustentou que “todos tinham medo de Heydrich”. Depoimento pós-guerra de Franz Alfred Six como citado em *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 25 de outubro de 1963, p. 7. Ver também o depoimento pós-guerra de Walter Wanec, funcionário graduado do SD-Ausland, em IfZ, ZS 1579.

[310](#) Ver o depoimento pós-guerra do assistente pessoal de Heydrich, Hans-Hendrik Neumann, em IfZ, ZS 1260; ver também Heydrich, *Wandlungen*, p. 19s. De 1937 em diante, Heydrich supervisionou pessoalmente o exercício físico

regular de seus homens como SS *Inspekteur für Leibesübungen*. Ver as ordens de Heydrich de 9 de maio de 1937 e 16 de dezembro de 1940, em IfZ, Ed 450; ver também Daniels, “Leibeserzieher”, *Leibesübungen und körperliche Erziehung* 61 (1942), pp. 114-17; Ulrich Popplow, “Reinhard Heydrich oder die Aufnordung durch den Sport”, *Olympisches Feuer. Zeitschrift der deutschen Olympischen Gessellschaft* 8 (1963), pp. 14-20.

[311](#) Ver as ordens de Heydrich de 18 de maio de 1940, 26 de julho de 1940 e 6 de janeiro de 1942, em “Dienstliche Körperschulung im Reichssicherheitshauptamt”, IfZ, MA-445. De 1941 em diante, os empregados do RSHA podiam escolher entre esgrima, handebol, futebol, boxe, atletismo e natação. As lições de esgrima, de que o próprio Heydrich participava, ocorriam às quintas-feiras entre 6 e 9 da noite no próprio ginásio do RSHA. Ver ordem de Heydrich de 23 de abril de 1941, em IfZ, MA 445.

[312](#) Ver Lina Heydrich para Peter Schneiders, 12 de junho de 1962, NIOD, doc. I, 691A; Dieter Rebentisch e Karl Teppe (orgs.), *Verwaltung contra Menschenführung im Staate Hitlers. Studien zum politisch-administrativen System* (Göttingen, 1986).

[313](#) George C. Browder, “Die Anfänge des SD. Dokumente aus der Organisationsgeschichte des Sicherheitsdienstes des Reichsführers SS”, VfZ 27 (1979), pp. 299-324; Banach, *Elite*, p. 95s.

[314](#) Sobre a geração jovem da guerra e seu papel de liderança na SS, ver Wildt, *Generation*; Ulrich Herbert, “Ideological Legitimization and Political Practice of the Leadership of the National Socialist Secret Police”, em Hans Mommsen (org.), *The Third Reich between Vision and Reality: New Perspectives on German History, 1918-1945* (Oxford, 2001), pp. 99-108; Herbert, *Best*, p. 187.

[315](#) Depoimento pós-guerra de Werner Best, em IfZ, ZS 207/2, pp. 3-5.

[316](#) BAB, BDC, SSO Hans-Achim Pletz. Ele tombou, no final do verão de 1944, no Front Oriental.

[317](#) Banach, *Elite*, p. 19.

[318](#) Tuchel e Schattenfroh, *Zentrale*, p. 63s.; Tuchel, “Gestapa und Reichssicherheitshauptamt. Die Berliner Zentralinstitutionen der Gestapo”, em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo. Mythos und Realität*, pp. 84-100, aqui p. 86; Wildt, *Generation*, p. 217; Browder, *Foundations*, p. 89s.; Wilhelm, *Polizei*, p. 42; Gellately, *Gestapo*, p. 46; Christoph Graf, *Politische Polizei zwischen Demokratie und Diktatur. Die Entwicklung der preussischen Politischen Polizei vom Staatsschutzorgan der Weimarer Republik zum Geheimen Staatspolizeiamt des Dritten Reiches* (Berlim, 1983), pp. 139ss.

[319](#) Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 46; Graf, *Politische Polizei*, pp. 179ss.; Browder, *Foundations*, p. 87.

[320](#) Wildt, *Generation*, p. 219s.; Tuchel, “Gestapa”, p. 88s.; Longerich, *Himmler*, p. 178.

[321](#) Heydrich a Göring, 9 de julho de 1934, Geheimes Preussisches Staatsarchiv, I HA Rep. 90 P 8H2; ver também Banach, *Elite*, p. 283; Tuchel, “Gestapa”, p. 90; Wildt, *Generation*, p. 222; Rudolf Diels, *Lucifer ante Portas. Es spricht der erste Chef der Gestapo* (Stuttgart, 1950), p. 415s.

[322](#) Tuchel e Schattenfroh, *Zentrale*, p. 80; Hans Buchheim, “Die SS – Das Herrschaftsinstrument”, em *idem*, Martin Broszat, Hans-Adolf Jacobsen e Helmut Krausnick, *Anatomie des SS-Staates* (3ª ed., Munique, 1994), vol. 1, pp. 113-36;

Tuchel, "Gestapa", p. 90; Wildt, *Generation*, p. 222; Browder, *Foundations*, p. 115; Longerich, *Himmler*, p. 184.

[323](#) Elisabeth Kohlhaas, "Die Mitarbeiter der regionalen Staatspolizeistellen. Quantitative und qualitative Befunde zur Personalausstattung der Gestapo", em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo. Mythos und Realität*, pp. 219-35; Browder, *Foundations*, p. 56.a

[324](#) Walter Otto Weyrauch, *Gestapo V-Leute. Tatsachen und Theorie des Geheimdienstes. Untersuchungen zur Geheimen Staatspolizei während der nationalsozialistischen Herrschaft* (Frankfurt am Main, 1989); sobre o vigia de bloco, ver Detlef Schmiechen-Ackermann, "Der 'Blockwart'. Die unteren Parteifunktionen im nationalsozialistischen Terror- und Überwachungsapparat", *VfZ* 48 (2000), pp. 575-602; Gisela Diewald-Kerkmann, *Politische Denunziation im NS-Regime oder die kleine Macht der "Volksgenossen"* (Bonn, 1995).

[325](#) Howard Smith como citado em Roger Moorhouse, *Berlin at War: Life and Death in Hitler's Capital, 1939-45* (Londres, 2010), p. 227.

[326](#) Gellately, *Gestapo*; Eric A. Johnson, *Nazi Terror: The Gestapo, Jews, and Ordinary Germans* (Nova York, 1999), pp. 392ss.; Reinhard Mann, *Protest und Kontrolle im Dritten Reich. Nationalsozialistische Herrschaft im Alltag einer rheinischen Grossstadt* (Frankfurt am Main, 1987); Stolle, *Geheime Staatspolizei*, pp. 252ss.; Wildt, *Generation*, pp. 214-62; Richard J. Evans, "Coercion and Consent in Nazi Germany", *Proceedings of the British Academy* 151 (2007), pp. 53-81, aqui p. 74.

[327](#) Moorhouse, *Berlin*, p. 224.

[328](#) A imagem da Gestapo como uma instituição onipresente e que penetrava em tudo foi contestada por Robert Gellately, "Allwissend und allgegenwärtig? Entstehung, Funktion und Wandel des Gestapo-Mythos", em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo. Mythos und Realität*, pp. 47-70. Ver, também, *idem*, *Hingeschaut und weggesehen. Hitler und sein Volk* (Munique, 2002), pp. 67ss.; Carsten Dams e Michael Stolle, *Die Gestapo, Herrschaft und Terror im Dritten Reich* (Munique, 2008); sobre Heydrich como um "propagador do terror", ver Mallmann, Klaus-Michael e Paul, Gerhard, *Herrschaft und Alltag. Ein Industrieviertel im Dritten Reich* (Bonn, 1991), p. 164; e o discurso de Heydrich por ocasião do Dia da Polícia Alemã de 1941, como citado em *Völkischer Beobachter*, 17 de fevereiro de 1941; *idem*, "Die deutsche Sicherheitspolizei. Zum Tag der Deutschen Polizei", *Völkischer Beobachter*, 28 de janeiro de 1939.

[329](#) Reichswehr era o conjunto das forças armadas da Alemanha. (N. do T.)

[330](#) Longerich, SA, p. 184 e p. 206s.

[331](#) Heinz Höhne, *Mordsache Röhm. Hitlers Durchbruch zur Alleinherrschaft, 1933-1934* (Reinbek bei Hamburg, 1984), pp. 224ss.; Longerich, SA, pp. 204ss.; Herbert, *Best*, p. 141s. Depois dos expurgos, a Polícia de Segurança continuou a reunir "indícios" para provar a homossexualidade dos principais membros das SA mortos durante a Noite das Facas Longas. Ver Polícia de Hamburgo para Heydrich, 29 de julho de 1934, em *lfZ*, Fa 108.

[332](#) Edmund Forschbach, *Edgar J. Jung. Ein Konservativer Revolutionär, 30. Juni 1934* (Pfullingen, 1984), pp. 154ss.

[333](#) Kershaw, *Hitler: Hubris*, pp. 505-17.

[334](#) Ver os depoimentos em juízo de Karl Wolff (7-8 de setembro) e Werner Best (1º de outubro de 1951) e o processo contra Sepp Dietrich (Munique, julho de

1956 e maio de 1957), como citados em Browder, *Foundations*, p. 289, nº 4. Para interpretações diferentes, ver Höhne, *Orden*, pp. 97-112; Bessel, *Political Violence*, p. 132s.

[335](#) Depoimento pós-guerra do dr. Werner Best (18 de junho de 1951), em IfZ, ZS 207; ver também Wolfgang Sauer, *Die Mobilmachung der Gewalt* (Colônia, 1974), p. 955. Sobre o contexto, ver Höhne, *Mordsache Röhm*, p. 228s.

[336](#) Aronson, *Frühgeschichte*, p. 193; Herbert, *Best*, p. 143s.

[337](#) Evans, "Coercion", p. 64; Höhne, *Mordsache Röhm*, pp. 247ss.; Richard J. Evans, *The Third Reich in Power* (Londres, 2005), pp. 31ss.

[338](#) Arquivo do Yad Vashem, pp. 97-210 F I; Herbert, *Best*, p. 156.

[339](#) O declínio do negócio da família está documentado na correspondência de Heydrich do início da década de 1930. Ver BAB, R 58/9319 (anteriormente "Anhang 22"); ver também Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 21s. Sobre as tendências gerais na indústria da música, ver Tim Blanning, *The Triumph of Music: Composers, Musicians, and their Audiences, 1700 to the Present* (Londres, 2008), p. 202.

[340](#) Ver cópias da ordem postal em BAB, R 58/9319 (anteriormente anexo 22). Dois recibos de pagamentos de 50 reichsmarks cada, pagos em 21 e 23 de novembro de 1933, sobreviveram nos papéis pessoais de Heydrich. Ver BAB, R 58/9318. Sobre o emprego no SD de Wolfgang Heindorf, ver Aronson, *Frühgeschichte*, p. 62.

[341](#) BAB, R 58/9319 (anteriormente anexo 22).

[342](#) Sobre a filiação partidária de Maria, ver Bruno Heydrich ao procurador de Halle, 7 de julho de 1933, em StaH, Akten der Schulverwaltung, 118, vol. II. A carta pode ser encontrada em BAB, R 58/9319.

[343](#) BAB, BDC, SSO Mehlhorn; sobre Herbert Mehlhorn e o SD na Saxônia, ver, também, Carsten Schreiber, *Elite im Verborgenen. Ideologie und regionale Herrschaftspraxis des Sicherheitsdienstes der SS und seines Netzwerks am Beispiel Sachsen* (Munique, 2008), p. 417s.

[344](#) Mehlhorn a Heydrich, 18 de dezembro de 1933, em BAB, R 58/9319.

[345](#) Reinhard Heydrich à sua mãe Elisabeth, 29 de janeiro de 1934, em BAB, R 58/9318; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 38 e p. 44.

[346](#) Reinhard Heydrich à sua mãe, Elisabeth, 29 de janeiro de 1934, em BAB, R 58/9318.

[347](#) StaH, FA 2571.

[348](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 43ss. e p. 63.

CAPÍTULO 4

Combatendo os Inimigos do Reich

Em Busca de Novos Inimigos

SE O RESULTADO DO EVENTO DA NOITE DAS FACAS LONGAS ACABARA SENDO UM completo êxito do SD de Heydrich e do aparelho de polícia política, ele também despertava a suspeita de indivíduos influentes que se preocupavam com o fato de a SS estar se tornando poderosa demais - em particular os conservadores nas forças armadas e nazistas rivais, como o ministro do Interior Wilhelm Frick, cuja completa autoridade sobre a polícia alemã foi aos poucos minada por Himmler e Heydrich.

Embora os militares tivessem ficado relativamente satisfeitos com o expurgo de Röhm, logo surgiram tensões entre eles e a SS. Enquanto Heydrich encarava os conservadores no exército como não confiáveis ideologicamente, os militares se ressentiam do assassinato de alguns de seus generais durante o expurgo. No final de 1934, Heydrich e Himmler tinham se convencido da iminência de um golpe militar e seus agentes reuniam provas para dar respaldo a essa crença. Concentravam suas suspeitas no próprio departamento de espionagem das forças armadas, a Abwehr, que Heydrich considerava absolutamente não confiável, e no general Werner von Fritsch, o comandante em chefe do exército.[349](#)

A atitude de Heydrich com relação à Abwehr e à turva área da espionagem externa de um modo mais geral estava decisivamente moldada pela leitura do livro de Walter Nicolai, *Geheime Mächte*, publicado pela primeira vez em 1923. Em seu estudo comparativo das operações de inteligência durante a Grande Guerra, Nicolai, como chefe

do serviço de inteligência militar da Alemanha Imperial, atribuía essencialmente a derrota do Reich à falta de uma agência de inteligência capaz de competir com instituições similares da França e da Grã-Bretanha. Ao contrário dos inimigos, a Alemanha não desenvolvera serviços coordenados de inteligência contra inimigos de períodos de guerra. A inteligência militar, que operava independentemente, carecia de orientação da liderança política, que não compreendia suas necessidades nem lhe dava suporte. O que a Alemanha precisava era de estadistas com a determinação necessária para ter em mira os interesses nacionais e um serviço de espionagem central, politicamente orientado, para defender essa política. Nicolai enfatizava que as minorias, especialmente os judeus e as igrejas operando internacionalmente, representavam ameaças para a segurança nacional, uma visão com a qual Heydrich estava entusiasticamente de acordo.[350](#)

A atitude crítica de Heydrich com relação à Abwehr foi também moldada por sua ambição de controlar todas as agências que reunissem inteligência política na Alemanha. Até aquele momento, a Abwehr e as responsabilidades da polícia estavam inextricavelmente ligadas em duas áreas. A primeira era espionagem e sabotagem, que a Gestapo tratava como crimes contra o Estado e contra a propriedade. Como não havia uma linha nítida separando crimes políticos que diziam e que não diziam respeito às forças armadas, a Abwehr militar sempre trabalhara em estreita ligação com as seções políticas da polícia de investigação criminal envolvida nesses casos, a chamada polícia da Abwehr ou polícia de contraespionagem. As duas organizações compartilhavam informação, mas em assuntos basicamente relacionados às forças armadas, a polícia tinha

de aceitar a autoridade da Abwehr. O segundo problema surgia da falta de uma instituição policial militarizada do Ministério da Defesa, como a de outros Estados europeus. Como a Abwehr não tinha nem a autoridade nem os meios de realizar investigações e prisões no setor civil, precisava confiar na polícia civil - mesmo em casos que eram claramente assuntos de defesa militar. Se as relações entre a polícia e a Abwehr haviam sido relativamente tranquilas no período de Weimar, isso acontecera porque a polícia conhecia seu lugar. Esse equilíbrio de poder se alterou fundamentalmente sob Heydrich, cujos esforços contínuos de ampliar sua área de responsabilidade à custa da Abwehr levaram a repetidos choques no final de 1934.[351](#)

As tensões entre a SS e os militares atingiram um clímax no final de dezembro de 1934, quando Himmler e Heydrich lançaram um ataque contra Fritsch, que acusavam de estar planejando um golpe militar contra o Führer. Hitler interveio numa tentativa de abrandar o conflito e, subsequentemente, ambos os lados fizeram esforços conjuntos para reduzir as tensões. Numa declaração feita em janeiro de 1935, Heydrich lamentava “o envenenamento da relação” entre a Reichswehr, como “portadora das armas da nação”, e a SS, como “portadora da ideologia no Estado e no partido”. As tensões dos últimos meses, assim ele afirmava, tinham sido obra de inimigos internos e externos da Alemanha, que espalhavam falsos rumores e incitavam o ódio para enfraquecer o Terceiro Reich.[352](#)

A situação melhorou ainda mais em 1º de janeiro de 1935 com a nomeação de um novo chefe para a Abwehr militar, o ex-oficial-instrutor de Heydrich na marinha e seu amigo pessoal Wilhelm Canaris. Canaris, que quatro semanas antes do final da guerra foi executado pela SS no campo de

concentração de Flossenbürg, devido a um suposto envolvimento na tentativa de assassinato de Hitler feita pelo coronel Claus von Stauffenberg, era ainda, na época, um partidário do nazismo. Como Stauffenberg e muitos outros conspiradores de 1944, era um nacionalista ultraconservador que havia saudado o fim da República de Weimar em 1933 e aplaudido o expansionismo alemão até o final dos anos 1930, antes que a extrema criminalidade do regime nazista se tornasse evidente para ele durante a Segunda Guerra Mundial.[353](#) As famílias de Heydrich e Canaris tinham se tornado vizinhas quando da chegada de Canaris a Berlim e passavam muito tempo juntas. Ao contrário de rumores que surgiram algum tempo depois, tinham um relacionamento íntimo.[354](#) Em 17 de janeiro, Heydrich e Canaris se encontraram para uma reunião de três horas visando resolver os problemas que anteriormente haviam toldado as relações entre a polícia política e a Abwehr. O resultado foi um acordo de dez pontos - os famosos Dez Mandamentos - que especificava a futura divisão de trabalho entre a Abwehr, a Gestapo e o SD. Conforme esse acordo, Heydrich reconhecia a responsabilidade exclusiva da Abwehr pela espionagem e contraespionagem militares, bem como pelo controle e proteção de instalações militares. Em troca, Canaris admitia a competência do SD em casos de espionagem industrial e na coleta de material de inteligência em áreas de fronteira ao redor do Reich. Também aceitava a responsabilidade exclusiva da Gestapo no combate a crimes políticos dentro do Reich. Ao menos durante alguns anos, as relações de trabalho entre a Abwehr, o SD e a Gestapo foram boas e tanto Heydrich quanto Canaris procuraram sinceramente manter uma cooperação eficiente.[355](#)

As tensões que persistiam entre a SS e o Ministério do Interior em meados da década de 1930 eram, sob muitos aspectos, mais difíceis de resolver. Apesar da vitória estrategicamente importante que Himmler e Heydrich tinham alcançado durante o evento da Noite das Facas Longas, a SS ainda não tinha pleno controle da polícia alemã. O ministro do Interior do Reich, Wilhelm Frick, que permanecia nominalmente sendo o superior de Himmler, continuava afirmando que os recentemente instituídos instrumentos de repressão, sob controle da SS - notadamente os campos de concentração - eram meramente dos temporários, criados durante e para a tomada do poder, precisavam ser colocados sob estrita supervisão do governo assim que a situação política se acalmasse. Em 1935, quando a clandestinidade comunista já fora em grande parte destruída e o pessoal-chave aprisionado, ele concluiu que havia chegado a hora de desmantelar os instrumentos de repressão extralegais da SS e retornar aos meios legais de combater crimes políticos.[356](#)

Himmler e Heydrich, ao contrário, tentavam ampliar o poder da polícia precisamente no momento em que o Estado nazista estava, ao que parecia, ficando sem inimigos para prender. Para conseguir uma nova expansão do poder da SS, tinham de vender a ideia de um Estado policial permanente. Nessa campanha de vendas, a carga principal seria contra a alegação de que a polícia política extraordinária e o sistema de campos de concentração eram apenas uma resposta temporária a um estado de emergência.[357](#) A questão não foi plenamente resolvida até 17 de junho de 1936, quando Hitler nomeou formalmente Himmler como chefe da polícia alemã. A nomeação de

Himmler marcou um importante divisor de águas na história do Terceiro Reich, tanto em termos de centralizar a polícia alemã, anteriormente federal, em suas mãos, quanto de fundir uma organização partidária paramilitar, a SS, com um instrumento estatal tradicional, a polícia, criando assim um aparelho de repressão política que era dirigido por ideólogos nazistas radicais. Himmler comandava então os dois mais importantes órgãos executivos de repressão no Terceiro Reich, a SS e a polícia, que pela primeira vez era unificada sob um único comando. *De jure* ele permanecia subordinado ao ministro do Interior, Wilhelm Frick, mas na hierarquia *de facto* do Terceiro Reich, Himmler a partir desse momento só era responsável perante Hitler.[358](#)

A nomeação de Himmler como chefe da polícia alemã teve também consequências diretas para Heydrich, então com 32 anos: em 20 de setembro de 1936, seu quartel-general da Gestapo em Berlim assumiu formalmente controle sobre as forças de política em todos os estados alemães, criando assim uma agência executiva de âmbito nacional autorizada a operar de uma ponta à outra do Reich. Além disso, toda a polícia criminal e as forças policiais de fronteira na Alemanha - não menos de 9 mil homens - iam se incorporar à Gestapo, sob o comando de Heydrich, para formar uma nova instituição: a chamada Polícia de Segurança (*Sicherheitspolizei* ou Sipo). Não se tratava apenas de um ato administrativo mais que dobrando o número de homens sob o comando de Heydrich. A razão básica para a união de forças policiais criminais e políticas se encontrava na convicção de Heydrich e Himmler de que questões de criminalidade comum e crimes políticos não podiam ser separados. A criminalidade se tornara um problema político e racial, visto que Heydrich cada vez mais considerava o

comportamento criminoso desviado da norma como indicação de “sangue ruim”. Como Heydrich também continuou sendo – ao estilo nazista de acúmulo de cargos – chefe do SD, seu comando conjunto dessa organização e da Sipo deu-lhe controle sobre as duas agências responsáveis pela maioria das atrocidades cometidas na Alemanha e na Europa ocupada no decorrer dos anos seguintes.[359](#)

A vitória da SS na luta pelo poder com o ministro do Interior do Reich foi basicamente o resultado da decisão de Hitler de favorecer uma definição com limites menos rigorosamente fixados dos inimigos do nazismo, uma definição para a qual Heydrich havia contribuído de forma crucial e que ultrapassava muito a perseguição da oposição política que é típica de todas as ditaduras. No final de 1934, Himmler e Heydrich chegaram à conclusão de que a justificativa de um estado policial permanente requeria um cenário elaborado com cuidado para retratar uma rede de inimigos extremamente difusa e sutilmente camuflada, que tornava necessário um extenso e sofisticado sistema de segurança para detectá-los, desmascará-los e derrotá-los. Em 1935, numa série de artigos para a revista *Das Schwarze Korps*, órgão oficial da SS, republicados em 1936 como *The Transformations of Our Struggle* [As Transformações de Nossa Luta], Heydrich definiu publicamente tais “ameaças” e os meios de combatê-las, indicando a necessidade de uma reorientação radical das atividades da Gestapo. Seu argumento central era que, mesmo após a bem-sucedida eliminação do KPD e do SPD, os inimigos do povo alemão não estavam de modo algum derrotados. Depois de terem alcançado o “objetivo imediato” da indicação de Hitler como chanceler em janeiro de 1933, muitos alemães presumiam erradamente que o

governo nazista estava agora permanentemente assegurado. Heydrich insistia que a batalha não estava de modo algum terminada. Ao contrário, agora a luta contra os inimigos da Alemanha enfrentava sua fase mais difícil e, em última análise, decisiva, que exigiria “anos de luta sem trégua para repelir e destruir o inimigo de uma vez por todas”.[360](#)

Segundo Heydrich, as “forças que impulsionavam o inimigo continuavam sempre as mesmas: a comunidade judaica mundial, a maçonaria mundial” e os “padres políticos”, que abusavam da liberdade de expressão religiosa e da espiritualidade de grandes parcelas da população para objetivos políticos. Esses três arqui-inimigos do nazismo trabalhavam para a destruição do Terceiro Reich utilizando uma infinidade de “meios camuflados”, em que “os chamados peritos” dentro da burocracia do governo desempenhavam um papel-chave: informavam o inimigo político de iniciativas legais contra ele e espalhavam rumores destinados a incitar a violência popular contra o governo de Hitler. Ao mesmo tempo, estavam trabalhando ativamente para retardar ou sabotar os processos de elaboração de leis e de sua implementação. Esse círculo expandido de inimigos, Heydrich argumentava, também incluía muitos professores universitários, que supostamente doutrinariam os alunos com ideias liberais. As acusações de Heydrich representavam um ataque violento aos oponentes da SS dentro do serviço público alemão, que eram apontados quase em massa como inimigos do nacional-socialismo.[361](#)

O bolchevismo, que fora anteriormente encarado como o maior adversário do nazismo, era agora retratado por Heydrich como mera fachada por trás da qual se emboscava

o verdadeiro inimigo. A polícia sozinha, assim ele argumentava, tinha pouca chance de derrotar esse inimigo esquivo sem a ajuda da SS - “a tropa de choque ideológica” do movimento nazista.[362](#) A luta de vida ou morte da Alemanha contra inimigos internos e externos seria conduzida sem conciliações e com severidade, “mesmo que isso signifique que tenhamos de ferir determinados oponentes e mesmo que algumas pessoas bem-intencionadas nos denunciem como malfeitores indisciplinados”.[363](#) Heydrich nunca se cansava de enfatizar a necessidade de “extrema severidade” com relação a si mesmo e contra outros, de novo uma atitude com raízes numa vulgarizada compreensão darwinista da vida como “luta eterna entre as pessoas mais fortes, mais nobres, racialmente valiosas e os seres inferiores, os sub-humanos”. Como em toda verdadeira luta, há somente dois resultados possíveis: “Ou vamos vencer de uma vez por todas o inimigo ou vamos perecer”.[364](#)

A firmeza necessária para alcançar a vitória sobre os inimigos do nazismo, Heydrich enfatizou numa conversa com o missionário suíço e membro da Cruz Vermelha Carl Jacob Burckhardt, punha um enorme fardo emocional sobre os ombros dele e de seus homens, um sacrifício que só se justificava pela grandeza do rumo a seguir: “É quase difícil demais para um indivíduo, mas temos de ser duros como granito ou o trabalho de nosso Führer será em vão; muito mais tarde as pessoas ficarão agradecidas pela carga que assumimos”. Foi exatamente o mesmo argumento, embora em circunstâncias muito diferentes, que Heydrich e Himmler usariam durante a Segunda Guerra Mundial, justificando os assassinatos em massa pelas forças-tarefas da SS.[365](#)

Basicamente, então, Heydrich reformulou e ampliou a definição dos inimigos do nazismo. Tanto o bolchevismo quanto a maçonaria eram meramente “criações convenientes [*Zweckschöpfungen*] do mundo judeu”. É por isso que, “em última análise, o judeu e o clérigo político (em sua forma mais característica representado pelo jesuíta) formam a base de todos os grupos de oposição”. Essa concepção de largo alcance dos inimigos do nazismo teve consequências para as organizações concebidas para combatê-los, nomeadamente o SD de Heydrich e a polícia política. Antes de tudo, ela requeria que o papel da polícia política na sociedade alemã fosse repensado. Enquanto na desprezada República de Weimar, a polícia fora contida pelas equivocadas noções liberais de liberdade individual, a polícia e a SS deveriam estar livres de todos os grilhões para assegurar a proteção do povo alemão e de sua essência racial. Para derrotar um inimigo que se emboscava em cada esquina, o trabalho da polícia não podia ser restringido pela lei. Restrições legais, como a denunciada recusa de determinadas autoridades do governo em cooperar, impediam o êxito que era crucial ao trabalho da Gestapo. Himmler e Heydrich acabaram sendo bem-sucedidos em suas exigências. Até 1945, a base legal para as medidas policiais continuou sendo o decreto de 28 de fevereiro de 1933 sobre o incêndio do Reichstag, uma medida de emergência que restringira importantes direitos básicos ancorados na constituição de Weimar, como os direitos pessoais dos prisioneiros, a liberdade de expressão e a privacidade da comunicação oral e escrita. Durante todo o Terceiro Reich a polícia alemã operou num permanente estado de emergência.[366](#)

Heydrich afirmou que, sozinha, a polícia alemã não poderia enfrentar a ameaça agravada. Sem dúvida precisava do apoio e da perícia da SS, e especialmente do SD - vanguarda ideológica do movimento nazista - para sair vitoriosa no conflito. Gradualmente, os “peritos apolíticos” em questões policiais se tornariam supérfluos, pois uma nova geração de homens da SS, ideologicamente comprometidos, tomariam seus lugares.[367](#) Em contraste com a burocracia tradicional, os oficiais superiores da SS não deveriam apenas administrar; esperava-se, na realidade, que liderassem e moldassem o futuro da Alemanha. Repetidamente, Heydrich reafirmava que o burocrata tradicional do serviço público, concentrado em procedimentos e títulos administrativos, precisaria em última análise ser substituído por um novo elenco de “guerreiros políticos”, um “material humano” selecionado exclusivamente com base em qualidades raciais, compromisso ideológico e competência.[368](#)

Os comentários de Heydrich não eram meramente retóricos. Do início ao fim de sua carreira na SS, ele manteria um vivo interesse pelo processo de recrutamento para seu império de Polícia de Segurança e do SD, reservando-se o direito de interferir em processos de seleção para “criar um corpo de liderança particularmente adequado”. Estava convencido de que “toda a organização da Polícia de Segurança será ineficiente se as pessoas que servem dentro dela não preencherem, em termos ideológicos, profissionais e pessoais, os padrões que nossa grande tarefa reclama. Tudo dependerá de uma seleção pelo critério racial e de caráter, da idade delas, da formação ideológica e profissional e, finalmente, do espírito com que essas pessoas são levadas a cumprir seu trabalho”.[369](#)

Na realidade, é claro, parecia notável como era pequena a competência individual de que os membros da equipe de Heydrich precisavam para agir como “peritos” em certas áreas políticas. Seu futuro “perito em judeus”, Adolf Eichmann, fora um vendedor com pouca experiência administrativa antes de ingressar no SD e a única qualificação específica para o trabalho do novo chefe da seção de espionagem de Heydrich, Walter Schellenberg, era que ele compartilhava com o patrão uma paixão por histórias policiais. Heydrich estava sem dúvida ciente da falta de pessoal adequado e procurou ativamente remediar o problema. Centros de formação específicos, como a Escola de Liderança da Polícia de Segurança e do SD, foram instalados em Berlim. Destinavam-se a instruir os novos oficiais nas técnicas mais modernas de investigação e vigilância, e a criar, por meio da instrução ideológica, o que Heydrich chamou de “servidor público de tipo militar”, que seria capaz de executar “as tarefas ideologicamente motivadas do Estado e da polícia criminal”. A formação implicava fazê-los pensar proativamente³⁷⁰ em como alcançar seus objetivos por meio de provas com questões como: “prepare um relatório para todo o Reich sobre judeus no comércio de gado e proponha soluções para o mal descrito”. Iniciativa e independência para resolver problemas eram qualidades que Heydrich valorizava.³⁷¹ Como Himmler mais tarde comentaria com aprovação, Heydrich “sempre se guiou pelo princípio de que só os melhores dentre nosso pessoal, os mais cuidadosamente selecionados em termos raciais, com excelente caráter e espírito puro, de bom coração e dotados de vigorosa e irreprimível força de vontade, eram adequados para desempenhar a tarefa de combater tudo que fosse

negativo... e suportar as provações dessa responsabilidade”. Por essa razão, Himmler enaltecia Heydrich como “um dos melhores educadores da Alemanha nazista”.[372](#)

No decorrer dos dois anos seguintes, Heydrich e seu assistente na chefia da Polícia de Segurança, Werner Best, em numerosos artigos que apareceram no *Völkischer Beobachter* e na revista *Deutsches Recht*, desenvolveram melhor a noção de que a polícia tradicional não poderia mais dominar os inimigos do Reich. Os inimigos políticos tinham de ser buscados preventivamente. Num artigo publicado em 1937, Heydrich escreveu: “A verdadeira tarefa da Polícia de Segurança é proteger o povo alemão como um ser total [*Gesamtwesen*], sua força vital e suas instituições, contra qualquer tipo de destruição e corrosão. Defensivamente, ela deve resistir a ataques de todas as forças que possam, de algum modo, enfraquecer e destruir a saúde, a força vital e a capacidade de ação do povo e do Estado... Ofensivamente, ela tem de investigar e depois combater todos os elementos inimigos, de modo a garantir, antes de tudo, que eles não possam se tornar destrutivos e corrosivos”. A compreensão que tinha Heydrich das tarefas da Polícia de Segurança no Terceiro Reich era agora mais abrangente que nunca: ela era responsável pela luta contra os “sub-humanos”, judeus, maçons, igrejas e outros “criminosos” - na verdade, contra a “desordem” em geral.[373](#) A Gestapo, o SD e a SS em geral deveriam ainda ser fundidos numa unidade de proteção do Estado, uma espécie de “Wehrmacht interna”, para assentar o combate e a busca de inimigos ideológicos numa base nova e mais sólida.[374](#) Desde a revolução nazista, Heydrich escreveu, fora dada à polícia alemã uma tarefa inteiramente nova: a

proteção preventiva “do povo e do Estado” contra todos os inimigos em “todas as áreas da vida”. Nesse processo, o SD ia desempenhar um papel fundamental como centro planejador da perseguição ao inimigo no Terceiro Reich.[375](#)

No verão de 1937, Heydrich concluiu que estava na hora de desemaranhar as responsabilidades sobrepostas de suas duas agências, o SD e a Polícia de Segurança, numa tentativa de concretizar o objetivo de criar um corpo de proteção estatal unificado. A futura divisão de trabalho entre as duas agências era, no mínimo em teoria, bastante simples: de 1º de julho de 1937 em diante, o SD ia se encarregar de todas as questões importantes (e em grande parte teóricas) da segurança do Estado, enquanto a Gestapo agiria como seu braço executivo, responsável pela repressão aos crimes políticos.[376](#) A tarefa do SD, Heydrich insistia, era não apenas analisar os crimes políticos retrospectivamente, mas impedir sua repetição no futuro.[377](#) A importância crescente atribuída ao SD por Heydrich era cada vez maior: só entre 1935 e 1940, o número de funcionários do SD em tempo integral passou de 1.100 a 4.300.[378](#)

A concepção de Heydrich da luta contra adversários políticos e inimigos internos em meados dos anos 1930, portanto, repousava em quatro convicções centrais. Primeira: a luta contra judeus, maçons e “padres fazendo política” tinha de ser empreendida de modo abrangente e preventivo para ter sucesso. Segunda: o trabalho da polícia política não devia ficar sujeito a quaisquer restrições legais. Terceira: a Gestapo e o SD deveriam ser combinados numa unidade de proteção do Estado. Quarta: firmeza e frieza implacáveis eram essenciais para defender o Estado alemão e seu povo de inimigos incansáveis. Mas como exatamente

essas ideias e conceitos se traduziram em programas concretos de repressão?

Os Judeus

A publicação dos artigos de Heydrich no *Schwarze Korps* esteve diretamente relacionada à “segunda onda antissemita”, que o Partido Nazista iniciou na primavera de 1935 e que acabaria levando à promulgação das Leis de Nuremberg em setembro desse ano. Em seguida a um abrandamento temporário da violência antissemita, uma onda de ações locais aparentemente espontâneas contra propriedades judaicas espalhou-se pelo Reich.³⁷⁹ Embora simpatizasse com o objetivo geral dessas ações, isto é, aterrorizar os judeus, forçando-os a emigrar, Heydrich discordava da brutalidade aberta que certamente seria repudiada pela maioria da população alemã e desencadearia uma propaganda estrangeira de ódio ao Terceiro Reich.

Até esse momento, por incrível que pareça, Heydrich pensara pouco nos judeus. Os judeus da Alemanha, no entanto, haviam se encontrado na linha de fogo desde o exato momento em que Hitler chegou ao poder, em 30 de janeiro de 1933. Dando continuidade e intensificando um padrão bastante familiar desde as semanas que precederam a designação de Hitler para chanceler, as SA e os membros da Juventude Hitlerista atacavam lojas e indivíduos judeus. Num prazo de algumas semanas, os *gauleiters* regionais tinham adotado a campanha, respaldando ataques organizados contra negócios judeus por toda a Alemanha. Um boicote nacional, patrocinado pelo governo, de negócios judeus em 1º de abril de 1933 foi seguido por um expurgo no serviço público.³⁸⁰

Durante os primeiros dois anos do Terceiro Reich, nem a Gestapo nem o SD desempenharam um papel de destaque em políticas antijudaicas nazistas. A perseguição de adversários políticos, sobretudo comunistas e socialistas-democratas, pareceu inicialmente mais urgente a Heydrich que o problema judaico.[381](#) As políticas antijudaicas do regime nazista nos primeiros dois anos do Terceiro Reich emergiram, na realidade, como resultado de uma ação recíproca sutil entre ativistas do Partido Nazista e o mecanismo legislativo, especialmente o Ministério do Interior. O partido, representado por Rudolf Hess e Martin Bormann, assim como vários *gauleiters* particularmente antissemitas, como Joseph Goebbels em Berlim e Julius Streicher em Nuremberg, lançaram “ações de base” contra judeus, como o boicote de 1º de abril de 1933 e os distúrbios antijudaicos que irromperam na primavera e no verão de 1935. Sob o pretexto de remover a razão de justificada ira popular, o Ministério do Interior pôde então reagir com medidas legais destinadas a restringir ainda mais a liberdade da minoria judia. A Gestapo, ao contrário, não desempenhou papel importante no boicote dos negócios judeus em 1º de abril de 1933 ou na subsequente legislação que levou à demissão de milhares de funcionários públicos judeus.[382](#)

Isso não significa sugerir que Heydrich fosse indiferente à questão judaica. Desde que ingressara na SS, havia provado ser um ávido discípulo ideológico de Himmler e expressava regularmente seu ódio para com os judeus, tanto em público quanto em particular. Segundo a esposa, Reinhard ficou “profundamente convencido de que os judeus tinham de ser separados dos alemães. Aos seus olhos os judeus eram... saqueadores sem raízes, determinados a tirar

vantagens egoístas e a se grudarem como sanguessugas no corpo da nação hospedeira”.[383](#) Tais opiniões foram indiscutivelmente influenciadas tanto pela esposa quanto pela propaganda nazista, que retratava continuamente os judeus como parasitas que tinham acumulado riquezas durante a guerra e a subsequente crise econômica, enquanto os alemães arianos haviam morrido no *front* ou sofrido com a hiperinflação do pós-guerra. Se o alemão ariano se caracterizava pelo heroísmo e a disposição de se sacrificar pelo bem maior da nação, os judeus eram cifras voltadas para a cobiça e o ganho econômico.[384](#)

Não havia, portanto, nada de particularmente novo ou original no antissemitismo de Heydrich. Ele subscrevia ideias nazistas-padrão como as articuladas em *Mein Kampf* e em obras anteriores de antissemitismo racial, como o influente *German Writings [Escritos Alemães]* (1878), de Paul de Lagarde, *Foundations of the Nineteenth Century [Fundamentos do Século XIX]* (1899), de Houston Stewart Chamberlain, e *Myth of the Twentieth Century [O Mito do Século XX]* (1930), de Alfred Rosenberg. Se a raça em vez da religião proporcionava a base racional para o antissemitismo nazista, os vários elementos do estereótipo antissemita negativo que tinham se acumulado desde a segunda metade da Idade Média foram adotados quase em sua totalidade pelos nazistas. A única adição significativa foi a acusação de que os judeus eram responsáveis pela ameaça da expansão do bolchevismo. Com pouco respeito pela coerência lógica, o estereótipo tradicional dos judeus como usurários parasitas era suplementado por uma nova imagem dos judeus como revolucionários subversivos, determinados a destruir o capitalismo e subverter a ordem social. Os judeus eram, portanto, uma força sem raízes,

internacional, procurando minar a Alemanha por dentro e por fora por meio dos órgãos do bolchevismo internacional, do capital financeiro internacional e da maçonaria.[385](#)

O ódio aos judeus de Heydrich não ganhou forma por um estudo intensivo dos textos clássicos do antissemitismo europeu, mesmo que ele tenha lido as notórias falsificações *Os Protocolos dos Sábios de Sião* (1920) e *Rassenkunde des Deutschen Volkes* [*Etnologia do Povo Alemão*] (1922), de Hans Günther. Ele foi muito mais condicionado por sua imersão num meio que acreditava firmemente no antissemitismo racial. Como Werner Best observou, a força de seu chefe estava em “aplicar com firmeza as afirmações teóricas e doutrinárias sobre inimigos do Estado que vinham de Hitler e Himmler”. Nessa área política, como em todas as outras, Heydrich provou ser um homem de ação, não de ideias ou teorias.[386](#)

O comportamento de Heydrich com relação à questão judaica se caracterizou por um surto de atividade que se intensificou após 1935. Ao contrário de Himmler, que praticamente sequer mencionou os judeus em suas declarações anteriores a 1938, Heydrich foi ficando cada vez mais convencido de que os judeus estavam no centro de uma complexa rede de inimigos que desafiavam o Terceiro Reich.[387](#) Em busca de novos inimigos e se defrontando com uma onda de violência antissemita em 1935, Heydrich afirmou que, embora a legislação racial de 1933 tivesse de fato restringido a influência direta do judaísmo na Alemanha, ela era insuficiente para controlar permanentemente os “tenazes” e “determinados” judeus: “A introdução da legislação ariana não baniu a ameaça do judaísmo contra a Alemanha. As eficazes organizações judaicas, com todos os seus contatos com lideranças

internacionais, continuam a trabalhar pelo extermínio de nosso povo, juntamente com todos os seus valores”. Nem a vida econômica, acadêmica ou cultural da Alemanha fora plenamente expurgada dos judeus, dando-lhes muitas oportunidades para expandir suas áreas de influência.[388](#)

Para Heydrich, essa ameaça estava intimamente relacionada ao que ele encarava como uma equivocada noção de humanismo muito difundida na Alemanha: “O trabalho [do judeu] se torna mais fácil pelo fato de ainda existirem *Volksgenossen*[389](#) (as igrejas inclusive promovem esta atitude) que só aceitam a legislação ariana sob pressão e não compreendem suas bases raciais. Hoje, apenas dois anos depois da revolução nazista, parcelas do povo alemão estão começando a se tornar indiferentes com relação ao judeu; enquanto isso o judeu persegue de maneira incansável sua meta eternamente imutável: a dominação do mundo e o extermínio dos povos nórdicos”.[390](#)

Até 1935, o papel do aparelho de polícia política de Heydrich estava limitado à vigilância de organizações judaicas e à execução da nova legislação antissemita.[391](#) Heydrich, contudo, logo exibiu sua impaciência característica. Não estava mais disposto a esperar por novas leis e normas. Em vez disso começou a introduzir suas próprias medidas policiais. Em janeiro de 1935, por exemplo, deu ordens para que os eLivross que retornassem fossem internados, uma diretiva que esclareceu em março de 1935: “Todas as pessoas que deixaram o Reich em seguida à revolução nacional-socialista por motivos políticos, tanto arianas quanto não arianas” deveriam ser encaradas como exiladas e internadas em campos de concentração. As mulheres deviam ser deportadas separadamente para o campo de concentração de

Moringen.[392](#) De agosto de 1935 em diante, as sedes regionais da Gestapo tinham de manter registros detalhados dos judeus que morassem em suas respectivas áreas de responsabilidade.[393](#)

À medida que implementava medidas policiais antijudaicas, Heydrich ia rapidamente se tornando a figura central da política judaica da SS. Sua posição se destacou ainda mais em julho de 1936, quando Göring indicou-o para dirigir a Agência de Investigação da Moeda Estrangeira (*Devisenfahndungsamt*).[394](#) No decorrer dos anos vindouros, esse novo posto permitiria que Heydrich saísse no encalço de violações reais ou supostas dos regulamentos sobre moeda estrangeira, particularmente quando os “crimes” eram cometidos por judeus que se achavam sob “suspeita de emigração”. Nesses casos, ele estava autorizado a confiscar preventivamente economias judaicas. A indicação de Heydrich como chefe dessa agência foi a primeira de uma série de concessões similares de Göring que proporcionariam a Heydrich os instrumentos para a perseguição de judeus durante os anos seguintes. Isso estabeleceu duas cadeias de comando concorrentes com relação a políticas nazistas antijudaicas que se manteriam em grande parte inalteradas até a morte de Heydrich em junho de 1942: uma de Hitler a Heydrich via Himmler e outra de Hitler a Heydrich via Göring. Embora esta segunda cadeia de comando efetivamente minasse a autoridade de Himmler sobre Heydrich, ela não parece ter levado a uma rivalidade entre os dois homens – ou pelo menos não há evidência consistente de uma tal rivalidade se deixarmos de lado as questionáveis memórias pós-guerra de Walter Schellenberg e Felix Kersten.[395](#)

Quando se tratava de perseguir os judeus, tanto a Gestapo quanto o SD estavam basicamente preocupados em promover atividades de emigração e impedir quaisquer atividades “assimilacionistas” por parte dos judeo-alemães. “O objetivo das políticas judaicas deve ser a emigração de todos os judeus”, sugeria um memorando interno do SD para Heydrich em maio de 1934. De modo a criar as pressões necessárias para induzir uma emigração “voluntária”, continuava a minuta de instrução, “os judeus devem ter reduzidas as suas oportunidades de viver neste país - e não apenas em termos econômicos. A Alemanha tem de ser um país sem futuro para judeus, onde a geração mais velha vá morrendo aos poucos nas posições que lhe restarem, mas onde os jovens judeus sejam incapazes de viver, de modo que a atração da emigração se mantenha constantemente viva. O uso do antissemitismo de massa [*Radau-Antisemitismus*] deve ser rejeitado. Não se combate ratos com armas de fogo, mas com veneno e gás. O prejuízo que resulta de métodos rudes, principalmente as implicações políticas estrangeiras, vem em proporção maior que o sucesso alcançado”.[396](#)

A referência a veneno e gás não deve ser mal interpretada como um mapa dos caminhos para o Holocausto. Embora a linguagem do documento venha temperada com metáforas de praga e parasitas, o argumento-chave era que o problema deveria ser resolvido com o menor barulho possível, em termos ideais por meio do incentivo à emigração. Ao contrário dos ruidosos líderes partidários antissemitas, como Joseph Goebbels ou Julius Streicher, os peritos em judaísmo de Heydrich promoviam uma estratégia mais sóbria (ainda que, em última análise, não menos radical) contra os judeus - uma estratégia que incluía

explicitamente a humilhação, a expropriação e a expulsão para alcançar a meta de uma Europa livre de judeus. O assassinato em massa sistemático, contudo, ainda estava além do concebível na década de 1930, mesmo para Heydrich e seu centro planejador antijudaico dentro do SD.[397](#)

O memorando de maio de 1934 sugeria que organizações sionistas que promovessem abertamente a emigração para a Palestina deveriam receber tratamento preferencial frente às organizações assimilacionistas, que afirmavam que os judeus alemães deviam suportar a tempestade nazista e permanecer em sua terra natal. A visão de Heydrich sobre os assimilacionistas havia se alterado desde 1933. Ainda em março de 1934, a Polícia Política Bávara de Heydrich dera autorização para a nacionalista Associação de Veteranos de Guerra Judeus do Reich continuar seu trabalho sob certas condições.[398](#) Dez meses depois, em janeiro de 1935, Heydrich mudou de ideia sobre o assunto e instruiu a Gestapo de que “as atividades das organizações jovens sionistas” estavam “alinhadas com os objetivos da liderança do Estado nacional-socialista” enquanto os assimilacionistas deveriam ser tratados com “severidade”.[399](#)

Heydrich chegou mais longe na política de tratamento diferenciado na perseguição de organizações judaicas em 1935. De seu ponto de observação, os assimilacionistas que se recusavam a emigrar representavam o maior obstáculo a uma política judaica bem-sucedida: “Os assimilacionistas repudiam as origens judaicas, seja alegando que têm vivido há gerações neste país e que são alemães, ou sustentando, após serem batizados, que são cristãos”, tentando assim “minar os princípios nazistas”.[400](#) Mas como deveriam eles ser induzidos a deixar o Reich? Nesse ponto, Heydrich

rejeita a violência antissemita de massa, visto que ela prejudicaria a posição da Alemanha no exterior e provocaria objeções de grandes parcelas da população alemã. Num informe à chancelaria do Reich sobre distúrbios antissemitas no verão de 1935, Heydrich pedia uma forma mais disciplinada de política antissemita, incluindo especialmente leis mais rigorosas contra os judeus: “Os informes sobre manifestações antissemitas, que continuam a chegar de todas as partes do Reich, mostram que há uma insatisfação generalizada e crescente com a aplicação até agora inconsistente de medidas contra os judeus. Aqueles entre o povo alemão que são conscientes da raça acreditam que as medidas tomadas até aqui contra os judeus têm sido insuficientes e exigem ações em geral mais severas”.[401](#)

No mês seguinte, um memorando interno do SD confirmava que uma “solução da questão judaica por meio de atos de terrorismo” não era nem viável nem desejável:

Uma abordagem articulada do problema judaico é quase impossível, já que não dispomos de uma legislação clara. Essa falta criou as condições para ações independentes repetidamente condenadas. Por um lado, nosso povo, de acordo com suas convicções nazistas, quer ver os judeus expulsos da Alemanha. Por outro lado, nenhuma providência é tomada pelas autoridades responsáveis; é um fato lamentável que o exemplo dado por alguns funcionários do partido e suas famílias em sua vida pessoal com relação a judeus e a negócios judeus nem sempre se harmonizam com os desejos e as reivindicações do membro comum do partido... Devíamos nos lembrar, nesse contexto, que há uma incerteza legal com relação a casamentos mistos e corrupção de raça. Notários que agem de acordo com sua consciência e se recusam a realizar o casamento desses casais são com frequência obrigados a fazê-lo pelos tribunais. Por outro lado, aqueles notários que querem ir deliberadamente contra as crenças nazistas podem reivindicar o suporte de decretos oficiais. Leis eficientes deviam, portanto, ser promulgadas, mostrando ao povo que a questão judaica está sendo regulada por lei vinda do alto.[402](#)

O SD enfatizava antes de tudo a necessidade urgente de uma legislação sobre cidadania, liberdade de movimento e o registro de negócios não arianos. A crítica deles não brotava de preocupação com vidas humanas, mas de um desejo de preservar um monopólio de poder do Estado que não podia ser deixado nas mãos de bandidos do partido. O SD e a Gestapo tinham interesse em radicalizar políticas antijudaicas, mas ao mesmo tempo deixavam claro que a “solução da questão judaica” devia permanecer nas mãos do Estado, das autoridades do partido e, mais especificamente, nas mãos capazes do aparelho de Heydrich.

Numa tentativa de coordenar futuras políticas antissemitas, o ministro alemão da Economia, Hjalmar Schacht, realizou em 20 de agosto um encontro de alto nível com o ministro da Justiça do Reich, Franz Gürtner, o ministro do Interior do Reich, Wilhelm Frick, Heydrich e outras autoridades. Schacht, Gürtner e Frick eram todos antissemitas, mas também estavam preocupados com legalidade, processos corretos e a necessidade de evitar excessos que pudessem provocar repercussões econômicas e internacionais. A exigência de Schacht no encontro de que “a presente falta de legislação e as atividades ilegais tinham de chegar a um fim” proporcionou a Heydrich a deixa que ele queria. Heydrich insistiu que a situação que estavam vivendo só poderia ser remediada por medidas legislativas que reprimissem gradativamente a influência judaica. Mais especificamente, ele pedia uma proibição dos chamados casamentos mistos, a penalização de intercursos sexuais entre judeus e arianos e uma legislação especial restringindo a liberdade de mobilidade dos judeus,

especialmente a migração para grandes cidades, onde seria mais difícil policiá-los.[403](#)

Numa carta aos participantes do encontro no início de setembro, Heydrich formulava suas reivindicações com mais detalhes:

Em minha opinião, a questão judaica não pode ser resolvida por meio do uso da força, dos maus-tratos aplicados a indivíduos, do ato danoso contra a propriedade pessoal e outras ações individuais. Parece-me que só pode ser resolvida pela redução gradual, passo a passo, da influência dos judeus... Assim como a influência dos judeus no serviço público, nas artes e na cultura foi quase inteiramente eliminada, as restrições devem ser impostas em todas as áreas da vida pública. Com relação aos recentes excessos violentos [contra judeus], considero essencial que a noção de igualdade perante a lei seja abandonada, particularmente na esfera econômica. Estou convencido de que as ações individuais pelo país afora cessarão no momento exato em que nossos *Volksgenossen* percebam que a antiga hegemonia econômica dos judeus chegou ao fim.[404](#)

Heydrich fez recomendações de longo alcance sobre como alcançar esse objetivo: se ficasse provado ser inteiramente impossível despojar os judeus de sua cidadania alemã (uma solução que Heydrich preferia), deveria então ser adotada uma lista de medidas alternativas: novas leis deviam proibir os judeus se mudarem para cidades grandes, banir casamentos mistos entre judeus e alemães e penalizar o intercuro sexual extraconjugal entre judeus e alemães. Registros do Estado e novas licenças não seriam mais concedidos a negócios pertencentes a judeus e seriam proibidos de negociar com imóveis. Além disso, Heydrich propunha que não fossem mais emitidos novos passaportes para os judeus, já que eles apenas usariam as viagens ao exterior para transferir ilegalmente moeda estrangeira da Alemanha. Essas medidas atenderiam ao duplo objetivo de

demonstrar ao povo alemão que o governo estava trabalhando ativamente para a exclusão dos judeus da vida econômica e de criar fortes incentivos para os judeus deixarem para sempre o Reich.[405](#)

O encontro de alto nível de ministros e autoridades em 20 de agosto e a carta subsequente de Heydrich contradizem a opinião havia muito sustentada de que as Leis de Nuremberg de setembro de 1935 foram reunidas às pressas, sem grande preparação. Mostram, ao contrário, com perfeita clareza, como existia um amplo consenso sobre uma legislação futura muito antes do Sétimo Congresso do Partido Nazista em Nuremberg, em 1935, onde as leis de Nuremberg foram aprovadas. A Lei de Cidadania do Reich, a Lei para a Proteção do Sangue Alemão e as subsequentes regulamentações para implementar essas leis atenderam à maioria das exigências feitas durante o encontro de 20 de agosto convocado por Schacht.[406](#)

As Leis de Nuremberg criaram a base legal para a exclusão cívica dos judeus alemães. Contudo, havia certos aspectos das Leis de Nuremberg que não satisfaziam Heydrich. Em particular, ele achava que o problema dos *Mischlinge*, pessoas com “sangue judeu misturado”, não estava suficientemente resolvido. Ele e seus peritos raciais defendiam que mesmo uma pessoa com um antepassado judeu retrocedendo a 1800 devia ser considerada judia, mas essas propostas pareciam prematuras e muito difíceis de ser implementadas. As Leis de Nuremberg adotaram uma fórmula um tanto vaga que abrangia apenas “judeus plenos” e deixava a questão dos *Mischlinge* sem solução.[407](#)

Os líderes nazistas continuavam a lutar com o conceito e o destino final dos *Mischlinge*. As Leis de Nuremberg criaram

dois “graus” *Mischlinge*. O primeiro grau consistia de judeus com apenas dois avós judeus, que não eram casados com judeus plenos e não eram membros de uma congregação judaica. Os judeus de segundo grau tinham apenas uma avó ou avô judeu. Inicialmente os *Mischlinge* e os judeus nos chamados casamentos privilegiados (com um parceiro judeu e um parceiro não judeu) foram poupados de muitas das medidas discriminatórias endereçadas aos judeus plenos. Heydrich considerava essa solução demasiado legalista e complicada. Ele e seus peritos raciais tentariam, portanto, dar uma nova solução à *Judenmischlingsfrage*[408](#) durante a guerra.[409](#)

Em 1936, Heydrich havia recrutado de sua equipe um grupo de membros jovens, preparados, autoconfiantes e comprometidos ideologicamente – Dieter Wislicency, Herbert Hagen, Theodor Dannecker e Adolf Eichmann – para o departamento judeu do SD, pequeno, mas em crescimento. Eles começaram a desenvolver um conceito independente e abrangente de uma Alemanha sem judeus. Pretendiam harmonizar os objetivos variados e até certo ponto conflitantes da política judaica nazista – da emigração forçada ao isolamento social e econômico e à extorsão.[410](#)

Persistiam, contudo, diversas dificuldades. O número de países preparados para aceitar judeus alemães não era exatamente grande. Cotas estritas de emigração impostas por países potencialmente receptores, como a Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos, limitavam as oportunidades de emigração a profissionais com boa formação e aos que tinham capital suficiente para comprar um visto. A Palestina – explicitamente designada como um “lar nacional para o povo judeu” na Declaração Balfour, feita na Grã-Bretanha em 1917, uma declaração política

formal divulgada pelo ministro do Exterior britânico, James Balfour, sobre o futuro da Palestina - continuava sendo o único território no mundo para uma imigração em grande escala de judeus e ela de fato aceitou mais emigrantes judeus alemães entre 1933 e 1936 que qualquer outro país.[411](#) Embora a Palestina desempenhasse um papel-chave nos cálculos de Heydrich, ele e sua equipe continuavam preocupados com a possibilidade de um Estado judeu independente, capaz de fortalecer a influência judaica no mundo a tal ponto que Jerusalém poderia se tornar o centro do “judaísmo internacional”, assim como Moscou se tornara a capital do “comunismo mundial”. Mas essas preocupações eram compensadas por duas grandes vantagens: primeiro, como a Palestina era um lugar para onde um número cada vez maior de judeus desiludidos queria de qualquer forma ir, Heydrich presumiu que seria mais fácil convencê-los a se reinstalarem lá que em outras partes do mundo. Em segundo lugar, a influência dos colonos judeus seria permanentemente contida pelos vizinhos árabes hostis.[412](#)

Nesse outono, o SD pôs em prática sua própria iniciativa, um tanto bizarra, de acelerar a emigração sionista. Usando o dr. Franz Reichert, chefe do Serviço Alemão de Notícias em Jerusalém e informante do SD, como intermediário, os peritos em judaísmo de Heydrich fizeram contato com um certo Feivel Polkes, um judeu polonês que emigrara em 1920 para a Palestina, onde se tornara membro da organização clandestina sionista Haganá. Entre 26 de fevereiro e 2 de março de 1937, foi arranjada uma visita de Polkes a Berlim, à custa do SD, para discutir a possibilidade de a Haganá dar apoio à emigração judaica da Alemanha

nazista. Era a primeira vez que o SD se aventuraria no campo da política internacional.[413](#)

O homem que Heydrich encarregou das negociações foi Adolf Eichmann, que posteriormente se tornaria famoso por seu papel no extermínio dos judeus da Europa no período da guerra, como assessor especial de Heydrich para assuntos judaicos. Nascido em Solingen, em 1906, numa família de classe média, ele havia passado a juventude na Áustria após a família ter se mudado para Linz no ano anterior à deflagração da Primeira Guerra Mundial. Depois de terminar o secundário, Eichmann trabalhou como representante de vendas de uma companhia de petróleo durante os agitados anos 1920. Desde os dias do colégio, fora um ardoroso partidário do pangermanismo e entrara em contato com outros nacionalistas de direita, mais especialmente os Kaltenbrunner, cujo filho, Ernst, futuro sucessor de Heydrich como chefe do Escritório Central de Segurança do Reich em 1942, era colega de turma de Eichmann. Eichmann entrou no Partido Nazista austríaco em 1932 e na SS pouco depois. Após perder o emprego durante a Depressão, mudou-se para a Alemanha em agosto de 1933 e ingressou no SD de Heydrich como funcionário subalterno para reunir informação sobre maçons na Alemanha. Seus talentos organizacionais, energia implacável e eficiência asseguraram uma rápida promoção pelas fileiras. Em 1936, ainda no início da faixa dos 30, Eichmann estava trabalhando no departamento que tratava dos judeus do SD, onde se tornou um “perito” autodidata em assuntos judaicos, escrevendo relatórios informativos sobre sionismo e emigração que refletiam o compromisso do departamento com o antissemitismo “racional”, que correspondia às convicções do próprio Heydrich.[414](#)

Durante a visita de Polkes a Berlim no início da primavera de 1937, Eichmann se encontrou com ele em várias ocasiões e, embora a filiação de Eichmann ao SD continuasse secreta, Polkes certamente não ignorava que sentado na sua frente havia um funcionário nazista. Polkes explicou a posição dos sionistas na Palestina e se ofereceu para fornecer novas informações sobre o assassinato de Wilhelm Gustloff, o principal organizador do Partido Nazista suíço, se os nazistas estivessem dispostos a tornar mais fácil a emigração judaica da Alemanha para a Palestina. O relatório de Eichmann sobre a visita de Polkes foi apresentado a Heydrich, que decidiu que Eichmann devia continuar o diálogo com Polkes e viajar para o Oriente Médio. Heydrich deixou claro, no entanto, que não assumiria oficialmente responsabilidade pela viagem se alguma informação sobre os acordos viesse a público.[415](#)

Em 26 de setembro de 1937, Eichmann e Herbert Hagen deram início à jornada e chegaram a Haifa em 2 de outubro. A viagem se mostrou decepcionante. Quando Eichmann encontrou Polkes em 10 e 11 de outubro, este foi incapaz de fornecer qualquer informação sobre o assassinato de Gustloff e apenas prometeu fazer novas investigações. No que dizia respeito à emigração para a Palestina, chamou os emigrantes alemães recém-chegados de “preguiçosos” e afirmou que estavam continuamente planejando mudar novamente de país. Não obstante, sustentou que os sionistas “estavam satisfeitos com as políticas judaicas radicais da Alemanha... porque elas asseguravam a tal ponto o crescimento da população judaica na Palestina que era praticamente certo que, num futuro próximo, os judeus seriam mais numerosos que os árabes na Palestina”.[416](#)

Hagen e Eichmann deixaram o Egito em 19 de outubro sem ter alcançado seu objetivo. Apesar de um longo relatório preparado para Heydrich, com mais de 50 páginas, estava claro que a viagem fracassara. Nenhum acordo concreto fora firmado com os sionistas com relação à emigração de judeus alemães. Apesar, no entanto, do fracasso da viagem, o próprio Hitler endossou a linha política do SD. Segundo uma nota escrita pelo Ministério das Relações Exteriores com a data de janeiro de 1938, o Führer reafirmou a Alfred Rosenberg, chefe do departamento de política externa do Partido Nazista, sua posição de que a emigração de judeus para a Palestina devia ser acelerada.[417](#) Foi uma considerável vitória para Heydrich. Apesar da fracassada visita de Eichmann e Hagen ao Oriente Médio, o SD estava suficientemente confiante não só para propor sua própria solução independente para o problema da emigração judaica, mas também para tentar colocar tal proposta em prática. O pedido do SD para participar em nível ministerial das discussões sobre as políticas judaicas era agora encarado com seriedade.[418](#)

Cinco anos depois da ascensão de Hitler ao poder, as políticas antissemitas dos nazistas pareciam ter sido bem-sucedidas. Departamentos do governo tinham levado à frente a exclusão legal dos judeus da vida pública e uma legislação especial para os judeus havia sido concebida e implementada nos menores detalhes. A expulsão dos judeus da economia fizera progressos consideráveis e um número cada vez maior de alemães de ascendência judaica decidiam deixar o Terceiro Reich.[419](#) Contudo, embora o importante fluxo de emigrantes continuasse a reduzir a comunidade judaica na Alemanha, a reversão feita por Hitler da política externa no início de 1938, que logo levaria ao

Anschluss[420](#) da Áustria e à ocupação dos Sudetos, traria mais judeus para o Reich do que os que haviam saído desde 1933. A política de emigração forçada não terminou em 1938, mas tinha claramente chegado a seu limite. Eram necessárias abordagens mais radicais, ou assim pareceu a Heydrich depois de 1938, para resolver o crescente problema judaico da Alemanha.

As Igrejas

Além dos comunistas e dos judeus, Heydrich devotava, nos anos 1930, um ódio particular à Igreja Católica; e advogava a perseguição de clérigos católicos com um entusiasmo que excedia o do próprio Himmler.⁴²¹ Criado numa família católica devota e tendo servido como coroinha quando criança, Heydrich enfatizava repetidamente que se opunha não à espiritualidade em si, mas à igreja como uma “instituição política” que tinha dado apoio a diferentes grupos “antipatrióticos” desde a fundação do Segundo Reich em 1871. Nesse sentido, era antes anticlerical que antirreligioso. Destacando o exemplo da resistência da igreja à Lei para a Prevenção da Prole Hereditariamente Enferma, de julho de 1933, Heydrich sustentava que essa tradição de agitação política continuara após a tomada do poder por Hitler. Como ex-católicos, tanto Himmler quanto Heydrich sabiam que a criação de uma raça alemã “superior” implicaria necessariamente violação do dogma católico sobre o aborto, o controle de natalidade, a esterilização e outros aspectos do processo reprodutivo. A ideia cristã de casamento teria finalmente de ser abandonada em favor da poligamia - permitindo a fertilização de um número maior de mulheres arianas - e de uma concepção racialmente orientada de parcerias humanas, permitindo o divórcio dos estéreis e racialmente inadequados. A oposição da Igreja Católica à política populacional nazista levou Heydrich a acreditar que, em vez de “ser uma intermediária reverente entre Deus e o Homem” e em vez de servir a um reino que “não é deste

mundo”, a Igreja Católica, guiada a partir de Roma, estava determinada a conquistar “uma posição de poder mundano” e semear “desarmonia” entre o povo alemão.[422](#)

Pelo menos a esse respeito, havia semelhanças entre o modo como Heydrich compreendia judeus e católicos. Acusava os católicos de constituírem, assim como os judeus, mais que apenas uma corrente religiosa e tanto uns como outros pareciam representar algo alheio no organismo político alemão. Mas enquanto os católicos poderiam ser bons membros da comunidade do povo afastando-se da política “romana”, essa opção não estava disponível para os judeus alemães. A presunção entre antissemitas como Heydrich de que o judaísmo guardava um núcleo indissolúvel de diferença étnica, enquanto o catolicismo político era uma doença que podia ser curada, colocava a qualidade judaica à parte.[423](#)

Heydrich deixou a Igreja Católica em 1935, mas já vinha se descrevendo como *gottgläubig* - um crente em Deus, mas não um membro de uma denominação cristã - desde 1933. O *Gottgläubigkeit* - a expressão de espiritualidade preferida de Himmler - vinha com toda uma série de rituais germânicos neopagãos, supostamente antigos: em vez do batismo cristão, os bebês recém-nascidos de pais da SS ganhavam uma cerimônia de “confirmação de nome”, representando sua aceitação na família mais ampla da SS. A *Eheweih* (consagração do matrimônio) tomava o lugar do casamento cristão e a Páscoa foi substituída por celebrações do solstício do meio do verão, que simbolizava a vitória da luz sobre as trevas. Contudo, mesmo dentro da SS, só uma minoria aderiu a esse novo sistema de crença: em 1938, apenas 21,9% dos membros da SS se descreviam como *gottgläubig*, enquanto 54% continuavam protestantes

e pouco menos de 24% católicos. Não se sabe se Heydrich seguia os rituais neopagãos por convicção ou apenas para agradar Himmler, embora Lina Heydrich sustentasse após a guerra que, em particular, ela e o marido faziam frequentemente chacota da obsessão de Himmler pelo neopaganismo.[424](#)

O próprio Himmler raramente interveio nas medidas anti-Igreja adotadas pela Gestapo e o SD, deixando essa área política praticamente nas mãos de Heydrich. Nos primeiros anos do Terceiro Reich, a Gestapo e o SD de Heydrich concentraram fundamentalmente sua vigilância e sua perseguição anticlericais na Igreja Católica, que representava um desafio maior para o nazismo que a extremamente complacente Igreja Protestante.[425](#) Mas Heydrich tinha de agir cuidadosamente. No verão de 1933, em troca da autodissolução “voluntária” do Partido do Centro, o Terceiro Reich e o Vaticano assinaram a Reichskonkordat, garantindo a continuação da existência e a liberdade religiosa da Igreja Católica na Alemanha nazista. Nem a Gestapo nem o SD tinham mais o direito de agir violando abertamente esses acordos. A Alemanha continuava sendo um país profundamente cristão e Hitler se importava com a opinião pública.[426](#)

Repetidamente, contudo, Heydrich e outros representantes influentes da linha-dura anti-Igreja, como Joseph Goebbels, Rudolf Hess e Martin Bormann procuravam desafiar o *status quo* e minar a posição da Igreja associando determinados padres à homossexualidade, ao comunismo e à pedofilia. Logo após a tomada do poder na Baviera, por exemplo, Heydrich agiu contra três padres que tinham manifestado preocupação com o tratamento dos internos no campo de concentração de Dachau. No final de novembro,

em seguida a uma investigação, eles admitiram ter espalhado “histórias de atrocidades” e foram presos. Buscas em seus aposentos revelaram a inevitável “extensa literatura marxista” e outras provas circunstanciais associando-os ao comunismo, todas devidamente divulgadas. Heydrich usou publicamente o caso para pintar um quadro de um sacerdócio infiltrado pelos comunistas e para defender a criação de uma força de polícia política capaz de combater tal ameaça.[427](#)

Heydrich não era o único antigo coroinha combatendo a Igreja Católica. Convencido de que era preciso conhecer o inimigo para combatê-lo, nomeou um padre católico, Albert Hartl, para dirigir o departamento clerical do SD. Hartl, um antigo simpatizante do nazismo, ingressou formalmente no SD, como funcionário de tempo integral, em 1934, depois de sua posição na Igreja Católica ficar insustentável ao se tornar público que ele denunciara um colega padre às autoridades nazistas.[428](#)

Em 1935, o Estado nazista organizou uma série de julgamentos contra membros de diversas ordens católicas, acusando-os de lavagem internacional de dinheiro e práticas imorais – isto é, homossexuais e pedófilas. O aparelho de Heydrich forneceu a “prova” na maioria desses casos. As investigações de delitos envolvendo moeda estrangeira foram metodicamente ampliadas em março de 1935; tanto a Gestapo quanto o SD se envolveram de forma ostensiva em buscas realizadas em monastérios, confiscando documentos que poderiam servir como prova nos julgamentos que viriam a seguir. No final de 1935, cerca de 70 clérigos haviam sido condenados em 30 julgamentos com base nesse material.[429](#)

Os alegados delitos sexuais cometidos por clérigos e membros de ordens católicas tiveram uma utilidade propagandística ainda maior para o regime nazista. Desde 1935, o SD de Heydrich desempenhara papel central no confisco e reunião de material destinado a provar a suposta homossexualidade de clérigos. Em 1935, a Gestapo instalou uma força-tarefa especial dentro de sua circunscrição para tratar de delitos homossexuais. Extensas investigações levaram a uma onda de julgamentos que - com breve interrupção durante os Jogos Olímpicos de 1936 - continuaram até o verão de 1937.

Esses julgamentos procuravam destruir a reputação da Igreja Católica e tinham como alvo primário padres, monges, irmãos leigos e freiras que trabalhavam em escolas primárias e secundárias. Uma campanha de imprensa simultânea, lançada por Joseph Goebbels, procurava persuadir os pais a não expor os filhos ao provável risco de abuso sexual em escolas religiosas. Em 1936, um famoso julgamento, amplamente divulgado, envolveu os franciscanos da cidade de Waldbreitbach, na Renânia, que foram acusados de abusar sistematicamente das crianças colocadas sob sua guarda. Adultos e também escolares foram incentivados a ler os sinistros relatos de abuso e de indícios de violência sexual que estariam no cerne da atividade franciscana. Em várias cidades, estandes de jornais eram propositalmente montados para que adolescentes pudessem ler histórias lascivas e pornográficas, acompanhadas de desenhos, em jornais nazistas. No todo foram levados a cabo 250 julgamentos contra clérigos e membros supostamente homossexuais de ordens religiosas, no curso dos quais mais de 200 membros

de ordens católicas (particularmente leigos) foram condenados.[430](#)

Na primavera de 1937, os ataques dos nazistas à Igreja Católica diminuíram. A encíclica papal *Mit brennender Sorge* (“Com Extrema Ansiedade”), de março de 1937, na qual o papa Pio XI expressava sua profunda preocupação com as violações, pelas autoridades nazistas, do acordo de 1933 feito com a Igreja, deu fim a todas as ilusões dentro do Partido Nazista de que a Igreja Católica se submeteria docilmente ao regime nazista. Contudo, o iminente reajuste da política externa nazista no sentido de uma estratégia de expansionismo mais agressiva em 1938 fazia parecer necessário apaziguar, não polarizar, a frente doméstica. Hitler foi gradualmente se afastando de qualquer envolvimento direto na política com relação à Igreja e a reordenação básica das relações entre o Estado nazista e a Igreja, que Heydrich e outros radicais do partido haviam esperado, foi adiada para depois da guerra.[431](#)

Embora Hitler se abstivesse de tornar públicas declarações anti-Igreja e Himmler instrísse oficialmente a SS a permanecer neutra com relação à política para com a Igreja, Heydrich não se deteve, possivelmente com a aprovação de Himmler. Em 27 de maio de 1937, escreveu diretamente a Hitler, pedindo que lhe fosse permitido prender padres dissidentes, “para a preservação da autoridade do Estado”, caso eles se tornassem politicamente ativos. Um ano depois, em junho de 1938, Heydrich escreveu a Hans Lammers, chefe da chancelaria do Reich, declarando que, em última análise, o Vaticano era o responsável pela agitação antialemã na Tchecoslováquia e na França. Mas Hitler continuou a insistir que a solução do “problema da Igreja” tinha de ser adiada até o fim de uma

guerra internacional cada vez mais provável. Só então queria resolver o problema como a última grande tarefa de sua vida.[432](#)

Tal preocupação não se aplicava a igrejas cristãs menores. Do início ao fim da década de 1930, a Gestapo dedicou consideráveis recursos e energia à repressão das Testemunhas de Jeová, uma pequena seita religiosa fundada nos Estados Unidos, que não tinha mais de 26 mil membros na Alemanha. Os “crimes” das Testemunhas de Jeová consistiam na recusa a participar de eleições, a usar a saudação a Hitler, a exibir a bandeira nazista, a ingressar em organizações nazistas e a prestar serviço militar. Todas essas coisas eram incompatíveis com seus princípios religiosos, que não lhes permitiam jurar lealdade a qualquer governo temporal ou a servir a qualquer país. Dado o pacifismo arraigado em sua doutrina, as Testemunhas de Jeová eram obviamente alvos do aparelho policial de Heydrich. Foram de fato o único grupo do Terceiro Reich a ser perseguido unicamente com base em suas crenças religiosas. Os judeus eram perseguidos pela raça, enquanto determinados católicos e protestantes eram presos em virtude de um real ou suposto ativismo político.[433](#)

No decorrer de 1936, a Gestapo aumentou a pressão sobre o grupo e deu início ao uso sistemático de métodos de tortura durante interrogatórios. Uma primeira onda nacional de prisões ocorreu em agosto e setembro de 1936. Mas as Testemunhas de Jeová continuaram a praticar sua religião ilegalmente e inclusive realizaram várias panfletagens contra o regime nazista em dezembro de 1937. A nova onda de prisões que se seguiu em 1938 praticamente destruiu todas as redes organizacionais que elas ainda possuíam antes do final do ano anterior. Como rejeitaram de forma

decidida o serviço militar depois de 1939, as Testemunhas de Jeová foram perseguidas com particular vigor durante a guerra. Estima-se que cerca de 6 mil delas foram presas no período do Terceiro Reich, recebendo uma identificação específica nos campos de concentração: um triângulo roxo. Centenas de Testemunhas de Jeová morreram em campos e prisões devido a maus-tratos e sobrecarga de trabalho, enquanto outras foram logo executadas. O sofrimento delas foi imenso mas, no essencial, seu destino era diferente do destino dos judeus: na visão de Heydrich (e de outros nazistas de alto escalão) elas, afinal, eram pessoas “arianas” que podiam ser salvas.[434](#)

Os Maçons

Em *Transformações de Nossa Luta*, Heydrich incluiu os maçons como arqui-inimigos do nacional-socialismo, juntamente com os judeus, os bolcheviques e os padres politicamente ativos. Heydrich encarava a maçonaria, à semelhança do bolchevismo, como uma “organização utilitária” [*Zweckorganisation*], internacionalista e antifascista, do povo judeu: “As lojas maçônicas e as organizações com elas aparentadas, que também se encontram sob controle judeu, têm como único propósito organizar a vida social de um modo aparentemente inofensivo mas que, na realidade, instrumentaliza as pessoas para os objetivos do povo judeu”.[435](#)

Logo após a tomada do poder pelos nazistas, as lojas alemães tiveram de enfrentar uma onda de prisões, seguida por seu fechamento. O SD começou a analisar os documentos e arquivos confiscados, incluindo os da Loja dos Três Sabres, em Halle, da qual o pai de Heydrich, Bruno, havia sido membro.[436](#) Em meados da década de 1930, no entanto, Heydrich havia deixado de ver na maçonaria uma grande ameaça. Defrontando-se com a franca hostilidade dos nazistas, a maioria das lojas se autodissolveram em 1933 ou foram fechadas pela Gestapo. Ex-membros das associações maçônicas, que se tornaram conhecidos da polícia depois que os arquivos e listas de participantes das lojas foram apreendidos, ficaram em nítida desvantagem no Terceiro Reich, particularmente se trabalhavam no serviço público, mas nunca estiveram sujeitos a uma perseguição tão sistemática quanto a sofrida pelas comunistas ou os

judeus. O fato de alguém ser maçom ou ter um dia pertencido a uma loja não levava automaticamente à prisão preventiva.[437](#)

A importância cada vez menor que Heydrich atribuía ao “problema maçom” se refletiu em sua reforma organizacional da Gestapo e do SD em 1936: a seção de maçonaria do SD, antes independente, fundiu-se com os departamentos de assuntos judaicos e da igreja, formando um departamento de “visões do mundo”. A partir do verão de 1937, a Gestapo de Heydrich parou de falar da maçonaria.[438](#) Heydrich passou a ver a maçonaria como um “culto desaparecido”, digno de preservação num museu – não de todo diferente do Museu Judeu Central instalado pela SS em Praga, em 1942, para servir de memorial a uma “raça desaparecida”.[439](#) Heydrich ordenou a criação de um Museu dos Maçons na sede da Gestapo, no Prinz-Albrecht-Palais em Berlim, onde os objetos de culto, bibliotecas, listas de participantes e arquivos confiscados das lojas maçônicas ficaram em exibição. Quando, em outubro de 1935, o emissário suíço da Cruz Vermelha Internacional, Carl Jacob Burckhardt, realizou uma viagem de inspeção aos campos de concentração alemães, Heydrich explicou-lhe que considerava que os maçons eram essencialmente “um instrumento de vingança judaica”. Se levassem a melhor na luta com o nacional-socialismo, os maçons desencadeariam “orgias de crueldade”, comparadas às quais as medidas adotadas naquele momento pelos nazistas “pareceriam apenas moderadas”.[440](#)

Dois dias depois, Heydrich acompanhou o visitante numa ida ao Museu dos Maçons, em Berlim. Na primeira sala, explicou Heydrich a Burckhardt, estavam expostas vitrines com os nomes de todos os maçons do mundo, agrupados

por país. Uma segunda sala, pintada de preto e sem janelas, permanecia em total escuridão, lembrou Burckhardt:

Heydrich acendeu uma luz violeta e, aos poucos, foram aparecendo nas sombras objetos de culto maçônico dos mais diferentes tipos. Pálido como um cadáver na luz artificial, Heydrich andou pela sala falando de conspirações mundiais, de graus de iniciação e dos judeus que, no topo da hierarquia maçônica, estavam trabalhando para a destruição de toda a humanidade. Seguiram-se salas ainda mais escuras, mais estreitas, com tetos baixos, onde a pessoa só podia entrar curvada e era agarrada pelos ombros pelas mãos ossudas de esqueletos operados automaticamente.

Em meados dos anos de 1930, Heydrich nitidamente encarava o problema maçom como um assunto do passado, adequado para um museu estilo “casa mal-assombrada”, onde procurava impressionar visitantes internacionais como Burckhardt.[441](#)

Antissociais

Num ensaio sobre as tarefas da Polícia de Segurança no Terceiro Reich, escrito em 1937, Heydrich afirmou que existia uma íntima conexão entre o crime convencional e as ameaças ideológicas com que o Terceiro Reich se defrontava: “O... sub-humano ameaça duplamente a saúde e a vida do corpo do povo [*Volkskörper*]: transgredindo e abalando normas sociais como um criminoso e colocando-se à disposição dos inimigos de nosso povo como instrumento e arma de seus planos”. Os adversários ideológicos internacionais do nazismo, Heydrich continuou, podiam facilmente recrutar e instrumentalizar “sub-humanos” criminosos, porque eles eram naturalmente “inclinados à subversão e à desordem”.[442](#)

A busca e prisão de “sub-humanos antissociais” era responsabilidade da polícia criminal, cuja tarefa era “extirpar” “sub-humanos contumazes” – cujos atos Heydrich achava que indicavam “sangue ruim” – e outros párias sociais, como homossexuais e mulheres que, tendo sofrido abortos, eram encaradas como ameaça para os objetivos demográficos dos nazistas.[443](#) A polícia criminal de Heydrich lançou uma grande operação contra “criminosos comuns” em 1937 e outra contra “elementos antissociais” mais amplamente definidos (que recebeu o codinome “Reich preguiçoso”) em 13 de junho de 1938. Numa carta de 1º de junho de 1938, Heydrich havia ordenado aos vários escritórios regionais da polícia criminal que colocassem “*pelo menos* 200 pessoas (elementos antissociais) do sexo masculino, sem incapacidade física” sob custódia policial

preventiva. Atenção particular, Heydrich insistia, devia ser dada a vagabundos, mendigos, ciganos e cáftens, assim como a “pessoas que tiveram numerosas condenações anteriores por resistência, lesão corporal, agressão, perturbação da ordem pública e coisas do gênero, demonstrando assim que não desejam participar da comunidade nacional”. A ordem de Heydrich justificava as prisões em massa declarando que “a criminalidade tem suas raízes num comportamento antissocial”, mas também citava um segundo motivo: “a estrita implementação do Plano de Quatro Anos”, o programa nazista concebido em 1936 para alcançar o pleno emprego e acumular recursos militares. O cumprimento desse plano, Heydrich insistia, não permitia que “pessoas antissociais se esquivassem do trabalho e, portanto, sabotassem” os objetivos econômicos do governo de Hitler. A operação se incluía no contexto da transição forçada de um mercado de trabalho para a “arregimentação do trabalho”, tentando assim eliminar a escassez alarmante de mão de obra que resultara da acelerada campanha de rearmamento iniciada em 1935.[444](#)

As operações policiais contra grupos marginais “antissociais” continuaram nos meses seguintes. No final de 1938, um total de 12.921 elementos antissociais estavam sendo mantidos em detenção preventiva e 3.231 pessoas estavam sob vigilância sistemática. A rigorosa campanha de Heydrich contra elementos antissociais certamente contribuiu para uma redução dos índices de criminalidade; ainda mais decisivo, no entanto, para essa redução foi o declínio da crise econômica global. Sob o efeito de um e de outro o índice de criminalidade extremamente inflado dos anos entre 1930 e 1933 voltou a um nível normal.[445](#)

Ao “proteger” a sociedade alemã de elementos antissociais e adversários políticos, o aparelho de Heydrich não operou de forma isolada. Tribunais regulares e prisões do Estado também desempenharam um papel decisivo na repressão da oposição. Todo um novo conjunto de leis e decretos promulgados em 1933 expandiu extremamente o alcance das leis de traição existentes e a aplicabilidade da sentença de morte. Em 1937, os tribunais proferiram não menos de 5.255 condenações por alta traição.[446](#)

Quem era preso ou condenado era enviado para um campo de concentração ou para uma prisão normal, dependendo da natureza e severidade do crime. Embora os campos de concentração fossem reservados basicamente para prisioneiros políticos durante os primeiros anos do Terceiro Reich, isso mudou no curso da década de 1930. Em 1933, cerca de 100 mil alemães, a maioria dos quais adversários do novo regime, foram detidos sem julgamento em campos de concentração por todo o Reich. No início de 1935, contudo, a grande maioria deles foi libertada por “bom comportamento”, com frequência depois de prometerem futura abstinência política. Quase todos os primeiros campos de concentração foram fechados em fins de 1933 e o número de internos caiu para 3 mil no início de 1935. Foi só de 1936 em diante que o número de internos tornou a aumentar, atingindo um total de 21 mil prisioneiros no irromper da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939. A maioria dos internos dos campos não era mais composta de prisioneiros políticos (que tendiam agora a estar confinados em prisões ordinárias), mas de “proscritos sociais”.[447](#)

Para acomodar o número crescente de prisioneiros, a SS começou a expandir o sistema de campos de concentração.

Entre 1936 e 1937, o que restava dos primeiros campos – Esterwegen, Sachsenburg, Columbia-Haus, Lichtenburg e Sulza – foi liquidado. Dachau foi o único dos campos mais antigos a sobreviver. A SS começava agora a construir campos novos, maiores, governados pelos mesmos regulamentos e o mesmo código disciplinar de Dachau. O “modelo Dachau”, concebido para submeter a disciplina rígida os prisioneiros e desumanizar suas relações com os guardas, estava baseado num sistema de punição escalonado para diferentes delitos, indo da retirada de alimento à execução. A fim de desumanizar as relações com prisioneiros, o comportamento dos guardas era regulamentado para uma manutenção de distância e eliminação do contato humano. O primeiro desses campos foi Sachsenhausen, ao norte de Berlim. No verão de 1937, outro campo, Buchenwald, perto de Weimar, foi construído. Foi seguido em maio de 1938 por Flossenbürg, na Baviera, e depois, em agosto – após o *Anschluss* da Áustria –, pelo campo de concentração de Mauthausen, a leste da cidade de Linz. Neuengamme, perto de Hamburgo, seguiu-se em dezembro de 1938 e o campo de mulheres de Ravensbrück, cerca de 90 quilômetros ao norte de Berlim, foi inaugurado em maio de 1939.[448](#)

Ao contrário de Himmler, que visitava regularmente os campos de concentração, Heydrich raramente era visto por lá. A única visita confirmada de Heydrich a Dachau, por exemplo, ocorreu no final do verão de 1938, quando ele se reuniu a outro oficial superior da SS, o futuro comandante da SS e chefe de polícia na ocupada União Soviética, Hans-Adolf Prützmann, para um jantar no campo. A raridade das visitas de Heydrich aos campos de concentração devia-se, pelo menos em parte, ao fato de que seu poder terminava

nos portões dos campos. Embora pudesse decidir quem era internado e quem era solto, em 1934 Himmler havia confiado a supervisão da vida nos campos de todo o Reich a Theodor Eicke, com quem Heydrich não se dava bem.[449](#) A divisão de trabalho era não apenas parte essencial do estilo de comando de Himmler - uma decisão consciente de distribuir as responsabilidades entre vários oficiais confiáveis da SS -, mas também um fator radicalizante na escalada dos programas de repressão nazistas. Heydrich, Eicke e outros oficiais superiores da SS procuravam, o que é compreensível, agradar tanto a Himmler quanto a Hitler e, cada vez mais, descobriam que o melhor meio de fazê-lo era por meio da iniciativa e do radicalismo.

Uma Vida de Privilégio

Enquanto o Estado policial nazista ia tomando forma, a situação financeira de Heydrich continuava a melhorar, a ponto de a família poder se permitir ter duas casas: um lar em Berlim e uma casa de campo na ilha de Fehmarn, onde Lina nascera. Os 42 mil reichsmarks necessários para construir essa casa no tradicional estilo do norte da Alemanha, com um telhado de colmo e paredes de madeira e alvenaria, foram conseguidos graças a um empréstimo particular de Willy Sachs, um pedante magnata industrial, membro honorário da SS e - assim como o arquiteto Gustav Rall - amigo pessoal da família Heydrich.[450](#) O trabalho de construção começou na primavera de 1935 e, em junho desse ano, os Heydrich comemoraram o término da construção na presença de Himmler e outros amigos e colegas da SS. Nos anos que se seguiram, os Heydrich passariam quase todas as férias de verão ali. Além disso, foi obtido em 1934 o arrendamento de uma área de caça, primeiro em Parlow, na floresta de Schorfheide a nordeste de Berlim, nas proximidades imediatas da Karinhall, propriedade rural de Hermann Göring; depois, a partir de 1936, em Stolpshof, perto de Nauen, em Brandemburgo, onde a SS mantinha um pequeno campo de concentração do qual Heydrich recrutou trabalhadores escravos para a reforma de seu pavilhão de caça.[451](#)

Em fevereiro de 1937, os Heydrich deixaram o apartamento alugado em Südende e compraram uma propriedade de 700 m² para lhes servir de moradia. Ficava na Augustastraße, não longe das costas pitorescas do

Schlachtensee. A nova casa da família, não mais que um “abrigo de trabalhadores ampliado” na descrição feita por Lina Heydrich após a guerra, oferecia nove quartos em três andares, com dois deles reservados para empregados domésticos. Segundo Albert Speer, arquiteto favorito de Hitler, a casa de Heydrich refletia sua disposição de espírito um tanto paranoica, sendo guarnecida como uma fortaleza, com guardas policiais e campainhas de alarme em cada aposento. No jardim, Lina instalou um *playground* para as crianças e construiu um cercado para criação de aves.[452](#)

A casa na costa de Schlachtensee custou um adicional de 49 mil reichsmarks, dos quais 10 mil foram fornecidos pelo “fundo especial do *Reichsführer-SS*”. Apesar dos dois “empréstimos” particulares de Sachs e Himmler (ambos destinados a jamais serem pagos), os Heydrich foram obviamente capazes de pagar os juros e as amortizações de uma hipoteca de 91 mil reichsmarks e de contratar duas empregadas domésticas numa base permanente.[453](#)

Segundo a declaração de renda de Heydrich em 1936, ele ganhara 8.400 reichsmarks no ano anterior, dos quais 1.200 RM podiam ser descontados como salários pagos a empregados domésticos de um alto funcionário do Estado. Além disso, recebera um abono de 12 mil RM como chefe da Gestapo. No ano seguinte, a renda-base subiu para 9 mil RM – uma pequena fortuna quando comparada à renda média de 2 mil reichsmarks recebidos por um oficial de médio escalão da Gestapo. Em 1937, sua renda totalizou 15.727,59 RM.[454](#) Que o salário de Reinhard mal fosse “suficiente para sobreviver”, como Lina sustentou após a guerra, era portanto um incrível exagero. As preocupações financeiras dos primeiros anos de casamento, a permanente “mudança de casa alugada para casa alugada”

continuamente lamentada por Lina, tinham claramente sido superadas. E o salário de Heydrich continuou a subir: em 1938, ele ganhou a considerável soma de 17.371,53 RM, ao mesmo tempo que reduziu o salário de seus dois empregados domésticos a um total de 550 RM por ano.[455](#)

Os Heydrich também se beneficiaram do cargo de Reinhard de outras maneiras. Durante os Jogos Olímpicos de Verão, em 1936, por exemplo, a família ganhou um camarote no estádio olímpico. Também desfrutaram de tratamento privilegiado durante os Jogos de Inverno, que haviam começado em Garmisch-Partenkirchen em 6 de fevereiro de 1936. Uma frota de carros e motoristas estava à disposição de Heydrich, assim como um avião - na verdade dois aviões durante a guerra. Além disso, desde abril de 1934, Heydrich era um consultor privado prussiano e, a partir de março de 1936, um membro do Reichstag, o que trazia consigo uma venda extra de 6 mil RM por ano.[456](#)

No verão de 1937, os Heydrich partiram sem os filhos para férias românticas no Mediterrâneo. Foi uma espécie de lua de mel atrasada e passaram-na num navio de cruzeiro, o *Milwaukee*, que os levou à Itália, Grécia, Trípoli, Tunísia e Cartago. No geral, os Heydrich souberam cultivar um estilo de vida adequado à sua elevada posição no interior da elite política do Terceiro Reich.[457](#)

As relações sociais refletiam essa posição. Os Himmler eram visitas frequentes na casa de Heydrich, embora Lina e Margarete Himmler não se dessem bem. Para consternação de Himmler e Heydrich, as duas mulheres não suportavam uma à outra. Durante toda a década de 1930, o relacionamento, sempre tenso, ameaçou várias vezes se agravar, pois Margarete Himmler usava com vigor seus

poderes como esposa do *Reichsführer-SS* para tentar repetidamente ensinar Lina a ser uma esposa nazista “adequada”. Toda quarta-feira, ela convidava as esposas dos chefes da SS em cargos mais elevados para um café à tarde em sua casa em Berlim Dahlem, deixando bem claro que tomaria como ofensa uma recusa ao convite. Reagindo a isso, Lina marcava propositalmente as aulas de ginástica das esposas dos oficiais superiores da SS para o mesmo dia. Segundo Frieda Wolff, esposa do assistente pessoal de Himmler, Margarete chegou a instigar o marido a pressionar Heydrich a se divorciar, uma ideia que Himmler rejeitou.[458](#)

A ascensão de Heydrich na hierarquia nazista também significava que ele era frequentemente convidado para recepções oficiais na chancelaria do Reich, onde entrou pela primeira vez em contato direto com Hitler. Contudo, o relacionamento de Heydrich com Hitler nunca foi tão íntimo e pessoal quanto o relacionamento com Himmler: como funcionário nazista do segundo escalão, Heydrich não teve o direito de se reportar diretamente a Hitler antes de sua nomeação, em 1941, como protetor interino do Reich (tal direito estava reservado a ministros do gabinete e a influentes líderes ou *gauleiters* regionais do Partido). Os encontros pessoais antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial estavam assim confinados a grandes recepções oficiais em Berlim e Munique. Algum tempo depois, durante a guerra, Heydrich se encontrava com Hitler em seu retiro bávaro nas montanhas, o Berghof, e no quartel-general militar na Prússia Oriental, a Toca do Lobo. Em suas memórias, Lina recorda um primeiro encontro com Hitler durante uma recepção de aniversário em Berlim. Hitler estava de pé no saguão de recepção cumprimentando os convidados e, quando os Heydrich se apresentaram, ele

estendeu ambas as mãos e disse: “Que belo casal. Estou extremamente impressionado!”.[459](#) Não foi apenas a aparência ariana de Heydrich que impressionou Hitler, mas também a inabalável lealdade, provada durante o evento da Noite das Facas Longas de 1934, e o ativismo incansável em defesa do regime nazista de todos os inimigos políticos. O dito célebre de Hitler chamando Heydrich de “um dos melhores nacional-socialistas” e “um dos maiores adversários de todos os inimigos do Reich” em seu funeral em junho de 1942 não foi um elogio ocioso. No final dos anos de 1930, Hitler acreditaria o bastante na lealdade e nos “talentos” de Heydrich para torná-lo responsável pela questão politicamente sensível que mais mexia com ele: a guerra contra os judeus. Heydrich e Hitler raramente interagem em nível social, mas tinham um íntimo relacionamento “profissional”. Um relacionamento marcado tanto pela inflexível lealdade de Heydrich com relação a seu Führer quanto pela confiança recíproca de Hitler na capacidade de Heydrich para implementar as iniciativas mais radicais dos programas cada vez mais violentos do regime nazista.

Em 1937, Wilhelm Canaris mudou-se com a família para Berlim-Schlachtensee e tornou-se de novo o vizinho mais próximo dos Heydrich. Reinhard e Erika Canaris reviveram o quarteto de cordas e as famílias convidavam uma à outra para refeições noturnas, além de cavalgarem juntas na floresta Grunewald. As desavenças profissionais entre Canaris e Heydrich durante as negociações sobre os Dez Mandamentos de 1935 não parecem ter prejudicado um relacionamento de outra forma amigável.[460](#)

A vida familiar aparentemente harmoniosa, captada em diversas fotos tiradas nos anos de 1930 era, no entanto,

ilusória. Heydrich confidenciou a Karl Wolff, assistente pessoal de Himmler, que as queixas constantes de Lina sobre suas ausências e suspeitas sem fundamento com relação a uma infidelidade o estavam irritando.[461](#) Também Lina, após a guerra, mencionou que seu casamento estava em crise profunda no final dos anos 1930. Como resultado das ausências constantes do marido, vivia praticamente sozinha com os filhos, acusando repetidamente o marido de ter casos com outras mulheres. Segundo alguns testemunhos pós-guerra, Heydrich de fato procurava se distrair dos problemas domésticos com casos extraconjugais. Lina, ao que parece, sabia de suas aventuras sexuais, sustentando depois da guerra que sempre tinha havido “outras mulheres em meu casamento” e que o marido não podia ver “nada numa saia”.[462](#)

Se Heydrich acompanhava ou não o jovem chefe do departamento IVE (espionagem doméstica) do SD, Walter Schellenberg, em frequentes incursões nas madrugadas pelos bares e bordéis de Berlim, como o Salon Kitty, administrado pela SS, como Schellenberg sustentou após 1945, é impossível comprovar.[463](#) O certo, porém, é que depois de 1937 o casamento de Heydrich entrou em sérias dificuldades, em parte devido às constantes e frequentemente inexplicadas ausências de Heydrich e em parte devido à sua suspeita de que a amizade de Lina com Schellenberg era mais do que só platônica. Não foi a primeira nem a última vez que esses rumores brotaram e, fora Schellenberg, dizia-se que Lina Heydrich teve romances com o pintor nazista Wolfgang Willrich e com o sucessor de Werner Best no RSHA, Wilhelm Albert.[464](#)

Schellenberg e Lina se tornaram grandes amigos, senão amigos íntimos, logo depois de terem se conhecido numa

cerimônia do Estado em 1935. Lina sempre sustentou que meramente usava Schellenberg, bonito e divorciado havia pouco tempo, para despertar o ciúme do marido. Mas há motivo para duvidar de sua versão dos acontecimentos. Segundo Schellenberg, uma noite de bebedeira com o chefe da Gestapo, Heinrich Müller, e Heydrich sofreu uma dramática reviravolta quando o segundo disse a Schellenberg que a bebida dele havia sido envenenada. Só após uma confissão relativa à natureza de seu relacionamento com Lina, Heydrich apresentou um antídoto. Para evitar novas tensões com seu chefe, Schellenberg parou definitivamente de se encontrar com Lina.[465](#)

Apesar, ou talvez por causa, desses problemas conjugais, Lina deu à luz sua terceira criança e primeira filha, Silke, no domingo de Páscoa de 1939. Ela disse após a guerra que Reinhard “idolotrou” a filhinha desde o dia em que ela nasceu: “Foi um bom pai para sua filha. Não importava que estivesse ocorrendo uma reunião oficial na casa ou que houvesse uma visita, a filha Silke lhe era levada às seis da tarde para um beijo de boa-noite”. A partir de então, Reinhard retornaria com mais frequência à casa da família em Berlim-Schlachtensee.[466](#)

Embora não se envolvesse diretamente na educação dos filhos, devido a uma pesada e sempre crescente carga de trabalho, Heydrich tinha ideias muito claras sobre como as crianças deviam ser educadas. Num encontro com moças da Juventude Hitlerista, ele enfatizou que educação e política eram inseparáveis. Enquanto durante a República de Weimar, “os jovens eram bastante superficiais, entregues à diversão e completamente indiferentes aos desafios do futuro do *Volk* e do Reich”, a educação no Terceiro Reich era orientada por princípios ideológicos claros: “Os principais

fundamentos de nosso ideal educacional são a preservação intransigente do sangue alemão, o empenho em demonstrar uma intransigente pureza de caráter, em cultivar a verdade, o decoro e o orgulho sem arrogância, em inculcar uma ambição saudável, que exige realizações mais elevadas sem tornar a pessoa egoísta, e, por fim mas não menos importante, um esforço constante para alcançar os mais elevados padrões profissionais”. Mas Heydrich distinguia claramente entre a educação das moças e dos rapazes, os futuros soldados políticos do Terceiro Reich. Ele insistia que as moças, “apesar de toda a moderação e autocontrole necessários... jamais devem ficar militarizadas e endurecidas. A coisa mais atraente numa mulher é sua feminilidade, que por si mesma torna uma mulher bonita. Façam vocês o que fizerem, preservem sempre a feminilidade”.[467](#)

As ideias estereotipadas de Heydrich sobre a preservação da feminilidade e brandura refletem as propagandísticas imagens nazistas de gênero, tendo as mulheres como mães, cuidadoras e criadoras de lares em que os maridos guerreiros pudessem encontrar repouso e recobrar as energias. De fato a realidade na Alemanha nazista parecia muito diferente e o número de mulheres com emprego permanente crescia de forma constante, passando de 1,2 milhão em 1933 para 1,85 milhão em 1938. Mas o emprego feminino não era a questão principal. As ideias de Heydrich para a educação de jovens mulheres, que ele reiterou em seu testamento de 1939, dirigiam-se contra uma certa mentalidade resumida pela imagem desprezada da “Nova Mulher” – moderna, de cabelo curto, emancipada e fumando –, propagada por intelectuais de esquerda e revistas femininas de vanguarda, como a alemã *Vogue* nos anos de

1920. A Nova Mulher, um elemento central do que era visto como modernidade decadente, devia desaparecer de uma vez por todas.[468](#)

A vida conjugal de Heydrich não era o único problema familiar que o preocupava no final da década de 1930. Em várias ocasiões, a irmã Maria insistiu que Reinhard devia usar os contatos que tinha para conseguir um emprego para o cunhado. De má vontade, Heydrich cedia e repetidamente arranhou trabalho para Wolfgang Heindorf, primeiro no Ministério da Propaganda, depois na fábrica Volkswagen e na Frente de Trabalho Alemã.[469](#) O cunhado foi demitido de cada um desses empregos em menos de seis meses. Como alcoólatra obstinado, inclinado a apresentar falsos comprovantes de despesas, a vangloriar-se de ter um cunhado influente e a tomar dinheiro “emprestado” dos subordinados, Heindorf continuava sendo uma fonte constante de embaraços para Heydrich.[470](#)

Em junho de 1939, Heydrich estava com a paciência esgotada e mandou que Heindorf comparecesse ao seu escritório. Durante o encontro, atacou furiosamente o cunhado pela incapacidade de se manter num emprego, pelo acúmulo contínuo de dívidas e pelo visível alcoolismo, que ele considerava parcialmente responsável pelo colapso econômico do conservatório da família em Halle. Heindorf e a esposa, Heydrich insistia, tinham um estilo de vida francamente extravagante. No futuro, teriam de se arranjar com menos.[471](#)

As acusações de Heydrich devem ter deixado Maria furiosa, pois ela escreveu uma carta irritada ao irmão em 30 de junho, queixando-se do elevado tom moral que Heydrich estava empregando com relação a ela e ao marido:

Devido ao seu alto cargo, você perdeu a capacidade de avaliar nossa situação... a ponto de, admita se for honesto, não conseguir mais realmente entender e julgar, de seu altivo e vantajoso ponto de observação, as aptidões e as deficiências de um cidadão médio. Para ser capaz de fazer isso, de pensar e sentir como nós, teria de viver de novo conosco por algumas semanas! Desculpe minha radical franqueza, mas você também nos diz a verdade e como pensa, e hoje não estou escrevendo ao *Gruppenführer* e chefe de polícia Heydrich, mas a alguém de minha própria carne e sangue, meu irmão... Reinhard, me diga - o que você ganha por querer chutar a mim e à minha família com tamanha satisfação?! De qualquer modo, você não nos inclui mais entre seus parentes e, se não nos ajuda, pelo menos nos deixe em paz e não ponha mais obstáculos em nosso caminho...[472](#)

Três semanas depois, em 19 de julho, Maria recebeu uma breve resposta de Kurt Pomme, assistente de polícia de Heydrich desde novembro de 1934: “O *Gruppenführer* se recusa a ter qualquer contato direto com a senhora e seu marido (mesmo por meio de cartas), porque não quer ser insultado”. Por meio de Pomme, Heydrich instruiu ainda Maria a deixar a mãe dos dois fora da rixa e ordenou a vigilância de Heindorf pela Gestapo, insistindo para que cada incidente envolvendo o cunhado fosse trazido de imediato ao seu conhecimento. Ao mesmo tempo, informou ao novo empregador de Heindorf que o cunhado precisava de uma “firme orientação” para cumprir suas tarefas. As suspeitas de Heydrich foram rapidamente confirmadas quando ele recebeu relatórios da Gestapo de que Heindorf retrocedera aos “velhos hábitos”, contraindo dívidas, chegando embriagado ao trabalho e vangloriando-se de ser parente de Heydrich. Então, ele deu ao cunhado uma única opção: alistar-se como voluntário na Wehrmacht e “provar seu valor no campo de batalha” - um cenário que estava se tornando cada vez mais provável, já que a Alemanha

nazista preparava-se para ir à guerra no final da década de 1930.[473](#)

- [349](#) Browder, *Foundations*, pp. 180ss.
- [350](#) Walter Nicolai, *Geheime Mächte. Internationale Spionage und ihre Bekämpfung im Weltkrieg und Heute* (Leipzig, 1923).
- [351](#) Browder, *Foundations*, pp. 180ss.
- [352](#) Reinhard Heydrich, "Vergiftung des Verhältnisses zwischen Waffenträger der Nation und Träger der Weltanschauung in Staat und Partei", janeiro de 1935, em *IfZ*, MA pp. 438, ss. 2.374ss.
- [353](#) Müller, *Canaris*, p. 162ss.
- [354](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 63.
- [355](#) Ver a coleção de pastas sobre a colaboração Abwehr-Gestapo/SD em BAB, R 58/242; Browder, *Foundations*, pp. 180ss.
- [356](#) Browder, *Foundations*, pp. 148ss.; Horst Duhnke, *Die KPD von 1933 bis 1945* (Colônia, 1972), p. 194; Stolle, *Geheime Staatspolizei*, p. 222s.; Johnson, *Terror*, pp. 19ss.; Norbert Frei, "Zwischen Terror und Integration. Zur Funktion der politischen Polizei im Nationalsozialismus", em Christoph Dipper, Rainer Hudemann e Jens Petersen (orgs.), *Faschismus und Faschismen im Vergleich. Wolfgang Schieder zum 60. Geburtstag* (Colônia, 1998), pp. 217-28.
- [357](#) Browder, *Foundations*, pp. 163ss.
- [358](#) Longerich, *Himmler*, p. 209s.; Buchheim et al., *SS*, p. 52; Tuchel, "Gestapa", p. 84.
- [359](#) Gellately, *Gestapo*, p. 59; Browder, *Foundations*, pp. 231ss.
- [360](#) Heydrich, *Wandlungen*, p. 5; Longerich, *Himmler*, pp. 211ss.
- [361](#) Heydrich, *Wandlungen*, pp. 14ss.; Longerich, *Himmler*, p. 205.
- [362](#) *Wandlungen*, pp. 18 e 20; Heydrich manteve esse ponto de vista do início ao fim de sua carreira. Ainda em outubro de 1941, meio ano antes de ser assassinado, descreveu o papel da SS como o de uma "tropa de choque" ideológica do partido e de seu líder supremo. Ver o discurso de Heydrich no Palácio Černín em 2 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 22.
- [363](#) Heydrich, *Wandlungen*, p. 3.
- [364](#) *Ibid.*, 6, p. 18s.
- [365](#) Heydrich, como citado em Burckhardt, *Danziger Mission*, p. 56.
- [366](#) Longerich, *Himmler*, p. 217.
- [367](#) Heydrich, *Wandlungen*, pp. 18ss.
- [368](#) Heydrich, "Die Bekämpfung der Staatsfeinde", *Deutsches Recht* 6 (1936), pp. 121-23. Ver também Banach, *Elite*, p. 283.
- [369](#) Heydrich a Taubert, 4 de março de 1940, em BAB, BDC, SSO Walter Fentz; ver também Banach, *Elite*, p. 283.
- [370](#) Isto é, com iniciativa e autonomia. (N. do T.)
- [371](#) Heydrich, "Aufgaben und Aufbau der Sicherheitspolizei im Dritten Reich", em Hans Pfundtner (org.), *Dr. Wilhelm Frick und sein Ministerium* (Munique, 1937), p. 153.
- [372](#) Himmler em Wannenmacher, *Leben der Tat*, pp. 81ss.
- [373](#) Heydrich, "Aufgaben", p. 149; ver também Wildt, *Generation*, p. 254.
- [374](#) Heydrich, "Bekämpfung der Staatsfeinde", pp. 121ss.; sobre a noção da "Wehrmacht interna" ver Werner Best, "Der Reichsführer SS und Chef der Deutschen Polizei", *Deutsches Recht* 6 (1936), p. 257s.; Longerich, *Himmler*, pp. 205s. e 824; Wegner, *Politische Soldaten*, pp. 110ss. Ver também Andreas

Schwegel, *Der Polizeibegriff im NS-Staat. Polizeirecht, juristische Publizistik und Judikative 1931-1944* (Tübingen, 2005), p. 208.

[375](#) Heydrich a Hanke, 26 de novembro de 1936, em *IfZ*, Fa 199/37. Ver também Reinhard Heydrich, “Der Anteil der Sicherheitspolizei und des SD an den Ordnungsmassnahmen im mitteleuropäischen Raum”, *Böhmen und Mähren* 25 (1941), pp. 176-78, aqui p. 177.

[376](#) Ordem de Heydrich de 1º de julho de 1937, em *BAB*, R 58/239, ff. pp. 198-202. Ver também Wildt, *Generation*, p. 254s.; Longerich, *Himmler*, p. 221; Buchheim *et al.*, *SS*, pp. 201ss.; Höhne, *Orden*, p. 136s.

[377](#) Ordem de Heydrich de 15 de dezembro de 1936, USHMMA, 11.001 MO1, rolo 1, pasta 25.

[378](#) Sobre o SD após 1936, ver Browder, *Enforcers*, p. 210ss.; *idem*, “Numerical Strength”, pp. 30-41; Wildt, *Generation*, pp. 378ss.

[379](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 536s.

[380](#) Longerich, *Politick*, pp. 26ss.; Avraham Barkai, *Vom Boykott zur “Entjudung”. Der wirtschaftliche Existenzkampf der Juden im Dritten Reich, 1933-1943* (Frankfurt, 1988), pp. 23ss.; Friedländer, *Persecution*, pp. 36ss.

[381](#) Michael Wildt, “Before the ‘Final Solution’: The Judenpolitik of the SD, 1935-1938”, *Leo Back Institute Year Book* (1998), p. 245s.; ver também o depoimento pós-guerra de Dieter Wisliceny, 18 de novembro de 1946, em *Fa 64 IfZ*, *Fa 64* e o vasto acervo de fichários do SD sobre organizações comunistas e socialistas (1932-1934) em *OA Moscou*, 500/1/88-134.

[382](#) Graf, *Politische Polizei*, p. 238.

[383](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 97.

[384](#) Jeffrey Herf, *The Jewish Enemy: Nazi Propaganda during World War II and the Holocaust* (Cambridge, MA, 2006).

[385](#) A literatura sobre esse assunto é vasta. Para um apanhado competente, ver Walter Laqueur, *The Changing Face of Antisemitism: From Ancient Times to the Present Day* (Oxford, 2006).

[386](#) Declaração pós-guerra sobre Heydrich, feita pelo dr. Werner Best, em 1º de outubro de 1959, em *Copenhague*, *IfZ*, ZS 207/2, p. 12.

[387](#) Sobre Himmler e os judeus, ver Longerich, *Himmler*, pp. 224ss.

[388](#) Heydrich, *Wandlungen*, p. 13.

[389](#) Termo especificamente nazista que, em sentido literal, significa “companheiros de raça”, isto é, participantes da “comunidade racial” alemã. (N. do T.)

[390](#) *Ibid.*

[391](#) Holger Berschel, *Bürokratie und Terror. Das Judenreferat der Gestapo Düsseldorf 1935-1945* (Essen, 2001), p. 171.

[392](#) Ver ordens de Heydrich de 28 de janeiro e 6 de março, em *BAB*, R 58/269.

Para uma ordem posterior de 9 de março de 1935, ver Arquivos Nacionais, Praga, p. 114, suplemento I, caixa 89. Ver também Berschel, *Bürokratie*, pp. 275ss.

[393](#) Uwe Dietrich Adam, *Judenpolitik im Dritten Reich* (Düsseldorf, 1972), p. 155; ver também Joseph Walk (org.), *Das Sonderrecht für die Juden im NS-Staat. Eine Sammlung der gesetzlichen Massnahmen und Richtlinien. Inhalt und Bedeutung* (2ª ed., Heidelberg, 1996), vol. 1, pp. 516ss.

[394](#) Ordem de Göring de 4 de julho de 1937, em BAB, R 43II/357. Heydrich faria uso intenso das novas competências, Ver, por exemplo, suas ordens de 27 de novembro e 3 de dezembro de 1941 (“Verfügungsbeschränkungen über das bewegliche Vermögen für Juden” and “Massnahmen zur Verhinderung von Veräusserung jüdischen Vermögens”) em IfZ, Eich 739 e MA 445, pp. 7845-853.

[395](#) Longerich, *Himmler*, p. 589.

[396](#) Memorando interno do SD para Heydrich, 24 de maio de 1934, como publicado em Michael Wildt (org.), *Die Judenpolitik des SD 1935 bis 1938. Eine Dokumentation* (Munique, 1995), pp. 66ss. Ver também o relatório da Gestapo “Gegenwärtiger Stand der Judenfrage”, 2 de novembro de 1934, em OA Moscou, 501/1/18, ff. 49-56; reproduzido em Otto Dov Kulka e Eberhard Jäckel (orgs.), *Die Juden in den geheimen NS-Stimmungsberichten 1933-1945* (Düsseldorf, 2004), doc. 48, pp. 90ss.

[397](#) Michael Wildt, “Before the ‘Final Solution’: The Judenpolitik of the SD, 1935-1938”, *Leo Baeck Institute Year Book* (1998), pp. 241-69.

[398](#) A ordem de Heydrich de 20 de março de 1934 está reproduzida em Hans Mommsen, “Der nationalsozialistische Polizeistaat und die Judenverfolgung vor 1938”, *VfZ* 10 (1962), pp. 68-87, aqui p. 77s. Sobre o Reichsbund, ver Ulrich Dunker, *Der Reichsbund jüdischer Frontsoldaten 1919-1938* (Düsseldorf, 1977), pp. 113ss.

[399](#) Heydrich para todos os departamentos da Polícia do Estado, 17 de janeiro de 1935, em IfZ, MA 172. Quatro semanas depois, em 10 de fevereiro de 1935, Heydrich ordenou o fechamento de todas as organizações judaicas que defendiam a permanência dos judeus na Alemanha. Heydrich a todos os departamentos da Polícia do Estado, 10 de fevereiro de 1935, em IfZ, MA 172.

[400](#) Heydrich, *Wandlungen*, pp. 10ss.

[401](#) Heydrich a Lammers, 16 de julho de 1935, citado em Werner Jochmann, *Gesellschaftskrise und Judenfeindschaft in Deutschland 1870-1945* (Hamburgo, 1988), pp. 236-54, aqui p. 245s.

[402](#) Relatório do SD de 17 de agosto de 1935, em OA Moscou, 500/3/316, ff. 1-3; reproduzido em Wildt (org.), *Judenpolitik*, pp. 69-70.

[403](#) Relatório da Gestapo sobre o encontro de 20 de agosto de 1935, em OA Moscou 500/1/379, ff. 75-85; como citado em Wildt, “Before the ‘Final Solution’”, p. 249. Sobre o papel de Schacht, ver Albert Fischer, *Hjalmar Schacht und Deutschlands “Judenfrage”. Der “Wirtschaftsdiktator” und die Vertreibung der Juden aus der deutschen Wirtschaft* (Colônia, 1995), p. 208.

[404](#) Heydrich sobre 9 de setembro de 1935, em OA Moscou, 500/1/379, ff. 115-20; reproduzido em Wildt (org.), *Judenpolitik*, pp. 70-3.

[405](#) Carta de Heydrich aos participantes do encontro de alto nível no Ministério da Economia do Reich, 9 de setembro de 1935, em OA Moscou, 500/1/379, ff. 115-20; reproduzida em Wildt (org.), *Judenpolitik*, pp. 70-3.

[406](#) Bernhard Lösener, “Als Rassereferent im Reichsministerium des Innern”, *VfZ* 9 (1961), pp. 261-313; Adam, *Judenpolitik*, p. 125. Para uma avaliação crítica do ponto de vista de Lösener, ver Reinhard Rürup, “Das Ende der Emanzipation. Die antijüdische Politik in Deutschland von der ‘Machtergreifung’ bis zum Zweiten Weltkrieg”, em Arnold Paucker, Sylvia Gilchrist e Barbara Suchy (orgs.), *Die Juden im nationalsozialistischen Deutschland, 1933-1943* (Tübingen, 1986), pp. 97-114; e Jochmann, “Judenpolitik”, p. 247.

[407](#) Hilberg, *Destruction*, vol. 1, pp. 72 e 434-47. Sobre as Leis de Nuremberg, ver Cornelia Essner, *Die "Nürnberger Gesetze" oder die Verwaltung des Rassewahns, 1933-1945* (Paderborn, 2002); Otto Dov Kulka, "Die Nürnberger Rassegesetze und die deutsche Bevölkerung im Lichte geheimer NS Lage- und Stimmungsberichte", *VfZ* 32 (1984), pp. 582-624; Lothar Gruchmann, "'Blutschutzgesetz' und Justiz. Zur Entstehung und Auswirkung des Nürnberger Gesetzes vom 15. September 1935", *VfZ* 31 (1983), pp. 418-42.

[408](#) Isto é, à questão dos *Mischlinge*. (N. do T.)

[409](#) Ver Capítulo 7 deste livro.

[410](#) Wildt (org.), *Judenpolitik*, p. 38. Sobre o comprometimento ideológico que tinham com o antissemitismo: Yaacov Lozowick, *Hitlers Bürokraten. Eichmann, seine willigen Vollstrecker und die Banalität des Bösen* (Zurique, 2000).

[411](#) Herbert A. Strauss, "Jewish Emigration from Germany: Nazi Policies and Jewish Responses (II)", *Leo Baeck Institute Year Book* 26 (1981), pp. 343-47; Francis R. Nicosia, "The End of Emancipation and the Illusion of Preferential Treatment: German Zionism, 1933-1938", *Leo Baeck Institute Year Book* 36 (1991), pp. 243-65; *idem*, "Ein nützlicher Feind. Zionismus im nationalsozialistischen Deutschland 1933-1939", *VfZ*, 37 (1989), pp. 367-400; Yehuda Bauer, *Jews for Sale? Nazi-Jewish Negotiations 1933-1945* (New Haven e Londres, 1994).

[412](#) Wisliceny, "Was wird aus Palastina?", 15 de julho de 1937, reproduzido em Serge Klarsfeld (org.), *Centre de Documentation Juive Contemporaine, Recueil de Documents du Service des Affaires Juives, le II-112, du Sicherheitsdienst SD (1937-1949)* (Nova York, 1980), pp. 76-84. Ver também Nicosia, *Nützlicher Feind*, p. 388s.

[413](#) Relatório de Hagen para Heydrich sobre a visita de Polkes, 17 de junho de 1937, em BAB, R 58/954, ff. 42-6. Ver também Adam, *Judenpolitik*, p. 200.

[414](#) Cesarani, *Eichmann*, pp. 18-60; sobre Kaltenbrunner, ver Black, *Kaltenbrunner*.

[415](#) Memorando Seis, 4 de setembro de 1937, BAB, R 58/623.

[416](#) Relatório de Eichmann de 4 de novembro de 1937, em BAB, R 58/954, ff. pp. 11-64.

[417](#) Bauer, *Jews for Sale?*, p. 27; Nicosia, *Nützlicher Feind*, p. 392s.

[418](#) Nicosia, *Nützlicher Feind*, p. 392.

[419](#) Friedländer, *Persecution*, p. 282; Longerich, *Politik*, pp. 121ss.

[420](#) Anexação. (N. do T.)

[421](#) Sobre a hostilidade de Himmler com relação às Igrejas, ver Longerich, *Himmler*, pp. 227ss.; Ackermann, *Himmler*, pp. 88ss.

[422](#) Heydrich, *Wandlungen*, pp. 7ss.; sobre a atitude de Heydrich com relação à religião não institucionalizada e à espiritualidade, ver Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 96.

[423](#) Clark, "Religion", p. 97.

[424](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 85; sobre os percentuais citados acima, ver Longerich, *Himmler*, p. 229. Sobre as atitudes nazistas com relação ao cristianismo de um modo mais geral, ver Richard Steigmann-Gall, *The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919-1945* (Cambridge, 2003).

[425](#) Wolfgang Dierker, *Himmlers Glaubenskrieger. Der Sicherheitsdienst der SS und seine Religionspolitik 1933-1941* (Paderborn, 2002), pp. 192ss.; Doris

Bergen, *Twisted Cross: The German Christian Movement in the Third Reich* (Chapel Hill, NC, 1996); Manfred Gailus, *Protestantismus und Nationalsozialismus. Studien zur Durchdringung des protestantischen Sozialmilieus in Berlin* (Colônia, 2001); Kurt Meier, *Kreuz und Hakenkreuz. Die evangelische Kirche im Dritten Reich* (Munique, 1992); sobre a Igreja Confessional como um exemplo de desafio protestante, ver Victoria Barnett, *For the Soul of the People: Protestant Protest against Hitler* (Nova York, 1992).

[426](#) John S. Conway, *The Nazi Persecution of the Churches, 1933-45* (Londres, 1968).

[427](#) Ordem de Heydrich de 18 de março de 1934, reiterando ordens anteriores de julho de 1933, em IfZ, Fa 183/1; Aronson, *Frühgeschichte*, pp. 118-20.

[428](#) Dierker, *Glaubenskrieger*, pp. 96ss.

[429](#) Petra Madeleine Rapp, *Die Devisenprozesse gegen katholische Ordensangehörige und Geistliche im Dritten Reich* (Bonn, 1981); sobre o envolvimento do SD, ver Dierker, *Glaubenskrieger*, pp. 178ss.

[430](#) Hans Günter Hockerts, *Die Sittlichkeitsprozesse gegen katholische Ordensangehörige und Priester 1936/1937. Eine Studie zur nationalsozialistischen Herrschaftstechnik und zum Kirchenkampf* (Mainz, 1971), pp. 4ss., 12ss., 63ss.; Dierker, *Glaubenskrieger*, pp. 178ss., 185ss.

[431](#) Dierker, *Glaubenskrieger*, pp. 335s.; Friedrich Zipfel, *Kirchenkampf in Deutschland 1933-1945. Religionsverfolgung und Selbstbehauptung der Kirchen in der nationalsozialistischen Zeit* (Berlim, 1965), pp. 458ss.; sobre os pontos de vista de Hitler, ver Goebbels, *Tagebücher*, parte I, vol. 3/2, p. 376.

[432](#) Heydrich a Hitler, 27 de maio de 1937, em Arquivos Nacionais, Kew, GFM 33/4830; Heydrich a Lammers, 15 de julho de 1938, em Arquivos Nacionais, Kew, GFM 33/4830; Hitler num monólogo em seu quartel-general de campanha, 13 de dezembro de 1941, em Adolf Hitler, *Adolf Hitlers Monologe im Führerhauptquartier 1941-1944. Die Aufzeichnungen Heinrich Heims*, org. Werner Jochmann (Munique, 1982), p. 32; Ian Kershaw, *Hitler 1936-1945: Nemesis* (Londres, 2000), p. 424.

[433](#) Sobre a perseguição às Testemunhas de Jeová, ver Detlef Garbe, *Zwischen Widerstand und Martyrium. Die Zeugen Jehovas im "Dritten Reich"* (Munique, 1993); Richard Steigmann-Gall, "Religion and the Churches", em Jane Caplan (org.), *Nazy Germany* (Oxford, 2008), pp. 146-67, aqui p. 146ss.; Hans Hesse (org.), *Persecution and Resistance of Jehovah's Witnesses during the Nazi Regime, 1933-1945* (Brêmen, 2001); James Penton, *Jehovah's Witnesses and the Third Reich: Sectarian Politics under Persecution* (Toronto, 2004).

[434](#) Garbe, *Zeugen*, pp. 234ss. e 247ss.

[435](#) Heydrich, *Wandlungen*, p. 12.

[436](#) Ver OA Moscou, 500/4/261 e 500/1/154.

[437](#) Helmut Neuberger, *Freimaurerei und Nationalsozialismus. Die Verfolgung der deutschen Freimaurerei durch völkische Bewegung und Nationalsozialismus 1918-1945*, 2 vols. (Hamburgo, 1980), vol. 2, pp. 16ss., 101s., 119s.

[438](#) Ordem de Heydrich de 1º de julho de 1937 (Gemeinsame Anordnung für den Sicherheitsdienst des Reichsführer-SS und die Geheime Staatspolizei), em BAB, R 58/239, ff. 198-202; reproduzida em Wildt, *Judenpolitik*, pp. 118-20. Ver também Wildt, *Generation*, p. 254s.; Longerich, *Himmler*, p. 221; Buchheim et al., *SS*, p. 62.

[439](#) Sobre o Museu Judeu Central, ver Jan Björn Potthast, *Das jüdische Zentralmuseum der SS in Prag. Gegnerforschung und Völkermord im Nationalsozialismus* (Frankfurt am Main, 2002).

[440](#) Neuberger, *Freimaurerei*, vol. 2, p. 45s. e 108; Burckhardt, *Danziger Mission*, p. 55.

[441](#) Burckhardt, *Danziger Mission*, p. 57s.

[442](#) Heydrich, "Aufgaben", pp. 149ss.; *idem*, "Bekämpfung der Staatsfeinde", pp. 121ss.

[443](#) Browder, *Foundations*, p. 152; Detlef J. K. Peukert, *Inside Nazi Germany: Conformity, Opposition, and Racism in Everyday Life* (New Haven e Londres, 1987), p. 264s.; Burkhard Jellonek, *Homosexuelle unter dem Hakenkreuz. Die Verfolgung von Homosexuellen im Dritten Reich* (Paderborn, 1990), pp. 95ss.

[444](#) OA Moscou, 500/1/261. "Pelo menos" está sublinhado no original. Ver também Wolfgang Ayass, "'Ein Gebot der nationalen Arbeitsdisziplin'. Die 'Aktion Arbeitsscheu Reich' 1938", *Beiträge zur nationalsozialistischen Gesundheits- und Sozialpolitik* 6 (1988), pp. 43-74; *idem*, 'Asoziale' im Nationalsozialismus (Stuttgart, 1995).

[445](#) Patrick Wagner, *Volksgemeinschaft ohne Verbrecher. Konzeptionen und Praxis der Kriminalpolizei in der Zeit der Weimarer Republik und des Nationalsozialismus* (Hamburgo, 1996), pp. 292ss.

[446](#) Nikolaus Wachsmann, *Hitler's Prisons: Legal Terror in Nazi Germany* (New Haven e Londres, 2004), pp. 165-83; Evans, *Third Reich in Power*, pp. 85ss.

[447](#) Karin Orth, *Das System der nationalsozialistischen Konzentrationslager. Eine politische Organisationsgeschichte* (Hamburgo, 1999), p. 32 e 38s.; Ulrich Herbert, Karin Orth e Christoph Dieckmann, "Die nationalsozialistischen Konzentrationslager. Geschichte, Erinnerung, Forschung", em Ulrich Herbert, Karin Orth e Christoph Dieckmann (orgs.), *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager. Entwicklung und Struktur*, 2 vols. (Frankfurt, 2002), vol. 1, pp. 117-42.

[448](#) Orth, *System*, pp. 35ss.; Tuchel, *Konzentrationslager*, pp. 326ss. Sobre Sachsenhausen, ver Hermann Kaienburg, "Sachsenhausen-Stammlager", em Benz e Distel (orgs.), *Ort des Terrors*, vol. 3, pp. 17-72; Günter Morsch (org.), *Mord und Massenmord im Konzentrationslager Sachsenhausen 1936-1945* (Berlim, 2005). Sobre Buchenwald: Harry Stein, "Buchenwald-Stammlager", em Benz e Distel (orgs.), *Ort des Terrors*, vol. 3, pp. 301-56. Sobre Flossenbürg: Jörg Skriebeleit, "Flossenbürg-Stammlager", em Benz e Distel (orgs.), *Ort des Terrors*, vol. 4, pp. 17-66. Sobre Mauthausen: Florian Freund e Bertrand Perz, "Mauthausen-Stammlager", em Benz e Distel (orgs.), *Ort des Terrors*, vol. 3, pp. 293-346. Sobre Neuengamme: Hermann Kaienburg, *Das Konzentrationslager Neuengamme 1938-1945* (Berlim, 1997). Sobre Ravensbrück: Bernhard Strebel, *Das KZ Ravensbrück. Geschichte eines Lagerkomplexes* (Paderborn, 2003).

[449](#) Prützmann a Heydrich, 30 de novembro de 1938 (com uma referência ao jantar em Dachau), em USHMMA, RG 11.001 M.24, rolo 94, pasta 1.525.

[450](#) Sobre Gustav Rall, ver BAB, BDC, SSO Gustav Rall; ver também Johannes Tuchel, "Reinhard Heydrich und die 'Stiftung Nordhav'. Die Aktivitäten der SS-Führung auf Fehmarn", *Zeitschrift der Gesellschaft für Schleswig-Holsteinische Geschichte* 117 (1992), pp. 199-225, aqui p. 201, nº 8.

[451](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 50 e 88s. Sobre o campo em

Nauen/Stolpshof, ver Wolfgang Weigelt, "Nauen/Stolpshof", em Benz e Distel (orgs.), *Ort des Terrors*, vol. 3, p. 231s.

[452](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 59s.; Speer como citado em Callum MacDonald, *Heydrich. Anatomie eines Attentats* (Munique, 1990), p. 148s.

[453](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 60.

[454](#) Declaração de renda de Heydrich para 1935, 1936 e 1937, em IfZ, Ed 450. Para comparação de salários, ver Browder, *Foundations*, p. 129.

[455](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 60s.; declaração de renda de Heydrich para 1938, em IfZ, Ed 450.

[456](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 57s.; depoimento pós-guerra do assistente pessoal de Heydrich, Hans-Hendrik Neumann, em IfZ, ZS 1.260; Joachim Lilla, *Der Preussische Staatsrat 1921-1933. Ein biographisches Handbuch* (Düsseldorf, 2005), nº 2.39; *idem*, *Statisten in Uniform. Die Mitglieder des Reichstags 1933-1945. Ein biographisches Handbuch* (Düsseldorf, 2004), p. 237. Para o salário adicional, ver BAB, NS 19/3.454.

[457](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 54.

[458](#) Arthur Nebe, "Das Spiel ist aus", *Spiegel*, 9 de fevereiro de 1950, p. 24s., 58.

[459](#) Lina Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 82 e 84.

[460](#) Lina Heydrich para Peter Schneiders, NIOD, doc. I, 69/A; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 63.

[461](#) Jochen von Lang, *Der Adjutant Karl Wolff. Der Mann zwischen Hitler und Himmler* (Munique, 1985), pp. 65ss. Ver também Schwarz, *Ehefrauen*.

[462](#) Entrevista com Lina Heydrich, *Jasmin* 4/1969, pp. 70ss.; Schellenberg, *Labyrinth*, p. 41.

[463](#) Schellenberg, *Labyrinth*, p. 17; Kersten, *Totenkopf*, p. 120.

[464](#) *Der Spiegel* 6/1950, 9 de fevereiro de 1950, p. 25.

[465](#) Lina Heydrich para Peter Schneiders, 30 de janeiro de 1962, em IfZ, ZS 3092; Schellenberg, *Labyrinth*, p. 14; Reinhard Doerries, *Hitler's Last Chief of Foreign Intelligence: Allied Interrogations of Walter Schellenberg* (Londres, 2003), p. 73.

[466](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 77.

[467](#) Discurso de Heydrich em 17 de março de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, p. 114, caixa 8.

[468](#) Matthew Stibbe, *Women in the Third Reich* (Londres, 2003), p. 88s. Sobre a "Nova Mulher" na República de Weimar, ver, por exemplo, Gesa Kessemeier, *Sportlich, sachlich, männlich. Das Bild der "Neuen Frau" in den Zwanziger Jahren* (Dortmund, 2000).

[469](#) Entidade que tomou o lugar dos sindicatos. (N. do T.)

[470](#) Ver as várias trocas de cartas, relatórios do SD e queixas de empregadores em BAB, R 58/9319.

[471](#) *Ibid.*

[472](#) Maria Heindorf (née Heydrich) a Reinhard Heydrich, 30 de junho de 1939, em Arquivos Nacionais, Kew, WO 219/5283.

[473](#) Heinz Pomme para Maria Heindorf, 19 de julho de 1939, em Arquivos Nacionais, Kew, WO 219/5.283. Sobre Pomme, ver BAB, BDC, SSO Kurt Pomme. Sobre a correspondência subsequente, ver BAB, R 58/9319.

CAPÍTULO 5



Ensaaios para a Guerra

O Caso Fritsch-Blomberg

No FINAL DE 1937, HITLER FOMENTOU UMA MUDANÇA RADICAL NA POLÍTICA externa do Terceiro Reich. Em 5 de novembro, o Führer fez um discurso na presença dos comandantes supremos do exército, força aérea e marinha, no qual enfatizou a necessidade de obter, se necessário por meio da expansão violenta, o *Lebensraum* (espaço vital) que a Alemanha requeria para garantir seu futuro como uma grande nação. As preocupações e críticas de alguns dos ouvintes reforçaram a visão de Hitler de que ele só alcançaria seus objetivos de política externa se substituísse por auxiliares mais dispostos alguns dos antigos personagens conservadores que continuavam a ocupar posições-chave na máquina de governo.[474](#)

Apenas alguns meses depois, surgiu uma oportunidade fortuita de introduzir essa abrangente mudança de pessoal: o escândalo cercado o ministro da Guerra do Reich, Werner von Blomberg. Em janeiro de 1938, na presença de Hitler, Göring, Heydrich e outras autoridades nazistas, Blomberg se casara com uma mulher consideravelmente mais nova, que depois se descobriu ser uma prostituta conhecida pela polícia. O caso levou à demissão de Blomberg. No final de janeiro de 1938, Göring, que se considerava como o sucessor natural de Blomberg, apresentou inesperadamente material incriminatório da Gestapo contra seu mais forte concorrente ao cargo: o comandante em chefe do exército, Werner von Fritsch. Segundo as evidências da Gestapo, convenientemente colocadas à disposição de Göring, Fritsch

era homossexual - um grave delito criminoso na Alemanha nazista.[475](#)

Heydrich não ficou muito surpreso com as denúncias. Já em 1936, seu aparelho da Gestapo havia reunido material incriminatório sobre Fritsch e o transmitido a Hitler. Na época, o Führer preferira ignorar as denúncias contra Fritsch e mandara a SS destruir a ficha policial. Heydrich, no entanto, havia ignorado a ordem e conservara uma cópia da ficha para futura referência. Quando Hitler e Göring tentaram se livrar dos generais conservadores, ele se lembrou da ficha. As denúncias contra Fritsch se apoiavam em fraca evidência: a testemunha-chave, no caso, era um conhecido criminoso, Otto Schmidt, cuja quadrilha baseada em Berlim se especializara em chantagear homossexuais proeminentes desde 1929. Apesar de sua juventude, Schmidt já passara muitos anos na prisão por roubo, falsificação, corrupção e chantagem, estando naquele momento aprisionado num campo de concentração em Emsland. De acordo com seu depoimento, ele surpreendera Fritsch envolvido em atividades sexuais com um garoto de programa de Berlim, Martin Weingärtner, perto da estação ferroviária Wannsee. Denunciou ainda que, quando surpreendido, Fritsch lhe oferecera dinheiro por seu silêncio.[476](#)

Heydrich tornou a submeter essa “prova” ao Führer e, em 26 de janeiro, Fritsch foi chamado à chancelaria do Reich, onde, na presença de Hitler e Göring, foi acareado com Schmidt. Embora Fritsch negasse ter conhecido Schmidt ou ter se envolvido em práticas homossexuais, Hitler o dispensou de seus deveres juntamente com 12 outros generais conservadores, politicamente indesejáveis. Outros 44 generais foram transferidos para postos politicamente

irrelevantes. Também o gabinete de Hitler foi reorganizado e depurado de possíveis críticos: o conservador ministro do Exterior, Konstantin von Neurath, foi substituído por um nazista engajado, Joachim von Ribbentrop e o ministro da Economia, Hjalmar Schacht, foi sucedido pelo antigo secretário de Estado do Ministério da Propaganda de Goebbels, Walther Funk. O Ministério da Guerra foi dissolvido e substituído pelo alto comando da Wehrmacht (como a Reichswehr passou a ser chamada depois de março de 1935), sob a liderança do obediente e ideologicamente confiável Wilhelm Keitel.[477](#)

Enquanto Hitler reajustava a política alemã e assumia o comando supremo da Wehrmacht, a Gestapo de Heydrich continuava suas investigações sobre o caso de Fritsch. Heydrich sentiu a pressão para provar a culpa de Fritsch, pois em primeiro lugar fora de seu aparelho que haviam surgido as denúncias, criando assim o pretexto para a reestruturação do comando do exército, cujo relacionamento com a Gestapo havia agora atingido seu pior momento. Durante várias semanas, agentes da Gestapo investigaram cada base militar onde Fritsch tivesse vivido, enquanto o “perito” de Heydrich na luta contra a homossexualidade, Josef Meisinger, viajava para o Egito, onde Fritsch havia passado as férias em 1937, em busca de evidências que pudessem incriminá-lo. Nenhuma das investigações produziu pistas concretas. Apesar desses contratempos, Himmler e Heydrich presumiram que Fritsch não seria reabilitado enquanto o testemunho de Schmidt se mantivesse de pé.[478](#)

Em março, Fritsch se apresentou perante o tribunal militar encarregado da investigação do caso. A audiência terminou com uma desastrosa reviravolta dos acontecimentos para

Heydrich e a Gestapo: sob pressão dos advogados de Fritsch, a única testemunha de acusação, Otto Schmidt, admitiu que tinha confundido o general Von Fritsch com um oficial de cavalaria reformado chamado capitão Von Frisch, que confirmou que fora chantageado por Schmidt. Piorando ainda mais o lado de Heydrich, o tribunal apurou que o oficial de cavalaria admitira sua “culpa” para a Gestapo vários meses antes, deixando assim a impressão de que o aparelho de Heydrich importunara o general Von Fritsch apesar de ter conhecimento da confusão de identidade. O tribunal concluiu que o depoimento que Schmidt prestara à Gestapo fora resultado da “pressão mais extrema” exercida sobre ele pelos investigadores. Fritsch foi devidamente absolvido e reabilitado, mas não reempossado como comandante em chefe do exército.[479](#)

O caso foi um desastre político para a SS e particularmente embaraçoso para Heydrich, cuja Gestapo conduziu a investigação. O assistente de Heydrich, Werner Best, que interrogara pessoalmente Fritsch, falou de uma severa “desonra” pública. Outros foram mais longe: o próprio Fritsch tencionava desafiar Himmler para um duelo, enquanto o chefe do Estado-Maior, general Ludwig Beck, pediu a demissão imediata de Heydrich e de outros investigadores em cargos elevados. Mesmo antes da conclusão do julgamento de Fritsch, Heydrich começou a temer e prever uma reação séria da liderança do exército, possivelmente até um golpe militar e um ataque do exército à sede da Gestapo.[480](#) Esses planos de fato existiram e um grupo de oficiais superiores que rodeavam o general Beck e o almirante Wilhelm Canaris chegou a pensar na prisão de todo o comando da SS. O relacionamento de Canaris com Heydrich foi se tornando cada vez mais ambíguo no

decorrer da década de 1930. Com base na amizade que tiveram em Kiel, em meados dos anos 1920, Canaris havia erradamente presumido que, na qualidade de chefe da espionagem militar da Alemanha, poderia controlar o muito mais jovem Heydrich. Quando Canaris foi nomeado chefe da Abwehr em 1935, seu predecessor, Conrad Patzig, o advertira acerca de Heydrich e Himmler, mas Canaris lhe disse num tom confiante: “Não se preocupe, sei lidar com esses rapazes”.[481](#) A extensão gradual das competências da SS de 1935 em diante provaram que Canaris estava errado e gradativamente a autoridade da Abwehr foi sendo minada. Ele estava agora pronto para ver o antigo protegido removido de sua posição de poder.[482](#) Contudo, os planos de golpe secretamente defendidos por Fritsch, Beck e Canaris tornaram-se obsoletos quando Hitler obteve um importante sucesso na política externa: o *Anschluss* da Áustria. Para Heydrich, a operação militar contra a Áustria proporcionou a tão necessária oportunidade de desviar a atenção do caso Fritsch e de provar que a SS era capaz de colaborar com o exército.[483](#)

Anschluss

No início de 1938, a atenção de Heydrich se voltou para a Áustria. Dezoito meses mais cedo, em julho de 1936, Hitler concluíra um acordo formal com o chanceler austríaco Kurt von Schuschnigg, pelo qual os austríacos concordavam com o pedido de Hitler de dar ao Partido Nazista austríaco vários postos ministeriais no governo. Mas enquanto Schuschnigg via isso como resolução dos problemas que haviam surgido nas relações austro-alemãs em seguida a uma tentativa de golpe, patrocinada pelos alemães, em 1934, Hitler via nesse caso apenas o início de um processo gradual que acabaria levando ao *Anschluss* com a Alemanha. Durante um longo tempo, porém, Hitler achou que ainda não chegara o momento apropriado para esse movimento. Do início ao fim de 1936, ordenou que os nazistas austríacos ficassem quietos, pois não queria provocar tensões internacionais enquanto o restante da Europa ainda estava alarmado com a recente remilitarização da Renânia - a entrada ilegal da Wehrmacht na zona leste, anteriormente desmilitarizada, da fronteira franco-alemã.[484](#)

No início de 1938, contudo, Hitler mudou de ideia. Em 12 de fevereiro, um encontro entre o Führer e Schuschnigg ocorreu no Berghof, o retiro montanhoso de Hitler em Berchtesgaden, na fronteira austro-alemã. Para intimidar Schuschnigg, Hitler tinha feito com que estivessem presentes figuras importantes das forças armadas e da polícia alemã, incluindo Himmler, Heydrich e o recém-nomeado chefe do alto comando da Wehrmacht, Wilhelm Keitel. Hitler deixou claro que haveria uma ação militar se os

austríacos não cedessem às suas exigências. Na manhã seguinte, Keitel recebeu ordens de preparar manobras militares de intimidação na fronteira austríaca.[485](#) Enquanto isso, Himmler e Heydrich tinham dado início a seus próprios e extensos preparativos para a invasão da Áustria. De janeiro de 1938 em diante, cerca de 20 mil membros da Polícia da Ordem e Segurança foram mobilizados e treinados com a finalidade de dar apoio à Wehrmacht em sua tarefa de ocupar o vizinho meridional da Alemanha.[486](#)

Três semanas após o encontro em Berghof, Schuschnigg proporcionou inadvertidamente a Hitler um pretexto para a invasão alemã quando, de repente, anunciou que em 13 de março seria realizado um referendo sobre a independência austríaca. Para assegurar um retumbante sim à independência austríaca, o voto seria restrito a pessoas com mais de 24 anos de idade, excluindo assim grande parte do movimento nazista, predominantemente jovem. Hitler ficou indignado e enviou um ultimato a Schuschnigg em 11 de março: a redação do referendo tinha de ser alterada para incentivar as pessoas a aprovarem a união em vez de se opor a ela. Schuschnigg devia renunciar como chanceler e ser substituído por Arthur Seyss-Inquart, um advogado austríaco e militante nazista que fora designado ministro do Interior como resultado do acordo de Berchtesgarden.[487](#)

Hitler não esperou que o chanceler austríaco se resolvesse. Incentivado por Göring, deu a Keitel a ordem de invasão. Às 5h30 da manhã de 12 de março, tropas alemãs cruzaram a fronteira austríaca sem encontrar qualquer resistência.[488](#) Mas os nazistas não iam correr o menor risco de uma repetição da desastrosa tentativa fracassada de golpe de 1934, quando o chanceler austríaco Engelbert Dollfuss fora baleado por um homem da SS antes que o

golpe desmoronasse diante de uma oposição decidida. Entre os primeiros a chegar a Viena estavam Himmler e Heydrich, que aterrissaram no aeroporto da capital austríaca às 5 da manhã do dia 12 de março, antes que as tropas alemãs tivessem entrado na cidade.[489](#) Na véspera, Hitler havia autorizado Himmler a garantir controle policial sobre o território anexado. Himmler, como de hábito, transmitiu a ordem a Heydrich, que foi instruído a supervisionar a primeira onda de prisões para “depurar” a polícia austríaca.[490](#)

Numa reunião no Hotel Regina, em Viena, em 13 e 14 de março, o comando da SS e da polícia – Himmler, Heydrich e o chefe da Polícia da Ordem, Kurt Daluge – discutiu o futuro da organização policial na Áustria. O secretário de Estado para a segurança foi rapidamente substituído pelo líder da SS austríaca, futuro sucessor de Heydrich como chefe do Escritório Central de Segurança do Reich, Ernst Kaltenbrunner. Seis mil policiais alemães comuns foram trazidos como reforços, juntamente com 1.500 agentes da Polícia de Segurança.[491](#) Mas em geral a polícia austríaca não precisou de um expurgo completo. Muitos policiais eram de qualquer maneira simpatizantes nazistas ou, pelo menos, suficientemente flexíveis para adaptar os pontos de vista políticos aos dos novos governantes. Mais de 80% do pessoal da Gestapo austríaca entre 1938 e 1942 veio do velho aparelho policial austríaco, com adicionais 10% vindos do Antigo Reich.[492](#) Apenas 5% eram novos recrutas sem qualquer experiência policial anterior.[493](#)

Heydrich ordenou uma primeira onda de prisões antes mesmo do encontro no Hotel Regina. Trouxe consigo da Alemanha um grupo de oficiais confiáveis do SD e da Gestapo para eliminar a oposição e confiscar documentos

importantes, incluindo os arquivos policiais sobre o envolvimento da SS no fracassado golpe austríaco de 1934.[494](#) Os oficiais da Polícia de Segurança de Heydrich, equipados com extensas listas de “elementos opositores” compiladas sob os governos de Dollfuss e Schuschnigg, passaram rapidamente à ação, prendendo qualquer um que julgassem representar uma ameaça real ou potencial para o domínio nazista - 21 mil no total - na noite de 12 para 13 de março.[495](#) Entre os presos estavam antigos membros do governo Schuschnigg, comunistas e alemães emigrados, mas também monarquistas austríacos e importantes ex-membros das *Heimwehren*, as conservadoras Ligas de Defesa Nacional. Alguns dos mais destacados líderes *Heimwehr*, como Ernst-Rüdiger Starhemberg, um descendente do conde Starhemberg, que havia defendido Viena dos turcos no século XVI, conseguiram fugir do país. Outros tiveram menos sorte. O major Emil Fey, outro antigo líder das Ligas de Defesa Nacional que desempenhara um papel decisivo no esmagamento do levante nazista em Viena, em 1934, suicidou-se com toda a família.[496](#)

O principal alvo imediato eram os comunistas austríacos. Heydrich atiçou conscientemente os medos de um violento levante comunista quando sugeriu ao recém-nomeado comissário do Reich para a unificação da Áustria e do Reich, Joseph Bürckel, que o clandestino movimento comunista poderia organizar um boicote do plebiscito iminente a fim de chamar a atenção do mundo para a ilegitimidade do *Anschluss*.[497](#) No final de 1938, a Gestapo havia detido quase toda a direção do Partido Comunista austríaco, sendo a maioria dos líderes deportada para campos de concentração.[498](#) Para enfrentar o novo influxo de prisioneiros políticos, foram disponibilizadas novas

instalações especiais no campo de concentração de Dachau, perto de Munique, recentemente ampliado. Além disso, a SS instalou um campo em Mauthausen, perto de Linz. Ele ia se tornar o mais rigoroso de todos os campos dentro do território do Grande Reich Alemão antes da invasão da União Soviética em 1941.[499](#)

Embora a maioria desses prisioneiros fosse libertada nos meses seguintes, cerca de 2 mil austríacos permaneceram nos campos depois de julho de 1938 ou pelo menos foi o que Heydrich afirmou numa conversa com o secretário de Estado do Ministério do Exterior, Ernst von Weizsäcker.[500](#) Junto com a primeira onda de prisões em Viena, foi lançada uma operação específica na noite de 12 para 13 de março destinada a confiscar objetos de valor dos judeus, incluindo joias, quadros e tapetes. Em 17 de março, preocupado com a segurança dessa nova “propriedade do povo alemão”, Heydrich ordenou que o recém-estabelecido escritório da Gestapo em Viena providenciasse o registro sistemático de todos os documentos e objetos apreendidos, ameaçando “tomar medidas implacáveis contra quem tentar se enriquecer com os itens confiscados”.[501](#)

O motivo da preocupação de Heydrich era a pilhagem e o terror sem controle que, desde a invasão alemã, vinham se espalhando juntamente com as “controladas” operações policiais da SS, o que acabava se refletindo negativamente sobre ele e sua capacidade de controlar seus homens. Afinal, a Áustria não era um estado inimigo, mas parte integrante do futuro Reich alemão. A posição de Heydrich tornou-se ainda mais precária quando, em 13 de março, um íntimo associado do vice-chanceler Franz von Papen e crítico conservador do terror nazista na Áustria, Wilhelm Emanuel von Ketteler, foi afogado pelo jovem funcionário do SD Horst

Böhme, futuro chefe do SD na Boêmia e Morávia sob Heydrich. Como Goebbels anotou em seu diário pouco depois do assassinato: “Entraram na conta de Heydrich algumas execuções muito desagradáveis levadas a cabo na Áustria. Isso não há de ser tolerado. Göring está indignado e o Führer também. Heydrich não vai escapar dessa tão facilmente”.[502](#)

O terror sem controle a que Heydrich fazia objeção por “razões visuais” estava dirigido em primeiro lugar contra os judeus da Áustria, a esmagadora maioria dos quais (170 mil de quase 200 mil) morava em Viena. A violência desencadeada pelos nazistas da Áustria foi mais longe do que qualquer coisa vista até então no Antigo Reich. Desde o primeiro momento da invasão alemã, moradias e negócios judeus foram saqueados e seus ocupantes maltratados. Entre o aplauso de curiosos, os judeus eram forçados a se ajoelhar e lavar as ruas.[503](#) O teatrólogo Carl Zuckmayer descreveu os primeiros dias após o *Anschluss*:

Os infernos tinham aberto seus portões e soltado suas hordas mais baixas, mais horrorosas. A cidade se transformou num quadro de pesadelo de Hieronymus Bosch: ... demônios pareciam ter rastejado para fora de ovos podres e se erguido das covas de um pântano. O ar estava continuamente cheio de um grito histérico, inconsolável... e os rostos das pessoas estavam distorcidos: alguns de medo, outros de dissimulação, outros ainda de triunfo selvagem, cheio de ódio.[504](#)

Os excessos de violência na Áustria, como os de um *pogrom*, ameaçavam tumultuar as operações “ordeiras” da Gestapo e minar a autoridade de Heydrich. Imediatamente após a invasão, ele ordenou que um comando especial do SD, formado de peritos em judeus, incluindo Herbert Hagen e Adolf Eichmann, retomasse seu trabalho em Viena. A

tarefa inicial do *Sonderkommando* era deter funcionários judeus - usando uma lista previamente organizada - e confiscar documentos de organizações judaicas e de certos indivíduos.[505](#) A tarefa deles foi gravemente tumultuada pela atmosfera tipo *pogrom* em Viena e outras cidades austríacas. Heydrich logo estava ameaçando prender os nazistas responsáveis pela violência de massa. Irritado por tais excessos minarem seus esforços de aplicar um golpe cirúrgico contra os adversários ideológicos do nazismo, ele também empreendeu um exercício de controle de danos publicando um artigo no *Völkischer Beobachter* em 17 de março. No artigo, sustentava que os *pogroms* dos dias anteriores tinham sido realizados não por membros do Partido Nazista, mas por comunistas disfarçados, procurando abastecer a propaganda de ódio estrangeira com material adicional.[506](#)

Nesse mesmo dia, Heydrich escreveu ao *gauleiter* Bürckel para expressar sua convicção de que as detenções deviam ser levadas a cabo de uma forma “ordeira” e com pelo menos uma aparência de legalidade, argumentando que era do maior interesse da política exterior do Reich passar ao mundo uma situação o mais calma possível em vista do próximo plebiscito de 10 de abril.

Infelizmente, em dias recentes, membros do Partido participaram de ataques em grande escala e extremamente indisciplinados. Hoje publiquei uma declaração na imprensa afirmando que militantes comunistas, vestindo uniformes do Partido Nazista, andaram praticando confiscos ilegais, buscas de casas e prisões. Devo assinalar que meus comentários não eram de fato dirigidos basicamente contra militantes comunistas, mas contra camaradas de nosso próprio partido. Seria lamentável que a Gestapo fosse obrigada a prender camaradas de nosso próprio partido em grande escala. Portanto,

solicito urgentemente que emita instruções adequadas para todas as instâncias do partido.[507](#)

Três semanas depois, em 5 de abril, Heydrich achou necessário lembrar a seus homens da SS que “todos os excessos e medidas contra os judeus por parte da SS devem cessar”. Só em 29 de abril, no entanto, quando líderes da SS foram ameaçados de dispensa se continuassem a participar desses abusos, a maré de incidentes violentos começou a baixar.[508](#) As experiências na Áustria instigaram Heydrich a emitir uma ordem mais geral para todo o aparelho da polícia e do SD em 14 de abril: embora fosse “evidente por si mesmo que a luta contra todos os parasitas que infestam o povo e o Estado [deva ser levada a cabo] de modo consistente e implacável”, todas as medidas tinham de ser executadas de forma “ordeira”, o que tranquilizaria a população em geral sobre a “justa causa” defendida pela Gestapo.[509](#) Isso não significava que o terror na Áustria tivesse terminado - muito pelo contrário. A política do “combate implacável a todos os adversários políticos, intelectuais e criminais”, como Heydrich, naquele abril, a descreveu na revista da SS, *Das Schwarze Korps*, ia ser continuada “em silêncio”. Esse “terror silencioso” poderia assumir diferentes formas, indo da prisão secreta durante a noite de críticos proeminentes do *Anschluss* a restrições ao sigilo postal e à liberdade de imprensa.[510](#)

Quando o plebiscito sobre o *Anschluss* foi realizado, em 10 de abril, em meio a maciça manipulação e intimidação, o aparelho de Heydrich desempenhou um papel importante: homens da SS arrebanhavam eleitores de suas casas e faziam-nos avançar para os locais de votação, onde as cabines haviam sido removidas ou marcadas com etiquetas

dizendo: “só traidores entram aqui”, obrigando assim os eleitores a dar seu voto em público. O SD foi também encarregado de coletar informações sobre “anormalidades” e “distúrbios”, que eram então passadas à Gestapo para investigações adicionais.[511](#) Parcialmente como resultado dessas precauções, previsíveis 99,75% dos votantes austríacos apoiaram o *Anschluss*, embora provavelmente, a julgar por alguns relatórios do SD, só um terço dos votantes vienenses fossem sinceramente favoráveis à ideia de união.[512](#)

Em seguida ao plebiscito, os novos governantes nazistas do país introduziram rapidamente toda a legislação antisemita do Antigo Reich. Os judeus foram sumariamente expelidos do serviço público e das profissões. Uma burocracia meticulosa - o Escritório de Transferência da Propriedade, com uma equipe de 500 pessoas - foi instituída para cuidar da arianização dos negócios de propriedade de judeus. Em maio de 1938, 7 mil dos 33 mil negócios pertencentes a judeus em Viena tinham sido fechados; em agosto de 1938, mais 23 mil tinham desaparecido. O restante foi arianizado.[513](#)

Os nazistas também deram início à expulsão forçada de populações judaicas de maneira muito mais direta que no Antigo Reich. Na pequena região oriental da Burgenland, na fronteira com a Hungria, os novos governantes nazistas confiscaram a propriedade dos 3.800 membros da comunidade judaica havia muito estabelecidos lá, fecharam todos os negócios judeus, prenderam líderes comunitários e, em seguida, usaram a criação de uma “zona de segurança” na fronteira como pretexto para expulsar toda a população judaica. Muitos judeus foram levados à força para delegacias de polícia e espancados até assinarem

documentos entregando todos os seus bens. Depois a polícia os levava até a fronteira e os obrigava a cruzá-la. Como os países vizinhos frequentemente se recusavam a aceitá-los, muitos judeus eram deixados sem recursos em terras de ninguém. Cinquenta e um deles, por exemplo, foram despejados numa ilha árida do Danúbio, num incidente que provocou a revolta da imprensa mundial. A maioria dos judeus fugiu para a casa de amigos e parentes em Viena. Em fins de 1938, não havia mais judeus na Burgenland.[514](#)

Parcialmente em reação a essa fuga em massa, entre 25 e 27 de maio de 1938 a Gestapo em Viena prendeu quase 2 mil judeus que se sabia terem condenações criminais (ainda que sem importância), mandando-os para Dachau, onde foram segregados e tratados de forma particularmente brutal. A polícia também prendeu e expulsou todos os judeus estrangeiros e inclusive judeus alemães que moravam em Viena. No total, 5 mil judeus tinham sido deportados da Áustria em novembro de 1938. Milhares de outros procuraram deixar o país por todos os meios disponíveis.[515](#)

De modo a acelerar o processo da emigração judaica “ordeira”, Heydrich abriu em 20 de agosto uma Agência Central para a Emigração Judaica, que estava baseada no Palácio Rothschild, em Viena, e era dirigida por Adolf Eichmann. Os procedimentos e técnicas criados para essa Agência Central iam ter uma aplicação muito mais ampla nos anos que se seguiriam.[516](#) Seguindo ordens de Heydrich, Eichmann tinha corrido para Viena em 16 de março como parte de uma unidade especial autorizada a prender judeus austríacos proeminentes. Heydrich e seus peritos em judeus perceberam que a condução ordeira da

emigração forçada requeria a colaboração de figuras importantes dentro da própria comunidade judaica, principalmente se os judeus mais pobres, que não dispunham de meios para deixar a terra natal e começar vida nova em outro lugar, fossem incluídos no plano. Como Heydrich enfatizaria alguns meses depois, “o problema não era livrar-se dos judeus mais ricos, mas do populacho judeu”.[517](#)

Com a aprovação de Heydrich e a ajuda de membros da comunidade judaica vienense arregimentados à força, Eichmann e sua equipe começaram a rastrear rapidamente solicitações de vistos de saída e recorreram a bens confiscados da comunidade judaica para subsidiar a emigração de judeus pobres. Assustados pelo contínuo terror nas ruas, milhares de judeus austríacos faziam fila para obter vistos de saída. A Agência Central, com um processamento tipo linha de montagem de vistos de saída, a pilhagem de bens de judeus para subsidiar a emigração dos pobres, a aplicação do terror e o uso de colaboradores judeus tornou-se um modelo para o aparelho de Heydrich nas condutas subsequentes relacionadas aos judeus.[518](#)

Noite dos Cristais [519](#)

O *Anschluss* da Áustria adicionou cerca de 200 mil judeus à população da Alemanha nazista. Esse novo influxo mais do que compensava os aproximadamente 128 mil judeus que haviam deixado a Alemanha no final de 1937. [520](#) Também fazia os esforços anteriores de Heydrich para acelerar o processo da emigração forçada parecerem inúteis, particularmente depois da conferência de Évian, de julho de 1938, em que representantes de 32 países tinham deixado claro que o entusiasmo internacional para aceitar refugiados judeus alemães era limitado. A insatisfação no nível das bases do Partido Nazista com o “progresso lento” da emigração judaica da Alemanha começava a se intensificar. No verão de 1938, a Alemanha testemunhou um nítido aumento de violência contra os judeus. [521](#)

Entre os primeiros a sentir o recém-intensificado desejo dos nazistas de livrarem a Alemanha de uma população judaica agora aumentada, estavam os cerca de 70 mil judeus poloneses que viviam no Reich, muitos dos quais haviam fugido da terra natal depois dos *pogroms* que ocorreram na Galícia [522](#) e em outros lugares após a primeira guerra. A presença de judeus poloneses fora crescente uma fonte de irritação para a SS e as autoridades policiais desde março de 1938, quando o governo polonês cassou a cidadania de qualquer pessoa que tivesse vivido no exterior por mais de cinco anos – uma iniciativa estudada para impedir o retorno de judeus à Polônia. Defrontando-se de repente com a possibilidade de quase 70 mil judeus poloneses que residiam na Alemanha e na Áustria serem

deixados sem nacionalidade, ficando encurralados em território alemão, o governo nazista exigiu, em abril, que judeus portando passaportes poloneses deixassem o Reich. As autoridades de Varsóvia, no entanto, recusaram-se a permitir a volta desses judeus à Polônia e, no final de outubro, Himmler e Heydrich resolveram agir unilateralmente. Durante a noite de 28 para 29 de outubro, a Gestapo e a Polícia de Segurança detiveram e expulsaram pela força 18 mil judeus poloneses.[523](#)

Apanhado nessa primeira onda das deportações em massa nazista, havia um mestre-alfaiate polonês chamado Sendel Grynszpan, sua esposa Rivka e os dois filhos mais velhos, Esther e Mordechai. Eles foram detidos na cidade de Hanover e rapidamente expulsos pela fronteira teuto-polonesa. Em Paris, o filho mais novo de Grynszpan, Herschel, soube do destino que coubera à família. Humilhado e revoltado, ele decidiu agir. Em 7 de novembro, num ato de vingança, Herschel baleou um funcionário subalterno na embaixada alemã em Paris, Ernst vom Rath, ferindo-o gravemente.[524](#)

Em 8 de novembro, Heydrich viajou a Munique para assistir à cerimônia comemorativa anual do fracassado golpe de Hitler de 1923 e participar, na tarde da véspera da cerimônia, da tradicional reunião do grupo de comandantes da SS. Himmler aproveitou a reunião para tratar da questão judaica, pela qual anteriormente havia mostrado pouco interesse. Os judeus não tinham futuro na Alemanha, assegurou ao público atento, e seriam expulsos do Reich nos próximos anos. Himmler não mencionou o incidente de Paris e sua insistência de que os judeus seriam expulsos nos próximos “anos” não sugere uma radicalização iminente e dramática da política antijudaica.[525](#)

No dia seguinte, 9 de novembro, Vom Rath sucumbiu aos ferimentos. A notícia de sua morte, não de todo inesperada, chegou a Munique à tarde e foi oficialmente anunciada no início da noite, durante o encontro anual dos “Velhos Combatentes” na prefeitura de Munique. A morte de Vom Rath proporcionou aos líderes nazistas que achavam que tinham perdido influência sobre a condução de políticas antijudaicas, mais notadamente *gauleiters* radicais como Streicher e Goebbels, uma boa deixa. Hitler abandonou a reunião sem fazer seu discurso habitual, mas instruiu Goebbels a falar em seu lugar. O ministro da Propaganda aproveitou a oportunidade para falar ao agitado público sobre as “ações espontâneas” contra judeus que já tinham ocorrido em Kurhessa e Magdeburg-Anhalt no rastro do assassinato de Vom Rath. O Führer, Goebbels proclamou, havia decidido que o Partido Nazista não daria início a novas demonstrações mas, se elas acontecessem, “não ia fazer nada para detê-las”.[526](#)

Heydrich fazia parte do público naquela noite na prefeitura de Munique. Segundo o *gauleiter* de Magdeburg, Rudolf Jordan, Heydrich assegurou aos presentes após a declaração de Goebbels que a polícia não interviria na eventualidade de distúrbios antijudaicos “espontâneos”.[527](#) Na realidade, membros da SS, que haviam se reunido em muitos locais de uma ponta à outra do Reich para comemorar o aniversário, participaram dos distúrbios. Se receberam instruções de Himmler ou de Heydrich para fazê-lo, é difícil dizer.[528](#)

Os líderes partidários regionais que estavam reunidos também tiraram a necessária conclusão da declaração de Goebbels e convocaram imediatamente, por telex ou telefone, os camaradas das bases locais do partido para desencadear o *pogrom*. Heydrich retornou a seu hotel, o

Vier Jahreszeiten, para consultar Himmler antes de ligar para o chefe da Gestapo, Heinrich Müller, em Berlim. O conteúdo exato da conversa com Müller é desconhecido, mas, pouco antes da meia-noite, Müller colocou todos os escritórios regionais da Polícia do Estado, de um lado a outro do Reich, em alerta máximo e informou-os de que “ações” antijudaicas logo teriam início por todo o Reich, “especialmente contra sinagogas”. Esses incidentes não deveriam ser reprimidos: apenas os saques e os excessos mais graves deviam ser evitados. A Polícia do Estado devia se preparar para deter de 20 mil a 30 mil judeus, “particularmente judeus ricos”.[529](#)

Menos de duas horas depois, Heydrich reforçou as ordens de Müller com um segundo telegrama. Ele reiterava que “manifestações contra os judeus são esperadas em todas as partes do Reich no decorrer desta noite”. As “manifestações” não deviam ser reprimidas. A polícia, contudo, devia assegurar que “a vida ou as propriedades alemãs” não fossem postas em risco e ter em conta que “negócios e moradias pertencentes a judeus podem ser destruídos, mas não saqueados”, enquanto “cidadãos estrangeiros, mesmo que sejam judeus, não devem ser molestados”. Além disso, o SD devia garantir que o material importante dos arquivos das sinagogas fosse confiscado em vez de destruído. Finalmente, o telegrama declarava que

aqueles judeus, de todos os distritos, especialmente os ricos, que possam ser acomodados nas prisões existentes devem ser detidos. Por enquanto, apenas homens judeus saudáveis, que não sejam velhos demais, devem ser presos. Após as detenções terem sido realizadas, os campos de concentração apropriados devem ser imediatamente contatados para a pronta acomodação dos judeus nos campos. Cuidado especial deve ser tomado para que os judeus presos de acordo com estas instruções não sejam maltratados.[530](#)

No final daquela noite, Heydrich despachou mais um telegrama, reiterando que os saqueadores seriam presos de imediato, mas que a participação no *pogrom* em geral não daria origem a investigações criminais contra os autores.[531](#)

A sequência febril das ordens transmitidas por Müller e Heydrich indica que o comando da SS fora surpreendido pelo início e pela extensão do *pogrom*. De uma ponta à outra do Reich, ativistas nazistas tinham começado a destruir sinagogas e lojas de judeus, depredando os interiores de casas particulares, roubando seus pertences e tirando os judeus à força de suas casas para humilhá-los, maltratá-los e, em muitos casos, matá-los. O número oficial de mortes de judeus foi mais tarde estimado em 91, mas é provável que o número real seja muito mais elevado. Além disso, numerosos judeus entraram em desespero e cometeram suicídio e, de aproximadamente 30 mil homens judeus que foram presos e embarcados para campos de concentração naquela noite, mais de mil morreram durante o aprisionamento ou em consequência de seus efeitos a longo prazo. Estima-se, além disso, que 7.500 negócios judeus, 117 casas particulares e 177 sinagogas tenham sido destruídos, causando danos materiais de várias centenas de milhões de reichsmarks.[532](#) O *pogrom* também se espalhou pelos Sudetos, recentemente anexados, e pela Áustria. Quarenta e duas sinagogas foram incendiadas só em Viena e quase 2 mil famílias judias foram expulsas de suas casas e apartamentos.[533](#)

De certa forma, a Noite dos Cristais - como o *pogrom* passou a ser conhecido na Alemanha nazista[534](#) - foi um acontecimento frustrante para Heydrich, em parte porque

minava suas tentativas de organizar a expulsão metódica dos judeus e em parte porque ele estava ciente, graças aos relatórios do SD, de que a maioria dos alemães não aprovava a violência aberta contra judeus. O apoio público à discriminação e à emigração forçada não se estendia necessariamente ao assassinato e à destruição em massa de propriedades.[535](#) Além disso, os *pogroms* provocavam desnecessariamente protestos internacionais num momento em que Hitler precisava de calma para seus planos expansionistas de política externa.[536](#)

Contudo, embora estivesse preocupado com a possibilidade de o *pogrom* ter tumultuado a condução “ordeira” da emigração, Heydrich também estava ciente de um positivo efeito colateral: a aceleração da emigração de judeus assustados. Depois de inspecionar a Agência Central de Eichmann em Viena, em novembro de 1938, Hagen expôs a Heydrich as vantagens da política adotada na Áustria:

A instalação da Agência Central garante a rápida emissão de vistos de emigração para judeus, geralmente num prazo de oito dias. Além disso, a Agência Central conhece o número exato dos que desejam emigrar, suas profissões, riqueza etc., o que a capacitará a reunir o transporte necessário para a emigração... Segundo nossa avaliação, até agora a Agência Central fez emigrarem aproximadamente 25 mil judeus, de modo que o número total de judeus que deixaram a Áustria é de aproximadamente 50 mil. A instalação da Agência Central não representa uma carga financeira extra para o Oberabschnitt Donau do SD [a seção do SD responsável pela antiga Áustria], pois ela e seus empregados são autofinanciados pela taxa aplicada a cada emigrante judeu. Em vista do grau de sucesso da Agência Central com relação à emigração judaica, recomenda-se - com referência à recente proposta de 13 de janeiro de 1938 relativa à abertura de uma agência de emigração - que a possibilidade de uma tal agência seja considerada também para o Reich como um todo.[537](#)

O relatório de Hagen pousou na mesa de Heydrich num momento crítico. Em 10 de novembro, um dia depois do *pogrom* da Noite dos Cristais, Heydrich acrescentou uma nota manuscrita ao relatório, pedindo que o SD, com base no modelo de Eichmann em Viena, rascunhasse uma proposta para o estabelecimento de uma Agência Central para a Emigração Judaica no Antigo Reich. Enquanto os peritos em judeus do SD trabalhavam freneticamente na proposta exigida pelo chefe, Heydrich teve pouca dificuldade em convencer Göring da falta de sentido econômico do antissemitismo de massa que irrompera em 9 de novembro. Informou a Göring que, segundo as primeiras estimativas, pelo menos 815 negócios judeus tinham sido destruídos e 29 lojas de departamentos haviam sido incendiadas. Das 191 sinagogas incendiadas, 76 haviam sido completamente destruídas. Göring ficou indignado com o prejuízo que o *pogrom* havia causado à economia.[538](#)

Apenas dois dias após o *pogrom*, em 12 de novembro, a futura política judaica nazista foi discutida durante uma conferência de alto nível reunida por Göring no Ministério da Aviação do Reich, que ele vinha dirigindo como ministro desde 1933. Além de Heydrich, mais de cem representantes de vários estados e órgãos partidários participaram da conferência, muitos deles mais veteranos que Heydrich. Depois de longas discussões sobre as implicações econômicas do *pogrom*, Heydrich pediu uma emigração acelerada de judeus da Alemanha. Chamou atenção para o sucesso que sua Agência Central para a Emigração Judaica vinha obtendo em Viena e recomendou a criação de uma agência similar para todo o Reich. Heydrich afirmou que, até o final de outubro, cerca de 50 mil judeus haviam sido

expulsos da Áustria, uma cifra de fato mais baixa que aquela subseqüentemente estabelecida por historiadores: a pesquisa mais recente mostra que, até maio de 1939, cerca de metade dos aproximadamente 190 mil judeus austríacos tinha deixado seu país.[539](#) Se a agência fosse implementada, Heydrich insistiu, níveis semelhantes de sucesso poderiam ser esperados para o Antigo Reich. Quando Göring indagou como um processo tão dispendioso seria custeado, Heydrich salientou que os judeus mais ricos poderiam cobrir as despesas dos emigrantes com menos posses por meio de contribuições compulsórias. O marco temporal imaginado para a emigração completa dos judeus alemães era de “pelo menos dez anos”. Göring aprovou a proposta de Heydrich.[540](#)

O fato de sua sugestão de uma expulsão organizada dos judeus alemães ter obtido aprovação geral nesse encontro foi o fator decisivo para tornar possível o futuro papel de Heydrich como a figura principal das políticas antijudaicas da Alemanha nazista. O abrangente programa de expulsão desenvolvido pelo departamento judaico do SD no decorrer dos anos precedentes tornava-se agora a política oficial do regime nazista, sancionada pelo próprio Hitler.[541](#) Göring continuaria a reivindicar total responsabilidade pela questão judaica, mas o poder de agir tinha efetivamente sido entregue ao aparelho do SD e da Polícia de Segurança de Heydrich.

Em 24 de janeiro de 1939, Göring ordenou que a emigração dos judeus do Reich, particularmente dos judeus pobres, fosse levada adiante por todos os meios possíveis. Uma Agência Central do Reich para a Emigração Judaica, baseada no modelo de Viena, devia ser instalada sob a direção de Heydrich. Poucos dias depois, em 31 de janeiro,

Heydrich ordenou que, com exceção de alguns intelectuais de esquerda particularmente “perigosos”, os judeus mantidos em prisão preventiva deveriam ser soltos, *desde que* estivessem dispostos a deixar para sempre a Alemanha.[542](#)

No final de janeiro, Heydrich informou sucessivamente aos chefes de todos os ministérios alemães que a Agência Central do Reich para a Emigração Judaica fora instalada e requeria cooperação e consulta em todos os assuntos relacionados à questão da emigração judaica da Alemanha.[543](#) Simultaneamente, ele propôs a criação de uma nova organização que incluísse todas as sociedades e associações judaicas, a *Reichsvereinigung der Juden in Deutschland* (Associação do Reich de Judeus na Alemanha), cuja tarefa principal seria cooperar com a Agência Central para assegurar uma emigração ordeira de judeus da Alemanha.[544](#) De 4 de julho de 1939 em diante, todos os judeus vivendo na Alemanha tiveram de se tornar membros da Associação do Reich, garantindo assim registros abrangentes sobre todo e qualquer judeu do país. Isso permitiu a Heydrich a supervisão direta de todas as organizações judaicas da Alemanha, capacitando-o a manter estreita vigilância sobre os próprios judeus e também a realizar uma notável simplificação da administração e destinação dos ativos dos judeus.[545](#)

Embora ele não o tenha iniciado, o *pogrom* de novembro de 1938 acabou marcando uma importante reviravolta na carreira de Heydrich, resultando em consideravelmente mais poder para ele e para o aparelho de polícia que controlava.[546](#) Goebbels, que instigara o *pogrom* na noite de 9 de novembro, esperara que essa ação lhe permitisse mais uma vez dar o tom com relação às políticas judaicas.

Mas o tiro saiu pela culatra. O *pogrom* resultou em prejuízos de milhões de reichsmarks para a economia, em severas críticas internacionais e numa reação negativa de grandes parcelas da população alemã.[547](#) Göring, que como Himmler e Heydrich não aprovara o *pogrom*, confessou abertamente a líderes do partido, no início de dezembro, que ficou “extremamente irritado com tudo aquilo”.[548](#) Heydrich concordou – em parte por convicção e em parte por razões táticas. Em dezembro de 1938, durante um discurso para oficiais da Wehrmacht, afirmou que o *pogrom* constituiu “o pior golpe para o Estado e o partido” desde a “revolta” de Röhm em 1934.[549](#)

O *pogrom* de novembro de 1938 foi seguido por uma nova onda de leis antissemitas: os judeus foram amplamente excluídos da vida econômica da Alemanha, suas empresas foram arianizadas pela força e as indenizações de seguro pelo prejuízo que sofreram nos *pogroms* foram confiscadas. Num gesto particularmente cínico, eles foram forçados a pagar uma “taxa de amortização” de 1 bilhão de reichsmarks pelo prejuízo causado durante a Noite dos Cristais.[550](#)

Já durante o encontro de 12 de novembro, Goebbels e Heydrich tinham argumentado a favor de novas medidas para segregar os judeus alemães do restante da sociedade. Uma nova legislação discriminatória devia bani-los dos teatros, cinemas, piscinas públicas e “florestas alemãs”; separar judeus de arianos em hospitais e vagões de trem; e confiscar carros particulares. A maioria dessas sugestões foi implementada nos meses seguintes por leis nacionais, por ordens policiais ou pela iniciativa de comunidades locais.[551](#) Embora argumentando contra a “guetificação”, Heydrich não deixou de propor que, para “ajudar em sua

identificação”, os judeus usassem uma marca na roupa que os distinguisse: uma estrela amarela. A sugestão foi rejeitada por Hitler, que levou em consideração tanto a opinião pública quanto os “excessos previsivelmente recorrentes” contra judeus. Desapontado por não ter conseguido o respaldo de Hitler, Heydrich faria outra vez a proposta da introdução da estrela amarela durante a Segunda Guerra Mundial.[552](#)

A Noite dos Cristais e as chicanas cada vez mais ameaçadoras que seguiram em sua esteira tiveram um profundo impacto sobre a comunidade judaica da Alemanha. O pânico desencadeado pelo *pogrom* de novembro e o afrouxamento de normas para a imigração em vários países persuadiram um número cada vez maior de judeus a deixar o Reich: só em 1938, 33 mil a 40 mil escaparam da Alemanha nazista e, em 1939, um adicional de 75 mil a 80 mil judeus alemães deixaram o país. Apesar das dificuldades muitas vezes extraordinárias que experimentavam durante seu êxodo, desdobramentos futuros mostrariam que estavam certos em partir enquanto ainda tinham a oportunidade de fazê-lo.[553](#)

A Morte da Tchecoslováquia

Em seguida ao *Anschluss* da Áustria em março de 1938, Hitler voltou sua atenção para os Sudetos, fazendo discursos cada vez mais inflamados e exigindo que a maior minoria étnica da Tchecoslováquia, os cerca de 3,1 milhões de alemães sudetos que viviam nas áreas fronteiriças do oeste, noroeste e sudoeste do país, se reunisse à sua terra natal. O sucesso do *Anschluss* deixara Hitler confiante de que poderia ir mais longe na política expansionista. Depois da fraca reação das potências europeias ocidentais à remilitarização da Renânia e à anexação da Áustria, nada parecia impedir que a tomada dos Sudetos fosse levada à frente.[554](#)

Em função disso, Heydrich e sua equipe começaram a preparar febrilmente um plano de operação para a Sipo e o SD nas futuras áreas ocupadas. O plano considerava que, “onde fosse possível, o SD seguirá logo atrás das tropas invasoras e garantirá, de forma análoga a seus deveres no Reich, todos os aspectos da vida política”. Para cumprir essa tarefa, organizaram de imediato uma lista de prisão para emigrantes alemães e “inimigos do Estado” tchecos, especialmente comunistas, sociais-democratas, judeus, padres politicamente ativos, sabotadores e membros da Frente Negra de Otto Strasser - um grupo dissidente revolucionário e anticapitalista formado depois da expulsão de Strasser do Partido Nazista em 1930.[555](#)

No final do verão de 1938, a guerra entre a Alemanha e a Tchecoslováquia parecia iminente e os dois governos iniciaram uma mobilização geral. Em setembro, Heydrich

aprovou a criação de duas forças-tarefas (*Einsatzgruppen*), subdivididas em onze *Einsatzkommandos*, a serem lançados de Dresden e Viena para “salvaguardar” os territórios recentemente conquistados pela detenção daqueles considerados politicamente perigosos.[556](#)

A guerra foi evitada por um triz no final de setembro de 1938 quando – para grande horror da maioria dos tchecos e de seu governo, sob a presidência de Edvard Beneš – a Grã-Bretanha, a França e a Itália concordaram com a anexação pela Alemanha dos Sudetos em troca das garantias dadas por Hitler de que ele não iria mais longe. O governo da Tchecoslováquia não foi consultado sobre o assunto, mas teve de render-se à pressão internacional, ficando Beneš sem outra opção a não ser renunciar em protesto.[557](#) Simultaneamente, Heydrich alertou os *Einsatzgruppen* de que as instruções para a prisão dos “indesejáveis” se aplicariam apenas aos Sudetos, embora um futuro desdobramento para o restante da Tchecoslováquia fosse uma possibilidade.[558](#)

Em 1º de outubro, apenas um dia depois de Edouard Daladier, Neville Chamberlain, Benito Mussolini e Adolf Hitler terem assinado o Pacto de Munique, a Wehrmacht atravessou a fronteira da Tchecoslováquia e anexou os Sudetos, onde entusiásticas multidões de alemães étnicos saudaram as tropas em avanço.[559](#) Os dois SS *Einsatzgruppen*, 863 homens no total, participaram da campanha como planejado. Opositores políticos, cujos nomes estavam reunidos numa “lista especial de prisões”, foram detidos imediatamente. Ao mesmo tempo, Heydrich, fazendo referência a experiências anteriores na Áustria, exigiu “a disciplina mais estrita”, não permitindo “provocações”, “abusos” ou “matanças desnecessárias”.

Era importante que suas unidades policiais “agissem com energia e clareza de objetivos”, mas “de uma maneira decente”.[560](#)

Exatamente o que Heydrich entendia por “decente” tornou-se óbvio nas semanas seguintes, quando a Gestapo e os voluntários fanáticos dos Freikorps alemães dos Sudetos prenderam entre 10 mil e 20 mil tchecos e alemães vagamente definidos como “inimigos do Reich” e expulsaram numerosos tchecos pela nova fronteira alemã. Aproximadamente 7 mil detidos foram enviados para campos de concentração no Reich, especialmente Dachau, onde foram internados 2.500 tchecos e emigrados alemães. Embora a maioria dos internos fosse solta no decorrer dos meses seguintes, Heydrich excluiu ostensivamente da soltura os comunistas e outros opositores radicais do Estado nazista.[561](#)

Sabendo do destino que os esperava sob o domínio nazista, muita gente fugiu da região dos Sudetos enquanto ainda podia. Estima-se que de 20 mil a 30 mil judeus, a grande maioria da comunidade judaica nos Sudetos, correram para os territórios remanescentes da Tchecoslováquia, juntamente com mais de 160 mil tchecos e milhares de alemães antifascistas.[562](#) O destino dos que permaneceram mostrou que foram sábios em partir: em novembro de 1938, a violência do *pogrom* da Noite dos Cristais se espalhou pela região dos Sudetos e os judeus que lá haviam permanecido ficaram expostos a espancamentos e à pilhagem de suas propriedades. Em maio de 1939, o número de judeus nos Sudetos havia caído para menos de 2 mil.[563](#)

As áreas do oeste e do norte da Boêmia, do norte da Morávia e do sul da Silésia, de fala predominantemente

alemã - agora rebatizadas como *Reichsgau*[564](#) dos Sudetos -, foram acrescentadas ao Grande Reich Alemão. Enquanto os aliados ocidentais interpretavam equivocadamente o Pacto de Munique como, nas célebres palavras de Chamberlain, uma chance de “paz para a nossa época”, o comando nazista encarava Munique como apenas um contratempo temporário em seus planos de invadir o restante da Tchecoslováquia.[565](#) Ocupar o resto do Estado tchecoslovaco forneceria à Alemanha nazista bases estratégicas adicionais no norte da Boêmia das quais atacar a próxima vítima de Hitler, a Polônia, e também traria importantes recursos econômicos para o Reich. Além disso, os grandes estoques de equipamento militar avançado do exército tchecoslovaco ajudariam a aliviar gargalos nos suprimentos militares alemães.[566](#)

A oportunidade de fazer valer os compromissos impostos no Pacto de Munique foi proporcionada pela rápida deterioração das relações entre tchecos e eslovacos por causa da distribuição de recursos financeiros. Em 14 de março de 1939, o parlamento eslovaco proclamou a independência do país. Confrontado com a iminente dissolução de seu Estado, o presidente da Tchecoslováquia, Emil Hácha, um católico conservador e ex-juiz da Suprema Corte que se tornara presidente depois da renúncia de Edvard Beneš, viajou a Berlim para encontrar-se com Hitler.[567](#) Cruelmente intimidado pelo Führer e sob a ameaça de um ataque iminente de bombardeiros alemães a Praga, o idoso e doente presidente tcheco concordou com o estabelecimento de um protetorado alemão sobre seu país.[568](#)

Apenas duas horas depois, às seis da manhã de 15 de março, tropas alemãs cruzaram a fronteira tcheca,

alcançando Praga às nove horas, apesar de fortes nevascas. O exército tcheco, desmoralizado e com ordens de não interferir, permaneceu nos quartéis. Na noite da invasão, Hitler chegou a Praga. Heydrich estava com ele quando a suástica foi erguida sobre o Castelo Hradschin. Na manhã seguinte, Ribbentrop anunciou na Rádio Praga um decreto redigido pelo secretário de Estado do Ministério do Interior, dr. Wilhelm Stuckart, que declarava que as terras tchecas recentemente conquistadas seriam doravante conhecidas como Protetorado do Reich da Boêmia e Morávia.[569](#)

Os novos líderes rapidamente estabeleceram seu domínio e asseguraram a paz doméstica, graças ao agora já bem ensaiado terror político concebido pela SS, que mais uma vez tinha como objetivo eliminar inimigos existentes e potenciais enquanto levava o restante da população à submissão pelo medo. Mais uma vez Heydrich mobilizou dois *Einsatzgruppen*, que já tinham se reunido na fronteira tcheco-alemã em 13 de março, antes que o encontro entre Hácha e Hitler tivesse sequer ocorrido. Imediatamente após a invasão alemã, foi imposto a Praga um toque de recolher. Como o diplomata George Kennan, observando do prédio da embaixada americana, comentou naquela noite: “As ruas de Praga, geralmente tão animadas, estão agora completamente vazias, abandonadas. Amanhã, sem dúvida, estarão de novo cheias de vida, mas não será a mesma vida que as enchera antes; estamos todos agudamente conscientes de que, neste caso, o toque de recolher foi realmente o dobre de sinos de um dia longo e particularmente trágico”.[570](#)

Enquanto Kennan lamentava a morte da Tchecoslováquia democrática, os homens de Heydrich já se movimentavam confiscando arquivos no território ocupado. Pouco tempo

depois, dentro da moldura da chamada *Aktion Gitter* [Operação Grade], começaram a prender centenas de comunistas e emigrados alemães. Em maio, haviam detido um total de aproximadamente 6 mil inimigos políticos, com cerca de 1.500 deportados pela Gestapo para campos de concentração dentro do Reich. Só em 1º de setembro, o *status* legal da Polícia de Segurança no Protetorado da Boêmia e Morávia foi definido por lei. Antes dela, os homens de Heydrich tinham exercido, por quase seis meses, uma tirania irrestrita.[571](#)

No verão de 1938, Heydrich tinha muitas razões para estar confiante no futuro. Não apenas montara um aparelho de repressão extremamente bem-sucedido nos anos anteriores e assumira a liderança na perseguição de judeus na Alemanha nazista; o *Anschluss* da Áustria, a anexação dos Sudetos e a ocupação da Boêmia e Morávia haviam também demonstrado sua capacidade de enfrentar novos desafios fora do território do Reich. Enquanto as responsabilidades iam aumentando nos meses seguintes, crescia sua determinação de enfrentá-las com energia implacável e violência extrema.

Tannenberg

Em seguida à ocupação da Áustria, dos Sudetos, da Boêmia e Morávia, a Alemanha nazista começou a enviar sinais mais conciliatórios para Londres, embora por trás da retórica de paz, os preparativos alemães para a guerra se acelerassem. A outrora alemã cidade báltica de Danzig - uma cidade livre sob administração internacional desde a conclusão dos tratados de paz de Paris, em 1919 - havia sido um pomo de discórdia na disputa teuto-polonesa e as relações bilaterais se deterioraram ainda mais no final da década de 1930. Como era esperado, a ocupação da Tchecoslováquia tinha dado alento às aptidões militares da Alemanha e fornecido à Wehrmacht importantes bases militares para o planejado ataque à Polônia. Além disso, na última semana de agosto, a assinatura do Pacto entre Hitler e Stálin, com o protocolo secreto dividindo a Europa Oriental em esferas de influência alemã e soviética, desobstruiu o caminho para a invasão nazista da Polônia Ocidental. A despeito de seu anticomunismo militante, Heydrich saudou o pacto, pois acreditou erroneamente que então seria impossível a Grã-Bretanha entrar num conflito com a Alemanha nazista sem ter também de declarar guerra à União Soviética, que ocuparia a metade oriental da Polônia.[572](#)

A Gestapo e o SD de Heydrich tinham se preparado para a guerra contra a Polônia desde a primavera de 1939. No início de maio, Heydrich recebeu ordens de Hitler, via Himmler, para suas próximas tarefas na Polônia. A Polícia de Segurança “neutralizaria” centros de resistência potencial e destruiria aquelas parcelas da sociedade consideradas

portadoras do nacionalismo polonês. No Escritório Central do SD, ia ser instalada uma seção especial para cuidar de todos os assuntos relativos ao “germanismo na Polônia” e organizar um fichário contendo os nomes daqueles em quem eles deviam se concentrar assim que a guerra estourasse.[573](#) O fichário foi usado para compilar uma “lista especial de detenções”, que trazia os nomes de aproximadamente 61 mil poloneses que deveriam ser presos ou mortos de imediato. Ela incluía os nomes de poloneses que, de um modo ou de outro, haviam lutado contra poloneses de etnia alemã durante os distúrbios na Alta Silésia após a Primeira Guerra Mundial, além de políticos nacionalistas, comunistas, maçons, judeus e importantes clérigos católicos. Heydrich insistiu em ser pessoalmente informado de novos desdobramentos numa base diária.[574](#)

O codinome da operação era Tannenberg - um nome que curiosamente evocava memórias tanto da derrota, no século XV, dos Cavaleiros Teutônicos nas mãos de tropas polonesas e lituanas quanto da vitória alemã sobre os exércitos russos na Batalha de Tannenberg, em agosto de 1914. Mais que lembrar a derrota dos Cavaleiros Teutônicos, o nome refletia uma leitura romantizada do passado medieval: inspirados por um passado tratado como mitologia, os nazistas se viam reconquistando a terra que os cavaleiros alemães tinham obtido, povoado e perdido muitos séculos antes. Só que dessa vez a motivação deles seria guiada não pelo zelo missionário cristão, mas por uma ideia eminentemente moderna: o compromisso com a “ciência” da raça.[575](#)

Esgotado por seus esforços do mês anterior, Heydrich tirou umas férias e viajou para Fehmarn. Trechos de

filmagens domésticas desses dias mostram Heydrich, aparentemente tranquilo, praticando esportes e jardinagem para relaxar.[576](#) Enquanto ele desfrutava o ar fresco do Mar Báltico, seu assistente em Berlim, Werner Best, tirava os líderes dos diferentes *Einsatzkommandos* das fileiras da Polícia de Segurança e do SD.[577](#) Antes de sair de férias, Heydrich havia convocado uma reunião em sua casa, em Berlim, com os membros de sua equipe que lhe eram mais próximos - Werner Best, Heinrich Müller, Heinz Jost, Walter Schellenberg e Helmut Knochen - para discutir “as questões mais fundamentais” do iminente ataque à Polônia, durante a qual chegaram a um acordo sobre a arregimentação de 2 mil homens em quatro forças-tarefas de igual tamanho.[578](#)

Os homens designados para comandar as forças-tarefas e suas várias subunidades, os *Einsatzkommandos*, eram oficiais do SD e da Polícia de Segurança, a maioria deles bem-educados, homens de classe média, com idades entre vinte e tantos anos e o meio da faixa dos trinta, que tinham se voltado para a extrema-direita durante a República de Weimar. Heydrich insistira em indicar indivíduos que possuíam “experiência relevante e impecável postura militar”.[579](#) Muitos dos comandantes mais antigos, como Emanuel Schäfer, Lothar Beutel, Josef Meisinger e o amigo de Heydrich dos primeiros dias da SS em Hamburgo, Bruno Streckenbach, tinham servido nas violentas campanhas dos Freikorps do início dos anos 1920. Muitos podiam também se basear nas experiências práticas reunidas durante a anexação da Áustria e da Tchecoslováquia. Heydrich não encarava de modo algum a convocação deles para o trabalho de campo como punição, mas como uma oportunidade de provar o valor, sob fogo inimigo, da “administração combatente” da SS.[580](#)

Embora o agrupamento das forças-tarefas da SS continuasse a ser feito sem problemas durante as férias de Heydrich, a natureza do relacionamento prático entre os *Einsatzgruppen* e a Wehrmacht permanecia obscura. Os comandantes da Wehrmacht haviam sido informados da planejada mobilização de unidades da SS durante a campanha polonesa seguinte, na primavera de 1939. Contudo, a escalada da violência da SS durante a conquista da Áustria e da Boêmia e Morávia tinha suscitado preocupações dentro do comando do exército sobre uma SS excessivamente independente, agindo por iniciativa própria nos territórios ocupados.[581](#)

Para esclarecer as relações de comando entre o exército e os *Einsatzgruppen* durante a campanha vindoura, Heydrich e Best se encontraram com o chefe do Estado-Maior da intendência geral do exército, Eduard Wagner, em 29 de agosto. Como Wagner anotou em seu diário após o encontro: “Chegamos a um rápido acordo. Dois tipos um tanto reservados demais. Heydrich particularmente desagradável”.[582](#) Segundo o acordo, exigia-se que os comandantes da Polícia de Segurança mantivessem íntimas relações de trabalho com todos os comandantes militares locais, os chefes da administração civil e a Polícia da Ordem de Kurt Daluge. Um oficial de ligação de cada *Einsatzgruppe* ficaria encarregado de assegurar “comunicações sem atrito” com os devidos comandos das forças armadas e da polícia.[583](#)

Segundo as “Diretrizes para as Operações no Exterior da Sipo e do SD”, redigidas por Werner Best e assinadas por Heydrich em 31 de julho, os *Einsatzgruppen* eram instruídos a “tornar impotente” o “estrato dirigente da população da Polônia” e “combater todos os elementos em território

inimigo, na retaguarda das tropas combatentes, que sejam hostis ao Reich e ao povo alemão”.[584](#) Essas tarefas faziam parte de um esforço concertado para “neutralizar” centros de resistência real e potencial. A falta de clareza quanto ao que, exatamente, se pretendia dizer por “neutralização” e quem deveria ser submetido a ela daria a cada um dos comandantes em campanha considerável liberdade para interpretar suas instruções – um elemento característico do estilo de comando de Heydrich e que incentivava os homens a mostrar iniciativa. Ao mesmo tempo, o SD ia estabelecer uma rede de inteligência em campanha, composta de membros da minoria alemã, além de coletar e confiscar material pertencente aos judeus, maçons e clérigos católicos da Polônia.[585](#)

Em termos de conteúdo, os regulamentos contidos nessas diretivas proporcionavam pouca coisa nova: as seções que tratavam das tarefas dos *Einsatzgruppen* e da relação deles com a Wehrmacht eram praticamente idênticas às instruções enviadas às forças-tarefas durante a invasão dos Sudetos. Uma das poucas diferenças era que, dessa vez, as instruções continham uma seção sobre higiene racial proibindo todas as relações sexuais com mulheres de origem não alemã, um “pecado contra nosso próprio sangue”, e garantindo que as “violações” dessa ordem seriam “severamente punidas”. Ao mesmo tempo, as diretrizes continham normas que estavam em profundo contraste com as ações subsequentes dos *Einsatzgruppen*. Por exemplo, elas declaravam que “os maus-tratos ou a morte de pessoas detidas são estritamente proibidos e, na medida em que estejam sendo levados a cabo por outras pessoas, devem ser impedidos. A força só pode ser usada para quebrar a resistência”.[586](#)

Embora as formulações contidas nessas diretrizes pareçam relativamente ingênuas quando comparadas com a realidade da invasão, nem Heydrich nem o comando da Wehrmacht tinham ilusões quanto à natureza radical da guerra cada vez mais próxima contra a Polônia. Num encontro com cerca de 50 homens do alto-comando do exército em Berghof, a 22 de agosto de 1939, Hitler falou da “destruição da Polônia” e de “investidas brutais”.[587](#) Em 29 de agosto, dia da reunião entre Heydrich e Wagner, o segundo informou ao chefe do Estado-Maior do exército, general Franz Halder, que os *Einsatzgruppen* deteriam cerca de 30 mil poloneses e os deportariam para campos de concentração.[588](#)

Em meados de agosto, numa conferência em Berlim, membros importantes dos *Einsatzgruppen* receberam novas instruções orais de Heydrich e Best, instruções que, mesmo pelos padrões de Heydrich, eram “extraordinariamente radicais” e que incluíam uma “ordem de liquidação de diferentes círculos da liderança polonesa”, afetando “milhares”.[589](#) Segundo depoimentos que, após a guerra, importantes oficiais de forças-tarefas presentes naquele dia fizeram em juízo, Heydrich abriu a reunião informando os homens das atrocidades que estavam sendo cometidas contra alemães étnicos na Polônia, observando que esperava forte resistência de *partisans*[590](#) à invasão alemã. Era responsabilidade dos *Einsatzgruppen* “neutralizar” as ameaças – particularmente as colocadas por sabotadores, *partisans*, judeus e intelectuais poloneses – em áreas conquistadas pelo exército alemão e punir os indivíduos que tivessem cometido crimes contra os alemães étnicos da Polônia nas semanas precedentes. Embora com uma linguagem cuidadosamente contida, Heydrich insistiu que,

no cumprimento dessas tarefas difíceis, “tudo era permitido”.[591](#)

Ao SD de Heydrich foi também atribuída a missão de encenar violações armadas de fronteira imediatamente antes do ataque planejado. A culpa pelas violações poderia ser jogada sobre o lado polonês e as violações usadas para justificar o início da guerra. Hitler havia anunciado a seus generais em Berghof, a 22 de agosto, que daria “um motivo propagandístico para o início da guerra, fosse ou não plausível”. O próprio Heydrich cuidou dessa operação ultrassecreta e, em meados de agosto, mostrou pessoalmente a Himmler os trechos de fronteira que tinha em mente. A coordenação da missão foi deixada nas mãos capazes de Herbert Mehlhorn, o advogado do SD que tinha assessorado Heydrich nas disputas de sua família em torno do Conservatório de Halle, em meados da década de 1930.[592](#)

Em 31 de agosto, pequenas unidades da SS sob o comando de Alfred Naujocks, vestindo uniformes poloneses, atacaram uma estação de rádio em Gleiwitz, uma agência da alfândega e uma cabana de administração florestal ao longo da fronteira teuto-polonesa de modo a encenar, como Hitler as chamaria no dia seguinte, “violações polonesas da fronteira de um gênero não mais tolerável por uma grande potência”. Em seguida os homens irradiaram declarações em alemão e polonês através da estação de Gleiwitz. Deixaram para trás vários prisioneiros de campos de concentração mortos que haviam sido assassinados e enfiados em uniformes poloneses.[593](#)

Naquela mesma noite em Berlim, Heydrich redigiu seu testamento e escreveu uma carta particular para a esposa, que ele assinou às duas da madrugada de 1º de setembro

de 1939, menos de três horas antes do início da invasão alemã da Polônia. Heydrich instruiu a equipe a manter a carta no cofre de sua sala e só entregá-la à esposa “quando eu não estiver mais vivo”.

Querida Lina, meus amados filhos! Espero que esta carta nunca saia de meu cofre. Contudo, como soldado do Führer e como bom marido e pai, tenho de pensar em todas as possibilidades. O Führer de nossa Grande Alemanha, Adolf Hitler, cujo aperto de mão no início desta noite continua a queimar minha mão, já tomou a grande decisão: amanhã, às 4h45 da manhã, os exércitos alemães entrarão na Polônia; o Reichstag vai se reunir às 10 da manhã. Acho que nada vai me acontecer. Mas se o destino preferir outra coisa, então todas as minhas posses terrenas serão de vocês... Querida Lina, acredito que, embora as últimas semanas tenham sido inacreditavelmente difíceis para nós dois (particularmente sua desconfiança em relação a mim, devido à falta de base, me magoou extremamente), elas ainda assim aprofundaram e fortaleceram nosso relacionamento. Eduque nossos filhos para que eles se tornem firmes partidários do Führer e da Alemanha; para que sejam leais às ideias do movimento nazista. [Cuide] para que adiram estritamente às leis eternas da SS, que sejam duros consigo mesmos, cordiais e generosos para com nosso povo e para com a Alemanha, e implacáveis com todos os inimigos internos e externos do Reich... Minha querida Lina, sei que tenho defeitos. Tenho cometido erros, tanto profissionais quanto humanos, tanto em pensamento quanto em atos, mas meu amor por você e meus filhos é ilimitado. Por favor lembre-se com respeito e afeto da vida que tivemos juntos. E assim que o tempo tiver cicatrizado as feridas, você deve dar a nossos filhos um novo pai. Mas ele tem de ser um verdadeiro homem [*ein Kerl*], o tipo de homem que aspirei a ser. Com infinito amor, Heil Hitler, Reinhard.[594](#)

A carta profundamente pessoal de Heydrich, escrita para ser lida exclusivamente pela esposa, ilustra até que ponto ele havia chegado desde que entrara na SS em 1931. Havia conseguido se reinventar como um nazista-modelo e acreditava firmemente em sua nova identidade. A menção do aperto de mão “abrasador” do Führer, as instruções

precisas dadas para a criação dos filhos e a insistência para que Lina se casasse outra vez com um “verdadeiro homem” no genuíno espírito nazista, tudo atestava uma rara certeza de propósito e compromisso ideológico que era em grande parte resultado de experiências cruciais dentro da SS.

Para Heydrich, a eclosão da Segunda Guerra Mundial representava uma oportunidade sem precedentes. Ele havia passado os primeiros seis anos do Terceiro Reich como primeiro-tenente de Himmler, desenvolvendo um aparelho de polícia política sempre em expansão, que estava associado de forma complexa à SS. Agora, contra o pano de fundo da guerra, surgiam novas e inebriantes possibilidades. Nem Heydrich nem qualquer outra pessoa do comando nazista tinha um plano detalhado de ação para o futuro da Europa Oriental, mas estava claro desde o início que a Polônia – ao contrário da Áustria, racialmente aliada, e do Protetorado da Boêmia e Morávia, economicamente vital – se tornaria uma espécie de laboratório para os experimentos nazistas de imperialismo racial e engenharia étnica. O gênero de utopia que Hitler, Himmler e Heydrich pretendiam implementar nos territórios ainda a ser ocupados permanecia embaçado e vago. O que estava claro era que sua implementação não seria limitada pelo mesmo tipo de “moderação” imposta à SS durante as campanhas militares de 1938. O ataque alemão à Polônia, lançado nas primeiras horas da manhã de 1º de setembro, ia se tornar um divisor de águas para a guerra de aniquilação do Terceiro Reich contra as “raças inferiores” do Leste.[595](#)

[474](#) O discurso foi registrado no protocolo Hossbach, em *IMT*, vol. 25, doc. 386-PS, pp. 402ss. Ver também Kershaw, *Hitler: Nemesis*, pp. 63ss. Longerich, *Himmler*, pp. 411ss.

[475](#) Kirstin A. Schäfer, *Werner von Blomberg. Hitlers erster Field marshall* (Paderborn, 2006), pp. 180ss.; Klaus-Jürgen Müller, *Das Heer und Hitler. Aimee und nationalsozialistisches Regime, 1933-1940* (Stuttgart, 1969), pp. 255ss.; Karl-Heinz Janssen e Fritz Tobias, *Der Sturz der Generäle. Hitler und die Blomberg-Fritsch-Krise 1938* (Munique, 1997). *Third Reich in Power*, 649, pp. 22-81 (sobre Blomberg) e 83-195 (sobre Fritsch); Longerich, *Himmler*, pp. 412ss.

[476](#) Janssen e Tobias, *Sturz*, p. 92. Ver também o depoimento pós-guerra do assistente de Himmler, Karl Wolff, em *IfZ*, ZS 317.

[477](#) Kershaw, *Hitler: Nemesis*, pp. 63ss.

[478](#) Janssen e Tobias, *Sturz*, pp. 159ss.

[479](#) *Ibid.*, p. 166 e 181s.

[480](#) Herbert, *Best*, p. 185; Wolfgang Foerster, *Generaloberst Ludwig Beck. Sein Kampf gegen den Krieg. Aus den nachgelassenen Papieren des Generalstabschefs* (Munique, 1953), p. 92; Müller, *Heer*, doc. 34, p. 639s.; Schellenberg, *Labyrinth*, p. 40s.

[481](#) Conrad Patzig (10 de novembro de 1953), como citado em: Müller, *Canaris*, p. 171.

[482](#) Müller, *Canaris*, pp. 162ss.

[483](#) Janssen e Tobias, *Sturz*, p. 191.

[484](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 664; Kershaw, *Hitler: Nemesis*, pp. 63ss.; G. E. R. Gedye, *Fallen Bastions: The Central European Tragedy* (Londres, 1939), pp. 144-216.

[485](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 649. Kershaw, *Hitler: Nemesis*, pp. 70ss.; Gedye, *Fallen Bastions*, pp. 217ss.; Erwin A. Schmidl, *März 38. Der deutsche Einmarsch in Österreich* (Viena, 1987), pp. 31ss.

[486](#) Hans-Joachim Neufeld, Jürgen Huck e Georg Tessin, *Zur Geschichte der Ordnungspolizei, 1936-1945* (Koblenz, 1957), pp. 9ss.

[487](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 650s. Barbara Jelavich, *Modern Austria: Empire and Republic, 1815-1986* (Cambridge, 1987), pp. 218ss.; Gedye, *Fallen Bastions*, pp. 236ss.

[488](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 652. Kershaw, *Hitler: Nemesis*, pp. 76ss.; Schmidl, *März 38*, pp. 111ss.

[489](#) *Neue freie Presse*, 15 de março de 1938. Ver também Gerhard Botz, *Nationalsozialismus in Wien. Machtübernahme, Herrschaftssicherung, Radikalisierung* (ed. revista, Viena, 2008), p. 72.

[490](#) Ver “‘Sonderauftrag Österreich’, 11 March 1938”, de Himmler, em *BAB*, R 19/401.

[491](#) *Neue Freie Presse*, edição vespertina, 15 de março de 1938; *Neue Freie Presse*, edição matutina, 16 de março de 1938. Um dia antes, Heydrich havia dado instruções acerca da nova estrutura organizacional da Polícia de Segurança na Áustria, que estava em grande parte baseada no exemplo alemão. Ver sua ordem de 15 de março de 1938, em *DÖW*, E 20.530. Sobre Kaltenbrunner, ver Black, *Kaltenbrunner*.

[492](#) Território da Alemanha em fins de 1937, antes da anexação da Áustria e dos Sudetos. (N. do T.)

[493](#) Franz Weisz, “Personell vor allem ein ‘ständestaatlicher’ Polizeikörper. Die Gestapo in Österreich”, em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 439-62. Evans, *Third Reich in Power*, p. 656.

[494](#) Heydrich posteriormente se recusou a entregar essas fichas ao Ministério da Justiça. Ver a troca de cartas entre o dr. Hueber (Ministério da Justiça do Reich) e Heydrich, 21 de junho a 26 de julho de 1938, em DÖW, 01905.

[495](#) Botz, *Wien*, pp. 55ss.; Schmidl, *März 38*, pp. 232-37; Freund e Perz, “Mauthausen-Stammlager”, pp. 254ss.

[496](#) Ver os relatórios diários da Stapoleitstelle em Viena, julho a dezembro de 1938, em IfZ, MA 145/1. O número de prisões citado na literatura vai de 10 mil a 70 mil. Heydrich mencionou a cifra de 10 mil pessoas detidas a Ernst von Weizsäcker. Ver as notas de Weizsäcker sobre a conversa de 5 de julho de 1938, em *Akten zur deutschen auswärtigen Politik 1918-1945* (Baden-Baden, 1950-1995), série D, vol. 1, doc. 405, pp. 509-10. Sobre as ordens expressas de Heydrich para que ninguém fosse libertado sem o seu consentimento explícito, ver sua ordem à Stapoleitstelle de Viena em 16 de março de 1938, em DÖW, 9413.

[497](#) Heydrich a Bürckel, 16 de março de 1938, em DÖW, Bürckel 2020.

[498](#) Ver a troca de cartas de Heydrich com a Stapoleitstelle em Viena sobre as prisões de importantes comunistas, 27 e 30 de setembro de 1938, em DÖW, 01575, e o dossiê de Heydrich sobre os partidários da monarquia dos Habsburgo em DÖW, 22.124; e Heydrich a todos os escritórios da Gestapo, 16 de março de 1938, em DÖW, 21058/20.

[499](#) Botz, *Wien*, pp. 55ss.; Schmidl, *März 38*, pp. 232ss.; Freund e Perz, “Mauthausen-Stammlager”, pp. 254ss.

[500](#) Heydrich para Ernst von Weizsäcker, 5 de julho de 1938, *Akten zur deutschen auswärtigen Politik*, série D, vol. 1, doc. 405, pp. 509-10.

[501](#) Heydrich à Stapoleitstelle de Viena, BAB, R 581/256, f. 90. Ver também Erwin A. Schmidl, *Der “Anschluss” Österreichs. Der deutsche Einmarsch im März 1938* (Viena, 1994), p. 236. Sobre a Stapoleitstelle em Viena, ver Thomas Mang, *Gestapo - Leitstelle Wien - Mein Name ist Huber* (Münster, 2004). Sobre o caso Ketteler, ver Lutz Hachmeister, *Der Gegnerforscher. Die Karriere des SS-Führers Franz Alfred Six* (Munique, 1998), pp. 10ss.

[502](#) Anotação do diário de Goebbels de 26 de março de 1938, em Goebbels, *Tagebücher*, parte I, vol. 5, p. 231.

[503](#) Evans, *Third Reich in Power*, pp. 657ss. Hans Safrian e Hans Witek (orgs.), *Und keiner war dabei. Dokumente des alltäglichen Antisemitismus in Wien 1938* (Viena, 1988); Eckart Früh, “Terror und Selbstmord in Wien nach der Annexion Österreichs”, em Felix Kreissler (org.), *Fünfzig Jahre danach. Der Anschluss von innen und aussen gesehen* (Viena e Zurique, 1989), pp. 216-23; Herbert Rosenkranz, “Entrechtung, Verfolgung und Selbsthilfe der Juden in Österreich”, em Gerald Stourzh e Birgitta Zaar (orgs.), *Österreich, Deutschland und die Mächte. Internationale und Österreichische Aspekte des “Anschlusses” vom März 1938* (Viena, 1990), pp. 367-417, aqui pp. 376-77.

[504](#) Carl Zuckmayer, *Als wär’s ein Stück von mir* (2ª ed., Hamburgo, 1977), p. 88.

[505](#) BAB, R 58/991, ff. 106-21.

[506](#) *Völkischer Beobachter*, 17 de março de 1938.

[507](#) Heydrich a Bürckel, 17 de março de 1938, Dokumentationsarchiv des Österreichischen Widerstandes, 15.909, reproduzido em Dokumentationsarchiv des Österreichischen Widerstandes (org.), *“Anschluss” 1938. Eine Dokumentation* (Viena, 1988), p. 440.

[508](#) Ordem para o “SS-Oberabschnitt Österreich” de 5 de abril de 1938, em BAB, NS 31/236. Ver também Schmidl, *“Anschluss” Österreichs*, p. 236.

[509](#) Ordem de Heydrich de 14 de abril de 1938, em IfZ, MA 444/2.

[510](#) Ordem de Heydrich de 17 de março de 1938, em IfZ, MA 445, ff. 8207-208; e 8218-221.

[511](#) Carta de correio interno do dr. Werner Best, 22 de março de 1938, em IfZ, MA 438.

[512](#) Otmar Jung, *Plebiszit und Diktatur. Die Volksabstimmungen der Nationalsozialisten. Die Fälle “Austritt aus dem Völkerbund” (1933), “Staatsoberhaupt”(1934) und “Anschluss Österreichs” (1938)* (Tübingen, 1995); Evans, *Third Reich in Power*, p. 655.

[513](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 657s.; Friedländer, *Persecution*, pp. 241ss.

[514](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 659. Peter F. Hoerz, *Jüdische Kultur im Burgenland. Historische Fragmente – volkskundliche Analysen* (Viena, 2006).

[515](#) Botz, *Wien*, p. 143; Evans, *Third Reich in Power*, p. 659.

[516](#) Ver as extensas fichas sobre a Agência Central vienense em USHMMA, RG 11.001 M, rolo 8, p. 625; ver também Botz, *Wien*, p. 332; Jonny Moser, “Die Zentralstelle für jüdische Auswanderung in Wien”, em Kurt Schmid e Robert Streibel (orgs.), *Der Pogrom 1938. Judenverfolgung in Österreich und Deutschland* (Viena, 1990); também Hans Safrian, *Die Eichmann-Männer* (Viena, 1993), pp. 36ss.; Friedländer, *Persecution*, pp. 241ss.

[517](#) Heydrich durante o encontro convocado por Göring em 12 de novembro de 1938, em *IMT*, vol. 28, doc. 1.816-PS, pp. 499ss.

[518](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 661s. Doron Rabinovici, *Instanzen der Ohnmacht. Wien 1938- -1945. Der Weg zum Judenrat* (Frankfurt, 2000); Hans Safrian, “Expediting Expropriation and Expulsion: The Impact of the ‘Vienna Model’ on Anti-Jewish Policies in Nazi Germany, 1938”, *Holocaust and Genocide Studies* 14 (2000), pp. 390-414; Gabriele Anderl e Dirk Rupnow, *Die Zentralstelle für jüdische Auswanderung als Beraubungsinstitution* (Viena, 2004); Friedländer, *Persecution*, pp. 243ss.

[519](#) *Kristallnacht* no original. Nos países de língua inglesa é geralmente empregada essa expressão alemã. (N. do T.)

[520](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 661.

[521](#) Adam, *Judenpolitik*, p. 201. Heydrich acompanhou com atenção os procedimentos em Evian e enviou relatórios regulares sobre as discussões da conferência para Himmler, Göring e Ribbentrop. Ver cópias dos relatórios em USHMMA, RG 11.001 M, rolo 9, p. 649.

[522](#) Região agora dividida entre a Polônia e a Ucrânia. Pertenceu à Polônia entre as duas guerras mundiais. (N. do T.)

[523](#) “Aufenthaltsverbot für Juden mit polnischer Staatsangehörigkeit”, 26 de outubro de 1938, em BAB, R 58, p. 276; reproduzido em Walk (org.), *Sonderrecht*, II/569, p. 247; ver também Sybil H. Milton, “The Expulsion of Polish Jews from Germany, October 1938 to July 1939: A Documentation”, *Leo Baeck Institute Yearbook* 29 (1984), pp. 169-74.

[524](#) Alan E. Steinweis, *Kristallnacht 1938* (Cambridge, MA, 2009), p. 17.

[525](#) Bradley F. Smith, Agnes F. Peterson e Joachim Fest (orgs.), *Heinrich Himmler: Geheimreden 1933 bis 1945 und andere Ansprachen* (Frankfurt am Main, 1974), pp. 25ss. (8 de novembro de 1938); Longerich, *Himmler*, p. 424.

[526](#) Não existe nenhuma cópia do discurso de Goebbels, mas ele pode ser reconstruído com base no registro que Goebbels fez no diário e no depoimento de várias pessoas presentes à reunião. O relato mais importante continua sendo: "Bericht des Obersten Parteirichters der NSDAP, Reichsleiter Walter Buch über die Vorgänge und parteigerichtlichen Verfahren im Zusammenhang mit den antisemitischen Kundgebungen vom 9. November 1938", em: Michaelis e Schaepler (orgs.), *Ursachen und Folgen*, vol. 12, p. 582. Christian T. Barth, *Goebbels und die Juden* (Paderborn, 2003), pp. 132ss.; Hermann Graml, *Reichskristallnacht. Antisemitismus und Judenverfolgung im Dritten Reich* (Munique, 1998), pp. 17ss.; Martin Gilbert, *Kristallnacht: Prelude to Disaster* (Londres, 2006); Angela Hermann, "Hitler und sein Stosstrupp in der 'Reichskristallnacht'", *VfZ* 56 (2008), pp. 603ss.; Peter Longerich, *Joseph Goebbels. Biographie* (Munique, 2010), p. 393.

[527](#) Rudolf Jordan, *Erlebt und erlitten. Weg eines Gauleiters von München bis Moskau* (Leoni, 1971), p. 181s.; ver também Barth, *Goebbels*, p. 135.

[528](#) Dieter Obst, "Reichskristallnacht". *Ursachen und Verlauf des antisemitischen Pogroms vom November 1938* (Frankfurt, 1991); Hans-Jürgen Döscher, *Reichskristallnacht. Die Novemberpogrome* (Munique, 2000), Longerich, *Himmler*, p. 424.

[529](#) Müller para toda a Stapoleitstellen, 9 de novembro de 1938 (23h55), em BAB, R 58/276, f. 124; ver também Döscher, *Reichskristallnacht*, p. 98. Ver também o relato pós-guerra de Werner Best (1º de outubro de 1959), em IfZ, ZS 207/2, f. 4.

[530](#) Telegrama de Heydrich de Munique, 10 de novembro de 1938, 1h20, como reproduzido em *IMT*, vol. 31, doc. 3051-PS, pp. 516-18.

[531](#) Telegrama de Heydrich de 10 de novembro de 1938 (nenhum tempo concedido), em BAB, R 58/276, f. 129, reproduzido em *IMT*, vol. 31, doc. 3051-PS, p. 518s.

[532](#) Sobre as prisões em massa, ver Heiko Pollmeier, "Inhaftierung und Lagererfahrung deutscher Juden im November 1938", *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 8 (1999), pp. 107-30; Harry Stein, "Das Sonderlager im Konzentrationslager Buchenwald nach den Pogromen 1938", em Monica Kingreen (org.), *Nach der Kristallnacht. Jüdisches Leben und antijüdische Politik in Frankfurt am Main 1938-1945* (Frankfurt am Main, 1999), pp. 19-54.

[533](#) Botz, *Wien*, pp. 397-411. Sobre a violência antijudaica nos Sudetos, ver Jörg Osterloh, *Nationalsozialistische Judenverfolgung im Reichsgau Böhmen und Sudetenland, 1938-1945* (Munique, 2006), pp. 185ss.; ver também: Evans, *Third Reich in Power*, p. 661.

[534](#) Numa referência às vidraças quebradas. (N. do T.)

[535](#) Peter Longerich, "Davon haben wir nichts gewusst!" *Die Deutschen und die Judenverfolgung 1933-1945* (Munique, 2006), pp. 129ss.

[536](#) As reportagens jornalísticas internacionais sobre as políticas antijudaicas alemãs eram monitoradas de perto pelo SD. Ver a coleção de recortes de jornais em USHMMA, RG 11.001 M, rolo 9, pasta 645.

[537](#) Herbert Hagen, “Bericht über die Zentralstelle für jüdische Auswanderung in Wien”, novembro de 1938, como publicado em Wildt (org.), *Judenpolitik*, p. 193s.

[538](#) Heydrich a Göring, 11 de novembro de 1938, em IfZ, Eich 1503.

[539](#) Minutas do encontro de 12 de novembro de 1938, em *IMT*, vol. 28, doc. 1816-PS, pp. 499ss.; sobre números de emigração ver Jonny Moser, “Österreich”, em Benz (org.), *Dimension des Völkermords*, pp. 67-93, aqui p. 68; Jacob Toury, “Ein Auftakt zur ‘Endlösung’. Judenaustreibungen über nichtslawische Reichsgrenzen 1933-1939”, em Ursula Büttner, Werner Johe e Angelika Voss (orgs.), *Das Unrechtsregime. Internationale Forschung über den Nationalsozialismus* (Hamburgo, 1986), vol. 2, pp. 164-69.

[540](#) Minutas do encontro de 12 de novembro de 1938, em *IMT*, vol. 27, doc. 1816-PS, pp. 499ss.; ver também Longerich, *Politik*, p. 208s.

[541](#) Göring confirmou isso em outro encontro com chefes partidários regionais em 6 de dezembro de 1938. Ver o discurso de Göring de 6 de dezembro de 1938, como citado em Götz Aly e Susanne Heim, “Staatliche Ordnung und ‘organische Lösung’. Die Rede Hermann Görings ‘Über die Judenfrage’ vom 6. Dezember 1938”, *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 2 (1992), pp. 378-404, aqui p. 384. Para as instruções de Hitler em seguida ao Pogrom de Novembro ver também Adam, *Judenpolitik*, pp. 216ss.

[542](#) Heydrich à Stapoleitstellen, 31 de janeiro de 1939, em IfZ, Fa 183/1.

[543](#) Heydrich a Ribbentrop, 30 de janeiro de 1939, em IfZ, Eich 1368. Ver também Gabriele Anderl, “Die ‘Zentralstellen für jüdische Auswanderung’ in Wien, Berlin und Prag. Ein Vergleich”, *Tel Aviver Jahrbuch für Deutsche Geschichte* 23 (1994), pp. 275-99.

[544](#) Göring a Frick, 24 de janeiro de 1939, em BAB, R 58/276, ff. 195s.; e a carta circular de Heydrich, de 11 de fevereiro de 1939, informando os ministérios da conclusão dos preparativos para a instalação da Agência Central do Reich, em IfZ, MA 445, ff. 7828-829.

[545](#) Wolf Gruner, “Poverty and Persecution: The Reichsvereinigung, the Jewish Population, and anti-Jewish Policy in the Nazi State, 1939-1945”, *Yad Vashem Studies* 27 (1999), pp. 23-60; Esriel Hildesheimer, *Jüdische Selbstverwaltung unter dem NS-Regime. Der Existenzkampf der Reichsvertretung und Reichsvereinigung der Juden in Deutschland* (Tübingen, 1994), p. 79ss.

[546](#) Ver Ulrich Herbert, “Von der ‘Reichskristallnacht’ zum ‘Holocaust’: Der 9. November und das Ende des ‘Radauantisemitismus’”, em *idem*, *Arbeit, Volkstum, Weltanschauung. Über Fremde und Deutsche im 20. Jahrhundert* (Frankfurt am Main, 1995), pp. 59-77.

[547](#) David Bankier, *The Germans and the Final Solution: Public Opinion under Nazism* (Oxford, 1992), pp. 85ss.

[548](#) Discurso de Göring de 6 de dezembro de 1938, reproduzido em Aly e Heim, “Staatliche Ordnung”, p. 395.

[549](#) Helmut Groscurth, *Tagebücher eines Abwehroffiziers 1938-1940*, ed. Helmut Krausnick e Harold C. Deutsch (Stuttgart, 1970), p. 162.

[550](#) Adam, *Judenpolitik*, pp. 213ss.

[551](#) Minutas da reunião de 12 de novembro de 1938, em *IMT*, vol. 27, doc. 1816-PS, pp. 499ss.; ver também Adam, *Judenpolitik*, pp. 210ss.

[552](#) Minutas da reunião de 12 de novembro de 1938, em *IMT*, vol. 27, doc. 1816-PS, pp. 499ss. Uma extensa proposta para a marcação, incluindo cinco esboços

das marcas, será encontrada em USHMMA, RG 11.001 M, rolo 9, pasta 659. Karl A. Schleunes (org.), *Legislating the Holocaust: The Bernhard Loesener Memoirs and Supporting Documents*, trad. Carol Scherer (Boulder, CO, 2001), pp. 88ss. Göring comunicou a decisão de Hitler contra a proposta de Heydrich durante a reunião do *gauleiter* de 6 de dezembro de 1938.

[553](#) Strauss, "Jewish Emigration", pp. 313ss.; Arndt e Boberach, "Deutsches Reich", p. 34.

[554](#) Sobre a Tchecoslováquia e o problema dos Sudetos alemães, ver Jürgen Tampke, *Czech-German Relations and the Politics of Central Europe: From Bohemia to the EU* (Londres, 2003), pp. 25ss.; Mark Cornwall, "'A Leap into Ice-Cold Water': The Manoeuvres of the Henlein Movement in Czechoslovakia, 1933-8", em *idem* e R. J. W. Evans (orgs.), *Czechoslovakia in a Nationalist and Fascist Europe, 1918-1948* (Oxford, 2007), pp. 123-42; Jörg Kracik, *Die Politik des deutschen Aktivismus in der Tschechoslowakei 1920-1938* (Frankfurt am Main, 1999); Jörg K. Hoensch e Dušan Kováč (orgs.), *Das Scheitern der Verständigung. Tschechen, Deutsche und Slowaken in der Ersten Republik* (Essen, 1994); Kershaw, *Hitler: Nemesis*, p. 90s.

[555](#) Sobre a organização das forças-tarefas do SD e unidades da Gestapo no Protetorado, ver "Einsatz des SD im Falle CSR", junho de 1938, em *IMT*, vol. 39, doc. 509-USSR, pp. 537ss. Sobre as listas de prisões, ver Tuchel e Schattenfroh, *Zentrale*, pp. 127ss.; Herbert, *Best*, p. 235s.; Oldrich Sládek, "Standrecht und Standgericht. Die Gestapo in Böhmen und Mähren", em Mallmann e Paul (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 317-39.

[556](#) Heydrich, "Der Anteil der Sicherheitspolizei und des SD an den Ordnungsnahmen im Mitteleuropäischen Raum", *Böhmen und Mähren* 2 (1941), p. 176; e "Einsatz des SD im Falle CSR". Schellenberg acrescentou numa nota que Heydrich tinha aprovado pessoalmente a composição dos *Einsatzgruppen*. Sobre Stahlecker, ver Jürgen Schuhlraden-Krämer, "Die Exekutoren des Terrors", em Michael Kissener e Joachim Scholtyseck (orgs.), *Die Führer der Provinz, NS-Biographien aus Baden und Württemberg* (Konstanz, 1997), pp. 405-43.

[557](#) Gerhard L. Weinberg, *Hitler's Foreign Policy 1933-1939: The Road to World War II* (Nova York, 2005), pp. 699-777; Igor Lukeš e Eric Goldstein (orgs.), *The Munich Crisis, 1938: Prelude to World War II* (Londres, 1999).

[558](#) Heydrich a Best, 22 de setembro de 1938, como citado em Sládek, "Standrecht", p. 319.

[559](#) Volker Zimmermann, *Die Sudetendeutschen im NS-Staat. Politik und Stimmung der Bevölkerung im Reichsgau Sudetenland (1938-1945)* (Essen, 1999), pp. 71ss.

[560](#) "Richtlinien für die Tätigkeit der Einsatzkommandos der Geheimen Staatspolizei in den sudetendeutschen Gebieten", BAB, R 58/291; sobre a Polícia da Ordem, ver Neufeld *et al.*, *Ordnungspolizei*, p. 11.

[561](#) Sládek, "Standrecht", pp. 317ss. Sobre os Freikorps dos alemães dos Sudetos, ver Werner Röhr, "Das Sudetendeutsche Freikorps - Diversionsinstrument der Hitler-Regierung bei der Zerschlagung der Tschechoslowakei", *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 52 (1993), pp. 35-66. Heydrich à Stapoleitstellen, 24 de dezembro de 1938, em *IfZ*, Fa 183/1.

[562](#) Ver Jan Gebhart, "Migrace českého obyvatelstva v letech 1938-1939", *Český*

Časopis Historický 3 (1998), pp. 561-73; Peter Heumos, *Die Emigration aus der Tschechoslowakei nach Westeuropa und dem Nahen Osten* (Munich, 1989), p. 21.

[563](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 678s. Tampke, *Relations*, p. 57; Zimmermann, *Sudetenland*, pp. 79ss.

[564](#) O Reichsgau era uma subdivisão administrativa criada em áreas anexadas à Alemanha nazista. (N. do T.)

[565](#) Kershaw, *Hitler: Nemesis*, pp. 164s. e 169; Evans, *Third Reich in Power*, p. 681.

[566](#) Miroslav Kárný, “Die Logik von München. Das Protektorat Böhmen und Mähren”, em Dietrich Eichholtz e Kurt Pätzold (orgs.), *Der Weg in den Krieg* (Berlim, 1989), pp. 279-308; Kershaw, *Hitler: Nemesis*, pp. 157ss.; Evans, *Third Reich in Power*, p. 681.

[567](#) Theodor Procházka, *The Second Republic: The Disintegration of Post-Munich Czechoslovakia, October 1938-March 1939* (Boulder, CO, 1981), p. 69. Sobre Beneš, ver Zeman, *Beneš*. Sobre Hácha, ver Tomáš Pasák, *Emil Hácha (1938-1945)* (Praga, 1997). Sobre a Eslováquia, ver Tatjana Tönsmeier, *Das Dritte Reich und die Slowakei 1939-1945. Politischer Alltag zwischen Kooperation und Eigensinn* (Paderborn, 2003).

[568](#) Akten zur deutschen auswärtigen Politik, série D, vol. 4, doc. 228; Donald Cameron Watt, *How War Came: The Immediate Origins of the Second World War, 1938-1939* (Londres, 1989), pp. 141ss.; Weinberg, *Foreign Policy*, pp. 465ss.

[569](#) Mastny, *Czechs*, pp. 45ss.; Bryant, *Prague*, pp. 32ss.

[570](#) George Kennan, como citado em Bryant, *Prague*, p. 1.

[571](#) “Verordnung über den Aufbau der Verwaltung und der Deutschen Sicherheitspolizei im Protektorat”, *Reichsgesetzblatt* 1939, I, p. 1682s.; ver o esboço do RSHA desse documento em IfZ, MA 433, ff. 728.354s.; Sládek, “Standrecht”, pp. 323ss.; Helmut Krausnick, “Die Einsatzgruppen vom Anschluss Österreichs bis zum Feldzug gegen die Sowjetunion. Entwicklung und Verhältnis zur Wehrmacht”, em *idem* e Hans-Heinrich Wilhelm, *Die Truppe des Weltanschauungskrieges. Die Einsatzgruppen der Sicherheitspolizei und des SD, 1938-1942* (Stuttgart, 1981), pp. 13-278, aqui p. 25s.; Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 37s.

[572](#) Heydrich durante a reunião com sua equipe sênior e comandantes dos *Einsatzgruppen* em Berlim, 27 de setembro de 1939, em IfZ, Eich 983. Ver também o relatório interno do RSHA sobre atividades comunistas dentro e fora da União Soviética desde agosto de 1939, 20 de agosto de 1940, em BAB, R 58/18.

[573](#) “Vermerk aus dem Sicherheitshauptamt”, 22 de abril de 1939, em BAB DH (Dahlwitz-Hoppegarten), ZR 251 A9, ff. 36/7-9. Ver também Dorothee Weitbrecht, “Ermächtigung zur Vernichtung. Die Einsatzgruppen in Polen im Herbst 1939”, em Klaus-Michael Mallmann e Bogdan Musial (orgs.), *Genesis des Genozids. Polen 1939-1941* (Darmstadt, 2004), pp. 57-70, aqui p. 57; Wildt, *Generation*, p. 421s.; Klaus-Michael Mallmann, Jochen Böhrer e Jürgen Matthäus, *Einsatzgruppen in Polen. Darstellung und Dokumentation* (Darmstadt, 2008), p. 15.

[574](#) Wildt, *Generation*, p. 422. Estimativa segundo Wodzimierz Bordziej, *Terror und Politik. Die deutsche Polizei und die polnische Widerstandsbewegung im*

Generalgouvernement 1939-1944 (Mainz, 1999), p. 29; e Dorothee Weitbrecht, *Der Exekutionsauftrag der Einsatzgruppen in Polen* (Filderstadt, 2001), p. 9.

[575](#) Sobre o tema recorrente do avanço medieval da Alemanha para o Leste nos discursos e escritos de Hitler, ver Neil Gregor, "Hitler", em Casey e Wright (orgs.), *Mental Maps*, pp. 177-202.

[576](#) Ver a extensa cobertura de vídeo em BAB Filmarchiv (Berlim), DW 615/26/1942.

[577](#) Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 16.

[578](#) Ver a ata da reunião de Helmut Knochen em BAB DH, ZR 512 A9, ff. 36/10-12. Ver também Krausnick e Wilhelm, *Truppe*, p. 33 e p. 41, nº 52.

[579](#) Schellenberg a Jost, 22 de julho de 1939, em USHMMA, RG 11.001 M.O1, rolo 1, pasta 20.

[580](#) Michael Wildt, "Das Reichssicherheitshauptamt. Radikalisierung und Selbstradikalisierung einer Institution", *Mittelweg* 36 (1998), pp. 33-40, aqui p. 22; Evans, *Third Reich at War*, p. 17.

[581](#) Ver o depoimento pós-guerra de Keitel em 29 de março de 1946, em *IMT*, vol. 10, pp. 376ss. (doc. Keitel-12), aqui p. 378; ver também Christian Hartmann e Sergej Slutsch, "Franz Halder und die Kriegsvorbereitungen im Frühjahr 1939. Eine Ansprache des Generalstabschefs des Heeres", *VFZ* 45 (1997), pp. 467-95, aqui p. 493.

[582](#) Eduard Wagner, *Der Generalquartiermeister. Briefe und Tagebuchaufzeichnungen des Generalquartiermeisters des Heeres General der Artillerie Eduard Wagner*, org. Elisabeth Wagner (Munique e Viena, 1963), p. 103.

[583](#) "Richtlinien für den auswärtigen Einsatz der Sicherheitspolizei und des SD, 31 de julho de 1939", BAB, R 58/241, f. 169; ver também Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 16; Wildt, *Generation*, p. 426.

[584](#) "Richtlinien", BAB, R 58/241.

[585](#) Sobre isso, ver também Wildt, *Generation*, p. 427.

[586](#) "Richtlinien", BAB, R 58/241, ff. 169-71.

[587](#) Discurso de Hitler de 22 de agosto de 1939, em *Akten zur deutschen auswärtigen Politik*, série D, vol. 7, p. 172; ver também Kershaw, *Hitler: Nemesis*, p. 208s.

[588](#) Hans-Adolf Jacobsen (org.), *Generaloberst Halder: Kriegstagebuch*, vol. 1: *Vom Polenfeldzug bis zum Ende der Westoffensive* (Stuttgart, 1962), p. 44; Wildt, *Generation*, p. 427.

[589](#) Heydrich a Daluge, 2 de julho de 1940, em BAB, R 19/395; ver o comentário de Helmut Krausnick, "Hitler und die Morde in Polen. Ein Beitrag zum Konflikt zwischen Heer und SS um die Verwaltung der besetzten Gebiete", *VfZ* 11(1963), pp. 196-209, aqui p. 207.

[590](#) O termo francês *partisan* indica o defensor de uma causa, o combatente engajado ou, num sentido mais restrito, o militante partidário. Foi universalmente empregado durante a Segunda Guerra Mundial para indicar os guerrilheiros que resistiam à ocupação alemã. (N. do T.)

[591](#) Depoimentos de Lothar Beutel (20 de julho de 1965) e Ernst Gerke (2 de novembro de 1966) em Bundesarchiv Ludwigsburg, B 162/Vorl. Dok. Slg. Einsatzgruppen in Polen II; o depoimento de Beutel está reproduzido em Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 121s. Ver também Weitbrecht, "Ermächtigung", pp. 59ss.

[592](#) Discurso de Hitler de 22 de agosto de 1939, em *Akten zur deutschen auswärtigen Politik*, série D, vol. 7, p. 172, depoimento pós-guerra de Emanuel Schäfer, 13 de junho de 1952, em IFZ, ZS 573; Longerich, *Himmler*, pp. 490ss.

[593](#) Depoimento pós-guerra de Erwin Lahousen, 6 de junho de 1950, em IfZ, ZS 658. Ver também Alfred Spiess e Heiner Lichtenstein, *Unternehmen Tannenberg. Der Anlass zum Zweiten Weltkrieg* (2ª ed. revista, Frankfurt am Main e Berlim, 1989), pp. 26ss., citação na p. 30. Ver também Jürgen Runzheimer, “Die Grenzzwischenfälle am Abend vor dem Angriff auf Polen”, em Wolfgang Benz e Hermann Graml (orgs.), *Sommer 1939. Die Grossmächte um der Europäische Krieg* (Stuttgart, 1979), pp. 107-47; Höhne, *Orden*, pp. 240ss.; depoimento pós-guerra de Alfred Naujocks, 19 de novembro de 1945, em *IMT*, vol. 31, doc. 2751-PS, pp. 90ss. Discurso de Hitler no Reichstag de 1º de setembro de 1939 em Adolf Hitler, *Reden und Proklamationen*, org. Max Domarus, 2 vols. (Würzburg, 1962-1963), vol. 2, pp. 1312ss., citação na p. 1315.

[594](#) Reinhard Heydrich a Lina Heydrich, 1º de setembro de 1939, em IfZ, Ed 450; ver também Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 119.

[595](#) Browning, *Origins*, pp. 12ss.

CAPÍTULO 6

Experimentos de Assassinato em Massa

A Invasão da Polônia

COM O PAÍS INVADIDO DE TRÊS LADOS, SEM RECEBER AJUDA DE SEUS ALIADOS ocidentais e se defrontando com um exército alemão militarmente superior, as mal preparadas tropas polonesas estavam numa situação desesperada. Embora os defensores combatessem com valentia, organizando um contra-ataque em Kutno, em 9 de setembro de 1939, e infligindo, inesperadamente, pesadas baixas aos invasores alemães, a Wehrmacht avançou rapidamente sobre Varsóvia. Em 17 de setembro, dia em que o Exército Vermelho marchou para a Polônia Oriental, conforme a cláusula secreta do Pacto Hitler-Stálin, o governo polonês fugiu para a Romênia. Varsóvia caiu no final do mês e as últimas tropas polonesas se renderam em 6 de outubro.[596](#)

Atrás das tropas regulares, as cinco - mais tarde sete - forças-tarefas da SS de Heydrich atravessaram a fronteira e caíram sobre a população civil polonesa, informando pessoalmente Heydrich sobre o “progresso” de seu trabalho por meio de relatórios diários. A conquista da Polônia, ostensivamente considerada pelos nazistas um país racialmente inferior, expandiu de forma significativa as concepções do que era possível e permissível. O terror desencadeado nos primeiros dias da invasão, dirigido pela SS, excedeu em muito as anteriores campanhas de violência, perseguição e discriminação que Heydrich levara a cabo no próprio Reich depois de 1933 e na Áustria, Boêmia e Morávia depois de 1938.[597](#)

As forças-tarefas na Polônia interpretaram liberalmente suas instruções de eliminar os “inimigos do Estado” por trás

das linhas alemães e fuzilar “reféns” ou “*partisans*” em retaliação por qualquer sinal de hostilidade para com os invasores. As unidades da SS cuidaram dos poloneses politicamente indesejáveis, trabalhadores ou intelectuais, fuzilando-os no local ou colocando-os em campos de concentração, atendendo assim à insistência de Heydrich para que uma investida de largo alcance contra as elites, definidas em termos amplos, da Polônia fosse realizada de maneira rápida e estivesse concluída no início de novembro.[598](#)

Atrocidades polonesas contra alemães étnicos forneciam um pretexto conveniente para a retaliação da SS. Na primeira semana da guerra, soldados e civis poloneses, reagindo a casos reais ou supostos de sabotagem pela minoria alemã, detiveram de 10 mil a 15 mil alemães étnicos e forçaram-nos a marchar para leste. Atacados por vizinhos poloneses e soldados, entre 4.500 e 6 mil alemães étnicos civis foram mortos durante os primeiros dias da campanha, alguns como resultado de maus-tratos durante as marchas forçadas, outros por meio de fuzilamentos em massa por tropas polonesas regulares.[599](#)

Rumores de alemães étnicos civis funcionando como atiradores e atacando tropas polonesas em retirada também exacerbaram uma atmosfera já tensa. Simultaneamente, um medo quase neurótico de *partisans* ou “francoatiradores” operando na retaguarda das tropas alemãs que avançavam rapidamente, acompanhado de sentimentos antipoloneses amplamente cultivados, espalhou-se entre o comando do exército, criando um clima em que severas “ações de policiamento” pareciam não apenas aceitáveis, mas desejáveis. “Eclodiu uma batalha difícil com insurgentes [poloneses]”, observou o intendente-

geral do exército, Eduard Wagner, já em 3 de setembro, enfatizando que essa forma de resistência “só pode ser quebrada pela utilização de medidas draconianas”. Três dias depois, tanto Wagner quanto o chefe do Estado-Maior, Franz Halder, pediram um aumento de forças especiais de polícia na retaguarda do exército para combater *partisans*.[600](#)

A atmosfera geral de nervosismo e medo trabalhou a favor do comando da SS. Quando em 3 de setembro, dois dias após o início da invasão alemã, mais de 100 poloneses de etnia alemã foram mortos e mutilados na cidade pomerânia de Bromberg (Bydgoszcz), Heydrich e Himmler viram no massacre uma boa oportunidade para intensificar suas atividades. Não apenas as atrocidades contra civis alemães em Bromberg pareciam justificar transgressões violentas por parte dos *Einsatzgruppen*, mas, do ponto de vista de Heydrich e Himmler, elas também exigiam uma extensão da missão “*antipartisan*” das forças-tarefas, como definido no acordo entre o exército e a SS antes da eclosão da guerra, assim como maior autonomia frente a um comando da Wehrmacht que parecia incapaz de “pacificar” as áreas de retaguarda da Polônia recém-ocupada ou relutante em fazer isso.[601](#)

No mesmo dia do “Domingo Sangrento de Bromberg”, Himmler autorizou a formação de um *Einsatzgruppe* adicional, a “força-tarefa Meta Especial”, sob o comando de Udo von Woyrsch (um membro notoriamente radical da baixa nobreza da Silésia), para “salvaguardar” as áreas industriais da Alta Silésia, e emitiu sua ordem infame de “suprimir radicalmente” o “levante” por “todos os meios disponíveis”, exigindo que todos os “insurgentes” fossem “fuzilados no local”, sem julgamento. Uma semana depois, em 10 de setembro, Himmler ordenou que o *Einsatzgruppe*

IV prendesse 500 reféns poloneses em Bromberg, de preferência intelectuais e comunistas, que deviam ser “impiedosamente fuzilados ao menor sinal de sublevação ou tentativa de resistência”.[602](#)

De modo a assegurar que os homens estivessem cumprindo suas tarefas como planejado, Himmler e Heydrich deram início a um giro de inspeção das forças-tarefas na Polônia Oriental entre 3 e 13 de setembro, deixando que Werner Best assumisse as responsabilidades de Heydrich como chefe da Polícia de Segurança durante sua ausência.[603](#) A presença deles teve um efeito nitidamente radicalizante nas forças-tarefas. Em 11 de setembro, Heydrich encontrou dois de seus comandantes dos *Einsatzgruppen*, Bruno Streckenbach e Udo von Woyrsch, na cidade recentemente conquistada de Cracóvia (Krakau). Heydrich reiterou que deviam ser tomadas as medidas mais severas possíveis contra insurgentes. Os judeus, em particular, deviam ser “induzidos” a fugir pela linha de demarcação teuto-soviética. Woyrsch estava bem qualificado para desempenhar essa tarefa, tendo supervisionado nos dias anteriores alguns dos piores massacres antijudaicos da campanha polonesa, quando sua força-tarefa iniciou uma orgia de matanças na Alta Silésia Oriental, resultando na morte de cerca de 500 judeus em Katowice (Kattowitz), Będzin (Bendzin) e Sosnowiec (Sasnowitz). Como resultado direto do encontro com Heydrich em Cracóvia, a força-tarefa de Woyrsch redobrou os esforços para aterrorizar e pôr em fuga a população judaica, queimando um grupo de judeus vivos numa sinagoga em Dynów e realizando fuzilamentos em massa numa variedade de locais pela zona rural.[604](#)

Embora Hitler tivesse indicado aos generais de mais alta patente, Walther von Brauchitsch e Wilhelm Keitel, que seus planos exigiam a “aniquilação física” das elites intelectuais, sociais e políticas da Polônia, os comandantes do exército em campanha não receberam instruções explícitas sobre o que Hitler havia autorizado em termos de fuzilamentos e expulsões. Nas primeiras semanas da campanha polonesa, Himmler e Heydrich deixaram propositalmente o comando do exército no escuro sobre a ordem “extraordinariamente radical” que haviam recebido de Hitler e, ao fazê-lo, provaram sua lealdade ao Führer. Mesmo que fossem “injustamente” acusados pelo exército de cometer “a esmo” atos “brutais” de violência – assim Heydrich explicou numa carta ao chefe da Polícia da Ordem, Kurt Daluege –, estavam dispostos a aceitar a responsabilidade exclusiva por esses atos, protegendo assim Hitler de qualquer crítica por autorizar atrocidades.[605](#)

Contudo, embora um grande número de comandos do exército, preocupados com o que consideravam sérios equívocos na disciplina militar, desaprovassem os violentos excessos da SS e alguns, inclusive, procurassem mandar homens como Udo von Woyrsch para a corte marcial, a reação inicial às severas “ações de policiamento” de Heydrich não foram uniformemente negativas: muitos dos novos comandos militares em campanha apoiaram ativamente a campanha de limpeza da SS. Nos dias que se seguiram ao massacre de alemães étnicos em Bromberg, por exemplo, o exército entregou 500 prisioneiros para serem executados pela SS e uma batida num dos bairros da cidade arrebanhou outros 900 prisioneiros, dos quais 120 foram imediatamente fuzilados nas matas e campos vizinhos. Além disso, 50 alunos de uma escola local foram

executados depois que um deles atirou num oficial alemão, enquanto o próprio exército fuzilava outros 50 reféns civis, em sua maioria padres, professores e funcionários públicos. No total, estima-se que pelo menos 1.300 civis poloneses tenham sido mortos em Bromberg, entre 5 e 12 de setembro, por membros do *Einsatzgruppe IV*, elevando-se a estimativa a 5 mil mortes se for incluído o entorno da cidade.[606](#)

As atrocidades alemãs não ficaram de modo algum restritas a Bromberg e não foram apenas realizadas pelos *Einsatzgruppen*. Unidades comuns do exército, polícia militar e milícias de alemães étnicos também estiveram envolvidas. Mais de 12 mil execuções foram realizadas apenas em setembro, com mais 4.200 ocorrendo em outubro. Ao mesmo tempo, os *Einsatzgruppen* levaram a cabo mais de 10 mil prisões em cumprimento da tarefa de “neutralizar” potenciais elementos antialemães da população. No total, mais de 40 mil poloneses caíram vítimas dos massacres entre setembro e dezembro de 1939.[607](#)

No cumprimento de suas tarefas horripilantes, os *Einsatzgruppen* foram também ativamente apoiados pela chamada *Volksdeutscher Selbstschutz*, uma milícia civil formada no início de setembro e composta de poloneses de etnia alemã. Tendo vivido sob domínio polonês por quase 20 anos, muitos desses alemães étnicos haviam sido submetidos a atos de violência nas semanas imediatamente anteriores e posteriores à eclosão da guerra. Subitamente impelidos para uma posição de poder e inebriados pela oportunidade de ajustar velhas contas, os que ingressaram na *Selbstschutz* passaram a atuar com extrema violência, matando milhares de civis poloneses, muito especialmente

na Prússia Ocidental, onde o conflito étnico tinha uma longa tradição e o ódio racial fora intensificado pela agitação nazista nos meses que levaram à guerra. Sob o comando do assistente pessoal de Himmler, Ludolf von Alvensleben, a *Selbstschutz* da Prússia Ocidental logo adquiriu particular notoriedade, matando mais de 4 mil poloneses em 5 de outubro.[608](#)

Heydrich, sempre crítico do terror *fora de regras*, considerava algumas das atrocidades da *Selbstschutz* “inadmissíveis”, não tanto devido à raiva “compreensível” dos alemães étnicos, mas porque temia que eles ficassem “incontroláveis” e virassem alvo fácil de exploração pela propaganda inimiga. Mais especificamente, ele fazia objeções ao roubo e ao saque generalizados que acompanhavam as atividades da *Selbstschutz*. De acordo com sua compreensão deformada de comportamento decente e indecente, Heydrich tolerava e até mesmo reclamava o assassinato de judeus e poloneses “suspeitos”, mas abominava crimes cometidos contra a propriedade, incluindo a pilhagem de lojas de judeus. Frequentemente promoveu investigações internas contra homens da SS suspeitos de tais crimes.[609](#)

A atitude de Heydrich ante o roubo justifica uma explicação adicional. Do ponto de vista dele, o roubo – ao contrário da morte de inimigos políticos – era um crime cometido por motivos inferiores. Além disso, como a propriedade de judeus banidos seria confiscada, essa propriedade não pertencia mais aos judeus, mas ao povo alemão. Em outras palavras: os homens estavam roubando de seu próprio povo e isso não podia, sob quaisquer circunstâncias, ser tolerado.[610](#)

Durante seu giro de inspeção pelo sudoeste da Polônia, Heydrich estava, portanto, pressionando por operações de limpeza mais regradas e menos sujeitas ao acaso, levando à liquidação individualizada, mas abrangente, de “grupos inimigos” previamente identificados e considerados especialmente perigosos para a pacificação. Ao mesmo tempo, ele sentia que o comando conservador do exército estava retardando essa tarefa. Em 8 de setembro, numa conversa com o chefe da inteligência militar, Wilhelm Canaris, seu antigo superior na marinha, vizinho em Berlim e ocasional companheiro de cavalgadas, Heydrich se queixou amargamente da falta de compreensão do exército com relação à imposição pela SS de urgentes “medidas de segurança” por trás das linhas. Ele também expressou sua insatisfação com a nítida relutância dos tribunais militares alemães a sentenciar *partisans* poloneses à morte. As 200 execuções diárias impostas naquele momento pelos tribunais militares eram absolutamente insuficientes, sustentou Heydrich num acesso de raiva e, pela vontade dele, a prática consumidora de tempo de submeter suspeitos a tribunais militares seria inteiramente abandonada. Os inimigos do Reich, ele concluiu, deviam “ser fuzilados ou enforcados imediatamente, sem julgamento. Podemos mostrar clemência para com o povo comum, mas a nobreza, o clero católico e os judeus devem ser mortos”. Assim que Varsóvia fosse conquistada, teriam de chegar a um novo acordo com o exército sobre “como devemos usar a força para extrair tudo desses elementos”.[611](#)

Canaris ficou estarrecido e reportou os comentários de Heydrich ao general de divisão Carl-Heinrich von Stülpnagel, que por sua vez transmitiu a informação ao general Halder.

Halder já sabia das atrocidades cometidas pelos *Einsatzgruppen* de Heydrich e, em 9 de setembro, disse ao chefe do Estado-Maior, tenente-coronel Helmuth Groscurth, que “a carnificina de poloneses por trás do *front* estava se intensificando num ritmo tão veloz que o exército provavelmente logo teria de tomar providências contra esse atos”. Halder admitiu que era intenção de Hitler e Göring “destruir e exterminar o povo polonês”. O restante do que Halder lhe disse, anotou Groscurth em seu diário, foi tão horrível que “não podia ser posto no papel”.[612](#)

Quando em 12 de setembro Canaris chamou a atenção do chefe do alto comando do exército alemão, general Wilhelm Keitel, para os planos de execuções em grande escala de Heydrich, enfatizando que “a nobreza e o clero serão exterminados” e advertindo-o de que “o mundo vai considerar a Wehrmacht responsável” por permitir que essas atrocidades aconteçam, Keitel respondeu que aquele assunto “já fora decidido pelo Führer”. Hitler havia deixado claro para ele que pretendia destruir a elite intelectual e política da Polônia e que tinha ordenado os fuzilamentos como parte da “limpeza política” do recém-conquistado território polonês. Se o exército não queria ter algo a ver com os “extermínios étnicos”, teria de aceitar que a SS e as milícias civis realizassem de forma independente os assassinatos.[613](#)

O endosso dado por Hitler aos planos de ação da SS dificilmente causaria surpresa. Antes mesmo da invasão alemã, em 22 de agosto, ele anunciara a generais alemães que a campanha militar contra a Polônia requeria uma “abordagem brutal” e a “maior firmeza”, uma postura que foi ainda mais radicalizada pelos subsequentes ataques a alemães étnicos na Polônia.[614](#) Logo após o massacre de

Bromberg, a 11 de setembro, o alto comando do exército notificou oficialmente o general Adolf Strauss, comandante do quarto exército, que Hitler havia autorizado Himmler a prender 500 reféns em Bromberg e que deviam ser realizadas execuções sumárias até a cidade ser “pacificada”. O exército recebeu ordens explícitas de não impedir os *Einsatzgruppen* de cumprir sua tarefa. Ao receber essas ordens, Strauss ficou menos preocupado com as matanças em si que com a nítida transferência dos poderes executivos do exército para os *Einsatzgruppen*, queixando-se ao alto comando do exército de que as ordens levariam a uma “total inversão de responsabilidades”.[.615](#)

No momento em que Heydrich retorna a Berlim de seu giro de inspeção das forças-tarefas em campanha, o conflito latente entre a Wehrmacht e a SS acerca de competências executivas na Polônia ocupada estava ameaçando explodir. Em 18 de setembro, Brauchitsch lembrou aos comandantes do exército em campanha que a Wehrmacht era a única autoridade executiva nos territórios ocupados e que ordens de qualquer instância partidária afetando a autonomia judicial dos tribunais militares deviam ser ignoradas. Era um golpe mal velado contra as ambições da SS. Nesse mesmo dia, Himmler reiterou sua ordem inicial aos comandantes da Polícia de Segurança na área operacional: “todos os membros de grupos insurgentes poloneses devem ser fuzilados”. De novo os comandantes militares na Polônia não estavam informados dessa ordem.[.616](#)

Em vista das tensões crescentes entre a SS e o comando do exército, Heydrich e Wagner tornaram a se encontrar em 19 de setembro, travando uma conversa “extremamente importante, necessária e franca” sobre as relações, que se deterioravam rapidamente, entre a Wehrmacht e os

Einsatzgruppen. Wagner fazia questão que o exército fosse informado das tarefas exatas dos *Einsatzgruppen*. Em resposta, Heydrich confirmou que a tarefa que lhe fora atribuída por Hitler era a “depuração fundamental” dos judeus, clero e nobreza da Polônia. Wagner não fazia objeções aos planejados extermínios como tal, mas estava ávido por manter o exército dissociado deles. Em particular, chegou a um acordo com Heydrich de que a operação de “varredura do terreno” só deveria ser realizada depois que a administração militar da Polônia tivesse chegado ao fim.[617](#)

Embora os termos do acordo exigissem um adiamento do que considerava como ações policiais urgentes, Heydrich não deixou de ficar satisfeito com o resultado do encontro. Naquela tarde mesmo, informou ao seu alto escalão que “um resultado extremamente vantajoso” fora alcançado. Mesmo que os *Einsatzgruppen* continuassem formalmente subordinados aos comandantes do exército, receberiam ordens diretamente dele.[618](#)

No dia seguinte, Hitler autorizou o acordo a que Heydrich e Wagner haviam chegado. Numa reunião com Heydrich, Himmler e Brauchitsch, o Führer assegurou a um inquieto Brauchitsch que as grandes campanhas de limpeza étnica só começariam depois que o exército tivesse entregue o poder executivo a uma administração civil. Ajustando-se a essas novas realidades, em 21 de setembro Brauchitsch informou aos comandantes de seu exército que o Führer ordenara que os *Einsatzgruppen* “cumprissem certas tarefas étnicas no território ocupado”. Ele preferiu não se estender sobre a natureza dessas tarefas, mas insistiu que sua execução ficaria “fora das responsabilidades” dos comandantes do exército. Reuniões frequentes com a Polícia de Segurança continuariam a garantir que as atividades

policiais não serviriam de obstáculo às operações do exército.[619](#)

Que Brauchitsch não estava satisfeito com a evolução dos acontecimentos ficou claro no dia seguinte, num encontro posterior com Heydrich. Brauchitsch voltou a insistir que o exército devia ser informado de todas as ordens dadas aos *Einsatzgruppen* e também deixou claro que queria que a ordem de Himmler para fuzilar “insurgentes” sem julgamento fosse revogada. Heydrich concordou em que a ordem fosse retirada e em abastecer o comando do exército com informação contínua sobre as atividades dos *Einsatzgruppen*. Ao mesmo tempo, reiterou suas críticas ao ritmo ostensivamente vagaroso dos processos da corte marcial. Brauchitsch se recusou a dar-lhe razão, mas declarou que, para acelerar os julgamentos, havia autorizado a instalação de tribunais militares adicionais. Ele não expressou quaisquer reservas sobre futuros programas de limpeza étnica e fuzilamentos, desde que a implementação desses programas ficasse adiada até que a administração militar da Polônia tivesse acabado, evitando assim uma situação em que a reputação dos exércitos ficasse obscurecida no exterior ou em que sua condição de poder executivo na Polônia fosse minada pela SS.[620](#)

Depois que Brauchitsch saiu, Wagner conseguiu extrair de Heydrich a garantia de que o mais notório *Einsatzgruppen*, sob o comando de Woyrsch, seria retirado da Polônia. Heydrich ficou profundamente contrariado. Wagner, por outro lado, estava exultante. Numa carta à esposa escreveu que tinha aplicado “um grande golpe a forças invisíveis”.[621](#)

Brauchitsch e Wagner haviam conseguido arrancar concessões de Heydrich, mas o alto comando do exército

estava errado se acreditava que Heydrich pretendia proceder de acordo com as regras deles. Embora, em setembro, lembrasse oficialmente aos comandantes dos *Einsatzgruppen* que as operações militares na Polônia não deviam ser perturbadas e ordenasse que o fuzilamento de insurgentes só deveria ser realizado “em casos de emergência”, Heydrich também ordenou que os homens não “sobrecarregassem” sistematicamente os tribunais militares na medida em que “eles não podem mais funcionar de forma adequada”. Pediu ainda que fosse mantido um registro de todas as sentenças proferidas pelos tribunais do exército, para que ele tomasse ciência de quaisquer julgamentos que não pedissem a pena de morte. Presumivelmente, pretendia manter esses registros como provas incriminadoras da ineficiência dos tribunais militares e para referência futura nas próximas rodadas de execuções.[622](#)

Como Brauchitsch jamais comunicou a seus comandantes militares em campanha quaisquer detalhes da decisão de Hitler de travar uma guerra étnica na Polônia, muitos entre o corpo de oficiais faziam objeções tanto ao caráter fortuito da violência dos *Einsatzgruppen* quanto ao que percebiam como um desafio da SS ao seu papel de único poder executivo nos territórios recentemente ocupados. O mal-estar acerca dos métodos da SS se transformou em crítica inequívoca e franca quando o comandante em chefe militar na Polônia, coronel-general Johannes Blaskowitz, condenou-os como “atrocidades, maus-tratos e pilhagens criminosos”, indícios dos “instintos animais e patológicos” da SS.[623](#)

Quando o parecer de Blaskowitz foi transmitido ao quartel-general do Führer em 27 de novembro de 1939, Hitler, furioso, expressou sua frustração com o “sentimentalismo

piegas” da Wehrmacht e respondeu às críticas de Blaskowitz concedendo anistia a todos que tinham cometido atrocidades contra a população civil da Polônia durante a invasão e dando fim à autoridade dos tribunais militares sobre a SS. Na realidade as queixas da Wehrmacht reforçaram a determinação de Hitler de que a emergente administração civil alemã na Polônia fosse antes um instrumento da política racial nazista que um obstáculo a ela.[624](#)

Construindo uma Nova Ordem Racial

Muito antes do início da campanha militar em setembro de 1939, tinha ficado claro para Heydrich que a Polônia seria tratada de modo diferente das duas áreas anteriores da expansão nazista, a Áustria e a Tchecoslováquia. Durante todo o verão, Hitler afirmara repetidamente que a guerra contra a Polônia acarretaria uma “severa luta racial”. Ao contrário de muitos comandantes da Wehrmacht que se iludiam sobre a verdadeira natureza do conflito, Heydrich compreendera de imediato as implicações e oportunidades contidas nas exortações de Hitler. A tarefa que tinha pela frente requeria tanto uma energia implacável em combater os inimigos da Alemanha quanto o desenvolvimento de programas políticos consistentes para implementar os vagos pronunciamentos ideológicos de Hitler. Heydrich também compreendia melhor que alguns dos oficiais superiores da Wehrmacht que os que implementassem os planos políticos de ação mais sintonizados com os desejos de Hitler seriam recompensados com um aumento de poderes para fazê-los cumprir.

Contudo, os planos para o que ia acontecer com a maioria dos poloneses continuavam incertos. Como Heydrich explicou durante um encontro com oficiais superiores da SS em Berlim a 7 de setembro, existia um consenso geral dentro do comando nazista sobre uma dissolução da Polônia independente e uma “neutralização” dos elementos antialemães por meio de prisões e fuzilamentos em massa. Fora isso, Hitler havia se decidido sobre pouquíssimas políticas concretas. Nesse ponto, a única certeza era que a

“população primitiva”, não imediatamente afetada pelas correntes operações de limpeza, “não receberia educação especial” e seria “suprimida de alguma forma”.[625](#)

Em 20 de setembro, na euforia de uma iminente vitória sobre a Polônia, Hitler aprovou as propostas da SS para o futuro da Polônia. Como Heydrich informou à sua equipe sênior e aos comandantes dos *Einsatzgruppen* no dia seguinte, em Berlim, e de novo em 29 de setembro, ficara decidido que a Polônia efetivamente desapareceria do mapa. O território polonês, agora sob controle nazista, seria dividido em três zonas etnicamente homogêneas: uma alemã, uma polonesa e uma pequena “reserva” judaica. As áreas de fronteira, outrora alemãs, da Prússia Ocidental, a região de Warthegau ao redor de Poznań (Posen) e a província ampliada da Alta Silésia deviam se tornar puramente alemãs por meio da expulsão de todos os poloneses, judeus e ciganos, e por meio do reassentamento de alemães étnicos vindos dos territórios da Europa Oriental que tinham caído recentemente sob controle soviético em cumprimento dos termos secretos do pacto Hitler-Stálin de 1939. A tarefa em si era imensa: nos territórios a serem levados para o Reich viviam 8,9 milhões de poloneses, 603 mil judeus e meros 600 mil alemães étnicos. Uma “Muralha Oriental”, um anel fortificado de assentamentos alemães, cercaria essas novas províncias alemãs, protegendo-as de poloneses de “língua estrangeira” e de zonas judaicas, devendo estas ser estabelecidas na parte mais distante, mais oriental da área agora controlada pelos nazistas.[626](#)

Heydrich tinha todas as razões para ver na decisão de Hitler por uma partilha em quatro partes a luz verde para maior rigor na execução dos planos da SS para um “desemaranhar” étnico na Polônia. Em função disso, seu

aparelho deu início aos preparativos para a deportação em larga escala de poloneses dos territórios incorporados, a ser realizada assim que a administração militar tivesse sido transferida para mãos civis.[627](#) Como um passo preliminar para a “solução do problema polonês”, os *Einsatzgruppen* deviam preparar listas adicionais de líderes importantes a serem enviados para campos de concentração, assim como listas dos diversos grupos profissionais e de classe média a serem expulsos para o “território remanescente” polonês, que logo seria conhecido como Governo Geral. Os “polacos originais” que restassem deviam ser gradualmente deportados da Prússia Ocidental para a “*gau*[628](#) de língua estrangeira” na região de Cracóvia, enquanto “elementos poloneses adolescentes” deviam ser utilizados como trabalhadores migrantes temporários.[629](#)

Em 6 de outubro, um dia depois de uma visita triunfante à recém-conquistada Varsóvia, Hitler se referiu publicamente a essas decisões quando declarou num discurso diante do Reichstag que a “tarefa mais importante” resultante do colapso da Polônia era o “reordenamento étnico da Europa do Centro-Leste.[630](#) Um dia após o discurso, atribuiu formalmente a Himmler a gigantesca tarefa de organizar esse reordenamento étnico, nomeando-o Comissário do Reich para o Fortalecimento da Nacionalidade Alemã (RKFDV), dando assim à SS uma segunda base de poder – além da polícia – em território polonês. Hitler confiou a Himmler duas tarefas inter-relacionadas: manter poloneses e judeus sob vigilância de modo a “eliminar” sua “influência perniciosa” e, deportando centenas de milhares deles de suas casas na Polônia Ocidental, criar a pré-condição para a segunda tarefa: a “repatriação” de centenas de milhares de alemães étnicos dispersos pela Europa Centro-Oriental,

pelos Estados bálticos e pela Rússia para os territórios recentemente anexados da Polônia Ocidental.[631](#)

A decisão de deixar o comando da SS encarregado do desemaranhar étnico dos territórios conquistados foi tão surpreendente quanto crucial. Por razões ideológicas, havia muito tempo Himmler e Heydrich vinham mostrando interesse pelos chamados *Volksdeutsche* - pessoas de descendência alemã vivendo fora das fronteiras do Reich, frequentemente como resultado do novo desenho dos mapas na sequência da Primeira Guerra Mundial. Mas até 1939 a SS não tivera experiência de trabalho prático de assentamento. Assim como em 1933-1934, quando os dois ganharam controle sobre a polícia política nos estados alemães sem qualquer experiência anterior de trabalho policial, Heydrich e Himmler tiveram de improvisar. O que assegurou a nomeação de Himmler como RKFDV foi basicamente sua confiabilidade ideológica, que parecia garantir uma rápida implementação dos desejos de Hitler.

A necessidade de reinstalar alemães étnicos dos Estados bálticos, agora ocupados pelos soviéticos, fez-se acompanhar pela decisão de longo alcance tomada por Hitler, no outono de 1939, de anexar os territórios da Polônia Ocidental, agora sob ocupação alemã, transformando-os permanentemente em espaço vital alemão (*Lebensraum*). As duas recém-criadas *Reichsgaue* Danzig-Prússia Ocidental e Wartheland, deviam ficar etnicamente limpas de polacos e judeus, que deviam ser deportados para a Polônia Central - o chamado Governo Geral - antes de serem substituídos por colonos de etnia alemã da União Soviética e da Europa Sul-Oriental. Isso não foi outra coisa senão uma ordem para uma redefinição e

reordenação revolucionárias das etnicidades centro e leste-europeias, afetando centenas de milhares de pessoas.

Quanto a Heydrich, a nova tarefa de desencadear uma violenta onda de engenharia étnica expandiu significativamente suas responsabilidades. O pretendido reassentamento de centenas de milhares de pessoas necessitava da criação de um aparelho novo e bastante grande sob controle de Heydrich. Seguindo ordens de Himmler, uma Agência Central para a Imigração (*Einwandererzentralstelle* ou EWZ) foi aberta em meados de dezembro, com sedes regionais em Posen (Poznań), Litzmannstadt (Łódź) e Gotenhafen (Gdynia). Com a ajuda de peritos raciais do Escritório Central de Raça e Assentamento, o órgão ia realizar testes raciais com alemães étnicos e decidir onde reassentá-los. Seu correlativo, também baseado em Posen, com escritórios subsidiários em outras cidades polonesas, era a Agência Central para a Emigração (*Umwandererzentralstelle* ou UWZ), que era responsável pela filtragem racial e expulsão de poloneses e judeus dos territórios anexados. Agora, os principais instrumentos de terror e reassentamento - a Polícia de Segurança, os *Einsatzgruppen*, o UWZ e o EWZ - estavam todos concentrados nas mãos do comando da SS.[632](#)

Embora a escala da tarefa à frente pudesse ter sido historicamente sem precedentes, os planos de ação empregados por Himmler e Heydrich não eram. Ondas mais ou menos coordenadas de manutenção da “pureza” étnica ou religiosa, com deportações e assassinatos, já tinham ocorrido em escala maciça na Europa Sul-Oriental entre a Crise Oriental da década de 1870, durante a qual uma violência antiotomana em grande escala irrompeu no

Cáucaso e nos Bálcãs, e o período que se seguiu imediatamente à Primeira Guerra Mundial, uma época durante a qual centenas de milhares de muçulmanos, cristãos armênios e ortodoxos gregos do Império Otomano foram expulsos ou assassinados. A ideia genuinamente moderna de criar nações-Estados etnicamente homogêneas por meio da repressão, expulsão e muitas vezes assassinato de minorias “supeitas” não foi de modo algum uma invenção nazista. Na realidade, estava de acordo com a lógica do darwinismo social e do positivismo sociológico – a ideia de que a sociedade humana pode ser aperfeiçoada por meio da quantificação científica, da classificação étnica e, se necessário, da separação violenta. Uma lógica similar já havia guiado os autores turcos do genocídio armênio e a forma como os bolcheviques abordavam os inimigos de classe. A principal diferença dessas iniciativas precedentes era que o projeto nazista de engenharia social e étnica não estava baseado nas categorias um tanto mais sólidas de religião ou classe. Estava, ao contrário, fundado no traiçoeiro conceito de raça, que deixava amplo espaço para diferentes interpretações. Enquanto Heydrich e o comando da SS em geral insistiam na rígida aplicação de critérios supostamente objetivos para a segregação racial, algumas autoridades civis na Europa ocupada assumiam uma postura mais flexível. O *gauleiter* de Danzig-Prússia Ocidental, Albert Forster, por exemplo, desafiou a política populacional da SS aplicando sua própria e um tanto singular interpretação da ordem de germanização de Hitler. Em vez de examinar zelosamente a população polonesa de Danzig-Prússia Ocidental com base em critérios raciais, ele simplesmente confiava nos poloneses que afirmavam ser descendentes de alemães e os declarava cidadãos do Reich,

germanizando assim seu domínio com grande rapidez e mínimo esforço, mas criando uma fonte contínua de conflito com a SS e Heydrich em particular, que viram na abordagem de Forster um severo perigo para a saúde racial do povo alemão.[633](#)

Temendo que a administração civil que devia substituir o regime de ocupação militar em 25 de outubro pudesse limitar sua liberdade de ação, Heydrich reiterou, em 14 de outubro, sua ordem inicial de que a “liquidação da liderança polonesa” na Polônia Ocidental deveria ser completada nas duas semanas seguintes.[634](#) De acordo com essas ordens, os *Einsatzgruppen* realizaram uma segunda onda de prisões e fuzilamentos em massa na Prússia Ocidental, tendo de novo como alvo professores, acadêmicos, ex-oficiais poloneses e membros de organizações nacionalistas, assim como os chamados Poloneses do Congresso, que eram os poloneses que, vindos do leste, haviam se deslocado para a Prússia Ocidental desde 1919. O número total de vítimas dessa segunda rodada de assassinatos e deportações na Prússia Ocidental não está claro, mas os homens da SS em campanha acreditavam que “aproximadamente 20 mil poloneses” havia sido “destruídos” naquele outono. Um adicional de 87 mil pessoas foram deportadas de Danzig-Prússia Ocidental em fevereiro de 1940.[635](#)

O terror e a limpeza étnica no sudeste da Prússia começaram um pouco mais tarde, em particular depois da chegada a Königsberg, em novembro, de um colega em quem Heydrich confiava, Otto Rasch. Nascido em 1891, ele havia estudado direito, filosofia e ciência política antes da Grande Guerra. Rasch tinha longa experiência em reprimir com violência os “inimigos do Reich”. Depois da guerra, no início dos anos 1920, havia se alistado nas campanhas dos

Freikorps contra insurgentes poloneses. Conhecido como dr. dr. Rasch, porque havia completado dois doutorados, ingressou na SS e no SD no início dos anos 1930 onde, graças à proteção de Heydrich, sua estrela subiu rapidamente. Logo se tornava chefe da Gestapo em Frankfurt. Heydrich reconheceu os “talentos” de sua atuação em campo e fez questão que ele participasse das campanhas do SD na Áustria, na Tchecoslováquia e na Polônia, onde atuou como assistente de Udo von Woyrsch. Após a chegada a Königsberg, no outono de 1939, Rasch sugeriu de imediato a execução de grandes contingentes de prisioneiros poloneses, a maioria deles saída da *intelligentsia*. Heydrich aprovou com satisfação, mas insistiu que as liquidações deviam ser “reservadas”, uma ordem implementada por Rasch por meio de execuções secretas de prisioneiros nas florestas sombrias ao longo da antiga fronteira entre a Prússia Oriental e a Polônia e no hoje abandonado quartel do exército polonês na cidade de Soldau.[636](#)

Os homicídios sistemáticos não se limitavam aos territórios incorporados. O que começou na Prússia Ocidental e em Warthegau no outono de 1939, e atravessou o sudeste da Prússia no inverno, chegou ao Governo Geral na primavera de 1940. A liquidação concentrada em poloneses que se destacavam pela instrução, nacionalismo ou condição social demonstrava que os nazistas eram capazes de matar aos milhares e estavam empenhados nisso. Completando esse objetivo estava o “reassentamento” de centenas de milhares, eventualmente até milhões de pessoas. A expulsão de “elementos indesejados” para o leste e sua substituição pela “valiosa

linhagem alemã” proporcionaria a base para o novo *Lebensraum* germanizado.

Embora os poloneses fossem as principais vítimas da primeira onda de assassinatos e deportações na Europa Oriental, a eclosão da guerra também teve um impacto dramático sobre o destino dos judeus que agora viviam sob domínio nazista. Como Hitler destacara em seu discurso triunfante no Reichstag, em 6 de outubro, a reordenação étnica da Polônia envolveria um esforço combinado para “definir e regularizar o problema judaico” de uma vez por todas.[637](#)

Mas como isso ia ser alcançado? Heydrich estava dolorosamente consciente de que, como resultado das recentes conquistas alemãs, a escala do “problema judaico” aumentara muitas vezes. No início da invasão alemã, a Polônia continha quase 3,5 milhões de judeus, de longe o maior efetivo de judeus vivendo num Estado europeu. Mais de três quartos deles moravam em vilas e cidades da Polônia, com 350 mil só em Varsóvia. No todo, mais de 2 milhões de judeus viviam em territórios da Polônia controlados pelos alemães em setembro de 1939, dos quais 300 mil fugiram para o leste durante a invasão alemã. Mas as singularidades não eram só quantitativas. Os judeus poloneses ortodoxos com que as tropas alemãs se depararam, com sua aparência e estilo de vida tradicionais, pareciam corresponder ao imaginário antisemita. Ao contrário dos judeus da Alemanha, na maior parte assimilados, os judeus poloneses ortodoxos eram facilmente identificáveis, falavam uma língua diferente e não tinham proteção de amigos ou parentes alemães. Além disso, a Alemanha estava agora em guerra e as “restrições” sob as quais nazistas radicais haviam operado desde 1933 não

mais se aplicavam. Desde o início da invasão alemã, os judeus ortodoxos poloneses tinham sido rotineiramente escolhidos para humilhação pública e ataques violentos. Dos 16 mil civis poloneses mortos durante as primeiras seis semanas da guerra, 5 mil eram judeus. Negócios e lares judeus eram especificamente visados tanto pela SS quanto pelas tropas regulares alemães que atravessavam cidades e povoações polonesas.[638](#)

Apesar dos esforços contínuos para promover a emigração judaica da Alemanha desde 1938, nem Heydrich nem ninguém mais do comando nazista havia entrado na guerra com uma concepção clara do que ia fazer com os judeus da Polônia. Até setembro de 1939, os programas de emigração forçada de Heydrich tinham levado a uma queda de mais da metade da população judaica do Reich - de pouco mais de 500 mil para 215 mil. Embora as conquistas de 1938 e 1939 tenham posto novas comunidades judaicas sob controle nazista - 180 mil judeus na Áustria e 85 mil na Boêmia e Morávia -, a mesma política também havia funcionado aí. Na eclosão da guerra, em setembro de 1939, cerca de metade dos judeus austríacos e tchecos havia fugido ou sido forçada a emigrar como resultado das operações de Eichmann. A Polônia mudou a equação completamente. Heydrich se viu agora nominalmente responsável por um adicional de 1,7 milhão de judeus poloneses, uma comunidade quase dez vezes maior que a do Antigo Reich em 1939.[639](#)

Tendo se chocado com esse problema, para o qual não se previa qualquer solução, Heydrich quis fazê-lo desaparecer o mais depressa possível. Já em 7 de setembro, sugeriu aos subordinados na sede da Gestapo, em Berlim, que a política judaica da SS na Polônia teria de incluir uma combinação de

expulsão forçada para a zona ocupada pelos soviéticos com o reassentamento de judeus dentro de um distrito especialmente criado, possivelmente na Galícia. Os demais “judeus poloneses”, que moravam na Alemanha, incluindo os de cidadania alemã, também deviam ser expulsos para leste o mais depressa possível. Imediatamente após essa reunião, a Polícia de Segurança recebeu ordens de implementar o plano de ação prendendo todos os judeus poloneses do sexo masculino que ainda moravam na Alemanha e confiscando suas propriedades. As ordens mencionavam que, “na medida do possível, judeus detidos que outrora possuíram cidadania polonesa serão, em determinado momento, impelidos para as regiões não ocupadas da Polônia”.[640](#)

Propostas mais concretas e de maior alcance emergiram nas duas semanas seguintes. Numa reunião com seus quadros de chefia em 14 de setembro, Heydrich relatou que Hitler estava naquele momento examinando propostas da SS com relação “ao problema judaico na Polônia”.[641](#) O plano de Heydrich para o estabelecimento de uma reserva na Polônia, sob controle alemão, para todos os judeus continuava no centro dessas propostas, uma ideia que seria também discutida por Heydrich e Göring dois dias depois.[642](#) Em 20 de setembro, durante um encontro com Himmler, Heydrich e o *gauleiter* de Danzig, Albert Forster, Hitler aprovou as propostas.[643](#) No dia seguinte, Heydrich pôde, portanto, comunicar a seus oficiais superiores que o Führer tomara uma decisão sobre a questão. Os judeus poloneses deviam ser concentrados em guetos urbanos, facilitando sua futura deportação para um destino ainda desconhecido, enquanto um número não especificado deveria ser deportado imediatamente pela nova linha de

demarcação teuto-soviética para a Polônia Oriental, ocupada pelos soviéticos. Assim que esses objetivos imediatos tivessem sido atingidos, Heydrich esperava dar início à deportação dos judeus e ciganos da Alemanha para a Polônia, um processo que, acreditava ele, poderia ser concluído dentro de um ano.[644](#)

O encontro de Heydrich com os líderes dos *Einsatzgruppen* em 21 de setembro marcou o ponto de partida dos mais sistemáticos programas antijudaicos nazistas na Polônia, programas que diferiam das matanças casuais das primeiras semanas da guerra. A ideia de Heydrich de concentrar os judeus em guetos nas cidades maiores, visando uma posterior deportação, ia se tornar um componente crucial da política antijudaica nazista. Contudo, ele nunca se preocupou muito em saber como a vida dos judeus ia ser organizada nos guetos urbanos que tinha em mente. Observou que as “concentrações de judeus nas cidades por razões gerais de segurança provavelmente resultarão em ordens proibindo expressamente os judeus de entrar em certas regiões da cidade e – em vista da necessidade econômica – impedindo-os, por exemplo, de deixar o gueto, de sair após determinadas horas etc.”. Mas ele estava dando sugestões, não ordens explícitas. “Obviamente as próximas tarefas não podem ser expostas em detalhes daqui”, ele concedeu numa declaração que seria aceita como verdade não somente para a guetização, mas também para muitas outras medidas futuras da política antijudaica nazista.[645](#)

A falta de interesse de Heydrich pelos detalhes de implementação dessa política se originava parcialmente do fato de que nunca se pretendia que a guetização fosse uma solução permanente. Era meramente uma condição

para facilitar as deportações futuras de judeus para um território ainda indeterminado nas extremidades mais distantes da esfera de influência alemã. Ao mesmo tempo, Heydrich não se importava muito se as vítimas das deportações viessem a enfrentar dificuldades com os “detalhes triviais” da guetização. Ele preferia pensar em termos grandiosos e deixar a implementação das políticas para seus ávidos subordinados ou para as autoridades locais.

No mesmo dia, numa tentativa de documentar a implementação ativa pela SS das visões antijudaicas de Hitler, Heydrich mandou uma circular detalhando as decisões mais importantes da reunião a todos os comandantes de forças-tarefas, assim como a várias entidades centrais do Terceiro Reich, incluindo o escritório de Göring para o Plano de Quatro Anos, o Ministério do Interior, o alto comando do exército e os chefes indicados para a administração civil na Polônia ocupada. Na circular, Heydrich distinguia claramente entre “medidas de curto prazo”, especialmente a concentração de judeus poloneses, e a “meta de longo prazo”: a deportação e expulsão de todos os judeus da região. Medidas de curto prazo significavam que a Sipo agruparia os judeus em guetos no “menor número possível de cidades”, ao longo das principais linhas ferroviárias, para facilitar futuras deportações. Por ora, cada comunidade ia constituir “conselhos de Sábios Judeus”, compostos de 24 homens em cada comunidade, que deviam ser tornados “plenamente responsáveis” pela execução de ordens alemãs. Todas as medidas deviam ser cumpridas em estreita colaboração com o exército e as autoridades alemãs locais. A “meta final” devia ser mantida “estritamente secreta”.[646](#)

Embora a carta de Heydrich não especificasse o que poderia ser esse “objetivo final”, ele deixou claro para os colegas mais próximos que estava planejando a deportação de todos os judeus do Grande Reich Alemão para uma reserva judaica e, finalmente, sua expulsão para a Polônia Oriental.[647](#) Danzig-Prússia Ocidental, Posen (Posnań) e a Alta Silésia Oriental deviam ficar, o mais breve possível, “livres de judeus”, enquanto no restante da Polônia ocupada, não ainda requerida para assentamento alemão, bastariam medidas “mais rudes”. A ser excluída dessas ordens estava a área a leste de Cracóvia, uma região que a essa altura Heydrich acreditava ser o local da futura reserva judaica.[648](#)

As ordens apressadamente redigidas de setembro de 1939 ilustram tanto as continuidades quanto novas guinadas no pensamento de Heydrich sobre o problema judaico. Por um lado, a emigração da Alemanha e a deportação dos territórios recém-ocupados, não o sistemático assassinato em massa, continuavam, de um modo geral, sendo a linha política. Por outro lado, sob o impacto da guerra, Heydrich estava cada vez mais preparado para tolerar, e mesmo incentivar, o assassinato de determinados judeus poloneses se isso servisse para aterrorizar outros, fazendo-os fugir pela linha de demarcação teuto-soviética. Mas logo se tornou evidente que expulsões gradativas não eram mais adequadas para lidar com os enormes contingentes de judeus poloneses com os quais Heydrich se defrontava. No final de setembro de 1939, o “objetivo final” da política antijudaica da SS envolvia uma combinação de guetização com deportações para um futuro “Estado judeu sob administração alemã”.[649](#)

Como a implementação dessa meta dependia em grande parte de fatores que escapavam ao controle de Heydrich - de considerações de política externa aos poderes extensos e ciosamente preservados dados por Hitler às novas administrações civis da Polônia -, os meses seguintes trouxeram inúmeros contratempos e ajustes dos planos da SS a novas realidades. Se, por exemplo, em 22 de setembro Heydrich ainda encarasse a área a leste de Cracóvia como a futura reserva judaica, seus planos teriam de ser alterados em seguida às negociações teuto-soviéticas sobre as futuras fronteiras entre os dois Estados. Quando em 25 de setembro Stálin propôs-se a transferir para a Alemanha o controle sobre a área ao redor da cidade de Lublin (então a leste da linha de demarcação teuto-soviética) em troca do controle soviético sobre a Lituânia, abriu a perspectiva de criar uma reserva judaica na nova fronteira da Alemanha com a União Soviética. Além disso, foi acordado que os alemães étnicos da esfera soviética seriam repatriados para território alemão.[650](#)

Em 29 de setembro, apenas um dia depois da ratificação formal do Tratado de Limites e Amizade Teuto-Soviético, Heydrich explicou a seus mais próximos subordinados em Berlim que os planos de um distrito judeu na Galícia tinham sido abandonados a favor de uma nova ideia: o estabelecimento de um Gueto do Reich no distrito de Lublin. O Gueto do Reich ia se tornar o novo lar de poloneses "indesejáveis" e de "todos os elementos políticos e judeus".[651](#) O plano revisto de Heydrich constituía uma tradução imediata dos desejos de Hitler, tendo o Führer explicado naquele mesmo dia ao chefe do Escritório de Política Externa do Partido Nazista, Alfred Rosenberg, que os territórios recentemente conquistados deveriam ser

divididos em três zonas: os judeus deviam ser instalados, juntamente com outros “elementos não confiáveis”, entre os rios Vístula e Bug, sobre a nova linha de demarcação teuto-soviética, com uma Muralha Oriental na margem do Vístula “protegendo” as áreas mais a oeste. Na Polônia Ocidental, ao longo da antiga fronteira teuto-polonesa, ele queria estabelecer uma ampla área de colonização e assentamento alemã. Um ainda indefinido Estado polonês no território intermediário ia se tornar o Governo Geral.[652](#)

Embora autorizados por Hitler, a deportação e os planos de assentamento continuaram difíceis de implementar pelo fato de o exército ser a única autoridade executiva nos territórios ocupados e de que Brauchitsch fazia objeções a uma remoção rápida dos judeus “por razões econômicas”. Na realidade, os *Einsatzgruppen* de Heydrich tendiam a ignorar as objeções do comando do exército, mas a intervenção do exército frequentemente significava uma impossibilidade de cumprir as ordens com a rapidez de que aqueles teriam gostado.[653](#) Milhares de judeus poloneses foram ainda assim obrigados a cruzar pela força o rio San, em direção ao território ocupado pelos soviéticos, antes do fim da administração militar, muitas vezes com o apoio ativo dos comandantes locais do exército. As deportações só terminaram em novembro, após repetidas queixas das autoridades soviéticas, que então faziam a emigração de colonos de etnia alemã depender do fim das deportações de judeus para seu território.[654](#)

Em 30 de setembro foram mantidas conversas paralelas entre Himmler e Brauchitsch, de um lado, e Heydrich e o chefe do Estado-Maior do exército, Franz Halder, de outro. Tanto Halder quanto Brauchitsch se queixaram de contínuos transtornos causados pela rápida deportação de judeus

poloneses para as cidades.[655](#) Heydrich se dobrou à pressão do exército e reiterou as ordens de 21 de setembro em outra circular para os comandantes de seus *Einsatzgruppen*: todas as medidas deviam ser tomadas na mais estreita cooperação com as autoridades militares locais. A decisão sobre o ritmo e a intensidade da deportação e concentração de judeus ainda permanecia nas mãos dos comandantes dos *Einsatzgruppen*, mas eles tinham de ser “discretos”.[656](#)

Embora essas concessões meramente afetassem o cronograma da planejada reordenação étnica da Polônia e não as práticas como tais, Heydrich não estava nada satisfeito. Em 3 de outubro, falou aos comandantes de seus *Einsatzgruppen* do “velho problema exército-SD”, que tinha “reaparecido em toda a sua seriedade”.[657](#) Três dias depois, veio à tona uma questão mais importante. Em 6 de outubro, o aparelho de Heydrich recebeu ordens de Hitler segundo as quais a primeira grande onda de deportações – a expulsão dos judeus de Kattowitz (Katowice) na Alta Silésia Oriental – deveria começar imediatamente. Nesse mesmo dia, Adolf Eichmann, então diretor da Agência Central para a Emigração Judaica em Praga, recebeu ordens de preparar a expulsão dos cerca de 80 mil judeus da Alta Silésia Oriental para leste, para o outro lado do rio Vístula. Judeus da vizinha Morávia-Ostrava, uma cidade na ponta oriental do protetorado, deveriam ser incluídos nas deportações.[658](#)

A deportação dos judeus da Alta Silésia Oriental foi planejada como mero teste inicial para um esquema de deportação muito mais amplo. Numa conversa com um colega em Viena, em 7 de outubro, e novamente dois dias depois durante uma reunião com o *gauleiter* da Silésia, Josef Wagner, Eichmann contou que Hitler tomara a decisão de

deportar a princípio 300 mil judeus do Antigo Reich e da Áustria. Eichmann recebera ordens, ou pelo menos foi o que disse a Wagner, de preparar um relatório para Heydrich sobre as primeiras deportações experimentais da Silésia. Com base nesse relatório, Hitler emitiria então uma ordem definitiva para uma “remoção geral”, em grande escala, dos judeus do Reich.[659](#)

Antes que esse plano maciço de deportação pudesse ser implementado, Eichmann tinha de encontrar um local adequado para seu “campo de trânsito”. Em 12 de outubro, ele e o comandante da Polícia de Segurança no protetorado, Walter Stahlecker, deixaram Varsóvia e rumaram para o leste, em busca de um local apropriado. Três dias depois, Eichmann deu o retorno a Berlim informando que o haviam encontrado na fronteira ocidental do distrito de Lublin, nos arredores da pequena cidade de Nisko, às margens do rio San.[660](#)

Em 17 de outubro, o primeiro transporte com quase mil judeus deixou Morávia-Ostrava em direção a Nisko. Dois dias depois chegou o primeiro trem de Viena, carregando 912 judeus austríacos, seguido por um segundo transporte da antiga capital austríaca com 672 deportados. Dois outros trens cheios de judeus vindos de Katowice e outro transporte saído de Morávia-Ostrava seguiram nos dias seguintes. Entre 20 e 28 de outubro, um total de 4.700 judeus foram deportados para Nisko.[661](#)

Quando o primeiro transporte chegou, brotou o caos. Nesse momento sequer existia o campo de trânsito em Nisko. Os primeiros deportados a chegar tiveram de atravessar de Nisko para a outra margem do rio San, para uma campina pantanosa perto da aldeia de Zarzecze, onde começaram a erguer barracões muito básicos. Na manhã

seguinte, os melhores trabalhadores foram retirados do grupo, enquanto os demais foram obrigados a marchar para leste e lhes disseram para jamais voltar. Os transportes que se seguiram foram tratados de modo semelhante.[662](#) Esse tratamento dos deportados, que envolvia uma pronta aceitação da morte de muitos deles nas campinas extremamente inóspitas ao redor de Nisko, estava inteiramente de acordo com os planos nazistas: nunca se pretendeu que Nisko se tornasse um lar permanente para os judeus da Europa Central, mas que fosse um campo de trânsito do qual os judeus expulsos de Katowice, Viena e Morávia-Ostrava deviam ser levados para a reserva judaica nos arredores de Lublin.[663](#)

Apesar de algum sucesso limitado, o programa de deportação terminou tão depressa quanto começara. Em 20 de outubro, Eichmann foi notificado pelo escritório de Heydrich em Berlim que as deportações deviam cessar imediatamente. Considerações militares de um futuro ataque à União Soviética podem ter desempenhado algum papel no processo de tomada dessa decisão.[664](#) Mais importante, porém, foi o gigantesco programa de reassentamento de Himmler, que começou a tomar forma no início de outubro e que tumultuou os planos para uma reserva judaica perto de Lublin. Os programas antijudaicos de deportação foram, portanto, entravados pela consideração mais ampla do reassentamento dos alemães étnicos na Polônia ocupada.[665](#)

Depois da conclusão de uma de uma série de acordos com países estrangeiros para reassentar alemães étnicos “vivendo no exterior”, os primeiros trens carregados de colonos alemães do Báltico chegaram a Danzig em 15 de outubro. Himmler e Heydrich esperavam instalar muitos

desses recém-chegados na Prússia Ocidental e no Warthegau e encontrar alojamentos e meios de vida para eles tinha prioridade sobre as deportações de judeus do Reich. Propriedades rurais polonesas nas áreas designadas para assentamento alemão deviam ser expropriadas e passadas aos colonos, com os ex-proprietários empurrados para a fronteira do Governo Geral. O objetivo das deportações de judeus da Alemanha para as partes restantes da Polônia estava então extremamente limitado. As deportações de Eichmann, que estavam concentradas no norte do protetorado e em Viena, não criavam espaço para colonos alemães onde Himmler e Heydrich mais precisavam dele. Por ora, portanto, tinha prioridade sobre a solução da questão judaica a consolidação do espaço vital recentemente adquirido na Polônia Ocidental por meio do reassentamento alemão.[666](#)

Embora os planos iniciais de deportação de Heydrich tivessem fracassado, ele não perdeu tempo se ajustando à nova situação. Em 28 de novembro, apresentou seu primeiro “plano de curto prazo” (*Nahplan*) assim como um “plano de longo prazo” (*Fernplan*). Segundo o plano de curto prazo, a ser aplicado somente ao Warthegau como área-alvo fundamental de reassentamento de alemães étnicos vindos da Europa Oriental, “devem ser deportados poloneses e judeus em número suficiente para proporcionar alojamento aos alemães bálticos que estiverem chegando”. Para atingir esse objetivo o mais depressa possível, deviam ser expulsas 5 mil pessoas por dia.[667](#) O plano de longo prazo continuava a destacar como objetivo essencial a deportação de todos os judeus e poloneses politicamente “não confiáveis” para o Governo Geral, seguida pela

“filtragem racial” e subsequente deportação gradual da população polonesa restante dos territórios anexados.[668](#)

Mesmo que a remoção de poloneses indesejados e sua substituição por colonos alemães fosse o objetivo fundamental de seu plano de curto prazo, Heydrich não havia de modo algum esquecido a questão judaica, fosse na Polônia ou em casa. Em 21 de dezembro, anunciou que decidira nomear Eichmann como seu assessor especial para “tratar das exigências da Polícia de Segurança no cumprimento das evacuações no leste”. Apesar do fracasso do plano Nisko, ele obviamente sentiu que Eichmann tinha a perícia e a energia necessárias para levar esse importante projeto a uma conclusão bem-sucedida.[669](#) Nesse mesmo dia, Heydrich divulgou uma versão revisada de seu plano de curto prazo, que descrevia mais claramente aqueles contra quem as acima mencionadas exigências da Polícia de Segurança seriam primariamente dirigidas: dentro dos primeiros meses de 1940, Eichmann ia assegurar que 600 mil judeus dos territórios anexados, “sem levar em consideração idade e sexo”, fossem deportados para o Governo Geral. Nenhuma protelação deveria ser concedida para atender a argumentos de empregadores sobre indispensabilidade econômica.[670](#)

Só algumas semanas depois, Heydrich pôs uma nova ideia na mesa: presidindo um encontro de alto nível com altos funcionários policiais do leste em Berlim, ele observou que entre 800 mil e 1 milhão de trabalhadores agrícolas poloneses (além dos prisioneiros de guerra poloneses) eram necessários como trabalhadores rurais temporários no Reich. O Governo Geral, já apinhado de deportados, ia receber outros 40 mil judeus e poloneses dos territórios anexados para abrir espaço para mais alemães bálticos. Isso

seria seguido por “outra limpeza improvisada” de 120 mil poloneses para dar espaço aos alemães da Volínia.[671](#) Como Himmler havia proibido a deportação de quaisquer poloneses que pudessem ser de origem alemã, só os Poloneses do Congresso deviam ser afetados. Uma filtragem racial daqueles poloneses considerados capazes de germanização se seguiria no futuro. Após a deportação de um total de 160 mil poloneses para o Báltico e da vinda de alemães da Volínia, Heydrich explicou, começaria, presumivelmente no final da primavera ou início do verão de 1940, a “evacuação” para o Governo Geral de todos os judeus e ciganos dos territórios orientais recentemente anexados e do Antigo Reich.[672](#)

Na realidade, as ambiciosas tentativas de Heydrich de encontrar uma solução final para o problema judaico por meio de expulsões para o território polonês fizeram pouco progresso. Desde que Hitler declarou a Rosenberg, no final de setembro, que todos os judeus, incluindo os do Antigo Reich, deviam ser mandados para a região entre o Vístula e o Bug, e desde as ordens de Himmler, de 30 de outubro, para deportar até o final de fevereiro de 1940 todos os judeus dos territórios anexados, muito pouco fora realizado. A deportação de judeus do Antigo Reich fora adiada para uma data ainda desconhecida e a prioridade era dada à deportação de poloneses e judeus dos territórios incorporados, onde era extremamente necessário espaço para novos colonos alemães.[673](#)

Mesmo nesse caso, no entanto, restava um problema capital: os funcionários nas áreas receptoras, mais particularmente o poderoso governador do Governo Geral, Hans Frank, continuavam a se opor a esquemas de reassentamento em grande escala em seus domínios. Frank

se recusava a administrar um “depósito de refugio” social e aspirava, em vez disso, a criar uma colônia alemã modelo, uma ambição que requeria a *expulsão* de judeus do Governo Geral. Parcialmente por razões raciais e de prestígio, e parcialmente porque seu Governo Geral já estava superpovoado, ele pressionou vigorosamente por um fim das deportações. Heydrich tentou repelir essas objeções, argumentando que várias centenas de milhares de judeus poderiam ser postas em campos de trabalho para construir a Muralha Oriental.[674](#)

Em fevereiro de 1940, Frank buscou a ajuda de um poderoso aliado: Hermann Göring. Durante um encontro com Himmler na casa de campo de Göring, Carinhall, Frank afirmou que a pressão do comando da SS pelo reassentamento estava levando ao caos, insistindo que os suprimentos de alimento da província estavam visivelmente ameaçados e que a economia do Governo Geral estava em farrapos. Esses argumentos, apoiados numa avaliação mais realista da área que a de Heydrich e Himmler, deram resultado. A prioridade básica, Göring acreditava, era fortalecer o potencial de guerra do Reich e, de má vontade, Himmler teve de conceder que só seriam realizadas novas deportações com o consentimento de Frank. Nesse mesmo dia, porém, homens de Heydrich em Stettin arrebanharam 1.200 judeus alemães, alguns com mais de 80 anos, e os transportaram para o Governo Geral. As queixas que se seguiram do governador do distrito de Lublin provocaram uma resposta rápida. Em 12 de março de 1940, Hitler declarou que o problema judaico era um problema de espaço e que ele não tinha nenhum à sua disposição. Menos de duas semanas depois, em 24 de março, Göring proibiu

oficialmente quaisquer novas deportações para o Governo Geral.[675](#)

A situação era profundamente frustrante para Heydrich, que tentou encobrir essa nova derrota intensificando mais uma vez o processo de emigração judaica do Reich. Privado da opção de deportar de imediato os judeus para o Governo Geral, o RSHA de Heydrich emitiu um decreto em 24 de abril de 1940 anunciando que a emigração de judeus alemães ia “ser intensificada durante a guerra”.[676](#)

Seis meses depois da invasão da Polônia, Heydrich tinha poucos motivos para estar contente. Por um lado, a SS havia emergido como o dispositivo fundamental no policiamento e reorganização racial dos recém-ocupados territórios poloneses. O progresso feito, no entanto, foi mais que compensado pelos reveses que Heydrich havia experimentado no outono e no inverno de 1939. A Wehrmacht utilizara com êxito as atrocidades polonesas como argumento contra qualquer envolvimento da SS no *Front* Ocidental. Além disso, a solução da questão judaica no Antigo Reich fizera pouco progresso e o problema de encontrar uma área de recepção para os deportados dos territórios poloneses anexados continuava sem solução. Quando muito as experiências na Polônia ensinaram a Heydrich que, embora no papel seus poderes fossem amplos e crescentes, a implementação dos planos de ação da SS frequentemente fracassava diante das realidades do período de guerra e da oposição de poderosos *gauleiters* nazistas e de corporações militares que protegiam ciosamente seus próprios interesses. As experiências de Heydrich na Polônia confirmavam sua suspeita de que faltava tanto ao comando do exército quanto aos Velhos Combatentes, agora encarregados da administração civil, o

necessário compromisso para uma implementação intransigente da ideologia nazista como ele a compreendia. Não se podia contar com eles. Por ora, contudo, as realidades políticas forçavam-no a fazer de má vontade o que ele mais detestava: conciliar.

Terror na Frente Interna

Desde o início da Segunda Guerra Mundial, Heydrich imaginava o conflito como uma batalha em duas frentes: a luta implacável contra raças e nações alheias no campo de batalha e um combate intransigente a todos os inimigos internos no país. Sua obsessão com a frente interna datava de 1918 e da Revolução de Novembro, que tinha vivido como adolescente em Halle. Imediatamente depois da tomada do poder na Baviera, em março de 1933, ele confiscara e estudara as extensas fichas policiais da República Soviética de Munique de 1919. Elas reforçaram sua convicção de que a Alemanha Imperial fora fatalmente minada pelo derrotismo, pelo moral baixo e pela oposição política na frente interna. Eliminar o potencial de revolução, Heydrich afirmou, significava fortalecer a capacidade da Alemanha de ganhar a guerra. Dessa vez, não haveria punhalada nas costas nem rendição.[677](#)

Assim que a guerra irrompeu, Hitler encarregou Himmler da manutenção “a qualquer custo” da ordem na Alemanha. No mesmo dia, 3 de setembro de 1939, Heydrich divulgou seus “Princípios da Segurança Interna do Estado durante a Guerra”, uma diretiva em que já vinha trabalhando havia algum tempo na expectativa do ataque militar à Polônia. As ordens de Heydrich destinavam-se a assegurar a “mobilização coordenada” de todas as forças de segurança contra “qualquer ruptura e subversão” do esforço de guerra alemão.[678](#)

Sem a rigorosa implementação dessa tarefa, Heydrich insistia, as metas e objetivos gerais do Führer não podiam

ser atingidos. Era necessária uma abordagem “impiedosa” ante a ameaça do derrotismo: “Qualquer tentativa de subverter a unidade e a disposição de combate do povo alemão deve ser impiedosamente reprimida. É particularmente indispensável prender de imediato qualquer pessoa que expresse dúvidas sobre a vitória do povo alemão ou que desafie a justa causa da guerra”. Contudo, Heydrich também pedia tolerância nos casos em que alemães que haviam perdido membros da família no *front* ou que tinham outros motivos “compreensíveis” para o sofrimento pessoal faziam declarações críticas sobre o regime. Em tais casos, nos quais os ataques eram um evento pontual, a advertência pessoal ou outra forma de “intimidação” seriam suficientes para reintegrar o infrator na comunidade do povo ou *Volksgemeinschaft*. Ao mesmo tempo, não devia pairar dúvida para a pessoa em questão de que ele ou ela poderiam esperar o pior se fossem encontrados repetindo esse comportamento. Gente que repetia os ataques, criminosos comuns e pessoas agindo por convicção ideológica não deveriam esperar clemência. Comandantes de polícias locais receberam ordens de levar imediatamente esses casos ao conhecimento de Heydrich, para que ele pudesse ordenar pessoalmente, se necessário, sua “brutal liquidação”.[679](#)

A instituição criada por Heydrich para coordenar o terror na frente interna e nos territórios ocupados durante os anos vindouros foi o Escritório Central de Segurança do Reich (RSHA), formalmente estabelecido em 27 de setembro depois de muitos meses de preparação. Isso foi efetuado pela combinação da Sipo (a Gestapo e a polícia criminal) com o SD. O RSHA constituía um novo tipo de instituição: uma fusão entre a polícia política, um órgão tradicional de

repressão estatal que já existira durante a República de Weimar, e uma agência partidária mais recente de repressão, o SD. Ao contrário de um aparelho de polícia convencional, o objetivo do RSHA não era meramente perseguir criminosos, mas também depurar preventivamente o Estado e a sociedade de inimigos políticos e raciais, agindo assim como instrumento fundamental para a criação de uma utópica Nova Ordem.[680](#)

A criação do RSHA foi em grande parte motivada por duas considerações que tinham amadurecido na mente de Heydrich e de Himmler durante os anos precedentes: primeiro ela deixaria a SS um passo mais perto do estabelecimento de um órgão de terror plenamente integrado, um corpo de proteção do Estado compreendendo a Gestapo, a polícia criminal e o SD. Em segundo lugar, a criação de um novo órgão estatal resolveria o velho problema de financiar o sempre crescente SD. Desde 1931, a tesouraria do Partido Nazista havia pago seus salários e despesas correntes de forma desordenada. Heydrich estava plenamente ciente de que a independência do financiamento do partido significava independência da intervenção do partido e, por conseguinte, aumento do poder. Ao incluir o SD no novo RSHA, ele esperava financiar o SD com recursos públicos, possibilitando assim expandir a escala de suas operações, tornando-o menos dependente da administração do Partido Nazista.[681](#)

O lançamento oficial do RSHA no outono de 1939 foi precedido por considerável conflito interno. Em fevereiro de 1939, Heydrich havia mandado que Walter Schellenberg, a jovem estrela em ascensão do SD, trabalhasse a ideia de uma reorganização institucional da Polícia de Segurança e

do SD - um projeto em que o assistente de Heydrich, Werner Best, como chefe da Polícia de Segurança, também vinha se empenhando havia algum tempo. Schellenberg era sete anos mais novo que Best, mas não menos ambicioso, e os dois costumavam ser vistos como concorrentes dentro do aparelho de Heydrich. Nascido em Saarbrücken, perto da fronteira franco-alemã, em 1910, como o último dos sete filhos de um rico fabricante de pianos, Schellenberg passara a infância em Luxemburgo. Retornara à Alemanha na segunda metade dos anos 1920, onde estudou medicina e direito em Marburg e Bonn. Durante o período que passou em Bonn, Schellenberg foi abordado por dois de seus professores, que atuavam como agentes de recrutamento para o SD. Schellenberg aproveitou logo a oportunidade. Bonito, inteligente e elogiado por seus superiores no SD como decidido e idealista, chamou logo a atenção de Heydrich, que lhe confiou duas tarefas de particular importância: em 1938, Schellenberg acompanhou Himmler e Heydrich a Viena para confiscar material do serviço secreto austríaco; no ano seguinte, foi encarregado da missão, politicamente delicada, de sequestrar dois agentes secretos britânicos da Holanda neutra. Portanto não foi surpresa - embora o fato possa ter sido visto como um insulto por Werner Best - que Heydrich pedisse a Schellenberg para preparar um estudo conceitual sobre a futura fusão entre o SD e a Polícia de Segurança.[682](#) Em 5 de julho, Schellenberg apresentou a Heydrich um estudo programático abrangente, no qual sustentava que as responsabilidades do SD deviam permanecer claramente distintas e autônomas frente às da polícia política: ao contrário da Polícia de Segurança e sua abordagem caso a caso na perseguição de criminosos, o SD ia se concentrar

em prevenir o crime antes que ele ocorresse, notadamente pela vigilância de todos os potenciais adversários do nazismo, tanto no interior quanto fora das fronteiras do Reich. Em essência, o estudo de Schellenberg estava voltado para impedir a absorção do SD pela Polícia de Segurança, embora ao mesmo tempo defendendo uma melhoria da posição financeira da organização, que dependia antes de subsídios do partido que de pagamentos mais confiáveis do tesouro público.[683](#) Ainda num memorando de fevereiro de 1939, Schellenberg reiterava esse ponto, sustentando que a polícia devia ser absorvida pela instituição partidária do SD “e não o contrário” – um argumento dirigido contra Werner Best.[684](#)

A resposta de Best veio rapidamente. Poucos dias depois, ele apresentou a Heydrich e Schellenberg uma contraproposta diametralmente oposta à ideia de Schellenberg: o SD, Best insistia, devia ser integrado numa Polícia de Segurança alemã, o que equivaleria a uma tomada *de facto* do SD pela Gestapo. Ainda mais divergente do ponto de vista de Schellenberg era a insistência de Best num sistema de treinamento uniforme para o futuro corpo de comando da Polícia de Segurança, um sistema de treinamento em que um diploma universitário em direito – a qualificação tradicional para o serviço público alemão de nível superior – seria compulsório. Rejeitando o argumento de Schellenberg de que o compromisso ideológico do comando da polícia era mais importante que seu treinamento legal com “a arrogância e a visão curta de uma guarda pretoriana centrada em si mesma”, Best insistia em qualificações formais como pré-condição para posições de comando no futuro RSHA, uma postura que levou a extremas tensões com o SD. Ao contrário de Best, que fora

juiz na República de Weimar, muitos chefes do SD não tinham formação em direito (embora tivessem com frequência diplomas universitários em outras disciplinas, como história, filosofia ou literatura), e Schellenberg interpretou corretamente a descrição feita por Best do comando do SD como um ataque a ele próprio.[685](#)

Heydrich alinhou-se com Schellenberg e anotou na margem do trabalho de Best que o treinamento orientado para a prática, não estudos legais, devia formar a base do futuro treinamento do comando da Polícia de Segurança.[686](#) Não deixou dúvidas de que não queria que advogados e burocratas dirigissem a Polícia de Segurança da Alemanha nazista. Como explicou ao chefe da Polícia da Ordem, Kurt Daluege, sempre havia insistido em “fazer os advogados voltarem para o seu lugar, isto é, para o papel convencional de assessores jurídicos”.[687](#) Era o SD, ideologicamente comprometido e politicamente radical, que devia conduzir a Polícia de Segurança, visto que a luta contra inimigos raciais e ideológicos tinha de estar colocada em mãos confiáveis. Preocupações administrativas e reservas legais só serviriam para dificultar o combate do regime a seus inimigos.[688](#)

Em essência, os conflitos internos de 1938-1939 giravam em torno de saber se o futuro comando do aparelho de repressão nazista devia ficar com advogados ou “combatentes políticos”.[689](#) Depois que Heydrich rejeitou suas propostas, Best não hesitou em tornar público o conflito interno - um grave erro estratégico que comprometeria seriamente o relacionamento com Heydrich. Em dois artigos, publicados no *Deutsches Recht* e no *Deutsche Allgemeine Zeitung*, Best reiterou o ponto de vista de que, no topo da futura Polícia de Segurança alemã, deviam estar advogados.[690](#)

Heydrich ficou furioso com a decisão de Best de tornar pública a controvérsia interna e a questão acabou levando ao término da trajetória comum da carreira dos dois: no verão de 1940, Best deixou o RSHA e foi para Paris, onde se tornou chefe da administração civil da Wehrmacht. Seus caminhos só voltariam a se cruzar em maio de 1942 e mesmo então Best perceberia que Heydrich nem se esquecera dele nem o perdoara.[691](#)

Sediado no quartel-general da Gestapo na Prinz-Albrecht-Strasse, em Berlim, o RSHA consistia de seis (e, de março de 1941 em diante, sete) departamentos bastante grandes. O centro administrativo do RSHA era o Departamento I (*Organisation, Verwaltung, Recht*), dirigido por Werner Best até sua partida de Berlim em 1940, o único departamento em que o antigo pessoal da Gestapo e do SD trabalhavam lado a lado.[692](#)

O Departamento II (*Gegnerforschung*) estava concentrado basicamente na investigação “científica” de grupos ideológicos inimigos dentro e fora do Reich. Heydrich tinha havia muito se convencido de que uma compreensão fundamental das estruturas internas, convicções políticas e métodos de trabalho dos grupos inimigos era uma pré-condição essencial para combatê-los. O Departamento II refletia essa convicção. Sua equipe analisava documentos confiscados e elaborava memorandos sobre as origens, composição e objetivos de grupos inimigos amplamente definidos. Sob o comando do professor de sociologia Franz Alfred Six, um homem que continuou pesquisando e publicando seus trabalhos durante toda a Segunda Guerra Mundial, ele também exercia uma influência significativa sobre nomeações universitárias e sobre o recrutamento de

novos quadros dirigentes com formação acadêmica para o SD.[693](#)

O Departamento III (*Deutsche Lebensgebiete*) era em grande parte idêntico ao SD Interno, o departamento de Heydrich para a coordenação da espionagem doméstica. Sob o comando de Otto Ohlendorf, estava agora dividido em quatro subdepartamentos responsáveis por checar informações sobre questões de etnicidade, direito, cultura e economia. E, o que é mais importante, o departamento de Ohlendorf periodicamente compilava o “Meldungen aus dem Reich”, relatórios detalhados sobre o estado de espírito geral da população alemã, atividades de resistência e outros perigos potenciais à paz doméstica, que serviam como importante fonte de informação para o comando nazista.[694](#)

Enquanto os Departamentos II e III serviam basicamente como centros de estudos dentro do aparelho de terror de Heydrich, os Departamentos IV (*Gegnerbekämpfung*) e V (*Kriminalpolizei*) atuavam como seus braços executivos. O Departamento IV, a Gestapo, continuou seu trabalho operacional sob o comando de Heinrich Müller e desempenhou um papel central dentro do RSHA. Responsável por combater ativamente inimigos políticos por meio de prisões, estava dividida em cinco subdepartamentos: inimigos políticos (A); denominações religiosas, judeus, maçons, emigrantes, pacifistas (B); prisão preventiva (C); territórios ocupados (D) e uma seção especial para coordenação com a organização de inteligência militar, a Abwehr (E). Paralelamente aos encargos do departamento de prisão preventiva (o internamento de “criminosos” nos campos de concentração), uma seção específica, a seção B4 de

Eichmann, tratava de assuntos relacionados às expulsões de judeus e, mais no final da guerra, ao seu extermínio.[695](#)

A tarefa claramente definida de perseguir inimigos políticos e raciais do regime nazista deu ao Departamento IV uma nítida vantagem frente ao SD e ao Departamento V, onde faltava pessoal. Este era a antiga Agência de Polícia Criminal do Reich, sob a direção de Arthur Nebe, responsável por assuntos relacionados à “prevenção do crime” e à prisão de criminosos “comuns”, embora a análise cada vez mais biológica dos criminosos embaçasse as áreas de responsabilidade entre a Gestapo e a polícia criminal.[696](#)

Com um total de 38 seções, o Departamento VI (*SD Ausland*), responsável pela coleta de inteligência no exterior, era o maior – mas de modo algum o mais poderoso – departamento dentro do RSHA. Inicialmente sob o comando do jovem ex-advogado Heinz Jost, depois sob a direção de Walter Schellenberg, o departamento era incrivelmente amadorista, com limitada experiência em espionagem e desfrutava de muito pouco êxito. Embora as redes de espionagem estivessem organizadas em países neutros, como a Suíça, a Suécia, a Espanha e Portugal, assim como no sudeste da Europa, sua atuação mal era percebida na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na União Soviética. Numa tentativa desesperada de obter algum êxito, o Departamento VI chegou a abrir um bordel em Berlim, o Salon Kitty, onde diplomatas estrangeiros e suspeitos de espionagem dentro da burocracia nazista eram envolvidos com prostitutas e suas conversas, secretamente gravadas. Nada de extraordinário jamais foi revelado.[697](#)

A estrutura do RSHA refletia a tentativa de Heydrich de impedir a duplicação de responsabilidades entre departamentos específicos, que tinha levado a muitas

rivalidades e conflitos no passado, mais especificamente entre a Gestapo e a polícia criminal, mas também entre a Polícia de Segurança e o SD. Enquanto a Gestapo agora se concentrava basicamente em assuntos de repressão política (dirigida tanto contra alemães como contra estrangeiros vivendo no Reich), a polícia criminal passava a ser responsável pela intervenção em áreas definidas, como a dos crimes econômicos, e pelo combate a abortos e à homossexualidade. Medidas “preventivas” contra elementos antissociais e criminosos estavam também agora entre as responsabilidades da polícia criminal.[698](#)

O RSHA tornou-se a organização central do terror nazista durante a Segunda Guerra Mundial, mas avaliado em comparação às ambições originais de Heydrich de fundir o SD, a Gestapo e a polícia criminal num corpo de proteção do Estado fortemente integrado era uma instituição heterogênea: funcionários policiais com experiência em trâmites legais trabalhavam ao lado de chefes do SD, mas o SD continuava a ser financiado pela caixa do partido, enquanto a Polícia de Segurança era financiada pelo Estado. Esse RSHA não era o aparelho fortemente articulado e organizado de maneira uniforme com que Heydrich contara, mas um teto institucional para as diferentes instâncias do aparelho de repressão nazista, ainda que dirigido por uma administração única e sob o comando unificador de Heydrich.[699](#)

Com um total de 3 mil empregados, incluindo secretárias, funcionários subalternos e um quadro de comando de aproximadamente 400 homens (e uma mulher) como chefes de seções ou de departamentos específicos, o RSHA não era uma instituição gigantesca, mas se distinguiu fundamentalmente da administração tradicional em termos

de objetivo, *ethos* institucional e composição do pessoal: 77% de seus quadros de comando tinham nascido depois de 1900, a maioria vinha de famílias de classe média, dois terços haviam completado um curso universitário e um terço tinha um diploma de doutor, geralmente em direito, mas também em literatura, história, teologia e filologia. O RSHA era, portanto, uma instituição para pessoas em ascensão social, não para fracassos sociais. Contudo, apesar da preferência por ter membros com bom nível de instrução na equipe, Heydrich era também conscientemente anti-intelectual. A cultura tinha de ser política. O valor das ideias só podia ser provado pelas ações. O que Heydrich queria era a criação de uma vanguarda ou “administração combatente” comprometida em termos ideológicos, uma elite que não apenas projetaria novas políticas, mas também as colocaria em prática. Ações, não palavras, eram o que importava. A maioria dos membros do corpo dirigente do RSHA, por exemplo, serviu tanto em funções administrativas de nível superior em Berlim quanto como chefes dos *Einsatzkommandos* no curso da guerra. Nesse sentido, o RSHA era tanto uma organização flexível, modificando e reorganizando constantemente seus departamentos, quanto uma instituição versátil, cuja equipe frequentemente recebia ordens de cumprir diferentes tarefas, de encargos de administração em Berlim a participação em combates e massacres em campanha.[700](#)

A imperfeita estrutura organizacional do RSHA de modo algum diminuía o radicalismo de seus empregados. Pelo contrário, a flexibilidade da estrutura administrativa criava espaço para a competição entre diferentes seções e departamentos, levando a iniciativas cada vez mais radicais. Heydrich se gabava publicamente de ter criado um

aparelho de polícia que era composto de “nazistas ideologicamente comprometidos”, “soldados políticos” da “frente oculta”, uma instituição que reunia sob o mesmo teto análise de problemas políticos, organização operacional e implementação.[701](#)

Logo após a criação do RSHA, o aparelho de terror reestruturado de Heydrich se defrontou com seu primeiro grande desafio. Na noite de 8 de novembro de 1939, às 9h20, uma bomba explodiu na Bürgerbräukeller[702](#) de Munique, cenário dos discursos comemorativos anuais de Hitler nos aniversários de seu fracassado golpe de 1923. A explosão, que aconteceu logo depois de o Führer ter deixado o prédio, matou oito pessoas e feriu dezenas. Se, preocupado com o mau tempo, não tivesse abreviado o discurso para tomar mais cedo o avião de volta a Berlim, Hitler também teria morrido na explosão. O homem responsável pela tentativa de assassinato foi capturado naquela mesma noite: Georg Elser, um marceneiro de 38 anos, foi preso quando tentava cruzar a fronteira entre a Alemanha e a Suíça. Em vista da delicadeza política do caso, Heydrich e Himmler se encarregaram pessoalmente das investigações.[703](#)

Embora durante os interrogatórios Elser repetisse que tinha planejado e realizado a tentativa de assassinato sem qualquer assistência, Heydrich e os oficiais da Gestapo que investigavam o caso duvidaram a princípio do que ele dizia. Julgavam, na realidade, que se tratava de uma conspiração contra Hitler orquestrada pelo Serviço Secreto de Inteligência britânico.[704](#) Coincidentemente, no dia seguinte, um comando do SD liderado por Walter Schellenberg sequestrou dois agentes britânicos do SIS,[705](#) Sigismund Payne Best e Richard Stevens, na cidade de

Venlo, na fronteira holandesa, e levou-os para serem interrogados em Berlim. Heydrich equivocadamente presumiu que o SD havia penetrado numa operação secreta britânica que teria por objetivo a eliminação de Hitler – uma presunção que refletia sua queda por histórias de espionagem e teorias conspirativas, e que não era sustentada por qualquer evidência sólida.[706](#)

Elser foi levado para o campo de concentração de Sachsenhausen, onde foi assassinado no início de 1945, pouco antes da libertação do campo pelo Exército Vermelho. Seu destino foi compartilhado por um número crescente de pessoas. Entre agosto de 1939 e a primavera de 1942, o número de internos em campos de concentração (excluindo os que estavam nos campos da morte, construídos mais a leste, do final de 1941 em diante) subiu de cerca de 21 mil para pouco menos de 80 mil, sendo a maioria dos recém-chegados constituída de não alemães.[707](#)

Para enfrentar esse novo influxo, quatro novos campos de concentração – Auschwitz, Neuengamme, Gross-Rosen e Natzweiler – foram construídos entre a eclosão da guerra e a primavera de 1941, somando-se aos seis campos que já existiam no Grande Reich Alemão antes de setembro de 1939: Sachsenhausen, Dachau, Mauthausen, Flossenbürg, Buchenwald e o campo de mulheres em Ravensbrück. As condições de vida nesses campos cada vez mais superlotados deterioravam-se rapidamente: as rações alimentares diminuía substancialmente, os maus-tratos se tornavam mais disseminados e as taxas de mortalidade nos barracões de presos subia sem parar.[708](#)

Embora continuasse a estar encarregado “apenas” do internamento e soltura de prisioneiros e não da vida nos campos em si (que continuava sendo responsabilidade de

Theodor Eicke), Heydrich estava extremamente envolvido na questão de como os inimigos do Estado deveriam ser tratados depois de aprisionados. Em janeiro de 1941, ele estabeleceu três categorias de campos de concentração, que se destinavam a refletir tanto “a personalidade dos prisioneiros quanto o grau de perigo que representavam para o Estado”. Os chamados prisioneiros “menos comprometidos”, que Heydrich considerava “capazes de melhoria”, eram mandados para Dachau, Sachsenhausen e Auschwitz, dos quais o último serviu inicialmente como um campo de concentração “categoria I”, só se tornando um campo de extermínio em pleno funcionamento no início de 1942. Os internos mais “seriamente comprometidos”, cuja reeducação levaria mais tempo, eram enviados para os campos de “categoria II”, isto é, Buchenwald, Flossenbürg e Neuengamme. O único campo “categoria III”, Mauthausen, estava reservado para prisioneiros “seriamente comprometidos”, que dificilmente seriam capazes de se reintegrar na comunidade do povo. Na verdade, Mauthausen mostrou ser o campo dentro do Reich alemão com as mais severas condições de vida para os internos e as mais altas taxas de mortalidade.[709](#)

Os campos de concentração não eram as únicas instituições penais para os que fossem presos pelos homens de Heydrich ou pela Polícia da Ordem de Kurt Dalwege. Durante toda a história do Terceiro Reich, o número de internos nas prisões normais continuou substancialmente mais elevado que o dos campos de concentração, passando de 108 mil internos no verão de 1939 para mais de 180 mil no momento da morte de Heydrich, no verão de 1942. Essas cifras incluíam criminosos comuns, como homicidas, estupradores e ladrões, mas depois de 1939 a definição do

que constituía comportamento criminoso foi sendo cada vez mais ampliada até incluir pessoas vistas como preguiçosas ou derrotistas, todas agora também consideradas inimigas do Estado.[710](#)

Tratamento severo foi também aplicado a “jovens transviados”, em particular aos famosos “Garotos do Swing”, que constituíam uma contracultura ilegal para a Juventude Hitlerista, pois ouviam jazz em segredo e organizavam pequenos bailes em que tocavam música inglesa ou americana “degenerada”. Com redutos em cidades grandes como Hamburgo ou Berlim, o crime dos decididamente apolíticos Garotos do Swing consistia em desafiar a cultura militar que permeava a Juventude Hitlerista e em cultivar um gosto musical que os nazistas consideravam inadequado para a juventude alemã. Himmler instigou Heydrich a não mostrar qualquer condescendência para com esse comportamento rebelde e pediu-lhe que “eliminasse radicalmente” o “mau em seu conjunto”. Os “cabecilhas”, Himmler insistiu, deviam ser mandados para um campo de concentração, onde “terão de ser surrados antes de serem submetidos a treinamento rigoroso e empregados em trabalho duro”. O internamento deles não devia durar menos de dois anos. Heydrich de bom grado obedeceu: após uma primeira rodada de prisões em agosto de 1941, a Gestapo ampliou as operações no início de 1942, enviando vários cabecilhas para campos de concentração espalhados por todo o Reich.[711](#)

Outros foram tratados ainda pior. Segundo as diretrizes de Heydrich de 3 de setembro, seu aparelho de terror foi autorizado a executar pessoas sem julgamento, mesmo por crimes menores. Esse “tratamento especial”, como era em geral denominado, foi aplicado em campos de

concentração, prisões comuns e campos de trabalho.[712](#) Na implementação dessa política, o sigilo era essencial, tanto em vista da opinião popular quanto em respeito às novas relações diplomáticas do Reich com a União Soviética após a conclusão do Pacto Hitler-Stálin de agosto de 1939. Como Heydrich assinalou em fevereiro de 1940, o pacto havia criado uma “situação completamente nova” no que dizia respeito à política externa, embora na frente doméstica os comunistas continuassem sendo o inimigo número um.[713](#)

No interior do Terceiro Reich, o tratamento especial foi aplicado particularmente a um “grupo de oposição” que cresceria exponencialmente no decorrer da conquista nazista da Europa: os trabalhadores estrangeiros vivendo na Alemanha. Do final de 1939 em diante, vários órgãos do Estado trataram exaustivamente do problema de como segregar da população alemã o número imenso de prisioneiros de guerra e trabalhadores poloneses que haviam fluído para o Reich. Em março de 1940, a questão foi regulada de maneira abrangente por meio dos chamados decretos poloneses de Hermann Göring. Agências da Gestapo foram autorizadas a punir as “transgressões” cometidas por trabalhadores poloneses - “desinteresse crônico pelo trabalho”, interrupções do trabalho ou atos de sabotagem - sem referência a qualquer outra instituição, como os tribunais de justiça. As medidas que podiam ser adotadas incluíam internamento em campos de trabalho ou de concentração e, em casos mais sérios, a execução. Relações sexuais entre trabalhadores poloneses ou trabalhadoras polonesas e pessoas alemãs deviam ser punidas pelo fuzilamento sem julgamento dos primeiros e a deportação das parceiras ou parceiros alemães para um campo de concentração.[714](#)

Fora os trabalhadores escravos poloneses, um outro “grupo inimigo” dentro da Alemanha do período de guerra era visado com particular rigor pelo aparelho de Heydrich: os judeus. A vigilância dos judeus que viviam no Terceiro Reich se intensificou drasticamente após o início da guerra. De setembro de 1939 em diante, o RSHA reforçou seu controle sobre a Associação do Reich de Judeus, que fora criada em 1939 como uma organização guarda-chuva para todas as organizações judaicas que restavam na Alemanha. Nos primeiros meses após a eclosão da guerra, Heydrich e seu RSHA aperfeiçoaram ainda mais os mecanismos para excluir os judeus da sociedade alemã. Em 12 de setembro de 1939, por exemplo, Heydrich proibiu que os judeus fizessem compras fora de umas poucas mercearias selecionadas. Menos de duas semanas depois, ordenou que todos os aparelhos de rádio em posse de judeus fossem confiscados por todo o Reich.[715](#)

Os trabalhadores escravos poloneses e os judeus alemães foram as principais vítimas do terror de Heydrich na frente interna. Mas a eclosão da guerra também alterou o destino de outros grupos que o comando nazista considerava racialmente inferiores ou incapazes. Pouco antes da eclosão da guerra em 1º de setembro, Hitler autorizou um programa especial de eutanásia, o chamado T4 Aktion. Dirigido pela chancelaria do partido e pelo médico pessoal de Hitler, dr. Karl Brandt, mas auxiliado pela equipe técnica do RSHA, o T4 se destinava a selecionar e matar crianças e adultos com deficiência física ou mental. Até agosto de 1941, aproximadamente 70 mil alemães portadores de deficiência foram assassinados, fornecendo à equipe técnica de Heydrich uma perícia em assassinatos em massa que eles utilizariam contra prisioneiros de guerra russos e civis

judeus nos anos seguintes. Preocupações com uma potencial inquietação na frente interna levaram à suspensão oficial das mortes por eutanásia em agosto de 1941, embora o assassinato de pessoas portadoras de deficiência tenha continuado de um modo mais velado durante toda a guerra.[716](#)

A eclosão da guerra teve também um impacto profundo sobre o destino dos aproximadamente 26 mil ciganos da Alemanha. Tornados suspeitos devido a seu estilo de vida, estiveram sujeitos a hostilidade contínua e exclusão social desde que os nazistas chegaram ao poder. Na segunda metade dos anos de 1930, os programas anticiganos ganharam força, levando a prisões em massa em 1938 e ao anúncio de Heydrich de que novas medidas seriam em breve introduzidas para garantir a “separação racial dos ciganos do povo alemão”.[717](#)

Com a eclosão da guerra, Heydrich impediu os ciganos de exercer ofícios itinerantes, minando assim, propositalmente, seu único meio de subsistência. Na busca de uma “solução final” para a “questão cigana”, Heydrich informou à sua equipe sênior em 21 de setembro de 1939, e de novo no final de janeiro de 1941, que os ciganos seriam deportados, juntamente com os judeus, da Alemanha para a Polônia Oriental. Essa ordem foi rapidamente implementada: no final de abril de 1940, aproximadamente 2.500 ciganos já tinham sido enviados para o Governo Geral.[718](#)

Os assassinatos, expulsões e prisões que foram realizados pelos homens de Heydrich tanto na Alemanha quanto nos territórios recém-ocupados durante os primeiros meses da Segunda Guerra Mundial atestavam o impacto radicalizante da guerra sobre os programas nazistas de repressão. Para Heydrich e seus colaboradores mais próximos, a crescente

brutalidade com a qual os inimigos do Estado eram reprimidos, banidos e frequentemente assassinados tornava-se necessária e justificada pela batalha histórica contra os inimigos internos e externos da Alemanha que os nazistas tinham acabado de iniciar. Mesmo se o metódico assassinato em massa continuava sendo a exceção e não a regra na forma como Heydrich tratava os inimigos políticos e étnicos no final de 1939 e início de 1940, ele e o comando nazista como um todo haviam cruzado uma importante linha divisória no escorregadio caminho para o genocídio.

[596](#) Um relato detalhado da campanha militar é fornecido por Horst Rohde, "Hitler's First Blitzkrieg and its Consequences for North-Eastern Europe", em Militärgeschichtliches Forschungsamt (org.), *Germany and the Second World War*, 10 vols. (Oxford 1990-), vol. 2, pp. 67-150.

[597](#) As atividades das forças-tarefas da SS na Polônia estão registradas nos cotidianos "Relatórios Tannenberg" (45 no total), que eram submetidos a Heydrich pelos comandantes da Polícia de Segurança em campanha. Sua utilidade como evidência histórica é, no entanto, minada pelas alterações subsequentes feitas nos relatórios assim como pela linguagem codificada usada para descrever massacres. Ver os relatórios em BAB, R 58/1082. Ver também Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, pp. 116ss; Wildt, *Generation*, p. 481; Czeslaw Madajczyk, *Die Okupationspolitik Nazideutschlands in Polen 1939-1945* (Colônia, 1988), pp. 14ss., 186ss.

[598](#) "Protokoll der Amtschefbesprechung", 7 de setembro de 1939, em BAB, R 58/825, e "Protokoll der Amtschefbesprechung", 14 de outubro de 1939, em BAB, R 58/825.

[599](#) O número mais baixo está citado em Christian Jansen e Arno Weckbecker, *Der "Volksdeutsche Selbstschutz" in Polen 1939/40* (Munique, 1992), p. 28; o número mais alto está citado em Browning, *Origins*, p. 31.

[600](#) Wagner, *Generalquartiermeister*, p. 123; Jacobsen, *Halder: Kriegstagebuch*, vol. 1, pp. 57 e 62. Ver também Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 18.

[601](#) Wlodzimierz Jastrezebski, *Der Bromberger Blutsonntag. Legende und Wirklichkeit* (Poznań, 1990); Weitbrecht, "Ermächtigung", p. 61; Wildt, *Generation*, pp. 438ss.

[602](#) Ver Alexander B. Rossino, "Nazi Anti-Jewish Policy during the Polish Campaign: The Case of the Einsatzgruppe von Woyrsch", *German Studies Review* 24 (2001), pp. 35-53; idem, *Hitler Strikes Poland: Blitzkrieg, Ideology and Atrocity* (Lawrence, KS, 2003), pp. 77 e 159; Weitbrecht, "Ermächtigung", p. 60; Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 19; Wildt, *Generation*, pp. 433ss. e 448; relatório Tannenberg de 11 de setembro de 1939, BAB, R 58/1082, p. 51s.; Edward B. Westermann, *Hitler's Police Battalions: Enforcing Racial War in the East* (Lawrence, KS, 2005), pp. 127ss.; Longerich, *Himmler*, p. 445.

[603](#) Heydrich para todos os chefes de departamento da Sipo e do SD, 1º de setembro de 1939, Arquivos do Yad Vashem, pp. 97-210-FI; Wildt, *Generation*, p. 452; Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 54 e p. 59. O relatório de Heydrich sobre suas experiências na Polônia para os chefes de departamento do RSHA em 14 de setembro é muito vago. Ver o transcrito da reunião em BAB, R 58/825.

[604](#) Ver o depoimento pós-guerra de Streckenbach de 25 de novembro de 1966, em BA Ludwigsburg, 201 AR-Z 76/59, vol. 2, p. 42. Ver também o depoimento pós-guerra de Jakub Gasecki (um ex-residente de Dynów), em BA Ludwigsburg, B 162/Vorl. AR-Z 302/67, vol. 3, p. 498s., parcialmente reproduzido em Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, doc. 27, p. 133s.; ver também Rossino, *Poland*, pp. 88ss.; Jacobsen, *Halder: Kriegstagebuch*, vol. 1, p. 67 (10 de setembro de 1939).

[605](#) Heydrich a Daluge, 2 de julho de 1940, em BAB, R 19/395. Ver também Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 59.

[606](#) Wildt, *Generation*, pp. 444ss.; Weitbrecht, "Ermächtigung", p. 61; Rossino, *Poland*, pp. 69ss.

[607](#) Browning, *Origins*, p. 29; Hans Umbreit, *Deutsche Militärverwaltungen*

1938/39. *Die militärische Besetzung der Tschechoslowakei und Polens* (Stuttgart, 1977), p. 166. Segundo Wodzimierz Borodziej, 30 mil pessoas foram mortas em Danzig-Prússia Ocidental, 10 mil na Wartheland, 1.500 na Alta Silésia Oriental e mil no distrito de Zichenau. Ver Borodziej, *Terror*, p. 29. Não há estimativas de números concretos sobre quantas dessas vítimas foram mortas pelas forças-tarefas e quantas pela Selbstschutz. Ver Mallmann et al., *Einsatzgruppen*, p. 87s. Ver também Volker Riess, *Die Anfänge der Vernichtung "lebensunwerten Lebens" in den Reichsgauen Danzig-Westpreussen und Wartheland 1939/40* (Frankfurt am Main, 1995), pp. 173ss.

[608](#) Sobre a Selbstschutz: Christian Jansen e Arno Weckbecker, "Eine Miliz im 'Weltanschauungskrieg'. Der 'Volksdeutsche Selbstschutz' em Polen 1939/40", em Wolfgang Michalka (org.), *Der Zweite Weltkrieg. Analysen, Grundzüge, Forschungsbilanz* (Weyarn, 1997), pp. 482-500. Sobre a participação de soldados comuns da Wehrmacht nas atrocidades, ver Joachim Böhler, *Auftakt zum Vernichtungskrieg. Die Wehrmacht in Polen 1939* (Frankfurt am Main, 2006); Rossino, *Poland*, pp. 90s. e 99. Sobre Alvensleben, ver BAB, BDC, SSO Alvensleben; ver também Dieter Schenk, *Hitlers Mann in Danzig. Albert Forster und die NS-Verbrechen in Danzig-Westpreussen* (Bonn, 2000), p. 157, nº 12.

[609](#) Heydrich a Daluge, 2 de julho de 1940, BAB, R 19/395; Müller a Eicke, 10 de outubro de 1939, informando Eicke que Heydrich estava investigando incidentes de pilhagem em Wloclawek, em USHMMA, RG 48.004 M, rolo 3, pasta 300041. Ver também Rossino, *Poland*, p. 102; Mallmann et al., *Einsatzgruppen*, p. 59.

[610](#) Heydrich compartilhava essa atitude com Himmler que, em seu infame discurso de Posen, em 4 de outubro de 1943, ameaçou explicitamente com a pena de morte o enriquecimento pessoal à custa da propriedade judaica - uma guinada lógica quase absurda em vista do roubo em massa organizado pelo Estado nazista. Para o discurso de Himmler, ver *IMT*, vol. 29, doc. 1919-PS, pp. 110-73, aqui p. 146.

[611](#) Anotação no diário de Groscurth de 8 de setembro de 1939, em Groscurth, *Tagebücher*, p. 201. Heydrich repetiu os mesmos sentimentos numa conversa com Eduard Wagner alguns dias depois. Ver Jacobsen, *Halder: Kriegstagebuch*, vol. 1, p. 79 (19 de setembro de 1939).

[612](#) Groscurth, *Tagebücher*, p. 201s.

[613](#) "Vermerk Oberstleutnant Lahousen vom 14.9.1939. Besprechung im Führerzug in Illnau am 12.9.1939", em IfZ, Nbg. Dok., PS-3047.

[614](#) *Akten zur deutschen auswärtigen Politik*, série D, vol 7, doc. 193. Sobre a reação de Hitler aos massacres de alemães étnicos, ver Kershaw, *Hitler: Hubris*, p. 242.

[615](#) OKH a AOK 4, 11 de setembro de 1939, como citado em Krausnick e Wilhelm, *Truppe des Weltanschauungskrieges*, pp. 33 e 57; Böhler, *Auftakt*, pp. 205ss. Ver também Groscurth, *Tagebücher*, p. 360.

[616](#) Brauchitsch a comandantes do exército, 18 de setembro de 1939, Bundesarchiv Militärarchiv (Friburgo), RH 1/58; Groscurth, *Tagebücher*, p. 206.

[617](#) Wagner, *Generalquartiermeister*, p. 134; Jacobsen, *Halder: Kriegstagebuch*, vol. 1, p. 79 (19 de setembro de 1939).

[618](#) BAB, R 58/825.

[619](#) Jacobsen, *Halder: Kriegstagebuch*, vol. 1, p. 82 (20 de setembro de 1939);

ordem de Brauchitsch “Tätigkeit und Aufgaben der Polizei-EG im Operationsgebiet”, de 21 de setembro de 1939, em BA-MA, RH 20-14/178.

[620](#) Groscurth, *Tagebücher*, pp. 361-62; BA Ludwigsburg, “Einsatzgruppen in Polen”, vol. 1, pp. 129ss.; ver também Browning, *Origins*, p. 19.

[621](#) Groscurth, *Tagebücher*, p. 209 e p. 362; Wagner, *Generalquartiermeister*, p. 135.

[622](#) Protocolo da reunião no RSHA dos chefes de departamento e comandantes de força-tarefa em setembro, em IfZ, Eich 983; ver também Wildt, *Generation*, p. 460; Rossino, *Poland*, p. 118. A ordem de Heydrich parece ter sido resultado direto de um encontro entre Himmler e Brauchitsch no início daquele dia. Ver Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 64.

[623](#) Blaskowitz a OKH, 27 de novembro de 1939, como citado em Kershaw, *Hitler*, vol. 2, p. 342. Queixas semelhantes foram feitas pelo general Walter Petzel, general Wilhelm Ulex e general de divisão Fedor von Bock; ver Evans, *Third Reich at War*, p. 25s. Ver também Krausnick, “Einsatzgruppen”, pp. 80ss.

[624](#) Browning, *Origins*, p. 17; Catherine Epstein, *Model Nazi: Arthur Greiser and the Occupation of Western Poland* (Oxford, 2010), pp. 124ss.; Umbreit, *Militärverwaltungen*, p. 154s.; Rossino, *Poland*, p. 116s.; Gerhard Engel, *At the Heart of the Reich: The Secret Diary of Hitler’s Army Adjutant* (Londres, 2005), p. 79 (anotações de 15 de outubro e 18 de novembro de 1939). Sobre a autoridade do exército, ver os comentários de Heydrich durante a reunião do RSHA de 21 de setembro, em BAB, R 58/825. Martin Broszat, *Nationalsozialistische Polenpolitik (1939-1945)* (Stuttgart, 1961), p. 34s.

[625](#) “Protokoll der Amtschefbesprechung”, 7 de setembro de 1939, em BAB, R 58/825. Sentimentos similares foram expressos no memorando de Himmler sobre o “tratamento de pessoas estrangeiras no Leste”, que ele submeteu a um Hitler aprovador na primavera de 1940. Ver VfZ 5 (1957), 195ss.

[626](#) “Protokoll der Amtschefbesprechung”, 21 de setembro de 1939, em BAB, R 58/825 e 29 de setembro de 1939, em IfZ, Eich 983. Hitler referiu-se à ideia de uma Muralha Oriental numa conversa com Rosenberg uma semana depois. Ver Hans-Günther Seraphim (org.), *Das politische Tagebuch Alfred Rosenbergs 1934/35 und 1939/40* (Munique, 1956), p. 98.

[627](#) “Protokolle der Amtschefbesprechung”, 29 de setembro, 3 de outubro, 10 de outubro e 14 de outubro de 1939, tudo em BAB, R 58/825. O termo “desemaranhar” foi cunhado por Bloxham, *Final Solution*, pp. 59ss.

[628](#) Termo alemão que designa uma região dentro de um país, como uma província, por exemplo. (N. do T.)

[629](#) “Protokoll der Amtschefbesprechung”, 21 de setembro de 1939, em BAB, R 58/825; “Rundbrief Heydrich an Chef der Zivilverwaltung in Polen und Einsatzgruppen”, 30 de setembro de 1939, em IfZ, MA 682, p. 797s.

[630](#) *Verhandlungen des Reichstages*, vol. 460, pp. 51ss.

[631](#) “Erlass des Führers und Reichskanzlers zur Festigung des deutschen Volkstums”, em *IMT*, vol. 26, doc. 686-PS, p. 255s.; ver também Phillip Terrell Rutherford, *Prelude to the Final Solution: The Nazi Program for Deporting Ethnic Poles 1939-1941* (Lawrence, KS, 2007), p. 55. Heydrich já havia anunciado a seus chefes de departamentos e comandantes dos *Einsatzgruppen*, em 21 de setembro, a nomeação iminente de Himmler como RKFDV. Ver “Protokoll der Amtschefbesprechung”, 21 de setembro de 1939, em BAB, R 58/825.

- [632](#) Ordem de Heydrich de 13 de outubro de 1939 e 22 de dezembro de 1939, em USHMM, RG 15.007 M, 8/101/13; ver também Heinemann, *Rasse*, pp. 195ss. e 232ss.; e Aly e Heim, *Vordenker*, p. 152.
- [633](#) Uma boa discussão geral desses temas pode ser encontrada em Bloxham, *Final Solution*, pp. 58ss.
- [634](#) “Protokoll der Amtschefbesprechung”, 14 de outubro de 1939, em BAB, R 58/825.
- [635](#) Jansen, “*Selbstschutz*”, pp. 154ss., 212ss.; Browning, *Origins*, pp. 32ss.
- [636](#) Friedländer, *Extermination*, p. 40.
- [637](#) *Verhandlungen des Reichstages*, vol. 460, pp. 5ss.
- [638](#) Bogdan Musial, *Deutsche Zivilverwaltung und Judenverfolgung im Generalgouvernement. Eine Fallstudie zum Distrikt Lublin 1939-1944* (Wiesbaden, 1999), pp. 183ss.; Rossino, *Poland*, pp. 88ss.
- [639](#) Longerich, *Politik*, pp. 224 e 251s.; Browning, *Origins*, p. 12.
- [640](#) “Protokoll der Amtschefbesprechung”, 7 de setembro de 1939, em BAB, R 58/825; e ordem para Stapoleitstellen no Reich, 8 de setembro de 1939, em IfZ, Eich 1633.
- [641](#) “Protokoll der Amtschefbesprechung”, 14 de setembro de 1939, em BAB, R 58/825.
- [642](#) “Protokoll der Sitzung des Ministerrats für die Reichsverteidigung”, 19 de setembro de 1939, em *IMT*, vol. 31, pp. 230-32. Ver também Wildt, *Generation*, p. 457.
- [643](#) Broszat, *Polenpolitik*, p. 20.
- [644](#) “Protokoll der Amtschefbesprechung”, 21 de setembro de 1939, em BAB, R 58/825.
- [645](#) Carta de correio interno de Heydrich, de 21 de setembro de 1939, em BAB, R 58/276. Ver também Broszat, *Polenpolitik*, p. 21s.; Dan Michman, “Why Did Heydrich Write the ‘Schnellbrief’? A Remark on the Reason and on its Significance”, *Yad Vashem Studies* 32 (2004), pp. 433-47; Browning, *Origins*, p. 111s.
- [646](#) Carta de correio interno de Heydrich, de 21 de setembro de 1939, em BAB, R 58/276; ver também Michman, “Schnellbrief”; Hans Mommsen, *Auschwitz: 17 Juli 1942* (Munique, 2002), p. 97.
- [647](#) Protocolo da reunião do *amtsleiter* [líder de seção] do RSHA com comandantes de força-tarefa em 29 de setembro de 1939, em IfZ, Eich 983. Ver também Longerich, *Himmler*, p. 456.
- [648](#) Carta de correio interno de Heydrich a todos os comandantes de *Einsatzgruppen*, 21 de setembro de 1939, em BAB, R 58/276. Heydrich contou a Brauchitsch, em 22 de setembro, que a área ao redor de Cracóvia fora escolhida como o local do futuro “Estado judeu”. Ver Groscurth, *Tagebücher*, p. 361.
- [649](#) Heydrich a Brauchitsch, em Groscurth, *Tagebücher*, p. 361s.
- [650](#) Rutherford, *Prelude*, p. 258.
- [651](#) “Protokoll der Amtschefbesprechung”, 29 de setembro de 1939, em BAB, R 58/825.
- [652](#) Rosenberg, *Tagebuch*, p. 98.
- [653](#) Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 63s.
- [654](#) Wildt, *Generation*, p. 464s.
- [655](#) Browning, *Origins*, p. 27; Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 64.

- [656](#) Schnellbrief, 30 de setembro de 1939, em BAB, R 58/276.
- [657](#) "Protokoll der Einsatzgruppenleitertagung", 3 de outubro de 1939, em BAB, R 58/825; ver também Mallmann *et al.*, *Einsatzgruppen*, p. 64.
- [658](#) Müller para Eichmann, 6 de outubro de 1939, Akten der Gestapo Mährisch-Ostrau, Arquivos do Yad Vashem, 0-53/93/283. Ver também Seev Goshen, "Eichmann und die Nisko-Aktion im Oktober 1939. Eine Fallstudie zur NS-Judenpolitik in der letzten Etappe vor der Endlösung", *VfZ* 29 (1981), pp. 74-96; Longerich, *Politik*, pp. 256ss.; Wildt, *Generation*, pp. 468ss.; Cesarani, *Eichmann*, p. 78.
- [659](#) Sobre a conversa de Eichmann com Wagner, ver Longerich, *Himmler*, pp. 456-57; sobre uma conversa de Eichmann com Becker, o perito em judeus de Bürckel, em 7 de outubro de 1939, ver Longerich, *Politik*, p. 257.
- [660](#) Sobre o "projeto Nisko", ver Miroslav Kárný, "Nisko in der Geschichte der Endlösung", *Judaica Bohemiae* 23 (1987), pp. 69-84; Goshen, "Nisko-Aktion", pp. 74ss.; Jonny Moser, "Nisko: The First Experiment in Deportation", *Simon Wiesenthal Center Annual* 2 (1985), pp. 1-30; Ludmila Nesládková (org.), *The Case Nisko in the History of the Final Solution of the Jewish Problem* (Ostrava, 1995).
- [661](#) Goshen, "Nisko-Aktion", pp. 89ss.; Safrian, *Eichmann-Männer*, pp. 77ss.; ver também Lukáš Příbye, "Das Schicksal des dritten Transports aus dem Protektorat nach Nisko", *Theresienstädter Studien und Dokumente* 7 (2000), pp. 297-342.
- [662](#) Browning, *Origins*, p. 40s.
- [663](#) Longerich, *Himmler*, p. 457.
- [664](#) "Fernschreiben SD-Hauptamt an Sipo und SD Donau, Mährisch-Ostrau vom 19.10.1939", Arquivos do Yad Vashem, 053/87. Ver também a carta de Himmler a Bürckel de 9 de novembro de 1939, como citado em Gerhard Botz, *Wohnungspolitik und Judendeportation in Wien 1928-1945* (Viena, 1975), p. 196. Ver também Longerich, *Politik*, p. 259.
- [665](#) Wildt, *Generation*, p. 471, nº 176.
- [666](#) Browning, *Origins*, p. 42.
- [667](#) Heydrich para o HSSPF em Krakau (Krüger) e Posen (Koppe) e para os comandantes da Sipo em ambos os distritos (Streckenbach e Damzog), 28 de novembro de 1939, em DÖW, 21732/62.
- [668](#) Embora nenhuma cópia do "plano de longo prazo" definitivo pareça ter sobrevivido à guerra, um rascunho sem data pode ser encontrado em BAB, R 69/1146.
- [669](#) Heydrich para a Sipo de Krakau, Breslau, Posen, Danzig e Königsberg, 21 de dezembro de 1939, em BAB, R 58/276.
- [670](#) "2. Nahplan", 21 de dezembro de 1939, USHMMA, RG 15.015 M, 2/97/1-7. Ver também Götz Aly, *"Final Solution": Nazi Population Policy and the Murder of the European Jews* (Londres e Nova York, 1999), pp. 73ss.; Longerich, *Politik*, p. 266.
- [671](#) Região situada no oeste da Ucrânia. (N. do T.)
- [672](#) Protocolo do encontro com representantes do Governo Geral, em Berlim, de 8 de janeiro de 1940, em IfZ, MA 225; BAB, R 58/1032, protocolo do encontro do RSHA de 30 de janeiro de 1940. Ver também Browning, *Origins*, pp. 59-60.
- [673](#) Longerich, *Himmler*, p. 461; Aly, *"Final Solution"*, p. 157; Sybille Steinbacher, *"Musterstadt" Auschwitz. Germanisierungspolitik und Judenmord in*

Ostoberschlesien (Munich, 2000), p. 133s.

[674](#) Sobre os problemas para implementar o plano de curto prazo, ver o relatório de Albert Rapp, chefe da UWZ em Posen, 26 de janeiro de 1940, em DÖW, 21732/62.

[675](#) Adam, *Judenpolitik*, p. 254; Longerich, *Politik*, S. p. 267.

[676](#) Ordem do RSHA de 24 de abril de 1940, como citado em Hans Günther Adler, *Der Verwaltete Mensch. Studien zur Deportation der Juden aus Deutschland* (Tübingen, 1974), p. 27.

[677](#) Ver, por exemplo, Reinhard Heydrich, “Kripo und Gestapo”, em *Düsseldorfer Nachrichten*, 29 de janeiro de 1939; Timothy W. Mason, “Die Erbschaft der Novemberrevolution für den Nationalsozialismus”, em *idem*, *Sozialpolitik im Dritten Reich. Arbeiterklasse und Volksgemeinschaft* (Opladen, 1977), pp. 15-41, aqui p. 21.

[678](#) Heydrich para todos os Escritórios Centrais da Polícia de Segurança, 3 de setembro de 1939 (“Grundsätze der inneren Staatssicherung während des Krieges”), em IfZ, MA 444/2.

[679](#) *Ibid.*

[680](#) Ver ordem oficial de Himmler para a criação do RSHA de 27 de setembro de 1939, em BAB, R 58/240, p. 1s. Sobre o RSHA de um modo mais geral, ver Wildt, *Generation*, pp. 283ss.; e *idem*, “Reichssicherheitshauptamt”, pp. 33ss.

[681](#) Wildt, *Generation*, pp. 259ss.; Banach, *Elite*, pp. 287ss.

[682](#) Wildt, *Generation*, p. 263s.

[683](#) “Vermerk Schellenberg”, 5 de julho de 1938, em BAB, R 58/827, pp. 13-7. Ver também Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 318; Banach, *Elite*, p. 288; Wildt, *Generation*, p. 264.

[684](#) Memorando de Schellenberg, “Reorganisation des Sicherheitsdienstes des Reichsführers SS im Hinblick auf eine organisatorische und personelle Angleichung mit der Sicherheitspolizei”, 24 de fevereiro de 1939, em BAB, R 58/8262-30; memorando de Schellenberg, “Laufbahnrichtlinien und Dienstanweisung für die Inspektoren der Sicherheitspolizei”, 22 de fevereiro de 1939, em BAB, R 58/826, ff. 31-40; memorando de Ploetz “Die Laufbahnen im Sicherheitsdienst”, em BAB, R 58/827, ff. 27-40; ver também Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 318s.; Wildt, *Generation*, p. 267.

[685](#) Memorando de Best, “Grundzüge der Ausbildung und der Laufbahn der Führer (leitenden Beamten) der Deutschen Sicherheitspolizei”, 1º de março de 1939, em BAB, R 58/827, ff. 53ss.; ver também Banach, *Elite*, p. 291; Wildt, *Generation*, p. 269s.; Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 320.

[686](#) Wildt, *Generation*, p. 270.

[687](#) Heydrich a Daluge, 30 de outubro de 1941, em IfZ, MA 325/8591. Ver também Wilhelm, *Polizei*, p. 170.

[688](#) Michael Wildt, “Radikalisierung und Selbstradikalisierung 1939. Die Geburt des Reichssicherheitshauptamtes aus dem Geist des völkischen Massenmordes”, em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 11-41, aqui p. 15.

[689](#) Ver BAB, R 58/826: “Vermerk Schellenberg vom 4. April 1939”; BAB, R 58/137: “Besprechung bei Heydrich am 15. April 1939 betr. Neugestaltung von Sipo und SD”; BAB, R 58/137: “Vermerk Schellenberg vom 25. April 1939 betr. Kritik an Bests Position”; BAB, R 58/826: “Runderlass Heydrich vom 5. Juli 1939”;

ver também Wildt, *Generation*, p. 265; Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 318.

[690](#) Werner Best, “Apologie des Juristen”, *Deutsches Recht* 9 (1939), pp. 196-99; *idem*, “Der ‘politischste’ Beruf”, *Deutsche Allgemeine Zeitung*, 12 de abril de 1939; sobre isto, ver mais detalhes em Herbert, *Best*, pp. 231ss. Heydrich conteve a reação agressiva de Schellenberg porque estava preocupado com a imagem pública de seu aparelho. Ver os comentários de Schellenberg sobre os artigos de Best em BAB, R 58/827, ff. 111s.; Banach, *Elite*, p. 292.

[691](#) Declaração sobre Heydrich feita pelo dr. Werner Best, 1º de outubro de 1959, em Copenhague, em *IfZ*, ZS 207/2; ver também Wildt, *Generation*, p. 93; Wilhelm, *Polizei*, p. 121; Herbert, *Best*, pp. 228ss.

[692](#) Ordem de Heydrich de 5 de julho de 1939, em BAB, R 58/826; ordem de Himmler de 27 de setembro de 1939, em BAB, R 58/240, p. 1. Ver também Reinhard Rürup, *Topographie des Terrors. Gestapo, SS und Reichssicherheitshauptamt auf dem “Prinz-Albrecht-Gelände”. Eine Dokumentation* (Berlim, 1987), p. 71; Gerhard Paul, “‘Kämpfende Verwaltung’”. Das Amt IV des Reichssicherheitshauptamtes als Führungsinstanz der Gestapo”, em *idem* e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 42-81, aqui p. 47.

[693](#) Hachmeister, *Gegnerforscher*, Dierker, *Glaubenskrieger*, pp. 331ss.; Wildt, *Generation*, pp. 364ss.; Banach, *Elite*, p. 366s.

[694](#) Wilhelm, *Polizei*, p. 119s.; Wildt, *Generation*, pp. 378ss.; Heinz Boberach (org.), *Meldungen aus dem Reich 1938-1945. Die geheimen Lageberichte des Sicherheitsdienstes der SS*, 18 vols. (Herrsching, 1984-1985).

[695](#) Wildt, *Generation*, pp. 335ss. e 352ss.; Paul, “Kämpfende Verwaltung”, pp. 42ss.

[696](#) Patrick Wagner, *Hitlers Kriminalisten. Die deutsche Kriminalpolizei und der Nationalsozialismus* (Munique, 2002), p. 76; Wildt, *Generation*, pp. 301ss.

[697](#) Thorsten J. Querg, *Spionage und terror, Das Amt VI des Reichssicherheitshauptamtes 1939-1945*. Tese de doutorado, Freie Universität Berlin, Berlim, 1997, pp. 165 e 183ss.; Wildt, *Generation*, pp. 391ss.; Schellenberg, *Labyrinth*, p. 41.

[698](#) Ordem “Entlastung der Geheimen Staatspolizei”, de Heydrich, 31 de setembro de 1939, em BAB, R 58/239; ver também Wagner, *Volksgemeinschaft*, pp. 330ss.

[699](#) Tuchel, “Gestapa”, p. 97.

[700](#) Michael Wildt, “The Spirit of the Reich Security Main Office (RSHA)”, *Totalitarian Movements and Political Religions* 6 (2005), pp. 333-49. Heydrich usou o termo “administração combatente” num discurso em Praga, em setembro de 1941. Ver Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, p. 108.

[701](#) Wildt, *Generation*, pp. 209ss. e 230ss.; Paul, “‘Kämpfende Verwaltung’”, 46. Citação do discurso de Heydrich por ocasião do Dia da Polícia Alemã de 1941, como publicado em *Völkischer Beobachter*, 17 de fevereiro de 1941.

[702](#) Antiga cervejaria, hoje desaparecida. (N. do T.)

[703](#) Sobre a tentativa de assassinato de Elser, ver Anton Hoch e Lothar Gruchmann, *Georg Elser. Der Attentäter aus dem Volke. Der Anschlag auf Hitler im Münchner Bürgerbräu 1939* (Frankfurt, 1980); Roger Moorhouse, *Killing Hitler: The Third Reich and the Plots against the Führer* (Londres, 2006), pp. 36ss.; diretiva do RSHA, 9 de novembro de 1939, em USHMM, RG 11.001 M.01, rolo

13/21; Longerich, *Himmler*, p. 488s.

[704](#) Ver o relato pós-guerra do dr. Albrecht Böhme, chefe da Polícia Criminal Bávara na época da tentativa de assassinato de Elser, em *IfZ*, ZS 1939.

[705](#) O serviço secreto britânico. (N. do T.)

[706](#) Schellenberg, *Labyrinth*, pp. 82ss.; Höhne, *Orden*, pp. 263ss.; Querg, *Spionage*, pp. 224ss.; Wildt, *Generation*, p. 399s.; ver também o depoimento pós-guerra de Walter Huppenkothen (Reg. Dir. RSHA/IV), em *IfZ*, ZS 249, ff. 16s.

[707](#) Orth, *System*, pp. 97ss.

[708](#) Orth, *System*, pp. 37ss., 86ss. e 109ss.

[709](#) Ordem de Heydrich de 2 de janeiro de 1941, em *IfZ*, PS-1063; sobre Mauthausen, ver Orth, *System*, p. 86s.

[710](#) Heydrich a Frick, 4 de outubro de 1939, em *IfZ*, MA 145/1; sobre o contexto, Nikolaus Wachsmann, *Hitler's Prisons: Legal Terror in Nazi Germany* (New Haven e Londres, 2004), pp. 194ss. e 394s.

[711](#) Himmler a Heydrich, 16 de janeiro de 1942, em BAB, NS 19/219. Sobre a perseguição de “jovens transviados”, ver também Alfons Kenmann, “Störfaktor and der ‘Heimatfront’. Jugendliche Nonkonformität und die Gestapo”, em Mallmann e Paul (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 179-200.

[712](#) Heydrich a todos os Escritórios Centrais da Polícia de Segurança, 3 de setembro de 1939 (“Grundsätze der inneren Staatssicherung während des Krieges”), em *IfZ*, MA 444/2. O primeiro uso escrito da palavra *Sonderbehandlung* pode ser encontrado na ordem de Heydrich de 20 de setembro de 1939, em BAB, R 58/243. Ver também Gerd Wysocki, “Lizenz zum Töten. Die ‘Sonderbehandlungs’ - Praxis der Stapo-Stelle Braunschweig”, em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 237-54.

[713](#) Heydrich a Lammers, 22 de janeiro de 1940, em Arquivos Nacionais, Kew, GFM 33/4830; Heydrich a toda Stapoleitstellen, 5 de fevereiro de 1940 e 12 de março de 1940, DÖW 20752/93b.

[714](#) Ulrich Herbert, *Hitler's Foreign Workers: Enforced Foreign Labor in Germany under the Third Reich* (Cambridge e Nova York, 1997), pp. 87ss.

[715](#) Ordem de Heydrich de 12 de setembro de 1939, em Walk (org.), *Sonderrecht*, IV/2. Sobre a ordem de Heydrich de 21 de setembro de 1939, ver Adam, *Judenpolitik*, p. 260; Barkai, *Boycott*, pp. 183ss.; Walk (org.), *Sonderrecht*, pp. 303ss.; Wildt, *Generation*, pp. 132ss. e 153ss.

[716](#) Sobre o T4, ver Götz Aly (org.), *Aktion T4 1939-1945. Die “Euthanasie”-Zentrale in der Tiergartenstrasse 4* (2ª ed., Berlim, 1989); Ulf Schmidt, “Reassessing the Beginning of the ‘Euthanasia’ Programme”, *German History* 17 (1999), pp. 543-50. Aly, “*Final Solution*”, pp. 70ss.; Eugen Kogon, Hermann Langbein e Adalbert Rückert, *Nationalsozialistische Massentötungen durch Giftgas* (Frankfurt, 1983), pp. 62ss.; Heike Bernhardt, “‘Euthanasie’ und Kriegsbeginn. Die frühen Morde an Patienten aus Pommern”, *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft* 9 (1996), pp. 773-88; Henry Friedländer, *The Origins of Nazi Genocide. From Euthanasia to the Final Solution* (Chapel Hill, NC, 1995); Michael Burleigh, *Death and Deliverance: “Euthanasia in Germany, c.1900-1945* (Cambridge, 1994); Hans-Walter Schmuhl, *Rassenhygiene, Nationalsozialismus, Euthanasie. Von der Verhütung zur Vernichtung “lebensunwerten Lebens” 1890-1945* (Göttingen, 1987), pp. 190ss.

[717](#) Ordem de Heydrich de 1º de março de 1939, em *Mitteilungsblatt des*

Reichskriminalamtes 2/4 (abril de 1939), pp. 58-61; ver também Guenter Lewy, *The Nazi Persecution of the Gypsies* (Oxford, 2001), particularmente p. 54.

[718](#) Ver ordens de Heydrich de 17 de outubro de 1939 e 27 de abril de 1940, em IfZ, Fa 506/3; ver também Michael Zimmermann, *Rassenutopie und Genozid. Die nationalsozialistische "Lösung der Zigeunerfrage"* (Hamburgo, 1996); Sybil H. Milton, "'Gypsies' as Social Outsiders in Nazi Germany", em Robert Gellately e Nathan Stoltzfus (orgs.), *Social Outsiders in Nazi Germany* (Princeton, NJ, 2001), pp. 212-32.

CAPÍTULO 7



Em Guerra com o Mundo

Para o Ocidente

EM 9 DE ABRIL DE 1940, DEPOIS DE MAIS DE SEIS MESES DE INATIVIDADE NA FRENTE ocidental, a Wehrmacht levou a cabo um ataque surpresa contra a Dinamarca e a Noruega neutras. Fez isso basicamente para se antecipar a uma intervenção muito temida das forças armadas britânicas na Escandinávia, assim como para garantir portos costeiros para operações de submarinos alemães e o porto de Narvik, livre do gelo, para os transportes vitais de minério de ferro da Suécia. Tanto Copenhague quanto Oslo caíram em mãos alemãs nesse mesmo dia. Ao contrário dos dinamarqueses, no entanto, que em duas horas se renderam à invasão alemã, os noruegueses resistiram vigorosamente até serem finalmente forçados à rendição dois meses depois.[719](#)

Desde os primeiros momentos dos ataques militares, estava claro para o comando da SS que essas campanhas seriam bem diferentes da guerra contra a Polônia. O povo do norte da Europa, como tanto Hitler quanto Alfred Rosenberg enfatizavam em seus escritos e discursos, devia desempenhar um importante papel no futuro Império Germânico. Um radical regime de terror seria nocivo a esses interesses. Embora Himmler e Heydrich compartilhassem essas crenças, ficaram ainda assim desapontados ao saber que na Europa Ocidental - ao contrário da Polônia - seria permitido ao exército praticar uma forma de ocupação mais tradicional, que iria necessariamente minar interesses vitais da SS.[720](#) A violência excessiva dos *Einsatzgruppen* e da *Selbstschutz* de Heydrich durante a campanha polonesa estava no centro da recusa do exército em aceitar qualquer

envolvimento da SS durante o ataque à Europa Ocidental. Heydrich observou numa carta atipicamente moderada para Kurt Daluege que, com relação a “questões fundamentais relacionadas ao combate dos inimigos do Estado”, prevalecia entre os “altos comandantes do exército” uma “opinião completamente diferente” da que existia dentro do RSHA.[721](#) No final de março, frustrado, Heydrich disse aos membros graduados de sua equipe que a planejada participação dos *Einsatzkommandos* nas campanhas ocidentais fora “descartada”.[722](#)

Aparentemente privado da possibilidade de desempenhar um papel ativo na invasão da Europa Ocidental, Heydrich optou por um gesto “heroico” e pediu autorização a Himmler para juntar-se temporariamente à Luftwaffe na frente norueguesa. A paixão de Heydrich por voar vinha de bem antes da eclosão da guerra. De 1935 em diante, ele recebera treinamento como piloto desportivo e participara diversas vezes de *shows* de acrobacia aérea. Mas suas ambições iam mais longe. Durante o verão de 1939, geralmente ao amanhecer, antes do trabalho, treinara para se tornar piloto de combate na escola de pilotagem em Werneuchen, perto de Berlim, e depois no aeroporto Staaken, até fazer seu exame e ser aprovado. Em 12 de setembro de 1939, cumpriu sua primeira missão de combate como atirador de torre sobre a Polônia.[723](#)

Tanto em particular quanto em público, Heydrich havia repetidamente expressado sua frustração de que, como “soldados políticos” na frente interna, ele e seus homens tivessem sido privados da “ventura” de servir à Alemanha e morrer por ela.[724](#) Heydrich deve ter sido insistente nos pedidos para juntar-se ao combate, pois contrariamente a ordens anteriores que o proibiam de arriscar a vida

pilotando aviões, Himmler deu sua permissão e, em 14 de abril de 1940, ele chegou a Oslo vagamente disfarçado como um capitão da força aérea. Serviu no Esquadrão de Combate 77 por um total de quatro semanas, voando em missões de ataque a tropas norueguesas em retirada, interagindo com os colegas oficiais e jogando cartas até tarde da noite. Para Heydrich, que fora criado num mundo permeado por contos heroicos regados a sangue e passara a maior parte dos anos 1920 na marinha alemã sem jamais testemunhar qualquer combate real, a experiência no *front* era a realização de um sonho intrépido, havia muito acalentado, que anteriormente lhe fora negado duas vezes: a primeira pelo nascimento tardio em 1904 e depois pela dispensa da marinha em 1931.[725](#)

Em 5 de maio, ele comunicou a Himmler que estava bem e que a experiência no *front* era ao mesmo tempo “interessante e instrutiva”. Himmler respondeu logo, expressando uma preocupação paternal: “Penso frequentemente em você, espero que esteja bem e de novo lhe desejo muita sorte e tudo de bom! Se houver alguma possibilidade, me dê notícias diárias”. A preocupação de Himmler não era sem fundamento: em 13 de maio de 1940, o Messerschmitt 109 de Heydrich ultrapassou a pista ao decolar em Stavanger. Embora Heydrich só tenha sofrido um pequeno ferimento na mão, o avião ficou completamente destruído. No dia seguinte, ele retornou à sua sala em Berlim ostentando uma plaqueta da linha de frente em bronze - concedida após vinte missões de combate - e uma Cruz de Ferro de segunda classe.[726](#)

O objetivo real da visita de Heydrich à Noruega, porém, não era satisfazer a paixão de voar, mas orquestrar a primeira onda de prisões de opositores políticos em Oslo e

outras cidades norueguesas. Em 20 de abril, pouco antes de Hitler nomear Josef Terboven comissário do Reich para a Noruega, Himmler recebeu o sinal verde de Hitler para instalar um chefe de polícia e comandante da SS na Noruega e mandar uma força-tarefa da SS para o país.[727](#) Heydrich, exultante por Hitler ter mudado inesperadamente de ideia, ordenou a partida imediata de um *Einsatzgruppen* sob o comando do dr. Franz Walter Stahlecker, um de seus homens de maior confiança, que estivera anteriormente encarregado da Polícia de Segurança em Praga.[728](#)

Stahlecker chegou a Oslo em 29 de abril, com cerca de 200 homens da Polícia de Segurança e do SD que foram em seguida mandados para as maiores cidades da Noruega: Oslo, Bergen, Trondheim, Kristiansand e Stavanger. Heydrich instruiu os líderes do comando de que a missão que tinham pela frente *não* era uma expedição em “território inimigo”. Enfatizou, ao contrário, que a Noruega “fora colocada sob a proteção do Reich Alemão e pode esperar que todas as medidas tomadas pela Polícia de Segurança permaneçam rigorosamente dentro dos limites do que é absolutamente essencial para garantir o esforço de guerra”. Embora os inimigos do Reich devam ser neutralizados, ele continuou, a tarefa devia ser cumprida “com a mais extrema habilidade e tato”. Tanto os oficiais quanto os suboficiais seriam “implacável e rigorosamente processados” se agissem violando essas instruções.[729](#)

Enquanto Heydrich continuava se recuperando do pequeno ferimento sofrido quando seu avião ultrapassou a pista em Stavanger, a Wehrmacht já lançara um ataque em grande escala contra a França e os países do Benelux. O êxito era absolutamente certo. Lembranças do demorado impasse na Frente Ocidental durante a Grande Guerra ainda

eram nítidas e os oponentes da Alemanha superavam substancialmente a Wehrmacht em tropas e equipamento. Contudo, graças a uma resistência conduzida de maneira precária, a algumas decisões estratégicas inspiradas, moral elevado e sorte, as tropas alemães assestaram um golpe esmagador. Os Países Baixos se renderam em apenas quatro dias; a Bélgica em dezoito. A França mal resistiu um mês.

Heydrich, juntamente com a maioria dos generais alemães, ficou surpreso com a rapidez do avanço militar e depressa percebeu que era essencial uma ação imediata se queria que seu SD desempenhasse algum papel, fosse qual fosse, nos regimes de ocupação na Europa Ocidental. Na sequência da apressada nomeação feita por Hitler, em 18 de maio, do político nazista austríaco Arthur Seyss-Inquart para comissário do Reich dos Países Baixos ocupados, Himmler conseguiu nomear um chefe de polícia e comandante da SS: o veterano austríaco *heimwehr* Hanns Albin Rauter. Hans Nockemann, que chegara a Amsterdã logo depois da rendição holandesa, tornou-se comandante da Polícia de Segurança e do SD de Heydrich nos Países Baixos.[730](#)

Heydrich não obstante estava insatisfeito. A posse de Rauter e Nockemann no final de maio de 1940 havia ocorrido “tarde demais” para combater de forma efetiva adversários políticos e emigrados nos territórios ocupados do Ocidente, pois a Abwehr militar “não conseguira obter informação relevante sobre os emigrados políticos”. Se a Polícia do Estado tivesse sido mobilizada durante a campanha, poderiam ter sido apreendidos documentos de relevância, que estavam agora, presumivelmente, perdidos para sempre.[731](#)

A situação na Bélgica, Heydrich rapidamente percebeu, era ainda menos favorável. Embora Himmler tivesse pleiteado junto a Hitler a instalação de um comissariado do Reich civil em vez de um regime de ocupação militar, Hitler ignorou seus desejos e a Wehrmacht conseguiu permanecer encarregada da ocupação durante quase toda a guerra. A administração militar em Bruxelas era também responsável por Luxemburgo e o norte da França (Norte-Passo de Calais). O conjunto do território, com uma população de aproximadamente 12 milhões de pessoas, era dirigido por um general conservador, o barão Alexander von Falkenhausen, cujas íntimas relações com membros da resistência alemã levariam à sua prisão em julho de 1944. Nas primeiras semanas da ocupação, Falkenhausen e o dinâmico chefe da administração militar, Eggert Reeder, tiveram êxito em rechaçar os avanços do comando da SS em sua esfera de influência. Apesar de membro honorário do SS, Reeder só concedeu a Heydrich um diminuto apoio em Bruxelas, onde um protegido de Heydrich, Max Thomas, foi empossado como chefe da Polícia de Segurança e do SD para a Bélgica e a França. Thomas teve grande dificuldade em exercer alguma influência sobre as políticas de ocupação alemãs na Bélgica ante a oposição da administração militar.[732](#)

Na França, presa mais importante da campanha ocidental da Wehrmacht, a situação não era diferente. A administração militar que fora estabelecida após a derrota francesa no verão de 1940 não estava inclinada a ceder ao RSHA qualquer influência na política de ocupação. Em seguida ao armistício de 22 de junho, um pequeno contingente da Polícia de Segurança e do SD, sob o comando do dr. Helmut Knochen, um homem de 30 anos

(Heydrich falou de um “deplorável” grupinho de 15 homens que conseguira despachar com a bênção de Göring), foi mandado a Paris para monitorar as atividades de “judeus, comunistas, emigrados, lojas maçônicas e igrejas”. O grupo era formado por homens jovens e extremamente ambiciosos, mas até maio de 1942, quando o ex-assistente pessoal de Heydrich, Carl Albrecht Oberg, foi empossado como comandante da SS e chefe de polícia em Paris, as ações deles foram restringidas pela autoridade global da administração militar, chefiada pelo general prussiano arquiconservador Otto von Stülpnagel.[733](#)

Do ponto de vista pessoal de Heydrich, as questões eram mais complicadas pelo fato de Werner Best, que deixara o RSHA após o desentendimento com Heydrich, ter sido nomeado chefe da administração civil na França ocupada. Embora Heydrich não tivesse razão para duvidar do firme comprometimento ideológico de Best com os programas da SS, ele sabia que, ao implementar esses programas, Best confiaria muito mais em seu próprio aparelho que nos agentes de Heydrich. Como Heydrich não tinha intenção de reconciliar-se com Best, seria difícil exercer qualquer influência direta sobre os programas de ocupação alemã na França no futuro previsível.[734](#)

As campanhas vitoriosas da Alemanha nazista na Europa Ocidental constituíram, assim, um revés para Heydrich. Ele não conseguira usar as conquistas da primavera de 1940 - a ocupação da Noruega, da Dinamarca, da Holanda, da Bélgica e de Luxemburgo - do modo como usara a campanha contra a Polônia. Mas não estava disposto a perder todas as esperanças. Descrente da Abwehr militar, chefiada por Canaris, e confiante de que a Alemanha sairia vitoriosa da então iminente Batalha da Grã-Bretanha,

instruiu sua equipe a organizar listas de prisão para as Ilhas Britânicas, que logo seriam conquistadas. Franz Six, chefe do Departamento II do RSHA de Heydrich, foi incumbido das operações dos *Einsatzgruppen* no Reino Unido enquanto o próprio Heydrich se preparava para operações de voo sobre o Canal. Seu verdadeiro envolvimento na Batalha da Grã-Bretanha, porém, não ultrapassou um punhado de voos de patrulha sobre a ilha de Wangerooge, no Mar do Norte – uma maneira perfeita de se envolver na batalha sem correr de fato o risco de ser morto.[735](#)

Com base nos interrogatórios dos agentes britânicos do MI6 sequestrados, Best e Stevens, e em ideias preconcebidas, Walter Schellenberg organizou um manual sobre a Grã-Bretanha para uso da Gestapo após uma invasão bem-sucedida. O relatório secreto *Informationsheft GB* de Schellenberg nos deixa entrever a percepção que ele e Heydrich tinham da Grã-Bretanha como um país supostamente governado por maçons, judeus e uma pequena elite formada pelo ensino público. “A liberdade democrática na Grã-Betanha” era descrita como uma fraude, enquanto o arcebispo de Canterbury e o Conselho de Relações Exteriores da Igreja da Inglaterra eram considerados responsáveis por propaganda antialemã. No final do documento, a “Lista de Busca Especial GB” (“Sonderfahndungsliste GB”) relacionava 2.820 indivíduos a merecer atenção especial da Gestapo, dos quais 30 deviam ser presos imediatamente após a invasão. Se os nazistas tivessem conquistado a Grã-Bretanha, a Gestapo teria prendido não apenas Winston Churchill e o líder do Partido Trabalhista, Clement Attlee, mas também pacifistas como Norman Angell, escritores como H. G. Wells e emigrados alemães como o romancista Stefan Zweig.[736](#)

A “Lista de Busca Especial GB” desapareceu rapidamente nos arquivos do RSHA. No outono de 1940, após uma série de bombardeios que deixaram mais de 20 mil civis mortos, a Luftwaffe abandonou a Batalha da Grã-Bretanha e a marinha engavetou seu plano da Operação Leão-Marinho, a invasão da Inglaterra. Hitler decidiu em vez disso atacar a União Soviética no ano seguinte como um meio indireto de pressionar a Grã-Bretanha.[737](#)

Madagáscar

No inebriante verão de 1940, quando a Alemanha parecia ter ganho a guerra e elementos influentes no governo britânico estavam pelo menos secretamente considerando a opção de uma paz negociada, os pensamentos de Heydrich se voltavam para o futuro. Embora a conquista militar da Europa Ocidental tivesse lhe trazido mais frustrações que sucessos, a queda da França prometia abrir novos caminhos para a solução da questão judaica. A euforia da vitória em junho de 1940 proporcionava o momento perfeito para uma renovada tentativa de implementar planos radicais para a remoção completa de todos os judeus e poloneses do Terceiro Reich, então maciçamente expandido. Em seguida à derrota da França, antigos planos de empurrar os judeus para uma reserva na Polônia foram substituídos por outro projeto para a solução territorial do problema judaico: o plano Madagáscar.

A ideia de criar uma grande reserva judaica em Madagáscar, uma ilha colonial francesa junto à costa africana, não era exatamente original. Desde o final do século XIX, fora promovida por vários panfletos antisemitas sobre o futuro da comunidade judaica europeia, não apenas na Alemanha, mas também na França, na Grã-Bretanha e nos Países Baixos. Os governos polonês, francês e britânico de fins da década de 1930, todos brincaram com a ideia de reinstalar pelo menos alguns de “seus” judeus em Madagáscar, embora nenhum desses planos jamais tenha se concretizado.[738](#)

Também o SD de Heydrich vinha considerando, desde o início dos anos 1930, a possibilidade de transformar algum território inóspito do exterior num futuro Estado judeu, mas o planejamento prático andava devagar.[739](#) Em 1937, discussões internas não foram além do ponto de permitir que peritos em judeus do SD pudessem apresentar a Heydrich um memorando que visava realizar a “desjudificação da Alemanha” por meio da emigração de judeus alemães para países com um “baixo nível cultural”, impedindo assim o surgimento de “centros de conspiração do novo mundo” em países mais avançados. Juntamente com Madagáscar, os territórios do Equador, da Colômbia e da Palestina foram defendidos como possíveis áreas para futuro assentamento para os judeus.[740](#) No início de março do ano seguinte, o diretor da seção judaica do SD, Herbert Hagen, ordenou que seu subordinado Adolf Eichmann preparasse um memorando para Heydrich sobre as implicações da questão judaica na política externa.[741](#)

No início do verão de 1940, esses planos anteriormente abstratos pareceram de repente viáveis e Heydrich compreendeu rapidamente sua relevância como lenitivo potencial de um numericamente crescente problema judaico. Se a concentração de judeus do Leste Europeu ao redor de Lublin era uma ideia que se mostrara impossível de realizar, a concepção de embarcar todos os judeus europeus para Madagáscar era vista como uma panaceia pelos frustrados engenheiros demográficos da Alemanha. Inspirado pela súbita disponibilidade das possessões coloniais da França, Heydrich rapidamente informou Himmler das novas possibilidades. Himmler, por sua vez, apresentou a Hitler um memorando sobre o “tratamento de populações forasteiras no Leste”. Dentro do contexto mais

amplo de engenharia étnica na Europa Ocidental, Himmler especulou sobre o futuro destino dos judeus. Conjeturou que, por meio “da emigração em grande escala de todos os judeus para a África ou para alguma outra colônia, espero ver o termo judeu completamente extinto”. Embora Himmler, por “convicção íntima”, rejeitasse “os métodos bolcheviques de aniquilação física de um povo como não alemães e impossíveis”, defendia a migração forçada como uma possível solução não genocida. Implícito em suas sugestões, contudo, estava o subtexto de que era provável que, em qualquer cenário colonial, faltassem as condições básicas necessárias para a sobrevivência de todos os judeus deportados. Hitler comentou que o memorando era “muito bom e correto” e se referiu repetidamente ao projeto Madagáscar nas semanas seguintes.[742](#)

O primeiro plano concreto para o assentamento judeu em Madagáscar foi trabalhado não pelo RSHA, mas pelo recém-nomeado especialista em judeus do Ministério do Exterior, Franz Rademacher, um jovem diplomata de carreira que retornara recentemente de seu primeiro posto em Montevidéu. Rademacher apresentou um parecer inicial sobre o projeto Madagáscar a seu chefe, o subsecretário Martin Luther, em 3 de junho de 1940, menos de três semanas antes da rendição oficial francesa em Compiègne.[743](#) A solução proposta por Rademacher para o problema judaico - “todos os judeus fora da Europa” - conjeturava que Madagáscar seria “colocado sob a administração de um governador policial alemão que estará subordinado ao comando do chefe supremo da SS. Nesse território será concedido autogoverno aos judeus”. Com a adoção dessa estratégia, os judeus continuariam “em mãos alemãs” para garantir “o bom comportamento futuro de

seus camaradas raciais na América”. O projeto Madagascar (exatamente como o projeto de reserva judaica na Polônia que o precedeu) foi concebido, portanto, como uma forma de tomada de reféns.[744](#)

Heydrich logo teve notícias dos planos do Ministério do Exterior. Embora também acreditasse que surgira uma oportunidade única de resolver a questão judaica, ficou consternado ao ver que o Ministério do Exterior não hesitara em se aventurar numa área que encarava como sua jurisdição. Convencido de que somente seu aparelho tinha a perícia necessária para lidar com o problema judaico, não demorou a agir. Em 24 de junho, apenas dois dias após a França ter assinado o armistício, escreveu uma carta ao ministro do Exterior Von Ribbentrop lembrando-lhe que, em janeiro de 1939, Göring o havia encarregado de coordenar a emigração judaica e exigiu ser incluído em todas as deliberações futuras sobre a planejada “solução territorial”. Heydrich também lembrou a Ribbentrop que seus programas de emigração forçada até setembro de 1939 haviam sido extremamente bem-sucedidos, indicando que ele, não o Ministério do Exterior, estava colocado na situação ideal para orquestrar a agora necessária “solução final territorial”. Essa “solução” enfrentaria “a totalidade do problema” de cerca de 3,25 milhões de judeus “até agora sob controle alemão”.[745](#)

Heydrich não esperou resposta de Ribbentrop. Preparativos para um plano abrangente de deportação foram iniciados de imediato pelo RSHA, embora Heydrich só pretendesse ver o plano posto em prática depois do fim da guerra, previsto para 1942. Sob ordens de Heydrich, Eichmann e sua equipe de peritos em judeus começaram a coletar informação climática e geográfica sobre Madagascar

no Instituto Tropical Alemão em Hamburgo e no Ministério Colonial francês. Eichmann também consultou os representantes das duas maiores linhas alemãs de navegação marítima, Hapag e Norddeutsche Lloyd, em busca de opinião sobre como resolver problemas de transporte.⁷⁴⁶ Por mais fantástico que ele possa parecer, o projeto Madagascar foi levado muito a sério por Heydrich, pois prometia um grande avanço com relação ao problema judaico e proporcionava uma saída para o antigo conflito com o poderoso administrador do Governo Geral, Hans Frank. Frank, deliciado com a notícia de que as deportações da Alemanha não afetariam mais o Governo Geral, inteirou-se do plano Madagascar com um “colossal alívio”.⁷⁴⁷

Em resposta à carta de Heydrich de 24 de junho, Ribbentrop admitiu que a administração de um potencial “supergueto” judeu em Madagascar era da alçada de Heydrich e instruiu Rademacher a levar avante seus preparativos em “contato mais estreito” com o RSHA. Em seu “Plano para a Solução da Questão judaica” de 2 de julho de 1940, Rademacher imaginava o estabelecimento de um “Estado policial” em Madagascar, onde os 4 milhões de judeus da Europa naquele momento sob controle alemão viveriam sob jurisdição autônoma (mas controlada pela SS), com uma polícia e uma administração postal próprias, uma iniciativa, ele acreditava, que daria destaque à “generosidade” da Alemanha. O verdadeiro poder, no entanto, estaria nas mãos da Polícia de Segurança de Heydrich, o único órgão com “a necessária experiência nessa área: ele tem meios de impedir fugas da ilha e também a experiência para tomar as adequadas medidas punitivas que se tornem necessárias devido a ações hostis de judeus dos Estados Unidos contra a Alemanha”. Os

judeus seriam considerados financeiramente responsáveis por todo o processo de reassentamento em Madagáscar e todos os seus ativos europeus seriam administrados com esse objetivo por um banco especial europeu.[748](#)

A despeito das responsabilidades de longo alcance oferecidas à Polícia de Segurança pelo Ministério do Exterior, Heydrich não se deixou impressionar. Duas semanas depois, em 15 de agosto, transmitiu a Ribbentrop propostas próprias e extensas do RSHA para o projeto Madagáscar. O projeto inteiro, do estágio de planejamento logístico ao gerenciamento de um Estado policial na ilha, ficaria sob a responsabilidade de Heydrich, cuja habilitação por Göring para tratar dos assuntos de emigração judaica foi mais uma vez reiterada.[749](#)

Embora muito mais detalhado que o plano original de Rademacher, o plano do RSHA só se desviava dele em alguns poucos aspectos, ainda que importantes: não continha uma retórica oca demonstrando ao mundo a “generosidade” da Alemanha ao conceder autonomia aos judeus. Heydrich e seus assessores imaginavam que, depois de a guerra ter sido levada a uma conclusão triunfante, vários milhões de judeus seriam embarcados para Madagáscar no prazo de até cinco anos. Os primeiros embarques de deportados judeus consistiriam principalmente de agricultores, pedreiros, artesãos, operários e médicos até no máximo 45 anos de idade, que começariam imediatamente a tornar habitáveis as áreas inóspitas da ilha. Ao contrário de Rademacher, Heydrich imaginava uma forma muito mais limitada de autogoverno judeu, confinada à criação de organizações judaicas especiais, para cumprir tarefas selecionadas, que lhes seriam atribuídas pela SS.[750](#)

A noção de que milhões de judeus europeus poderiam ser transportados para a inóspita ilha de Madagáscar atesta uma nova radicalização no círculo próximo a Heydrich. Como Peter Longerich convincentemente afirmou, o projeto previa claramente um imenso número de mortos entre os deportados e possivelmente implicava numa tentativa consciente de extermínio físico, mesmo que tal resultado pudesse teoricamente ser evitado por um “bom comportamento” por parte dos Estados Unidos. O planejamento da solução final dentro do RSHA estava gradualmente evoluindo para a “erradicação” – mesmo que ainda “só” por meio do descaso – que apenas três meses antes Himmler havia rejeitado.[751](#)

O plano Madagáscar permaneceu na mente de Heydrich durante as semanas seguintes. Numa circular a todos os quartéis-generais da Polícia de Segurança da Alemanha em 30 de outubro de 1940, ele descrevia os “planos para o reassentamento” de todos os judeus dentro da esfera de influência alemã, que seriam implementados “após a conclusão da paz”, como uma “evacuação para o exterior”.[752](#) Mais de um mês depois, em dezembro de 1940, Eichmann disse ao perito racial do Ministério do Interior, Bernhard Lösener, que o plano Madagáscar continuava pousado na mesa de Heydrich, esperando aprovação.[753](#) Nesse momento, contudo, já se tornara altamente improvável que o plano fosse implementado num futuro próximo. Desde o início, sua implementação dependera não apenas da derrota da França, mas também de um esperado acordo de paz com a Grã-Bretanha, que teria permitido que os alemães usassem a frota mercante britânica para as tencionadas deportações. Após o fracasso da Luftwaffe em garantir vitória sobre a Royal Air Force –

RAF na Batalha da Grã-Bretanha e o abandono do plano de invasão alemã, o plano Madagascar foi abandonado, basicamente porque as rotas marítimas da Europa para o Oceano Índico não poderiam ser viabilizadas.

A frustração de Heydrich aumentou imensamente no outono de 1940. Após o desastre de Nisko, o plano Madagascar era a segunda grande solução territorial que fora concebida e abandonada no prazo de apenas alguns meses. Contudo, apesar do fracasso do plano, Heydrich continuou firmemente comprometido com a ideia de expulsar os judeus para a mais distante extremidade da esfera de influência alemã. Se Madagascar não era mais uma opção, outro território teria de ser encontrado. A “dizimação” dos deportados em quantidades significativas fora parte do pensamento de Heydrich desde a invasão da Polônia, mas não há prova ou indício de que ele já tivesse desenvolvido algum plano abrangente para o massacre sistemático de todos os judeus dentro da esfera de influência alemã.

Durante todo o outono de 1940 e a primavera de 1941, continuaram a ocorrer deportações gradativas de judeus e outros indesejáveis das fronteiras do Reich para o Governo Geral. Em seguida à derrota francesa e à anexação da Alsácia-Lorena, a SS começou imediatamente a expulsar judeus, ciganos, elementos antissociais e nacionalistas franceses da região. Entre o verão e o inverno de 1940, os alemães tinham deportado mais de 47 mil pessoas da Lorena e outras 24 mil da Alsácia. Um adicional de 71 mil pessoas que haviam fugido da região durante a invasão foi impedido de retornar.[754](#)

Nos vizinhos *gauen* alemães de Baden e Saarpfalz, autoridades locais usaram a oportunidade para se livrar de

“seus” judeus, propondo a Himmler e Heydrich que eles poderiam ser deportados para a não ocupada França de Vichy. Heydrich aproveitou de imediato a oportunidade e, em 22 de outubro, esquadrões de polícia caíram sobre os judeus em cada lugarejo de Baden e Saarpfalz. Avisados com apenas duas horas de antecedência, os deportados receberam ordens de reunir não mais de 50 quilos de bagagem antes de serem postos em trens para a França. Em 22 e 23 de outubro, nove trens, dois de Saarpfalz e sete de Baden, partiram com mais de 6 mil judeus alemães para a França de Vichy. Para satisfação de Heydrich, as pessoas foram arrebanhadas “sem resistência ou incidente” e “mal foram notadas pela população”.⁷⁵⁵ Contudo, as autoridades de Vichy, não querendo que a cidade fosse tratada como um depósito de lixo para judeus alemães, internaram-nos na fronteira franco-espanhola e se queixaram ao Ministério do Exterior, que não tinha conhecimento das deportações. Heydrich concordou com Luther que as deportações haviam sido realizadas sem consulta prévia. Contudo, ele enfatizou que agira com base numa ordem do Führer. Ribbentrop interveio e ordenou que a queixa francesa fosse tratada “sem nenhuma pressa”.⁷⁵⁶ Do ponto de vista de Heydrich (e de muitos *gauleiters* nazistas regionais no Reich), esses sucessos e deportações em pequena escala eram muito pouco satisfatórios. Uma “solução completa” da questão judaica tinha ainda de ser encontrada.

Em novembro ou dezembro de 1940, mais ou menos na época em que Hitler tomou a decisão inicial de atacar a União Soviética no ano seguinte, Heydrich recebeu a ordem de Hitler (via Göring) de preparar o primeiro rascunho de um “projeto de solução final” a ser implementado após o término da guerra. Embora a redação exata da proposta de

Heydrich - apresentada a Göring durante uma reunião de duas horas em 24 de janeiro de 1941 - seja desconhecida, é possível reconstruir seu conteúdo.[757](#) Um memorando de Eichmann de 4 de dezembro joga alguma luz sobre como Heydrich e seu círculo mais próximo viam, nesse momento, a “solução da questão judaica”. Madagáscar não era mais mencionado. Em vez disso, Eichmann se referia ao “reassentamento dos judeus” da Europa sob controle alemão como um “território ainda a ser determinado”. Eichmann calculou que esse projeto afetaria “por volta 5,8 milhões de judeus”, um aumento significativo quando comparado com a cifra de 4 milhões de judeus citada no plano Madagáscar do RSHA no verão anterior. Os judeus visados para deportação incluíam agora os dos aliados da Alemanha do sudeste europeu e dos Estados títeres, assim como os que viviam nas colônias francesas.[758](#)

Um segundo memorando, escrito pelo perito em judeus de Heydrich em Paris, Theodor Dannecker, em janeiro de 1941, também indica até que ponto os planos tinham se desenvolvido desde o verão de 1940:

De acordo com a vontade do Führer, a questão judaica dentro da parte da Europa sob domínio ou controle alemão deve encontrar uma solução final após o término da guerra. O chefe da Polícia de Segurança e do SD [Heydrich] já recebeu... ordens do Führer para preparar um plano para o projeto de solução final. - Graças às extensas experiências da Sipo e do SD no tratamento de judeus e aos trabalhos preparatórios que há muito vêm sendo feitos nessa área, os principais pontos do projeto já foram mapeados. Ele foi apresentado ao Führer e ao marechal do Reich [Göring]... [O plano implica] total expulsão dos judeus com base nos planos anteriores e num detalhado programa de assentamento em território a ser ainda determinado.[759](#)

Faltava saber para onde os judeus iam ser deportados. Como Hitler já havia tomado a decisão de atacar a União Soviética, é quase certo que Heydrich começou a ver o Governo Geral como mero ponto de agrupamento para deportações em grande escala para áreas da União Soviética a serem conquistadas em breve. Como o plano de Hitler de invadir a União Soviética no verão seguinte não podia ser mencionado abertamente sem comprometer o sigilo que cercava os preparativos da Operação Barbarossa, a correspondência de Heydrich, durante esses meses, com outros que tomavam decisões na burocracia nazista referia-se a um “território a ser ainda determinado” ou “à região que será escolhida mais tarde”.[760](#)

Quando, em 26 de março, Heydrich encontrou-se com Göring para discutir as propostas de janeiro de 1941 e sua futura área de competência nos territórios soviéticos ainda a conquistar, Göring aprovou suas sugestões “com uma emenda dizendo respeito à área de competência de Rosenberg”. A referência a Alfred Rosenberg - nomeado ministro dos territórios orientais ocupados - indica mais uma vez que “o território a ser ainda determinado” era a União Soviética.[761](#) Heydrich tornou a apresentar seu esboço revisado sobre a solução da questão judaica em 31 de julho de 1941, quando Göring incumbiu-o formalmente da tarefa de empreender “preparativos de ordem organizacional, técnica e material para a solução completa da questão judaica na área de influência alemã na Europa”.[762](#)

No que dizia respeito à solução nazista para o problema judaico, a era das expulsões em massa terminou quando os preparativos militares para a Operação Barbarossa fizeram parar os últimos transportes de deportação para a Polônia

em meados de março de 1941. Ainda no verão de 1941, Heydrich continuava a imaginar a solução final em termos de reassentamento forçado na extremidade mais distante da esfera de influência alemã. No contexto desses assentamentos forçados, incontáveis banidos morreriam de sede, fome e exaustão - um efeito colateral ao qual Heydrich estava basicamente indiferente. Sua tarefa, como ele a compreendia, era remover os judeus para a parte mais distante da esfera de influência alemã. Não para assassiná-los, mas se alguns morressem no curso dessas expulsões, isso não lhe dizia respeito. Embora inerentemente destrutivo e homicida, ele não tinha, ainda, começado a pensar na solução final em termos do assassinato metódico de todos os judeus da Europa, sem levar em consideração idade e sexo.[763](#)

Entre 1939 e 1941, Heydrich defendeu basicamente duas políticas antijudaicas: guetização e expulsão, sendo a primeira vista como medida de curto prazo para facilitar a segunda, o objetivo de longo prazo. Expulsão para a extremidade mais distante do Império Alemão, não assassinato metódico, indiscriminado, era a solução de Heydrich para o problema judaico nesse período. A busca incessante de uma área de recepção - primeiro a leste de Cracóvia, depois ao redor de Lublin, em Madagáscar e mais uma vez no Governo Geral - caracterizava o pensamento antijudaico de Heydrich nesses meses. A transição gradual para o genocídio só aconteceria depois do ataque alemão à União Soviética em 1941.

Preparando-se para a Guerra Total

Em seguida a uma rápida ascensão na hierarquia da SS depois de 1931, Heydrich tinha vivenciado muitos reveses sérios desde a eclosão da guerra em setembro de 1939. As atrocidades cometidas por seus *Einsatzgruppen* na Polônia haviam deixado muito tensas as relações com a Wehrmacht, a ponto de a Sipo e o SD ficarem praticamente desprovidos de qualquer papel na ocupação da Europa Ocidental. Além disso, tanto os ambiciosos planos de assentamento de Himmler quanto as propostas de Heydrich para uma solução territorial do problema judaico não haviam alcançado grande êxito. Foi nessas circunstâncias que surgiu uma nova oportunidade em seguida à decisão de Hitler de atacar a União Soviética. Heydrich estava determinado a não deixar essa oportunidade lhe escapar.

Na primavera de 1941, os planos de Hitler para um confronto militar com a União Soviética ganharam consistência e Heydrich estava bem consciente de que a Operação Barbarossa ia ser travada como guerra de aniquilamento. Quando, em 30 de março, reuniu os comandantes supremos das forças armadas na Nova Chancelaria do Reich, Hitler enfatizou que a guerra iminente com a União Soviética seria um combate de vida ou morte entre duas ideologias irreconciliáveis, uma guerra que não deixava espaço para noções antiquadas de cavalaria. Os partidários da causa bolchevique, incluindo membros da polícia secreta e comissários políticos, deviam ser mortos de imediato.⁷⁶⁴ Ao contrário do que acontecera na Europa Ocidental, seriam agora concedidas a Himmler

“responsabilidades especiais em nome do Führer” na retaguarda do exército, onde a SS agiria “de modo independente” e “sendo responsável pelos seus atos”. Desse modo, o comando da Wehrmacht acreditava que poderia manter distância dos assassinatos em massa que se esperava que ocorressem em escala ainda maior do que acontecera no caso da Polônia.[765](#)

As negociações entre Heydrich e o intendente-geral do exército, Eduard Wagner, sobre a exata natureza da colaboração entre a SS e a Wehrmacht na campanha seguinte contra a União Soviética começaram em fevereiro de 1941 e se intensificaram em meados de março, quando Heydrich retornou de umas férias breves na costa do Báltico. A atmosfera foi de longe mais cordial que durante suas discussões anteriores nos preparativos para a campanha polonesa de 1939. A minuta do acordo no final de março de 1941 especificava que a “implementação de certas tarefas políticas de segurança” requeria a “mobilização de comandos especiais da Polícia de Segurança” na área operacional.[766](#)

A tarefa exata dessas unidades especiais era apenas vagamente descrita: nas áreas operacionais de retaguarda perto do *front*, as forças-tarefas estariam encarregadas da “identificação e combate de atividades subversivas contra o Reich”. Os *Einsatzkommandos* deviam cumprir suas tarefas “e serem responsáveis por elas”, recebendo suas ordens para “medidas concretas contra a população civil” diretamente de Heydrich. Ao mesmo tempo, eles estavam sujeitos à autoridade do exército em todos os assuntos de “transporte, suprimento e alojamento”. Expressando-se por palavras diferentes, Heydrich e Wagner haviam concordado que as pretendidas liquidações em massa de funcionários

comunistas na retaguarda do exército ficariam sob a responsabilidade exclusiva dos *einsatzgruppen*, que, por sua vez, poderiam contar com o apoio logístico da Wehrmacht. Uma íntima cooperação com o exército devia ser assegurada por meio de um oficial de ligação da força-tarefa da SS no efetivo de cada exército. Os militares seriam mantidos a par de todas as ordens e instruções de Heydrich aos *Einsatzgruppen*.[767](#)

No mesmo dia, 26 de março, Göring pediu que Heydrich elaborasse um breve memorando para o exército, informando-os da “natureza perigosa” dos comissários políticos da União Soviética, da polícia secreta e dos judeus, para que eles “compreendessem quem estarão pondo contra a parede”.[768](#)

As negociações entre a SS e o exército ainda estavam em marcha quando eventos inesperados ocorreram no sudeste europeu. Em 27 de março, o governo iugoslavo pró-alemão de Dragiša Cvetković foi derrubado por um golpe militar, dando origem a temores em Berlim de que os novos governantes de Belgrado se unissem ao esforço de guerra aliado contra a Alemanha nazista. Tanto o exército quanto o comando da SS se prepararam apressadamente para um ataque improvisado à Iugoslávia. Simultaneamente, Hitler decidiu invadir a Grécia, que já estava em guerra com a Itália, aliada da Alemanha, e tinha resistido com êxito ao avanço italiano com a ajuda de seu aliado britânico. Em 6 de abril, a Wehrmacht marchou para a Iugoslávia, que capitulou menos de duas semanas depois. A Grécia foi ocupada por tropas alemãs no final de abril. Heydrich logo requereu a permissão de Himmler para ingressar nas forças armadas em marcha e participou brevemente do ataque como piloto de caça, mas a rapidez da vitória alemã

impediu-o de ter qualquer envolvimento maior no combate.[769](#)

Dois *Einsatzgruppen* da Polícia de Segurança e do SD seguiram as tropas alemãs em marcha para os Bálcãs – um até a Iugoslávia, o outro até a Grécia. A questão de saber que papel a Polícia de Segurança e o SD de Heydrich deveriam desempenhar nessa guerra improvisada foi tratada pragmaticamente com base na minuta de acordo que Heydrich e Wagner haviam preparado no final de março, embora com uma pequena modificação, mas extremamente significativa: a lista de pessoas que os homens de Heydrich iam prender incluía não apenas “emigrados, sabotadores e terroristas”, mas também o grupo muito menos delimitado de “comunistas e judeus”. Do ponto de vista de Heydrich, o emprego dos *Einsatzgruppen* na campanha balcânica era um grande progresso em comparação aos reveses experimentados no ano anterior, durante a ocupação da Dinamarca, da França, da Bélgica e dos Países Baixos.[770](#)

Em 16 de abril, um dia antes da rendição da Iugoslávia, Heydrich e Himmler se encontraram com Wagner num quarto de hotel na cidade austríaca de Graz. Com base na minuta de 26 de março, chegaram a um acordo final sobre uma “regulamentação da inserção da Polícia de Segurança e do SD na estrutura do exército” para a guerra iminente contra a União Soviética. Embora “comunistas e judeus” não fossem expressamente mencionados no documento final, todos os participantes do encontro estavam plenamente cientes de que seriam o alvo principal do futuro conflito.[771](#)

Heydrich não havia esperado a conclusão desse acordo para dar início a seus próprios preparativos para a guerra contra a União Soviética. Do início ao final de março, ele e

seu chefe de pessoal, Bruno Streckenbach, selecionaram os oficiais de comando para os três *Einsatzgruppen* originalmente previstos, cada um dos quais ia seguir um grupo de exército para a União Soviética. Finalmente, uma quarta força-tarefa foi acrescentada para a frente romena. A Força-Tarefa A, chefiada pelo dr. Franz Walter Stahlecker, devia seguir o Grupo do Exército Norte através dos Estados bálticos. A Força-Tarefa B, sob o comando de Arthur Nebe, foi instruída para avançar com o Grupo do Exército Centro através da Bielorrússia e da Rússia central até Moscou. As Forças-Tarefas C e D, sob o comando do dr. dr. Otto Rasch e do dr. Otto Ohlendorf, iam operar na Ucrânia, na Romênia e na Crimeia. Cada uma das forças-tarefas estava, por sua vez, subdividida em dois comandos especiais operando logo atrás do *front* e dois comandos de força-tarefa operando em suas retaguardas. Em comparação com os 3 milhões de soldados da Wehrmacht que estavam prestes a mergulhar em território soviético, os *Einsatzgruppen* de Heydrich eram de tamanho quase insignificante: no total, as quatro forças-tarefas somavam apenas de 3 mil a 3.200 homens, incluindo membros do SD e da Polícia de Segurança, e também policiais comuns e membros da Waffen-SS.[772](#)

Como em campanhas anteriores, a liderança dos *Einsatzgruppen* era dominada por nazistas extremamente instruídos do império RSHA de Heydrich, a maioria deles com menos de 40 anos. Dos 17 oficiais de comando do *Einsatzgruppe A*, por exemplo, 11 eram advogados, 9 deles com doutorado. Treze já eram membros do Partido Nazista ou de uma de suas organizações afiliadas antes de 1933 e, quando da eclosão da guerra em 1939, todos eram membros de longa data da SS e do aparelho policial. Fossem quais fossem seus postos anteriores, muitos dos

oficiais de comando dos *Einsatzgruppen* tinham ascendido por meio do SD de Heydrich e presumivelmente o impressionavam não apenas por seus pontos de vista ideológicos, amplamente compartilhados, sobre judeus, bolcheviques e eslavos, mas pelo fato de exemplificarem o *ethos* dominante do RSHA de vigorosa crueldade, iniciativa e ativismo. Por todo o mês de maio e princípios de junho, os designados para as forças-tarefas reuniram-se nas escolas de treinamento da polícia de fronteira em Pretzsch e nas cidades vizinhas de Düben e Bad Schmiedeberg na Saxônia, onde Heydrich visitou-os repetidamente antes da invasão.[773](#)

Himmler e Heydrich se encontraram várias vezes no final de maio e princípios de junho para finalizar os preparativos da Operação Barbarossa.[774](#) Não sobreviveram registros detalhados desses encontros, mas é provável que tenham discutido a estratégia global da SS para a guerra contra a União Soviética, que foi revelada dois dias depois. Em 11 de junho, Himmler reuniu todo o comando da SS - incluindo Heydrich, Daluge, Wolff e os três comandantes da SS e chefes de polícia designados para os territórios soviéticos ocupados, Hans-Adolf Prützmann, Erich von dem Bach-Zelewski e Friedrich Jeckeln - para uma conferência de quatro dias no Wewelsburg, um castelo medieval perto de Paderborn, na Westfália, que Himmler desejava transformar no centro cultural e espiritual da SS.[775](#)

Durante esse encontro, o comando da SS festejou as possibilidades futuras de engenharia demográfica que tornariam sem importância os experimentos dos 18 últimos meses. Himmler referiu-se a um número de mortos estimado em 30 milhões de pessoas entre as populações da Europa Oriental. Sua declaração refletiu o ânimo assassino

que predominava entre os quadros superiores de comando da SS nos dias e semanas que precederam o ataque à União Soviética. Eles tinham plena consciência de que estavam prestes a iniciar uma campanha de extermínio historicamente sem precedentes e racialmente motivada.[776](#)

Esses planos assassinos de proporções verdadeiramente genocidas não estavam de modo algum confinados aos altos escalões do comando da SS. Cinco semanas antes, em 2 de maio de 1941, os secretários de Estado de vários ministérios tinham se encontrado com o general Georg Thomas, chefe do Escritório de Economia de Guerra e Armamentos, para discutir os preparativos econômicos para a guerra contra a União Soviética. Concordaram que, se a Alemanha quisesse vencer a guerra, a Wehrmacht invasora teria de ser suprida com alimento da Rússia. Além disso, produtos agrícolas essenciais para a provisão da frente doméstica, como óleos e cereais, teriam de ser despachados para a Alemanha. “Feito isso”, declarava laconicamente o protocolo da reunião, “*n* milhões de pessoas” na União Soviética conquistada “sem dúvida morrerão de fome”. Três semanas depois, o grupo-alvo de vítimas potenciais do chamado plano da fome foi mais especificado para incluir “muitas dezenas de milhões” de cidadãos soviéticos.[777](#)

É provável, embora impossível de comprovar, que a cifra abstrata de “dezenas de milhões” de pessoas que teriam de morrer para garantir a vitória da Alemanha tenha entrado no cenário mental de Himmler e Heydrich por intermédio de uma das figuras-chave presentes na conferência de maio: Herbert Backe. Nascido em 1896 de pais alemães na Geórgia, então parte do Império Russo, Backe foi internado

como inimigo estrangeiro em 1914, antes de se mudar para a Alemanha no final da Grande Guerra. Nos anos de 1920, Backe buscou um diploma (e depois um doutorado) em agricultura, primeiro na Universidade de Göttingen, depois em Hanover. Em sua tese de doutorado, Backe explicou o declínio inevitável da Rússia Soviética como resultado da inferioridade racial e sustentou que a Alemanha tinha um direito natural de ocupar as terras eslavas não cultivadas no Leste. Alguns dos artigos publicados de Backe chamaram a atenção de Walther Darré, futuro ministro nazista da Alimentação e Agricultura. Darré convidou Backe a ingressar no Partido Nazista, o que ele fez em 1931. Três anos depois da tomada do poder pelos nazistas, Backe foi recomendado a Göring, que estava procurando um perito em agricultura para seu escritório do Plano de Quatro Anos, uma posição que colocava Backe em competição direta com seu antigo mentor, Darré. Foi nessa época que Heydrich e Backe se conheceram. O primeiro ficou particularmente impressionado e animado com o radicalismo sem reservas de Backe. Heydrich e Backe se tornaram amigos íntimos e com frequência se encontravam para jantar em suas casas em Berlim.⁷⁷⁸ Backe estava trabalhando no plano da fome na qualidade de secretário de Estado do Ministério da Alimentação do Reich desde o início de 1941 e fora também responsável pelo esboço dos chamados Doze Mandamentos para futuros administradores no Leste ocupado. Backe enfatizava que “não desejamos converter os russos ao nacional-socialismo, mas transformá-los em nossos instrumentos... O russo tem suportado há séculos a pobreza, a fome e a austeridade. O estômago dele é flexível; portanto nada de falsa piedade!”.⁷⁷⁹

Dois dias após a reunião do comando da SS no castelo de Wewelsburg, Heydrich instruiu os oficiais no comando das forças-tarefas da SS, primeiro numa conferência em Berlim, em 17 de junho, e depois novamente na cerimônia de conclusão do período na escola de treinamento da polícia de fronteira em Pretzsch, pouco antes do ataque alemão à União Soviética. Segundo testemunhos pós-guerra de vários membros dos *einsatzgruppen* presentes nesses encontros, Heydrich falou de uma missão que exigia “severidade sem precedentes”.[780](#) Como recordou depois da guerra o comandante da Força-Tarefa D, Otto Ohlendorf, Heydrich ordenou explicitamente que funcionários comunistas e judeus, que na mente de Heydrich haviam se amalgamado num inimigo único, fossem executados.[781](#)

Depois da reunião de 17 de junho em Berlim, um dos chefes indicados dos *Einsatzkommandos*, querendo ter certeza de que havia compreendido corretamente suas ordens, perguntou: “Devemos fuzilar os judeus?”. Heydrich teria lhe assegurado que a resposta à pergunta era evidente.[782](#) Outra testemunha entre os oficiais dos *Einsatzgruppen*, Erwin Schulz, declarou que Heydrich falava em termos mais gerais, embora indicando que os judeus em particular tinham de ser tratados de forma “severa”.[783](#)

Mesmo se levarmos em conta a opinião de que os depoimentos pós-guerra de muitos membros dos *Einsatzgruppen* eram motivados pelo desejo de encobrir suas responsabilidades diretas pelas atrocidades cometidas em massa na União Soviética aludindo a uma ordem abrangente para matar a que tinham de obedecer, parece plausível que Heydrich tenha de fato dado ordens gerais nesse sentido. Logo depois do início da invasão alemã, ele condensou as instruções orais de 17 de junho em duas

ordens escritas para os comandantes dos *Einsatzgruppen* e os comandantes da SS e chefes de polícia nos territórios recém-ocupados.[784](#) Lembrando a seus homens em campanha que a tarefa imediata de “pacificar politicamente” a União Soviética ocupada exigia “severidade implacável”, reiterou que “todos os judeus a serviço do Partido [Comunista] e do Estado” deviam ser “eliminados”, juntamente com “funcionários do Comintern (e políticos comunistas profissionais em geral), funcionários de alto e médio escalão e funcionários subalternos radicais do partido, os comitês centrais, os comitês distritais e subdistritais, os comissários do povo”, assim como “outros elementos radicais (sabotadores, propagandistas, francoatiradores, assassinos, demagogos etc.)”.[785](#)

O grupo-alvo de pessoas a serem executadas foi deliberadamente mantido vago, mas estava claro que a fórmula “todos os judeus a serviço do partido e do Estado” era mera referência cifrada de uma ordem de matar uma nebulosamente definida classe superior judaica.[786](#) Seria deixado basicamente aos próprios líderes do *commando* decidir quem, exatamente, seria incluído nessa classe - uma abordagem que, mais uma vez, era extremamente característica do estilo de liderança de Heydrich, que exigia iniciativa sem especificar alvos exatos e que contribuiria de forma significativa para a rápida escalada do assassinato em massa nas semanas seguintes.[787](#)

Barbarossa

Em 22 de junho de 1941, um exército de invasão, historicamente sem precedente, de 3 milhões de soldados alemães e mais de 600 mil homens de tropas italianas, húngaras e finlandesas lançou-se contra a União Soviética numa larga frente de batalha de 1.500 quilômetros. A velocidade do avanço da Wehrmacht foi extraordinária. Dois dias após o desencadear da invasão, o Grupo do Exército Norte tinha capturado as cidades bálticas de Grodno, Vilna e Kaunas. No final de junho, Lvov também havia caído. O Grupo do Exército Centro fazia pressão para leste, tomando Smolensk em meados de julho, enquanto o Grupo do Exército Sul mergulhava na Ucrânia meridional. No final do outono, a Wehrmacht havia capturado mais de 3 milhões de soldados soviéticos, a grande maioria dos quais pereceria nos campos alemães de prisioneiros de guerra devido à fome, ao tifo e outras doenças infecciosas.[788](#)

Os *Einsatzgruppen* de Heydrich seguiam na retaguarda dos exércitos, ferozmente determinados a se distinguir no cumprimento de suas ordens. Embora Heydrich fosse informado de seu progresso por meio de relatórios diários dos incidentes, ele e Himmler logo decidiram monitorar diretamente o trabalho.[789](#) Oito dias após o início da Operação Barbarossa, em 30 de junho, viajaram do quartel-general de Hitler na Prússia Oriental para Grodno, na parte da Polônia antes ocupada pelos soviéticos, e Augustowo, na Lituânia recentemente conquistada, lar da maior comunidade judaica dos Estados bálticos. Em Grodno, Heydrich ficou consternado ao descobrir que, embora a

cidade já tivesse sido capturada havia uma semana, não havia um só representante da Polícia de Segurança ou do SD a postos. Ele emitiu uma reprimenda e uma advertência ao líder do comando encarregado da área, ordenando-lhe que mostrasse “maior flexibilidade em operações táticas” e que “acompanhasse os avanços militares”. O comandante do *Einsatzgruppe* B, Arthur Nebe, respondeu com uma desculpa: embora “apenas 96 judeus tivessem sido liquidados” nos primeiros dias da ocupação de Grodno e Lida, ele assegurou a Heydrich que ordenara “que isso tem de ser muito intensificado”: A “implementação das necessárias liquidações” estava “garantida em todas as circunstâncias”.[790](#)

Em Augustowo, entretanto, Heydrich e Himmler logo se depararam com o *Einsatzkommando Tilsit*, sob a liderança de Hans-Joachim Böhme. Na semana anterior, Böhme e seus homens haviam se empenhado em vários fuzilamentos de civis e tinham chegado a Augustowo para dar início a novas “ações punitivas” na retaguarda da Wehrmacht, que avançava rapidamente. Tanto Himmler quanto Heydrich aprovaram esses fuzilamentos em massa “em sua totalidade”. Incentivado pelo endosso de seus superiores, o *Einsatzkommando Tilsit* fuzilou mais de 300 civis no dia seguinte, a maioria deles homens judeus entre 17 e 45 anos de idade. Em 18 de julho, a unidade de Böhme afirmou ter assassinado um total de 3.302 vítimas.[791](#)

Em 11 de julho, Heydrich e Himmler retornaram a Grodno para observar o progresso da campanha de extermínio dos *Einsatzgruppen*. Ambos puderam ver por si mesmos que os esquadrões da morte tinham superado a “passividade” pela qual haviam sido criticados em 30 de junho: quando os dois chegaram, fuzilamentos em massa de civis ocorreram em

Grodno, Oschmiany e Vilna.[792](#) No intervalo entre essas visitas, Heydrich encontrava distração e alívio em exercícios diários de esgrima, preparando-se para o Campeonato de Esgrima da Nação Alemã em Bad Kreuznach, em agosto de 1941 (em que ficou em quinto lugar).[793](#)

O giro de inspeção de Heydrich a Grodno e a subsequente radicalização das medidas de pacificação que se seguiram a ele eram indicativos de um padrão mais geral: do início ao fim das primeiras semanas da guerra contra a Rússia Soviética, Himmler, Heydrich e outros oficiais superiores da SS visitavam com frequência os homens em campanha e os giros de inspeção geralmente precediam ou coincidiam com um aumento no número de atrocidades. Embora não haja prova rigorosa de que um ou outro tenha pedido diretamente o assassinato de civis desarmados sem levar em consideração idade e sexo, a simples presença de Himmler e Heydrich parece ter levado a um abrupto aumento dos massacres de civis judeus nos territórios antes ocupados pelos soviéticos. Aprovando o que já tinha acontecido e incentivando os homens a mostrar mais iniciativa, davam uma contribuição decisiva para a rápida escalada do assassinato em massa. Era certo que radicalismo e iniciativa receberiam elogio, uma lição que foi rapidamente aprendida por oficiais dos *Einsatzgruppen* ao longo da Frente Oriental.[794](#)

As matanças conseqüentemente se intensificaram no decurso do verão. Do final de junho em diante, quase todos os *Einsatzkommandos*, assim como uma série de batalhões da polícia alemã ao longo de toda a linha do *front* começaram a fuzilar indiscriminadamente homens judeus em idade de servir o exército, frequentemente centenas ou mesmo milhares de uma só vez. Tais execuções ocorriam

sob uma variedade de pretextos, indo do “castigo” por atrocidades cometidas pelo serviço secreto soviético, o NKVD, à punição de “saqueadores” e ao combate de “*partisans*”.[795](#)

Com lembranças de conflitos entre a SS e o exército na Polônia ocupada ainda frescas, Heydrich ficou preocupado que as tensões acerca das execuções pudessem tornar a emergir e instruiu os líderes das unidades de avanço a mostrar “o necessário tato político” ao realizar suas tarefas. Seus medos se mostraram sem fundamento. A cooperação com a Wehrmacht era “excelente”, observava o primeiro relatório da atividade dos *Einsatzgruppen*.[796](#) Queixas individuais continuaram a ser submetidas aos comandantes do exército, mas não ocorreram insultos generalizados semelhantes aos da Polônia. Quando, em agosto de 1941, as atividades *partisans* por trás da frente alemã extremamente estendida começaram a crescer, a disposição da Wehrmacht para tolerar e participar de atrocidades aumentou ainda mais. Carências de efetivos numa frente que logo era esticada ao máximo andaram de mãos dadas com medos crescentes da guerra *partisan*. A resposta a esse dilema foi uma maior violência “preventiva” contra inimigos tanto potenciais quanto reais.

O assassinato em massa não estava, contudo, restrito às forças-tarefas da SS. Em numerosos territórios recém-ocupados, a SS conseguiu desencadear *pogroms* executados pelas populações locais. Em 29 de junho, presumivelmente em resposta ao terrível *pogrom* que ocorreu em Kaunas no final de junho e que custou a vida de aproximadamente 3.800 judeus, Heydrich lembrou aos comandantes de forças-tarefas que “esforços de autolimpeza praticados por grupos anticomunistas ou

antijudaicos” nos territórios soviéticos ocupados “não devem ser dificultados”. Deviam ser, pelo contrário, ativamente incentivados e incitados, mas “sem deixar traço” de envolvimento alemão, para que parecessem explosões espontâneas de fúria antijudaica.[797](#) Nas áreas ocupadas pelo Exército Vermelho de 1939 em diante, há evidência de *pogroms* antijudaicos em pelo menos 60 cidades, particularmente na Lituânia, na Letônia e no oeste da Ucrânia. Embora variem as estimativas do número de vítimas, pelo menos 12 mil e possivelmente até mesmo 24 mil judeus sucumbiram a esses *pogroms*.[798](#)

A despeito de sua avidez em usar os *pogroms* como um indicador da ira local contra os “bolcheviques judeus”, Heydrich também estava consciente dos perigos inerentes a essa política. Dada a complexa mistura de motivações nacionalistas, oportunistas e antissemitas em ação, os *pogroms* continham um elemento de imprevisibilidade que era contrário a qualquer política antijudaica sistemática. Os comandantes do exército em campanha não viam os ingredientes básicos recomendados pelo RSHA – instigar *pogroms* e fazer uso de colaboradores locais sem sancionar oficialmente sua função auxiliar – como receita para uma política de ocupação eficiente. Em 1º de julho, atendendo a uma consulta do décimo sétimo exército sob o comando do general Carl-Heinrich von Stülpnagel, Heydrich explicou melhor sua ordem anterior relativa ao “não impedimento de medidas de autolimpeza tomadas por círculos anticomunistas e antijudaicos”, em parte para impedir uma proliferação incontrolável da violência de não alemães e em parte para evitar choques com o exército. Heydrich disse que era “evidente que as ações de limpeza têm de ser dirigidas em primeiro lugar contra bolchevistas e judeus”.

Os poloneses, por ora, deviam ficar excluídos, pois Heydrich acreditava que eram suficientemente antissemitas para serem de “especial importância como iniciadores de *pogroms*”.[799](#) O destino deles a longo prazo ia ser decidido num estágio posterior.

O destino dos comissários bolcheviques, ao contrário, era mais simples: quando capturados, deviam ser fuzilados imediatamente, embora Heydrich tenha conseguido convencer o exército de que, sempre que possível, deviam ser interrogados por oficiais do SD e da Abwehr antes da execução. As declarações deles, geralmente prestadas após ininterruptos períodos de tortura, ajudaram Heydrich a obter uma imagem mais clara da estrutura organizacional e dos métodos operacionais do NKVD.[800](#)

Para Heydrich, o ataque alemão à União Soviética marcou, portanto, o fim de um período extremamente insatisfatório de estagnação, tanto em termos de gratificação ideológica quanto de ambições de carreira. Entre a invasão da Polônia e o início da Operação Barbarossa, ele não conseguira aumentar a influência do SD e da Polícia de Segurança nos territórios ocupados da Europa Ocidental. Ao mesmo tempo, tanto a germanização da Polônia Ocidental quanto a questão judaica continuavam sem solução. A Operação Barbarossa proporcionou-lhe uma potencial estratégia de saída do impasse.

Decisões Fatídicas

Em seguida aos fulminantes avanços alemães em território soviético em junho e início de julho de 1941, que levaram Heydrich a emitir instruções detalhadas sobre o papel da Polícia de Segurança na captura de Moscou, um triunfante Hitler anunciou a um punhado de altos funcionários nazistas seus planos para o futuro do Leste ocupado. Até esse momento, houvera considerável incerteza sobre o que aconteceria com os territórios conquistados no misterioso e nebuloso reino que os alemães chamavam “o Leste” - uma supostamente inculta vastidão de pântanos, florestas impenetráveis e atoleiros entre o Báltico e o Mar Negro.[801](#) Num discurso de 16 de julho, Hitler prestou algum esclarecimento: o Leste ia se tornar o “Jardim do Éden” da Alemanha e o cumprimento dessa utopia seria alcançado pelo uso de “todas as medidas necessárias - fuzilamentos, reassentamentos etc.”. Como de hábito, Hitler não deu ordens explícitas para um metódico assassinato em massa, mas a mensagem fundamental era inequívoca: não havia espaço para comunistas, judeus e outros indesejáveis no Jardim do Éden alemão. Os subordinados, particularmente Himmler e Heydrich, estavam ávidos em não decepcionar seu Führer.[802](#)

Como era típico dele, Hitler continuou sem se comprometer com qualquer visão concreta para os territórios antes governados pela União Soviética, mas decidiu, para grande desapontamento de Himmler e Heydrich que, no final das operações militares na União Soviética, os territórios ocupados seriam administrados por

autoridades civis sob a autoridade suprema do recém-nomeado ministro dos territórios orientais ocupados, Alfred Rosenberg. Rosenberg era um alemão do báltico, nascido em 1893, que estudara em Moscou e se tornara chefe do Escritório de Política Externa do Partido Nazista em 1933. Se Heydrich havia imaginado que Hitler daria a Himmler controle político sobre os territórios recentemente ocupados – permitindo assim que a SS coordenasse as políticas de germanização além da Polônia – suas esperanças foram por água abaixo. Por ora, Hitler limitava a autoridade da SS a questões de policiamento nos territórios recém-conquistados. Heydrich serviria de conexão entre Rosenberg e a SS, e era, portanto, em suas próprias palavras, “responsável perante o chefe supremo da SS por assuntos políticos nos territórios ocupados”.[803](#)

O potencial para futuro conflito estava claro desde o início. Rosenberg queria essencialmente dividir o território recentemente ocupado em quatro comissariados civis do Reich: a Ucrânia, a Ostland (termo nazista para os territórios abrangendo os Estados bálticos e a Bielorrússia), o Cáucaso e a Rússia propriamente dita. Só dois deles, o Comissariado do Reich da Ucrânia (sob o comando de Erich Koch) e o Comissariado do Reich da Ostland (sob o comando de Hinrich Lohse) chegaram na realidade a ser criados. Heydrich, no entanto, via os comissários do Reich como rivais naturais e interpretava sua missão policial como uma tarefa essencialmente *política* que devia ser cumprida sem qualquer interferência de administradores civis. Como ele destacou numa carta a Kurt Daluge, “90% de todos os assuntos no Leste são de natureza basicamente política e, portanto, de grande interesse para meu próprio aparelho”.[804](#) Não causa surpresa que Heydrich tenha

requerido, numa carta ao chefe da Chancelaria do Reich, Hans Lammers, que fosse concedido à Sipo o direito de dar ordens em assuntos policiais à administração civil no Leste ocupado, um pedido que de imediato provocou as mais violentas objeções de Rosenberg.[805](#)

A atitude de Heydrich com relação às administrações de Rosenberg e às autoridades civis no Leste foi parcialmente influenciada por sua persistente aversão aos Velhos Combatentes que eram indicados para posições importantes no Leste simplesmente por serem veteranos servindo há longo tempo o partido. Nem Lohse nem Erich Koch, este com flagrante excesso de peso, eram exatamente o que Heydrich considerava tipos adequados para a criação de um novo Jardim do Éden alemão. Uma figura-chave adicional na nova administração era o governador da Rutênia Branca (a parte da Ostland cortada da Polônia Oriental e da Bielorrússia soviética anteriores a 1939), Wilhelm Kube, outro Velho Combatente do movimento nazista contra quem Heydrich havia instigado uma investigação policial em dezembro de 1935, que levou à condenação de Kube por peculato e fez com que ele fosse temporariamente afastado de todas as funções no partido.[806](#) Vaidoso e corrupto, Kube conservava um ressentimento contra Heydrich e as relações futuras com ele seriam sem dúvida muito difíceis. Além disso, Rosenberg defendia uma aliança de guerra antibolchevique com nacionalistas locais do Leste-Europeu, uma ideia que Heydrich considerava fundamentalmente equivocada e potencialmente perigosa. Não se podia vencer uma guerra racial contando com raças inferiores, mas só subjugando-as permanentemente.[807](#)

A recusa de Hitler em conceder a Himmler responsabilidade política total pela reorganização racial do

Leste ocupado foi outro amargo revés para o ambicioso comando da SS. Contudo, a lição que Himmler e Heydrich extraíram dessa derrota foi característica: em vez de reduzir a escala de suas ambições, decidiram desencadear uma política de metódica limpeza étnica dos antigos territórios soviéticos *antes que* as administrações civis fossem devidamente instaladas e não, como originalmente planejado, *após* a derrota da União Soviética.[808](#) Foi nesse contexto de radicalismo crescente, misturado com a euforia de uma vitória que parecia iminente, que Heydrich propôs a Himmler, em 20 de outubro de 1941, que Leningrado e Moscou, os dois maiores “símbolos do bolchevismo judaico”, fossem reduzidas a cinzas. O que essa proposta tinha de mais notável não era seu radicalismo, mas o modo como fazia objetivos ideológicos terem precedência sobre necessidades militares.[809](#)

Se o verdadeiro objetivo do comando da SS era desencadear um programa sem paralelo de expulsões e extermínios nos antigos territórios da União Soviética, um ataque genocida que – segundo estimativas discutidas no início da guerra – mataria por volta de 30 milhões de antigos súditos soviéticos, a implementação de um programa tão vasto de extermínio dirigido contra toda a população nativa da Europa Oriental continuava sendo absolutamente utópico no verão de 1941. Era simplesmente impossível reduzir grandes cidades russas a cinzas, alvejar 30 milhões de pessoas ou cortar seu suprimento de comida e deixá-las morrer de fome sem correr o risco de provocar séria agitação nas áreas afetadas. Contudo, do ponto de vista de Heydrich, essas preocupações não se aplicavam ao grupo muito menor de judeus soviéticos. Como passo inicial para a eliminação de todos os elementos forasteiros da

população do Leste, a SS tornaria regiões inteiras “livres de judeus” por meio de uma combinação de execuções em massa sob o abrigo da guerra com a guetização dos que ainda pudessem ser explorados como trabalhadores forçados.

Ao eliminar os judeus da Rússia Soviética *durante* a guerra, Himmler e Heydrich poderiam demonstrar que eles, não Rosenberg ou quaisquer outras autoridades civis ou militares, possuíam a determinação ideológica e a experiência necessárias para levar a cabo os planos de Hitler de reordenamento racial da Europa Oriental. Ao pôr em ação políticas antijudaicas, o comando da SS demonstraria como o domínio alemão no Leste poderia ser implementado e administrado de modo eficiente.[810](#)

Tais considerações não eram meramente cínicas e estratégicas, mas estavam muito de acordo com as convicções ideológicas inabaláveis de Heydrich. A guerra contra a União Soviética, vista por Heydrich como luta de vida ou morte entre duas ideologias políticas irreconciliáveis, levou a uma intensificação da mudança de paradigma moral que já se manifestara durante a campanha polonesa. Na visão de Heydrich, a SS tinha de provar sua dedicação às fantasias raciais de Hitler e mostrar severidade contra os amplamente definidos inimigos do povo alemão.

Como tropa de choque ideológica do nazismo, a SS cumpriria as ordens de Hitler incondicionalmente, uma tarefa que era difícil, mas histórica. Segundo essa lógica distorcida, a morte de dezenas de milhares ou, por fim, de milhões de indesejáveis era uma tarefa sem alternativa e qualquer um que *não* matasse os inimigos racial-ideológicos do Reich cometia efetivamente um crime contra futuras

gerações de alemães. Essa tarefa devia ser realizada com “decência”, não para enriquecer os perpetradores ou dar-lhes prazer sádico, mas com plena consciência do sacrifício histórico que estava sendo feito para criar um mundo melhor. Os perpetradores eram as vítimas de um mundo indecente em que tais tarefas haviam sido jogadas nas suas costas. Assim como Himmler, Heydrich se convenceu de que não havia alternativa para a tarefa sangrenta que a SS tinha pela frente. Vez por outra ele se descrevia como o “principal coletor de lixo do Terceiro Reich” - cumprindo uma tarefa desagradável e suja, mas que ainda assim precisava ser feita para a saúde sanitária do corpo político e o futuro da nação alemã.[811](#)

Logo depois do discurso de Hitler sobre o Jardim do Éden, Heydrich aumentou substancialmente o número de homens incorporados aos *Einsatzgruppen* da SS na Frente Oriental. Ao mesmo tempo, Himmler designou batalhões de reserva da polícia e a cavalaria da SS para os chefes de polícia e comandantes da SS na União Soviética, encarregando-os da tarefa de limpar a área de *partisans* e outros inimigos vagamente definidos. Lituanos, letões, estonianos, bielorrussos e ucranianos, abalados pela experiência da ocupação soviética e a morte de milhares de seus compatriotas pelo NKVD antes da retirada do Exército Vermelho, foram também recrutados para unidades auxiliares de polícia de modo a expandir os esquadrões da morte. Alguns dos líderes dos *Einsatzgruppen* em campanha receberam novo incentivo pessoal de Himmler, que viajou por grande parte do Leste ocupado durante as semanas seguintes. Outros, como Otto Ohlendorf, receberam suas ordens diretamente de Heydrich.[812](#)

Heydrich decidiu visitar o *Einsatzgruppe* D de Ohlendorf no final de julho e combinou seu giro de inspeção com uma breve excursão ao *front*. Tomado pela euforia geral de uma vitória iminente, não queria deixar de combater antes que a guerra estivesse terminada. Estava na hora de outro gesto heroico. Em 20 de julho de 1941, cerca de quatro semanas após o início da campanha alemã, Heydrich interrompeu seu trabalho em Berlim para uma viagem de três dias à frente russa do sul, perto de Jampol, onde reingressou no Esquadrão de Combate 77, com o qual já tinha voado em incursões aéreas sobre a Noruega no ano anterior.[813](#)

A excursão de Heydrich não fora autorizada por Himmler. Foi, como Himmler declarou algum tempo depois, “com orgulhosa alegria”, o “único segredo nos 11 anos do caminho que compartilhamos”.[814](#) Heydrich chegou em seu próprio avião, um Messerschmidt 109, que ao que parece havia tomado emprestado do general da Força Aérea Ernst Udet em troca de uma permissão policial especial para dirigir por Berlim à noite e durante ataques aéreos. Como na Noruega, Heydrich desfrutou sua “viagem de aventura” bebendo vinho e jogando cartas com soldados comuns e colegas oficiais até tarde da noite, enquanto durante o dia participava de uma série de ataques aéreos contra as tropas russas em retirada.[815](#)

A missão do esquadrão de combate era defender uma ponte sobre o rio Dniestr, vital em termos estratégicos. Os pilotos foram instruídos a impedir a destruição da ponte pelo Exército Vermelho em retirada, para que os soldados alemães pudessem cruzar o rio sem problemas. Em 22 de julho, logo depois das duas horas da tarde, o esquadrão encontrou pesado fogo antiaéreo russo. O aeroplano de Heydrich foi atingido e o motor começou a falhar. Uma

aterrissagem de emergência deixou o piloto indefeso no distrito de Olshanka - atrás das linhas russas. Na base da Luftwaffe, o pânico se espalhou e o comandante temeu que Heydrich estivesse morto ou - pior ainda - nas mãos do NKVD. Apenas algumas horas depois, um oficial de infantaria ligou para informar que uma patrulha avançada havia resgatado um piloto derrubado. O piloto do avião não parecia estar ferido, mas tinha sem dúvida sofrido algum dano cerebral, pois continuava insistindo que era o chefe do Escritório Central de Segurança do Reich.[816](#)

De novo na segurança de Berlim, Heydrich se preparou para um encontro importante com Hermann Göring, que ocorreu no início da noite de 31 de julho de 1941. Foi então que Heydrich obteve a assinatura de Göring num documento enganosamente simples de meras três frases, um documento que provavelmente originava-se do próprio Heydrich. Estendendo os poderes conferidos a Heydrich em 24 de janeiro de 1939 para organizar uma solução para o problema judaico dentro do (já então substancialmente ampliado) Reich Alemão por meio da emigração, Göring agora autorizava Heydrich a fazer “todos os preparativos necessários” para uma “solução completa do problema judaico na esfera de influência alemã na Europa”. Além disso, dava poderes a Heydrich para coordenar a participação das organizações que tinham jurisdição sobre o assunto e para apresentar o “esboço abrangente” de um plano para a “solução final do problema judaico”.[817](#)

Permanece em aberto a questão de se saber como, a essa altura, Heydrich imaginava a solução final. Ainda a concebia como a expulsão em massa de judeus europeus da esfera de influência alemã para as regiões inóspitas da Sibéria, onde seriam dizimados pelas condições climáticas e

trabalho forçado, como tinha feito na primavera de 1941? Ou a expressão “solução final” já indicava a intenção de matar todo e qualquer judeu da Europa?[818](#)

Alguns historiadores têm interpretado a autorização de Heydrich de 31 de julho como uma ordem para um “estudo da viabilidade” do assassinato em massa de judeus europeus.[819](#) Mas há outros meios de interpretar essas instruções. Sem dúvida, a mente de Heydrich passou de uma solução concentrada essencialmente na Alemanha, na Polônia e na União Soviética à solução para uma Europa controlada pelos nazistas como um todo. Contudo, suas ações e ordens nos meses que se seguiram não indicam uma mudança fundamental de política. Ele reconhecia claramente que, como resultado da conquista da União Soviética, os limites do problema judaico tinham se expandido de forma substancial. À medida que os exércitos alemães precipitavam-se para leste, o número de judeus que caíam sob controle nazista multiplicava-se diariamente. Nesse momento, contudo, ele ainda acreditava numa solução geral que envolvesse dois componentes. O assassinato metódico de judeus soviéticos e dos que viviam nas áreas de recepção de colonos alemães e deportados do Reich era um deles. O outro continuava sendo a ideia de deportar os judeus de outras partes da esfera de influência alemã para a União Soviética assim que a situação militar lhe permitisse fazê-lo.

Se, durante as primeiras semanas da guerra, havia reservas quanto a matar mulheres e crianças judias nos territórios soviéticos conquistados, tais reservas foram rapidamente superadas, embora o ponto no tempo em que diferentes forças-tarefas ampliaram o alcance de sua matança tenha variado consideravelmente. O

Einsatzkommando 9, chefiado por Alfred Filbert, foi o primeiro a começar a matar metodicamente mulheres e crianças judias. Aconteceu na Bielorrússia, do final de julho em diante, sem dúvida sob ordens explícitas de Heydrich.[820](#)

A extensão dos assassinatos em massa na União Soviética seguiu uma lógica invertida que amadurecera na mente de Heydrich e de Himmler e era compartilhada por muitos de seus oficiais em campanha: eles se viam agindo em autodefesa contra quem no passado (e potencialmente no futuro) os vitimava. As crianças, se as deixassem sobreviver, se vingariam. As mulheres dariam à luz mais crianças. Os idosos contariam a história. Os infortúnios passados da Alemanha – supostamente criados antes de tudo pelos judeus – só podiam terminar por meio de um terrível ajuste de contas final, uma solução severa, mas definitiva, que seria “generosa” para a próxima geração de alemães, que não teriam mais de lidar com o problema judaico em sua forma corrente nem com uma futura “geração de vingadores”.[821](#)

Heydrich não deixou documentos ou cartas indicando que tenha algum dia sentido dúvidas morais acerca de seu papel central na escalada assassina das políticas antijudaicas. Os que lhe eram próximos, como Himmler ou Lina, sugeriram no entanto que ele estava consciente de que suas ações constituíam uma violação radical das normas da civilização ocidental e dos valores cultivados na casa paterna. No funeral de Heydrich, em junho de 1942, Himmler insistiu: “De minhas incontáveis discussões com Heydrich, sei como custava a este homem ser tão duro e severo apesar da brandura de seu coração; tomar decisões firmes de modo a agir sempre de acordo com a lei da SS que nos obriga a não

poupar nem nosso sangue nem o de outros quando a vida da nação o exige”.[822](#) Também a esposa afirmou que Heydrich “estava plenamente consciente de seu papel como carrasco, mas sabia como justificá-lo de forma positiva”: convencera a si próprio que, para ser generoso com futuras gerações de alemães e para pôr em prática a utopia de Hitler, ele e seus homens tinham de ser duros no presente conflito.[823](#)

O ritmo em que os *Einsatzgruppen* matavam dependia não só das ordens de Heydrich ou dos comandantes das diferentes forças-tarefas, mas também da velocidade em que seu grupo de exército avançava, da densidade da população judaica que encontravam, do grau de ajuda que recebiam da população local e da relevância dos judeus locais como trabalhadores escravos para o esforço de guerra alemão. Na Lituânia, por exemplo, onde o genocídio de judeus locais cresceu notavelmente mais cedo que em outras partes dos territórios conquistados, as preocupações econômicas que durante muito tempo impediram o assassinato em grande escala de judeus no Governo Geral não se aplicavam e as carências de alimento que se tornaram evidentes no outono de 1941 tornaram ainda mais urgente livrar-se de “bocas inúteis”. O *Einsatzgruppe A*, sob o comando de Stahlecker, responsável pela destruição das consideráveis comunidades judaicas da Lituânia e da Letônia, provou ser particularmente eficiente no cumprimento de suas instruções criminosas.[824](#)

O resultado do aumento gradual da violência foi assombroso: no final de 1941, os alemães e seus ajudantes locais haviam assassinado entre 500 mil e 800 mil homens, mulheres e crianças judias nos antigos territórios soviéticos, frequentemente entre 2.700 a 4.200 por dia, com a maioria

das mortes resultando de fuzilamentos à queima-roupa. Os auxiliares locais, agitados pelo ódio contra o “bolchevismo judaico”, recorriam às vezes a porretes e picaretas contra uma população judaica extremamente indefesa.[825](#)

No final do verão de 1941, tanto Himmler quanto Heydrich começaram a achar que os assassinatos frontais realizados pelos *Einsatzgruppen* poderiam ameaçar o estado mental de seus homens. Desde que assistira a uma execução de judeus em Minsk, em meados de agosto de 1941, Himmler ficara preocupado com a possibilidade de estarem surgindo matadores sádicos, psicologicamente perturbados, que seria difícil reintegrar à sociedade alemã do pós-guerra, um problema que era também evidente para Heydrich, que se defrontava regularmente com relatórios de abuso de álcool e de esgotamento mental entre os homens designados para as forças-tarefas.[826](#)

Sugestões de como resolver esses problemas autoprovocados vinham de diferentes direções. Uma das primeiras propostas de usar gás para acelerar e “humanizar” o assassinato dos judeus “incapazes para o trabalho” veio de Rolf Heinz Höppner, um funcionário local do Governo Geral. Em 16 de julho, Höppner escreveu a Eichmann sugerindo que um “agente de ação rápida” deveria ser usado para libertar Łódź de inúteis bocas judias. Também na frente da Rússia Central, o comandante de *Einsatzgruppen* Arthur Nebe explorou a possibilidade do uso de gás em reuniões com peritos químicos de Berlim em meados de setembro.[827](#)

Inspirado por essas sugestões e experimentos, Heydrich instruiu o chefe de sua seção para assuntos técnicos do RSHA, Walter Rauff, a investigar novos meios de assassinato em massa. Rauff, sob cuja alçada estavam os 4 mil veículos

da Polícia de Segurança, recorreu à sua equipe para criar “um método mais humano de execução” para os *Einsatzgruppen* na Frente Oriental.[828](#)

No final de outubro, a solução proposta – na forma de furgões de gás – foi testada no campo de concentração de Sachsenhausen, perto de Berlim, onde 40 prisioneiros de guerra russos foram mortos, nus, no baú de um furgão com escapamento de gás. Mais 30 desses furgões de gás foram encomendados e enviados para o Leste, onde foram usados em Minsk e Mogilev, depois no Warthegau e na Sérvia. Heydrich considerava esse meio de matar mais humano para os perpetradores, mas os furgões de gás não chegaram realmente a se tornar populares. A asfixia por monóxido de carbono em furgões de tamanho médio era simplesmente lenta demais e, em última análise, não menos perturbadora que os fuzilamentos. Os perpetradores tinham de esperar que as vítimas morressem gritando dentro dos furgões, o que frequentemente demorava mais de 15 minutos, antes de remover os corpos dos veículos. Enquanto os experimentos com instalações de gás estacionárias mais “eficientes” começavam na Polônia, especialmente em Belzec, a execução manual continuou a ser a prática dominante nos territórios da União Soviética ocupados pelos alemães.[829](#)

Simultaneamente, experimentos com Zyklon B, um poderoso fumigante químico, começaram em Auschwitz em setembro, quando prisioneiros de guerra russos foram asfixiados em diferentes sequências de testes. Inicialmente não se pretendia que os furgões de Heydrich ou os experimentos com Zyklon B em Auschwitz fossem usados para o assassinato sistemático de todos os judeus da Europa. Tinham sido concebidos antes de mais nada para

facilitar as operações de extermínio na Frente Oriental e para criar espaço no Governo Geral para os deportados que chegassem do Reich.

Notícias dos massacres na frente russa rapidamente se infiltraram pela sociedade alemã. Soldados que serviram no leste e tinham testemunhado, participado ou meramente ouvido falar de execuções em massa passavam a informação a amigos e parentes ao voltar para casa. Um futuro membro da resistência militar contra Hitler, Philipp von Boeselager, por exemplo, soube das execuções em massa de judeus por intermédio de um colega oficial que tinha compartilhado um vagão de trem com alguns homens embriagados do SD. Eles haviam se gabado de matar 250 mil judeus nas áreas de retaguarda do Grupo do Exército Sul em 1941. Tais incidentes não eram excepcionais e, em setembro de 1941, rumores sobre atrocidades em larga escala na Frente Oriental foram registrados pelo SD em quase toda cidade alemã.[830](#)

Os rumores criaram ansiedade e fizeram Heydrich advertir seus homens para procederem com maior cautela e sigilo no desempenho das tarefas. “O Führer”, ele explicou aos subordinados no início de setembro, “tem repetidamente enfatizado que todos os inimigos do Reich usam - exatamente como fizeram durante a [Primeira] Guerra Mundial - qualquer oportunidade para semear discórdia entre o povo alemão. Por isso é urgentemente necessário nos abstermos de todas as atitudes que possam afetar a disposição de ânimo uniforme das pessoas”. Presumivelmente para evitar tanto rumores desnecessários na Alemanha quanto novas tensões entre unidades da SS em campanha e a administração civil, Heydrich ordenou que fosse solicitada sua aprovação pessoal “antes da execução

de quaisquer medidas particularmente drásticas”, mas deixou uma escapatória para os casos de “perigo iminente”.[831](#)

Tal cautela ou sigilo não eram necessários ante a liderança nazista. Os relatórios regulares dos *Einsatzgruppen* eram editados no RSHA de Heydrich e distribuídos a outras agências governamentais para informá-las sobre - e adaptá-las ao curso dos acontecimentos no Leste ocupado. O número dos que recebiam esses relatórios não parava de crescer e, no final de outubro, Heydrich estava inundando a burocracia alemã com relatórios dos *Einsatzgruppen*. Oficiais da SS na periferia podiam assim esperar que seus relatórios fossem lidos por um largo e influente círculo de autoridades nazistas. Com o objetivo de apresentá-lo a Hitler, o RSHA também reunia “material ilustrativo”, em especial fotografias, que documentavam o trabalho homicida das forças-tarefas no Leste.[832](#)

Era improvável que a expansão gradual das execuções em massa na União Soviética e a inclusão constante de novos grupos de vítimas nos fuzilamentos em massa atraíssem qualquer crítica do alto comando nazista. Muito pelo contrário. As ordens de Heydrich meramente antecipavam o que Hitler já havia decidido fazer no período posterior ao final da guerra: a destruição física dos judeus soviéticos, independentemente da forma que isso pudesse tomar.

Hitler era mais cuidadoso quando se tratava de judeus alemães. Quando no final de julho ou início de agosto de 1941, Heydrich propôs a completa e imediata evacuação dos judeus alemães do Reich, Hitler ficou hesitante e rejeitou a ideia.[833](#) Assassinar judeus soviéticos a centenas de quilômetros de distância da frente doméstica era uma coisa, mas remover judeus alemães, incluindo veteranos de

guerra condecorados, de suas casas era outra completamente diferente. A opinião pública importava e não devia ser desnecessariamente hostilizada num momento decisivo da guerra. Contudo, quando o envolvimento dos Estados Unidos no esforço de guerra aliado – supostamente como resultado de propaganda judaica – passou a se tornar cada vez mais provável a partir de meados de agosto, Hitler mudou de ideia. A Alemanha não estava agora mais empenhada numa luta meramente contra o bolchevismo judaico, encarnado pela União Soviética, mas também contra uma “conspiração mundial judaica”, extremamente abrangente, que consolidava a emergente coalizão de comunismo e capitalismo.

Nesse contexto, o regime intensificou ainda mais a perseguição a judeus alemães. Os judeus alemães não tiveram apenas de suportar novas medidas discriminatórias de setembro em diante, mas, seguindo uma decisão de Hitler de 18 de agosto, ficaram também sujeitos à identificação obrigatória por meio do uso da estrela amarela (que já fora compulsório, durante dois anos, no Governo Geral e no Warthegau), que os tornava visíveis como “inimigos internos” e facilitava sua prevista deportação futura para o Leste, que Hitler continuava se recusando a autorizar.[834](#) Heydrich ficou muito satisfeito com a decisão de Hitler de marcar os judeus, pois já tinha feito uma proposta semelhante depois dos *pogroms* de novembro de 1938. Na época, Hitler rejeitara a iniciativa, mas a ideia continuou a ressurgir nos anos seguintes, mais especialmente na primavera de 1941, quando Goebbels exortou Hitler a reconsiderar a possibilidade de marcar os judeus.[835](#)

A deterioração moral na frente doméstica no verão de 1941 estava intimamente relacionada com a retomada dos planos de marcação. Embora a Wehrmacht avançasse rapidamente pelo território soviético após a invasão de 22 de junho de 1941 e alcançasse algumas notáveis vitórias iniciais sobre o surpreendido Exército Vermelho adversário, muitos alemães temiam que, dessa vez, Hitler tivesse ido longe demais. A partir daquele julho, o SD constatou um nítido declínio de confiança, juntamente com temores de que a campanha contra a União Soviética pudesse evoluir para um conflito prolongado de duração indefinida e perdas pesadas. Essas avaliações pessimistas eram agravadas pela piora dos problemas de abastecimento e os repetidos bombardeios britânicos de cidades do ocidente da Alemanha.[836](#) Como Goebbels anotou em seu diário a 12 de agosto, ele e outros líderes nazistas estavam convencidos de que os judeus eram responsáveis pela deterioração moral ao espalhar rumores e agir como “desmancha-prazeres”. Deixando-os visíveis como judeus, Goebbels esperava tornar-lhes impossível “falar em nome do povo alemão”.[837](#)

Três dias após essa anotação no diário, em 15 de agosto, foi realizada uma conferência no Ministério da Propaganda relativa à questão da marca. Eichmann participou da conferência como representante de Heydrich e confirmou que seu chefe estava esperando uma decisão direta do Führer sobre o assunto. Eichmann disse também aos outros delegados que o RSHA já estava trabalhando numa “evacuação parcial” dos judeus das grandes cidades do Antigo Reich.[838](#)

A aprovação por Hitler da proposta de marcação em 18 de agosto foi uma decisão influenciada menos pela intervenção

peçoal de Goebbels que pela mudança de opinião geral do Führer sobre o problema da deportação de judeus alemães do Reich.[839](#) A notícia da aprovação de Hitler logo se espalhou em Berlim. Como o perito em judeus do Ministério do Exterior, Franz Rademacher, registrou numa nota para seu chefe Luther em 21 de agosto: Eichmann “me informara confidencialmente que... Hey[drich] recebera um telex do quartel-general do Führer segundo o qual o Führer havia aprovado a marcação de judeus na Alemanha”.[840](#)

O telefonema de Eichmann para Rademacher fora uma tentativa deliberada de demonstrar ao Ministério do Exterior que Heydrich e seus peritos em judeus já estavam trabalhando na implementação da ordem de Hitler. Embora o Ministério do Interior do Reich estivesse ainda estudando potenciais exceções ao decreto de marcação, como no caso de judeus vivendo em “casamentos mistos privilegiados”, o RSHA de Heydrich processou as regras de marcação com extraordinária rapidez. Já em 1º de setembro, quando mal haviam se passado duas semanas da decisão de Hitler, Heydrich assinou o “regulamento policial sobre a identificação de judeus”.[841](#) A ordem de Heydrich não apenas estigmatizava todos os judeus alemães com mais de 6 anos de idade, forçando-os a usar uma estrela amarela claramente visível com a palavra “judeu” impressa nela, mas também incluía regras sobre “áreas restritas” a judeus e os proibia de deixar seus locais de residência sem autorização da polícia.[842](#)

Seguiram-se instruções mais detalhadas de Heydrich durante as semanas seguintes e ele informou pessoalmente os representantes das organizações judaicas remanescentes do Reich sobre as medidas que estavam sendo baixadas.[843](#) Em 8 de setembro, Paul Eppstein, da

Associação do Reich de Judeus na Alemanha, e Josef Löwenherz, da Congregação Israelita de Viena, foram convocados ao RSHA para se inteirarem dos detalhes relativos à distribuição das “estrelas judaicas”. Deram-lhe três dias para completar a tarefa de distribuir as insígnias a um preço de 10 *pfennigs* a peça.[844](#) Contudo, embora tivesse aprovado a marcação dos judeus alemães em agosto, Hitler continuava relutante em autorizar a deportação deles . Em setembro, incentivado pelos êxitos da Wehrmacht na Frente Oriental, que logo levariam ao cerco de Leningrado e Kiev, estava pronto para rever sua posição sobre o assunto e tomar uma série de decisões de longo alcance tanto para a nova escalada dos programas genocidas nazistas quanto para a vida pessoal e profissional de Heydrich.[845](#)

Numa decisão crucial, em resposta ao aumento das atividades de resistência no Protetorado e como resultado de um desejo expresso de transformar Praga numa das primeiras cidades “livres de judeus” no Grande Império Alemão, Hitler resolveu, no final de setembro, substituir seu “fraco” representante em Praga, o barão Von Neurath, por Heydrich. Em 1939, Neurath, um aristocrata suábio[846](#) e diplomata de carreira, arqui-conservador, mas cortês e respeitado internacionalmente, fora uma nomeação estratégica, uma escolha guiada pelo desejo que tinha Hitler de apaziguar Londres, onde Neurath já havia servido como embaixador para a corte de St. James. A nomeação de Heydrich, ao contrário, era ditada pelas necessidades de guerra total. Como pretendido por Hitler, a nomeação de Heydrich como protetor interino do Reich teve consequências imediatas para os judeus da Boêmia e Morávia. A partir de 1º de outubro de 1941, menos de uma

semana após sua chegada a Praga, a Agência do Protetorado para a Emigração Judaica ordenou à Congregação Religiosa Judaica de Praga, já agora levada pelo terror à completa submissão, que desse início ao processo de registrar de novo cada judeu do Protetorado. Heydrich não confiava nos números apresentados sob o regime “complacente” de Neurath, que ele suspeitava ter pouca compreensão de questões raciais. Só em Praga, 37 membros da congregação judaica trabalharam quase incessantemente e sob ameaça de deportação, registrando às vezes 2 mil pessoas por dia. Denúncias da população alemã e tcheca eram ativamente incentivadas e se mostraram cruciais para a identificação de judeus.[847](#)

Em 10 de outubro, Heydrich presidiu uma reunião em Praga com Eichmann e outros peritos em raça e assentamento. Segundo o traslado, o objetivo da reunião era discutir os meios de resolver o problema judaico no Protetorado e no Reich. Heydrich anunciou que Hitler exigia que “todos os judeus estivessem removidos deste espaço alemão no final do ano” e observou que “todas as questões pendentes [com relação à política judaica] têm de ser resolvidas imediatamente. Mesmo a questão do transporte não deve apresentar quaisquer problemas”. Em seguida a uma concentração em “campos de agrupamento temporário”, especialmente em Theresienstadt (Terezín), os judeus do Protetorado deviam ser deportados para Łódź. Em vista das previsíveis objeções das autoridades locais em Łódź, no entanto, 50 mil dos judeus “mais incômodos” – aqueles menos capazes de trabalhar – deviam ser embarcados para Minsk e Riga. Os comandantes dos *Einsatzgruppen* B e C, Nebe e Rasch, arranjariam espaço para alguns desses judeus e outros do Reich “nos campos

para prisioneiros comunistas”. Um adicional de 5 mil ciganos seriam mandados da Áustria para Riga.[848](#)

Num comunicado impresso divulgado no dia seguinte, Heydrich sintetizava os resultados do encontro: o “objetivo final”, ele declarava, não era meramente excluir a comunidade judaica da vida social e econômica, mas “reassentá-la fora da Europa” e fazê-lo “o mais depressa possível”. Quatro dias depois, em 15 de outubro, começaram as deportações de Praga com transportes diários, cada um levando mil pessoas.[849](#)

Sem dúvida Heydrich encarava a deportação dos judeus centro-europeus como um mero passo inicial para uma solução pan-europeia, um plano que, como ele sublinhou em 4 de outubro, numa reunião com representantes do Ministério dos Territórios Orientais Ocupados, o ministério de Rosenberg, e de novo numa carta ao chefe da intendência do exército em 6 de novembro, acabaria levando à “total evacuação de judeus da Europa”.[850](#)

Logo depois do início das deportações de judeus do Protetorado e do Reich, todas as possibilidades de saída da Europa controlada pelos alemães foram eliminadas. Quando, em 13 de outubro, o Ministério do Exterior espanhol propôs a expulsão de 2 mil judeus espanhóis que residiam na França para o Marrocos espanhol, Heydrich rejeitou a proposta por duas razões. Primeiro, ele acreditava que o governo espanhol não tinha vontade nem intenção de manter os judeus efetivamente em Marrocos. Segundo, “esses judeus ficariam demasiado fora do alcance direto das medidas para uma solução básica do problema judaico, a ser posta em prática depois da guerra”.[851](#)

Estava claro que a emigração não mais fazia parte da solução de Heydrich para o problema judaico. Em 18 de

outubro, um dia depois de ter informado Luther no Ministério do Exterior de sua objeção à proposta do governo espanhol, ele e Himmler tomaram uma decisão mais geral sobre a questão da emigração judaica. “Nenhuma emigração de judeus para o exterior”, Himmler anotou em seu diário após uma conversa telefônica com Heydrich.[852](#) Em 23 de outubro, os portões da emigração foram oficialmente fechados. Todos os judeus da Europa deviam agora ser incluídos no projeto da solução final.

Contudo, até mesmo a implementação do limitado programa de deportação autorizado por Hitler continuava a apresentar problemas práticos. Um dos pontos mais delicados – a questão das áreas de recepção – ainda não fora resolvido; e se Heydrich esperava que os deportados do Reich pudessem ser temporariamente alojados na Polônia ocupada antes de serem mandados para a União Soviética após a vitória alemã, as autoridades locais tinham uma visão muito diferente. No início de outubro, Friedrich Uebelhoer, presidente do distrito de Łódź, apresentou um protesto veemente contra a pretendida transferência de 60 mil judeus alemães para o já superlotado gueto de Łódź.[853](#) Furioso e estarecido com a “atitude de oposição” de Uebelhoer, Heydrich ameaçou tirar as “devidas conclusões” se ele não alterasse seu “procedimento hostil”.[854](#) No final, Heydrich teve de aceitar um compromisso e o número de deportados mandados para Łódź foi reduzido para 20 mil judeus e 5 mil ciganos. Como solução alternativa imediata, Heydrich avisou a Himmler que os guetos de Riga e Minsk teriam de acomodar 50 mil judeus adicionais, vindos predominantemente do Protetorado.[855](#)

Enquanto cartas inamistosas ainda estavam sendo trocadas entre Himmler, Heydrich e Uebelhoer, Heydrich

encontrou-se com funcionários de alto escalão do Ministério dos Territórios Orientais Ocupados, de Rosenberg, para tratar de um segundo problema: a questão das competências que se sobrepunham nos territórios orientais. Desde que Hitler havia declarado que a jurisdição de Himmler como comissário do Reich para o fortalecimento da Nacionalidade Alemã, previamente confinada à Polônia, devia ser estendida aos territórios recém-ocupados da União Soviética, os atritos entre Rosenberg e Himmler haviam se tornado a norma.[856](#)

Heydrich sugeria agora que seria útil uma abordagem coordenada da questão judaica, especialmente para impedir que considerações pseudoeconômicas pusessem em risco algum “plano, feito por nós, de total reassentamento dos judeus do território ocupado”. Ele se queixou amargamente de que muitos negócios na Alemanha reivindicavam os trabalhadores judeus como “indispensáveis”, em vez de tentar empregar outros trabalhadores estrangeiros. Também expressou sua insatisfação com a atitude nitidamente “nada cooperativa” de Rosenberg, acentuando que “a implementação do tratamento dos judeus” permaneceria “sob todos os aspectos, nas mãos da Polícia de Segurança”.[857](#)

No mesmo dia, Heydrich conseguiu convencer o Ministério do Exterior de que o problema judaico na Sérvia, onde atividades *partisans* estavam causando sérios transtornos, requeria uma solução urgente. Heydrich e o subsecretário Martin Luther concordaram em mandar seus peritos em judeus para Belgrado na semana seguinte. A presença deles estimulou tanto o comandante do SD no local, Wilhelm Fuchs, quanto o principal oficial administrativo do regime de ocupação militar na Sérvia, Harald Turner, a acelerar a

matança de homens judeus.[858](#) Como Browning corretamente argumentou, o assassinato em massa dos homens judeus da Sérvia não fazia conscientemente parte de uma solução final para toda a Europa da questão judaica: “A matança dos homens judeus emergiu basicamente de fatores locais relacionados à guerra *partisan* e à prática de represálias do exército. As vítimas, tanto judeus quanto ciganos, eram consideradas grupos ‘descartáveis’, cuja execução preencheria as cotas exigidas de represálias sem gerar repercussões políticas indesejadas, tornando mais difícil a luta *antipartisan*. O exército não operava com o objetivo reconhecido de exterminar toda a população judaica e, assim, mulheres, crianças e idosos não eram mortos”.[859](#)

O mais urgente no momento continuava sendo a questão das áreas de recepção para os judeus do Reich. Por um lado, havia pressão crescente para a remoção completa de todos os judeus do Reich e do Protetorado. Por outro lado, não havia uma destinação óbvia e viável para eles. Uma solução radical foi apresentada pelo chefe de polícia e da SS de Himmler no distrito de Lublin, Odilo Globocnik, um austríaco notoriamente fanático e rude ligado a Himmler por lealdade inabalável. Himmler salvara sua carreira depois de ele ser exonerado do posto de *gauleiter* de Viena, sob acusações de corrupção, em 1939. Num encontro com Himmler em 13 de outubro, “Globus” – como era afetuosamente conhecido na SS – propôs a construção de uma câmara de gás em Belzec, originalmente destinada “apenas” ao assassinato de judeus do distrito de Lublin portadores de deficiências físicas.[860](#) Himmler foi muito receptivo à ideia e as obras em Belzec, o primeiro campo construído especificamente para extermínio, começaram duas semanas depois, em 1º de

novembro, dia em que Heydrich e Lina partiram para a casa de campo perto de Nauen, num longo e agradável fim de semana de caça ao cervo.[861](#)

Heydrich e Himmler estavam cada vez mais determinados a diminuir a superlotação das áreas de recepção reduzindo substancialmente, por meio de metódico assassinato em massa, a população judaica nos guetos da Polônia ocupada.[862](#) Foi por volta da mesma época, em outubro ou novembro de 1941, que eles iniciaram negociações com o *gauleiter* Arthur Greiser sobre a possibilidade de enviar grandes contingentes de judeus alemães para o Warthegau. Greiser manifestou sua disposição para aceitar deportações do Reich. Em troca, Heydrich e Himmler prometeram que não haveria menos de 100 mil judeus do Warthegau de Greiser assassinados dentro de alguns meses.[863](#) O local escolhido foi uma mansão senhorial isolada, rodeada por uma cerca e por árvores nos arredores do povoado de Chelmno, a cerca de 55 quilômetros de Łódź, onde 150 mil judeus seriam finalmente assassinados. Embora a autorização para esse assassinato em massa tenha vindo do centro, a iniciativa surgiu das autoridades locais: a meta era a solução de um “problema” local, não um programa abrangente.[864](#)

Apenas um dia depois da visita de Globocnik a Berlim, em 14 de outubro, Heydrich e Himmler tiveram um encontro de cinco horas, presumivelmente para discutir tanto a iminente primeira onda de deportações de judeus do Reich para Łódź, Riga e Minsk quanto a proposta de Globocnik de criar espaço nas áreas de recepção matando os judeus que estavam vivendo lá. Duas novas oportunidades de trocar ideias sobre essas questões surgiram no final de outubro, primeiro por ocasião de uma visita conjunta a Hitler em 25

de outubro e de novo quatro dias depois, durante a visita de Himmler a Praga.[865](#)

Alguns historiadores têm sustentado que, no final de outubro de 1941, o regime nazista tinha se afastado da anterior política antijudaica de expulsões violentas e assassinato gradativo para a destruição física metódica de toda a comunidade judaica europeia.[866](#) Em anos recentes, emergiu um novo consenso de encarar o plano de construir campos de extermínio em Belzec e Mogilev como soluções localizadas, destinadas a criar espaço para os grandes contingentes de deportados do Reich, não como o início da matança metódica de cada judeu da Europa. Como Peter Longerich convincentemente argumentou, “um plano concreto para o assassinato a curto prazo, metódico”, de todos os judeus vivendo na esfera de influência alemã não existia no outono de 1941, quando “o assassinato de centenas de milhares, mas não de milhões de seres humanos estava sendo preparado”.[867](#)

Na euforia da vitória iminente e sob a pressão cada vez maior de vários *gauleiters* alemães para que “seus” judeus fossem deportados, Hitler tomara a decisão fatídica de autorizar um programa de deportação limitado do Reich e do Protetorado, enquanto ao mesmo tempo estendia aos territórios soviéticos os poderes de Himmler como comissário do Reich para o fortalecimento da Nacionalidade Alemã e nomeava Heydrich como protetor interino do Reich para a Boêmia e Morávia, uma das áreas nas quais as deportações haviam sido aprovadas. Ao mesmo tempo, a escassez de suprimentos e um aumento nas atividades de resistência nos territórios conquistados levaram a uma intensificação do assassinato em massa de judeus soviéticos e à expansão espacial da campanha de

extermínio para além dos territórios soviéticos ocupados (a fim de abranger certas regiões da Europa Oriental e Central, particularmente a Sérvia). Finalmente, o problema das áreas de recepção para deportados judeus do Reich levou ao planejamento e à construção de centros de extermínio de massa perto das áreas-alvo para deportados. No outono de 1941, a SS começara a construir instalações estacionárias de gaseamento com o objetivo de matar judeus “incapazes para o trabalho” perto dos guetos de destino das primeiras ondas de deportados do Reich: Riga, Łódź (Chelmno), Lublin (Belzec) e Minsk (Mogilev). A deportação de judeus centro-europeus para essas áreas ainda era considerada uma solução temporária, que levaria a deportações mais para o leste na primavera seguinte. Este último plano era de natureza genocida, pois previa que as taxas de sobrevivência entre os deportados seriam muito baixas. Contudo, ainda não havia plano para resolver a questão judaica pelo fuzilamento ou gaseamento metódicos de cada judeu do continente europeu.[868](#)

Incitamentos ao assassinato em massa vinham tanto do centro quanto das periferias do império nazista. Nos territórios recentemente ocupados, autoridades civis locais, comandantes militares e líderes dos *Einsatzgruppen* da SS buscavam suas próprias soluções para o problema judaico, em parte em resposta às “situações impossíveis” que haviam sido criadas antes de tudo pelos próprios nazistas: os deportados eram enviados para guetos no Governo Geral que já estavam superlotados, para campos que ainda não existiam e para áreas que tinham de fato sido destinadas ao reassentamento de alemães étnicos do Leste. O papel de Heydrich na criação deliberada dessas “situações impossíveis”, exigindo “soluções radicais”, dificilmente seria

superestimado: ele incentivou os comandantes de forças-tarefas a competir por soluções radicais; seu escritório supervisionou muitas expulsões e reassentamentos; sua equipe de peritos em judeus coordenou as deportações.[869](#)

Foi nessa conjuntura crítica que a sorte militar começou a se virar contra a Alemanha nazista. A segunda semana de dezembro foi uma das mais dramáticas de toda a guerra. Em 7 de dezembro, forças japonesas atacaram Pearl Harbor. Quatro dias depois, a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos. Hitler não via riscos na iniciativa, já que as forças armadas americanas ficariam presas no Pacífico por pelo menos mais um ano, período durante o qual ele conseguiria encerrar vitoriosamente sua guerra europeia, atacando ao mesmo tempo, sem quaisquer restrições, os transportes marítimos americanos para a Europa. Numa sessão especial do Reichstag, em 11 de dezembro, Hitler anunciou formalmente a entrada da Alemanha na guerra ao lado do Japão. Os membros do Reichstag, com Heydrich entre eles, acolheram o anúncio com aplausos frenéticos.[870](#)

Em 12 de dezembro, um dia depois do discurso no Reichstag, Hitler convidou vários dignitários nazistas para uma reunião em seus aposentos particulares na chancelaria do Reich. Enfatizando que a guerra mundial que se lançava agora sobre a Alemanha era uma luta de vida ou morte em que todos os meios eram justificados, o Führer retornou à sua “profecia” de 30 de janeiro de 1939. “Com relação à questão judaica”, Goebbels anotou em seu diário,

o Führer decidiu fazer uma limpeza completa. Profetizou para os judeus que, se eles dessem novamente início a uma guerra mundial, isso significaria seu aniquilamento. Não se tratava de mera frase de efeito. A guerra mundial está

sobre nós; o extermínio dos judeus tem de ser a consequência necessária. A questão deve ser encarada sem nenhum sentimentalismo. Não estamos aqui para simpatizar com os judeus, mas para simpatizar com nosso povo alemão. Com o povo alemão enfrentando mais uma vez o sacrifício de 160 mil mortos na campanha do Leste, os agentes originais deste conflito sangrento têm de pagar por ele com suas vidas.[871](#)

Por mais radicais que pareçam essas declarações, elas não eram fundamentalmente diferentes em tom e substância de ameaças similares feitas anteriormente por Hitler e Goebbels.[872](#) A declaração de Hitler em 12 de dezembro indicava não tanto uma radicalização fundamental dos programas nazistas para os judeus quanto uma intensificação e ampliação do processo de assassinato em massa que já estava realmente em andamento.[873](#) Quando Himmler se encontrou com Hitler em 18 de dezembro, seu diário continha uma sinistra referência ao “problema judaico”. Ao lado dessas palavras, nitidamente como resultado do encontro com Hitler, ele anotou: “a serem eliminados como *partisans*”.[874](#) Visto que os judeus vinham sendo mortos numa escala maciça desde o verão sob o pretexto de atividades *antipartisan,s* é provável, como Peter Longerich sugeriu, que Himmler quisesse meramente ter essa prática endossada pela autoridade suprema da Alemanha nazista.[875](#)

Desde o verão e o outono de 1941, os desafios envolvidos em encontrar uma solução abrangente para o problema judaico tinham se multiplicado. A implementação simultânea do assassinato dos judeus na União Soviética ocupada e da deportação dos judeus do Reich exigia maior coordenação entre o RSHA de Heydrich e outras autoridades ministeriais diretamente envolvidas na questão judaica. Para esse fim, Heydrich ordenou que Eichmann convocasse

um encontro em nível de secretaria de Estado, um encontro que fora originalmente planejado para meados de dezembro, mas que, devido à declaração de guerra da Alemanha aos Estados Unidos, foi adiado para janeiro de 1942: a Conferência de Wannsee.

A Conferência de Wannsee

Em 20 de janeiro de 1942, uma manhã de terça-feira com neve, Heydrich reuniu 14 veteranos da burocracia nazista, funcionários do partido e oficiais de alta patente da SS no antigo palacete de um industrial, às margens do lago Wannsee, em Berlim.[876](#)

Como Heydrich indicava em sua carta-convite de fins de novembro de 1941, o objetivo do encontro era definir “uma posição comum entre as autoridades centrais” com relação à solução final. Heydrich se referia à “evacuação” para leste de judeus do Reich e do Protetorado como a razão pela qual a coordenação com outros órgãos centrais da Alemanha nazista se tornara necessária.[877](#)

Os convidados de Heydrich eram homens importantes e, em sua maior parte, bastante instruídos (mais da metade deles tinha um doutorado, principalmente em direito). Muitos tinham *status* equivalente ao de Heydrich, embora nenhum tivesse poderes equivalentes. O grupo maior ao redor da mesa compreendia os representantes de ministérios com responsabilidades pela questão judaica: dr. Wilhelm Stuckart (interior), dr. Roland Freisler (justiça), Erich Neumann (organização do Plano de Quatro Anos), Friedrich-Wilhelm Kritzinger (chancelaria do Reich) e dr. Martin Luther (Ministério do Exterior). Os dois representantes do Ministério dos Territórios Orientais Ocupados, dr. Alfred Meyer e dr. Georg Leibbrandt, entravam nessa categoria, mas, juntamente com o secretário de Estado de Hans Frank no Governo Geral, dr. Josef Bühler, formavam um segundo grupo, isto é, agências alemãs com responsabilidades pela

administração civil dos territórios ocupados no Leste. Depois havia os funcionários da SS e do partido com um interesse especial em questões de raça: Gerhard Klopfer (chancelaria do partido) e Otto Hofmann (diretor do Escritório de Raça e Assentamento da SS). Além disso, Heydrich havia intruído funcionários de seu próprio aparelho a estarem presentes. O mais graduado deles era Heinrich Müller, chefe da Gestapo e, abaixo dele, Adolf Eichmann, o perito em judeus de Heydrich. Do pessoal em campanha havia o dr. Karl Eberhard Schöngarth, chefe da Polícia de Segurança e do SD no Governo Geral, e o dr. Rudolf Lange, chefe regional da Polícia de Segurança na Letônia, onde fora responsável pelos fuzilamentos em massa de judeus em Riga no final de novembro de 1941.[878](#)

Heydrich abriu a reunião lembrando aos convidados que Göring havia confiado a *ele* a tarefa de resolver o problema judaico na Europa. Portanto, o objetivo daquela reunião, ele declarou, era apenas dar esclarecimentos sobre questões fundamentais e coordenar um “paralelismo de programas”. O que se seguiu foi dirigido contra os representantes do Governo Geral e do Ministério dos Territórios Orientais Ocupados: “o controle centralizado no manejo da solução final” se encontrava agora, “sem levar em consideração fronteiras geográficas”, com a SS.[879](#)

Heydrich escolheu deliberadamente as palavras “sem levar em consideração fronteiras geográficas”, para sublinhar que nem Rosenberg, como ministro dos Territórios Orientais Ocupados, nem o governador-geral Hans Frank poderiam tomar decisões independentes com relação à política judaica em seus respectivos domínios. Isso não estava de modo algum livre de controvérsias. A questão de saber se o problema judaico devia ser tratado como um

“assunto de polícia”, entrando assim na área de responsabilidade de Heydrich, ou como matéria política, permanecendo na esfera de competência de Rosenberg, continuava sendo extremamente discutível. No inverno de 1941, Rosenberg havia repetidamente tentado impor um controle mais estrito sobre os representantes da SS na antiga União Soviética, levando Heydrich a enfatizar numa carta dirigida a ele em 10 de janeiro de 1942 que as políticas judaicas nazistas no Leste eram uma questão policial fora da alçada de Rosenberg.[880](#)

As palavras de Heydrich eram também dirigidas a Bühler, assistente de Hans Frank, cujo relacionamento com Heydrich fora turvado desde o outono de 1939 por um conflito acerca de competências executivas no Governo Geral.[881](#) Nos meses e semanas que precederam a Conferência de Wannsee, Himmler e Heydrich haviam repetidamente se chocado com órgãos civis da Polônia sobre questões de competência relacionadas a assuntos judaicos.[882](#) No final de novembro de 1941, por exemplo, o representante de Himmler no Governo Geral se queixava a Heydrich de que Frank queria ele próprio ter controle do “manejo do problema judaico” no Governo Geral. Pouco depois dessa queixa, Bühler foi acrescentado à lista de convidados, presumivelmente para que fossem definidas de uma vez por todas a questão das competências sobre as políticas judaicas.[883](#)

Depois de reafirmar sua autoridade inquestionável em todos os assuntos relativos à questão judaica, Heydrich recapitulou os estágios anteriores e realizações passadas na luta dos nazistas contra o povo judeu. O objetivo principal desde 1933 fora remover os judeus de todos os setores da sociedade alemã e em seguida do solo alemão. A única

solução disponível naquela época fora acelerar a emigração judaica, uma política que levava à criação da Agência Central do Reich para a Emigração Judaica. As desvantagens da política de emigração estavam claras para todos os envolvidos, mas, na ausência de alternativas, tal política foi tolerada, ao menos inicialmente. Com orgulho, Heydrich recordou que, entre janeiro de 1933 e 31 de outubro de 1941, um total de 537 mil judeus tinham sido “induzidos a emigrar” da Alemanha, da Áustria e do Protetorado.

Desde a eclosão da guerra com a União Soviética, no entanto, a situação se alterara inteiramente. A emigração da Alemanha não era mais uma opção e, de fato, fora proibida inteiramente por Himmler no outono de 1941. Em vez disso, Heydrich sugeriu, “novas possibilidades no Leste” ofereciam “outra solução possível” que fora recentemente aprovada por Hitler: “a evacuação dos judeus para o Leste”. As deportações em pequena escala do Reich e do Protetorado para Łódź, Minsk e Riga, que haviam começado em outubro de 1941, tinha proporcionado importantes “experiências práticas”, que seriam “de grande significado para a futura solução final da questão judaica”. Infelizmente, ele continuou, persistiam discrepâncias regionais no tratamento dos judeus. Inconsistências com relação ao destino dos transportes e ao destino dos deportados deixavam claro que os órgãos centrais envolvidos estavam enfrentando dificuldades para adotar uma abordagem coerente com relação aos judeus a serem deportados do Reich. Eram esses os problemas persistentes que Heydrich esperava resolver na Conferência de Wannsee.[884](#)

Em seguida à sua breve introdução geral, Heydrich esboçou a dimensão da tarefa que tinham pela frente.

Aproximadamente 11 milhões de judeus – incluindo os que viviam sob ocupação alemã, os judeus dos Estados europeus neutros como a Turquia, a Irlanda e a Suécia, e os que viviam em Estados ainda em guerra com a Alemanha nazista, como a Grã-Bretanha – seriam afetados pela solução final. Esse número, Heydrich acrescentou num tom desaprovador, era uma estimativa baseada em estatísticas de religiosos, não em filiação racial, “pois alguns países ainda não têm uma definição do judeu segundo princípios raciais”.[885](#) A solução final só podia então ser plenamente colocada em prática após uma conclusão vitoriosa da guerra, mas Heydrich estava confiante de que a Alemanha logo se encontraria em posição de aplicar suficiente pressão aos países neutros para que eles entregassem seus judeus aos nazistas.

Heydrich, então, informou os convidados do destino que imaginava para os judeus que já estavam sob controle alemão: “Sob comando apropriado, os judeus devem ser postos para trabalhar no Leste no contexto da solução final. Em grandes colunas de trabalhadores separados por sexo, os judeus aptos para o trabalho abrirão seu caminho para o Leste construindo estradas. Sem dúvida a grande maioria será eliminada por causas naturais”. Quaisquer “parcelas que no final sobrevivam consistirão, é claro, dos elementos mais resistentes”. Esses “elementos” teriam “de ser tratados adequadamente” para evitar, como a “experiência da história” confirmava, a formação “da célula embrionária [*keimzelle*] de um novo renascimento judeu”. O destino dos milhões de judeus considerados incapazes para o trabalho, mais especialmente os idosos e os doentes, era muito mais simples. Era tão óbvio que não precisava sequer ser discutido.[886](#)

A referência de Heydrich a trabalho escravo judeu no Leste gerou considerável debate entre historiadores do Holocausto. Incentivados pela confissão de Eichmann durante o julgamento em Jerusalém, alguns estudiosos sustentaram que a linguagem codificada usada na Conferência de Wannsee ocultava, em última análise, um plano coerente para assassinar, de forma metódica, todos os judeus na esfera de influência alemã. Outros, contudo, sugeriram que o programa de trabalho forçado de Heydrich não era pura camuflagem, mas um dos muitos elementos constituintes de seu plano para a solução final. Como a construção dos campos de extermínio no Warthegau e no Governo Geral estava progredindo lentamente e como o trabalho forçado dos judeus tinha grande significado para a economia de guerra alemã, o segundo argumento parece mais plausível.[887](#)

A Alemanha e o Protetorado, disse Heydrich, seriam desembaraçados de judeus primeiro. Só depois seria passado um pente fino na Europa de oeste a leste. Os judeus seriam levados para “guetos de trânsito” e depois enviados mais para leste, embora ele concordasse que os judeus não deviam ser retirados de empresas essenciais para a economia de guerra, a não ser que pudesse ser providenciada uma substituição por mão de obra estrangeira. Mesmo Heydrich não podia ignorar as necessidades econômicas do período de guerra numa época em que a Alemanha nazista se defrontava com escassez de mão de obra numa escala perigosa. Ele tentou equilibrar o reconhecimento da falta de trabalhadores do período com o desejo de eliminar todos os judeus, embora a determinação de matar todos os trabalhadores judeus sobreviventes, “mais resistentes”, mostrasse que privilegiava a ideologia

sobre as preocupações econômicas e necessidades militares.[888](#)

Heydrich, então, identificou alguns pré-requisitos fundamentais para as deportações. Tinha de haver clareza sobre quem ia ser deportado. Judeus com mais de 65 anos e veteranos de guerra condecorados seriam mandados para o “gueto de idade avançada” de Theresienstadt, basicamente para impedir as numerosas e previsíveis intervenções de vizinhos ou amigos alemães a seu favor. Com relação a outras considerações, Heydrich se manteve particularmente vago sobre como esperava implementar seu conceito homicida de deportação, extermínio e aniquilação por meio do trabalho. Depois de enfatizar mais uma vez que a velocidade das deportações dependeria em grande parte da situação militar nos próximos meses, sugeriu que planos concretos de implementação seriam discutidos numa conferência subsequente de peritos de médio escalão dos ministérios e órgãos envolvidos em programas antijudaicos.[889](#)

A posição de Heydrich sobre a questão judaica em Wannsee não era inteiramente nova. Como no início de 1941, ele continuava a presumir que a solução abrangente da questão judaica ocorreria *depois* do final da guerra, mediante uma combinação de trabalho forçado com assassinato em massa. Em termos mais imediatos, a matança metódica de judeus que já começara na União Soviética durante o verão anterior poderia ser intensificada e estendida à Polônia ocupada.[890](#)

O assistente de Frank, Bühler, sugeriu coerentemente a Heydrich que a solução final deveria começar no Governo Geral, pois “o problema de transporte não desempenha aqui um papel importante” e a maioria dos judeus que viviam na

área já estava, de qualquer modo, incapaz de trabalhar. A solução da questão judaica no Governo Geral podia e devia, portanto, começar o mais depressa possível. O representante do Ministério dos Territórios Orientais Ocupados, Meyer, também defendeu que “certas medidas preparatórias no contexto da solução final” fossem levadas imediatamente a efeito. Como “possibilidades de solução de vários tipos” (em outras palavras, diferentes meios de assassinato em massa) foram discutidas em Wannsee, a referência de Meyer a “medidas preparatórias” só pode ter significado uma coisa: a criação de novos campos de extermínio baseados no modelo do campo de Belzec, que já estava em construção.[891](#)

Bühler e Meyer puseram assim uma alternativa sobre a mesa que tornava o programa de deportação imaginado por Heydrich praticamente supérfluo. Era uma reviravolta surpreendente dos acontecimentos, mas foi uma proposta que Heydrich endossou porque ela prometia uma solução rápida do problema judaico no Governo Geral, o território com a maior concentração de judeus na Europa ocupada pelos alemães. Himmler e Heydrich aceitariam a sugestão de Bühler nos meses seguintes e a desenvolveriam ainda mais, à medida que o ponto focal da solução final para toda a Europa se deslocasse dos antigos territórios soviéticos para a Polônia ocupada.[892](#)

O restante da Conferência de Wannsee foi dedicado a uma longa discussão sobre se os meio-judeus e judeus em casamentos mistos “privilegiados” deviam ser incluídos na solução final, uma questão de alta prioridade para Heydrich. Desde as Leis de Nuremberg de 1935, os peritos raciais da SS vinham exigindo novas medidas para tratar da suposta ameaça de decomposição racial do *Volk* alemão

representada pelos chamados *Mischlinge* ou raças mistas.[893](#) Tinham ficado amargamente decepcionados com a segunda lei de Nuremberg de 1935, a Lei de Proteção do Sangue Alemão, que só encarava como judeus pessoas com três ou quatro avós judeus, permitindo assim que a maioria das pessoas com dois ou menos que dois ancestrais judeus fosse considerada alemã. Embora Hitler fosse a favor de uma postura mais radical, hesitou em impor leis que hostilizariam a infinidade de parentes alemães dos meio-judeus em questão. A solução de compromisso foi uma nova categoria legal, o *Mischling*, definido por uma disparatada mistura de critérios religiosos e raciais. Pessoas um quarto judias eram denominadas *Mischlinge*, mas tinham permissão de se casar com outros alemães, embora não com outros *Mischlinge* ou com judeus. Meio-judeus também eram considerados *Mischlinge*, a não ser que fossem membros de uma sinagoga ou que tivessem se casado com um judeu, caso em que eram considerados judeus plenos (os chamados *Geltungsjuden*).[894](#)

Em 1941, radicais do partido renovaram esforços para aumentar seu poder de influir nas definições. Queriam eliminar as categorias protegidas e fazer com que os *Mischlinge* fossem legalmente equiparados aos judeus plenos. Também Heydrich começou a manifestar um interesse mais ativo pela questão, em especial porque se tornava importante definir que grupos deviam ser deportados do Reich. No verão de 1941, ele decidiu que chegara o momento de rever a proteção dos *Mischlinge* e passar a um ataque frontal aos compromissos estabelecidos pelas Leis de Nuremberg.[895](#)

Os números em jogo eram relativamente pequenos. Em 1939, havia 64 mil *Mischlinge* de primeiro grau e por volta

de 43 mil de segundo grau no Antigo Reich, na Áustria e no Protetorado. Não obstante, Heydrich passou um tempo considerável esboçando sua própria e estreita definição dos *Mischlinge*. *Mischlinge* de primeiro grau ou meio-judeus, ele sugeriu, deviam ser considerados judeus (e conseqüentemente ser deportados), a não ser que fossem casados com “pessoas de sangue alemão” e do casamento tivessem resultado filhos *ou* se tivessem recebido um passe de exceção de alguma alta autoridade nazista. Em troca de terem sido poupados da deportação, os *Mischlinge* de primeiro grau teriam de se submeter à esterilização “voluntária” se eles ou elas quisessem permanecer no Reich. Os *Mischlinge* de segundo grau ou um quarto judeus deviam ser considerados judeus se a eles se aplicasse algum dos três critérios seguintes: se tivessem ambos os pais *Mischlinge*; se tivessem uma “aparência racial excepcionalmente pobre” que os distinguisse como judeus; ou se “se sentissem como judeus e se comportassem como tal”.[896](#)

As propostas de Heydrich não encontraram muita oposição dos outros delegados. A única preocupação de Stuckart era que as medidas propostas implicassem num “interminável trabalho administrativo”. Por conseguinte, ele sugeriu como alternativa a completa esterilização da população *Mischlinge*, uma sugestão apoiada pelo diretor do Escritório de Raça e Assentamento, Otto Hofmann.[897](#)

No que dizia respeito a judeus alemães em casamentos mistos, dos quais havia menos de 20 mil naquele momento, Heydrich também sugeriu uma solução radical: todos os parceiros plenamente judeus de cônjuges alemães deviam ser deportados. A decisão fundamental que faltava ser tomada era se o parceiro judeu devia ser evacuado para o

Leste (isto é, assassinado) ou, em vista do impacto psicológico de tal medida sobre parentes alemães, ser mandado para um gueto de pessoas de idade. A única exceção a essa regra, Heydrich acreditava, deviam ser os casos em que havia filhos considerados *Mischlinge* de segundo grau. Nesses casos, o pai ou a mãe judeus poderiam permanecer por tempo indeterminado.[898](#)

Mais uma vez, o propósito da sugestão de Heydrich parece ter sido afirmar o total poder da SS para produzir definições sobre todos os aspectos da questão judaica. As Leis de Nuremberg, embora proibissem futuras uniões entre judeus e não judeus, tiveram pouco a dizer sobre os casamentos mistos existentes. No final de 1938, depois de consultar Hitler, Göring preparou diretrizes distinguindo entre os chamados casamentos mistos privilegiados e outros. Os casamentos privilegiados eram aqueles em que o homem não era judeu, com a exceção de casamentos onde havia filhos “educados como judeus”. Casamentos em que o marido era judeu não eram privilegiados, com a exceção dos casamentos em que havia filhos cristãos. Em Wannsee, foi mais uma vez Stuckart quem deu uma sugestão radical de como resolver a questão dos casamentos mistos. Reclamou um ato legislativo concreto que dissolvesse todos os casamentos mistos existentes, pavimentando o caminho para a deportação dos cônjuges judeus.[899](#)

Nenhum consenso sobre essa questão foi alcançado em Wannsee, mas ficou acordado que peritos raciais da SS e outros funcionários nazistas deveriam discutir o destino dos *Mischlinge* e de judeus em casamentos mistos nas conferências e encontros de médio escalão que se seguiriam à Conferência de Wannsee no verão e outono de 1942.[900](#)

Depois de um novo pedido de cooperação futura para pôr em prática a solução final, Heydrich encerrou a reunião. No conjunto, ela não havia durado mais que uma hora e meia. Se Heydrich esperava “consideráveis obstáculos e dificuldades” antes do encontro, deve ter tido uma surpresa agradável com a natureza amistosa das negociações. Segundo Eichmann, Heydrich ficou visivelmente satisfeito com os resultados da reunião e convidou a ele e a Müller a acompanhá-lo “num copo ou dois ou três de conhaque”.[901](#)

A satisfação de Heydrich não era sem fundamento. Ele havia esperado conseguir três coisas no encontro. Primeiro, procurava endosso oficial das autoridades civis para o processo de deportação, assim como para a extensão da planejada e abrangente solução da questão judaica. Segundo, queria enfatizar sua responsabilidade exclusiva pela solução da questão judaica contra toda e qualquer resistência daquelas autoridades civis que, nos meses anteriores, tinham procurado proteger suas influências declinantes de novas incursões do RSHA. Terceiro, queria chegar a um consenso sobre os grupos de pessoas que deviam ser deportados.

Pelo menos dois desses objetivos foram atingidos. Wannsee confirmara sem ambiguidades a autoridade absoluta de Heydrich no que dizia respeito à solução final. O Ministério do Interior, o Governo Geral e o Ministério dos Territórios Orientais Ocupados haviam todos se alinhado com ele e, vez por outra, tinham inclusive proposto soluções mais radicais do que Heydrich havia inicialmente julgado aceitável. O antigo conflito com as autoridades civis do Governo Geral também parecia estar resolvido. Reduzir o número de judeus no Governo Geral, em vez de despejá-los na região, era algo com que Heydrich e o representante de

Frank em Wannsee podiam concordar. As controvérsias continuariam depois de janeiro de 1942, mas a “linha básica”, Heydrich declarou confiantemente numa carta a Luther, fora estabelecida.[902](#)

Contudo, se Heydrich acreditava que levara a melhor na questão dos *Mischlinge*, logo teria uma decepção. Se, como originalmente planejado, a Conferência de Wannsee tivesse ocorrido após uma bem-sucedida captura de Moscou, não é improvável que sua tentativa de incluir os *Mischlinge* nas deportações tivesse dado certo. A política racial nazista geralmente se radicalizava nos momentos de sucesso militar alemão, quando a euforia da vitória tentava um exultante Hitler a se aventurar em políticas ainda mais drásticas.[903](#) Mas não houve sucessos militares no inverno de 1941-1942 e, mesmo nos meses seguintes, o comando da SS achou difícil impor seu ponto de vista sobre os *mischlinge*. Durante os encontros de médio escalão que se seguiram a Wannsee em 1942, Eichmann fez pressão por soluções radicais no sentido das sugestões de Stuckart ou Heydrich, mas tais programas jamais foram implementados. Tanto o Ministério da Propaganda quanto o Ministério da Justiça estavam preocupados com as implicações do divórcio compulsório. Em outubro de 1943, o ministro da Justiça Otto Georg Thierack e Himmler concordaram em não deportar *Mischlinge* enquanto durasse a guerra.[904](#)

Obstáculos similares continuavam existindo com relação a casamentos mistos. O regime temia os efeitos sobre a moral pública se os parceiros de homens e mulheres arianos fossem deportados. Quando na primavera de 1943, por exemplo, centenas de mulheres não judias de Berlim protestaram publicamente contra a ameaça de deportação dos maridos judeus, os nazistas recuaram e libertaram os

homens. Os chamados protestos da Rosenstrasse de 1943 demonstraram que o regime estava preparado para rever suas políticas se enfrentasse determinada resistência popular.[905](#) Em sua maior parte, judeus em casamentos mistos privilegiados seriam salvos. E só depois de dezembro de 1943, após a morte dos maridos arianos, algumas viúvas judias de casamentos outrora privilegiados foram deportadas. Wannsee, por conseguinte, não conseguiu proporcionar sobre essa questão o avanço decisivo que Heydrich havia esperado.[906](#)

Nem foi Wannsee o momento em que foi tomada a decisão fundamental de transformar as já criminosas políticas antijudaicas no Leste no genocídio extremamente abrangente de todos os judeus europeus. Ninguém na conferência, nem mesmo Heydrich, seria capaz de tomar essa decisão sem o consentimento explícito de Hitler. As discussões em Wannsee atestaram, no entanto, o radicalismo cada vez maior com que as autoridades centrais da Alemanha nazista encaravam a questão judaica. Decisões que transformariam 1942 no mais assombroso ano de assassinatos do Holocausto, na verdade num dos anos mais horripilantes de massacres sistemáticos na história da humanidade, ainda estavam por vir.[907](#)

No dia seguinte da Conferência de Wannsee, Heydrich telefonou para Himmler. Queria informá-lo dos resultados do encontro, antes de embarcar num avião que o levaria de volta a Praga, onde, na qualidade de protetor interino do Reich na Boêmia e Morávia, tinha passado os últimos três meses instalando um regime baseado implacavelmente no terror.[908](#)

[719](#) Hans-Martin Ottmer, *“Weserübung”. Der deutsche Angriff auf Dänemark und Norwegen im April 1940* (Munich, 1994); Richard J. Evans, *The Third Reich at War* (London, 2008), pp. 117ss. Ver também Hans-Dietrich Looock, *Quisling, Rosenberg und Terboven. Zur Vorgeschichte und Geschichte der nationalsozialistischen Revolution in Norwegen* (Stuttgart, 1970), pp. 277ss.; Robert Bohn, *Reichskommissariat Norwegen. “Nationalsozialistische Neuordnung” und Kriegswirtschaft* (Munich, 2000), pp. 31ss.

[720](#) A decisão de Hitler a favor de um regime de ocupação militar na Europa Ocidental foi recebida com alívio pelo Alto comando do Exército: BA-MA, RW 4/v. p. 581 (“Vortragsnotiz OKW”, 20 de janeiro de 1940). Ver também Bernhard R. Kroener, Rolf-Dieter Müller e Hans Umbreit, *Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg*, vol. 5/1: *Kriegsverwaltung, Wirtschaft, und personelle Ressourcen* (Stuttgart, 1988), p. 57, nº 178.

[721](#) Heydrich a Daluge, 2 de julho de 1940, em BAB, R 19/395.

[722](#) “Aktenvermerk über Besprechung bei Amtschef I”, 2 de abril de 1940, em BAB DH, ZR 277, ff. 8-9. Menos de uma semana antes, em 26 e 28 de março, Heydrich tinha aprovado a formação de dois *Einsatzkommandos*, um para os Países Baixos e outro para a Bélgica. Ele também ordenou que nenhum documento interno do SD ou da Sipo fosse passado à Wehrmacht. Ver IfZ (Munich), FA-228/2, ff. 205s.

[723](#) Ver Stefan Semerdjiev, “Reinhard Heydrich. Der deutsche Polizeichef als Jagdflieger”, *Deutsche Militärzeitschrift* 41 (2004), pp. 36-8; Deschner, *Heydrich*, p. 141s.

[724](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 72; ver também artigo de Heydrich em *Völkischer Beobachter*, 17 de fevereiro de 1941.

[725](#) Em 27 de maio de 1937, Himmler havia proibido expressamente Heydrich de voar: IfZ, Ed 450. Sobre o período de Heydrich em Stavanger, ver os relatos de Frank-Werner Rott, Karl Holland e Berthold Jung, em Jochen Prien, *Geschichte des Jagdgeschwaders 77*, vol. 1: 1934-1941 (Eutin, 1992), p. 209.

[726](#) Heydrich a Himmler, 5 de maio de 1940; o cartão-postal está reproduzido em Max Williams, *Reinhard Heydrich: The Biography*, 2 vols. (Church Sretton, 2001 e 2003), vol. 2, p. 30; Himmler para Heydrich, 15 de maio de 1940, em Helmut Heiber (org.), *Reichsführer!... Briefe an und von Himmler* (Stuttgart, 1968), doc. 66, p. 80; Prien, *Jagdgeschwaders 77*, vol. 1, p. 209.

[727](#) Robert Bohn, “Die Errichtung des Reichskommissariats Norwegen” em *idem* (org.), *Neutralität und totalitäre Aggression Nordeuropa und die Grossmächte im Zweiten Weltkrieg* (Stuttgart, 1991), pp. 129-47; Looock, *Quisling*, pp. 277ss.; Longerich, *Himmler*, p. 508.

[728](#) Ver as notas de Werner Best sobre a reunião dos chefes de departamento do RSHA de 20 de abril de 1940, em BA Dahchwitz-Hoppegarten, ZR 277.

[729](#) Sobre o papel da Polícia de Segurança na Noruega, ver Robert Bohn, “‘Ein solches Spiel kennt keine Regeln’. Gestapo und Bevölkerung in Norwegen und Dänemark”, em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 463ss.; ordem de Heydrich de 14 de abril de 1940, como citada em Bohn, *Reichskommissariat*, p. 77.

[730](#) Konrad Kwiet *Reichskommissariat Niederlande. Versuch und Scheitern nationalsozialistischer Neuordnung* (Stuttgart, 1968), pp. 83ss.; Guus Meershoek, “Machtentfaltung und Scheitern. Sicherheitspolizei und SD in den

Niederlanden”, em Paul e Mallmann, *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 383-402, aqui pp. 387ss.

[731](#) Heydrich para Daluege, 2 de julho de 1940, em BAB, R 19/395.

[732](#) Werner Warmbrunn, *The German Occupation of Belgium, 1940-1944* (Nova York, 1993), pp. 110ss.; Wolfram Weber, *Die innere Sicherheit im besetzten Belgien und Nordfrankreich 1940-1944. Ein Beitrag zur Geschichte der Besatzungsverwaltungen* (Düsseldorf, 1978); Jay H. Geller, “The Role of the Military Administration in German-Occupied Belgium, 1940-1944”, *Journal of Military History* 63 (1999), pp. 99-125. Sobre a Sipo na Bélgica, ver Wildt, *Generation*, pp. 522ss. Sobre Reeder, Falkenhausen e seu relacionamento com a SS, ver também o depoimento pós-guerra de Erwin Brunner, “Entwicklung des Verhältnisses zwischen Wehrmacht und SS in Belgien”, em *IfZ*, ZS 1718, pp. 1-16.

[733](#) Bernd Kasten, “Gute Franzosen”. *Die französische Polizei und die deutsche Besatzungsmacht im besetzten Frankreich 1940-1944* (Sigmaringen, 1993), p. 22s. Sobre o papel da Sipo e do SD na primeira fase da ocupação, ver Ahlrich Meyer, *Die deutsche Besatzung in Frankreich 1940-1944. Widerstandsbekämpfung und Judenverfolgung* (Darmstadt, 2000), pp. 13ss.; e Wildt, *Generation*, pp. 514ss.; Heydrich a Daluege, 2 de julho de 1940, em BAB, R 19/395; Heydrich aos *Amtschefs* do RSHA, 24 de agosto de 1940, em BAB, R 58/241. Claudia Steur, *Theodor Dannecker. Ein Funktionär der “Endlösung”* (Essen, 1997), p. 48.

[734](#) Herbert, *Best*, pp. 251ss.

[735](#) Walter Schellenberg, *Invasion 1940: The Nazi Invasion Plan for Britain* (Londres, 2000); ver também memorando de Heydrich de 5 de maio de 1939, em *IfZ*, MA 451.

[736](#) *Ibid.* Ver também: Mazower, *Empire*, p. 112s.

[737](#) Mazower, *Empire*, p. 113.

[738](#) Sobre a evolução do plano Madagascar, ver Magnus Brechtken, “Madagascar für die Juden”. *Antisemitische Idee und politische Praxis 1885-1945* (Munique, 1997); Browning, *Origins*, pp. 81ss.; Hans Jansen, *Der Madagaskar-Plan. Die beabsichtigte Deportation der europäischen Juden nach Madagascar* (Munique, 1997), particularmente pp. 320ss.; Leni Yahill, “Madagáscar, Phantom of a Solution for the Jewish Question”, em Bela Vago e George L. Mosse (orgs.), *Jews and Non-Jews in Eastern Europe, 1918-1945* (Nova York, 1974), pp. 315-34.

[739](#) “Memorandum des SD-Amtes IV/2 an Heydrich vom 24.5.1934”, em OA Moscou, 501-1-18, ff. 18-20; reproduzido em Michael Wildt (org.), *Die Judenpolitik des SD 1935 bis 1938. Eine Dokumentation* (Munique, 1995), pp. 66-9.

[740](#) Memorando em BAB, R 58/956, ff. 2-19; ver também Wildt, *Generation*, p. 501.

[741](#) Hagen a Eichmann, 5 de março de 1938, em BAB, R 58/956, f. 47. Ver também Jansen, *Madagaskar-Plan*, p. 228; Brechtken, “Madagaskar für die Juden”, pp. 142ss. O plano foi adotado de novo depois dos pogroms da Noite dos Cristais, de novembro de 1938. Ver *IMT*, vol. 28, doc. 1816-PS, pp. 499ss.; ver também Browning, *Origins*, p. 82.

[742](#) O documento está publicado em *VfZ* 5 (1957), pp. 194-98. Ver também Longerich, *Politik*, p. 273s. Hitler informou Mussolini durante uma reunião em

Munique em meados de junho de 1940 de sua intenção de usar Madagáscar como uma reserva judaica. Sobre os comentários que Hitler fez com Mussolini, ver Browning, *Origins*, p. 83. Hitler também mencionou o plano ao comandante em chefe da marinha, almirante Raeder. Ver Gerhard Wagner (org.), *Lagevorträge Oberbefehlshabers der Kriegsmarine vor Hitler, 1939-45* (Munique, 1972), pp. 106ss.

[743](#) PAAA, Inland II A/B 347/3. Ver também Brechtken, “*Madagaskar für die Juden*”, p. 226s.

[744](#) PAAA, Inland II A/B 347/3; Longerich, *Himmler*, p. 525.

[745](#) Heydrich a Ribbentrop, 24 de junho de 1940, em IfZ, Eich 464 (“até agora” está grifado no original); ver também Jansen, *Madagaskar-Plan*, p. 327.

[746](#) Cesarani, *Eichmann*, p. 87; Brechtken, “*Madagaskar für die Juden*”, p. 234s.; Jansen, *Madagaskar-Plan*, p. 332; Claudia Steur, “Eichmanns Emissäre. Die ‘Judenberater’ in Hitlers Europa”, em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 403-36. “Protokoll der Abteilungsleitersitzung vom 12.7.1940”, publicado em Werner Präg e Wolfgang Jacobmeyer (orgs.), *Das Diensttagebuch des deutschen Generalgouverneurs in Polen 1939-45* (Stuttgart, 1975), p. 261.

[747](#) Brechtken, “*Madagaskar für die Juden*”, p. 239; Jansen, *Madagaskar-Plan*, p. 335.

[748](#) Plano de Rademacher de 2 de julho, em PAAA, Inland IIg 177. Ver também Jansen, *Madagaskar-Plan*, pp. 327ss.

[749](#) Sobre o plano do RSHA, compilado por Eichmann e seus assistentes Theodor Dannecker e Erich Rajakowitsch, ver PAAA, Inland IIg 177, ff. 197-221. Ver também Dannecker para Rademacher, 15 de agosto de 1940, em Jansen, *Madagaskar-Plan*, pp. 341ss.; Christopher R. Browning, *The Final Solution and the German Foreign Office: A Study of Referat DIII of Abteilung Deutschland 1940-43* (Nova York e Londres, 1978), p. 40s.

[750](#) PAAA, Inland IIg, 177, ff. 197-221.

[751](#) Longerich, *Himmler*, p. 526.

[752](#) Circular de Heydrich de 30 de outubro de 1940, em USHMMA, RG 15.015 M, rolo 3/168/8-14.

[753](#) Browning, *Origins*, p. 88.

[754](#) *Ibid.*, pp. 90ss.

[755](#) Heydrich a Luther, 29 de outubro de 1940, em PAAA, Inland IIg 189. Ver também Jacob Toury, “Die Entstehungsgeschichte des Austreibungsbefehls gegen die Juden der Saarpfalz und Badens”, *Jahrbuch des Instituts für Deutsche Geschichte* 15 (1986), pp. 431-64; Browning, *Origins*, pp. 89ss.

[756](#) Heydrich a Luther, 29 de outubro de 1940, em PAAA, Inland IIg 189.

[757](#) Sobre os preparativos da Operação Barbarossa, ver as ordens de Hitler de 12 de novembro de 1940 (nº 18) e 18 de dezembro de 1940 (nº 21), reproduzidas em Walther Hubatsch (org.), *Hitlers Weisungen für die Kriegsführung 1939-1945. Dokumente des Oberkommandos der Wehrmacht* (2ª ed. rev., Koblenz, 1983), pp. 67ss. e 84ss. Sobre as ordens de Hitler a Heydrich, ver Longerich, *Politik*, p. 287s. Em 21 de janeiro de 1941, num bilhete para Eichmann, Theodor Dannecker referiu-se explicitamente à “instrução do Führer” para que Heydrich “apresentasse uma proposta para um projeto de solução final”. Dannecker a Eichmann, 21 de janeiro de 1941, reproduzido em Serge

Klarsfeld, *Vichy - Auschwitz. Die Zusammenarbeit der deutschen und französischen Behörden bei der "Endlösung der Judenfrage" in Frankreich* (Nördlingen, 1989), pp. 361ss. Livro de apontamentos de Göring, registro de 24 de janeiro de 1941, em IfZ, Ed 180/5. Nesse mesmo dia, Heydrich se encontrou com Himmler, presumivelmente para discutir o mesmo assunto. Witte et al. (orgs.), *Dienstkalender*, 24 de janeiro de 1941, p. 112.

[758](#) BAB, NS 19/3979. Ver também Wildt, *Generation*, p. 535; Longerich, *Himmler*, p. 528.

[759](#) Memorando Dannecker, 21 de janeiro de 1941, como publicado em Klarsfeld, *Vichy-Auschwitz*, p. 361s.

[760](#) Ver, por exemplo, Heydrich a Luther, 5 de fevereiro de 1941, em PAAA, Inland II AB 80-41 Sdh. III, vol. 1. Ver também Browning, *Origins*, pp. 101ss.

[761](#) Memorando de Heydrich de 26 de março de 1941, em OA Moscou, 500/3/795; ver também Aly, *"Final Solution"*, p. 172.

[762](#) Heydrich para o chefe do Departamento Central de Pessoal, SS-*Gruppenführer* Schmitt, 25 de janeiro de 1942, com carta anexa de Göring datada de 31 de julho de 1941, em IMT, vol. 26, doc. 710-PS. Ver também Browning, *Origins*, p. 315.

[763](#) Isso contradiz o recente argumento de Edouard Husson de que um genocídio completo dos judeus da Europa já estava planejado por Heydrich em janeiro de 1941. Ver Edouard Husson, "Die Entscheidung zur Vernichtung aller europäischen Juden. Versuch einer Neuinterpretation", em Klaus Hildebrand, Udo Wengst e Andreas Wirsching (orgs.), *Geschichtswissenschaft und Zeiterkenntnis. Von der Aufklärung bis zur Gegenwart. Festschrift für Horst Möller* (Munique, 2008), pp. 277-89, particularmente p. 284ss. e, de forma mais abrangente, *idem, Heydrich et la solution finale* (Paris, 2008).

[764](#) Halder, *Kriegstagebuch*, vol. 2, p. 335s., e vol. 1, p. 341s. Ver também Evans, *Third Reich at War*, pp. 170ss. Peter Jahn e Reinhard Rürup (orgs.), *Erobern und Vernichten. Der Krieg gegen die Sowjetunion 1941-1945* (Berlim, 1991); Christian Hartmann, *Wehrmacht im Ostkrieg. Front und militärisches Hinterland 1941/42* (Munique, 2009).

[765](#) "Richtlinien auf Sondergebieten zur Weisung nº 21 (Fall Barbarossa)", reproduzido em Hans-Adolf Jacobsen, "Kommissarbefehl und Massenexekution sowjetischer Kriegsgefangener", em Buchheim et al., SS, doc. 1, pp. 449-544.

[766](#) Christian Gerlach, *Kalkulierte Morde. Die deutsche Wirtschafts- und Vernichtungspolitik in Weissrussland 1941 bis 1944* (Hamburgo, 1999), pp. 71 e 81; Breitman, *Architect*, p. 148. Heydrich retomou as negociações após a folga de 7 de março; ver Witte et al. (orgs.), *Dienstkalender*, 7 de março de 1941. Heydrich e Himmler tornaram a se encontrar em 10 e 15 de março, presumivelmente para discutir a posição da SS nas negociações em andamento: Witte et al. (orgs.), *Dienstkalender*, 10 e 15 de março. Primeira minuta do acordo de 26 de março de 1941, reproduzida em Jacobsen, "Kommissarbefehl", doc. 2, pp. 202ss.

[767](#) Krausnick e Wilhelm, *Truppe*, p. 117; Andrej Angrick, *Besatzungspolitik und Massenmord. Die Einsatzgruppe D in der südlichen Sowjetunion 1941-1943* (Hamburgo, 2003), p. 45, nº 48.

[768](#) Notas de Heydrich de 26 de março de 1941 sobre uma reunião com Göring, como citado em Aly, *"Final Solution"*, p. 270.

[769](#) Sobre a campanha militar alemã nos Bálcãs, ver Klaus Olshausen, *Zwischenspiel auf dem Balkan. Die deutsche Politik gegenüber Jugoslawien und Griechenland von März bis Juli 1941* (Stuttgart, 1973); Walter Manoschek, “Serbien ist judenfrei”. *Militärische Besatzungspolitik und Judenvernichtung in Serbien 1941/42* (Munique, 1993); Stevan Pavlowitch, *Hitler’s New Disorder: The Second World War in Yugoslavia* (Londres, 2008); Karl-Heinz Golla, *Der Fall Griechenlands 1941* (Hamburgo, 2007); Mark Mazower, *Inside Hitler’s Greece: The Experience of Occupation, 1941-1944* (New Haven, 1993), pp. 1ss.; Anestis Nossou, *Griechenland 1941-1944* (Osnabrück, 2009). Himmler, Heydrich e Daluge realizaram uma reunião de emergência em 27 de março de 1941; Witte et al. (orgs.), *Dienstkalender*, 27 de março de 1941. Em 8 de abril, Heydrich recebeu autorização de Himmler para voar: *Dienstkalender*, 8 de abril de 1941.

[770](#) Longerich, *Himmler*, p. 536. Ver também Roland G. Förster (org.), “Unternehmen Barbarossa”. *Zum historischen Ort der deutsch-sowjetischen Beziehungen von 1933 bis Herbst 1941* (Munique, 1993), p. 507s.; Manoschek, “Serbien ist judenfrei”, p. 41s.

[771](#) Witte et al. (orgs.), *Dienstkalender*, 16 de abril de 1941. Longerich, *Himmler*, p. 536. Um relato detalhado das negociações pode ser encontrado em Angrick, *Besatzungspolitik*, pp. 41ss.

[772](#) Krausnick e Wilhelm, *Truppe*, pp. 281ss.; Peter Klein (org.), *Die Einsatzgruppen in der besetzten Sowjetunion, 1941/42: Die Tätigkeits- und Lageberichte des Chefs der Sicherheitspolizei und des SD* (Berlim, 1997).

[773](#) Hans-Heinrich Wilhelm, *Die Einsatzgruppe A der Sicherheitspolizei und des SD 1941/42* (Frankfurt am Main, 1996), pp. 281ss.; Wildt, *Generation*, pp. 538ss.

[774](#) Witte et al. (orgs.), *Dienstkalender*, 19, 26, 29 de maio e 9 de junho de 1941.

[775](#) *Ibid.*, 11 a 15 de junho de 1941; sobre o Wewelsburg, ver Karl Hüser, *Wewelsburg 1933 bis 1945 – Kult- und Terrorstätte der SS. Eine Dokumentation* (2ª ed., Paderborn, 1987); e, mais recentemente, Jan Erik Schulte (org.), *Die SS, Himmler und die Wewelsburg* (Paderborn, 2009).

[776](#) Longerich, *Himmler*, p. 540; Angrick, *Besatzungspolitik*, p. 108, nº 240.

[777](#) Memorando da reunião de 2 de maio de 1941, em *IMT*, vol. 31, doc. 2718-PS, pp. 84-5; e diretrizes de política econômica para o Leste, 23 de maio de 1941, em *IMT*, vol. 36, doc. 126-EC, pp. 135-57, aqui p. 145; ver também Alex J. Kay, “Germany’s Staatssekretäre, Mass Starvation, and the Meeting of 2 May 1941”, *Journal of Contemporary History* 41 (2006), pp. 685-700; *idem*, *Exploitation, Resettlement, Mass Murder: Political and Economic Planning for German Occupation Policy in the Soviet Union, 1940-1941* (Nova York e Oxford, 2006); Gerlach, *Kalkulierte Morde*, p. 46s.

[778](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 86ss. Ver também Lizzie Collingham, *The Taste of War: World War Two and the Battle for Food* (Londres, 2011), p. 33.

[779](#) Backe como citado em Alexander Dallin, *German Rule in Russia, 1941-1945: A Study of Occupation Policies* (ed. rev., Boulder, CO, 1981), p. 39s. Até o presente não existe uma biografia séria de Backe. Para breves esboços biográficos, ver Joachim Lehmann, “Herbert Backe – Technokrat und Agrarideologe”, em Ronald Smelser (org.), *Die braune Elite* (Darmstadt, 1993), vol. 2, pp. 1-12; Gesine Gerhard, “Food and Genocide: Nazi Agrarian Politics in the Occupied Territories of the Soviet Union”, *Contemporary European History* 18

(2009), pp. 45-65; Joachim Lehmann, “Verantwortung für Überleben, Hunger und Tod. Zur Stellung von Staatssekretär Herbert Backe im Entscheidungsgefüge von Ernährungs- und Landwirtschaft, Agrar- und Agressionspolitik in Deutschland während des Zweiten Weltkrieges sowie deren Voraussetzungen”, em Ernst Münch (org.), *Festschrift für Gerhard Heitz zum 75. Geburtstag* (Rostock, 2000), pp. 509-26.

[780](#) Depoimento pós-guerra do líder 7a de uma unidade de força-tarefa, dr. Walter Blume, em *IfZ*, ZS 2389; e depoimento pós-guerra do dr. Erhard Kröger em Angrick, *Besatzungspolitik*, p. 109.

[781](#) Depoimento em juízo, após a guerra, de Ohlendorf, em 31 de janeiro de 1946, em *IMT*, vol. 4, doc. 2348-PS, pp. 344ss., aqui p. 350.

[782](#) Wildt, *Generation*, p. 557.

[783](#) Ralf Ogorreck, *Die Einsatzgruppen und die “Genesis der Endlösung”* (Berlim, 1996), pp. 83 e 98.

[784](#) Heydrich a todos os comandantes de *Einsatzgruppen*, 29 de junho de 1941, em BAB, R 70 SU/32 e Heydrich para o HSSPF, 2 de julho de 1941, em BAB, R 70 SU/31, reproduzido em Peter Longerich (org.), *Die Ermordung der europäischen Juden. Eine umfassende Dokumentation des Holocaust 1941-1945* (Munique, 1989), pp. 116ss.

[785](#) Heydrich para os HSSPFs, 2 de julho de 1941, em BAB, R 70 SU/31, reproduzido em Longerich, *Ermordung*, pp. 116ss. Ver também Yitzhak Arad, Yisrael Gutman e Abraham Margaliot (orgs.), *Documents on the Holocaust: Selected Sources on the Destruction of the Jews of Germany and Austria, Poland, and the Soviet Union* (Yad Vashem, 1981), doc. 171, p. 377s.

[786](#) Longerich, *Himmler*, p. 541.

[787](#) Quando, em meados de julho, Heydrich lançou diretrizes para a triagem dos campos de prisioneiros de guerra soviéticos, exigindo a identificação “de todos os judeus”, deixou novamente a cargo dos que recebessem suas ordens a tarefa de decidir o que devia ser feito com os que fossem identificados como prisioneiros de guerra judeus. “Einsatzbefehl nº 8”, de Heydrich, 17 de julho de 1941, reproduzido em Klein, *Einsatzgruppen*, pp. 331ss.

[788](#) Christian Hartmann, *Wehrmacht im Ostkrieg. Front und militärisches Hinterland 1941-42* (Munique, 2009); Dieter Pohl, *Die Herrschaft der Wehrmacht. Deutsche Militärbesetzung und einheimische Bevölkerung in der Sowjetunion 1941-1944* (Munique, 2008); Christian Streit, *Keine Kameraden. Die Wehrmacht und die sowjetischen Kriegsgefangenen 1941-1945* (Stuttgart, 1978), p. 128; Timothy Snyder, *Bloodlands: Europe Between Hitler and Stalin* (Londres, 2010), p. 182.

[789](#) Ver os diários “relatórios de incidentes” dos *Einsatzgruppen* para o período entre 23 de junho de 1941 e 24 de abril de 1942, em BAB, R 58/214-21. Ver também Ronald Headland, *Messages of Murder: A Study of the Reports of the Einsatzgruppen of the Security Police and the Security Service* (Rutherford, NJ, 1992).

[790](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 30 de junho de 1941; “Einsatzbefehl nº 3”, de Heydrich, julho de 1941, em BAB, R 70 SU/32; Relatório de Incidente nº 21, 13 de julho de 1941, em BAB, R 58/214-21.

[791](#) Relatório da Stapostelle Tilsit, 1º de julho de 1941, OA Moscou, 500/1/758; “Incident Report USSR nº 19”, 11 de julho de 1941, e “Incident Report USSR, nº

26", 18 de julho de 1941, ambos em BAB, R 58/214.

[792](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 11 de julho de 1941; Diário de Bach-Zelewski, anotação de 12 de julho de 1941, em BAB, R 20/45b, f. 3; Gerlach, *Kalkulierte Morde*, p. 544s.; Longerich, *Himmler*, p. 544.

[793](#) Popplow, "Aufordnung", p. 15.

[794](#) Browning, *Origins*, pp. 256ss.

[795](#) Headland, *Messages*, pp. 211ss.; Longerich, *Himmler*, p. 544.

[796](#) Ver Klein, *Einsatzgruppen*, p. 113.

[797](#) Heydrich para os comandantes de *Einsatzgruppen*, 29 de junho de 1941, em BAB, R 70 SU/32. Browning, *Origins*, pp. 258ss.

[798](#) Andrzej Zbikowski, "Local Anti-Jewish Pogroms in the Occupied Territories of Eastern Poland, June-July 1941", em Lucjan Dobroszycki e Jeffrey S. Gurock (orgs.), *The Holocaust in the Soviet Union: Studies and Sources on the Destruction of the Jews in the Nazi-Occupied Territories of the USSR, 1941-1945* (Armonk, NY, 1993), pp. 173-79; Aharon Weiss, "The Holocaust and the Ukrainian Victims", em Michael Berenbaum (org.), *A Mosaic of Victims: Non-Jews Persecuted and Murdered by the Nazis* (Nova York, 1990), pp. 109-15; Bogdan Musial, "Konterrevolutionäre Elemente sind zu erschliessen". *Die Brutalisierung des deutsch-sowjetischen Krieges im Sommer 1941* (Berlim e Moscou, 2000), p. 172.

[799](#) Heydrich para os *Einsatzgruppen*, 1º de julho de 1941 BAB, R70 SU/32; Klein, *Einsatzgruppen*, S. p. 320.

[800](#) Um dossiê abrangente sobre o NKVD, baseado nessa informação extorquida, foi enviado por Heydrich a todos os comandantes da SS e chefes de polícia, assim como aos comandantes da Sipo e do SD, em 2 de abril de 1942. Ver Arquivos Nacionais, Kew, WO 208/1858, 324795.

[801](#) Vejas Gabriel Liulevicius, *The German Myth of the East: 1800 to the Present* (Oxford, 2009); *idem*, "Der Osten als apokalyptischer Raum. Deutsche Fronterfahrungen im und nach dem Ersten Weltkrieg", em Gregor Thum (org.), *Traumland Osten. Deutsche Bilder vom östlichen Europa im 20. Jahrhundert* (Göttingen, 2006), pp. 47-65; David Blackbourn, *The Conquest of Nature; Water and the Making of Modern German Landscapes* (Londres, 2005), pp. 251ss.

[802](#) Sobre o discurso do "Jardim do Éden", ver as notas de Martin Bormann, em *IMT*, vol. 38, doc. 221-L, pp. 86-94. Ver também Browning, *Origins*, p. 309s.

[803](#) Ver "Erlass des Führers über die Verwaltung in den neu besetzten Ostgebieten", 17 de julho de 1941, em *IMT*, vol. 38, doc. L-221, pp. 86ss.; Longerich, *Himmler*, pp. 545ss.; Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 24 de junho de 1941. Sobre Rosenberg, ver Ernst Piper, *Alfred Rosenberg. Hitlers Chefideologe* (Munique, 2005). Citação: Heydrich a Berger, 4 de novembro de 1941, em Buchheim *et al.*, *SS*, p. 100.

[804](#) Heydrich a Daluege, 30 de outubro de 1941, como citado em Buchheim *et al.*, *SS*, p. 100.

[805](#) Ver a correspondência entre Heydrich e Lammers, 18 de julho a 23 de outubro de 1941, em *IfZ*, Fa 199/41, ff. 165-75.

[806](#) Sobre o mandado de busca de Heydrich para a casa de Kube, ver a correspondência trocada entre Kube e Himmler em março de 1936, em BAB, BDC, Wilhelm Kube.

[807](#) Mark Mazower, *Hitler's Empire: Nazi Rule in Occupied Europe* (Londres,

2008), pp. 144ss. Sobre o ceticismo de Heydrich com relação à mobilização de populações eslavas para o esforço de guerra alemão, ver Christoph Dieckmann, Babette Quinkert e Tatjana Tönsmeier (orgs.), *Kooperation und Verbrechen. Formen der "Kollaboration" im östlichen Europa 1939-1945* (Göttingen, 2003), p. 171.

[808](#) Longerich, *Himmler*, pp. 545ss.

[809](#) Heydrich a Himmler, 20 de outubro de 1941, em *IfZ*, MA 328, f. 30.

[810](#) Longerich, *Himmler*, pp. 545ss.

[811](#) Heydrich em *Völkischer Beobachter*, 17 de fevereiro de 1941. Ver também Heydrich, "Der Anteil der Sicherheitspolizei und des SD in Böhmen und Mähren", *Böhmen und Mähren* 2 (1941), p. 176.

[812](#) Browning, *Origins*, pp. 310ss. Sobre a visita de Ohlendorf a Berlim no final de agosto, ver Ogorrek, *Einsatzgruppen*, p. 208s.a

[813](#) Prien, *Jagdgeschwaders 77*, vol. 2, p. 704s.

[814](#) Discurso fúnebre de Himmler de 9 de junho como publicado em Reichssicherheitshauptamt (org.), *Reinhard Heydrich, 7. März 1904-4. Juni 1942. Meine Ehre heisst Treue* (Berlim, 1942), pp. 14-22, aqui p. 19.

[815](#) Relatório Georg Schirnböck, em Prien, *Jagdgeschwaders 77*, vol. 2, p. 704.

[816](#) Ver os relatórios de Georg Schirnböck e Joachim Deicke, em *ibid.*, pp. 704ss.; Semerdjiev, "Jagdflieger", p. 36s.; Deschner, *Heydrich*, p. 141s.

[817](#) *IMT*, vol. 26, doc. 710-PS, pp. 266-67.

[818](#) Browning, *Origins*, p. 315.

[819](#) Browning, *Origins*, p. 315s.

[820](#) Sobre o *Einsatzkommando* 9, ver Gerlach, *Kalkulierte Morde*, p. 545s.; sobre o *Einsatzkommando* 3, que adotou a mesma abordagem no início de agosto, ver o "relatório Jäger" de 1º de dezembro de 1941, em OA Moscou, 500/1/25, reproduzido em Vincas Bartusevičius, Joachim Tauber e Wolfram Wette (orgs.), *Holocaust in Litauen. Krieg, Judenmorde und Kollaboration im Jahre 1941* (Colônia, 2003), pp. 303ss.

[821](#) Isso foi abertamente formulado no perverso discurso que Himmler fez em Posen em 1943. Ver também Omer Bartov, "Defining Enemies, Making Victims; Germans, Jews, and the Holocaust", em Amir Weiner (org.), *Landscaping the Human Garden: Twentieth-Century Population Management in a Comparative Framework* (Stanford, CA, 2003), pp. 135-47.

[822](#) Discurso fúnebre de Himmler como publicado em Wannemacher (org.), *Leben der Tat*, pp. 81ss.

[823](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 48.

[824](#) Em meados de outubro de 1941, o *Einsatzgruppe* A afirmou ter matado 125 mil judeus, 80 mil deles só na Lituânia. Ver o relato da atividade de Stahlecker de 15 de outubro de 1941, em *IMT*, vol. 37, doc. L-180; pp. 670-17; ver também Krausnick, Helmut, *Einsatzgruppen: Die Truppen des Wetanschauungskrieges 1938-1942* (Frankfurt, 1989), p. 606; Konrad Kwiet, "Rehearsing for Murder: The Beginning of the Final Solution in Lithuania in June de 1941", *Holocaust and Genocide Studies* 12 (1998), pp. 3-26.

[825](#) Conforme os números citados em Browning, *Origins*, p. 244. Sobre os colaboradores, ver Katrin Reichelt, "Kollaboration und Holocaust in Lettland, 1941-1945", em Wolf Kaiser (org.), *Täter im Vernichtungskrieg. Der Überfall auf die Sowjetunion und der Völkermord and den Juden* (Munique, 2002). Sobre a

escalada particularmente precoce dos programas genocidas na Lituânia, ver Christoph Dieckmann, “The War and the Killing of the Lithuanian Jews”, em Ulrich Herbert (org.), *National Socialist Extermination Policies: Contemporary German Perspectives and Controversies* (Nova York e Oxford, 2000), pp. 240-75.

[826](#) Longerich, *Himmler*, p. 565; Browning, *Origins*, pp. 410-14.

[827](#) Longerich, *Ermordung*, p. 74s.; Browning, *Origins*, p. 354s.

[828](#) *Ibid.*, p. 355.

[829](#) Gerlach, *Kalkulierte Morde*, p. 648; Alfred Gottwald e Diana Schulle, *Die “Judendeportationen” aus dem Deutschen Reich von 1941-1945. Eine Kommentierte Chronologie* (Wiesbaden, 2005), pp. 52ss.; sobre a Sérvia, ver Manoschek, “*Serbian ist judenfrei*”, pp. 169ss.

[830](#) Moorhouse, *Berlin at War*, pp. 172ss.

[831](#) Heydrich a comandantes da Sipo, 3 de setembro de 1941, publicado em Wolfgang Benz, Konrad Kwiet e Jürgen Matthäus (orgs.), *Einsatz im “Reichskommissariat Ostland”. Dokumente zum Völkermord im Baltikum und in Weissrussland, 1941-1944* (Berlim, 1998), pp. 67ss.

[832](#) Browning, *Origins*, pp. 263.

[833](#) Lösener, “*Rassereferent*”, p. 303; Kershaw, *Hitler: Nemesis*, p. 473.

[834](#) Adam, *Judenpolitik*, p. 254s.; Adler, *Verwaltete Mensch*, p. 47s.; anotações no diário de Goebbels de 19 de agosto de 1941, em *Tagebücher*, parte II, vol. 2/1, p. 265s.; Longerich, “*Davon haben wir nichts gewusst*”, pp. 159ss.

[835](#) Friedländer, *Extermination*, p. 305; Hilberg, *Destruction*, p. 130; Longerich, *Politik*, p. 214; Adam, *Judenpolitik*, p. 334; Notas de Walter Tiessler, 21 de abril de 1941, em *IfZ*, MA 423; ver também Adler, *Verwaltete Mensch*, p. 48; e Willi A. Boelcke, *Kriegspropaganda 1939-1945. Geheime Ministerkonferenzen im Reichspropagandaministerium* (Stuttgart, 1955), p. 695.

[836](#) Longerich, “*Davon haben wir nichts gewusst*”, p. 161s.

[837](#) Goebbels, *Tagebücher*, parte II, vol. 1 (anotação de 12 de agosto de 1941), p. 218.

[838](#) Lösener, “*Rassereferent*”, p. 303s.

[839](#) Goebbels, *Tagebücher*, parte II, vol. 1 (anotação de 19 de agosto de 1941), p. 265s.; sobre a conversa entre Goebbels e Hitler em 18 de agosto de 1941, ver também Friedländer, *Extermination*, p. 267; Longerich, *Politik*, p. 427.

[840](#) Adler, *Verwaltete Mensch*, p. 49.

[841](#) *Reichsgesetzblatt* 1941, parte I, p. 547, Lösener, “*Rassereferent*”, p. 307. Ver também *IfZ*, Eich 1064 e MA 445, ff. 7854-860.

[842](#) *Reichsgesetzblatt* 1941, parte I, p. 547.

[843](#) Carta de Heydrich de 15 de setembro de 1941, em *BAB*, R 58/276; assim como as ordens de Heydrich de 30 de setembro e 16 de outubro de 1941, em *ibid.*

[844](#) Publicado em Konrad Kwiet, “*Die Kennzeichnung mit dem Judenstern im Herbst 1941*”, em Wolfgang Benz (org.), *Die Juden in Deutschland 1933-1945. Leben unter nationalsozialistischer Herrschaft* (Munique, 1988), pp. 614-31, aqui pp. 615ss.

[845](#) Sobre a mudança de opinião de Hitler, ver Heydrich para Ribbentrop, 24 de setembro de 1941, explicando a nova diretriz policial sobre a marcação de judeus, em *IfZ*, Eich 949.

[846](#) Natural da Suábia, região administrativa do estado alemão da Baviera. Tem

como capital a cidade de Augsburg. (N. do T.)

[847](#) Sobre o renovado processo de registro, ver “Evidenz der Juden. Registrierung. Transporte”, reproduzido em Helena Krejčová, Jana Svobodová e Anna Hyndráková (orgs.), *Židé v Protektorátu. Hlašení Židovské náboženské obce v roce 1942. Dokumenty* (Praga, 1997), doc. 10, pp. 167-68; Livia Rothkirchen, *The Jews of Bohemia and Moravia; Facing the Holocaust* (Lincoln, NB, 2005), p. 126. Medidas antijudaicas foram amplamente divulgadas por todo o Protetorado. Ver, por exemplo, *Der Neue Tag*, 6 de outubro de 1941.

[848](#) Reunião da equipe sênior no Gabinete do Protetor do Reich, 10 de outubro de 1941, em Arquivos nacionais, Praga, 114-2-56, reproduzido em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 29, pp. 137-41.

[849](#) Heydrich numa conferência de imprensa em Praga em 11 de outubro de 1941, como citado em Eva Schmidt-Hartmann, “Tschechoslowakei”, em Wolfgang Benz (org.), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus* (Munique, 1991), pp. 353-80, aqui p. 361 nº 28; Heydrich a Himmler, 19 de outubro de 1941, em “Movement of Jews from the Old Reich into the Litzmannstadt Ghetto”, BAB, NS 19/2655.

[850](#) Protocolo da reunião de 4 de outubro de 1941, em BAB, NS 19/1734; carta de Heydrich para o chefe da intendência do exército de 6 de novembro de 1941, como citado em Klarsfeld, *Vichy*, p. 369s.

[851](#) Memorandos de Luther de 13 e 17 de outubro de 1941, como citado em Browning, *Origins*, pp. 368-69.

[852](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 18 de outubro de 1941, p. 238.

[853](#) Uebelhoer a Himmler, 4 e 9 de outubro de 1941 e Heydrich a Himmler, 8 de outubro de 1941, todas em BAB, NS 19/2655.

[854](#) Heydrich a Himmler, 19 de outubro de 1941, em BAB, NS 19/2655. Ver também Browning, *Origins*, p. 332.

[855](#) Heydrich a Himmler, 8 de outubro de 1941, BAB, NS 19/2655. Heydrich citou novamente esse número durante uma reunião com membros da equipe sênior da SS em Praga, em 10 de outubro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 29, pp. 137ss.

[856](#) Lammers a Rosenberg, 6 de setembro de 1941, em BAB, R 43II/684a. Ver também Longerich, *Himmler*, p. 557.

[857](#) Memorando do RSHA sobre o encontro entre Heydrich e o assistente de Rosenberg, Alfred Meyer, 4 de outubro de 1941, em BAB, NS 19/1734; ver também Gerlach, *Kalkulierte Morde*, p. 580s.

[858](#) Manoschek, “Serbien ist juden frei”, pp. 105ss.; Browning, *Foreign Office*, pp. 56ss.

[859](#) Browning, *Origins*, pp. 346ss.

[860](#) Longerich, *Himmler*, p. 565s.

[861](#) Não há registro escrito da reunião, mas a maioria dos estudiosos concorda que a construção do campo de extermínio de Belzec pode ser atribuída à iniciativa de Globocnik. Ver Dieter Pohl, “Die grossen Zwangsarbeiterlager der SS- und Polizeiführer für Juden im Generalgouvernement 1942-1945”, em Herbert *et al.* (orgs.), *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 1, pp. 415-38; Musial, *Zivilverwaltung*, p. 265; Browning, *Origins*, pp. 359ss.; Michael Tregenza, “Belzec Death Camps”, *Wiener Library Bulletin* 30 (1977), pp. 8-25. Sobre Heydrich em Nauen, ver Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, p. 253.

[862](#) Browning, *Origins*, p. 333s.

[863](#) Epstein, *Model Nazi*, p. 188s.

[864](#) Ian Kershaw, "Improvised Genocide? The Emergence of the 'Final Solution' in the Warthegau", *Transactions of the Royal Historical Society*, sexta série (1992), pp. 51-98.

[865](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 14, 25 e 29 de outubro; ver também Longerich, Himmler, p. 556.

[866](#) Browning, *Origins*, p. 373.

[867](#) Longerich, *Politik*, pp. 440, 448 e 456.

[868](#) *Ibid.*

[869](#) Longerich, *Himmler*, p. 569; Dieter Pohl, *Nationalsozialistische Judenverfolgung in Ostgalizien 1941-1944. Organisation und Durchführung eines staatlichen Massenverbrechens* (Munique, 1996), p. 405. Sobre o papel de atores locais na perpetração das atrocidades, ver Martin Dean, *Collaboration in the Holocaust: Crimes of the Local Police in Belorussia and Ukraine, 1941-44* (Nova York, 2000); Bernhard Chiari, *Alltag hinter der Front. Besatzung, Kollaboration und Widerstand in Weissrussland 1941-1944* (Düsseldorf, 1998), pp. 96ss.

[870](#) Fala de Hitler no Reichstag, em 11 de dezembro de 1941, em Hitler, *Reden und Proklamationen*, vol. 2, pp. 1794ss. Sobre Heydrich e Himmler assistindo juntos à sessão do Reichstag, ver Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 11 de dezembro de 1941, p. 288.

[871](#) Ver a anotação do diário de Goebbels de 13 de dezembro de 1941, em *Tagebücher*, vol. II, vol. 2, pp. 487ss.

[872](#) Longerich, *Himmler*, p. 570.

[873](#) Christian Gerlach em particular argumentou que a declaração de Hitler de 12 de dezembro revelava uma decisão concreta, após a declaração de guerra aos Estados Unidos, de assassinar todos os judeus europeus. Christian Gerlach, "Die Wannsee-Konferenz, das Schicksal der deutschen Juden und Hitlers politische Grundsatzentscheidung, alle jüden Europas zu ermorden", *WerkstattGeschichte* 6 (1997), pp. 7-44.

[874](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 18 de dezembro de 1941.

[875](#) Longerich, *Himmler*, p. 570s.

[876](#) Ver Heydrich a Luther, 29 de novembro de 1941, em PAAA (Inland IIg 177), R 100857, f. 188. Ver também Mark Roseman, *The Villa, the Lake, the Meeting: Wannsee and the Final Solution* (Londres e Nova York, 2002), p. 56s.; Johannes Tuchel, *Am Grossen Wannsee 56-58: Von der Villa Minoux zum Haus der Wannsee-Konferenz* (Berlim, 1992).

[877](#) Heydrich a Luther, 29 de novembro de 1941, PAAA (Inland IIg 177), R 100857, f. 188. Ver também Wildt, *Generation*, p. 630.

[878](#) Roseman, *Wannsee*, p. 57s.; sobre os participantes, ver Wolf Kaiser, "Die Wannsee-Konferenz. SS-Führer und Ministerialbeamte im Einvernehmen über die Ermordung der europäischen Juden", em Heiner Lichtenstein e Otto R. Romberg (orgs.), *Täter - Opfer - Folgen. Der Holocaust in Geschichte und Gegenwart* (2ª ed., Bonn, 1997), pp. 24-37.

[879](#) As citações seguintes estão baseadas na única cópia do protocolo que sobreviveu, em PAAA (Inland IIg 177), R 100857, ff. 166-80, aqui p. 168. Ver também a reprodução: "Besprechungsprotokoll der Wannsee-Konferenz vom

20.Januar 1942”, em Kurt Pätzold e Erika Schwarz (orgs.), *Tagesordnung.Judenmord. Die Wannsee Konferenz am 20.Januar 1942. Eine Dokumentation zur Organisation der “Endlösung”* (Berlim, 1992), pp. 102-12.

[880](#) Heydrich a Rosenberg, 10 de janeiro de 1942, Arquivos do Yad Vashem, M9/584.

[881](#) Sobre esse conflito, ver Longerich, *Himmler*, p. 453.

[882](#) Roseman, *Villa*, p. 85.

[883](#) Friedländer, *Extermination*, p. 367; Wildt, *Generation*, p. 636, nº 89; memorando de Eichmann de 1º de dezembro de 1941, como publicado em Pätzold e Schwarz (orgs.), *Tagesordnung*, pp. 90ss.; Yehoshua Büchler, “A Preparatory Document for the Wannsee Conference”, *Holocaust and Genocide Studies* 9 (1995), pp. 121-29.

[884](#) PAAA (Inland IIg 177), R 100857, f. 170; ver também Wildt, *Generation*, p. 628.

[885](#) As estimativas estavam baseadas em estatísticas que Eichmann tinha começado a compilar no início de novembro de 1941. Ver Cesarani, *Eichmann*, p. 112.

[886](#) PAAA (Inland IIg 177), R 100857, pp. 172-73; Friedländer, *Extermination*, p. 371.

[887](#) O mais forte defensor da primeira posição é Gerlach, “Wannsee-Konferenz”, pp. 33ss. Peter Longerich e Saul Friedländer, ao contrário, salientaram que “construção de estradas” não era meramente um código para assassinato: Friedländer, *Extermination*, p. 370; Longerich, *Politik*, p. 470s. Ver o depoimento de Eichmann de 24 de julho de 1961, em Longerich, *Ermordung*, p. 92. Ver também Cesarani, *Eichmann*, pp. 237ss.; Roseman, *Villa*, p. 72.

[888](#) PAAA (Inland IIg 177), R 100857, f. 179s.; John A. S. Grenville, “Die ‘Endlösung’ und die ‘Judenmischlinge’ im Dritten Reich”, em Ursula Büttner, Werner Johe e Angelika Voss (orgs.), *Das Unrechtsregime. Internationale Forschung über den Nationalsozialismus* (Hamburgo, 1986), vol. 2, pp. 91-2.

[889](#) PAAA (Inland IIg 177), R 100857, f. 174.

[890](#) Longerich, *Himmler*, p. 575.

[891](#) PAAA (Inland IIg 177), R 100857, ff. 179s.; Longerich, *Himmler*, p. 575.

[892](#) Longerich, *Himmler*, p. 576.

[893](#) Sobre as políticas nazistas com relação ao *Judenmischlinge*, ver Essner, “Nürnberger Gesetze”, pp. 410ss.; Jeremy Noakes, “The Development of Nazi Policy towards the German ‘Mischlinge’, 1933-1945”, *Leo Baeck Institute Yearbook* 34 (1989), pp. 291-354. O estudo detalhado do destino dos *Mischlinge* judeus de Hamburgo está em Beate Meyer, “Jüdische Mischlinge”. *Rassenpolitik und Verfolgungserfahrung 1933-1945* (Hamburgo, 1999) e em Claudia Koonz, *The Nazi Conscience* (Cambridge, MA, 2003), pp. 163-89. Quanto à discussão sobre os *Mischlinge* em Wannsee em particular, ver Pätzold e Schwarz, *Tagesordnung*, pp. 109-11.

[894](#) Noakes, “Development”, p. 69.

[895](#) Roseman, *Villa*, p. 82. *Per se*, as propostas feitas por Heydrich na Conferência de Wannsee não eram novas. Em 21 de agosto de 1941, Eichmann havia convocado uma reunião em que a chancelaria do partido, o Escritório de Raça e Assentamento e o RSHA coordenaram suas demandas. As demandas levantadas eram quase idênticas às que Heydrich pôs na mesa em Wannsee.

Ver Noakes, "Development", p. 339; Lösener, "Rassereferent", p. 297.

[896](#) PAAA, Inland Ilg 177, f. 179; Hilberg, *Destruction*, vol. 2, p. 418.

[897](#) PAAA, Inland Ilg 177, f. 179.

[898](#) Meyer, *Mischlinge*, p. 25.

[899](#) Noakes, "Development", p. 337; Meyer, *Mischlinge*, p. 30s.

[900](#) Quanto às duas conferências subseqüentes sobre o tratamento dos *Mischlinge* e casamentos mistos em 1942, ver Hilberg, *Destruction*, vol. 2, pp. 436ss. Ver também o protocolo da reunião do RSHA de 5 de março de 1942, em IfZ, Eich 119.

[901](#) Cesarani, *Eichmann*, p. 114.

[902](#) Heydrich a Luther, 26 de fevereiro de 1942, em PAAA (Inland Ilg 177), R 100857, p. 156; ver também Hilberg, *Destruction*, p. 491.

[903](#) Noakes, "Development", p. 341; Pätzold e Schwarz, *Tagesordnung*, p. 158.

[904](#) Para as minutas das reuniões, ver Robert Kempner, *Eichmann und Komplizen* (Zurique, Stuttgart, Viena, 1961), pp. 165-80 (março) e pp. 255-67 (outubro); Roseman, *Villa*, p. 101; Meyer, "*Mischlinge*", p. 12.

[905](#) Wolf Gruner, "The Factory Action and the Events at the Rosenstrasse in Berlin: Facts and Fictions about 27 February 1943 - Sixty Years Later", *Central European History* 36 (2003), pp. 178-208.

[906](#) Adler, *Verwaltete Mensch*, pp. 202ss., 280s.

[907](#) Wolfgang Benz, "Die Dimension des Völkermordes", em *idem* (org.), *Dimension des Völkermordes*, pp. 1-23, aqui p. 17; Streit, *Keine Kameraden*, pp. 142ss.

[908](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 21 de janeiro de 1942, p. 331.

CAPÍTULO 8



Protetor do Reich

O Protetorado da Boêmia e Morávia

DOS NUMEROSOS TERRITÓRIOS OCUPADOS E ADMINISTRADOS PELA ALEMANHA nazista no decorrer da Segunda Guerra Mundial, o Protetorado da Boêmia e Morávia era um dos mais curiosos. Com uma área de aproximadamente 49 mil quilômetros quadrados e população total de 7,5 milhões habitantes (245 mil dos quais eram alemães étnicos), o Protetorado não era de modo algum o maior dos territórios ocupados pelos nazistas. Desempenhou, contudo, um papel especial na Europa ocupada, tanto pelo fato de os nazistas verem a Boêmia e Morávia como parte integrante do futuro Grande Reich Alemão quanto por sua crucial localização geoestratégica e por sua importância econômica para o esforço de guerra da Alemanha.[909](#)

Criado em 16 de março de 1939, no dia seguinte à ocupação alemã da metade ocidental da Tchecoslováquia, o Protetorado ia se tornar uma colônia alemã presidida por um protetor do Reich nomeado, um vice-rei diretamente responsável perante Hitler. Contudo, embora a retórica colonial empregada por importantes nazistas para descrever o futuro do Protetorado fosse impressionante, ela ocultava mais do que revelava: a nova estrutura constitucional imposta ao país era meramente uma solução de tempo de guerra que, finalmente, daria lugar à plena integração política, econômica e racial da Boêmia e Morávia no Grande Reich Alemão. Após a vitória da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, os tchecos se tornariam alemães ou teriam de desaparecer de um modo ou de outro.[910](#)

Até lá, no entanto, os habitantes tchecos do Protetorado conservavam seu próprio governo autônomo (pelo menos em teoria), enquanto era concedida plena cidadania do Reich aos Sudetos alemães. Todos os traços remanescentes da democracia na República Tchecoslovaca, incluindo o parlamento, foram abolidos. Os partidos políticos existentes foram dissolvidos e reorganizados sob a cobertura do chamado Movimento de Solidariedade Nacional. Tudo que restava do outrora florescente sistema democrático era um governo tcheco nominal, encabeçado pelo presidente Emil Hácha, com um nomeado Comitê de Solidariedade Nacional de 50 membros presidido pelo primeiro-ministro Alois Eliáš. Cerca de 400 mil empregados do Estado e funcionários públicos tchecos permaneceram em seus postos depois de 1939, lado a lado com, ou mais exatamente subordinados a cerca de 11 mil administradores civis alemães. Essa forma peculiar de administração imposta ao Protetorado se diferenciava significativamente daquelas introduzidas em outros pontos da Europa ocupada pelos nazistas e refletia o reconhecimento, por parte do comando nazista, de que a economia avançada do Protetorado era preciosa demais para ser perturbada por um regime de ocupação brutal do tipo aplicado à Polônia, à Bielorrússia e à Ucrânia.[911](#)

Com uma grande indústria de armamentos em Brno (Brünn) e outras cidades do Protetorado, incluindo uma das principais fabricantes de armas da Europa, a Škoda, com instalações em Pilsen (Plzeň), assim como um grande número de trabalhadores especializados, seria difícil superestimar a importância do Protetorado para a guerra de Hitler. Desde o início da ocupação, unidades especiais alemãs tinham se apoderado de enorme quantidade de equipamento militar, armas e munição, e ativos judeus

foram transferidos para as autoridades alemãs.[912](#) Deixaram, no entanto, que a indústria nativa tocasse suas coisas sob direção alemã nominal. Companhias internacionais de propriedade dos tchecos, como o império de calçados da Bata, apresentavam lucros significativos, elevadas declarações fiscais e não sofreram restrições sérias dos ocupantes alemães.[913](#)

Até a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o primeiro protetor do Reich, Konstantin von Neurath, comandou um regime notavelmente tolerante comparado ao da Polônia ocupada. Antes um conservador antiquado que um radical nazista, Neurath passara mais de 20 anos no serviço diplomático, coroando sua carreira ao se tornar o primeiro-ministro do Exterior no governo de coalizão de Hitler de 1933, antes de ser designado para a Boêmia e Morávia em 1938. Comparado a seu sucessor, Neurath não era um homem de políticas de ocupação cruéis. Embora tivesse apoiado entusiasticamente a remilitarização da Renânia em 1939 e a anexação da Áustria em 1938, privadamente rejeitava as ideias de Hitler sobre o *Lebensraum* alemão no Leste. Era também respeitado no exterior por ser cortês e culto, que foi a razão principal para Hitler, contra as objeções de outros veteranos nazistas, tê-lo nomeado protetor do Reich na primavera de 1939.[914](#)

A prioridade dos ocupantes alemães era inicialmente adquirir controle sobre os recursos do país e suprimir qualquer resistência aberta ao domínio alemão. Depois da eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1º de setembro de 1939 e de manifestações de massa dos tchecos no mês seguinte, o controle nazista sobre a sociedade tcheca começou a se agravar. A situação dos judeus, em particular, deteriorou-se rapidamente. A perseguição deles havia

começado imediatamente após a invasão alemã, quando as Leis de Nuremberg foram aplicadas aos judeus do Protetorado. Até setembro de 1939, os judeus tchecos ainda tinham conseguido emigrar, mas a eclosão da guerra fechou todas as portas para emigrados judeus. Seguiram-se leis mais repressivas numa operação supervisionada pelo especialista em judeus que Heydrich tinha em Praga, Adolf Eichmann: já em 1940 os cartões de identidade dos judeus foram carimbados com um “J” e, no final de agosto de 1941, Neurath emitiu uma ordem segundo a qual, a partir de 1º de setembro daquele ano, todos os judeus do Protetorado com mais de 6 anos de idade tinham de usar uma estrela amarela. Reproduzindo normas introduzidas mais cedo no Governo Geral, a estrela deveria ser costurada do lado esquerdo da parte da frente das roupas. Só judeus em casamentos mistos privilegiados estavam isentos disso.[915](#)

As alterações na política de ocupação alemã também afetaram o restante da sociedade. Assim que a guerra começou, jornais e cartazes anunciaram por todo o Protetorado que qualquer ato de resistência resultaria numa sentença de morte. Em novembro de 1939, depois de uma série de violentas manifestações em Praga e outras cidades, os nazistas responderam com a prisão de estudantes que protestavam e com o fechamento de universidades tchecas, inicialmente por um período de três anos. A onda de prisões atingiu milhares de intelectuais, padres, comunistas, sociais-democratas e líderes da comunidade judaica.[916](#)

O segundo ano da ocupação nazista constituiu, assim, um rompimento radical com o regime relativamente tolerante de 1939. Marcou também um momento decisivo para a resistência tcheca. Anteriormente, a resistência fora extremamente fragmentada. Fora o movimento clandestino

comunista composto dos remanescentes do KSČ (o Partido Comunista da Tchecoslováquia), três grupos da resistência democrática formaram-se logo depois da invasão alemã: o Centro Político (Politické Ústředí ou PÚ), o Comitê da Petição “Continuamos Fiés!” (Petiční výbor ‘Věrní zůstaneme!’ ou PVVZ), e a Defesa da Nação (Obrana národa ou ON). Além disso, associações esportivas de tamanho considerável, como a Sokol, serviam de reservatório para o recrutamento da resistência subterrânea.[917](#) Sob a pressão gerada pelas prisões em massa no outono de 1939 e na primavera de 1940, as três maiores organizações de resistência não comunista - PÚ, PVVZ e ON - consolidaram as fileiras no Comando Central da Resistência Interna (Ústřední vedení odboje domácího ou ÚVOD), que serviu como o principal intermediário clandestino entre o governo no exílio tchecoslovaco, baseado em Londres, e a resistência dentro do Protetorado.[918](#)

Foi só depois do ataque alemão à União Soviética em 22 de junho de 1941 que as atividades de resistência no Protetorado, como em muitos outros países sob domínio nazista, começaram a se desenvolver numa escala digna de nota, como Neurath teve de admitir num relatório a Hitler.[919](#) No início de setembro, as atividades de resistência no Protetorado culminaram numa série de greves e campanhas por “operações-tartaruga” que provocaram uma queda média de 18% na produção industrial do Protetorado. Cabos telefônicos entre a Boêmia e a Morávia foram cortados, vagões de estrada de ferro foram incendiados e a resistência organizou um bem-sucedido boicote de uma semana à imprensa do Protetorado, controlada pelos alemães. Simultaneamente, o número de panfletos distribuídos clandestinamente pelos

comunistas por todo o Protetorado aumentou espetacularmente de 377 em junho de 1941 para 3.797 em julho, atingindo um pico de 10.727 em outubro.[920](#)

A campanha de panfletos mostrava que a resistência comunista, com maior experiência do trabalho clandestino, tinha superado a paralisia involuntária induzida pelo Pacto Hitler-Stálin de agosto de 1939. Quando uma onda de greves, ações de sabotagem e assassinatos de pessoal militar alemão varreu diversos países ocupados no final do verão e no outono de 1941, Hitler se convenceu de que só uma punição draconiana impediria que a oposição ao domínio alemão se disseminasse ainda mais. Em 16 de setembro, ele mandou que fossem empregados “os meios mais drásticos” contra qualquer provocação, enquanto Keitel exigia que de 50 a 100 reféns comunistas fossem fuzilados por cada soldado alemão morto pelos *partisans*. Embora os comandantes militares na Sérvia, na França, na Bélgica e na Noruega respondessem com prisões em massa, fuzilamentos de reféns e outras represálias, os atos de resistência se mantiveram numa escala preocupante.[921](#)

Desde o início da Operação Barbarossa no verão de 1941, Heydrich fora um dos mais francos defensores de uma resposta “dura” para o desafio colocado pela resistência nativa, ordenando que os comandantes locais da Sipo utilizassem “métodos intensificados de interrogatório” (isto é, tortura) para obter informações sobre “quem mexe os cordões”. Simultaneamente, emitiu uma ordem dizendo que “tchecos e poloneses hostis, assim como comunistas e outros rebotalhos devem ser transferidos para um campo de concentração por períodos de tempo mais longos”. No início de setembro de 1941, Heydrich voou para a Noruega, onde uma onda de greves alcançara proporções alarmantes. Ele

se encontrou com o comissário do Reich Terboven, que logo depois - em 10 de setembro - seguiu seu conselho e impôs a lei marcial em Oslo.[922](#)

Nos Países Baixos, o comandante da Polícia de Segurança, Wilhelm Harster, também agiu sob as ordens de Heydrich e levou a cabo detenções em massa em seguida ao ataque alemão à União Soviética. Em setembro, mandou prender o ex-primeiro ministro holandês, o conservador Hendrikus Colijn, sob acusação de espionagem.[923](#) Também em setembro, Heydrich ordenou a prisão e o fuzilamento de membros da Organização de Nacionalistas Ucranianos, que, apesar da postura firmemente antibolchevique, foram considerados por ele uma fonte potencial de agitação na retaguarda da Wehrmacht, que avançava rapidamente.[924](#)

O nítido aumento das atividades de resistência confirmava a crença de Heydrich de que o tempo estava propício para uma afirmação mais abrangente da autoridade da SS na administração da Europa controlada pelos alemães. Em 18 de setembro, no mesmo dia em que deu início com Himmler a um giro de inspeção de três dias pelos territórios conquistados do Báltico, Heydrich submeteu uma proposta de longo alcance a Lammers, lembrando-o de que “a segurança do Reich, a proteção de suas fronteiras... o combate da espionagem e da subversão política, assim como a luta contra o crime internacional” eram de “importância decisiva”. Por essa razão, encaminhava o rascunho de uma ordem do Führer concedendo à SS novas competências policiais no Governo Geral e no Protetorado, assim como nos territórios da Europa Ocidental sob administração civil (Lorena, Alsácia, Luxemburgo, Países Baixos e Noruega). A SS e a polícia deviam daí por diante assumir responsabilidade por todos os assuntos de

“segurança política interna” dentro do Império Nazista, não meramente pelos assuntos de “segurança policial”.[925](#)

Embora a proposta nunca tenha sido submetida a Hitler por receio de provocar um conflito severo entre a SS, Rosenberg e os chefes das administrações civis e militares nos territórios ocupados, ela proporciona um instantâneo revelador do pensamento estratégico de Heydrich. Desde muito cedo em sua carreira na SS, Heydrich tinha percebido que o melhor meio de aumentar seus poderes pessoais e os da SS de um modo mais geral era pintar um retrato francamente dramático da força da oposição com a qual o nazismo se defrontava. Em 1932, havia deliberadamente usado a noção exagerada de um movimento nazista minado por espiões e traidores para criar seu SD; em meados da década de 1930, quando o movimento comunista na Alemanha foi praticamente suprimido, desenvolveu a ideia de inimigos do nazismo em grande parte invisíveis, cujos poderes só poderiam ser quebrados por um importante contingente policial da SS e meios extralegais. Após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, instrumentalizou o medo generalizado de *partisans* para prorrogar continuamente seu mandato a fim de combater uma rede fantasiosa de inimigos vagamente definidos. Agora que a preocupação com a intensificação da resistência nos territórios ocupados estava crescendo dentro do comando nazista e entre personalidades militares graduadas, ele usava o mesmo argumento: só a SS tinha a experiência e a determinação para enfrentar com eficiência atividades de resistência antes que elas pudessem atingir uma escala verdadeiramente assustadora. O histórico de Heydrich no combate aos inimigos do Reich, tanto internamente quanto no exterior, contribuiu sem dúvida alguma para a decisão

de Martin Bormann – um linha-dura do partido que tinha emergido como chefe da chancelaria do partido após a fuga de Rudolf Hess para a Escócia, em maio de 1941 – de recomendá-lo ao Führer como um candidato apropriado para servir como protetor interino do Reich na Boêmia e Morávia, onde greves e “operações-tartaruga” tinham começado a minar o esforço de guerra alemão.

Heydrich estava bem informado sobre a situação que se deteriorava no Protetorado graças aos relatórios regulares que recebia dos escritórios da Gestapo e do SD na Boêmia e Morávia. A informação reunida por seus agentes e transmitida a Berlim, onde era checada e sintetizada para o comando nazista, ajudou a criar a impressão de que Neurath não tinha mais controle da situação. Embora não exista evidência concreta sugerindo que Heydrich tenha ativamente buscado a substituição de Neurath e sua indicação como protetor do Reich, ele certamente fez pressão por uma ampliação considerável das responsabilidades da SS no Protetorado, minando assim, na prática, a posição de Neurath.[926](#)

Preocupado com a produtividade declinante da indústria de armamentos tcheca e as atividades de resistência delineadas nos relatórios do SD, Hitler decidiu substituir Neurath no final de setembro de 1941. Sob recomendação de Bormann, o Führer ordenou que Neurath, o comandante da SS e chefe de polícia do Protetorado, Karl Hermann Frank, e Heydrich se unissem a ele em seu quartel-general militar, a Toca do Lobo, perto de Rastenburg, na Prússia Oriental. Lá revelou sua decisão de que Neurath entraria em “licença médica” por tempo indefinido e Heydrich seria despachado para Praga em seu lugar. A decisão de Hitler implicava mais que mera troca de pessoal: refletia sua

determinação de substituir a moderação de Neurath e a política de ocupação “malsucedida” no Protetorado por uma campanha de terror.[927](#)

A segunda razão, sob muitos aspectos relacionada à primeira, para a nomeação de Heydrich foi a volta atrás de Hitler na questão das deportações de judeus do Reich. Ainda em meados de agosto de 1941, ele havia deixado claro que essas deportações só poderiam ocorrer após a derrota da União Soviética. Contudo, desde a segunda semana de setembro, presumivelmente encorajado pelos grandes avanços da Wehrmacht na Frente Oriental, que logo levariam ao cerco de Leningrado e à queda de Kiev, o Führer estava disposto a rever sua decisão.[928](#)

Depois de Hitler ter rejeitado em agosto a proposta de Heydrich para a completa deportação dos judeus do Reich e do Protetorado, o RSHA começara a trabalhar na proposta de uma evacuação parcial durante a guerra – uma onda de deportações que afetaria basicamente os judeus que viviam nas cidades maiores.[929](#) Tal proposta pareceu mais conveniente a Hitler em meados de setembro, quando avanços militares na frente russa tornaram possíveis as deportações para leste e quando a pressão crescente dos *gauleiters* do Reich para transformar seus domínios em zonas “livres de judeus”, atenuando assim o problema de alojamento criado pelos bombardeios aliados de cidades alemãs, também tornavam as deportações politicamente desejáveis. Em 18 de setembro, Himmler informou Arthur Greiser, no Warthegau, que era desejo expresso de Hitler “que o Antigo Reich e o Protetorado fossem esvaziados e libertos de judeus de oeste a leste o mais rápido possível”. Como um “primeiro passo”, Himmler continuava, os judeus seriam deportados para a Polônia ocupada antes de serem

deslocados “mais para leste na próxima primavera”. Cerca de 60 mil judeus do Antigo Reich e do Protetorado teriam assim de ser internados no gueto de Łódź, no anexado Warthegau, durante o inverno.[930](#)

Quando Heydrich se encontrou com Goebbels no quartel-general do Führer no dia de sua nomeação como protetor interino do Reich, Goebbels expressou sentimentos similares ao dele e enfatizou que “no fim” os judeus do Reich seriam “transportados para os campos que haviam sido erguidos pelos bolcheviques. Como esses campos foram construídos pelos judeus, o que poderia ser mais adequado do que povoá-los com judeus?” Goebbels também confirmou em seu diário nesse mesmo dia que o “Führer é de opinião que os judeus devem ser gradativamente removidos da Alemanha. As primeiras cidades a serem limpas de judeus são Berlim, Viena e Praga”.[931](#)

Que Heydrich fosse empossado como protetor interino do Reich na Boêmia e Morávia no momento preciso em que o comando nazista se decidia por uma nova radicalização das políticas antijudaicas dificilmente seria coincidência. Agora que Hitler havia selecionado Praga, juntamente com Berlim e Viena, como uma das primeiras grandes cidades a serem tornadas “livres de judeus”, Heydrich deve ter parecido a escolha óbvia para garantir uma rápida implementação de seus desejos.

A chegada de Heydrich a Praga, então, coincidiu com o momento mesmo em que Hitler e Himmler, estimulados pelo rápido avanço dos exércitos alemães na União Soviética, começaram a pensar no reordenamento racial dos territórios conquistados e na criação do Jardim do Éden da Alemanha no leste. Os programas de Heydrich no Protetorado nos meses seguintes sugerem que ele foi

mandado a Praga não só para restaurar a ordem – uma tarefa que poderia ter sido empreendida por um oficial da SS menos proeminente, como o chefe de polícia e comandante da SS do Protetorado, Karl Hermann Frank –, mas também para dar início aos próximos passos radicais nos programas raciais dos nazistas e supervisioná-los. Estes envolviam o começo das deportações de todos os judeus da Alemanha e do Protetorado, bem como o início dos preparativos para a plena integração racial da Boêmia e Morávia no Reich, testando assim programas antisemitas que logo deveriam ser empregados em todo o Reich, assim como programas de engenharia étnica, de alcance ainda maior, que Hitler e Himmler pretendiam executar em todas as regiões fronteiriças que pudessem ser germanizadas depois que a guerra acabasse.

Para Hitler, Himmler, Heydrich e Goebbels em particular, a intensificação simultânea de medidas repressivas contra os vários movimentos de resistência na Europa ocupada, a escalada do assassinato metódico de judeus na União Soviética e a deportação de judeus do Reich estavam logicamente conectadas. Como presumiam que o comunismo e o judaísmo eram em grande parte idênticos, estavam convencidos de que os judeus eram também os principais engenheiros dos movimentos de resistência antialemã nos territórios ocupados. Até certo ponto, essa lógica se tornou uma profecia que se realizava automaticamente. Com poucas outras opções de sobrevivência disponíveis, muitos judeus dos Estados bálticos e da Bielorrússia gravitaram para os *partisans* comunistas em atividade nas florestas dos territórios ocupados.[932](#)

Heydrich, não obstante, deve ter visto com ambivalência a decisão de Hitler de nomeá-lo protetor interino do Reich. Estava ávido em ver sua influência nos programas do Protetorado aumentar, mas isso podia ter sido alcançado estendendo os poderes da SS em assuntos policiais sob o comando de um de seus auxiliares de confiança. A ideia de deixar Berlim, o centro de poder na Alemanha Nazista, num momento em que a vitória militar sobre a União Soviética parecia iminente, pode ter feito Heydrich desconfiar que havia outros motivos por trás de sua nova nomeação. Mas a pílula foi dourada de várias maneiras. Num verdadeiro estilo nazista, Heydrich assumiu as novas responsabilidades não em substituição, mas em adição às funções que já acumulava. Ele também sabia que essa nova tarefa lhe permitiria implementar programas da SS sem ter de levar em consideração as objeções de administradores relutantes ou de *gauleiters* do Partido Nazista. Com sua nova designação vinha também uma promoção a SS-*Obergruppenführer* e general da polícia, e, talvez mais importante que isso, a nova posição proporcionava acesso direto a Hitler, já que o protetor do Reich só respondia perante o próprio Führer.

Tem sido frequentemente sustentado que essa nomeação e a crescente independência de Heydrich do chefe supremo da SS criou tensões entre Heydrich e Himmler, mas não há evidência concreta sugerindo que o relacionamento dos dois tenha se deteriorado depois de setembro de 1941. Aconteceu exatamente o contrário: nos meses seguintes, sua colaboração em políticas de germanização, perseguição antijudaica e policiamento nos territórios ocupados desenvolveu-se ainda mais e não há indicação de que a

lealdade de Heydrich para com seu mentor tivesse entrado alguma vez em questão.[933](#)

Depois de uma longa conversa com Himmler na Toca do Lobo, em 24 de setembro, Heydrich ligou de Rastenburg para a esposa dando a “notícia extraordinária” de sua nomeação como protetor interino do Reich. Quando Heydrich disse a Lina que, por ora, ela e seus três filhos permaneceriam em Berlim e que ele iria para Praga sozinho, a esposa não ficou nada entusiasmada. Já enfurecida com suas ausências constantes e negligência ante os assuntos de família, ela manifestou uma profunda frustração. As garantias dadas por Heydrich de que passaria em Berlim muitas das semanas à frente não melhoraram a situação.[934](#)

No início da tarde de 27 de setembro, Heydrich chegou ao aeroporto Ruzyně, em Praga, onde foi recebido pelo chefe de polícia e comandante da SS do Protetorado, Karl Hermann Frank. Nascido em 1889 em Karlsbad, numa família dos Sudetos alemães, Frank havia servido no exército austríaco durante a Grande Guerra e passado um ano estudando direito em Praga antes de deixar a universidade para trabalhar numa série de empregos pequenos, mal pagos. Ingressou no movimento alemão dos Sudetos de Konrad Henlein em 1933 e rapidamente se tornou vice-presidente do partido de Henlein, um cargo que iria manter até a ocupação alemã, quando se tornou chefe de polícia e comandante da SS no Protetorado. Frank fora um íntimo colaborador de Heydrich durante vários anos e, mesmo que tenha ficado desapontado por não ter sido ele o indicado como protetor do Reich, continuou sendo um funcionário extremamente leal.[935](#)

Depois de um breve giro turístico pela cidade, Heydrich mudou-se para seus novos aposentos na ala esquerda do Palácio Černín. Na manhã seguinte, depois de passar em revista uma guarda de honra na frente do castelo, assumiu oficialmente o novo posto e a bandeira negra da SS foi erguida sobre as agulhas e torreões da cidade.[936](#)

Pacificando os Tchecos

Menos de uma semana após sua chegada a Praga, em 2 de outubro de 1941, Heydrich presidiu um encontro de funcionários graduados do Protetorado e funcionários do Partido Nazista no Palácio Černín. Normalmente ele temia discursos públicos e os ensaiava várias vezes diante da esposa, que então comentava seu desempenho, mas dessa vez foi diferente.⁹³⁷ Ao entrar no saguão de recepção do Palácio Černín, resplandecente no novo uniforme de general da SS e cercado de ajudantes subservientes, Heydrich tinha muitas razões para estar confiante. No outono de 1941, a Alemanha ocupava quase um terço do continente europeu e governava quase metade de seus habitantes. As vitórias formidáveis da Wehrmacht na primeira semana de outubro, que deixaram o exército alemão próximo dos subúrbios de Moscou, faziam-no confiar que a rendição da União Soviética era apenas uma questão de dias.

No discurso, Heydrich enfatizou que sua abordagem dos assuntos internos do Protetorado seria fundamentalmente diferente daquela de seu predecessor. Ao contrário de Neurath, ele teria como base sua longa experiência na luta contra os inimigos do Reich. A tarefa que lhe fora atribuída pelo Führer era uma “tarefa de combate” para a SS, claramente definida, não uma missão diplomática. Seu mais urgente objetivo de curto prazo em Praga, Heydrich explicou, era portanto a “pacificação” do Protetorado de modo a salvaguardar interesses econômicos vitais e interesses de segurança da Alemanha na área. Devia ser imposto um fim imediato à sabotagem industrial e outras

atividades de resistência. Heydrich instou o público a ter sempre em mente que “o tcheco é um eslavo”, que “interpreta qualquer forma de generosidade como fraqueza”. Por essa razão, seu primeiro passo seria “mostrar-lhes quem manda nesta casa”. Segundo uma testemunha, Heydrich acrescentou que quem desaprovasse suas medidas receberia um bilhete só de ida para a Alemanha ou para a Frente Oriental.[938](#)

Quando Heydrich falou em 2 de outubro, a primeira fase de seu programa de pacificação já estava, de fato, há vários dias em operação. No mesmo dia de sua chegada a Praga, proclamara lei marcial no Protetorado para demonstrar a determinação de cumprir a promessa de que “a traição na retaguarda do *front* será punida mais severamente”.[939](#) A lei marcial permitiu a criação de tribunais sumários que, compostos de membros do SD e da Sipo, só podiam pronunciar três vereditos: a sentença de morte, o embarque para um campo de concentração ou a soltura. Dias depois de sua chegada, os prédios do Protetorado estavam salpicados de cartazes vermelhos com a lista dos nomes de pessoas sentenciadas à morte pelos novos tribunais. Nos primeiros três dias do governo de Heydrich, 92 réus foram condenados à morte. Só em 30 de setembro, 58 pessoas foram executadas e 256 enviadas para prisões da Gestapo. Só uma pessoa acusada e levada a julgamento foi considerada inocente.[940](#)

As sentenças de morte oficiais representavam apenas uma pequena proporção dos detidos. Por “razões psicológicas”, Heydrich queria que o número de execuções oficiais declinasse gradualmente, criando a impressão de que a calma fora restaurada e incentivando a cooperação popular.[941](#) Isso não passava de propaganda: no todo, entre

a chegada de Heydrich a Praga e o final de novembro de 1941, um total de 404 sentenças de morte oficiais foram cumpridas (a grande maioria contra membros da resistência tcheca) e cerca de 6 mil prisões foram feitas. Todos os grupos de resistência doméstica sofreram perdas dramáticas, tanto em termos de vidas humanas quanto de equipamento. Centenas de pessoas desapareceram nos porões da Gestapo do Palácio Peček. Para identificar e prender inimigos do Estado, Heydrich podia recorrer a um considerável aparelho no Protetorado. Naquele outono, 1.841 oficiais da Gestapo operavam na Boêmia e Morávia para monitorar uma população de 10,3 milhões de pessoas. Cada oficial da Gestapo era portanto responsável por 5.600 tchecos, uma densidade de supervisão política que não era tão elevada quanto os níveis de vigilância comunista na União Soviética, mas era duas vezes mais alta que no Antigo Reich.[942](#)

Muitos tchecos condenados, mas não imediatamente executados embarcaram num dos cinco transportes para o campo de concentração de Mauthausen no inverno de 1941-1942. Dos 1.299 tchecos mandados para Mauthausen só 4% sobreviveram à guerra. Além disso, 1.487 tchecos acusados de crimes políticos foram enviados para Auschwitz. Poucos retornaram.[943](#) Mais de 1.500 das vítimas de Heydrich tinham pertencido a organizações nacionalistas, como a popular e patriótica organização de esportes Sokol, que foi dissolvida em 11 de outubro de 1941 e cujos consideráveis ativos, no valor de 1,12 bilhão de coroas tchecas, foram confiscados. Além disso, nos primeiros quatro meses de governo de Heydrich, mais de 90 transmissores sem fio ilegais foram confiscados - um grande sucesso para as forças de segurança alemãs, que cortaram todas as

comunicações via rádio entre Londres e o movimento clandestino tcheco. Essas varreduras quase aniquilaram toda a resistência organizada no Protetorado.[944](#)

No final de março de 1942, depois de decifrar mensagens em código de paraquedistas tchecos detidos, a Gestapo de Heydrich obteve outro importante sucesso ao prender Paul Thümmel, um agente duplo que trabalhava tanto para a Abwehr alemã quanto, sob o codinome A-54, para o governo de Beneš no exílio. Heydrich teve um forte interesse pessoal pelo caso Thümmel. Como oficial superior da Abwehr e Velho Combatente do movimento nazista com fortes ressentimentos contra recém-chegados políticos como Heydrich, Thümmel combinava duas características que Heydrich desprezava. Provar a culpa de Thümmel era útil não apenas na contínua rixa com a Abwehr e o exército, mas também na luta pelo poder com representantes do partido acerca da supremacia política no Leste ocupado. Ajudava a desacreditar esses rivais e a provar a Hitler que a SS era o único pilar confiável da Nova Ordem. Depois de sua prisão, Thümmel foi mantido no campo de concentração de Theresienstadt, onde foi assassinado por guardas da SS em 27 de abril de 1945, apenas doze dias antes do fim da Segunda Guerra Mundial.[945](#)

Com os líderes detidos e a rede de rádio destruída, o ÚVOD deixou praticamente de existir. Como o SD de Praga observou com rancor, só a resistência comunista sobreviveu, embora também ela tenha sofrido um grande número de prisões. Greves e operações-tartaruga desapareceram. Os atos isolados de sabotagem continuaram, mas poucos conseguiam atingir alvos vitais como linhas de telefone e telégrafo ou fábricas de armamentos.[946](#) Toda uma tropa de organizações policiais

tchecas e alemãs guardavam vias férreas. Heydrich deixou perfeitamente claro ao governo do Protetorado que responderia “drasticamente” a todos os futuros atos de sabotagem contra vias férreas ou instalações de telecomunicações e que faria toda a população da área afetada “pagar com suas cabeças”.[947](#)

As prisões que se seguiram à chegada de Heydrich não pouparam o governo do Protetorado, havia muito encarado pela Gestapo como um ninho de traidores e espiões dos britânicos. A lição que Heydrich dava aos tchecos começou no topo, com a prisão do primeiro-ministro Alois Eliáš, que de fato havia servido como principal contato do ÚVOD no governo do Protetorado. Heydrich já sabia havia algum tempo das conexões de Eliáš com o movimento subterrâneo, mas Hitler decidira que “o ajuste de contas com o movimento de resistência e os comprometidos líderes tchecos” teria de esperar até a iminente vitória da Alemanha na guerra contra a União Soviética.[948](#)

A prisão de Eliáš foi um dos indicadores mais visíveis de uma reversão radical da política de ocupação alemã sob Heydrich. O Tribunal do Povo Alemão, rapidamente convocado de Berlim a Praga, não levou muito tempo para condenar a ele e ao prefeito de Praga, Otakar Klapka, à morte. Heydrich comunicou com orgulho a Bormann que organizara um julgamento “justo” e tinha forçado Eliáš a assinar uma declaração condenando as atividades de resistência. Mais importante ainda foi que a declaração de Eliáš, publicada nas primeiras páginas da imprensa colaboracionista de uma ponta à outra do Protetorado, culminava numa inverossímil rejeição das reivindicações tchecas a um Estado e a uma nacionalidade independentes: “Acho que é impossível por razões políticas, econômicas e

sociais que nosso pequeno povo de 7,5 milhões de pessoas, cercado de espaço vital alemão, seja algum dia capaz de existir como Estado independente”.[949](#)

Depois do julgamento, o presidente Hácha pleiteou que Heydrich poupasse a vida de Eliáš. Heydrich rejeitou o pedido e repetidamente recomendou que Hitler mandasse executar Eliáš o mais depressa possível. Hitler tomou uma decisão diferente: até segunda ordem, Eliáš permaneceria na prisão, como refém para manter Hácha e o restante do governo tcheco sob controle.[950](#) Com os líderes do ÚVOD detidos e Eliáš como refém, Hácha tinha duas opções: renunciar em protesto ou permanecer no cargo, reconhecendo assim o terror de Heydrich como legítimo. No dia da prisão de Eliáš, Hácha preparou uma carta de renúncia. Heydrich havia previsto a iniciativa de Hácha e se encontrou com ele na tarde de 28 de setembro. Temendo que a renúncia de Hácha incentivasse a resistência, Heydrich declarou que lamentava as medidas repressivas que fora obrigado a introduzir “com um aperto no coração” e assegurou ao idoso presidente que a autonomia tcheca permaneceria intocada.[951](#) Hácha se manteve no cargo e iniciou uma política de colaboração destinada a poupar o povo tcheco de novo derramamento de sangue. Guiado pelo desejo de impedir um mal maior, denunciou Beneš em 4 de dezembro na Rádio Praga, acusando o presidente de causar problemas a uma distância segura sem pensar nas consequências. Irradiações para a Tchecoslováquia da BBC de Londres reagiram chamando Hácha de traidor, ao que o presidente sitiado respondeu: “O sr. Beneš não vê, como eu vejo, as lágrimas das mães e esposas que dirigem a mim seus apelos desesperados porque os filhos e maridos se desgraçaram depois de terem sido seduzidos por ardilosas

transmissões de rádio. Ele está numa posição de se permitir ilusões, de construir castelos no ar e pintar atraentes quadros do futuro... Para nós, não há saída senão encarar a realidade com coragem e agir sobriamente de acordo com os fatos reais”.[952](#) Heydrich ficou exultante. O governo do Protetorado, comentou ele num tom alegre ao falar para líderes nazistas, tinha finalmente queimado todas as pontes entre Praga e Londres.[953](#)

As medidas de emergência de Heydrich eram dirigidas não somente contra o governo do Protetorado e o movimento clandestino tcheco, mas também contra os atravessadores do mercado negro, que eram oficialmente apontados como responsáveis pela escassez de alimento que assolavam o Protetorado. Heydrich tentava capitalizar com o ressentimento público contra o mercado negro para desacreditar a resistência. Em função disso, o movimento clandestino e os atravessadores - as “hienas da frente interna” - eram chamados de “inimigos do povo tcheco”. Das 404 sentenças de morte proferidas pelas cortes marciais nos primeiros meses do governo de Heydrich, 169 eram por supostos crimes econômicos. Ao perseguir agentes do comércio ilegal, Heydrich executava tanto alemães étnicos quanto tchecos. Essa aparente imparcialidade ocultava seu verdadeiro objetivo, que era aumentar a produção agrícola tcheca para o esforço de guerra nazista. O ataque ao mercado negro foi acompanhado por um novo inventário de grãos e gado, que teve êxito ao confiar no impacto do terror para obter um montante exato. Os produtores agrícolas tiveram a promessa de anistia por evasões passadas, mas enfrentariam a morte ou a deportação por novas fraudes.[954](#)

Embora menores em comparação aos eventos da Polônia, o ímpeto e a perversidade do novo regime de terror e repressão de Heydrich não tinham precedentes na história da Boêmia e Morávia. Heydrich julgava que suas medidas de terror eram inevitáveis: como eslavo, “o tcheco... é mais perigoso e deve ser tratado de forma diferente” dos povos arianos. “O homem nórdico, germânico pode ser convencido ou subjugado - o homem tcheco, eslavo, é muito difícil de ser convencido... E as consequências disso é que temos de manter continuamente nosso polegar sobre ele, para que continue sempre submetido, para que nos obedeça e coopere.”[955](#)

No final de outubro de 1941, contudo, a primeira onda de terror oficialmente amainou por “razões visuais”. Para passar ao mundo exterior uma imagem de completa pacificação do Protetorado, os tribunais sumários cessaram por algum tempo de impor sentenças de morte, embora a SS continuasse a realizar secretamente execuções no campo de concentração de Mauthausen.[956](#) Em 29 de novembro, Heydrich deu mais um passo em sua política propagandística de “gestos positivos” ao suspender o estado de emergência em todos os distritos regionais do Protetorado, com exceção de Praga e Brno. Entre 30 de novembro de 1941 e 27 de maio de 1942, as autoridades nazistas só anunciaram 33 execuções. Contudo, como relatou um informante de Londres, “as pessoas se esquivam de quaisquer ações públicas, vida associativa, discussões e conversas, e a maioria [evita] inteiramente qualquer relacionamento... [Todos os tchecos estão] cerrando os dentes”.[957](#)

Governando um Estado

Entre 1939 e 1941, Heydrich estava basicamente preocupado em policiar os territórios recém-conquistados que se achavam sob controle alemão, e não com o problema de como eles deviam ser governados. Tinha chegado a Praga como um neófito político, bem versado no combate interno de órgãos nazistas concorrentes, mas com um conhecimento meramente teórico dos desafios envolvidos na administração de um território ocupado.

Sem dúvida, de um modo geral o comando da SS tinha dado atenção cada vez maior ao futuro do Império Alemão depois da invasão da União Soviética. Uma *Festschrift*[958](#) de 1941 dedicada a Heinrich Himmler, por exemplo, derrama alguma luz sobre a possível governança futura do Império Nazista. A contribuição intelectualmente mais sofisticada do volume era um ensaio escrito pelo ex-assistente de Heydrich, dr. Werner Best, agora encarregado da administração civil da França ocupada. Best propunha quatro modos de administrar os diversos territórios da França ocupada de acordo com princípios nazistas: um era o que chamava “cooperativo”, com a Dinamarca sendo o caso mais típico de um país “racialmente valioso” administrado sem grande interferência do Ministério do Exterior. Uma segunda categoria era a “supervisora”. Os exemplos aqui eram França, Bélgica e Países Baixos, onde funcionários alemães estavam naquele momento trabalhando por meio do serviço público nacional preexistente, embora mantendo uma forte presença militar. O terceiro modo era uma ocupação “dirigente”, como no Protetorado da Boêmia e

Morávia, onde a reestruturação da burocracia local pelos alemães era muito maior e os órgãos policiais nazistas tinham de permanecer mais atentos a ameaças aos interesses alemães. A quarta e última categoria de Best era a “colonial”: o Governo Geral e os territórios mais a leste serviam de exemplos básicos de comunidades onde o nível “inferior” de civilização dos habitantes exigia que os ocupantes assumissem o fardo do governo por amor à “ordem e à salubridade”.[959](#)

Do ponto de vista de Heydrich, as propostas de Best tinham dois defeitos graves. Em primeiro lugar, ao argumentar que alguns não alemães deviam, no essencial, ser autorizados a policiar a si próprios, fechava à SS - o órgão fundamental envolvido com policiamento e segurança - qualquer porta de ingresso à Europa Ocidental. Era algo com que Heydrich com toda a certeza não poderia concordar. Em segundo lugar, Best se limitara a propor uma moldura teórica para os regimes de ocupação alemã após o final da guerra, sem oferecer sugestões sobre a administração do Protetorado naquele momento. Heydrich, portanto, tinha de improvisar. A curva de aprendizagem era escarpada, mas, como era típico dele, Heydrich mergulhou na nova tarefa com extrema energia, trabalhando em geral mais de 15 horas por dia e contratando e demitindo, na primeira semana em Praga, três assistentes que julgou incapazes de acompanhar o seu ritmo.[960](#)

Durante os primeiros três meses de Heydrich em Praga, Lina mal viu o marido, que ia a Berlim com pouca frequência.[961](#) Ele investia o precioso tempo que lhe sobrava fora do escritório em esporte, uma de suas grandes paixões. Mesmo em Praga, conservava um ambicioso programa de treinamento. Em setembro de 1941, começou

a treinar para uma competição internacional de esgrima de sabre entre a Alemanha e a Hungria, sua aliada, que ocorreu no início de dezembro. Era quase impossível derrotar a equipe húngara, que dominara o cenário internacional por toda a década de 1930, e a equipe alemã fora consideravelmente enfraquecida: o campeão nacional de 1940, Georg Frass, havia tombado na Frente Oriental e o principal esgrimista de sabre alemão da época, Josef Losert, não pôde ser liberado da campanha russa. Heydrich se ofereceu para tapar a brecha. Como era esperado, os húngaros venceram a competição com grande facilidade, mas obviamente não quiseram ofender o chefe do aparelho de terror da Alemanha nazista: Heydrich ganhou todos os seus três assaltos.[962](#)

A vida familiar de Heydrich melhorou quando, no início de janeiro de 1942, Lina se mudou com os filhos para Praga. Como esposa do protetor interino do Reich, Lina podia agora ter o estilo de vida que sempre achara que lhe era devido. A comida era mais farta que em Berlim e havia sob seu comando um exército de empregados domésticos, mas ela nunca se entusiasmou com a ideia de morar no Castelo de Praga, com seus aposentos ornamentados e mobiliário impessoal. Depois de três meses, cansou-se de morar num “museu” e insistiu para que Heydrich lhe conseguisse uma casa mais aconchegante para a família, que oferecesse maior privacidade. Havia “história demais” ao seu redor no Castelo de Praga, ela se queixou.[963](#)

Na Páscoa de 1942, a família Heydrich se mudou para o suntuoso solar de Jungfern-Breschan (Panenské Břežany), cerca de 20 quilômetros ao norte da capital. A branca mansão neoclássica tinha 30 quartos e era cercada por um jardim de sete hectares que levava a 125 hectares de uma

floresta densa, sombria, e a um pequeno povoado. A propriedade fora confiscada de um proprietário judeu, o fabricante de açúcar e renomado colecionador de arte Ferdinand Bloch-Bauer, logo depois da invasão alemã. Como residência de verão do predecessor de Heydrich em Praga, o edifício fora completamente redecorado e restaurado. Quando os Heydrich resolveram usar a casa como residência principal, foi instalado aquecimento central para permitir que a família permanecesse no solar durante o inverno e foram trazidos trabalhadores escravos do campo de concentração de Theresienstadt para construir uma piscina no jardim. Lina ficou muito satisfeita com o resultado e achou que Reinhard finalmente proporcionara à sua “princesa” um lar adequado.[964](#)

Mas Heydrich raramente estava em casa. Fora a dedicação ao esporte, as responsabilidades como chefe do Escritório Central de Segurança do Reich e a coordenação que fazia da solução final, estava agora envolvido em todas as questões de governo em Praga: de aumentos nos salários ministeriais de membros do governo do Protetorado e indicação dos ocupantes das diferentes cadeiras na Universidade Alemã de Praga às restaurações e escavações no Castelo de Praga e à questão da confiabilidade política de cada um dos engenheiros que trabalhavam nas fábricas da Škoda.[965](#)

Para cumprir suas responsabilidades, Heydrich ia e vinha entre Berlim e Praga, de trem ou avião, pelo menos duas e frequentemente três vezes por semana.[966](#) Usava as viagens frequentes a Berlim não só para presidir importantes reuniões do RSHA, mas também para se manter intimamente em contato com Goebbels e outros nazistas poderosos.[967](#) Desses contatos, o mais influente

com relação aos programas de ocupação de Heydrich era o dr. Herbert Backe, secretário de Estado do Ministério da Economia do Reich e, de maio de 1942 em diante, ministro da Alimentação. Backe, que chegara à Alemanha como refugiado na esteira da revolução russa, era uma das poucas pessoas com quem Heydrich mantinha íntima amizade pessoal. Como acontecia com tanta frequência na vida de Heydrich, essa amizade estava menos baseada em forte simpatia mútua que em crenças ideológicas compartilhadas e na convicção de que compromissos acerca de ideologia eram um sinal de covardia. Os filhos dos dois frequentemente brincavam juntos enquanto os adultos costumavam se convidar para jantares em suas casas em Berlim. Os estreitos laços de família sobreviveriam inclusive às mortes violentas de Heydrich e Backe, respectivamente em 1942 e 1947. Quando Heider, filho de Heydrich, estudou engenharia em Hanover, no início dos anos de 1950, ele morou com a viúva de Backe, Ursula.[968](#)

Backe moldou profundamente o pensamento de Heydrich sobre a dimensão econômica da política de ocupação alemã. Para ambos, a reorganização econômica estava inseparavelmente entrelaçada à questão da raça. As raças “inferiores” da Europa deviam estar submetidas às necessidades da Alemanha. Mais que qualquer outra pessoa, Backe estava consciente da disparidade entre a necessidade crescente que tinha a Alemanha de suprimentos de comida para alimentar a população doméstica, o exército e um número imenso de prisioneiros de guerra e trabalhadores forçados, e os recursos cada vez mais escassos à sua disposição. Ele desempenhou um papel fundamental na elaboração do chamado plano da fome, na primavera de 1941; isto é, o plano para organizar uma

extraordinária fome em massa na Europa Oriental com o objetivo de exterminar toda a população urbana da União Soviética ocidental, removendo assim cerca de 30 milhões de “bocas inúteis” da cadeia alimentar. As ideias de Backe para o Leste eram inteiramente compatíveis com as do comando da SS, articuladas no Plano Geral do Leste do mesmo ano, que visava promover uma limpeza étnica maciça e reassentamentos nos territórios ocupados, juntamente com um extenso programa de trabalho escravo por meio do qual judeus e prisioneiros de guerra soviéticos seriam obrigados a trabalhar até a morte na construção de uma nova infraestrutura no Leste.[969](#)

Para o restante da Europa, Backe imaginava uma *Grossraumwirtschaft* dominada pela Alemanha, uma economia europeia multinacional e autossuficiente com a Alemanha em seu centro. O padrão-ouro e as economias liberais de livre mercado da ordem pós-Versalhes deveriam ser substituídos por operações de permuta e planejamento da produção em escala continental, numa extensão da política de comércio alemã da década de 1930. A ideia geopolítica de uma esfera econômica ampla, sob liderança alemã, na Europa Central não era nova e fora promovida por Friedrich Neumann e outros nacionalistas liberais no início do século XX, assim como por Carl Schmitt, principal teórico constitucional da direita nos anos 1930. Mas homens como Backe fundiram essa ideia mais antiga com a moderna teoria da raça, dando ao chamado para uma superioridade econômica alemã uma nova justificativa e propósito.[970](#)

Para alcançar seus objetivos, Backe defendia a criação de uma zona livre de impostos nos territórios ocupados e “afiliados”, incluindo os Bálcãs, onde a penetração econômica alemã tinha se intensificado durante a década

de 1930. Acordos de comércio foram negociados em 1939 e 1940 com a Romênia e a Hungria, o que deixou matérias-primas vitais sob o controle do Terceiro Reich. Planos econômicos para os Bálcãs deviam ser o primeiro passo de um plano ainda mais ambicioso para organizar todo o continente europeu como um único mercado, que seria capaz de competir com os Estados Unidos e o Japão na ordem global do pós-guerra.[971](#)

Essas ideias tiveram forte impacto no pensamento de Heydrich sobre os imperativos econômicos da política de ocupação no Protetorado, assim como na Europa controlada pelos alemães em termos mais gerais. A Nova Ordem, como Heydrich e outros nazistas importantes a imaginavam, exigia uma integração econômica mais forte do Protetorado na esfera de influência Grã-Alemã, implicando uma divisão de trabalho com a Alemanha. A indústria tcheca deveria ser incentivada a exportar para o sudeste da Europa, enquanto as exportações alemãs se concentrariam no Ocidente. O imperialismo econômico era assim um elemento crucial da construção imperial nazista. Para atender a esse propósito, Heydrich convocou, em 17 de dezembro de 1941, a primeira conferência econômica internacional da Südost-Europa-Gesellschaft alemã, uma sociedade baseada em Viena fundada pelo *gauleiter* da cidade, Baldur von Schirach. Ela se ocupava de pesquisa econômica na Europa Oriental, tendo como objetivo a longo prazo integrar pela força as economias do sudeste europeu ao bloco de poder alemão. Heydrich gostava de se imaginar como um “mediador entre o Reich e as regiões do sudeste” da Europa e se esforçou para ser percebido dessa maneira no Reich.[972](#)

Na presença do ministro da Economia do Reich, Walther Funk, Heydrich ressaltou a necessidade urgente de planejar

a ordem econômica futura de uma “Europa unida”: “Ao examinar as tarefas da economia da Boêmia e Morávia como parte da economia do Reich, chega-se à conclusão de que esse espaço reúne os melhores requisitos possíveis tanto para o cultivo de relações com as regiões do sudeste quanto para o desenvolvimento do Novo Leste”. O Protetorado ia servir como uma “ponte importante entre o Reich e o sudeste” – uma ideia que vinha sendo promovida pelos líderes alemães dos Sudetos desde meados dos anos de 1930. “Pela primeira vez na história da Europa”, Heydrich continuou, “os vastos recursos do Leste, que anteriormente só serviram de instrumento de destruição, serão agora utilizados positivamente e para o bem da Nova Europa.” A conferência não entrou em acordo sobre políticas concretas e, como a maioria dos outros planos para o futuro da Europa, a implementação das iniciativas importantes foi adiada para depois do fim da guerra.[973](#)

Se publicamente Heydrich falava de reconstrução europeia, do pragmatismo alemão e do bem-estar econômico de todo o continente europeu, suas preocupações imediatas estavam em outro lugar, isto é, em como melhor explorar o potencial econômico da Europa ocupada para ganhar a guerra. Durante todo o seu período em Praga, permaneceu atento às necessidades dos tempos de guerra e ao papel especial da indústria de armamentos da Boêmia para o esforço de guerra alemão, embora às vezes nazistas de destaque em Berlim se perguntassem se ele não estaria pondo a ideologia acima das considerações pragmáticas. Göring, por exemplo, sentiu-se na obrigação de lembrar a Heydrich que considerava que as armas produzidas pela Škoda eram “das melhores e às vezes superiores às nossas”. Independentemente de todas as

“ações necessárias contra a administração das fábricas da Škoda”, insistia para que Heydrich não esquecesse a importância vital que elas tinham para o esforço de guerra alemão.[974](#)

Heydrich de fato levava em conta as necessidades econômicas. A importância vital de aumentar a produção ditava suas relações com as classes trabalhadoras tchecas. Logo depois de sua chegada a Praga, disse a funcionários nazistas do Protetorado que estava determinado a “dar ao trabalhador tcheco o rango de que ele precisa” para levar a cabo o trabalho para o esforço de guerra alemão. Afinal, ele insistiu, “não há sentido se eu ameaçar o tcheco e empregar todos os esforços e toda a força policial para fazê-lo ir trabalhar se ele não... tiver a energia física necessária para fazer seu trabalho”. Heydrich anunciou em 2 de outubro que o Führer havia aprovado sua proposta de “um aumento de cerca de 400 gramas nas cotas de alimentação dos trabalhadores tchecos” - “um adicional impressionante”. Insistiu, contudo, que o aumento nas rações alimentares tinha de ser acompanhado de uma mensagem muito clara à população tcheca: “Fiquem quietos... ou pode muito bem acontecer que suas rações sejam outra vez reduzidas. Há coisas que têm de ser tratadas de um modo psicologicamente adequado”.[975](#)

Fazendo eco a essa diretiva, a imprensa do Protetorado creditou a Heydrich o aumento nas cotas alimentares dos trabalhadores introduzido em 27 de outubro de 1941, mas enfatizou que o gesto de “boa-fé” do protetor do Reich tinha de ser correspondido por alguns sinais de lealdade tcheca.[976](#) Três dias antes, em 24 de outubro, Heydrich recebera uma delegação sindical no Castelo de Praga e expressara seu interesse “sincero” pelas necessidades dos

trabalhadores tchecos, prometendo melhorar os padrões de vida. Isso foi acompanhado por uma campanha cuidadosamente orquestrada nas oficinas de mais de 500 fábricas tchecas, durante a qual representantes pré-selecionados dos trabalhadores foram incentivados a externar suas queixas econômicas. Nas semanas seguintes, rações de comida e de tabaco foram aumentadas para certas categorias de trabalhadores e 200 mil pares de sapatos foram distribuídos gratuitamente pelos conselhos das fábricas. Como Heydrich admitiu para sua equipe, o objetivo era “a despolarização da população tcheca”, uma política que visava incentivar o indivíduo a se concentrar “em seu trabalho e em suas necessidades materiais”.[977](#)

A condescendência com as demandas dos trabalhadores – de melhoria das condições de trabalho a aumento nas rações de comida e tabaco – foi retratada pela máquina de propaganda nazista como uma forma de aproximação séria e bem-intencionada, uma demonstração da boa-fé de Heydrich e de sua determinação de combater, em benefício do trabalhador tcheco comum, os atravessadores e os que se aproveitavam da guerra. No dia do encontro de Heydrich com representantes cuidadosamente escolhidos dos trabalhadores, por exemplo, comida confiscada de atravessadores foi distribuída nas cantinas de fábricas de armamentos.[978](#) Os resultados que Heydrich transmitiu a Berlim depois de essas medidas terem sido postas em prática pareciam impressionantes: a produção industrial bruta, durante seu governo do Protetorado, aumentou em 23%. Além disso, sua “batalha dos grãos” do final do outono de 1941 – uma operação policial em grande escala contra o mercado negro – resultou na declaração posterior de 560

mil porcos, anteriormente ocultados, e de 250 mil toneladas de cereais.[979](#)

Outras medidas adotadas por Heydrich para pacificar o Protetorado tiveram como objetivo deliberado dividir politicamente a população tcheca, corrompendo e reduzindo alguns à submissão.[980](#) Entradas gratuitas para partidas de futebol foram oferecidas no Primeiro de Maio de 1942. Além disso, Heydrich reformulou a União Nacional dos Empregados, outrora dirigida por tchecos, para fazê-la refletir a Frente Alemã do Trabalho. A campanha da “Força através da Alegria”, usando equipamentos e propriedades confiscados da Sokol, organizou eventos esportivos, apresentações de filmes, peças teatrais, concertos e espetáculos musicais para fomentar a ética do trabalho.[981](#)

Novas medidas de propaganda introduzidas por Heydrich pretendiam convencer a população tcheca de que todos estavam vivendo um período de luta decisiva, em que tinham de escolher entre uma Europa bolchevique e uma Europa nacional-socialista. Para facilitar essa decisão, Heydrich trouxe de Viena para Praga a mostra “Paraíso Soviético”, que foi aberta em 28 de fevereiro de 1942.[982](#) Exibindo fotos tiradas durante os primeiros meses da Operação Barbarossa, a exposição retratava as terríveis condições de vida na União Soviética e o nítido sofrimento que o bolchevismo havia trazido para os povos da Europa Oriental. A mensagem não deixava margem a dúvidas, como assinalou um artigo do jornal colaboracionista *Der Neue Tag*: “Foi dada aos representantes dos trabalhadores tchecos a oportunidade de ver com seus próprios olhos o triste estado de coisas no ‘Paraíso dos Trabalhadores’ bolchevique. Podem agora ver por si mesmos como a Boêmia e a Morávia são afortunadas por terem sido

protegidas dos horrores do bolchevismo pela intervenção da Wehrmacht alemã”.[983](#) Durante as quatro semanas que durou a exposição, ela foi visitada por aproximadamente meio milhão de pessoas, incluindo Emil Hácha, o ministro da Educação Emanuel Moravec e até mesmo os futuros assassinos de Heydrich, Josef Gabčík e Jan Kubiš, que haviam descido de paraquedas no Protetorado em dezembro e agora passavam os dias perambulando pela capital tcheca.[984](#)

Outro desafio fundamental para Heydrich foi organizar o recrutamento de trabalhadores escravos tchecos, de que havia extrema necessidade para aliviar os gargalos cada vez mais sérios criados pela convocação de quase todos os homens aptos da Alemanha para as forças armadas, sem privar a economia do Protetorado de seu potencial para dar continuidade às suas contribuições vitais para o esforço de guerra alemão. Desde o início da Segunda Guerra Mundial, os alemães haviam começado a organizar a mobilização do trabalho nos territórios ocupados. Cerca de 30 mil trabalhadores tchecos se alistaram para ir para o Antigo Reich no primeiro mês da ocupação. Havia necessidade de muitos mais e a coerção se tornou cada vez mais presente depois da eclosão da guerra em setembro de 1939.[985](#)

No verão de 1941, havia de fato cerca de 1,7 milhão de trabalhadores civis forçados e 1,3 milhão de prisioneiros de guerra vivendo no Terceiro Reich. Após a invasão da União Soviética, a rápida captura de cerca de 3 milhões de prisioneiros de guerra, assim como a aquisição de vastos territórios com enormes reservas de mão de obra, ocasionou tanto grandes oportunidades econômicas quanto riscos correlatos para a Alemanha. Como o regime acreditava que a vitória, aparentemente iminente, garantiria

acesso a tantos trabalhadores estrangeiros quanto fossem necessário, não foram feitos planos de empregar prisioneiros de guerra russos como trabalhadores. Hitler, na verdade, obstruiu ativamente sua utilização no Reich. Esperava-se que o fim da guerra trouxesse uma rápida desmobilização da Wehrmacht, aliviando de uma vez por todas a escassez de trabalho na Alemanha. Mas era uma política arriscada. Se a guerra não corresse como se previa, a Alemanha enfrentaria enormes dificuldades: a mobilização para a Operação Barbarossa já deixara um número recorde de vagas sem preenchimento na economia doméstica e o número crescente de mortes nas forças armadas requeria que mais trabalhadores fossem mandados para o *front*. Entre maio de 1938 e maio de 1942, o alistamento fez a força de trabalho civil encolher em 7,8 milhões. Só em outubro de 1941, Hitler finalmente cedeu e autorizou a utilização abrangente dos prisioneiros de guerra soviéticos dentro da Alemanha, embora nesse momento já fosse tarde demais para a maioria deles. Tendo matado 2 milhões de prisioneiros de guerra russos por meio de calculada negligência no inverno de 1941-1942, os nazistas começavam agora a sentir uma necessidade desesperada de trabalhadores forçados.[986](#)

Em seguida à chegada de Heydrich a Praga, o recrutamento de trabalhadores tchecos escravos aumentou então dramaticamente, não tanto porque Heydrich estivesse ansioso para ver mais “forasteiros” de “linhagem racial questionável” no Antigo Reich mas porque, no outono de 1941, comandantes do exército, planejadores econômicos e outros importantes líderes nazistas perceberam que a derrota soviética não viria com a rapidez que tinham esperado. A economia doméstica requeria mais

trabalhadores para permitir que o esforço de guerra alemão operasse num nível de capacidade ainda mais elevado.[987](#)

Em dezembro de 1941, Albert Speer, que logo seria ministro de Armamentos e Munições do Reich, visitou Praga e obteve de Heydrich a promessa de mandar um adicional de 15 mil trabalhadores tchecos da construção civil para o Reich. Apesar da “reputação de crueldade e imprevisibilidade” de Heydrich, Speer ficou agradavelmente surpreso com seu anfitrião, observando que ele foi “muito gentil, sem nenhuma arrogância em sua atitude e acima de tudo muito autoconfiante e prático”. Acima de todas as outras, foi essa última qualidade que impressionou Speer.[988](#) Mas a ideologia, Heydrich insistia, não podia ser abandonada inteiramente. Ele odiava a ideia de que a dependência da Alemanha de trabalhadores estrangeiros pudesse se tornar permanente. A guerra havia produzido uma situação absurda: a Alemanha, lutando pela autarquia econômica e a pureza racial, tinha se tornado mais etnicamente diversificada em termos de sua força de trabalho do que jamais fora antes (ou seria desde então). Heydrich esperava que no futuro as necessidades de mão de obra da Alemanha pudessem ser atendidas por “povos germânicos” e pela assimilação daqueles “aptos para a germanização”. Pouco antes da visita de Speer a Praga, Heydrich presidira uma reunião do Escritório Central de Segurança do Reich em Berlim que deu a conhecer planos para a segregação e o policiamento de trabalhadores estrangeiros na Alemanha, observando que: “Embora todos concordem que os aspectos econômicos são relevantes e urgentes, temos de resistir a qualquer tentativa de protelar as questões raciais e político-*völkisch*”[989](#) até que a guerra

tenha acabado, já que é incerto quanto tempo a guerra pode durar”.[990](#)

Apesar da insistência de Heydrich em relação ao primado da ideologia sobre o pragmatismo, a pressão por trabalhadores tchecos continuava a aumentar. No final de março de 1942, Hitler nomeou o *gauleiter* da Turíngia, Fritz Sauckel, general-plenipotenciário para a mobilização de trabalhadores estrangeiros, um papel complementar ao de Speer e destinado a alimentar as necessidades sempre crescentes de mão de obra nas fábricas de Speer. Embora reservadamente cético acerca do valor racial de muitos dos trabalhadores estrangeiros que seriam recrutados à força, Heydrich cooperou. Em maio de 1942, anunciou a introdução do serviço de trabalho compulsório para todos os homens tchecos e um decreto do Protetorado do mesmo mês tornava todos os habitantes do Protetorado fisicamente aptos, com mais de 14 anos de idade, sujeitos à mobilização para o trabalho e à designação para fábricas na Alemanha. Nos quatro meses seguintes, 40 mil nomes foram acrescentados às listas.[991](#) “Em Praga”, um informante comunicou a Londres em fins de maio de 1942, “os cafés, antes repletos, estão quase vazios; nos restaurantes, as pessoas engolem suas refeições e vão embora o mais depressa que podem. A falta crescente de mão de obra na Alemanha tem levado a incursões sistemáticas a esses lugares: todos os clientes, especialmente as mulheres, que são incapazes de provar que estão plenamente empregados em trabalho para a guerra, são levados imediatamente para a sede da Gestapo e enviados para campos de trabalho forçado na Alemanha”.[992](#)

Além de perseguir seu duplo objetivo de curto prazo de erradicar a resistência e explorar o potencial econômico do

Protetorado por meio de uma combinação de terror, recrutamento forçado de trabalhadores, incentivos e propaganda, Heydrich estava também determinado a aumentar a eficiência do regime de ocupação alemã. Queria uma burocracia pequena, mas eficaz, operada por uma combinação de confiáveis alemães do Reich e dos Sudetos e seus subordinados tchecos, que fosse capaz de fortalecer o controle dos nazistas sobre cada aspecto da vida socioeconômica, política e cultural do Protetorado. Hácha e seu governo, Heydrich insistia, tinham de compreender que os alemães estavam lá para ficar e que seu destino estava indissolúvelmente ligado ao do Terceiro Reich. Heydrich queria forçá-los a reconhecer esse “fato” por meio de ações, não por meio de afirmações retóricas de lealdade de possíveis “traidores” e “sabotadores” dentro das fileiras do governo do Protetorado.[993](#) Com esse objetivo, um decreto de novembro permitiu a Heydrich demitir ou transferir funcionários públicos “politicamente não confiáveis”, independentemente de idade. Ele também começou a censurar pessoalmente discursos públicos de Hácha. Em mera questão de meses, Hácha e os que o cercavam tinham se tornado pouco mais que executores de língua tcheca das políticas nazistas.[994](#)

Heydrich queria chegar ainda mais longe. Pretendia reestruturar o governo do Protetorado de modo a obter controle total sobre todas as suas ações. Enquanto o planejamento da reforma administrativa começava no Gabinete do Protetor do Reich, os Heydrich comemoravam o Natal de 1941 em seu pavilhão de caça em Stolpshof, perto de Nauen, menos de 40 quilômetros a oeste de Berlim, passando as noites na tocaia dos cervos. A mente de Heydrich estava em outro lugar. Havia tarefas demais à

espera dele no novo ano e estava ansioso para voltar ao trabalho: inclusive trabalhou na reestruturação dos salários ministeriais na véspera do Natal de 1941.[995](#)

Em 19 de janeiro de 1942, após meses de planejamento intensivo, foi instalado um novo governo do Protetorado. Seguindo instruções que Heydrich recebera de Hitler durante o encontro dos dois na Toca do Lobo, em outubro de 1941, e posteriormente discutidas com o chefe da chancelaria do Reich, Hans Lammers, durante um encontro em Munique, em 9 de novembro, o número de ministros tchecos foi reduzido para sete, ficando cada um deles diretamente responsável perante o Gabinete do Protetor do Reich. O papel do conselho de ministros, encabeçado pelo primeiro-ministro Jaroslav Krejčí, estava limitado à implementação prática das ordens de Heydrich.[996](#)

Para grande consternação de seus colegas tchecos, o SS-*OberFührer*[997](#) Walter Bertsch foi nomeado chefe do recém-criado Ministério da Economia e do Trabalho. Bertsch servia – nas palavras do próprio Heydrich – como seu “informante dentro do governo”. Como Bertsch era um alemão do Reich que supostamente não falava tcheco, os assuntos de governo teriam de ser, doravante, tratados em alemão.[998](#) Outra inovação importante foi a criação do Escritório para a Instrução Popular, responsável pela imprensa, teatro, literatura, arte e cinema. Esse escritório estava subordinado ao recém-nomeado ministro da Educação, Emanuel Moravec, um ex-legionário tcheco e político pragmático, com frequência mencionado pelo governo no exílio como o “Quisling[999](#) tcheco” e conhecido pelas palestras pró-nazistas que fazia semanalmente no rádio. Moravec não era um admirador de Heydrich ou de seus métodos, mas era suficientemente astuto e oportunista para reconhecer que

sua futura carreira dependia da boa vontade de Heydrich.[1000](#) Heydrich, por sua vez, considerou vital a nomeação de Moravec, pois acreditava que os tchecos seriam mais receptivos à propaganda nazista se ela viesse de um de seus concidadãos. Não querendo correr nenhum risco, ele não deixou de manter sob estrito controle as atividades de Moravec.[1001](#)

No discurso de 19 de janeiro de 1942 ante o recém-empossado governo do Protetorado, um dia antes de voar para Berlim para presidir a Conferência de Wannsee, Heydrich se vangloriou de ter “compensado com mão firme o que o governo tcheco deixara de fazer em dois anos e meio”. Ele também declarou que o futuro trabalho do governo do Protetorado seria reduzido a duas tarefas principais: a condução no dia a dia da administração do Protetorado e, talvez mais importante, “a difícil tarefa” de introduzir uma “educação correta e sem ambiguidades da juventude [tcheca]” no espírito da germanização. Heydrich concluía sublinhando que a era das “decisões ministeriais [autônomas], que impedem uma governança e uma liderança práticas, ativas, está definitivamente encerrada”.[1002](#)

Dois dos mais importantes objetivos de curto prazo de Heydrich no Protetorado foram assim atingidos: a Boêmia e a Morávia tinham sido pacificadas e o governo do Protetorado fora posto na linha. Em resposta às promessas de lealdade do novo governo, Heydrich suspendeu a lei marcial em Praga e Brno e libertou alguns estudantes tchecos dos campos de concentração em que estavam encarcerados desde 1939. Fora mostrado aos tchecos que a colaboração compensava.

As reformas administrativas de Heydrich constituíram uma reorganização radical da política de ocupação alemã no Protetorado, uma reorganização que visava explicitamente à “desabilitação” do governo do Protetorado conservando ao mesmo tempo a fachada de autonomia tcheca que Hitler havia garantido em março de 1939. Visto que o Führer havia insistido, em conversas particulares com Heydrich, que essa fachada devia ser preservada, Heydrich optou por uma estratégia de “liquidar a autonomia a partir de dentro”.[1003](#) Como explicou a membros graduados de sua equipe em Praga, isso não aconteceria da noite para o dia. Ele visava, na realidade, a “uma desmontagem gradual, que não chamasse a atenção, da autonomia tcheca”, o que evitaria uma desnecessária agitação entre a população civil.[1004](#) Nesse meio-tempo, Heydrich disse a Bormann, “ordenaria que os tchecos executassem todas as medidas que pudessem suscitar rancor e iria transferindo para os alemães a implementação das medidas que tivessem um impacto positivo”.[1005](#)

Os planos de Heydrich para minar a autonomia tcheca deviam ser considerados “estritamente confidenciais”.[1006](#) Na realidade a propaganda nazista e a imprensa colaboracionista foram instruídas a apresentar sua reforma administrativa como uma correção importante da trilha histórica equivocada que a “classe egoísta e ambiciosa” dos intelectuais tchecos, incitada pelos “poderes plutocráticos [do Ocidente] e – sob o disfarce do chamado pan-eslavismo – pelas forças bolcheviques” do Oriente, tinha seguido entre 1918 e 1938. A imprensa do Protetorado seguiu as instruções de Heydrich e descreveu a reforma administrativa como uma tentativa de *fortalecer* a autonomia tcheca.[1007](#)

Heydrich também agiu energicamente para eliminar a resistência administrativa no Protetorado, numa tentativa de introduzir uma administração mais eficiente. A administração do Protetorado, ele rapidamente percebeu, sem a menor dúvida requeria pessoal demais: um funcionário do Reich para cada 790 tchecos. Na França, ao contrário, a razão era de 1 para 15 mil. Reduzir o número dos funcionários alemães teria dois efeitos colaterais positivos: primeiro liberaria um grande número de administradores alemães para o serviço militar na Frente Oriental e, em segundo lugar, como decidiria quem ia ficar e quem ia sair, Heydrich poderia reestruturar a administração de acordo com suas preferências.[1008](#)

Ao exercer seus poderes, Neurath contara tanto com o grande número de pessoal em seu gabinete quanto com 35 (de 1941 em diante, 15) *Oberlandräte*, que eram funcionários responsáveis pela administração alemã local, pela polícia alemã, pelo registro civil e pelas relações entre tchecos e alemães dentro de seus respectivos domínios.[1009](#) Heydrich acreditava que as administrações paralelas alemã e tcheca eram grandes demais, retardando em vez de acelerar os processos de tomada de decisões. Ele pôs freio na independência dos *Oberlandräte* atribuindo a cada um deles um oficial da SS. Também fechou oito de seus gabinetes, reduzindo o número de *Oberlandräte* a sete, esperando livrar-se inteiramente deles num estágio posterior.[1010](#) Um sexto dos funcionários públicos alemães do Protetorado, cerca de 50 mil homens, Heydrich afirmou num relatório a Hitler em que se parabenizava por seus feitos, logo estariam “disponíveis para o serviço militar”.[1011](#) Mesmo elementos muito próximos, como o subsecretário de Estado de Heydrich, Kurt von Burgsdorff,

foram liberados de seus deveres em março de 1942 e enviados para a Frente Oriental. Antes que o período de Heydrich tivesse começado, 9.362 alemães trabalhavam no Gabinete do Protetor do Reich e um adicional de 4.706 haviam sido designados para órgãos tchecos. Segundo os planos de Heydrich, em seguida à conclusão da reforma só 1.100 alemães continuariam na administração do Protetorado e 700 a serviço do protetor do Reich e dos *Oberlandräte*.[1012](#) Heydrich disse à sua equipe que o Gabinete do Protetor do Reich “finalmente se tornaria o que deve ser: um aparelho de comando com um pequeno número de funcionários conceituados”.[1013](#)

As reformas de Heydrich e sua aptidão para pacificar o Protetorado foram observadas com grande aprovação em Berlim. “A política que Heydrich adotou no Protetorado”, Goebbels registrou impressionado em seu diário, “pode ser descrita como nada menos que exemplar. Ele dominou com desenvoltura a crise que havia lá e o resultado é que agora o estado de ânimo no Protetorado é o melhor possível, em grande contraste com outras áreas ocupadas e anexadas.”[1014](#) Hitler também expressou sua satisfação. Num monólogo divagador depois do jantar, em janeiro de 1942, ele elogiou a política de ocupação alemã em Praga como “impiedosa e brutal”.[1015](#) Quatro meses depois, em 20 de maio, o Führer acrescentou:

A política certa e, falando em termos do Reich alemão, a política óbvia é em primeiro lugar expurgar o país de todos os elementos perigosos e depois tratar os tchecos com amistosa consideração. Se adotarmos uma política desse tipo, todos os tchecos seguirão a orientação do presidente Hácha. Seja como for... o medo de serem obrigados a desocupar suas casas como resultado da transferência de população que estamos empreendendo vai persuadi-los de que será muito melhor para eles se apresentarem como

zelosos colaboradores do Reich. É esse medo que os persegue o que explica por que no momento os tchecos - e particularmente aqueles nas fábricas de guerra - estão trabalhando para nossa completa satisfação.[1016](#)

Na realidade, as coisas no terreno estavam muito menos promissoras do que Heydrich parecia disposto a admitir em seus relatórios regulares a Berlim. Embora alguns trabalhadores (mais especialmente os da indústria de armamentos) recebessem maiores rações de comida e cigarros, melhores serviços sociais, sapatos gratuitos, férias pagas e, durante algum tempo, folga nos sábados, a situação da maioria dos trabalhadores não melhorou.[1017](#) As campanhas de propaganda de Heydrich e suas mordomias para trabalhadores selecionados na indústria de armamentos não podiam ocultar o fato de que, durante os oito meses de seu governo em Praga, o suprimento de comida tinha ficado pior, não melhor. Depois de janeiro de 1942, devido em grande parte à situação militar no Leste, a distribuição de manteiga declinou para 73% do nível de antes da chegada de Heydrich a Praga, enquanto as rações de carne no Protetorado diminuíram de um total de mais de 12 mil toneladas em setembro de 1941 para 7.826 toneladas em março de 1942. Na primavera de 1942, agentes do SD notaram um resmungar generalizado entre trabalhadores, mas a insatisfação crescente não se traduziu em quaisquer decréscimos significativos na produtividade.[1018](#)

Nesse meio-tempo, Heydrich estava atarefado rechaçando as repetidas tentativas feitas por outras entidades nazistas de interferir em sua esfera de influência. No Protetorado, assim como no Antigo Reich e em outros territórios ocupados, uma variedade de elementos - do exército a

funcionários do partido - disputavam poder e influência. Heydrich desprezava particularmente os quatro *gauleiters* partidários do Protetorado (dos Sudetos, Oberdonau, Niederdonau e Bayerische Ostmark), fazendo repetidamente comentários sobre a mediocridade de funcionários do partido cuja aparência física e potencial intelectual contrastavam agudamente com sua própria ideia de figuras de liderança.[1019](#)

O ceticismo de Heydrich sobre a aptidão do partido para governar o novo Império Alemão não era segredo. De acordo com a esposa, ele estava profundamente preocupado com a qualidade de funcionários do partido enviados para subjugar os eslavos, reservadamente condenando esses “faisões dourados” do Leste como corruptos e ineficientes. Postos de importância nas administrações orientais estavam de fato com frequência reservados para Velhos Combatentes ou membros de longa data do Partido Nazista, muitos com íntimos laços pessoais com Hitler. A única qualificação que tinham para administrar territórios ocupados era a duração da filiação ao partido e eles, por sua vez, levavam consigo seguidores partidários de confiança como pessoal administrativo, muitos com formação precária, corruptos e, portanto, inadequados para o serviço na Europa Ocidental.[1020](#)

Heydrich, não obstante, estava perfeitamente ciente de que os quatro *gauleiters* continuavam a manter contatos influentes em Berlim.[1021](#) Consciente de que seus poderes em Praga seriam desafiados se não fizesse valer sua autoridade, pediu a Bormann garantias renovadas de que estava obrigado a seguir apenas as ordens do próprio Führer, não as de representantes do partido.[1022](#) Não ia haver mais disparates e interferência de escribas do partido

na implementação dos programas da SS. “Com quatro métodos diferentes trabalhando sob o meu”, ele declarou aos *gauleiters* depois de receber resposta positiva de Bormann, “não posso governar os tchecos.” Nessa mesma fala apontou o mais determinado rival do Gabinete do Protetor do Reich, o *gauleiter* de Niederdonau, Hugo Jury, como ameaça para seus planos. Outros funcionários do Partido Nazista que não cooperavam foram simplesmente afastados de seus postos.[1023](#)

Em maio de 1942, contudo, Heydrich teve reservadamente de reconhecer que o movimento de resistência tcheco, que ele havia considerado esmagado, tinha se reorganizado e que incidentes de sabotagem estavam de novo em alta. Tendo informado a Hitler, no início de outubro de 1941, que a resistência estava finalmente dobrada e que os trabalhadores tchecos haviam aceitado tranquilamente a liquidação de combatentes da resistência, Heydrich não queria admitir que a situação pudesse sair novamente de controle. Assegurou repetidamente a Berlim que não havia motivo de alarme.[1024](#)

Tudo isso era parte de uma engenhosa estratégia de comunicação concebida para apresentar sua atividade em Praga sob uma luz positiva. Para impedir que a discrepância entre seus relatórios com frequência adocicados e a situação real vazasse em Berlim, Heydrich monopolizou os relatórios sobre a realidade do Protetorado. Pôs fim aos relatórios diários e mensais de inteligência sobre o Protetorado e tomou providências para que, de outubro de 1941 em diante, os relatórios do SD, *Meldungen aus dem Reich*, praticamente não contivessem informações sobre seus domínios.[1025](#)

Na verdade, durante seus oito meses em Praga, Heydrich enviou um total de 21 relatórios sobre suas atividades no Protetorado diretamente para Martin Bormann, insistindo para que o Führer fosse informado de seu conteúdo. Os relatórios serviam basicamente como um meio de preservar sua posição na elite política do Terceiro Reich e apresentar a marcha dos acontecimentos no Protetorado sob uma luz triunfal. Eles não deixaram de ter sucesso. Em 15 de fevereiro de 1942, Goebbels anotou em seu diário:

Tive uma longa discussão com Heydrich sobre a situação no Protetorado. Lá a situação foi estabilizada. As medidas de Heydrich mostram bons resultados... o perigo dos tchecos ameaçando a segurança alemã no Protetorado foi completamente superado. Heydrich teve êxito. Está brincando de gato e rato com os tchecos, que engolem tudo que ele lhes diz. Tomou uma série de medidas extraordinariamente populares, incluindo a eliminação quase completa do mercado negro... Ele enfatiza que os eslavos não podem ser governados do mesmo modo como se governa um povo germânico; é preciso esmagá-los ou abaixar-lhes continuamente a cabeça. Ao que parece ele está seguindo o segundo caminho, e está dando certo. Nossa tarefa no Protetorado é absolutamente clara. Neurath interpretou-a de forma absolutamente equivocada e foi isso, antes de tudo, que levou à crise em Praga.[1026](#)

Quatro meses depois da chegada ao Castelo de Praga, Heydrich fez um levantamento da situação no Protetorado: preparando o terreno para uma avaliação de suas próprias realizações, começou criticando violentamente os “erros fundamentais” da política de ocupação alemã no Protetorado no período de Neurath, que havia tratado “os tchecos e o governo tcheco como se estivesse num Estado independente e o Gabinete do Protetor de Reich fosse meramente a delegação aumentada de um presidente estrangeiro”. Neurath também cometera erros táticos: “Não se pode levar o homem tcheco e a população tcheca para o

Reich acreditando que seja possível manter influência sobre a população por meio de bons contatos sociais com a aristocracia tcheca”. Os resultados que ele, Heydrick, conseguira eram, ao contrário, impressionantes, ou assim ele sugeria. Os objetivos de curto prazo de esmagar a resistência tcheca, de estimular a economia de guerra do Protetorado e de reorganizar o sistema de ocupação haviam sido atingidos. Agora, disse ele, estava na hora de procurar alcançar o “verdadeiro objetivo” ou “meta final” da ocupação alemã que, “se não houvesse alternativa”, deveria ser implementada por “meios violentos”: a germanização do Protetorado.[1027](#)

Germanizando o Protetorado

A germanização dos territórios e regiões fronteiriças conquistados - sua completa assimilação cultural, socioeconômica, política e, sobretudo, racial no Grande Império Alemão - se manteve no centro mesmo da política populacional da SS do início ao fim da Segunda Guerra Mundial. A germanização, em essência, como Heydrich a compreendia, visava ao controle total sobre as populações conquistadas, à liquidação de seu antigo caráter nacional e ao extermínio de todos os elementos que não pudessem se harmonizar com a ideologia nazista. A utopia de um Grande Império Alemão etnicamente limpo, em que os membros racialmente adequados das populações conquistadas se fundiriam com o *Volk* alemão, devia ser criada por meio da identificação da linhagem racial “valiosa” entre as populações não alemãs e, paralelamente, a expulsão e assassinato dos considerados “racialmente inadequados”.[1028](#)

A guerra no Leste, Himmler disse a Heydrich e outros em junho de 1941, seria “uma luta racial de implacável severidade, no curso da qual 20 ou 30 milhões de eslavos e judeus pereceriam devido a ações militares e a uma crise de suprimento alimentar”. Na primavera de 1942, mais de 2 milhões de soldados soviéticos em cativeiro alemão, juntamente com uma infinidade de judeus e não judeus não combatentes, tinham sido mortos. Outro milhão de civis e prisioneiros de guerra no *Reichskommissariat* da Ucrânia ou vindos de lá perderam a vida. E na Bielorrússia, um território que abrigava 10,6 milhões de habitantes em 1939,

um total de 2,2 milhões de civis e prisioneiros de guerra pereceram durante a ocupação alemã.[1029](#) Mas o que exatamente ia acontecer com as populações sobreviventes? De modo a obter um quadro completo da “linhagem racial” dos territórios recentemente ocupados, do final de 1939 em diante os peritos raciais da SS no Escritório Central de Raça e Assentamento (RuSHA) realizaram “triagens raciais” de milhões de alemães étnicos e não alemães por toda a Europa Oriental ocupada, cujos resultados determinariam o destino do indivíduo.[1030](#)

Procedimentos semelhantes foram aplicados à Alsácia, à Lorena e ao Protetorado da Boêmia e Morávia. Em abril de 1940, o Gabinete do Protetor do Reich decretou que todos os casamentos mistos tcheco-alemães exigiriam aprovação do *Oberlandrat*[1031](#) local, enquanto casamentos entre membros do partido e tchecos, poloneses ou magiares ficariam sob a jurisdição do *gauleiter* local. Oficiais médicos locais, funcionários do partido, burocratas do governo e a polícia submetiam seus próprios relatórios à consideração do *Oberlandrat*. Para coordenar a infinidade de abordagens da germanização do Protetorado, foi realizada uma conferência no gabinete de Neurath em 9 de outubro de 1940. Foram discutidas três estratégias possíveis: primeira, uma transferência populacional em grande escala de todos os tchecos vivendo na Morávia para a Boêmia, criando assim espaço vital para colonos alemães vindos do Leste; segunda e mais radical estratégia, a deportação completa de todos os tchecos do Protetorado para um destino desconhecido; e terceira, a “assimilação” de aproximadamente metade da população tcheca com o “reassentamento” da metade restante.[1032](#)

Hitler se decidiu pela terceira opção: os esforços de germanização no Protetorado deviam ser reforçados pelo protetor do Reich, sendo simultaneamente mantida a fachada da autonomia tcheca pelo tempo que durasse a guerra.[1033](#) A pedido de Himmler, Karl Hermann Frank e o chefe do SD de Praga, Horst Böhme, fizeram preparativos para testar escolares tchecos em janeiro de 1941. Em fevereiro, juntou-se a eles o *SS-Sturmbannführer*[1034](#) Erwin Künzel, que anteriormente instalara o Escritório de Raça e Assentamento em Posen e Litzmannstadt e agora começava a organizar escritórios similares no Protetorado.[1035](#)

Quando tropas alemãs invadiram a União Soviética no verão de 1941, peritos em saúde do Gabinete do Protetor do Reich reuniram oficiais médicos alemães e seus assistentes para aulas da ciência da seleção racial. Ao contrário da Polônia, no entanto, muito pouca gente no Protetorado foi realmente submetida a testes raciais antes da chegada de Heydrich a Praga. A principal preocupação do Gabinete do Protetor do Reich era a contenção dos movimentos clandestinos de resistência e da sabotagem industrial. Além disso, medidas de germanização envolvendo expulsão em grande escala e assentamento tinham poucos defensores zelosos no interior do Protetorado. Como na Polônia ocupada, os quatro *gauleiters* nazistas do Protetorado se opunham à realização em grande escala de testes raciais, pois queriam impedir a desestabilização política ou econômica de seus respectivos domínios.[1036](#)

Ao contrário de Neurath e dos *gauleiters* do Protetorado, no entanto, Heydrich estava genuinamente determinado a realizar a completa germanização da Boêmia e Morávia, lembrando a seus subordinados em várias ocasiões que “todas as tarefas de curto prazo têm de ser cumpridas de

um modo que não comprometa a perfeita execução do objetivo final”.[1037](#) Portanto, um foco estreito no papel de Heydrich no apaziguamento do Protetorado deixa escapar o ponto crucial de que sua pragmática campanha de terror, adoçada por incentivos à colaboração, era apenas uma estratégia de curto prazo que acabaria por dar lugar ao projeto de longo prazo de integrar política, cultural e racialmente o Protetorado no Grande Reich Alemão.[1038](#)

Em seu primeiro discurso oficial em Praga, a 2 de outubro de 1941, Heydrich teceu considerações sobre os objetivos de sua política de longo prazo para o Protetorado e a Europa em geral. O fato de que, em fins de 1941, as massas de terra controladas pela Alemanha nazista se estendiam do Oceano Ártico às orlas do Deserto do Saara, do Atlântico à Ucrânia, deixava-o confiante o bastante para especular publicamente sobre o futuro da Europa. Declarando que a ocupação alemã da Europa “não será temporária, mas permanente”, levantava a questão crucial de como seria a futura ordem europeia pós-guerra. Com um tom “glacial” que chocou inclusive alguns dos antigos representantes do Partido Nazista presentes, Heydrich falou sobre programas de limpeza étnica numa escala historicamente sem precedentes.[1039](#) O objetivo final era a criação de um *Lebensraum* alemão no meio da Europa que incorporaria todos os habitantes germanizáveis: “O futuro do Reich depois do final da guerra depende da capacidade do Reich e da capacidade do povo do Reich para manter, governar e se necessário fundir essas áreas [recém-adquiridas] com o Reich. Depende também das formas... [como vamos] tratar, chefiar essas pessoas e nos fundirmos com elas”. “Essas pessoas” incluíam os noruegueses, holandeses, flamengos, dinamarqueses e suecos, que graças à “má liderança

política e à influência dos judeus” tinham esquecido suas raízes germânicas, mas que seriam finalmente assimilados ao Grande Reich Alemão, sendo tratados como alemães. Nas terras mais a leste, os alemães governariam as populações nativas e utilizariam as matérias-primas das regiões. Um terceiro espaço, que incluía a Polônia Ocidental incorporada, formaria uma Muralha Oriental defronte ao mundo eslavo. Os alemães devem habitar as terras por trás dessa muralha, enquanto “pedaço a pedaço, passo a passo, o elemento polonês [será] tirado de lá”.[1040](#)

O Protetorado estava incluído atrás da Muralha Oriental e ficaria assim dentro do Império Alemão. “A solução final” da questão tcheca, disse Heydrich ao seu público, “tem de ser a seguinte: este espaço ficará de uma vez por todas povoado por alemães.” Historicamente, a Boêmia e a Morávia sempre foram parte da esfera de influência alemã, formando um “bastião do germanismo” e uma “sentinela voltada para leste”. Heydrich, portanto, exigiu que seus subordinados preparassem – por meio de diversas formas de sistemática e pseudocientífica testagem racial – um “quadro geral” que lhe permitisse “ter uma ideia do caráter racial e *völkisch* de toda a população”, assim como um inventário das “pessoas desse espaço que são germanizáveis”.[1041](#)

Tornou-se comum entre alguns historiadores interpretar a guerra de conquista do Terceiro Reich no leste em geral e os programas nazistas de germanização mais especificamente como uma forma alemã de colonialismo.[1042](#) Tais ideias foram inspiradas por declarações feitas por Himmler e pelo Führer, sendo talvez a mais famosa a declaração de Hitler em setembro de 1941 de que “o espaço russo é a nossa Índia e assim como os ingleses a governaram com um

punhado de homens, nós governaremos este nosso espaço colonial”.[1043](#)

Tais citações, no entanto, são enganadoras. As verdadeiras políticas empregadas pelos nazistas na administração dos territórios ocupados tinham pouca semelhança com as técnicas coloniais britânicas ou francesas e de fato enfatizavam as limitações do conhecimento que tinham os nazistas de como era realmente o colonialismo ocidental de além-mar. Em parte alguma da Europa Oriental ocupada, por exemplo, os nazistas empregaram “governo indireto” – um traço característico do imperialismo britânico no início do século XX. As referências frequentes da liderança nazista ao colonialismo ocidental podem ter refletido uma admiração pela capacidade britânica de governar o maior império do mundo com um punhado de funcionários coloniais ou, alternativamente, podem ter sido uma tentativa de justificar a expansão violenta da Alemanha apontando os malfeitos de outras nações europeias, mas dificilmente conseguem provar que os nazistas tenham algum dia tratado ou pretendido tratar as populações da Europa Oriental da mesma maneira como os britânicos trataram os indianos.[1044](#)

Se o colonialismo britânico no início do século XX era caracterizado por uma combinação de desenvolvimento e força, com o objetivo de criar novos mercados comerciais, o “desenvolvimento” da Polônia, da Bielorrússia, da Ucrânia e sem dúvida do Protetorado implicou o aniquilamento físico da elite nativa, na expulsão e possível morte de cerca de 30 milhões de pessoas e na completa erradicação de toda a cultura nativa. Jamais se permitiu que qualquer membro das elites nativas da Europa Oriental seguisse o exemplo de

Nehru ou Gandhi, que estudaram direito nas melhores universidades da metrópole colonial. Além disso, a política de expulsar ou assassinar populações “racialmente inferiores” não era um meio de levar a guerra a uma conclusão triunfante ou de “restaurar a ordem”, como foi com bastante frequência o caso nas guerras coloniais travadas pela Grã-Bretanha e pela França, mas antes um fim em si mesmo. O assassinato em massa, a expulsão e a exploração, unidos ao objetivo de transformar a restante população da Europa centro-oriental em alemães ou escravos, constituíam o propósito mesmo da Operação Barbarossa e do Plano Geral do Leste de julho de 1941.

Mais diretamente relevantes que o colonialismo ocidental para os programas populacionais da SS foram os modelos criados pela Alemanha Imperial e a Áustria dos Habsburgo. Em relação aos vizinhos leste-europeus e às minorias étnicas, tanto a Alemanha quanto a Áustria-Hungria tinham de fato mostrado uma atitude colonial muito antes de 1933. A ideia de uma “missão civilizatória” também fizera parte da política da Alemanha Imperial e da Áustria dos Habsburgo para com suas próprias minorias eslavas. Para Heydrich e os peritos raciais da SS, no entanto, a atitude da Prússia com relação aos poloneses e as políticas dos Habsburgo com relação aos tchecos eram exemplos perfeitos de uma política de construção imperial a *não* ser adotada. Ambos os Estados, Heydrich insistiu, nunca haviam compreendido inteiramente a importância da raça, que ele e seus mais íntimos colaboradores consideravam o único critério para a reordenação da Europa. Nem haviam tentado identificar grupos da população germanizáveis.[1045](#) Abandonando o que via como uma equivocada, obsoleta e negligente política de nacionalidades, Heydrich queria

transformar raça e biologia no princípio orientador da administração. Esse compromisso com a homogeneidade étnica dos Estados da Europa centro-oriental não estava limitado à Alemanha nazista, pois sob patrocínio muito diferente guiara também os Quatorze Pontos de Woodrow Wilson no fim da Primeira Guerra Mundial e, muito especialmente, seu conceito de “autodeterminação nacional”. O que fazia diferença na implementação de tal homogeneidade pela SS era a aderência inabalável ao racismo biológico e a determinação de obter o “desemaranhar dos povos” de modo violento.

Heydrich era, portanto, extremamente contrário às políticas populacionais pré-1914 dos Habsburgo: os “modos antigos” de “transformar este lixo tcheco em alemães” havia fracassado, insistiu em sua declaração de outubro de 1941. Estava na hora de ser guiado unicamente pelo critério “objetivo” da raça. Heydrich prometeu agir de acordo com essa ideia sem novas hesitações: “Quando [a germanização] acontece é uma questão que cabe ao Führer decidir. Mas o planejamento e a coleta de dados brutos podem começar imediatamente”.[1046](#)

O discurso de Heydrich, elogiado por Goebbels como “salutarmente claro” e “exemplar para os territórios ocupados”, recorria às últimas ideias sobre a reordenação da Europa dentro do comando nazista, mais especialmente as articuladas no Plano Geral do Leste, de julho de 1941.[1047](#) No final de junho de 1941, Himmler, na qualidade de comissário do Reich para o fortalecimento da Nacionalidade Alemã, ordenara que um de seus principais planejadores demográficos, o professor Konrad Meyer, elaborasse um plano abrangente de expulsão e reassentamento para a Polônia ocupada. Meyer fora o

principal organizador da exposição “Construção e Planejamento no Leste”, que Himmler e Heydrich tinham visitado em Berlim em 20 de março de 1941. Os dois ficaram tão impressionados com as vilas-modelo de Meyer para colonos alemães que Himmler encarregou-o de desenvolver um grande projeto para o futuro do território conquistado: o Plano Geral do Leste.[1048](#)

Em 15 julho, somente três semanas depois de receber a ordem de Himmler, Meyer apresentou a primeira versão de seu Plano Geral do Leste, que tratava da germanização da Polônia e de suas regiões fronteiriças ocidentais. Nesse meio-tempo, contudo, tropas alemãs já tinham invadido a União Soviética, avançando tão rapidamente que o plano não parecia mais suficientemente ambicioso: apenas um dia depois do primeiro encaminhamento de Meyer, Hitler exigiu a criação de um Jardim do Éden no Leste, uma vasta área de assentamento para alemães nas regiões do Báltico, na Bielorrússia, na Ucrânia e na Crimeia. Himmler conseqüentemente ordenou que Meyer estendesse o plano para a União Soviética. Seus objetivos, a serem implementados durante os próximos 20 a 30 anos, consideravam que grandes efetivos de alemães étnicos seriam transplantados para o Leste ocupado, onde viveriam num sistema neofeudal de fazendas e vilas-modelo, intercaladas com postos avançados da SS pesadamente armados ao longo de duas importantes rotas de comunicação, levando respectivamente a Leningrado e à Crimeia. A grande maioria da população local deveria ser expulsa, enquanto uma pequena minoria seria retida como serva. Na fronteira mais oriental do novo império germânico, ao longo dos Urais, vilas militares protegeriam a fronteira contra as hordas bárbaras do Leste.[1049](#)

O discurso de Heydrich no Palácio Černín estava, portanto, informado pelas últimas ideias que emanavam de Hitler, Himmler e vários peritos raciais da SS, incluindo uma série de acadêmicos proeminentes baseados em Praga, como Karl Valentin Müller e Hans Joachim Beyer.[1050](#) Müller, um antropólogo social com experiência em eugenia e excelentes contatos no RSHA, teve uma influência particularmente forte sobre a percepção que tinha Heydrich do problema da germanização no Protetorado. Em 6 de novembro de 1941, logo depois da chegada de Heydrich à Boêmia e Morávia, Müller foi indicado para uma cadeira recém-criada de antropologia social em Praga, onde dedicou a maior parte de seu tempo à pesquisa de problemas de “reengenharia étnica [*Umvolkung*]” e germanização, cujos resultados eram de “máximo interesse para o protetor do Reich”.[1051](#)

Müller sustentava que uma proporção substancial da população tcheca era de origem alemã, mas que tivera o sangue misturado e contaminado por influências eslavas. Recuperar e cultivar esse sangue alemão, Müller argumentava, era imperativo para todo o processo de germanização.[1052](#) Ele se estendeu nessa linha de pensamento em dois memorandos que submeteu ao chefe do SD de Praga, Horst Böhme, no outono de 1941, afirmando que aproximadamente 50% da população tcheca continha valioso sangue alemão - uma estimativa que Heydrich colheu imediatamente do relatório.[1053](#)

Hans Joachim Beyer foi o segundo demógrafo a ter um grande impacto sobre o pensamento de Heydrich. Nascido perto de Hamburgo, em 1908, Beyer estudara história, direito e antropologia, ingressando oportunamente na SA em julho de 1933. Em 1935 publicara seu primeiro livro, no

qual sustentava que a Boêmia fora tradicionalmente uma área de povoamento alemão. Só depois das devastações provocadas pelas Guerras Boêmias do início do século XV contra e entre os seguidores de Jan Hus, os tchecos haviam começado a exceder em número os povoadores alemães. Revisar essa aberração histórica, Beyer sugeriu, era de suma importância.[1054](#)

No correr dos anos seguintes, Beyer continuou a trabalhar em seu conceito dual de “despoamento” e “repovoamento”, sustentando entre outras coisas que os alemães étnicos deviam se desassimilar de seus vizinhos eslavos, que casamentos racialmente mistos somente deveriam ser celebrados com parceiros de sangue “aparentado” e que os povos da Europa Oriental deveriam ser classificados conforme o grau de influências genéticas alemãs.[1055](#) Os tchecos, ele insistiu, tinham a maior proporção de sangue alemão, que precisava ser “recuperada”.[1056](#) Essas ideias radicais atraíram rapidamente a atenção dos planejadores populacionais da SS e, em 1938, Beyer foi recrutado para o SD. Os memorandos também deram um grande impulso à sua carreira acadêmica. Em 1940, aos 32 anos de idade, deram-lhe uma cátedra de prestígio na Friedrich-Wilhelms-Universität, de Berlim, mas ele continuou a trabalhar simultaneamente para o RSHA de Heydrich. Em 1941, como conselheiro etnopolítico do *Einsatzgruppe C* da SS, marchou para Lemberg, onde intelectuais poloneses cujos nomes tinham sido adicionados a uma lista de prisões compilada pelo próprio Beyer foram assassinados. As experiências e impressões da Galícia formaram a base empírica de suas publicações acadêmicas seguintes, nas quais descrevia a liderança polonesa, “contaminada” por sangue judeu, como um grupo de pessoas fora dos limites da sociedade

européia, que jamais deveriam ser autorizadas a desempenhar novamente um papel na história do continente.[1057](#)

Depois de uma breve passagem de Beyer pela Universidade do Reich, em Posen, em setembro de 1941, Heydrich insistiu em sua transferência para a Universidade Alemã, em Praga, onde ele atuou como principal assessor demográfico de Heydrich e diretor do Instituto de Antropologia Europeia e Psicologia dos Povos dentro da recém-criada Fundação Reinhard Heydrich, uma organização guarda-chuva para todas as instituições acadêmicas de Praga, com um foco no estudo antropológico e demográfico do leste e do sudeste europeus.[1058](#)

Munido com o conhecimento pseudocientífico colhido nos memorandos de Müller e Beyer, assim como no Plano Geral do Leste de Meyer, Heydrich falava confidencialmente sobre hierarquias raciais nos territórios recém-conquistados, hierarquias onde os poloneses, os ucranianos do leste e os bielorrussos, que tinham sido “contaminados” por se misturarem com diferentes povos soviéticos e por ideias bolcheviques, assumiam as posições mais baixas. Alguns dos povos bálticos vizinhos eram menos inferiores racialmente que outros. “Os melhores elementos raciais são encontrados entre os estonianos”, Heydrich declarou com absoluta certeza, “por causa da influência sueca; depois vêm os letões, com os lituanos sendo os piores de todos.”[1059](#)

Também para o Protetorado Heydrich imaginou categorias em que os indivíduos podiam ser colocados. Tchecos “racialmente bons” e “bem-intencionados”, ele anunciou, certamente se tornariam alemães. Tchecos “racialmente maus” e “mal-intencionados” seriam “removidos” para os

“amplos espaços” do Leste. Tchecos racialmente inferiores com boas intenções seriam esterilizados e depois reassentados no Antigo Reich, onde seriam utilizados como trabalhadores escravos. Tchecos “mal-intencionados”, mas “racialmente bons”, “os mais perigosos de todos”, seriam “postos contra a parede”. Dois terços da população se encaixariam imediatamente em uma ou outra categoria. As pessoas restantes, menos facilmente rotuláveis, seriam classificadas no prazo de alguns anos.[1060](#)

Novamente aqui, Heydrich recorria a categorias e políticas raciais que tinham sido implementadas pela primeira vez em 1939 e 1940 na Polônia ocupada pelos nazistas. Confrontados com a estonteante complexidade étnica da Europa centro-oriental, Himmler e os peritos em raça do RuSHA haviam criado quatro categorias de valor racial correspondendo às que tinham sido previamente aplicadas aos que se candidatavam à SS: as categorias eram “racialmente ótimo”, “bom ou médio”, “casos limítrofes” e “racialmente inapto e sangue alheio”. Essa classificação de pessoas como “desejáveis” ou “indesejáveis” ia guiar a política populacional nazista e toda a reconstrução étnica da Europa.[1061](#)

Além disso, em 30 de setembro de 1941, Himmler havia decretado que candidatos em “caso limítrofe”, que tivessem previamente adquirido cidadania alemã graças a uma colocação na chamada Lista do Povo (a *Volksliste*, introduzida inicialmente por Arthur Greiser, *gauleiter* de Wartheland, como meio de registrar cidadãos alemães em seu domínio) sob pretexto de “mérito político”, de qualidades sociais ou aptidões para idiomas deveriam ser reexaminados conforme critérios raciais. Todas as pessoas com raízes alemãs “incertas” – totalizando mais de 1 milhão

de pessoas - seriam testadas do final de 1941 em diante e os resultados introduzidos no cartão de identidade racial do indivíduo (*Kennkarte*).[1062](#) Heydrich, cujo RSHA supervisionava as atividades tanto da Agência Central de Emigração (UWZ), responsável pela expulsão e a coleta de dados raciais, quanto da Agência Central de Imigração (EWZ), encarregada de naturalizar alemães étnicos de territórios antes não alemães, estava familiarizado com os problemas subjacentes de “engenharia étnica”.[1063](#) No início de fevereiro de 1942, incentivado pela reunião que tivera com Hitler havia menos de uma semana, Heydrich aludiu mais uma vez à germanização como o objetivo final do domínio nazista no Protetorado:[1064](#)

Eu gostaria de sublinhar claramente, como nosso princípio interno, que a germanização é o pretendido, mas só para aqueles que são genuinamente germanizáveis. Isso requer que comecemos agora, reservadamente, a empreender um inventário racial. É de todo claro: se quero germanizar, tenho de saber primeiro quem é germanizável. Ainda trabalho com uma estimativa entre 40% e 60%. Esse inventário racial prosseguirá agora por meio de um cartão de identidade... Usando cartões de identidade, seremos provavelmente capazes de peneirar por volta de um terço daqueles que, para começar, não são germanizáveis e talvez possamos identificar outro terço dos que consideramos superficialmente germanizáveis. Sobrará assim aproximadamente um terço da população, que ainda terá de ser testada num breve exame inicial. Isso significa que podemos reduzir de três anos a um o tempo necessário para o inventário racial, o que é ao mesmo tempo prático e desejável.[1065](#)

Heydrich não especificou exatamente como os peritos raciais encaixariam os tchecos numa dessas categorias raciais. Ao contrário de classificar judeus e ciganos, que afinal eram minorias relativamente pequenas, testar quem seria germanizável envolvia a totalidade da população

tcheca. A questão ficava ainda mais complicada pelo fato de que não havia uma definição sem ambiguidades do que constituía um eslavo ou um alemão.[1066](#) Heydrich afirmava que alemães reais ou potenciais poderiam ser reconhecidos pelos olhos azuis, corpo agradável, estatura e cabeças bem formadas. Contudo, ele também estava surpreendentemente aberto a uma compreensão não biológica da germanidade: frequentemente, ele argumentava, eram características não físicas que revelavam uma herança alemã. Casas limpas, virilidade, moralidade sexual e comportamento social eram critérios de admissão. Os tchecos mais dispostos a serem alemães, esses “canalhas sem princípios” e “lixo”, eram os candidatos menos apropriados. Ironicamente, Heydrich sentia que eram os patriotas tchecos, dedicados à sua causa, saudáveis e independentes, que constituiriam os melhores alemães.[1067](#)

Como Heydrich assinalou em diferentes ocasiões, a situação no Protetorado era particularmente complicada, já que todos os tchecos mais proeminentes tinham algum sangue alemão. A mãe de Alois Eliáš, ele disse a Hitler, tinha uma aparência de alemã.[1068](#) Os “belos olhos azuis” de Jaroslav Krejčí, Heydrich concluiu, indicavam que o recém-nomeado ministro da Justiça tcheco tinha certamente uma raiz alemã. Hácha, por outro lado, foi considerado “incapaz de germanização” por Heydrich porque “está sempre doente, chega com voz trêmula e tenta despertar uma compaixão que exija nossa clemência”. Como Heydrich deixou claro, comportamento, disposição mental e fisionomia poderiam ser indicadores fundamentais da “essência racial” de alguém.[1069](#)

Como único executivo importante da SS ocupando posições-chave tanto no centro do Império Nazista quanto em sua periferia territorial, a habilitação de Heydrich para desenhar e impulsionar políticas nazistas de germanização não tinha paralelo na Europa. Nenhuma outra administração na Europa controlada pelos nazistas - com a possível exceção do Warthegau de Greiser - jamais tentou executar uma política tão ambiciosa de classificação e separação racial num espaço de tempo tão curto. Sob o governo de Heydrich em Praga, o processo de testagem e registro intensificou-se dramaticamente. No outono de 1941, seu escritório anunciou planos para fazer os peritos do Escritório de Raça e Assentamento examinarem mulheres tchecas que tinham se casado com alemães antes da ocupação. Também a serem examinadas estavam as crianças nascidas de matrimônio de parceiros tchecos e alemães. Em maio, Heydrich informou a Bormann que os peritos do Escritório de Raça e Assentamento tinham circulado amplamente pelo Protetorado. O objetivo era elaborar um perfil racialmente ordenado da sociedade, tudo feito sob a camuflagem de uma campanha contra a tuberculose abrangendo todo o Protetorado.[1070](#)

Embora visando contribuir para a meta distante da germanização, os esquemas de testagem e de registro de Heydrich tinham consequências imediatas para os habitantes do Protetorado. Um tcheco “racialmente inadequado” que tivesse intercurso sexual com uma alemã era mandado para um campo de concentração. Quando um casamento era aprovado, o homem que se candidatava era identificado como alemão, tanto aos olhos dos compatriotas quanto do Estado, e era portanto tratado de outro modo. Exigia-se que mães tchecas casadas com alemães criassem

os filhos como alemães. Não fazer isso significava ter os filhos encaminhados para adoção. Quem não estivesse portando um novo cartão de identidade, o *Kennkarte*, era imediatamente preso, o que permitia que as autoridades policiais capturassem mais facilmente paraquedistas, *partisans* e judeus escondidos.[1071](#)

Outro importante instrumento das políticas de germanização de Heydrich no Protetorado foi o chamado Escritório da Terra (*Bodenamt*), um centro gestor de bens imóveis controlado pela SS e encarregado de identificar e confiscar propriedades tchecas com vistas à germanização.[1072](#) Já em 17 de outubro de 1941, Heydrich anunciara a membros graduados de seu pessoal em Praga que o Escritório da Terra era “a única agência apropriada” para a gradual germanização do Leste”.[1073](#) Sua ideia de criar “ilhas de germanismo” em áreas eslavas densamente povoadas por meio do confisco de propriedades tchecas forneceu inspiração para os extensos projetos de assentamento implementados por Himmler na Ucrânia, em particular na região em torno de Zhitomir, no verão de 1942.[1074](#)

Heydrich nomeou rapidamente o diretor que escolhera, o oficial da SS Ferdinand Fischer, alemão dos Sudetos, que servira no SD de Praga desde 1939.[1075](#) Fischer passou os meses seguintes expulsando os proprietários das propriedades selecionadas - não apenas judeus, mas também beneficiários das reformas agrárias tchecas das décadas de 1920 e 1930, bem como aristocratas que tinham declarado sua lealdade à República Tcheca em 17 de setembro de 1938 -, abrindo espaço para aproximadamente 6 mil colonos alemães vindos particularmente da Bessarábia, de Bucovina, de Dobruja, da Transilvânia, do

Tirol do Sul e dos Sudetos.[1076](#) Na primavera de 1942, o Escritório da Terra em Praga administrava quase 80 propriedades confiscadas com 46 mil hectares de terra. Mais de 11 mil hectares de terra seriam adicionados nos próximos dezoito meses. Em maio de 1942, mais de 15 mil habitantes do Protetorado haviam sido deslocados de seus lares.[1077](#)

Os programas de assentamento de Heydrich ilustram a natureza não realista, fantástica mesmo, dos planos de germanização nazistas: a SS expropriou enormes extensões de terra, mas encontrar alemães dispostos a cultivá-las era um desafio muito maior. Em outubro de 1940, os alemães constituíam apenas 3,5% da população do Protetorado e poucos queriam juntar-se a eles. Em vez dos 150 mil alemães étnicos que Heydrich esperava reassentar no Protetorado, menos de 6 mil decidiram realmente mudar-se para lá durante a Segunda Guerra Mundial.[1078](#) Heydrich e Himmler tinham decidido resolver o problema, basicamente fruto da imaginação, de que a Alemanha era um “povo sem espaço”, mas o que de fato fizeram foi criar espaços sem povo. Heydrich, contudo, não era de desistir facilmente: consciente de que a Alemanha não tinha o excedente de população necessário para povoar os vastos territórios conquistados, ele sustentou que, naquele momento, seria suficiente ter uma “classe de amos” alemães para supervisionar os trabalhadores de origem tcheca que, de outro modo, ficariam “sem liderança”.[1079](#)

Para promover sua meta de germanização, Heydrich pôs homens de confiança da SS à frente de centros de pesquisa em Praga, muitos dos quais haviam influenciado ou participado diretamente da testagem racial na Polônia e regiões mais a leste.[1080](#) Quase sem encontrar obstáculos,

seus peritos raciais caíram sobre trabalhadores forçados, escolares e, finalmente, a população em geral. Um dos primeiros atos de Heydrich como protetor do Reich foi corrigir “erros chocantes” nos programas anteriores de germanização do Protetorado. Neurath e os *Oberlandräte*, disse Heydrich furioso, tinham permitido que “elementos racialmente imperfeitos e sociais” se tornassem alemães, aludindo aos aproximadamente 20 mil tchecos – 6 mil só em Praga – que haviam subitamente “se lembrado” de sua herança alemã quando a ocupação nazista começou. A comunidade alemã legal estava cheia do que Heydrich chamou “alemães margarina”: pessoas cuja única razão para mudar de cidadania fora conseguir maiores rações de comida e outros privilégios.[1081](#)

Estarrecido com o “fato” de uma alta percentagem de “gentalha” tcheca ter obtido cidadania alemã, Heydrich ordenou, em abril de 1942, que seus peritos raciais tornassem a testar *todos* os candidatos que anteriormente haviam solicitado com êxito a cidadania alemã. Homens de paletós brancos tiveram de passar novamente por júris de classificação que decidiriam quais dos tchecos que despiam e mediam eram “regermanizáveis”. Pessoas consideradas “incapazes de regermanização” teriam sua cidadania anulada. Antes mesmo disso, em outubro, funcionários do Escritório de Raça e Assentamento tinham começado a rever pedidos de cidadania “questionáveis” e, na primavera do ano seguinte, Heydrich ordenou que os peritos raciais da agência resolvessem todos os casos ainda não decididos – um total de 12.368 em fins de 1941. Entretanto, como na Polônia incorporada, continuou a haver incoerência, rivalidades burocráticas e intransigência individual. Em Iglau, só 10% dos requerentes receberam cidadania alemã

em seguida à intervenção da SS; em Pilsen, 78% adquiriram a nacionalidade alemã.[1082](#)

Em fevereiro de 1942, duas semanas após a Conferência de Wannsee, Heydrich anunciou a funcionários do Protetorado um “novo modo” de avançar no processo de germanização: tchecos de 17 e 18 anos seriam reunidos em campos de trabalho, onde seriam submetidos a testes raciais.[1083](#) Inspirado por programas implementados em 1939 e 1940 na Polônia ocupada, ele insistiu que aqueles “capazes de se tornarem alemães” seriam designados para trabalhar no Antigo Reich, onde seriam “reeducados” como alemães. Isso traria o benefício adicional de fornecer à indústria e à agricultura alemãs mão de obra barata que – ao contrário de outros trabalhadores escravos de linhagem racial mais questionável – não representaria “perigo racial” para o *Volk* alemão. Os jovens não germanizáveis, e talvez suas famílias, seriam embarcados para a Sibéria, onde poderiam servir de “supervisores para os 11 milhões de judeus da Europa”. Para evitar “um balanço desnecessário do barco” enquanto durasse a guerra, Heydrich propunha “por ora” um meio “não brutal, não violento” de implementar sua política de germanização no Protetorado: permitiria que os deportados levassem as famílias com eles, acelerando assim a velocidade da limpeza étnica na região.[1084](#)

Embora se mantivesse bem consciente das exigências do período de guerra, Heydrich insistia que o imperativo da ideologia racial guiaria as políticas nazistas no Protetorado assim que a situação militar permitisse a deportação de tchecos racialmente indesejáveis. Embora os judeus estivessem destinados ao extermínio imediato, outros tchecos racialmente indesejáveis seriam logo que possível

submetidos à deportação. Levando os comentários de Heydrich à sua conclusão lógica, os tchecos poderiam perfeitamente bem estar apenas a meses de distância do tipo de deportações que os judeus da Europa estavam enfrentando na primavera de 1942.[1085](#) A solução de Heydrich para o “problema tcheco” era assim parte de um discurso nazista mais amplo sobre o que fazer com eslavos não germanizáveis de um lado a outro da Europa Oriental. Segundo estimativas dos planejadores populacionais da SS, pelo menos 40 milhões de pessoas habitavam as regiões visadas para germanização, das quais mais de 30 milhões eram consideradas racialmente indesejáveis. Isso incluía assombrosos 80% da população polonesa, 64% de bielorrussos, 75% de ucranianos e metade dos tchecos. Mesmo dentro do círculo mais fechado dos planejadores populacionais da SS, o destino exato dessas populações eslavas não desejadas permanecia incerto. No início de setembro de 1941, o chefe da Agência Central de Reassentamento em Posen, Rolf Heinz Höppner, escreveu a Adolf Eichmann perguntando sobre o destino dos que não eram germanizáveis. Ele observou que “é essencial que sejamos totalmente claros desde o início sobre o que deve finalmente ser feito com as populações deslocadas que são indesejáveis para as áreas de assentamento da Grande Alemanha. A meta é assegurar-lhes permanentemente algum tipo de subsistência ou elas deveriam ser totalmente erradicadas?”[1086](#) Heydrich favorece claramente a segunda opção, esperando erradicar todas as populações indesejáveis do *Lebensraum* alemão custe o que custar, mas nem ele nem Himmler tinham o poder de tomar uma decisão de tão amplo alcance sem consultar a mais alta autoridade da Alemanha nazista. Sobre a questão crucial do

destino de milhões de não alemães na Europa Oriental, Heydrich e Himmler ainda esperavam ansiosamente a decisão final de Hitler.

Holocausto

Enquanto, segundo Heydrich, aproximadamente metade da população tcheca emergiria do processo de engenharia étnica dos anos vindouros como alemã, o objetivo supremo para a população judaica do Protetorado era fundamentalmente diferente: a meta dos programas antijudaicos nazistas era a exclusão imediata, depois a deportação e, por fim, o extermínio.

Como era de se esperar, a chegada de Heydrich a Praga levou a uma radicalização decisiva dos programas antijudaicos no Protetorado. Já em 29 de setembro de 1941, judeus em casamentos mistos com parceiros tchecos, que até então tinham sido dispensados de usar a estrela amarela, tiveram a dispensa revogada. Todas as sinagogas foram fechadas e os não judeus que continuaram a interagir socialmente com judeus foram ameaçados de prisão preventiva.[1087](#) Numa de suas primeiras conferências de imprensa no Castelo de Praga, Heydrich falou aos jornalistas ali reunidos de sua “crença fundamental” que:

O judaísmo representa um perigo racial e espiritual para os povos. As experiências da Alemanha e, para os que são razoáveis, também as experiências do Protetorado, confirmam esse ponto de vista. O objetivo do Reich será e deve ser não só eliminar a influência do judaísmo sobre os povos da Europa mas, até onde isso for possível, reassentar os judeus fora da Europa. Todas as outras medidas são... estágios na trilha para esse objetivo final. Decidi executar esses estágios no Protetorado da forma mais consistente e rápida possível. O primeiro passo no futuro imediato será a concentração dos judeus numa cidade ou em parte de uma cidade... como ponto de agrupamento e como solução transitória para a evacuação já iniciada. Os primeiros 5 mil judeus deixarão o Protetorado no decorrer das

próximas semanas. Não é preciso dizer que os judeus que se dedicaram como parasitas ao mercado negro, ao abate ilegal de gado etc., serão levados a trabalhar de um modo ordeiro, que sirva à comunidade... Com relação àqueles que, por razões de oposição ou devido a uma falta de compreensão, acreditam que devem continuar a manter relações abertas ou secretas com os judeus ou expressam simpatia por eles, reservo-me o direito de aplicar também a eles as medidas previamente esboçadas.[1088](#)

No dia seguinte, 6 de outubro, Heydrich exigiu que o governo do Protetorado demitisse ou aposentasse imediatamente todos os “mestiços judeus e funcionários públicos com parentes judeus”, que até então não tinham sido perseguidos. Exceções, como as de *Mischlinge* judeus que já eram funcionários públicos antes de 1914 e tinham servido na Primeira Guerra Mundial, requeriam a aprovação explícita do próprio Heydrich.[1089](#)

Na primavera de 1942, Heydrich levou mais à frente seus programas contra os “mestiços”, ordenando que todos os *Mischlinge* que haviam obtido cidadania do Reich sob o regime “frouxo” de Neurath deviam passar por uma testagem racial “adequada”. Outro decreto proibia os nativos do Protetorado de desposarem judeus, enquanto os *Mischlinge* de primeiro grau só poderiam casar-se com tchecos com a permissão do Ministério do Interior. O Protetorado, sob a égide de Heydrich, estava portanto entre os primeiros territórios ocupados a submeter à triagem *Mischlinge* judeus e a revogar sua cidadania alemã se fossem considerados um “acréscimo de população indesejável”.[1090](#)

Seguindo as ordens de Heydrich, o diretor da Agência Central para a Emigração Judaica em Praga, Hans Günther, apresentou no início de outubro de 1941 um levantamento estatístico sobre os preparativos para a “solução final do

problema judaico” no Protetorado. De acordo com esse relatório, pouco mais de 118 mil judeus (como definidos pelas Leis de Nuremberg) estavam vivendo no Protetorado no início da ocupação alemã em março de 1939. Desse número, quase 26 mil já haviam emigrado em 1º de outubro de 1941. Devido à baixa taxa de nascimento no mesmo período, apenas 88.105 judeus ainda estavam morando no Protetorado na época da chegada de Heydrich a Praga.[1091](#)

Entre fins de 1941 e o outono de 1944, as autoridades alemãs deportaram quase 74 mil judeus do Protetorado para Theresienstadt, 60 quilômetros a noroeste de Praga. Theresienstadt serviu como campo de trânsito para os judeus do Protetorado a caminho de vários locais de extermínio na Europa Oriental, particularmente, de 1942 em diante, para Auschwitz. Dos 82.309 judeus deportados do Protetorado durante a guerra, os alemães e seus colaboradores ucranianos, bálticos e russos mataram aproximadamente 77 mil homens, mulheres e crianças. Só 14 mil judeus do Protetorado sobreviveram ao fim da Segunda Guerra Mundial.[1092](#)

Heydrich estava determinado a resolver também o “problema cigano” do Protetorado de maneira semelhante. Nos meses que antecederam sua chegada a Praga, a polícia havia recolhido centenas de “ciganos errantes” ou “vagabundos”, sugerindo que “cigano” ainda era considerado basicamente uma categoria criminosa, em vez de racial, que incluía toda uma série de elementos sociais. Quando de sua chegada, Heydrich inseriu critérios raciais na definição de “cigano”, ampliando assim o critério para a perseguição. Em outubro de 1941, Heydrich mencionou que queria “evacuar” todos os ciganos que viviam na Boêmia e na Morávia.[1093](#) Na primavera

seguinte, ordenou que seus cartões de identidade fossem marcados com um “Z”, de *zigeuner*, a palavra alemã para “cigano”. No total, 6.500 pessoas no Protetorado se encaixavam nessa categoria. Pelo menos 3 mil delas foram assassinadas no campo cigano em Auschwitz-Birkenau e outras 533 morreram em campos especiais em Lety e Hodonín no Protetorado.[1094](#) Contudo, o vigoroso empenho de Heydrich pelo extermínio total dos ciganos do Protetorado foi antes a exceção que a regra na Europa ocupada pelos nazistas. Até bem o final da guerra, continuou sendo incerto se todos os ciganos dentro da esfera de influência alemã seriam assassinados. No verão de 1942, por exemplo, Himmler deu uma ordem explícita que, no caso de ciganos com moradias permanentes no Governo Geral, a “intervenção da polícia” era desnecessária.[1095](#)

A velocidade acelerada da implementação de programas nazistas anticiganos e antijudaicos deveu-se em grande parte ao próprio ativismo de Heydrich, estimulado pela decisão de Hitler, em meados de setembro de 1941, de “tornar o Antigo Reich, assim como o Protetorado, de leste a oeste, livres de judeus o mais breve possível”. Hitler, no entanto, insistia para que o progresso das deportações ficasse dependente do desenvolvimento da situação militar.[1096](#) Ainda assim, Heydrich esperava ser capaz de reassentar os judeus do Antigo Reich e do Protetorado temporariamente nos antigos territórios poloneses, particularmente no gueto de Łódź e depois, em caráter mais permanente, mais para leste, assim que a situação militar permitisse isso.[1097](#)

Em vista da irremediável superlotação do gueto e dos fortes protestos das autoridades alemãs locais, só 20 mil

judeus e 5 mil ciganos do Protetorado, Berlim e Viena foram realmente deportados para Łódź na segunda metade de outubro. Durante os três meses seguintes, mais 30 mil judeus foram deportados para Minsk e Riga. O que aconteceu a eles foi extremamente variável. Aqueles mandados para Łódź foram internados no gueto, onde as condições de vida eram aterradoras, mas os internos não foram imediatamente assassinados. Os judeus despachados para Riga, por outro lado, chegaram antes de a construção do gueto estar concluída. Por esse motivo os cinco transportes foram mandados para Kaunas, na Lituânia, onde todos os deportados foram assassinados na chegada ao infame Fort IX.[1098](#)

Num encontro dos principais representantes da SS no Protetorado, em 10 de outubro de 1941, novas medidas para a solução do problema judaico foram discutidas. Sob a presidência de Heydrich e na presença de Eichmann, seu principal assessor para assuntos judaicos, o encontro definiu que aproximadamente 88 mil judeus ainda estavam vivendo no Protetorado, cerca de metade deles em Praga. Nesse estágio Heydrich ainda pensava que poderia evacuar 50 mil dos judeus mais “incômodos” do Protetorado – aqueles menos capazes de trabalhar – para Riga e Minsk. Ele acreditava ainda que Arthur Nebe e Otto Rasch, chefes de dois dos quatro *Einsatzgruppen* operando no território soviético ocupado, poderiam concentrar alguns dos judeus deportados “nos campos para prisioneiros comunistas da área operacional”. No caso de judeus que não estavam nas primeiras listas de deportação, Heydrich planejou criar guetos separados para aqueles capazes de trabalhar e aqueles dependentes de socorro (*Versorgungslager*). Ele previu claramente taxas muito baixas de sobrevivência,

considerando que as comunidades judaicas restantes sofreriam elevadas taxas de mortalidade antes mesmo de serem embarcadas nos trens para o Leste.[1099](#)

Uma semana depois, em 17 de outubro, Heydrich introduziu pela primeira vez a ideia de converter a praça forte[1100](#) de Theresienstadt num ponto temporário de agrupamento e campo de trânsito para judeus deportados, exigindo que “em nenhuma circunstância deveria mesmo o menor detalhe” desse plano chegar ao conhecimento do público em geral.[1101](#) Os quartéis da cidade seriam evacuados e a população civil reassentada. Heydrich esperava confiante que a evacuação dos judeus do Protetorado para Theresienstadt acontecesse rapidamente. Todo dia, dois ou três trens partiriam para o campo, cada um levando mil judeus deportados. Heydrich presumia que Theresienstadt seria capaz de acomodar “confortavelmente” de 50 mil a 60 mil judeus, mas no final do ano somente 7.350 pessoas haviam sido “reassentadas” em Theresienstadt. Com exceção dos judeus que haviam sido deportados para Łódź, só um único transporte - de Brno a Minsk - pôde ser executado com presteza.[1102](#)

Antes que os primeiros deportados judeus chegassem a Theresienstadt em 24 de novembro, outra ideia relativa à função futura desse gueto começara a tomar forma na mente de Heydrich. Como Goebbels anotou em 18 de novembro de 1941, em seguida a uma reunião com ele em Berlim, o protetor do Reich planejava consolidar Theresienstadt como um “gueto de velhos” para judeus alemães cuja deportação continuava a trazer “imprevistas dificuldades”.[1103](#)

A Conferência de Wannsee de janeiro de 1942 confirmou esse papel para Theresienstadt. Judeus alemães e

austríacos com mais de 65 anos, inválidos de guerra judeus e veteranos judeus condecorados da Primeira Guerra Mundial não seriam “evacuados” para o Leste, mas sim “transferidos” para o gueto dos velhos em Theresienstadt. Essa solução resolveria o previsível problema de intervenções e objeções partidas do seio da população alemã. Além disso, a criação de um gueto de velhos enganaria os internos de Theresienstadt acerca de seu destino futuro. Os alemães ainda viam Theresienstadt apenas como um campo de trânsito do qual os prisioneiros seriam deportados para o Leste, para serem assassinados ou usados em trabalho forçado. Na verdade, o primeiro transporte para leste de Theresienstadt partira em 9 de janeiro de 1942. Dos quase 87 mil internos de Theresienstadt deportados para o Leste, aproximadamente 84 mil morreram antes do final da guerra.[1104](#)

Logo depois do início das deportações de Theresienstadt, a política de extermínio de judeus dos nazistas se desenvolveu mais. Até esse ponto, assassinatos em massa de judeus, metódicos e indiscriminados, tinham ficado restritos a certas áreas geográficas, particularmente à Sérvia e aos territórios da União Soviética, onde, no final de 1941, entre 500 mil e 800 mil judeus de todas as idades e de ambos os sexos haviam sido assassinados pelos alemães e seus ajudantes locais.[1105](#)

Na primavera de 1942, a implementação pan-europeia do Holocausto começou a tomar forma. É provável que Heydrich e Himmler tenham buscado a autorização de Hitler para uma “terceira onda” de deportações do Reich para o distrito de Lublin durante a reunião que tiveram com o Führer em 30 de janeiro de 1942. Nenhum registro desse encontro sobreviveu, mas um dia apenas depois da reunião,

numa carta dirigida a todas as agências da Gestapo, Adolf Eichmann anunciava que “as recentes evacuações de judeus de áreas individuais para o Leste” marcavam “o início da solução final da questão judaica” no Reich e no Protetorado.[1106](#)

No início de março, Eichmann refinara os planos para essas deportações. Durante uma reunião na sede da Gestapo em Berlim, em 9 de março, ele explicou que no decorrer dos próximos meses 55 mil judeus seriam deportados do Reich e do Protetorado para uma série de guetos no distrito de Lublin. Também anunciou que a maioria dos judeus restantes, judeus alemães idosos, seriam deportados do Reich para Theresienstadt no decorrer do verão ou do outono de 1942.[1107](#) Heydrich, que acabara de voltar de uma folga relaxante que passara nos Alpes bávaros, esquiando com a família, ficou satisfeito com o progresso realizado durante sua ausência.[1108](#) Em 11, 12 e 13 de março, ele e Himmler discutiram o progresso da solução para o problema judaico. Pouco antes de os trens da deportação chegarem, o chefe de polícia e comandante da SS no distrito de Lublin, Odilo Globocnik, livrou o gueto de Lublin de seus habitantes, fuzilando sumariamente milhares de judeus poloneses entre 16 de março e 20 de abril e deportando outros 30 mil para Belzec, onde foram mortos em câmara de gás.[1109](#)

As miseráveis condições de vida nos guetos ao redor de Lublin - em Izbica, Piaska, Zamocs e Trawniki - indicavam que uma grande maioria dos deportados alemães, austríacos e eslovacos morriam poucos meses depois da chegada. Aqueles judeus que haviam sido deportados do Reich para Łódź durante o outono anterior e que tinham sobrevivido às condições devastadoras do gueto de Łódź -

quase 11 mil pessoas no total – foram deportados para Chelmno entre 4 e 15 de maio e assassinados em furgões de gás estacionados.[1110](#) Heydrich, nesse meio-tempo, decidiu começar a desocupação do gueto de Theresienstadt, basicamente para criar espaço para novas chegadas.[1111](#)

Em março de 1942, as deportações foram também estendidas à Eslováquia e à França. Segundo os termos de um acordo com a Eslováquia, cerca de 4.500 jovens judeus “aptos para o trabalho” foram deportados para Majdanek, no distrito de Lublin, e quatro cargas ferroviárias adicionais de mulheres jovens foram mandadas para Auschwitz entre 26 de março e 7 de abril.[1112](#) Em 10 de abril, Heydrich viajou para Bratislava para se encontrar com o primeiro-ministro eslovaco, Vojtech Tuka, que declarou a disposição de seu governo para deportar *todos* os mais de 70 mil judeus da Eslováquia. As deportações da Eslováquia começaram no dia seguinte – um acontecimento importante, visto que a Eslováquia era o primeiro Estado fora do controle alemão direto a concordar com a deportação de seus cidadãos judeus. Em 20 de junho, sete trens da Eslováquia haviam chegado a Auschwitz, onde os deportados foram usados como trabalhadores escravos. Outros 34 transportes foram mandados para guetos no distrito de Lublin, onde os deportados eslovacos substituíram os habitantes judeus que tinham sido previamente mandados para os campos de extermínio de Sobibor e Belzec. Como Heydrich explicou a Tuka durante a visita a Bratislava, a deportação de judeus da Eslováquia era apenas parte de um programa muito mais amplo de reassentamento, que afetaria não só a Eslováquia, o Reich e o Protetorado, mas também a Europa Ocidental, incluindo os Países Baixos, a Bélgica e a França.[1113](#)

Na França, de onde mil reféns judeus foram deportados para Auschwitz, em 30 de março, numa retaliação por ataques a bomba da resistência francesa, Heydrich pressionara seu perito em judeus, Theodor Dannecker, a dar o exemplo. Enquanto ainda negociava com a administração militar alemã a deportação para o leste de reféns judeus no início de março de 1942, Dannecker registrou a determinação de Heydrich de ter “mais judeus deportados no curso de 1942”.[1114](#)

Essas grandes ondas pan-europeias de deportações coincidiram com o término das obras em diversos locais de extermínio no Governo Geral. Em meados de março de 1942, funcionários do campo de Auschwitz-Birkenau haviam convertido uma antiga cabana de camponês numa câmara de gás e começaram, naquele verão, a matar com Zyklon B judeus incapazes para o trabalho. Em maio, foi aberto o campo de extermínio de Sobibor, enquanto o primeiro campo de extermínio, Belzec, passou naquele verão por reformas para ampliar sua capacidade de matar. Ao mesmo tempo, no distrito de Varsóvia, começavam as obras de um novo campo de extermínio, Treblinka.[1115](#)

Simultaneamente, em maio de 1942, os *Einsatzgruppen* de Heydrich na União Soviética retomavam os massacres de judeus soviéticos, que tinham começado no verão do ano anterior. Foi particularmente o caso na Ucrânia e na Bielorrússia, onde a breve visita de Heydrich a Minsk, em abril, e seu anúncio de que os deportados do Reich deveriam ser liquidados logo na chegada parecem ter desencadeado uma onda renovada de fuzilamentos em massa, com mais de 15 mil vítimas judias.[1116](#) Mas isso era meramente a ponta do *iceberg*. Os *Einsatzgruppen* de Heydrich e as unidades especiais *antipartisan* da SS

fuzilaram pelo menos 360 mil judeus na Ucrânia e na Bielorrússia durante a primavera e o verão de 1942.[1117](#)

O processo decisório que levou a essa nova escalada dos programas de extermínio antijudaicos e ao início de um genocídio pleno, pan-europeu, é difícil de determinar com alguma certeza. Na Conferência de Wannsee de 20 de janeiro de 1942, foram feitas duas propostas para solucionar a questão judaica numa escala europeia. Além da ideia mais antiga de Heydrich de deportar judeus europeus para os territórios soviéticos ocupados, onde seriam dizimados por uma combinação de trabalho forçado e “tratamento especial”, uma nova opção fora discutida: o assassinato metódico daqueles judeus incapazes para o trabalho no Governo Geral, cuja comunidade de judeus, com 1,7 milhão de pessoas, era de longe a maior sob controle alemão. Isso seria realizado por meio de instalações de câmaras de gás em Belzec e Auschwitz, que estavam concluídas e em plena operação na primavera de 1942.

A ideia de matar metodicamente os judeus na Polônia ocupada ganhou novo ímpeto quando, em março de 1942, a SS conseguiu adquirir controle total sobre os programas antijudaicos no Governo Geral. Comprometido por um sério escândalo de corrupção na primavera desse ano, o governador-geral Hans Frank concedeu completa autoridade sobre todos os assuntos policiais e questões de germanização no Governo Geral ao chefe de polícia e comandante local da SS, Friedrich-Wilhelm Krüger, fortalecendo assim a mão da SS frente às autoridades civis. Himmler, Heydrich e seus homens no terreno - Krüger e Globocnik - usariam seus novos poderes para incluir no processo de matança judeus de todas as partes da Polônia ocupada.[1118](#)

Pouco antes de os assassinatos serem ampliados de forma decisiva no início de maio de 1942, Heydrich e Himmler se encontraram sete vezes em três locais diferentes no espaço de uma semana: os primeiros encontros ocorreram em Berlim, em 25, 26 e 27 de abril, seguidos por longas conversas em Munique, em 28 e 30 de abril, e depois em Praga, em 2 de maio, um encontro para o qual Himmler fez uma viagem especial. Essa série de discussões intensas foi delimitada pelas duas mais longas reuniões entre Himmler e Hitler, que ocorreram em 23 de abril e 3 de maio. Nenhum registro dessas reuniões sobreviveu à guerra, mas a cronologia dos acontecimentos das semanas seguintes sugere que foi durante esses encontros que Hitler, Himmler e Heydrich definiram a estrutura básica para a implementação de um programa pan-europeu de aniquilamento metódico, que devia ser cumprido de maio de 1942 em diante.[1119](#)

Imperialismo Cultural

Se a realização do projeto de germanização dos nazistas estava baseada num programa historicamente sem precedentes de avaliação racial, roubo, expulsão e assassinato, a germanização, como entendida por Heydrich, significava muito mais do que testes raciais e extermínio. Assassinato e reassentamento eram somente as precondições para a criação de uma utopia racialmente “purificada”, um império alemão que dominaria a Nova Europa pelos mil anos seguintes. Como Heydrich assinalou em meados de dezembro de 1941: “Enquanto sob os golpes da Alemanha e seus aliados um mundo degenerado está sendo esmagado, perecendo no caos que criou, uma Nova Ordem está surgindo por trás dos *fronts* de nossos soldados, uma ordem cujas estruturas já estão se tornando claramente visíveis”.[1120](#)

A plena integração do Protetorado nesta Nova Ordem requeria a germanização completa da vida cultural do Protetorado e a erradicação das culturas tcheca e judaica nativas. Essa era a tarefa do Departamento IV do Gabinete do Protetor do Reich, um departamento concebido para coordenar e dirigir a vida cultural do Protetorado, de teatros e cinemas a programas de rádio e à imprensa.[1121](#) O objetivo do Departamento IV, sob o comando do barão dr. Karl von Gregory, era assim a doutrinação da população tcheca do Protetorado de modo a criar uma atmosfera adequadamente pró-alemã. Em teoria, suas iniciativas deveriam ter capacitado a administração a dominar a economia cultural do Protetorado por meio da imposição de

censura e propaganda. Na prática, disputas entre diferentes órgãos, choques de personalidade e uma escassez crônica de pessoal fizeram com que seus programas jamais fossem coerentemente impostos e que a resistência cultural persistisse entre a população tcheca. Até a chegada de Heydrich a Praga, o Departamento IV havia subordinado a germanização cultural ao fluxo tranquilo de produção relacionada à guerra.[1122](#) Assim que Heydrich tomou posse, essa política mudou abruptamente. Acusando Gregory de ser incapaz de implementar um plano de germanização cultural abrangente para o Protetorado, Heydrich substituiu-o por um de seus colaboradores de confiança, o *SS-Sturmbannführer* Martin Paul Wolf, um ex-professor de escola secundária, e um amigo íntimo do acadêmico favorito de Heydrich em Praga, Karl Valentin Müller.[1123](#)

O imperialismo cultural de Heydrich foi um ataque poderoso ao fértil mundo cultural da Praga do final dos Habsburgo e do período entre guerras, um mundo de elevada reputação internacional na literatura, música e artes. Antes da invasão alemã, a cidade multicultural, com suas diferentes influências alemã, judaica e tcheca, fora associada a artistas tão aclamados quanto o expressionista Oskar Kokoschka (que morou em Praga entre 1934 e 1938), o compositor Leoš Janáček (1854-1928) e os romancistas Franz Kafka (1883-1924) e Max Brod (1884-1968), todos considerados pelos nazistas como exemplos perfeitos de arte “degenerada”. A liquidação da diversidade cultural de Praga foi um componente essencial da estratégia de germanização de Heydrich, uma estratégia que visava, nas palavras de Goebbels, à *Verreichlichung* (incorporação e adaptação ao Reich) da vida cultural no Protetorado. Logo

depois da chegada de Heydrich a Praga, ele e Goebbels começaram a negociar a política cultural e a política de propaganda no Protetorado com o objetivo de formular uma estratégia coerente, assegurando ao mesmo tempo o direito de Heydrich a uma decisão final sobre todos os assuntos culturais no Protetorado.[1124](#) No prazo de duas semanas fora elaborado um acordo abrangente de 18 páginas, esboçando novas iniciativas para garantir total controle alemão sobre programas de rádio, cinemas e companhias de produção cinematográfica, bem como um aumento gradual dos programas em língua alemã na rádio tcheca. Todas essas medidas deviam ser tomadas por meio da expropriação das poucas instalações culturais que ainda permaneciam em mãos tchecas, assim como pelo fortalecimento do controle centralizado exercido pelo gabinete de Heydrich em Praga.[1125](#) Além disso, Heydrich esperava que, conduzindo os assuntos culturais e políticos exclusivamente em alemão, a língua tcheca ficasse “reduzida à esfera privada” antes de finalmente se extinguir.[1126](#)

Uma de suas mais importantes tarefas no Protetorado, acreditava Heydrich, era reviver as tradições culturais alemãs que haviam sido “suprimidas” na República Tchecoslovaca “judaizada” desde sua fundação após a Grande Guerra. De modo a destacar a ideia da filiação histórica da Boêmia e Morávia ao Reich, ele ocultou as disputas do passado para “provar” que a região só usufruía de paz e prosperidade quando se alinhava com a Alemanha contra as hordas bárbaras do Leste. Um dos pontos de referência histórica preferidos de Heydrich era São Venceslau, santo padroeiro dos tchecos, que, ele afirmava, tinha se voltado contra o mundo eslavo e reconhecia “o

destino histórico dessa área e seu eterno envolvimento com o Reich". Em seu discurso de posse no Castelo de Praga, Heydrich afirmou que os nazistas deviam "ênfatizar cada vez mais a ideia de São Venceslau", que "não deve ser descrito como o santo padroeiro dos tchecos", mas como "o homem que reconheceu que o povo tcheco só poderia existir dentro do espaço alemão". Exortou seus colaboradores a transmitir essa mensagem de "um ângulo psicológico correto": "Quando os tchecos celebram São Venceslau, estão demonstrando que ele estava certo. É isso que podemos explorar historicamente".[1127](#) A propaganda nazista, ajudada por um grande número de jornais colaboracionistas, repisava continuamente as conexões seculares e as interdependências entre a Boêmia e o Reich.[1128](#)

A visita que Heydrich e Hácha fizeram às Joias da Coroa Boêmia em 19 de novembro de 1941 estava extremamente de acordo com essa política de apropriação histórica. Logo depois da chegada a Praga, Heydrich exigiu que Hácha, por meio de um gesto historicamente simbólico, reconhecesse formalmente que o Protetorado era agora "parte integrante" do Reich. A cerimônia ocorreu na Capela Venceslau, no interior da Catedral de São Vito, no Castelo de Praga, onde Hácha passou a Heydrich as sete chaves da Câmara de Coroação numa almofada de veludo. "As Insígnias da Coroação", Hácha declarou, "são o símbolo da lealdade da Boêmia e Morávia ao Reich." Heydrich aceitou o presente e devolveu três das sete chaves a Hácha, como "prova de confiança e um lembrete de sua responsabilidade" como "fiador da lealdade da Boêmia".[1129](#)

Heydrich acreditava que o evento carregado de simbolismo na Catedral de São Vito "dava fim a incertezas

seculares”. Depois de ser exposto a influências e a transferências de população tanto do mundo eslavo quanto do mundo germânico, “Venceslau, reconhecendo a necessidade histórica, havia de uma vez por todas compartilhado sua sorte com o Reich e se virado contra o Leste. Os rebeldes que, sob a liderança de seu irmão Boleslav, pegaram em armas contra a política de estadista de Venceslau, não conseguiram reconhecer o destino histórico dessa área e seu eterno envolvimento com o Reich. Eles derrubaram Venceslau e sua política, assassinaram o rei e tentaram fazer desse espaço um bastião contra o Ocidente”. Mas o destino alemão da Boêmia, Heydrich insistiu, não podia ser alterado. A aceitação por parte de Hácha do estabelecimento do Protetorado da Boêmia e Morávia era, portanto, “uma decisão no verdadeiro espírito da tradição de Venceslau”.[1130](#)

Os esforços de Heydrich para reescrever a história não passaram despercebidos em Londres, onde relatórios da inteligência fizeram comentários sobre seu “argumento histórico extremamente engenhoso, pretendendo provar que a nação tcheca sempre fora mais próspera em períodos em que a influência alemã foi mais forte e que, devido à sua posição geográfica, o Protetorado não pode existir senão como parte integrante do espaço vital alemão”.[1131](#) Heydrich também afirmou que suas ações contra a resistência tcheca estavam alinhadas com a tradição de Venceslau: “Os que se rebelaram contra o Reich durante os dias de setembro e outubro deste ano foram entregues à justiça porque não conseguiram compreender a tradição de Venceslau e reverteram aos antigos hábitos orientais de apunhalar o Reich pelas costas de modo a converter mais uma vez um bastião contra o Oriente em um bastião contra

o Ocidente”. O que eles não perceberam, Heydrich argumentou, foi que a liderança do Reich e, de fato, a maior parte dos habitantes do Protetorado tinham aprendido “as lições da história”. “A tradição de Venceslau”, ele concluiu, era portanto um lembrete permanente de que “Boêmia e Morávia só serão fortes com o Reich e permanecerão para sempre fracas sem ele”.[1132](#) O mito da “punhalada nas costas” era um tema recorrente nos discursos de Heydrich. Repetidamente ele afirmava que o coração boêmio do Reich tinha “enfiado uma faca nas costas” da unidade alemã – uma tradição que começara com Marbod, que se recusara a participar da “guerra de libertação” de Armínio contra os romanos em 9 d.C., e que se prolongara pela Defenestração de Praga e a Guerra dos Trinta Anos no século XVII até os dias atuais, quando alguns tchecos, envolvidos em atividades ilegais de resistência, estavam tentando “atacar o Reich por trás durante sua decisiva e profética batalha contra o bolchevismo”.[1133](#) Só “no dia em que o pavilhão do novo Reich foi erguido sobre o telhado desta casa”, Heydrich declarou em outro lugar, “o desenvolvimento pernicioso que resultou nos dias da Defenestração de Praga foi superado de uma vez por todas. Estamos agora entrando na era da construção, deixando os séculos que permaneceram na sombra de Münster e Osnabrück [os tratados que deram fim à Guerra dos Trinta Anos] atrás de nós como um sonho ruim... Por meio dos acontecimentos de 1938 e 1939, a terrível condição em que a Europa Central caíra foi eliminada”.[1134](#)

Embora obviamente importantes de um ponto de vista político, essas interpretações históricas eram mais do que propaganda para Heydrich. Ele acreditava firmemente que a Boêmia e a Morávia faziam historicamente parte do Reich –

uma convicção que compartilhava com o vice-prefeito alemão de Praga, Josef Pfitzner, um ex-professor de história medieval e história da Europa Oriental na Universidade Alemã de Praga, cujos argumentos sobre as seculares “conexões” históricas da Boêmia e Morávia com o Reich, apresentados em seu livro amplamente lido *Das tausendjährige Prag* (1940), influenciaram profundamente as percepções históricas de Heydrich.[1135](#)

Na verdade, Heydrich desenvolveu uma nova paixão pela história da Boêmia, lendo com frequência livros populares de história, romances históricos e biografias em seu sofá em Jungfern-Breschan até as primeiras horas da madrugada.[1136](#) Além de Venceslau, interessava-se particularmente por Albrecht von Wallenstein (1583-1634), comandante supremo do exército imperial até 1634, lendo uma torrente ininterrupta de literatura histórica sobre o tema. A recusa de Wallenstein em unir-se à nobreza rebelde da Boêmia e Morávia durante a Guerra dos Trinta Anos e sua decisão de servir ao imperador Ferdinando II proporcionava um modelo para a lealdade da Boêmia ao Reich. Nos domingos, Heydrich fez inúmeras viagens a Friedland, ducado de Wallenstein. Também visitou Melnik, onde viu o túmulo de Santa Ludmila (avó de Venceslau) e mostrou grande interesse pelas escavações no Castelo de Praga, que eram realizadas pela equipe da Universidade Alemã de Praga.[1137](#)

Heydrich encarava a repressão das culturas nativas na Europa ocupada como condição essencial para a criação de uma florescente cultura alemã no Leste. Isso incluía uma política de “esterilização intelectual”, não permitindo à população local mais que uma formação profissional básica. Segundo Heydrich, experiência profissional e germanização

cultural tinham de ser as metas do sistema educacional tcheco. No outono de 1941, ele ordenou que as aulas de história tcheca do colégio fossem canceladas e substituídas por aulas de alemão.[1138](#)

A “política educacional” de Heydrich estava muito alinhada à visão de Himmler, expressa em maio de 1940, de que a instrução da população local nos territórios ocupados devia ser reduzida à “simples contagem até 500 no máximo, a assinar o nome e à doutrina de que é lei divina obedecer aos alemães e ser honesto, trabalhador e bom”.[1139](#) Em fevereiro de 1942, Heydrich anunciou que pretendia “bater com força” no núcleo da rede de ensino tcheca, que via como o “corpo de formação da oposição” e ameaçou reduzir drasticamente o número de escolas secundárias tchecas. A juventude tcheca, ele comentou rancorosamente, havia muito tempo vinha sendo mal orientada por “professores radicalmente chauvinistas”.[1140](#)

A imprensa colaboracionista fazia eco ao ponto de vista de que a educação era um luxo desnecessário para a maioria da população tcheca. Em 1º de maio de 1942, Dia do Trabalho, o jornal *České slovo*, de grande tiragem, comentava: “O fato de termos atualmente 70 mil alunos na escola secundária é economicamente insustentável”. Os garotos em educação secundária, comentava o jornal, deviam deixar imediatamente a escola para se tornarem aprendizes e frequentar escolas profissionais em busca de treinamento.[1141](#) O objetivo dessas medidas, como observou severamente um relatório da inteligência britânica, era transformar os jovens tchecos “na raça de escravos que o sistema *Herrenvolk*[1142](#) exige”.[1143](#)

Heydrich adotou uma linha política semelhante com relação às universidades. Anunciou que a Universidade

Tcheca de Praga, que de acordo com o Ato Universitário de 1920 assumira o único direito legal de sucessão da antiga Universidade Charles e que fora “temporariamente” fechada depois da agitação estudantil de 1939, durante a qual nove estudantes foram baleados e 1.200 presos, jamais reabriria. Daí por diante, a Universidade Alemã de Praga, com 73% da equipe acadêmica constituída de membros do Partido Nazista, seria a única universidade restante em Praga. “A mais antiga universidade do Reich” devia, Heydrich insistiu, “não só manter um *status* digno de sua tradição histórica”, mas também servir como uma instituição “desbravadora” para uma nova forma acadêmica que “impregne a erudição das necessidades *völkisch*” da Nova Era.[1144](#)

Do ponto de vista institucional, a universidade devia trabalhar em contato íntimo com uma nova e independente fundação educacional, mais tarde chamada de Fundação Reinhard Heydrich. O objetivo da fundação era empreender pesquisas sobre as “condições *völkisch*, culturais, políticas e econômicas da Boêmia e Morávia, bem como sobre os povos da região leste e sudeste da Europa”.[1145](#) No total, a Fundação Heydrich compreendia oito institutos que ocupavam os prédios da dissolvida Universidade Tcheca. Os diretores dos institutos trabalhavam simultaneamente como professores da Universidade Charles Alemã para que pudesse ficar assegurada uma íntima ligação entre a universidade e a fundação.[1146](#)

A fundação era um elemento essencial da visão de longo prazo de Heydrich para o lugar do Protetorado na paisagem acadêmica da Alemanha nazista, que ele esboçou para Bormann em maio de 1942. Heydrich sinalizou duas tarefas políticas principais para a futura erudição acadêmica no Protetorado: em primeiro lugar, levar a cabo uma pesquisa

sobre a história da Boêmia e Morávia; em segundo lugar, procurar alcançar ativamente um corpo de conhecimentos sobre a regermanização do sudeste europeu de um modo mais geral.[1147](#) Em essência, a Fundação Reinhard Heydrich ia conduzir estudos científicos que facilitariam a germanização da região. Com relação à pretendida desnacionalização e despolitização da população, eram realizados os chamados estudos *tschechenkundliche* (tchecológicos) para demonstrar a secular e positiva influência alemã na região.[1148](#)

Mas o imperialismo cultural de Heydrich, visando solapar e finalmente erradicar a cultura tcheca, não estava de modo algum limitado à academia. Devia também ser aplicado ao campo da arquitetura. Quando em 4 de dezembro de 1941 Albert Speer visitou Heydrich em Praga para negociar futuros contingentes de trabalhadores escravos tchecos a serem mandados para o Antigo Reich, eles também discutiram o futuro arquitetônico de Praga. Um dos objetivos de Heydrich era transformar Praga numa próspera cidade alemã, a porta de entrada do Novo Império Nazista para os Bálcãs e o Leste ocupado. Depois de um giro de duas horas pelos pontos turísticos da cidade, Heydrich e Speer discutiram uma variedade de planos arquitetônicos para a reconstrução pós-guerra de Praga como cidade alemã, incluindo a construção de novos prédios para a universidade alemã e de um teatro de ópera alemão, assim como de um novo complexo governamental alemão ao redor do castelo. Além disso, a cidade devia ser rodeada por uma grande via perimetral que se ligaria ao sistema alemão de *autobahns*. Também em assuntos arquitetônicos, Speer achou que Heydrich era agradavelmente direto:

Não havia comparação com todos aqueles *gauleiters* que se entregavam a passatempos ociosos com planos que eram tecnicamente ou arquitetonicamente inviáveis, tirados talvez de algum velho sonho da juventude ou das fantasias das esposas, dos quais obstinadamente não abriam mão... Heydrich, ao contrário, era descomplicado. Fizera apenas algumas objeções a minhas sugestões, todas mostrando uma abordagem sensível do problema. Se suas objeções fossem, por razões técnicas, impraticáveis, estava pronto para ser instantaneamente convencido disso.[1149](#)

Ao mesmo tempo que tentava minar e finalmente erradicar a cultura tcheca e a identidade nacional, Heydrich surgia como patrono das artes alemãs. Particularmente no campo da música, promoveu vigorosamente a germanização cultural. Sob a égide de Heydrich, Praga homenageou, em 5 de dezembro de 1941, com considerável pompa, os 150 anos da morte de Mozart - o que incluiu a mudança de nome da Praça Smetana para Mozart Platz, além de uma série de orquestrações e solos esmerados de Mozart pela Ópera Estatal de Viena.[1150](#) Heydrich também planejava a criação de uma ópera permanente em Praga em 1943-1944, um plano apoiado por Goebbels, mas que, apesar das conversas pessoais entre Heydrich e o ministro das Finanças do Reich, teve de ser adiado por motivos relacionados à guerra.[1151](#)

Em outubro de 1941, Heydrich tornou-se patrono da Orquestra Filarmônica Alemã e reabriu a Sala de Concertos Alemã em Praga, o Rudolfinum, fundado no século XIX, mas convertido na câmara de deputados tcheca depois da Grande Guerra. Na abertura festiva do recém-reformado Rudolfinum em 16 de outubro, para a qual havia convidado a Orquestra Filarmônica de Berlim para executar a Nona Sinfonia de Beethoven, Heydrich reafirmou sua firme

convicção de que a cultura e a política estavam inseparavelmente entrelaçadas, um ponto que procurou sublinhar lembrando a história do próprio Rudolfinum. Heydrich recordou que Anton Bruckner havia tocado órgão ali, mas comentou num tom de tristeza que, depois de 1918, a vida musical ficara “tchequizada” e havia, portanto, “degenerado”. Após vinte anos de escuridão, o Rudolfinum era agora mais uma vez um “espaço da arte alemã”.[1152](#)

A abertura do Rudolfinum deu a Heydrich uma oportunidade de refletir sobre seus programas culturais no Protetorado. Depois de exortar os envolvidos no trabalho cultural “a agir sempre como artistas alemães no espírito do Reich”, prometeu que, como admirador declarado das artes, proporcionaria aos artistas alemães todas as “condições inspiracionais e materiais de que eles precisam para seu trabalho”. Então lembrou o público da íntima interconexão entre “arte e política, raça e caráter” e da particular relevância das artes para “a alma e o coração do nosso povo”. “Períodos históricos de verdadeira grandeza e verdadeiro significado interior”, ele observou, “sempre inspiraram um florescimento da verdadeira arte e do genuíno talento.” Épocas de “declínio cultural e ideológico”, por outro lado, eram períodos históricos em que o judaísmo prosperava. Tinham sido os judeus, Heydrich insistiu, que haviam “injetado no povo tcheco a ideia louca de um Estado independente, deixando-o cego para... o fato evidente de pertencerem ao Reich”.[1153](#)

Heydrich também quis dar início a uma nova tradição cultural criando a “Semana Cultural” de Praga, como “uma manifestação festiva do poder alemão”. Devia ser uma mostra, com uma semana de duração, das realizações culturais alemãs, particularmente no campo da música, que

ele considerava uma fonte de recreação espiritual “em grandes épocas de luta”. Acreditava firmemente que tal ostentação de superioridade cultural, associada à mensagem política sobre o abandono das influências eslavas no Protetorado, teria “o maior impacto sobre o eslavo; ela dá testemunho de nosso poder e cultura e facilita a integração da parte racialmente desejada da população [tcheca]”.[1154](#) Como patrono do festival, Heydrich abriu o primeiro concerto em 15 de maio de 1942: a Oitava Sinfonia de Bruckner, executada pela Orquestra Filarmônica Alemã de Praga e seu regente titular, Joseph Keilberth, com quem Heydrich ocasionalmente tocava “música doméstica” em sua casa de campo. Logo depois, ele e Lina assistiram a um concerto dado pelo famoso Thomaner-Choir de Leipzig, durante o qual os rapazes do coro, para grande satisfação do casal, cantaram motetos de Bach usando uniformes da Juventude Hitlerista.[1155](#)

Na noite de 26 de maio de 1942, a noite anterior a seu assassinato, uma *performance* de especial relevância emocional para Heydrich foi apresentada no Palácio Wallenstein: um concerto de violino composto pelo pai de Heydrich, Bruno. Como homenagem especial ao pai – que Heydrich tratara de modo um tanto desdenhoso e pouco solidário entre 1931 e 1938, ano de sua morte – havia contratado um quarteto de ex-funcionários do Conservatório Halle. O quarteto executou os trechos da ópera *Amen*, de Bruno, que celebravam a figura do herói, Reinhard. Uma das passagens mais memoráveis da ópera, “O Crime de Reinhard”, foi sabiamente omitida pelos músicos. Visivelmente comovido pela apresentação, Heydrich exibiu seu lado mais brando: convidou o *Oberlandräte* e vários funcionários públicos graduados para se juntarem a ele com

suas esposas num banquete comemorativo no elegante Hotel Avalon, onde recepcionou os convidados com inabitual amabilidade, beijando a mão das senhoras e se apresentando como um “mestre da etiqueta, divertido, interessado por todos, alguém fascinante para se conversar”.[1156](#)

O Crescimento da Resistência

O inverno de 1941-1942 marcou o fim da estratégia da guerra-relâmpago alemã no Leste, a entrada dos Estados Unidos na guerra e um crescimento geral da atividade de resistência nos territórios ocupados. A essa altura, Heydrich foi obrigado a reconhecer que a realização de suas metas de germanização tinham recuado para o futuro distante. Como admitiu num relatório a Hitler, em meados de maio de 1942, a situação no Protetorado havia “endurecido” como resultado de recentes cortes em rações, ataques aéreos britânicos contra Pilsen e a infiltração de um número crescente de agentes inimigos. Também reconheceu que os “sucessos militares do Reich” eram encarados “com ceticismo” pela população tcheca, mas garantiu ao Führer que não havia motivo para preocupações sérias, acrescentando que estava meramente esperando um “momento apropriado para atacar rapidamente, destacando assim o fato de que o Reich ainda é capaz de atacar e que minha clemência não é um sinal de fraqueza”.[1157](#)

Heydrich repetiu essa ameaça durante uma conferência de imprensa em Praga a 26 de maio, um dia antes de seu assassinato: “Sinto e vejo que a propaganda estrangeira e os rumores derrotistas antialemães estão novamente em ascensão nesta área... Pequenos atos de sabotagem, que causam menos prejuízo, mas que têm como objetivo demonstrar uma atitude de oposição, também têm aumentado. Vocês devem saber que, apesar de minha paciência, não hesitarei em atacar de forma afrontosamente dura se passar a ter a impressão de que o Reich é

considerado fraco e que minhas generosas concessões a vocês são erradamente interpretadas como debilidade”.[1158](#)

As preocupações de Heydrich não eram sem fundamento. Havia de fato indícios cada vez mais numerosos de crescentes atividades de resistência, não só no Protetorado, mas por toda a Europa ocupada pelos nazistas. Em 23 de março, um dos mais íntimos colaboradores de Heydrich, Franz Walter Stahlecker, comandante do *Einsatzgruppe A*, fora morto por *partisans* perto de Krasnogvardeysk, na Rússia. Ataques similares a pessoal e instalações militares alemães por toda a Europa tinham quase se tornado parte da rotina diária – um problema que Heydrich acreditava que só poderia ser resolvido pela intensificação do terror e dos fuzilamentos em massa.[1159](#)

Também na Europa Ocidental as atividades de resistência cresceram significativamente e Heydrich reconheceu que nesse caso o problema era mais complexo devido ao valor racial de algumas populações europeias ocidentais e à importância de suas economias para o esforço de guerra alemão. Mesmo na Dinamarca, anteriormente um porto de calma cooperativa, panfletos comunistas ilegais contra o domínio alemão eram distribuídos em quantidade cada vez maior, levando Heydrich a insistir para que o ministro do Exterior Von Ribbentrop permitisse que a Gestapo prendesse qualquer suspeito de orquestrar a campanha e, de um modo mais geral, que “agisse com firmeza” contra qualquer agitação que começasse a surgir.[1160](#)

Embora preocupado com o impacto das atividades *partisans* sobre a capacidade da Wehrmacht de alcançar uma vitória rápida na União Soviética, Heydrich também via o crescimento da resistência como uma oportunidade para

aumentar a influência da SS na Europa Ocidental pregando as virtudes de uma abordagem centralmente coordenada das atividades de resistência. Em nenhum lugar isso era mais evidente do que na França onde, até a primavera de 1942, a Wehrmacht tinha conseguido neutralizar com sucesso a interferência da SS. Mesmo diante da crescente atividade de resistência, o comandante militar em Paris, general Otto von Stülpnagel, argumentou com vigor que represálias por ataques de *partisans* deviam ser calibradas de modo a não comprometer as boas relações com a maioria da população francesa, que estava trabalhando em prol do esforço de guerra alemão.[1161](#)

O relacionamento já tenso entre o escritório do SD de Heydrich em Paris e a administração militar alemã na França deteriorou-se tremendamente após um incidente no outono de 1941: durante a noite de 2 para 3 de outubro sete sinagogas sofreram atentados a bomba em Paris e, embora o SD afirmasse oficialmente que nacionalistas franceses antissemitas haviam praticado os ataques, estava claro quem tinha puxado os cordões. Heydrich tornara-se cada vez mais impaciente com a implementação “negligente” pela Wehrmacht de programas antijudaicos e autorizara a operação secreta. Quando uma investigação da polícia militar alemã revelou que os homens de Heydrich em Paris estavam por trás dos ataques e o general Von Stülpnagel exigiu a demissão e o julgamento imediatos dos autores do SD, Heydrich assumiu candidamente plena responsabilidade. Os ataques a bomba, ele argumentou numa carta ao comando do exército, tinham visado aos judeus “como os que se podem culpar por incêndios na Europa... como os que têm de desaparecer definitivamente da Europa”. Os atentados haviam, portanto, enviado um

sinal claro ao judaísmo internacional “de que os judeus não estão mais a salvo em seus antigos quartéis-generais europeus”.[1162](#)

O conflito de Heydrich com o exército na França correu paralelamente às renovadas tensões entre a SS e a Abwehr militar sob a direção de Canaris. No inverno de 1941-1942, Heydrich exigiu novas concessões da inteligência militar no campo da espionagem e contraespionagem estrangeiras. Insistiu que a Sipo devia ficar com o controle da Polícia Militar Secreta (*Geheime Feldpolizei*), tentando assim rever, em benefício da SS, os “Dez Mandamentos” de 1935, que até então haviam regulado a divisão de trabalho entre a Abwehr de Canaris e o aparelho da Polícia de Segurança de Heydrich. Heydrich e Canaris discutiram o assunto nos feriados do Natal que, apesar dos desacordos profissionais cada vez maiores, os dois passaram juntos no pavilhão de caça dos Heydrich em Stolpshof, perto de Berlim. A princípio parecia que Canaris estava disposto a se curvar aos desejos de Heydrich. Contudo, o relacionamento em deterioração entre a SS e a Wehrmacht na França levou-o a mudar de ideia e a defender que o comando da Wehrmacht não deveria conceder mais quaisquer poderes à SS. Em 5 de fevereiro de 1942, Heydrich, irritado, escreveu a Canaris para expressar seu “mais profundo desapontamento” com a mudança de opinião de Canaris, que ameaçava pôr fim a um relacionamento que até então fora caracterizado por “verdadeira franqueza e sinceridade a respeito de tudo”.[1163](#)

Canaris respondeu três dias depois com uma carta em que afirmava que “o desapontamento humano é todo meu. Nunca pensei que, depois de tantos anos de colaboração e camaradagem, você estivesse disposto a encerrar nosso

relacionamento tão facilmente”. Ao mesmo tempo, Canaris enfatizava sua determinação de dar um fim à disputa dos dois: “Nós dois devemos ter absoluta clareza de uma coisa: tanto eu quanto você – cada um em sua própria área de responsabilidade – servimos a uma e mesma causa. Com relação a isso, exijo que tenha em mim a mesma confiança que deposito em você. Então, todas as questões relativas aos nossos dois cargos serão fáceis de resolver”.[1164](#)

No início de março, Heydrich e Canaris chegaram a um entendimento por escrito que cedia em grande parte às exigências do primeiro: entre outras coisas, colocava a Polícia Militar Secreta sob controle de Heydrich – um passo importante para o domínio pela SS das questões policiais na Europa Ocidental. Simultaneamente, o acordo anunciava uma conferência conjunta de cerca de 300 funcionários graduados da Abwehr e da Polícia de Segurança em Praga, onde as primeiras experiências da nova colaboração seriam discutidas.[1165](#) Em 18 de maio, acompanhado de sua equipe sênior, Canaris chegou a Praga para a conferência de inteligência no esplendor do Castelo de Praga. Como gesto de boa vontade e indicação de futura colaboração amigável, Canaris e a esposa se hospedaram na casa de Heydrich.[1166](#)

As renovadas tensões profissionais entre Canaris e Heydrich não parecem ter afetado sua amizade pessoal, visto que Canaris ficou profundamente abalado pela morte de Heydrich algumas semanas depois. Ele acompanhou o funeral em Berlim, em junho de 1942, “com lágrimas nos olhos” e contou a Walter Huppenkothen, oficial do SD (que, em abril de 1945, agiria como promotor na corte marcial que sentenciou Canaris à morte por ter supostamente apoiado o atentado de 1944 contra a vida de Hitler), quanto

“respeitara e admirara” Heydrich como um “grande homem”.[1167](#) Canaris escreveu alguns dias depois a Lina Heydrich: “Por favor esteja certa: perdi um verdadeiro amigo”.[1168](#)

O acordo de março de 1942 entre os dois homens não foi o único êxito de Heydrich na primavera de 1942. No início de março, enfrentando uma nova onda de atividades de resistência na França, Hitler mudou de ideia sobre a política de ocupação e autorizou a instalação de um chefe de polícia e comandante da SS em Paris, uma grande oportunidade para a tentativa do comando da SS de pôr as mãos na Europa Ocidental ocupada.[1169](#) Em 5 de maio, Heydrich voou de Praga para Paris com o novo chefe de polícia e comandante da SS na França ocupada, seu ex-ajudante pessoal Carl Albrecht Oberg. A visita de Heydrich não era meramente um gesto simbólico. Como ele colocou numa carta a Bormann, esperava fazer recomendações para o combate à resistência francesa e sobre a reorganização do sistema de ocupação “com base em minhas experiências no Protetorado”.[1170](#)

Na primavera de 1942, o RSHA estava também se dedicando ativamente à deportação completa de todos os judeus europeus dentro da Europa controlada pelos alemães, incluindo a França ocupada. Durante uma conferência em Berlim, em 4 de março, dos peritos em judeus de Heydrich, Eichmann anunciou a deportação imediata de mil judeus franceses para Auschwitz e admitiu que outros 5 mil deportados seriam transportados para leste antes do fim daquele ano. Ao mesmo tempo, Heydrich anunciou deportações da França muito mais extensas para o ano seguinte.[1171](#)

Contra esse pano de fundo, os principais representantes do regime de ocupação alemã na França esperaram que Heydrich fizesse sugestões sobre como combater a resistência e se estendesse sobre a solução da questão judaica na França. Em 6 de maio, ele de fato apresentou algumas ideias sobre ambos os temas. Atos de retaliação por ataques da resistência contra o pessoal alemão na França tinham de ser tratados de modo diferente do que acontecia na Europa Oriental. O fuzilamento de reféns, ele assegurou a um cético corpo de oficiais alemães no Hôtel Majestic, era inadequado para a Europa Ocidental.[1172](#)

Naquela noite, dentro de um círculo menor, Heydrich falou sobre o progresso que fora feito para resolver a questão judaica. Depois de um informe sobre os resultados da Conferência de Wannsee, mencionou o uso de furgões de gás no Leste, um procedimento que - para seu grande "pesar" - tinha se mostrado "tecnicamente insuficiente" para produzir os resultados desejados. Em vez deles, Heydrich acrescentou confiante, "soluções maiores, mais perfeitas e numericamente mais produtivas" tinham sido desenvolvidas. Uma "sentença de morte" fora transmitida à "totalidade dos judeus europeus", incluindo os que vivem na França, cuja deportação para leste começaria no decorrer das próximas semanas.[1173](#)

Num registro mais pessoal, a ida de Heydrich a Paris também significava que ele teria de se encontrar com seu ex-representante no RSHA, dr. Werner Best, com quem não falara desde a renúncia de Best em junho de 1940. Best estava plenamente consciente de que a introdução de um chefe de política e comandante da SS na França iria privá-lo do controle sobre a polícia francesa. Ao saber da visita iminente de Heydrich, procurou ter uma audiência pessoal

com o antigo chefe para melhorar a relação estremecida dos dois. Numa carta a Heydrich, escreveu que sempre desejara ser mais que o “membro da equipe que lhe era mais próximo”, ou seja, um “verdadeiro amigo”. Mas Heydrich “nunca quis esse amigo. Você queria um subordinado”. Heydrich, ele insistiu, havia interpretado sua subsequente decepção e reserva como ambição ciumenta e o tratara com suspeita injustificada e humilhação pública. Embora tivesse esperado “que nossa separação fosse suficiente para reduzir nossos antigos desentendimentos e tensões”, Best admitia que não fora esse o caso. Propunha, por isso, um encontro pessoal em Paris para restaurar um relacionamento que já merecera sete anos de “colaboração positiva e construtiva”.[1174](#)

A reação de Heydrich foi típica dele. A insinuação de Best de que ambos eram dignos de censura pela desavença pareceu-lhe um insulto. Ele também soube, por meio de contatos em Berlim, que Best escrevera recentemente uma carta comovida ao assistente pessoal de Himmler, Karl Wolff, queixando-se de que lhe fora negado qualquer acesso a Himmler, cuja impressão a seu respeito fora obscurecida por informes falsos.[1175](#) Embora não tivesse o nome mencionado, Heydrich sabia muito bem a quem Best estava se referindo e interveio imediatamente junto a Himmler. Ele também rejeitou a oferta subsequente de reconciliação feita por Best, alegando que este se queixara a Himmler a seu respeito.[1176](#) Best entrou em pânico. Temendo que sua carreira na SS estivesse agora para sempre comprometida, escreveu uma série de cartas de desculpas a Wolff e Heydrich, sugerindo que o tom da carta a Wolff, as “palavras amargas”, era o resultado de seu constante estado de depressão desde que deixara o RSHA.[1177](#)

Apesar da humilhante tentativa de reconciliação de Best, Heydrich preferiu ignorar seu pedido. Embora os encontros profissionais que os dois tiveram em Paris fossem “sem atrito” e Best tentasse “servir aos interesses da SS e do *Obergruppenführer* Heydrich de todos os modos concebíveis”, esses encontros se desenrolaram “sem qualquer toque pessoal”. Heydrich e Best jamais tornariam a se falar ou a se encontrar.[1178](#)

Como tantas outras coisas na vida de Reinhard Heydrich, sua viagem a Paris inspirou a imaginação de muitos historiadores. Referindo-se a uma carta de 7 de maio de Heydrich ao chefe do departamento de pessoal de Frank, Robert Gies, o historiador Čestmír Amort (e, em seu rastro, muitos outros biógrafos de Heydrich) afirmou que Hitler pretendia nomear Heydrich chefe da administração civil do norte da França e da Bélgica e protetor da França de Vichy.[1179](#) Essa nomeação teria permitido, pela primeira vez, que a SS predominasse numa (antiga) grande potência europeia ocidental – haveria um baluarte no Ocidente à altura da influência crescente da SS no Leste. Contudo, a carta na qual essa especulação se baseia provavelmente nunca foi escrita.[1180](#)

É verdade que, em meados de maio de 1942, contra o pano de fundo de um ressurgimento das atividades de resistência, lideradas principalmente pelos comunistas, por toda a Europa ocupada, Heydrich prometeu tanto a Bormann quanto a Himmler apresentar em breve ao Führer um dossiê claro e conciso que resumiria suas experiências na reorganização da política de ocupação alemã no Protetorado e incluiria sugestões de programas para outros territórios ocupados na Europa Oriental e Ocidental. De importância central era a convicção de Heydrich de que as

atividades *partisans* na Europa Ocidental e Oriental estavam intrinsecamente conectadas e que requeriam, portanto, uma abordagem coordenada – obviamente sob os auspícios da SS. Alguns dias depois, Heydrich foi chamado ao quartel-general do Führer. Não se sabe se era nessa ocasião que ele pretendia apresentar ao Führer um documento político geral sobre o futuro da ocupação alemã da Europa, pois os documentos que pode ter levado consigo ao partir para Rastenburg em 27 de maio desapareceram, provavelmente para sempre.[1181](#)

Apesar de uma obsessão por questões de policiamento, Heydrich negligenciava de forma imprudente sua própria segurança em Praga, embora houvesse fortes indícios de uma ameaça contra sua vida. Em março de 1942, a Gestapo prendeu um músico durante uma patrulha de rotina na estação ferroviária central de Varsóvia. Embora os documentos estivessem em ordem e mostrassem que se tratava de um “músico alemão” a caminho de Praga, a mala enorme, nova em folha, despertou suspeitas. Num compartimento secreto, os agentes da Gestapo encontraram um rifle equipado com mira telescópica e um silenciador. Depois de dias de interrogatórios brutais, o homem cedeu e confessou ser um agente russo enviado por Moscou para assassinar Heydrich.[1182](#)

Esse não foi o único aviso. Um relatório do SD de 18 de abril de 1942 que, como de hábito, foi mandado para Heydrich e outras figuras importantes do regime de ocupação, registrava rumores sobre “paraquedistas que já pousaram no Protetorado e já praticaram atos de sabotagem, greves em fábricas grandes, uma tentativa de assassinato contra o próprio protetor interino do Reich etc.”.[1183](#)

Mesmo que Heydrich não tivesse sabido do incidente em Varsóvia ou lido o alarmante relatório, parece improvável que nenhum de seus subordinados o tivesse alertado sobre os rumores de uma potencial ameaça de assassinato. Heydrich deve ter sido advertido, mas deixou de responder adequadamente às ameaças com medidas de segurança reforçadas. Embora tenha começado a usar um colete à prova de balas, continuou, para grande contrariedade da esposa e de Himmler, a se deslocar através de Praga num carro aberto sem uma escolta de segurança.[1184](#)

Albert Speer, quando visitou Heydrich em Praga em dezembro de 1941, ficou surpreso com a falta de interesse de Heydrich pela segurança pessoal: “Heydrich, cuja casa em Berlim estava toda ligada por campainhas de alarme (até mesmo no banheiro) às delegacias de polícia das vizinhanças” e cujos carros eram “equipados com placas de números substituíveis, pistolas na frente de cada assento e submetralhadoras na frente dos que andavam nos bancos de trás – esse mesmo Heydrich viajava infringindo os regulamentos que ele próprio redigira para a proteção de personalidades importantes do Estado e do partido”.[1185](#) Como protetor interino do Reich, Heydrich encarava sua segurança pessoal como uma questão política. Recusava categoricamente uma escolta sob o pretexto de que ela causaria danos ao prestígio alemão e criaria a impressão de que ele temia os tchecos. Desde que conservasse a iniciativa psicológica, não seria atacado – um erro de cálculo fatal, como se viu. Na manhã de 27 de maio de 1942, Heydrich deu início à viagem para visitar Hitler. Ele jamais ultrapassaria a curva fechada em Liben, onde seus assassinos já estavam esperando por ele.

[909](#) Para a análise mais recente da ocupação nazista da Boêmia e Morávia, ver Bryant, *Prague in Black*.

[910](#) A analogia do “vice-rei” com a Índia Britânica foi usada pela primeira vez pelo ministro do Interior, Wilhelm Stuckart, que concebeu a estrutura da administração civil do Protetorado. Ver Miroslav Kárný e Jaroslava Milotová (orgs.), *Anatomie okupační politiky hitlerovského Německa v ‘Protektorátu Čechy a Morava’*. *Dokumenty z období říšského protektora Konstantina von Neuratha* (Praga, 1987), doc. 2, p. 7.

[911](#) Alice Teichová, “The Protectorate of Bohemia and Moravia (1939-1945): The Economic Dimension”, em Mikulas Teich (org.), *Bohemia in History* (Cambridge, 1998), pp. 267-305; Brandes, *Tschechen*, p. 166; Eva Drdáčková, *Správní uspořádání protektorátu do Heydrichovy správní reformy (1939-1942)* (Pilsen, 2004).

[912](#) Eduard Kubů e Drahomír Jančík, “Arizace” a arizátoři. *Drobný a střední židovský majetek v úvěrech Kreditanstalt der Deutschen (1939-1945)* (Praga, 2005); Evans, *Third Reich in Power*, p. 686s.; Drahomír Jančík, Eduard Kubů e Jan Kuklík (orgs.), *Arizace a restituce židovského majetku v českých zemích (1939-2000)* (Praga, 2003).

[913](#) Teichová, “Protectorate”, p. 274s.; Evans, *Third Reich*, vol. 2, pp. 665ss., Décimo sétimo relatório de Heydrich para Bormann (30 de dezembro de 1941), em Kárný et al. (orgs.), *Deutsche Politik*, pp. 201ss.

[914](#) John L. Heinemann, *Hitler’s First Foreign Minister: Constantin Freiherr von Neurath, Diplomat and Statesman* (Berkeley, CA, 1979), esp. 3, pp. 9-16, 86-166; Mastny, *Czechs*, p. 60; Richard Overy, *Interrogations: The Nazi Elite in Allied Hands, 1945* (Nova York, 2001), p. 82.

[915](#) John G. Lexa, “Anti-Jewish Laws and Regulations in the Protectorate of Bohemia and Moravia”, em Avigdor Dagan (org.), *The Jews of Czechoslovakia*, 4 vols. (Filadélfia, 1968-1984), vol. 3, pp. 77-103. Ver também a coleção de documentos programáticos e documentos internos em “Befehlshaber der Sicherheitspolizei und des SD. Zentralamt für die Regelung der Judenfrage in Böhmen und Mähren”, em Arquivos do Yad Vaschem, 051/204.

[916](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, pp. 83ss.

[917](#) Sobre a resistência tcheca, ver Jaroslav Čvačara, *Někomu život, někomu smrt. Československý odboj a nacistická okupační moc 1939-1941* (Praga, 2002); Radomír Luža, *V Hitlerově objetí. Kapitoly z českého odboje* (Praga, 2006); sobre os comunistas alemães nos Sudetos, ver Mark Cornwall, “Stirring Resistance from Moscou: The German Communists of Czechoslovakia and Wireless Propaganda in the Sudetenland, 1941-1945”, *German History* 24 (2006), pp. 212-42.

[918](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, pp. 171ss.

[919](#) Relatório de Neurath para Bormann e Hitler de 15 de setembro de 1941, em Kárný et al. (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 1, pp. 77ss.

[920](#) Ver Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 196; Sládek, “Standrecht”, p. 330s.

[921](#) Sobre a ordem de Hitler (31a) de 16 de setembro, ver Hubatsch (org.), *Hitlers Weisungen*, p. 149; ordem de Keitel do mesmo dia, em BA-MA, RH 26, 104/14. Sobre a Sérvia, ver Manoschek, “Serbien ist judenfrei”, pp. 43ss. Sobre a Europa Ocidental, Guus Meershoek et al. (orgs.), *Repression und Kriegsverbrechen. Die Bekämpfung von Widerstands- und*

Partisanenbewegungen gegen die deutsche Besatzung in West- und Südosteuropa (Berlim e Göttingen, 1997); Weber, *Sicherheit*, pp. 59ss.

[922](#) Heydrich à Stapoleitstellen, 27 de agosto de 1941, em BAB, R 58/1027, f. 205; Bohn, *Reichskommissariat*, pp. 81s. e 92ss.

[923](#) Guus Meershoek, “Machtentfaltung und Scheitern. Sicherheitspolizei und SD in den Niederlanden”, em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 383-402.

[924](#) John A. Armstrong, *Ukrainian Nationalism, 1935-1949* (2ª ed., Nova York, 1963), p. 69s.

[925](#) Heydrich a Lammers, 18 de setembro de 1941, BAB, R 43 II/396. Heydrich e Himmler voaram para Riga, foram de carro para Mitau e Reval (Tallin) no dia seguinte e de lá para Dorpat e Pleskau. Em 21 de setembro, chegaram ao quartel-general do Führer perto de Rastenburg, nas Florestas Masurianas, onde jantaram com Hitler, discutindo a situação no Protetorado e a nomeação de Heydrich para o cargo de protetor interino do Reich. Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, pp. 18-21 de setembro de 1941, p. 214s. Sobre a reunião com Hitler, ver também Koeppen, relatório nº 35 de 22 de setembro de 1941, BAB, R 6/34a, f. 24.

[926](#) Ver, por exemplo, o relatório da Stapoleitstelle em Praga de 19 de setembro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 6, p. 86; Detlef Brandes, “Nationalsozialistische Tschechenpolitik”, em *idem* e Václav Kural (orgs.), *Der Weg in die Katastrophe. Deutsch-tschechoslowakische Beziehungen 1938-1947* (Essen, 2004), pp. 39-50, aqui p. 46.

[927](#) Kershaw, *Hitler*, vol. 2, p. 641; *Dienstkalender*, pp. 217ss.

[928](#) Sobre os motivos que levaram Hitler a mudar de opinião sobre esse assunto, ver Friedländer, *Extermination*, p. 291s. Ver também Browning, *Origins*, p. 326; Kershaw, *Hitler: Nemesis*, p. 477.

[929](#) Ver o memorando de Lösener para Frick de 18 de agosto de 1941, em Lösener, “Rassereferent”, p. 303. A questão foi também discutida entre Himmler e Heydrich em 2 de setembro. Ver Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, p. 203.

[930](#) Himmler a Greiser, 18 de setembro de 1941, em BAB, NS 19/2655, f. 3; reproduzido em Peter Witte, “Two Decisions Concerning the ‘Final Solution of the Jewish Question’: Deportations to Łódź and the Mass Murder in Chelmno”, *Holocaust and Genocide Studies* 9 (1995), pp. 318-45. Uma cópia da carta foi enviada para Heydrich.

[931](#) Anotação no diário de Goebbels de 24 de setembro de 1941, em *Tagebücher*, parte II, vol. 1, pp. 480ss.

[932](#) Contudo, apesar da existência de brigadas *partisans* judaicas, os judeus constituíram menos de 5% da força *partisan* total nos territórios ocupados. Ver Leonid Smilovitsky, “Righteous Gentiles, the Partisans and Jewish Survival in Belorussia, 1941-44”, *Holocaust and Genocide Studies* 11 (1997), pp. 301-29.

[933](#) Sobre a reação emocional de Heydrich à nomeação, ver Schellenberg, *Labyrinth*, p. 225; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 56. Sobre a relação com Himmler depois de 1941, ver Longerich, *Himmler*, p. 589.

[934](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 98s.; Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 24 de setembro de 1941, p. 217.

[935](#) Sobre Frank, ver BAB, BDC, SSO Karl Hermann Frank; Miloslav Moulis e Dušan Tomášek, *K. H. Frank. Vzestup a pád karloovarského knihkupce* (Praga,

2003), pp. 12ss.; Ralf Gebel, *“Heim ins Reich”. Konrad Henlein und der Reichsgau Sudetenland (1938-1945)* (Munique, 1999), pp. 43ss.

[936](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 102. Heydrich a Bormann, 27 de setembro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 11, p. 93. Ver também a descrição do estado de espírito em Praga como relatado por Naudé, *Politischer Beamter*, p. 116, e Wilhelm Dennler, *Die böhmische Passion* (Freiburg, 1953), p. 55.

[937](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 104.

[938](#) Discurso de Heydrich no Palácio Černín em 2 de outubro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga 114-6-4, caixa 22. Naudé, *Politischer Beamter*, p. 124. Sentimentos semelhantes foram expressos no discurso de Heydrich de 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-22, f. 56.

[939](#) Ver a Declaração do Estado de Emergência de 27 a 28 de setembro de 1942, feita por Heydrich, e a versão para difusão na imprensa em Arquivos Nacionais, Praga, p. 114, caixa 1.140. Ver também a segunda (mais detalhada) Declaração do Estado de Emergência de 1º de outubro de 1941, em *ibid.* A citação é do discurso de Heydrich para os jornalistas do Protetorado em 10 de outubro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-47, caixa 8.

[940](#) Kural, *Vlastenci proti okupaci*, pp. 156ss. Sobre o número de pessoas que compareceram diante de tribunais sumários, ver Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 212. Sobre os vereditos de 30 de setembro, ver o relatório de Gregory a Heydrich de 20 de setembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, p. 114, caixa 1.140. Ver também Martin Hořák e Tomáš Jelínek, *Nacistická perzekuce obyvatel českých zemí* (Praga, 2006).

[941](#) Heydrich a Bormann, 1º de outubro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 20, p. 105; e protocolo da reunião da equipe sênior no Gabinete do Protetor do Reich, 17 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26.

[942](#) Sládek, “Standrecht”, p. 326.

[943](#) Brandes, “Nationalsozialistische Tschechenpolitik”, p. 45; Hans Maršálek, *Die Geschichte des Konzentrationslagers Mauthausen* (Viena, 1980), p. 122; sobre o número de prisioneiros enviados para Auschwitz, ver Miroslav Kárný, “Introduction”, em *idem et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, p. 41.

[944](#) Ver decreto de Heydrich como publicado em *Der Neue Tag*, 12 de outubro de 1941. Ver também Mark Dimond, “The Sokol and Czech Nationalism, 1918-48”, em Mark Cornwall e R. J. W. Evans (orgs.), *Czechoslovakia in a Nationalist and Fascist Europe, 1918-1948* (Oxford, 2007), pp. 185-206. Relatório do representante do Ministério do Exterior no Gabinete do Protetor do Reich, Gerstberger, 2 de outubro de 1941, em PAAA, R 101109, vol. 2.

[945](#) Heydrich a Bormann, 16 de maio de 1942, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, docs. 96 e 97, pp. 259s. e 262s. Ver também Jaroslav Kokoška, *Spor o agenta A-54* (Praga, 1994).

[946](#) Stapo Leitstelle Praga, relatório sobre prisões de membros da resistência, 10 de novembro de 1942, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 47, pp. 177-81. Sobre o destino da resistência democrática, ver Brandes, *Tschechen*, vol. 1, pp. 217ss.

[947](#) Heydrich a Hácha, 9 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 109-4-16.

[948](#) Hitler como citado em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, p. 11.

[949](#) Ver os procedimentos do julgamento em BAB, R 22/4070; e Helmut Heiber, “Zur Justiz im Dritten Reich. Der Fall Eliaš”, *VfZ* 3 (1955), pp. 275-396. Eliaš, como citado na carta de Heydrich a Bormann de 1º de outubro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 20, p. 103. Ele havia comunicado previamente as notícias a Himmler pelo telefone, em 28 de setembro; ver Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, p. 221. Para a declaração publicada, ver, por exemplo, *Der Neue Tag*, 2 de outubro de 1941; *České slovo*, 2 de outubro de 1941; *Venkov*, 2 de outubro de 1941; *Národní politika*, 2 de outubro de 1941. Sobre a colaboração no Protetorado de um modo mais geral, ver Detlef Brandes, “Kolaborace v Protektorátu Čechy a Morava”, *Dějiny a současnost* 16 (1994), pp. 25-9; Jiří Frajdl, *Protektorátní kolaborantské a fašistické organizace, 1939-1945* (Praga, 2003).

[950](#) Heydrich a Bormann, 30 de dezembro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 65, p. 202 e Heydrich a Bormann, 3 de janeiro de 1942, *ibid.*, doc. 66, p. 208. Ver também Gustav von Schmoller, “Heydrich im Protektorat Böhmen und Mähren”, *VfZ* 27 (1979), pp. 626-45. Brandes, *Tschechen*, vol. 1, pp. 213ss.; Mastny, *Czechs*, pp. 187ss.

[951](#) Mastny, *The Czechs*, p. 200.

[952](#) Hácha em 4 de dezembro de 1941, como citado em Mastny, *Czechs*, pp. 197ss. Ver também Kural, *Vlastenci proti okupaci*, p. 156s.

[953](#) Discurso de Heydrich no Castelo de Praga, 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-2, caixa 22, p. 10.

[954](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, pp. 225-27.

[955](#) Discurso de Heydrich no Castelo de Praga, 4 de fevereiro de 1942, Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-2, caixa 22, pp. 1-2. Sentimentos semelhantes foram expressos no telegrama de Heydrich para Lammers de 9 de outubro de 1941, BAB, R 43II/1326.

[956](#) Ver o relato de testemunha ocular em Lisl Urban, *Ein ganz gewöhnliches Leben* (Leipzig, 2006), p. 113. Sobre a estratégia de Heydrich, ver Heydrich a Bormann, 1º de outubro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 20, p. 105, e protocolo da reunião da equipe sênior no Gabinete do Protetor do Reich, 17 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26. Sobre a continuação das execuções: SS-*Sturmbannführer* Illmer, presidente do tribunal sumário de Praga, a Frank, 6 de novembro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 46, pp. 176-77. É provável que essa estratégia tenha sido discutida entre Himmler e Heydrich durante uma reunião de cinco horas em Berlim, em 14 de outubro. Ver Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, p. 234s.

[957](#) Relatório da Inteligência como citado em Bryant, *Prague in Black*, p. 144. Ver também Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 212.

[958](#) Coletânea de textos homenageando alguém. (N. do T.)

[959](#) Werner Best, “Grundfragen einer deutschen Grossraum-Verwaltung”, em *Festgabe für Heinrich Himmler* (Darmstadt, 1941), pp. 33-60; ver também Herbert, *Best*, pp. 275ss.; Mazower, *Hitler’s Empire*, pp. 235ss.

[960](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 100; Naudé, *Politischer Beamter*, p. 122.

[961](#) Lina Heydrich a Peter Schneiders, 12 de janeiro de 1962, NIOD, doc. I, 69 A.

[962](#) *Völkischer Beobachter*, 3 de dezembro de 1941 e 16 de dezembro de 1941. Ver também Daniels, “Leibeserzieher”, p. 116; Bahro, “Sportler”, p. 118.

[963](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 10 e pp. 100ss.

[964](#) Sobre Panenské Břežany, ver: <http://www.panenskebrezany.cz/view.php?cislocclanku=2007110002>. Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 108 e p. 112.

[965](#) Sobre estas áreas de interesse, ver Heydrich a Hácha, 24 de dezembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-2, caixa 22; Heydrich a Hácha, 4 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 19; notas de Heydrich de 22 de abril de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 19; Heydrich a Göring, 27 de dezembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-2.

[966](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 106.

[967](#) Lina Heydrich a Peter Schneider (Amsterdã), 12 de janeiro de 1962, NIOD, doc. I 691 A.

[968](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 86ss.; ver também Heydrich a Backe, 6 de dezembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 19. Entrevista com Heider Heydrich, março de 2009.

[969](#) Adam Tooze, *Wages of Destruction: The Making and Breaking of the Nazi Economy* (Londres, 2006), pp. 477ss. Kay, "Staatssekretäre", pp. 685-700.

[970](#) Richard Overy, "Business in the 'Grossraumwirtschaft': Eastern Europe, 1938-1945", em Harold James (org.), *Enterprise in the Period of Fascism in Europe* (Burlington, VT, 2002), pp. 151-77; Václav Kural, "Von Masaryks 'Neuem Europa' zu den Grossraumplänen Hitler-Deutschlands", em Richard Plaschka (org.), *Mitteleuropa-Konzeptionen in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts* (Viena, 1995), pp. 351-57; Horst Kahrs, "Von der 'Grossraumwirtschaft' zur 'Neuen Ordnung'. Zur strategischen Orientierung der deutschen Eliten 1932-1943", em Götz Aly (org.), *Modelle für ein deutsches Europa. Ökonomie und Herrschaft im Grosswirtschaftsraum* (Berlim, 1992), pp. 9-28.

[971](#) Werner Daitz, Walther Funk e Hermann Göring, em Jeremy Noakes e Geoffrey Pridham (orgs.), *Nazism, 1919-1945. A Documentary Reader*, 4 vols. (Exeter, 1995-8), vol. 3, pp. 884-900; ver também Paolo Fonzi, "Nationalsocialismo e nuovo ordine europeo: la discussione sulla 'Grossraumwirtschaft'", *Studi Storici* 45 (2004), pp. 313-65.

[972](#) Mastny, *Czechs*, pp. 80ss.; correspondência de 9 de dezembro de 1941 entre Heydrich e o dr. Dietrich, chefe da imprensa do Reich, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 19.

[973](#) Discurso de abertura de Heydrich no fórum econômico da Sociedade do Sudeste Europeu em Praga, 17 de dezembro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 8. Ele havia discutido o acontecimento com Himmler, ao telefone, no dia anterior. Ver Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, p. 291.

[974](#) Göring a Heydrich, 27 de dezembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-2.

[975](#) Discurso de Heydrich no Palácio Černín em 2 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 22.

[976](#) Artigos de jornal creditando pessoalmente a Heydrich o aumento em rações alimentares podem ser encontrados em *České slovo*, 25 de outubro de 1941; *Národní politika*, 25 de outubro de 1941; *Venkov*, 25 de outubro de 1941.

[977](#) Discurso de Heydrich para representantes dos sindicatos em 24 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-8. Ver também as notas sobre o acontecimento tomadas pelo SS-*Sturmbannführer* Wolf, em Arquivos Nacionais,

Praga, 109-4-175. As reuniões de propaganda foram consideradas um completo fracasso pelo SD – tinham tido um caráter excessivamente propagandístico e foram rejeitadas precisamente pelos trabalhadores que procuravam convencer. Ver o relatório do SD de 20 de outubro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 35, pp. 158-59.

[978](#) *Der Neue Tag*, 25 e 26 de outubro, 30 de setembro e 4 de outubro de 1941. Ver também *Česke slovo*, 3 de outubro de 1941; Walter Wannemacher, “Reinhard Heydrich”, *Böhmen und Mähren* (1942), pp. 188-89.

[979](#) Jaroslav Krejčí, “The Bohemian-Moravian War Economy”, em Michael Charles Kaser e Edward Albert Radice (orgs.), *The Economic History of Eastern Europe, 1919-1975* (Oxford, 1986), p. 491, quadro 19; ver também discurso de Heydrich para representantes dos trabalhadores agrícolas tchecos no Castelo de Praga, em 5 de dezembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-8.a

[980](#) Reunião da equipe sênior no Gabinete do Protetor do Reich, 1º de novembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26. Discurso de Heydrich no Palácio Černín em 2 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 22. Sentimentos similares estão expressos no discurso de Heydrich no Castelo de Praga, 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-22, ff. 30-3. Ver também os interrogatórios pós-guerra de Walter Jacobi, arquivo do Ministério do Interior (AMV), Praga, 325-166-3.

[981](#) Vaclav Průcha, *Hospodářské a sociální dějiny Československa 1918-1992, 1. díl období 1918-1945* (Brno, 2004), pp. 427-31; Dana Musilová, “Problémy sociálně ekonomického vývoje v letech 1939-1945 v protektorátu Čechy a Morava”, *Historický obzor* 3 (1992), pp. 149-52.

[982](#) *Der Neue Tag*, 12 de fevereiro de 1942. Quando a exposição foi para Berlim, uma bomba incendiária explodiu em 18 de maio de 1942. Em resposta, Heydrich mandou prender o instigador do incidente, o “comunista *mischling*” Herbert Baum, e mais 154 homens judeus, enviando-os para Sachsenhausen, onde foram fuzilados juntamente com 96 outros internos judeus. Ver Wolfgang Scheffler, “Der Brandanschlag im Berliner Lustgarten im Mai 1942 und seine Folge. Eine quellenkritische Betrachtung”, *Berlin in Geschichte und Gegenwart. Jahrbuch des Landesarchivs Berlin* 3 (1984), pp. 91-118, e Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 26 de maio de 1942, p. 437.

[983](#) *Der Neue Tag*, 26 de outubro de 1941.

[984](#) Burian *et al.*, *Assassination*, p. 53. É difícil avaliar até que ponto essa forma de propaganda foi bem-sucedida, mas é provável que tenha exercido pouca influência sobre a população tcheca em geral. Tim Fauth, *Deutsche Kulturpolitik im Protektorat Böhmen und Mähren, 1939-1941* (Göttingen, 2004), p. 89s.

[985](#) Evans, *Third Reich in Power*, p. 686s.

[986](#) Mazower, *Hitler's Empire*; Evans, *Third Reich at War*, pp. 346ss.; Streit, *Keine Kameraden*, p. 128.

[987](#) Herbert, *Foreign Workers*, pp. 143ss.; Jaroslava Mílotová, “‘Cizorodí’ dělníci a jejich pracovní nasazení v nacistickém Německu v letech 1939-1945”, em Jana Havlíková (org.), *Museli pracovat pro Říši. Nucené pracovní nasazení českého obyvatelstva v letech 2. světové války. Doprovodná publikace k výstavě* (Praga, 2004), p. 26.

[988](#) Speer, como citado em Deschner, *Heydrich*, p. 322.

[989](#) Usado no contexto nazista, o termo *völkisch* indica o que é próprio à

“comunidade de raça, povo e nação”. (N. do T.)

[990](#) Havlíková (org.), *Museli pracovat pro Říši*, p. 28; Herbert, *Foreign Workers*, pp. 163ss.

[991](#) Discurso de Heydrich de 26 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114, caixa 8. Sobre o decreto de maio ver *IMT*, vol. 26, p. 485; Miroslav Kárný, “Der ‘Reichsausgleich’ in der deutschen Protektoratspolitik”, em Ulrich Herbert (org.), *Europa und der “Reichseinsatz”. Ausländische Zivilarbeiter, Kriegsgefangene und KZ-Häftlinge in Deutschland 1938-1945* (Essen, 1991), pp. 26-50, aqui p. 38.

[992](#) Relatório da Inteligência de 21 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Kew, HS, 4/79.

[993](#) Heydrich a Hácha em 6 de novembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 19.

[994](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, pp. 224-25. Ver também carta de Heydrich a Bormann, de 18 de maio de 1942, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 98, pp. 262-63. Carta de Heydrich a Hácha de 6 de novembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 19.

[995](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 92s., 99; Heydrich a Hácha, 24 de dezembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-2.

[996](#) Reunião da equipe sênior de 1º de novembro de 1941 (com a participação de Heydrich, Frank, Burgsdorff, Böhme, Fuchs e Maurer), em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26. Jaroslava Milotová, “Výsledky Heydrichovi správní reformy z pohledu okupačního aparátu”, *Paginae historiae* 2 (1994), pp. 161-74. Jaroslava Milotová, “Personální aspekty tzv. Heydrichovi správní reformy”, *Paginae historiae* 1 (1993), pp. 196-218. Sobre o encontro com Lammers em Munique em 9 de novembro de 1941, ver as notas de Heydrich de 11 de novembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 19; Heydrich para Bormann em 30 de dezembro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 65, p. 206.

[997](#) Patente militar da SS. Correspondia a general de brigada na Wehrmacht. (N. do T.)

[998](#) Discurso de Heydrich no Castelo de Praga, 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-2, p. 19. Sobre a reação crítica à nomeação de Bertsch por parte de seus colegas tchecos, ver o relatório do SD para Heydrich de 20 de janeiro de 1942, Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 19.

[999](#) Nazista norueguês que se tornou o principal colaborador do ocupante alemão durante a Segunda Guerra Mundial. (N. do T.)

[1000](#) Ver, por exemplo, os Informes da Inteligência Britânica em National Archives, Kew, HS 4/79/324795..

[1001](#) Ver o protocolo da reunião de Moravec com Frank em 6 de fevereiro de 1942, na qual o segundo passou a Moravec instruções detalhadas de Heydrich para a propaganda no Protetorado, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 78, pp. 234-35. Sobre Moravec, ver Jiří Pernes, *Až na dno zrady. Emanuel Moravec* (Praga, 1997).

[1002](#) Discurso de Heydrich ante o novo governo do Protetorado, 19 de janeiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-8.

[1003](#) Heydrich para Bormann, 16 de novembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-3-17.

- [1004](#) Protocolo da reunião da equipe sênior no Gabinete do Protetor do Reich, 1º de novembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26.
- [1005](#) Heydrich para Bormann, 16 de novembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-3-17.
- [1006](#) Protocolo da reunião da equipe sênior no Gabinete do Protetor do Reich, 1º de novembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26.
- [1007](#) Discurso de Heydrich ante o novo governo do Protetorado, 19 de janeiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-8; *Der Neue Tag*, 20 de janeiro de 1942.
- [1008](#) Números segundo Mazower, *Hitler's Empire*, p. 238; Heydrich a Bormann, 18 de maio de 1942, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 98, p. 266.
- [1009](#) Bryant, *Prague in Black*, pp. 31ss.
- [1010](#) Heydrich a membros da equipe sênior em 1º de novembro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26. Em junho de 1942, os únicos gabinetes de *oberlandräte* que restavam ficavam em Praga, Budweis, Pilsen, Königgrätz, Brno e Iglau.
- [1011](#) Heydrich para Bormann, 18 de maio de 1942, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 98, p. 266. Na realidade, o número de funcionários públicos “liberados para o serviço militar” foi significativamente mais baixo, talvez por volta de 30 mil. Ver Miroslav Kárný, “Introduction”, em *idem et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, p. 53.
- [1012](#) Mastny, *Czechs*, p. 201; Brandes, “Nationalsozialistische Tschechenpolitik”, p. 46.
- [1013](#) Fala de Heydrich de 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-22, 39.
- [1014](#) Anotação de 21 de janeiro de 1942 no diário de Goebbels, em *Tagebücher*, parte II, vol. 3, p. 161.
- [1015](#) Hitler em 25 de janeiro de 1942, Hitler, *Monologe*, p. 227s.
- [1016](#) Adolf Hitler, *Hitler's Table Talk 1941-1944* (Londres, 1953), pp. 490ss., citação na p. 494.
- [1017](#) Brandes, “Nationalsozialistische Tschechenpolitik”, p. 51. Sobre as medidas de Heydrich para trabalhadores, ver Dana Severová, “Sociální politika nacistů v takzvaném Protektorátu v letech, 1939-1945”, *Dějiny socialistického Československa* 7 (1985), pp. 184-90; Mastny, *Czechs*, p. 194s.; Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 230s.
- [1018](#) Ver Miroslav Kárný, “Die materiellen Grundlagen der Sozialdemagogie in der Protektoratspolitik Heydrich”, *Historica* 19 (1989), pp. 123-59.
- [1019](#) Naudé, *Politischer Beamter*, p. 123.
- [1020](#) Pohl, *Ostgalizien*; Gerlach, *Kalkulierte Morde*; Wendy Lower, *Nazi Empire-Building and the Holocaust in Ukraine* (Chapel Hill, NC, 2005).
- [1021](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, pp. 32ss.; Mastny, *Czechs*, p. 94s.
- [1022](#) Bormann a Heydrich, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26.
- [1023](#) Citação de Heydrich tirada de seu discurso no Palácio Černín de 2 de outubro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 22, p. 120. Bryant, *Prague in Black*, p. 31.
- [1024](#) Relato de Werner Koeppen sobre a conversa de Heydrich com Hitler, 2 de outubro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 21, p. 107.
- [1025](#) Kárný, “Introduction”, em *ibid.*, pp. 13-4. Sobre os relatórios do SD, ver

Boberach (org.), *Meldungen aus dem Reich*. O período de Heydrich em Praga é coberto pelos vols. 8 a 10, pp. 2809-3787. Os informes diários e mensais do SD sobre o Protetorado terminam em outubro de 1941.

[1026](#) Anotação do diário de Goebbels de 15 de fevereiro de 1942, em *Tagebücher*, parte II, vol. 3, p. 316.

[1027](#) Discurso de Heydrich no Castelo de Praga, 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-2, caixa 22, f. 4.

[1028](#) Heinemann, "Perpetrator", pp. 387ss.

[1029](#) Browning, *Origins*, pp. 240ss.; Gerlach, *Kalkulierte Morde*, pp. 26ss.; Karel C. Berkhoff, *Harvest of Despair: Life and Death in Ukraine under Nazi Rule* (Cambridge, MA, 2004), pp. 35ss.; Dean, *Collaboration*, pp. 110ss.; Streit, *Keine Kameraden*, p. 128.

[1030](#) Heinemann, "Perpetrator", pp. 387ss.

[1031](#) Conselho Regional. (N. do T.)

[1032](#) Memorando do general Friderici, plenipotenciário da Wehrmacht, para o protetor do Reich da Boêmia e Morávia, sobre a reunião de 9 de outubro de 1940, como publicado em Václav Král (org.), *Die Deutschen in der Tschechoslowakei 1933-1947. Dokumentensammlung* (Praga, 1964), doc. 322a, p. 427s.

[1033](#) Memorando do Ministério do Exterior, de 14 de outubro de 1940, sobre a decisão de Hitler acerca da autonomia tcheca e dos programas de germanização no Protetorado, em *ibid.*, p. 428.

[1034](#) Posto paramilitar da SS. Equivalia a major. (N. do T.)

[1035](#) Heinemann, "Rasse", pp. 155ss.

[1036](#) Bryant, *Prague in Black*, p. 159. Ver também Isabel Heinemann, "'Deutsches Blut'. Die Rasseexperten der SS und die Volksdeutschen", em Jerzy Kochanowski e Maïke Sach (orgs.), *Die "Volksdeutschen" in Polen, Frankreich, Ungarn und der Tschechoslowakei. Mythos und Realität* (Osnabrück, 2006), pp. 163-82.

[1037](#) Heydrich durante a reunião da equipe sênior no Gabinete do Protetor do Reich em 17 de outubro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26.

[1038](#) Deschner, *Heydrich*, pp. 217ss.; Dederichs, *Heydrich*, pp. 155ss.

[1039](#) Naudé, *Politischer Beamter*, p. 124; ver também Dennler, *Böhmische Passion*, p. 62s.

[1040](#) Discurso de Heydrich no Palácio Černín em 2 de outubro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 22.

[1041](#) *Ibid.*, Bryant, *Prague in Black*, p. 159.

[1042](#) Sobre essa polêmica, ver com mais detalhes Robert Gerwarth e Stephan Malinowski, "Hannah Arendt's Ghosts: Reflections on the Disputable Path from Windhoek to Auschwitz", *Central European History* 42 (2009), pp. 279-300.

[1043](#) Hitler em 17 de setembro de 1941, como citado em Hitler, *Monologe*, p. 62s.; ver também p. 193 e p. 361.

[1044](#) Birthe Kundrus, "Kontinuitäten, Parallelen, Rezeptionen. Überlegungen zur Kolonialisierung des Nationalsozialismus", *Werkstatt Geschichte* 43 (2006), pp. 45-62, aqui p. 57s.

[1045](#) Reinhard Höhn e Helmut Seydel, "Der Kampf um die Wiedergewinnung des deutschen Osten. Erfahrungen der preussischen Ostsiedlung 1866-1914", em *Festgabe für Heinrich Himmler* (Darmstadt, 1941), pp. 61-174, particularmente

pp. 99ss. Sobre as “políticas coloniais” da Alemanha Imperial com relação à Polônia, ver Philipp Ther, “Deutsche Geschichte als imperiale Geschichte. Polen, slawophone Minderheiten und das Kaiserreich als kontinentales Empire”, em Sebastian Conrad e Jürgen Osterhammel (orgs.), *Das Kaiserreich transnational. Deutschland in der Welt, 1871-1914* (Göttingen, 2004), pp. 129-48; Thomas Serrier, *Entre Allemagne et Pologne: Nations et identités frontalières, 1848-1914* (Paris, 2002); Vejas Gabriel Liulevicius, *The German Myth of the East: 1800 to the Present* (Oxford, 2009).

[1046](#) Discurso de Heydrich no Palácio Černín em 2 de outubro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 22.

[1047](#) Goebbels havia lido um rascunho do discurso e fez um comentário escrito sobre ele. Ver sua carta a Heydrich de 28 de setembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 1140.

[1048](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 20 de março de 1941; Helmut Heiber, “Der Generalplan Ost”, *VfZ* 6 (1958), pp. 281-325.

[1049](#) Sobre a gênese do Generalplan Ost e os planos do RuSHA, ver Heinemann, “Rasse”, pp. 362ss.; Rutherford, *Prelude*; Czeslaw Madajczyk (org.), *Vom Generalplan Ost zum Generalsiedlungsplan* (Munique, 1994); Rolf-Dieter Müller, *Hitler's Ostkrieg und die deutsche Siedlungspolitik. Die Zusammenarbeit von Wehrmacht, Wirtschaft und SS* (Frankfurt, 1991); Mechtild Rössler e Sabine Schleiermacher (orgs.), *Der “Generalplan Ost”. Hauptlinien der nationalsozialistischen Planungs- und Vernichtungspolitik* (Berlim, 1993).

[1050](#) Sobre o contexto, ver Alena Mišková, “Rassenforschung und Oststudien an der Deutschen (Karls-) Universität in Prag”, em Detlef Brandes, Edita Ivaničková e Jiří Pešek (orgs.), *Erzwungene Trennung. Vertreibungen und Aussiedlungen in und aus der Tschechoslowakei 1938-1947 im Vergleich mit Polen, Ungarn und Jugoslawien* (Essen, 1999). Sobre Karl Valentin Müller, ver Eduard Kubů, “‘Die Bedeutung des deutschen Blutes im Tschechentum’. Der ‘wissenschaftspädagogische’ Beitrag des Soziologen Karl Valentin Müller zur Lösung des Problems der Germanisierung Mitteleuropas”, *Bohemia. Zeitschrift für Geschichte und Kultur der böhmischen Länder* 45 (2004), pp. 93-114.

[1051](#) Certificado da nomeação de Müller, 6 de novembro de 1941, como citado em Kubů, “Bedeutung”, p. 98.

[1052](#) Martin Paul Wolff a Franz-Alfred Six, com reprodução do memorando de Müller “Die tschechisch-deutsche Frage” em Státní oblastní archiv Praha (Arquivo Estatal de Praga), NSDAP Prag, coleção de pastas de “K. V. Müller”. Ver também Kubů, “Bedeutung”, pp. 96ss.

[1053](#) Kubů, “Bedeutung”, pp. 96ss.

[1054](#) Hans Joachim Beyer, *Aufbau und Entwicklung des ostdeutschen Volksraums* (Berlim, 1935); Karl Heinz Roth, “Heydrich Professor. Historiographie des ‘Volkstums’ und der Massenvernichtungen. Der Fall Hans Joachim Beyer”, em Peter Schöttler (org.), *Geschichtsschreibung als Legitimationswissenschaft* (Frankfurt, 1997), pp. 262-342, esp. p. 307.

[1055](#) Alexander Pinwinkler, “Assimilation” und “Dissimilation” in der Bevölkerungsgeschichte ca.1918-1960”, em Rainer Mackensen (org.), *Bevölkerungsforschung und Politik in Deutschland im 20. Jahrhundert* (Wiesbaden, 2006), pp. 23-48, aqui p. 36.

[1056](#) Hans Joachim Beyer, “Auslese und Assimilation”, *Deutsche Monatshefte* 7

(1940), p. 418; *idem*, “Amerikanisches oder bolschewistisches ‘Volkstum’”, *Deutsche Volksforschung in Böhmen und Mähren* 2 (1943), pp. 204ss.; ver também Roth, “Heydrich Professor”, pp. 262ss.

[1057](#) Hans Joachim Beyer, *Das Schicksal der Polen. Rasse - Volkscharakter - Stammesart* (Leipzig, 1942), pp. 158ss.

[1058](#) Em 1945, Beyer fugiu de Praga para a Alemanha e começou uma segunda carreira, um tanto diferente, primeiro como porta-voz da igreja protestante em Schleswig-Holstein, depois, a partir de 1950, como professor de história na Universidade de Flensburg. Pinnwinkler, “Assimilation”, p. 30; Andreas Wiedemann, *Die Reinhard-Heydrich-Stiftung in Prag 1942-1945* (Dresden, 2000); Alena Míšková, “Die Deutsche Universität Prag im Vergleich mit anderen deutschen Universitäten der Kriegzeit”, em Hans Lemberg (org.), *Universitäten in nationaler Konkurrenz. Zur Geschichte der Prager Universitäten im 19. und 20. Jahrhundert* (Munich, 2003), pp. 177-94, aqui p. 186.

[1059](#) Discurso de Heydrich no Palácio Černín em 2 de outubro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 22. Para os estudos raciais da SS de março de 1940, nos quais se baseava a opinião de Heydrich, ver BAB, NS 2/88, pp. 30-8.

[1060](#) Discurso de Heydrich no Palácio Černín em 2 de outubro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 22. Sobre o contexto, ver Boris Čelovský (org.), *Germanisierung und Genozid. Hitlers Endlösung der tschechischen Frage. Deutsche Dokumente 1933-1945* (Brno e Dresden, 2005).

[1061](#) Götz Aly e Karl Heinz Roth, *Die restlose Erfassung. Volkszählen, Identifizieren, Aussondern im Nationalsozialismus* (Frankfurt am Main, 2000); Bartov, “Defining Enemies”, pp. 135ss.; Eric D. Weitz, *A Century of Genocide: Utopias of Race and Nation* (Princeton, NJ, 2003), pp. 113ss.

[1062](#) Heinemann, “Perpetrator”, p. 392.

[1063](#) Para uma discussão geral dos diferentes órgãos envolvidos na reconstrução étnica da Europa ocupada, ver Isabel Heinemann, “‘Ethnic Resettlement’ and Inter-Agency Cooperation in the Occupied Eastern Territories”, em Gerald D. Feldman e Wolfgang Seibel (orgs.), *Networks of Nazi Persecution: Bureaucracy, Business, and the Organization of the Holocaust* (Oxford e Nova York, 2004), pp. 213-35.

[1064](#) Embora não exista registro do fato, a conversa na mesa de almoço de Hitler consistiu naquele dia de um monólogo sobre a destruição do povo tcheco. Heydrich estava presente e a conversa dos dois sobre o Protetorado deve ter acontecido antes ou depois dessa refeição. Ver Hitler, *Monologe*, pp. 106ss.

[1065](#) Discurso de Heydrich no Castelo de Praga em 4 de fevereiro de 1942, Arquivos Nacionais, Praga, pp. 114-22.

[1066](#) Bryant, *Prague in Black*, 158. John Connelly, “Nazis and Slavs: From Racial Theory to Racist Practice”, *Central European History* 32 (1999), pp. 1-33, aqui pp. 16-9; Lothar Kettenacker, *Nationalsozialistische Volkstumspolitik im Elsass* (Stuttgart, 1973), p. 232; Doris Bergen, “The Nazi Concept of ‘Volksdeutsche’ and the Exacerbation of Anti-Semitism in Eastern Europe, 1939-1945”, *Journal of Contemporary History* 29 (1994), pp. 569-82, aqui p. 572.

[1067](#) Bryant, *Prague in Black*, pp. 158-59.

[1068](#) Relatório de Werner Koeppen sobre a reunião de Heydrich e Hitler de 1-2 de outubro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 21, p. 107.

[1069](#) Heydrich a Bormann, 30 de dezembro de 1941, em *ibid.*, doc. 65, p. 206.

Ver também Bryant, *Prague in Black*, p. 158.

[1070](#) Heydrich a Bormann, 18 de maio de 1942, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 98, p. 272.

[1071](#) Bryant, *Prague in Black*.

[1072](#) Sobre o Bodenamt e os confiscos de terras, ver Miloš Hořejš, “Spolupráce Böhmisches-Mährische Landgesellschaft, Bodenamt für Böhmen und Mähren a Volksdeutsche Mittelstelle na germanizaci české půdy na Mělnicku a Mladoboleslavsku (1939-1945)”, *Terezínské listy* 34 (2006), pp. 89-124.

[1073](#) Heydrich na reunião da equipe sênior no Gabinete do Protetor do Reich, 17 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26. Discurso de Heydrich de 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-22, p. 23.

[1074](#) Wendy Lower, “A New Ordering of Space and Race: Nazi Colonial Dreams in Zhytomyr, Ukraine 1941-1944”, *German Studies Review* 25 (2002), pp. 227-54; Uwe Mai, *Rasse und Raum. Agrarpolitik, Sozial-und Raumplanung im NS-Staat* (Paderborn, 2002).

[1075](#) Fichas do SD sobre membros do Escritório da Terra de Praga, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 19.

[1076](#) Brandes, “Nationalsozialistische Tschechenpolitik”, pp. 53-4.

[1077](#) Sobre o número de tchecos expulsos de suas casas, ver Brandes, *Tschechen*, vol. 1, 170; Heinemann, “Rasse”, pp. 166-67.

[1078](#) Mazower, *Hitler’s Empire*, p. 186.

[1079](#) Discurso de Heydrich no Palácio Černín em 2 de outubro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 22.

[1080](#) Sobre os peritos raciais de Heydrich, ver Roth, “Generalplan Ost”, p. 36; Heinemann, “Rasse”, p. 131; Míšková, “Rassenforschung”, pp. 39ss.

[1081](#) Brandes, “Nationalsozialistische Tschechenpolitik”, p. 52; Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 101.

[1082](#) Heinemann, “Rasse” pp. 169ss.; Bryant, *Prague in Black*, p. 161.

[1083](#) Discurso de Heydrich no Castelo de Praga em 4 de fevereiro de 1942, Arquivos Nacionais, Praga, 114-22,24. Para uma discussão detalhada da política de Heydrich para a juventude, ver Tara Zahra, *Kidnapped Souls: National Indifference and the Battle for Children in the Bohemian Lands, 1900-1948* (Ithaca, NY, e Londres, 2008), pp. 232ss.

[1084](#) Discurso de Heydrich no Castelo de Praga em 4 de fevereiro de 1942, Arquivos Nacionais, Praga, 114-22,24.

[1085](#) *Ibid.*

[1086](#) Höppner a Ehlich e Eichmann, 3 de setembro de 1941, como citado em Michael Alberti, *Die Verfolgung und Vernichtung der Juden im Reichsgau Wartheland* (Wiesbaden, 2006), p. 375.

[1087](#) Ver ordem de Heydrich de 29 de setembro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 15, pp. 97-8. Ver também *Der Neue Tag*, 6 de outubro de 1941.

[1088](#) Heydrich na conferência de imprensa de 10 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-47, caixa 8.

[1089](#) Heydrich a Hácha, 6 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114, suplemento I, caixa 43.

[1090](#) Heinemann, *Rasse*, p. 174; Rothkirchen, *Jews*, p. 51s.; Nathan Stoltzfus,

“The Limits of Policy: Social Protection of Intermarried German Jews in Nazi Germany”, em *idem* e Robert Gellately (orgs.), *Social Outsiders in Nazi Germany* (Princeton, NJ, 2001), pp. 117-44. Ver também circular de Heydrich aos governadores de distrito sobre a naturalização de *Mischlinge* judeus de 28 de março de 1942, em USHMM RG 48.005 M, rolo 2; relatório do chefe do Escritório Racial do RuSHA sobre as atividades do RuSHA na Boêmia e Morávia, 25 de janeiro de 1944, em BAB, NS 2/153.

[1091](#) “Bericht der Zentralstelle für jüdische Auswanderung”, 2 de outubro 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 23, pp. 122-27.

[1092](#) Miroslav Kárný, “Zur Statistik der jüdischen Bevölkerung im sogenannten Protektorat”, *Judaica Bohemiae* 23 (1987), pp. 9-19.

[1093](#) Zimmermann, *Rassenutopie*, pp. 218ss.

[1094](#) Sobre o número de mortes, ver Ctibor Nečas, *Holocaust českých Romů* (Praga, 1999), p. 175.

[1095](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, p. 405, nº 60.

[1096](#) Relatório de Werner Koeppen sobre a conversa à mesa de Hitler de 6 de outubro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 25, p. 130.

[1097](#) Bryant, *Prague in Black*, 149; Kershaw, *Hitler: Nemesis*, p. 479.

[1098](#) Heydrich a Himmler, 19 de outubro de 1941, em IfZ, Eich 1544. Sobre o gueto de Łódź, ver Sascha Feuchert, Erwin Leibfried e Jörg Riecke (orgs.), *Die Chronik des Ghettos Łódź/Litzmannstadt* (Göttingen, 2006), e Andrea Löw, *Juden im Getto Litzmannstadt. Lebensbedingungen, Selbstwahrnehmung, Verhalten* (Göttingen, 2006). Longerich, *Politik*, pp. 434ss.

[1099](#) Reunião da equipe sênior no Gabinete do Protetor do Reich, 10 de outubro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 29, pp. 137-41.

[1100](#) Cidade com presença militar permanente. (N. do T.)

[1101](#) Reunião da equipe sênior no Gabinete do Protetor do Reich, 17 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26. Sobre Theresienstadt, ver a reprodução de Hans Günther Adler, *Theresienstadt 1941-1945. Das Antlitz einer Zwangsgemeinschaft* (Göttingen, 2005); Vojtěch Blodig, “Dějiny ghetta Terezín (1941-1945)”, em Miloš Pojar (org.), *Stín šoa nad Evropou* (Praga, 2001), pp. 57-66; Tomáš Fedorovič, “Zánik města Terezín a jeho přeměna v ghetto”, *Terezínské listy* 32 (2004), pp. 15-43. (Dif. 6)

[1102](#) Sobre o número de chegadas a Terezin, ver Hilberg, *Destruction*, vol. 2, p. 455.

[1103](#) Anotação no diário de Goebbels de 18 de novembro de 1941, em *Tagebücher*, parte II, vol. 2, p. 309.

[1104](#) Miroslav Kárný, “Konečné řešení”. *Genocida českých židů v německé protektorátní politice* (Praga, 1991), pp. 155ss.

[1105](#) Browning, *Origins*, p. 244.

[1106](#) Carta de correio interno de Eichmann, de 31 de janeiro de 1942, reproduzida em Longerich, *Ermordung*, p. 165s.

[1107](#) Transcrito da reunião de 9 de março de 1942, como reproduzido em Longerich, *Ermordung*, pp. 167ss.

[1108](#) Trecho de filmagem particular de Heydrich nos Alpes bávaros mostra-o relaxado e alegre. Ver BA Filmarchiv (Berlim), DW 615/26/1942. Ver também Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 7 de março de 1942, p. 371.

[1109](#) Dieter Pohl, *Von der “Judenpolitik” zum Judenmord. Der Distrikt Lublin des*

Generalgouvernements 1939-1944 (Frankfurt am Main, 1993), pp. 13ss.; David Silberklang, "Die Juden und die ersten Deportationen aus dem Distrikt Lublin", em Bogdan Musial (org.), "*Aktion Reinhardt*". *Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944* (Osnabrück, 2004), pp. 141-64.

[1110](#) Witte, "Two Decisions", p. 335s.

[1111](#) Kárný, "*Konečné řešení*", p. 153s. Sobre Sobibor em termos gerais, ver Jules Schelvis, *Vernichtungslager Sobibór. Dokumente - Texte - Materialien* (Berlim, 1998).

[1112](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 20 de outubro de 1941; Yehoshua Büchler, "The Deportation of Slovakian Jews to the Lublin District of Poland in 1942", *Holocaust and Genocide Studies* 6 (1991), pp. 151-66.

[1113](#) Memorando de Tuka sobre a visita de Heydrich, datado de 10 de abril, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-7-300; ver também Büchler, "Deportation", pp. 153ss.

[1114](#) Anotação de Dannecker, 10 de março de 1941, publicada em Klarsfeld, *Vichy*, p. 374s. Uma deportação de 5 mil judeus franceses para Auschwitz foi efetuada entre 5 de junho e 17 de julho.

[1115](#) Yitzhak Arad, *Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard Death Camps* (Bloomington, IN, 1987), pp. 36ss. e 75; Jürgen Matthäus, "'Operation Barbarossa' and the Onset of the Holocaust", em Browning, *Origins*, pp. 253-55, aqui p. 304.

[1116](#) Essa visita foi reconstituída durante o julgamento do ex-chefe da Gestapo em Minsk, Georg Heuser, em 1963. Ver Irene Sagel-Grande, H. H. Fuchs e C. F. Rüter (orgs.), *Justiz und NS-Verbrechen. Sammlung deutscher Strafurteile wegen nationalsozialistischer Tötungsverbrechen 1945-1966*, vol. 19: *Die vom 10.01.1963 bis zum 12.04.1964 ergangenen Strafurteile* (Amsterdã, 1978), vol. 19 (Amsterdã, 1987), doc. nº 552, p. 192. Sobre a nova rodada de assassinatos em massa, ver Gerlach, *Kalkulierte Morde*, pp. 694ss.

[1117](#) Sobre a Ucrânia, ver Dieter Pohl, "Schauplatz Ukraine. Der Massenmord an den Juden im Militärverwaltungsgebiet und im Reichskommissariat 1941-1943", em Norbert Frei, Sybille Steinbacher and Bernd C. Wagner (orgs.), *Ausbeutung, Vernichtung, Öffentlichkeit. Neue Studien zur nationalsozialistischen Lagerpolitik* (Munique, 2000), pp. 135-73, aqui p. 159s.

[1118](#) Longerich, *Himmler*, p. 583.

[1119](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, pp. 410ss.; Longerich, *Himmler*, p. 582s.

[1120](#) Registros de falas de Heydrich, de 19 de dezembro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-22.

[1121](#) Sobre as políticas culturais alemãs no Protetorado até a chegada de Heydrich a Praga, ver Fauth, *Kulturpolitik*; Jiří Doležal, *Česká kultura za protektorátu* (Praga, 1996); František Červinka, *Česká kultura a okupace* (Praga, 2002).

[1122](#) Fauth, *Kulturpolitik*, p. 88.

[1123](#) Heydrich a Goebbels, fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 109-4-711.

[1124](#) Carta, Heydrich a Goebbels, 29 de setembro de 1941, e resposta de Goebbels de 1º de outubro de 1941, ambas em Arquivos Nacionais, Praga, 114, caixa 1.140. Ver também anotação no diário de Goebbels de 17 de novembro de

1941, em *Tagebücher*, parte II, vol. 2, p. 309.

[1125](#) Ver o “Protokoll über die Abmachungen mit dem Reichspropagandaministerium über die beabsichtigten Massnahmen auf dem Sektor Kulturpropaganda” de 14 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114, caixa 1.140.

[1126](#) Discurso de Heydrich no Castelo de Praga, 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, pp. 114-22, ff. 23 e 50. Himmler aprovou calorosamente essas “ótimas ideias”. Ver Himmler a Heydrich, 23 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais Praga, 114, caixa 1.140.

[1127](#) Discurso de Heydrich no Palácio Černín em 2 de outubro de 1941, Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 22. Sobre a importância do mito de Venceslau para a propaganda de Heydrich, ver também os interrogatórios pós-Segunda Guerra Mundial de Walter Jacobi, arquivo do Ministério do Interior (AMV), Praga, 325-166-3.

[1128](#) Ver, por exemplo, “Tschechische Betrachtungen zur Wenzelstradition”, *Der Neue Tag*, 21 de novembro de 1941.

[1129](#) Hácha e Heydrich como citados em *Der Neue Tag*, 19 de novembro de 1941.

[1130](#) Reinhard Heydrich, “Die Wenzelstradition”, *Der Neue Tag*, 20 de novembro de 1941.

[1131](#) Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/79/324795.

[1132](#) Heydrich, “Die Wenzelstradition”.

[1133](#) Discurso de Heydrich no Palácio Černín, 2 de outubro de 1941, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-4, caixa 22.

[1134](#) Anotações de Heydrich sobre a história da Boêmia (sem data), em Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 8. Poucas dessas interpretações se originaram de Heydrich. Ele recorreu intensamente a memorandos escritos por Karl Hermann Frank em 1940, assim como a uma série de ensaios publicados pelo professor de direito Hermann Raschhofer, um alemão dos Sudetos, no periódico nazista *Böhmen und Mähren*. Ver Karl Hermann Frank, *Böhmen und Mähren im Reich. Vortrag gehalten am 24. Juni 1941 im Ostinstitut in Krakau* (Praga, 1941). Ver também Himmler a Heydrich, 23 de outubro de 1941 (com particular ênfase no mito de Venceslau), em Arquivos Nacionais, Praga, 114, caixa 1140.

[1135](#) Hans Lemberg, “Prag in Zerrspiegel. Die Propagierung des ‘deutschen Prag’ in der Protektoratszeit”, em *Magister noster. Sborník statí věnovaných in memoriam Prof. Dr. Janu Havránkovi* (Praga, 2005), pp. 383-94. Vojtěch Šustek, “Josef Pfitzner a germanizace města Prahy”, em *Osm set let pražké samosprávy. Sborník příspěvků z 18. vědecké konference Archivu hlavního města Prahy* (Praga, 2002), pp. 167-81.

[1136](#) Discurso de Heydrich no Castelo de Praga, 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-22, f. 56. Sobre sua sincera paixão pela história da Boêmia e Morávia, ver também Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 105.

[1137](#) Sobre o interesse de Heydrich em Wallenstein, ver Deschner, *Heydrich*, p. 218. Sobre as escavações, ver Heydrich a Hácha, 4 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-5-15, caixa 19.

[1138](#) Heydrich a Bormann, 8 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-3-17; Heydrich a Bormann, 16 de novembro de 1941, em *ibid.*

[1139](#) Ver “Denkschrift über die Behandlung der Fremdvölkischen” de Himmler, maio de 1940, reproduzido em VfZ 5 (1957), pp. 195ss.

[1140](#) Discurso de Heydrich de 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-22, f. 29; Heydrich a Bormann, 22 de janeiro de 1942, Arquivos Nacionais, Praga, 114-3-17.

[1141](#) *České slovo*, 1º de maio de 1942.

[1142](#) No contexto nazista, o sistema *Herrenvolk* era o sistema da “raça superior”, da “raça de senhores”. (N. do T.)

[1143](#) Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/79/324795.

[1144](#) Discurso de Heydrich no Castelo de Praga, 4 de fevereiro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-22, f. 28. Sobre os acadêmicos alemães em Praga envolvidos na germanização da paisagem acadêmica, ver Ota Konrád, “Die deutschen Hochschullehrer in Prag vor und nach 1938/39. Versuch einer Bestandsaufnahme”, em Jerzy Kochanowski e Maïke Sach (orgs.), *Die “Volksdeutschen” in Polen, Frankreich, Ungarn und der Tschechoslowakei. Mythos und Realität* (Osnabrück, 2006), pp. 147-62; Míšková, “Rassenforschung”; citação de Karl Hermann Frank, em Wannemacher (org.), *Leben der Tat*, p. 39.

[1145](#) Wiedemann, *Reinhard-Heydrich-Stiftung*, p. 44; Alan E. Steinweis, “German Cultural Imperialism in Czechoslovakia and Poland, 1938-1945”, *International History Review* 13 (1991), pp. 466-80.

[1146](#) Wiedemann, *Reinhard-Heydrich-Stiftung*, p. 89.

[1147](#) Heydrich a Bormann, 18 de maio de 1942, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 98, pp. 246ss.; Wiedemann, *Reinhard-Heydrich-Stiftung*, p. 44.

[1148](#) A Fundação Reinhard Heydrich foi oficialmente inaugurada em 27 de maio de 1943, primeiro aniversário da morte de Heydrich. Ver Wiedemann, *Reinhard-Heydrich-Stiftung*.

[1149](#) Heydrich a Bormann, 30 de dezembro de 1941, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 65, pp. 203-04. Ver também Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 105. Planos para ocupação dos lugares num jantar modificados por Heydrich em 4 de dezembro de 1941, no Castelo de Praga (trajes recomendados: homens de uniforme, mulheres de vestidos de noite curtos), podem ser encontrados em Burian *et al.*, *Assassination*, p. 40. Relato pós-guerra de Speer acerca de Heydrich, como citado em Deschner, *Heydrich*, p. 322.

[1150](#) *Böhmen und Mähren*, novembro de 1941, pp. 400ss.; *Der Neue Tag*, 29 de outubro de 1941. Ver também Vlasta Reittererová, “Das Mozartjahr 1941 in Prag. Ein Beitrag zur Geschichte des Musiklebens im Protektorat Böhmen und Mähren”, em *Přednášky z 47. běhu Letní školy slovanských studií* (Praga, 2004), pp. 184-206.

[1151](#) Pasta “Heydrich und das Deutsche Theater (nur Rohmaterial!)”, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-26. Ver também Karl Hermann Frank, em Wannemacher (org.), *Leben der Tat*, p. 40.

[1152](#) Discurso de Heydrich de 16 de outubro de 1941 por ocasião da reabertura do Rudolfinum, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-2-47. caixa 8.

[1153](#) *Ibid.*

[1154](#) Heydrich, “Grusswort” para Semana Musical, em IfZ, Ed 450; Berndt para Goebbels, 13 de janeiro de 1941, em BAB, R 55, 20750.

[1155](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 114.

[1156](#) *Ibid.*; Naudé, *Politischer Beamter*, p. 127s.; Klein, “Pfitzner and the Two Heydrich”, pp. 308-17.

[1157](#) Heydrich a Bormann, 16 de maio de 1942, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 96, p. 258. Ver também os relatórios diários do SD de janeiro-maio de 1942 que chamavam atenção para o surto nas atividades de resistência a que Heydrich estava se referindo.

[1158](#) Discurso de Heydrich de 26 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114, caixa 8.

[1159](#) Sobre a Europa Oriental, ver o plano “Verordnung über Kollektivmassnahmen in den besetzten Ostgebieten”, enviado por Heydrich a Rosenberg em 16 de março de 1942, em BA-MA, SF-01/28985, ff. 127-29.

[1160](#) Heydrich a Ribbentrop, 3 de junho de 1942 (a carta foi assinada por Heydrich antes de seu assassinato, mas só foi despachada depois), como publicado em Fritz Petrick, *Die Okkupationspolitik des deutschen Faschismus in Dänemark und Norwegen, 1940-45* (Berlim, 1992), doc. 61, p. 139.

[1161](#) Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 28 de janeiro de 1942, p. 331.

[1162](#) Heydrich para Wagner, chefe do serviço de intendência do exército, 6 de novembro de 1941, em IfZ, MA 280; reproduzido em Klarsfeld, *Vichy*, 369. Ver também Burrin, *Hitler and the Jews*, p. 123s. Ao que parece, o conteúdo da carta havia sido aprovado por Himmler, que conversou com Heydrich ao telefone no mesmo dia em que a carta foi despachada. Ver Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 21 de dezembro de 1941, p. 255.

[1163](#) Heydrich para Canaris, 5 de fevereiro de 1942, em IfZ, MA 1498. Uma cópia da carta foi enviada a Himmler, que discutiu o assunto com Heydrich em 7 e 10 de fevereiro. Ver Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 7 e 10 de fevereiro de 1942, pp. 340 e 343.

[1164](#) Canaris a Heydrich, 8 de fevereiro de 1942, em IfZ, MA 1498.

[1165](#) “Grundsätze für die Zusammenarbeit der Sicherheitspolizei und des SD und den Abwehrstellen der Wehrmacht”, em BAB, NS 19/3514.

[1166](#) Sobre a conferência, ver BA Hoppegarten, MIA, p. 35; arquivo do Ministério do Interior tcheco, 114-3-14/36-7; sobre Canaris como hóspede na casa de Heydrich, ver Lina Heydrich a Peter Schneiders (Amsterdã), 12 de janeiro de 1962, em NIOD, doc. I, 691A.

[1167](#) Depoimento pós-guerra de Huppenkothen, IfZ, ZS 249, p. 40.

[1168](#) Carta, Canaris a Lina Heydrich, como citado em: Höhne, *Canaris*, p. 379.

[1169](#) Ver a ordem de Hitler de 9 de março de 1942, em BAB, R 70/13 e as negociações prévias entre a SS e a Wehrmacht em fevereiro de 1942, em IfZ, MA 342ss. 8339-45.

[1170](#) Heydrich a Bormann (de Paris), 7 de maio de 1942, em Káraý *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 93, p. 254.

[1171](#) Dannecker para Knochen, 10 de março de 1942, como citado em Klarsfeld (org.), *Endlösung*, doc. p. 28.

[1172](#) Depoimento pós-guerra de Hans Boetticher, presidente do supremo tribunal na administração militar alemã na França, 29 de outubro de 1949, como citado em Bernhard Brunner, *Der Frankreich-Komplex. Die nationalsozialistischen Verbrechen in Frankreich und die Justiz der Bundesrepublik Deutschland* (Göttingen, 2004), p. 59.

[1173](#) Walter Bargatzky, *Hotel Majestic. Ein Deutscher im besetzten Frankreich* (Feiburg im Breisgau, 1987), p. 103s.

[1174](#) Best para Heydrich, 15 de abril de 1942, em BAB, BDC, Best; ver também depoimento pós-guerra de Best sobre Heydrich (1º de outubro de 1959), em IfZ (Munique), ZS 207/2, pp. 6-7; e Herbert, *Best*, pp. 316-19.

[1175](#) Best a Wolff, 15 de novembro de 1941, em BAB, BDC, Best; ver também Herbert, *Best*, p. 316.

[1176](#) Heydrich a Wolff, 14 de abril de 1942, em BAB, BDC, Best. Em 4 de maio, Heydrich mandou a carta que Best lhe enviara para Himmler, escrevendo na margem: “nada tenho a acrescentar à carta de Best”. Heydrich a Himmler, 4 de maio de 1942, em BAB, BDC, Best.

[1177](#) Best a Heydrich, 7 de maio de 1942, em BAB, BDC, Best. No dia anterior, ele havia escrito a Wolff para esclarecer sua posição: *ibid.*

[1178](#) Best a Wolff, 13 de maio de 1942, BAB, BDC, Best.

[1179](#) Čestmír Amort, *Heydrichiáda* (Praga, 1965), p. 37; MacDonald, *Killing*, p. 166; Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 263; Deschner, *Heydrich*, p. 236; Dederichs, *Heydrich*, p. 139.

[1180](#) Miroslav Kárný, “Heydrichova cesta do Paříže (5.5.1942)”, *Historie a vojenství* 41 (1992), pp. 95-108. Nos papéis de Gies existe apenas um curto bilhete de Böhme a Frank, de 4 de maio de 1942, mencionando que Heydrich estava naquele momento em Paris e que tinha mandado eles informarem que estava em Berlim. Böhme para Frank, 4 de maio de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 109-4-729.

[1181](#) Essa reunião fora também incentivada por Himmler, que informou a Heydrich, em 11 de maio, que havia sugerido a Hitler um encontro com Heydrich para discutirem meios de dominar a onda de resistência que se espalhava pela Europa. Himmler a Heydrich, 11 de maio de 1942, em IfZ, MA 328. Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, p. 74.

[1182](#) Depoimento pós-guerra do dr. Ludwig Hahn, comandante da Sipo e do SD em Varsóvia, como citado em Deschner, *Heydrich*, p. 236s.

[1183](#) Relatório do SD 58/42, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-308-3.

[1184](#) Karl Wolff se lembrou após a guerra que Himmler pedira em maio que Heydrich tomasse mais cuidado em vista de recentes ameaças contra sua vida. Ver o depoimento pós-guerra de Woff em IfZ, ZS 317, ff. 34s. Segundo o único cirurgião tcheco presente na cirurgia de Heydrich, em 27 de maio, Alois Vincenc Honek, Heydrich usava um colete à prova de balas no dia da cirurgia. Ver Dederichs, *Heydrich*, p. 144.

[1185](#) Speer como citado em MacDonald, *Killing*, p. 148s.

Legados de Destruição

EM 9 DE JUNHO DE 1942, O CORPO DE REINHARD HEYDRICH FOI SEPULTADO NUMA das mais elaboradas cerimônias fúnebres jamais organizadas no Terceiro Reich. Nos dois dias anteriores, o caixão ficara exposto no pátio do Castelo de Praga, por onde dezenas de milhares de alemães étnicos e civis tchecos – alguns voluntariamente, outros “incentivados” pelas autoridades nazistas – passaram em fila para prestar suas últimas homenagens. O caixão foi então transportado para a Sala Mosaico da Nova Chancelaria do Reich, em Berlim, onde, sob os acordes solenes da Marcha Fúnebre de Siegfried da ópera de *O Crepúsculo dos Deuses*, de Richard Wagner, todo o comando do Terceiro Reich deu um último adeus a Heydrich.[1186](#)

O espetáculo foi cuidadosamente encenado pelo Ministério da Propaganda de Goebbels numa tentativa de retratar Heydrich como o “nazista ideal”, um mártir heroico da causa nazista, cujas qualidades proporcionavam um exemplo a todos os alemães. Relatos de imprensa sobre o funeral e o falecido foram submetidos a estrita censura e a determinada terminologia, destacando a morte dele com o supremo sacrifício numa luta de vida ou morte pelo Grande Reich Alemão. De acordo com essas instruções, os jornais nazistas louvaram Heydrich como um “homem nórdico” da

“mais apurada qualidade racial” – um membro da nova “aristocracia racial da nação”, que caíra “vítima daquelas forças sombrias que só prosperam na penumbra da emboscada”. Sua morte, assim foi dito, “é uma advertência e um encargo. Honramos sua memória vivendo e agindo do modo como podemos supor que ele queria que fizéssemos”.[1187](#)

O próprio Himmler, em discurso no funeral de 9 de junho, definiu o tom de como Heydrich devia ser lembrado: como um mártir nazista e um impecável homem da SS, “um ideal a ser sempre buscado, mas que talvez jamais se consiga de novo alcançar”. Com um “estilo de vida saudável, simples e disciplinado”, um “espírito decidido” e um caráter “nobre” e “decente”, Heydrich era um modelo exemplar que serviria de “inspiração a gerações futuras”. Como homem de “insubstituíveis, incomparáveis aptidões, combinadas a um caráter da mais rara pureza e mente de lógica e clareza penetrantes”, fora corretamente

temido pelos sub-humanos, odiado e difamado por judeus e outros criminosos [...]Não importa as medidas e ações que levasse a cabo, ele sempre as abordava como um nacional-socialista e um homem da SS. Com as extensões mais profundas de seu coração e de seu sangue, ele sentia, compreendia e tornava real a visão de mundo de Adolf Hitler. Apoderava-se de todas as tarefas de que era encarregado a partir de sua compreensão fundamental de uma genuína visão de mundo racial e do conhecimento de que a pureza, segurança e defesa de nosso sangue é a lei suprema.[1188](#)

Em seguida ao panegírico de Himmler, Hitler, visivelmente emocionado, subiu ao palanque e acrescentou sua autoridade à celebração de uma vida nazista exemplar. “Ele foi um dos melhores nacional-socialistas, um dos mais fortes defensores do Reich alemão, um dos maiores adversários de

todos os inimigos do Império. Morreu como um mártir para a preservação e proteção do Reich.” Hitler, então, condecorou postumamente Heydrich “com o mais alto galardão que posso conceder, o mais elevado grau da Ordem Alemã”, uma distinção criada especialmente para os que tivessem prestado excepcional serviço ao partido e à Pátria.[1189](#)

Quando Hitler deixou a cerimônia fúnebre, dando, na saída, palmadinhas amáveis no rosto dos dois filhos de Heydrich, o caixão foi transportado da Nova Chancelaria do Reich para o Cemitério dos Inválidos, fundado no século XIX como local de sepultamento para a elite militar da Prússia. O corpo de Heydrich foi enterrado ao lado dos túmulos de Scharnhorst, Moltke e outros eminentes generais do passado da Alemanha.[1190](#)

Mas Heydrich não foi de modo algum esquecido depois de 9 de junho. Muito pelo contrário: foi só depois de seu assassinato e como resultado da extensa cobertura jornalística do funeral de Estado, que ele se tornou um nome familiar, tanto no Reich quanto internacionalmente. No dia de sua morte, Hitler acrescentou Heydrich à “lista de honra dos Caídos do Movimento Nazista” e providenciou para que a Sexta Divisão de Infantaria da SS, naquele momento enfrentando o Exército Vermelho na Frente Oriental, recebesse o nome dele. No Protetorado, uma tiragem especial de selos de correio trazendo uma foto da máscara mortuária de Heydrich foi lançada no primeiro aniversário do assassinato. Ruas e praças em 18 cidades e vilas do Protetorado foram rebatizadas em sua homenagem. A luz de Heydrich iria brilhar além da Alemanha, como demonstrou o *Germanische Leithefte*, jornal dos voluntários não alemães da SS, quando celebrou Heydrich como uma reencarnação do lendário rei norueguês Sverre Sigurdsson,

que chefiara uma vitoriosa rebelião contra a Igreja no final do século XII. O jornal chegou a defender que uma placa gravada com runas em homenagem a Sigurdsson fosse colocada no túmulo de Heydrich: “Aqui jaz aquele que era o mais eminente dos reis, o pilar de fé, coragem e honra, exemplo e modelo, invencível espírito heroico, defensor da Pátria, guardião da herança nacional, terror de seus inimigos, fama e glória de seu povo”.[1191](#)

A elevação de Heydrich a mártir no panteão nazista de heróis caídos foi o ponto culminante do já então bem estabelecido culto nazista dos mortos, que exaltava a morte pelo partido e a Pátria como o coroamento lógico de uma vida completa e cheia de significado. O propósito do culto do guerreiro caído dos nazistas era unir a *Volksgemeinschaft* alemã numa determinação inabalável de prosseguir na luta. A SS, em particular, via a morte como uma obrigação contínua para os vivos, uma obrigação de continuar as lutas dos caídos. A morte violenta de um herói nunca era em vão; era antes um modelo para a comunidade mais ampla da SS tentar seguir. Como um ex-representante de Heydrich em Praga, Karl Hermann Frank, declarou, Heydrich tinha servido de exemplo sob mais de um aspecto: mostrara ao mundo “como viver e como morrer” como um herói alemão, e o segundo modo ia se tornar cada vez mais importante durante os últimos dois anos da Segunda Guerra Mundial.[1192](#)

Enquanto o corpo de Heydrich estava sendo sepultado em Berlim, a liderança nazista procurava vingança pelo que Goebbels descreveu em seu diário como a perda “insubstituível” do “mais radical e mais bem-sucedido perseguidor de todos os inimigos do Estado”.[1193](#) A atmosfera em Berlim só pode ser descrita como homicida.

“Nada pode me impedir de deportar milhões de tchecos se eles não quiserem uma coexistência pacífica”, gritou um enfurecido Hitler para o presidente tcheco Hácha após o funeral. As necessidades dos tempos de guerra não o preocupavam mais. Os assassinos tinham de ser encontrados imediatamente ou a população tcheca enfrentaria consequências sem precedentes.[1194](#) Imediatamente após um encontro com Hitler em 9 de junho, Karl Hermann Frank telefonou para Horst Böhme, chefe da Polícia de Segurança e do SD no Protetorado, transmitindo a ordem do Führer para um ato imediato de retaliação: a aniquilação completa do povoado boêmio de Lídice, incluindo o assassinato de todos os habitantes homens e a deportação de todas as mulheres para um campo de concentração. As crianças - se germanizáveis - deveriam ser enviadas para pais de criação no Reich.[1195](#) Böhme dificilmente poderia ter ficado surpreso com essa ordem, pois, para começar, fora ele quem havia sugerido Lídice como possível alvo de retaliação. No dia do funeral de Heydrich, havia telefonado para Himmler, em Berlim, denunciando que os assassinos teriam supostamente recebido apoio dos habitantes do povoado. Himmler, por sua vez, passou a informação a Hitler, que decidiu que Lídice devia ser reduzida a cinzas.[1196](#)

Lídice, uma pequena aldeia com cerca de 500 habitantes localizada a noroeste de Praga no distrito industrial de Kladno, tinha pela primeira vez despertado a suspeita da Gestapo no final do outono de 1941, quando um paraquedista tcheco capturado declarou que duas famílias que moravam em Lídice, os Horák e os Stříbrný, tinham servido como elementos de contato para combatentes da resistência soltos no Protetorado. A história era

provavelmente inventada, mas a Gestapo preferiu acreditar nela, em parte porque dois dos filhos dessas famílias, Josef Horák e Josef Stříbrný, tinham fugido do país em 1939 e se juntado à Brigada Tcheca na Grã-Bretanha.[1197](#)

No início de junho de 1942, enquanto Heydrich ainda estava no hospital e seu destino era incerto, Lídice apareceu de novo no radar das autoridades alemãs quando uma carta suspeita caiu nas mãos da Gestapo. Václav Říha, um homem casado que morava numa pequena casa perto de Lídice, havia mandado uma mensagem para sua jovem amante, Anna Marušćáková, dando por terminado o caso dos dois sob o pretexto de ter de “desaparecer” por algum tempo. A razão disso foi deliberadamente omitida, mas ele deixou a impressão de que conhecia Josef Horák de Lídice e havia recebido uma mensagem dele. Precisando desesperadamente de qualquer possível indício que ajudasse na busca dos assassinos de Heydrich, a Gestapo prendeu tanto Říha quanto Marušćáková. Embora logo ficasse claro que Říha jamais se encontrara com Josef Horák e que não tinha qualquer tipo de ligação com a resistência tcheca, ele e Anna Marušćáková foram deportados para Mauthausen, onde foram mortos em câmara de gás, juntamente com outros 261 internos tchecos do campo, em outubro de 1942.[1198](#)

Apesar do fato de as alegações terem se mostrado falsas, Böhme continuou a encarar Lídice como suspeita e, no dia da morte de Heydrich, homens da Gestapo de Kladno prenderam 15 membros das famílias Horák e Stříbrný. O pior ainda estava por vir: apenas algumas horas após a ordem de destruição dada por Hitler em 9 de junho, unidades da polícia alemã cercaram a aldeia. Os homens foram reunidos na propriedade da família Horák, onde foram

sucessivamente fuzilados em grupos de dez. No todo, 172 homens entre 14 e 84 anos de idade foram assassinados em Lídice em 9 de junho. Os fuzilamentos ainda estavam ocorrendo quando as primeiras casas foram incendiadas. Às dez da manhã, todas as casas de Lídice haviam sido queimadas e as ruínas estilhaçadas por explosivos ou aplanadas por retroescavadeira.[1199](#) As mulheres de Lídice foram deportadas para o campo de concentração de Ravensbrück enquanto os filhos eram submetidos a testagem racial. Só nove das crianças de Lídice foram consideradas germanizáveis, recebendo novos nomes e documentos de identidade alemães antes de serem encaminhadas a pais de criação alemães. A maioria foi assassinada.[1200](#)

Oficiais da Gestapo capturaram ainda onze homens de Lídice que estavam trabalhando no turno da noite numa fábrica próxima, um mineiro da aldeia que estava se recuperando de uma perna quebrada no hospital regional e outro morador que passara três dias escondido na mata. Todos eles, assim como os membros restantes das famílias Horák e Stříbrný que não estavam morando em Lídice, foram fuzilados nos dias seguintes. No total, 199 homens de Lídice foram executados, um massacre que, como Goebbles registrou com satisfação em seu diário, “terá com certeza um efeito de resfriamento sobre o que resta do movimento clandestino no Protetorado”.[1201](#)

As matanças de Lídice, irradiadas com orgulho pela propaganda alemã, chegaram às primeiras páginas dos jornais de todo o mundo.[1202](#) Muito tempo antes de Auschwitz, Lídice se tornou, como o Ministério da Guerra britânico comentou sucintamente, o “símbolo da política alemã do *Schrecklichkeit* [terror]... um símbolo de todas as

Lídices, em todos os países, tocadas pelo ódio alemão”. De todos os locais de brutais represálias alemãs na Segunda Guerra Mundial - de Oradour, Marzabotto, Kraguljevac, Distomo a Kalavryta e outras aldeias - Lídice possuía o maior valor propagandístico para a causa aliada, precisamente porque os alemães estavam relatando com alegria sua destruição em jornais cinematográficos e discursos de propaganda. Como sugeriu o relatório do Ministério da Guerra, “cada vez que isso é lembrado, a humanidade se torna um pouco mais convicta de que a coisa que tentou exterminar Lídice deve ser ela própria exterminada, deve ser expelida da Terra para que nenhuma Lídice jamais torne a morrer”.[1203](#)

Logo depois da destruição da aldeia, várias comunidades nos Estados Unidos, no México, no Peru e no Brasil rebatizaram aldeias e cidades de “Lídice”, tornando Heydrich conhecido por todo o mundo. Em seu exílio californiano, Heinrich Mann escreveu o romance *Lidice* (1943), o diretor Humphrey Jennings filmou *The Silent Village* [A Aldeia Silenciosa] em 1943, e Bertolt Brecht e Fritz Lang colaboraram no grande sucesso de Hollywood, *Hangmen Also Die* [Os Carrascos também Morrem], também de 1943. Cecil Day Lewis e Edna St Vincent Millay escreveram elegias para a aldeia e os cartazes de guerra nos Estados Unidos pediram aos americanos “Lembrem Pearl Harbor e Lídice”. “Os nazistas são feras estúpidas”, o mais famoso escritor alemão no exílio, o prêmio Nobel Thomas Mann, comentou dos Estados Unidos: “Queriam fazer o nome de Lídice cair em eterno esquecimento e gravaram-no para sempre na memória do homem com seu feito atroz. Praticamente ninguém conhecia esse nome antes que eles assassinassem toda a população do povoado

e o reduzissem a cinzas; agora ele é mundialmente famoso”.[1204](#)

Mann, cuja casa em Munique sofrera uma batida, por ordens de Heydrich, da Polícia Política Bávara em 1933, também comentou o assassinato do protetor do Reich no famoso programa radiofônico da BBC em língua alemã, *Deutsche Hörer!*, em junho de 1942:

Desde a morte violenta de Heydrich, a morte mais natural que um cão de caça pode sofrer, o terror está campeando por toda parte de um modo mais doentio, mais desenfreado que nunca. Isso é absurdo e mais uma vez nossa aversão é despertada por essa mistura de brutalidade e lamúria estridente que sempre foi um selo identificador do nazismo [...] Para onde quer que fosse esse assassino, o sangue brotava em rios. Em toda parte, mesmo na Alemanha, ele era simplesmente chamado: o Carrasco [...] Agora foi assassinado. E como estão reagindo os nazistas? Estão estrebuchando. Estão literalmente se comportando como se a maldade mais inconcebível tivesse sido cometida, como se o mais elevado nível de humanidade tivesse sido atacado [...] Milhares têm de morrer - homens e mulheres. Uma vila inteira, que supostamente teria abrigado os autores do atentado, é massacrada e reduzida a pó. A população sobrevivente de Praga tem de se enfileirar pelas ruas quando a procissão fúnebre do santo passa por elas. Em casa é imposto um imponente funeral oficial e outro açougueiro [Himmler] diz em seu túmulo que ele fora uma alma pura e um homem de profunda humanidade. Tudo isso é demente [...] Para dizer que Heydrich foi uma pessoa nobre temos de ter poder - poder absoluto para ditar o que é verdade e o que é tolice.[1205](#)

Em meio à indignação internacional com as matanças de Lídice, uma pessoa pôde procurar um raio de luz: o presidente tcheco no exílio Edvard Beneš. “O que os alemães estão fazendo é horrível”, ele assegurou à resistência doméstica tcheca, cuja vasta maioria seria detida e assassinada nos dias e nas semanas seguintes, “mas de um ponto de vista político eles nos dão uma certeza: sob nenhuma circunstância pode alguém duvidar

da integridade nacional da Tchecoslováquia e de seu direito à independência.”[1206](#) Como Beneš tinha esperado e previsto, os Aliados o recompensaram pelo respaldo ao assassinato de Heydrich. Em 5 de agosto de 1942, Anthony Eden repudiou oficialmente o Pacto de Munique de 1938 e garantiu reservadamente a Beneš que, depois da conclusão bem-sucedida da guerra, o problema da diversidade étnica numa Tchecoslováquia restaurada seria resolvido de uma vez por todas, pavimentando assim o caminho para a expulsão definitiva de quase 2 milhões de alemães étnicos dos Sudetos depois de maio de 1945.[1207](#)

No Protetorado, a resposta do Ocidente ao massacre em Lídice radicalizou uma atmosfera já tensa. Karl Hermann Frank observou que “a moda genuinamente americana de batizar cidades em homenagem a Lídice” não o impediriam “um só segundo de continuar a tomar providências contra os inimigos do Reich com medidas ainda mais severas”.[1208](#) Enquanto isso, a Gestapo não conseguira atingir seu mais urgente objetivo: a captura dos assassinos de Heydrich. Enquanto as cortes marciais continuavam a proferir um número cada vez maior de sentenças de morte, as autoridades do Protetorado prometiam uma recompensa mais elevada para qualquer um que soubesse onde estavam os assassinos. Ao mesmo tempo, anunciaram medidas drásticas se os assassinos não fossem entregues até 18 de junho. À medida que a data limite se aproximava, as tensões chegavam a um clímax. Rumores se espalharam de que os nazistas executariam um em cada dez não alemães no Protetorado e muitos tchecos, temendo pela vida ou em troca de dinheiro, ofereceram informação aos alemães. Nenhuma, contudo, proporcionou uma verdadeira

pista sobre os assassinos. A investigação parecia ter chegado a um beco sem saída.[1209](#)

Então, a 16 de junho, dois dias antes da data limite, Karel Čurda, um paraquedista que saltara no Protetorado em fins de março de 1942, entrou na sede da Gestapo, no Palácio Peček, em Praga – que não era um lugar onde muitos tchecos entrassem voluntariamente. Para salvar a vida e proteger a família, Čurda estava disposto a sacrificar a dos outros. Não sabia onde estariam agora Gabčík e Kubiš, mas entregou aqueles que haviam fornecido casas seguras desde a chegada dos dois em dezembro de 1941, incluindo a casa da família Moravec no distrito Žižkov de Praga, que abrigara durante várias semanas os assassinos de Heydrich.[1210](#)

Seguiu-se uma onda de prisões. Em 17 de junho, antes do romper do dia, o apartamento dos Moravec foi alvo de uma batida. A mãe da família, Marie Moravec, matou-se com uma cápsula de cianureto quando os oficiais da Gestapo chegaram. O marido, Alois Moravec, esquecido do envolvimento da família com a resistência, foi levado para os porões do Palácio Peček, juntamente com o filho adolescente, Vlastimil. Depois de suportar quase 24 horas de interrogatório brutal, Vlastimil cedeu quando os alemães lhe mostraram a cabeça cortada da mãe num tanque de peixes e ameaçaram colocar a do pai ao lado dela. Vlastimil disse à Gestapo que os assassinos haviam se abrigado na Igreja Ortodoxa de São Cirilo e São Metódio no centro de Praga. Sua confissão forçada não foi recompensada. Tanto Vlastimil Moravec quanto o pai Alois foram deportados para o campo de concentração de Mauthausen e executados.[1211](#)

Nas primeiras horas de 18 de junho, 800 homens da SS cercaram a Igreja Ortodoxa. Suas ordens eram para capturar os assassinos vivos, permitindo interrogatórios relativos a seus confederados no Protetorado. Kubiš, sem suspeitar de nada, e dois companheiros paraquedistas, Adolf Opálka e Jaroslav Švarc, faziam a ronda noturna quando os alemães irromperam na igreja. Das galerias do coro os paraquedistas abriram fogo e conseguiram manter os atacantes afastados por quase duas horas. Às sete da manhã, o primeiro tcheco foi morto; os outros dois, incluindo Kubiš, foram seriamente feridos e capturados. Kubiš foi retirado da igreja com vida e levado para o hospital militar da SS, mas morreu lá sem recuperar a consciência.[1212](#)

Inicialmente os alemães não sabiam que havia quatro outros paraquedistas escondidos na cripta, mas ao revistar a galeria do coro encontraram peças de vestuário que sem dúvida não pertenciam a nenhum dos mortos. A Gestapo fez uma busca mais completa no prédio e encontrou um alçapão para as catacumbas. Sob pressão, o padre residente, Vladimír Petřek, admitiu que quatro outros paraquedistas - incluindo o segundo assassino de Heydrich, Gabčík - estavam escondidos lá. Petřek e Čurda tentaram persuadir os homens a se renderem, mas eles se recusaram. Nas quatro horas seguintes, a SS tentou desesperadamente encontrar um caminho para as catacumbas. Gás lacrimogêneo e água foram bombeados para o porão numa tentativa de forçar os paraquedistas a sair. Quando a SS finalmente usou dinamite para alargar a entrada estreita das catacumbas e se preparou para invadir o porão, os quatro paraquedistas - sabendo que seu destino

estava decidido e que a tortura só poderia ser evitada pelo suicídio - se mataram com tiros na cabeça.[1213](#)

A morte dos assassinos de Heydrich foi recebida com grande alívio e alegria em Berlim, mas ainda assim as represálias continuaram. Em 1º de setembro, o líder espiritual da comunidade ortodoxa em Praga, bispo Gorazd, que assumira plena responsabilidade pelos acontecimentos na Igreja de São Cirilo e São Metódio, foi sentenciado à morte, juntamente com o padre Petřek e dois outros padres ortodoxos que tinham abrigado os assassinos. Suas sentenças foram cumpridas três dias depois. Nas poucas semanas seguintes, 236 outros ativistas e fornecedores de casas seguras para os paraquedistas foram levados para o campo de concentração de Mauthausen e assassinados.[1214](#)

As represálias nazistas continuaram por todo o verão. Com a ajuda de informantes locais, agentes da Gestapo arrebanharam a maior parte dos membros sobreviventes da resistência comunista e do ÚVOD, incluindo todo o seu comitê central. O movimento clandestino tcheco estava quase completamente aniquilado e nunca ia se recuperar dos golpes que sofreu nas semanas após a morte de Heydrich. Em Praga, Alois Eliáš, o ex-primeiro ministro do governo do Protetorado, que fora preso imediatamente depois da chegada de Heydrich a Praga, foi executado. Já não era útil a Hitler. Mais gente inocente transformou-se em vítima na aldeia de Ležáky, onde agentes da Gestapo encontraram o transmissor da equipe de rádio clandestina Silver A, que fora lançada de paraquedas no Protetorado juntamente com Gabčík e Kubiš. Todos os habitantes adultos da aldeia - 33 no total - foram fuzilados. As crianças foram entregues às autoridades alemãs e as casas da aldeia

reduzidas a escombros. O próprio Alfréd Bartoš, líder da Silver A, que repetidamente advertira Beneš sobre as potenciais repercussões de uma tentativa de assassinato de Heydrich, foi mortalmente ferido quando teve o esconderijo descoberto pela Gestapo.[1215](#) Excluindo os mortos em Lídice e Ležáky, 3.188 tchecos foram presos e 1.327 condenados à morte durante as represálias desse verão, 477 deles simplesmente por aprovar o assassinato. Cerca de 4 mil pessoas com parentes entre os eLivross foram arrebanhadas e postas em campos de concentração ou prisões comuns.[1216](#)

A lembrança apavorante da *Heydrichiáda*, como a onda de terror que se seguiu ao assassinato logo passou a ser conhecida na Tchecoslováquia, serviu como poderoso inibidor de uma retomada da resistência ativa. Contrariamente às intenções de Beneš, o Ministério da Guerra em Londres constatou um “entusiasmo cada vez menor” pela continuidade da resistência entre a população tcheca. A indústria de armamentos tcheca continuou sendo um dos mais fortes e mais confiáveis pilares do esforço de guerra alemão até a rendição incondicional da Wehrmacht na primavera de 1945. Por meio de sua morte, Heydrich tinha inadvertidamente cumprido uma de suas missões de curto prazo em Praga: a completa e duradoura “pacificação” do Protetorado.[1217](#)

Se o assassinato de Heydrich desencadeou uma onda sem precedentes de retaliação contra a população tcheca, também impeliu a liderança nazista em Berlim a uma nova radicalização de suas políticas com relação a quem considerava seu maior inimigo: o judaísmo internacional. Embora a campanha genocida dos nazistas de assassinar metodicamente os judeus da Europa estivesse bem

avançada no início de junho de 1942, a morte de Heydrich acrescentou uma ferocidade extra à cruzada nazista. Com a morte de Heydrich, Himmler havia perdido seu mais íntimo e mais importante colaborador, e estava mais convencido que nunca de que a grande maioria dos judeus europeus teria de morrer antes do final do ano. Como Himmler proclamou num discurso secreto a funcionários graduados da SS em Berlim, logo depois do funeral de Heydrich: “É nossa obrigação sagrada vingar sua morte, assumir sua missão e destruir sem clemência e fraqueza, agora mais do que nunca, os inimigos de nosso povo”. Himmler também ordenou que seus subordinados tivessem mais cuidado com a segurança pessoal no futuro - “afinal queremos matar nossos inimigos; não se espera que nossos inimigos nos matem” - e deixou perfeitamente claro que o programa de extermínio em massa ia ser completado assim que possível: “A migração do povo judeu será completada dentro de um ano. Depois mais nenhum deles estará migrando. Agora faremos uma limpeza geral [*jetzt muss eben reiner Tisch gemacht werden*]”.[1218](#)

Que a responsabilidade pela morte de Heydrich devia ser atribuída, antes de tudo, “aos judeus” era, na lógica distorcida dos nazistas, perfeitamente óbvio. Desde o ataque alemão à União Soviética e a entrada da América na guerra, a Alemanha nazista estava em “guerra com os judeus” e o assassinato do chefe do aparelho de segurança nazista constituía um ato de hostilidade que só podia ser plenamente vingado por meio da destruição do inimigo judeu supostamente responsável por esse ato. Himmler cumpriu sua palavra. No momento da morte de Heydrich, cerca de três quartos dos 6 milhões de judeus que os nazistas e seus cúmplices matariam no curso da Segunda

Guerra Mundial ainda estavam vivos. Nove meses depois, havia 4,5 milhões de vítimas judias.[1219](#) É provável que Himmler tenha procurado e obtido a aprovação de Hitler para essa nova extensão dos assassinatos em massa durante os frequentes encontros dos dois no final de maio e início de junho de 1942. Em 19 de julho, Himmler visitou Lublin, onde disse ao chefe de polícia e comandante da SS no Leste, Friedrich-Wilhelm Krüger, que, com poucas exceções, todos os judeus que viviam no Governo Geral deviam ser mortos antes do final do ano. Três dias depois, em 22 de julho, a fase mais homicida da solução final começou com deportações em massa do gueto de Varsóvia para o campo de extermínio de Treblinka.[1220](#)

Em “honra” de Heydrich, foi dado ao programa de extermínio do Governo Geral o nome operativo de “Aktion Reinhardt”.[1221](#) Quando a Aktion Reinhardt começou a perder força no outono de 1943, cerca de 2 milhões de pessoas - a grande maioria delas judeus - tinham sido assassinadas.[1222](#)

A transição para o genocídio pleno não estava confinada ao Governo Geral, mas abalava cada vez mais o restante da Europa controlada pelos nazistas e, de fato, o próprio Reich. Sob a influência do assassinato de Heydrich, Goebbels intensificou imediatamente a perseguição aos judeus de Berlim:

Em Berlim, estou fazendo cumprir a planejada prisão de 500 judeus e informei aos líderes da comunidade judaica que, para cada ataque ou para cada tentativa judaica de insurreição, 100 ou 150 dos judeus que estão em nossas mãos serão fuzilados. Como resultado do assassinato de Heydrich, todo um efetivo de judeus indiciados foram fuzilados em Sachsenhausen. Quanto mais desta sujeira for varrida, melhor para a segurança do Reich.

As deportações do Reich abarcavam agora, cada vez mais, aqueles que tinham sido anteriormente excluídos, como judeus mais velhos e veteranos de guerra condecorados e suas famílias. Entre junho e outubro de 1942, aproximadamente 45 mil judeus alemães foram deportados para Theresienstadt, que continuava oficialmente a servir, como Heydrich planejara, como um gueto de velhos, ocultando assim sua verdadeira condição de campo de trânsito para judeus a caminho dos locais de extermínio na Polônia ocupada.[1223](#)

No caso da destruição da comunidade judaica do Protetorado, tais precauções não eram necessárias. Nos meses que se seguiram à morte de Heydrich, cerca de 29 trens levaram um adicional de quase 30 mil judeus do Protetorado para as fábricas da morte de Auschwitz e Bergen-Belsen. Em junho de 1943, o último transporte de judeus plenos deixou Praga, levando os restantes 4 mil membros da agora dissolvida Congregação Judaica de Praga e suas famílias. No final da guerra, somente 424 membros da outrora considerável comunidade judaica de Praga haviam conseguido sobreviver à ocupação escondidos.[1224](#)

O destino dos judeus alemães e tchecos refletiu um padrão europeu mais amplo. No verão de 1942, o RSHA exigiu que os aliados da Alemanha - Croácia, Romênia, Hungria e Itália - entregassem seus judeus às autoridades nazistas, um gesto que enfatizava a determinação de Himmler em executar a ameaça feita no dia do funeral de Heydrich de que a "migração judaica" na Europa terminaria em 1942. Além disso, em meados de junho desse ano, a deportação de 15 mil judeus holandeses, 10 mil judeus belgas e 100 mil judeus franceses foi negociada pelos peritos em judeus do RSHA. Só entre julho e novembro de

1942, 33 transportes, carregando cada um mil judeus, deixaram a França para Auschwitz.[1225](#)

A população eslava da Europa Oriental também continuou sob o risco de deportações em massa. Imediatamente após o assassinato de Heydrich, Hitler ameaçara deportar “milhões de tchecos” - “se necessário durante a guerra”.[1226](#) Também Himmler havia garantido por ocasião do funeral de Heydrich que sua morte não daria fim à germanização do Protetorado.[1227](#) Outros fizeram eco a esses sentimentos. Em 6 de junho de 1942, o *gauleiter* de Viena e chefe da Juventude Hitlerista, Baldur von Schirach, declarou abertamente: “Neste outono vamos comemorar uma Viena livre de judeus. Depois nos voltaremos para a solução da questão tcheca. Pois as balas que mataram nosso camarada Heydrich também nos feriram. Como *gauleiter* de Viena, darei portanto ordem para deportar todos os tchecos desta cidade assim que os judeus tiverem sido evacuados. Assim como tornarei esta cidade livre de judeus, também a tornarei livre de tchecos”.[1228](#) Hitler, subitamente preocupado com o moral na indústria tcheca de armamentos, proibiu imediatamente qualquer outra discussão pública sobre o futuro tratamento dos tchecos, mas era tarde demais: durante um breve momento, membros do círculo mais fechado do comando nazista haviam exposto publicamente seus pontos de vista sobre o que os tchecos poderiam esperar se a Alemanha ganhasse a guerra.[1229](#)

Felizmente, nenhuma das fantasias distópicas para a germanização da Europa Oriental foi jamais implementada. Os planos de germanização no Protetorado e na Europa Oriental recuaram de um modo geral no momento mesmo

em que o assassinato de judeus da Europa atingia seu clímax.[1230](#)

Em vez de se concentrarem na distante meta da germanização, os líderes nazistas voltaram-se para outras preocupações mais imediatas, das quais ganhar a guerra era a mais vital. Depois de uma sequência de derrotas da Wehrmacht na União Soviética e na África no inverno de 1942-1943, a vitória no campo de batalha tornou-se uma questão mais urgente que o sangrento desemaranhar das etnicidades. Os objetivos de curto prazo de Heydrich de manter a paz doméstica e a produtividade industrial tornaram-se primordiais, não só no Protetorado, mas por toda a Europa de Hitler.[1231](#)

Como isso devia ser alcançado continuou sendo um pomo de discórdia entre o exército, a SS e as várias administrações civis alemãs operando de um extremo ao outro da Europa ocupada pelos nazistas. Os administradores, os planejadores populacionais e higienistas raciais que operavam em cada canto de território sob controle alemão não tiveram tempo de desenvolver uma abordagem coerente e consistentemente aplicada ao problema que impuseram a si mesmos de governar populações várias vezes maiores que a do próprio Reich. Quando a sorte militar se voltou contra a Alemanha no final de 1942, até mesmo Himmler foi forçado a fazer concessões, fosse recrutando europeus orientais e até mesmo voluntários mulçumanos para a SS (que até então teria considerado “racialmente inadequados”) ou abandonando seus ambiciosos projetos de assentamento na Ucrânia e na Polônia. Com relação à Boêmia e Morávia, os infortúnios militares da Alemanha, sua escassez de transporte e dependência da indústria de armas tcheca

forneceram um salvo-conduto para a população local e puseram uma pedra no caminho dos que esperavam resolver o “problema tcheco” de um modo radical. Mesmo Heydrich – se tivesse vivido – não poderia ter ignorado essas novas realidades.[1232](#)

Embora a pressão para que os tchecos se tornassem alemães diminuísse depois da morte de Heydrich, pouca coisa mudou na repressão de inimigos políticos na frente doméstica depois de junho de 1942. Na realidade, o aparelho de terror nazista com os sucessores de Heydrich na chefia do RSHA – Heinrich Himmler e, de janeiro de 1943 em diante, Ernst Kaltenbrunner – aumentou seu controle sobre a sociedade alemã, temendo uma repetição da “punhalada nas costas” de 1918 e um colapso da frente doméstica que sofria cada vez mais os ataques a bomba dos Aliados. Talvez Kaltenbrunner não tivesse a capacidade organizacional e a energia feroz de Heydrich, mas o aparelho da Polícia de Segurança continuou sendo uma instituição poderosa. Contudo, a perseguição brutal da oposição interna alemã após o fracassado atentado contra a vida de Hitler em 20 de julho de 1944 não pôde ocultar o fato de que o RSHA não fora capaz de descobrir o complô a tempo. Restava à organização pouco mais de meio ano antes do colapso do Terceiro Reich.[1233](#)

O fim do Terceiro Reich marcou uma ruptura decisiva para a família Heydrich, cuja sorte fora sendo corroída desde junho de 1942. A viúva de Heydrich, Lina, tinha 31 anos e se achava em avançado estado de gravidez quando o marido fora assassinado em Praga. Ficou tão perturbada com sua morte que não teve condições de comparecer ao funeral em Berlim. Nas primeiras horas de 23 de julho de 1942, o quarto filho e segunda filha dos dois, Marte, nasceu. Em

reconhecimento pela contribuição do falecido marido ao nazismo, Hitler deu à viúva a propriedade rural de Jungfern-Breschan como presente a ser conservado em caráter perpétuo na família Heydrich. No outono de 1942, Lina vendeu a casa da família em Berlim e abriu mão do pavilhão de caça perto de Nauen.[1234](#)

Para facilitar sua transição para uma vida permanente na Boêmia rural, Himmler arranhou-lhe cerca de trinta trabalhadores forçados judeus para cuidar da propriedade. Como era de se esperar, em vista das crenças antissemitas havia longo tempo cultivadas por Lina, os trabalhadores forçados foram tratados com total desprezo. Segundo depoimentos pós-guerra prestados por sobreviventes judeus que trabalharam na propriedade dos Heydrich, Lina frequentemente observava os trabalhadores com um telescópio da varanda, ordenando o chicoteamento dos que trabalhavam devagar demais e não demonstrando “absolutamente qualquer emoção” quando os prisioneiros eram maltratados. Em certa ocasião, fez “Ilmer, o homem da SS, espancar nosso camarada Adolf Neumann... até tirar sangue das costas dele, só porque Neumann não conseguiu correr com o carrinho de mão todo carregado”. Trabalhadores escravos judeus que não se mostravam suficientemente respeitosos levavam cusparadas ou eram esbofeteados por Lina. Em janeiro de 1944, os trabalhadores forçados judeus foram deportados para campos de extermínio e substituídos por quinze mulheres Testemunhas de Jeová do campo de mulheres em Ravensbrück.[1235](#)

O filho mais velho dos Heydrich, Klaus, morreu num acidente de carro em 1943 e foi enterrado no jardim da propriedade rural.[1236](#) Novos golpes estavam por vir: em

dezembro de 1944, o irmão mais novo de Heydrich, Heinz Siegfried, que trabalhava no jornal de propaganda do exército *Panzerfaust*, na Frente Oriental, cometeu suicídio em circunstâncias misteriosas. É possível que o suicídio tenha sido provocado em parte por seu conhecimento dos crimes do irmão e pelo medo de que a Gestapo pudesse descobrir seu envolvimento na ajuda à fuga de judeus do Terceiro Reich. Há pelo menos dois casos confirmados em 1943-1944, quando Heinz Siegfried impediu a deportação de judeus que conhecia pessoalmente, fornecendo-lhes vistos de saída falsos.[1237](#) Na realidade, porém, a razão principal para seu suicídio parece ter sido significativamente menos heroica: o único filho sobrevivente de Heydrich, Heider, sustentou após a guerra que Heinz Siegfried decidiu cometer suicídio porque estava enfrentando uma corte marcial por roubo e corrupção.[1238](#)

Lina e os filhos continuaram a morar em Jungfern-Breschan até abril de 1945, quando compartilharam o destino de centenas de milhares de refugiados alemães étnicos que fugiam tanto do Exército Vermelho, que avançava, quanto da muito temida desforra de seus vizinhos não alemães, havia longo tempo reprimidos. Como o tempo era muito curto, Lina teve de deixar para trás quase todas as suas posses, mas conseguiu salvar o uniforme da SS do marido, manchado de sangue, que permanece nas mãos do filho até hoje. A família Heydrich fugiu para a área rural da Baviera, dias antes somente do fim do domínio alemão sobre o Protetorado.[1239](#) A mãe de Reinhard Heydrich, Elisabeth, que fora morar com os Heydrich depois da morte do filho, também abandonou Jungfern-Breschan na primavera de 1945, fugindo para a cidade natal de Dresden, onde foi surpreendida, com

milhares de outros refugiados, pelos bombardeios aliados de 13 a 15 de fevereiro, que transformaram a cidade num monte de entulho fumegante. Sobreviveu às tempestades de fogo mas, privada de qualquer assistência familiar, a outrora próspera e orgulhosa Elisabeth Heydrich conheceu um fim similar ao de muitos outros refugiados idosos e desamparados: morreu de fome nos últimos dias do Terceiro Reich.[1240](#)

Embora o mundo à sua volta estivesse desmoronando, Lina teve mais sorte que outros. Logo depois da rendição incondicional da Alemanha, que a família Heydrich experimentou como refugiada na Baviera, Lina mudou-se para sua ilha natal de Fehmarn, na costa do Báltico, onde os pais puderam lhe oferecer abrigo. Uma tentativa feita pelo governo Beneš, em 1947, de conseguir sua extradição da zona de ocupação britânica na Alemanha para ser julgada em Praga foi rejeitada pela administração militar britânica. Nesse momento, a lógica do início da Guerra Fria ditava que boas relações com o emergente Estado alemão-ocidental tinham mais importância na luta contra o comunismo internacional que as demandas de um antigo aliado tcheco prestes a ser incorporado ao império leste-europeu de Stálin.[1241](#)

Também as autoridades alemãs fizeram vista grossa para o caso Heydrich. Lina nunca foi a julgamento pelos maus-tratos a seus trabalhadores escravos em Jungfern-Breschan. No contexto do chamado processo de desnazificação, ela foi, ao contrário, oficialmente inocentada e autorizada a retomar a posse de seus ativos financeiros e da casa em Fehmarn, que fora temporariamente confiscada pelo exército britânico em 1945. Foi lá que Lina dirigiu uma pequena pensão e restaurante, a *Imbria Parva*, onde ex-

oficiais da SS frequentemente se encontravam para reuniões e troca de lembranças dos “bons tempos”. Em 1956 e 1959, Lina também ganhou uma série de ações judiciais contra a República Federal, que até então negara seus direitos de pensão. Depois do último julgamento, e apesar da extensa evidência sobre o papel do falecido marido no Holocausto, a República Federal foi obrigada a pagar-lhe a pensão de viúva de um general alemão morto em combate, mais ou menos equivalente à de um primeiro-ministro aposentado.¹²⁴² Bem subsidiada pelo contribuinte alemão, Lina jamais manifestou pesar ou remorso pelas ações do marido e declarou publicamente que sonhava com ele “quase toda noite”.¹²⁴³ Como se quisesse zombar do Ministério Público e da imprensa de esquerda, que criticara violentamente o veredito da corte, intitulou suas memórias, publicadas nos anos 1970, *My Life With a War Criminal* [Minha Vida com um Criminoso de Guerra]. Ela morreu em agosto de 1985, cheia de revolta por uma sociedade que não quis reconhecer os sacrifícios de sua família pela causa da grandeza.

Durante todos os últimos estágios de sua vida, Lina negou a responsabilidade do marido pela perseguição brutal dos inimigos políticos da Alemanha nazista, seu envolvimento crucial no Holocausto e o profundo comprometimento com o desemaranhar sangrento das etnicidades da Europa. Reinhard Heydrich, assim ela afirmava, foi uma vítima de circunstâncias históricas, de uma vida condicionada por violência e guerras, em que homens como ele eram forçados a tomar decisões difíceis para servir a seu país. Lina pode ter tido razão ao salientar que Heydrich foi um produto de circunstâncias históricas específicas, de estruturas políticas e culturais que eram maiores que ele.

Mas argumentar que ele foi uma vítima era um insulto para os milhões de pessoas diretamente afetadas - com frequência dos modos mais cruéis que se possa imaginar - pelas decisões refletidas que Heydrich, Himmler e Hitler tiraram de uma profunda convicção ideológica. Isso também subestima indevidamente a iniciativa e a responsabilidade individuais na selva de inúmeros déspotas que era o Terceiro Reich. A ditadura de Hitler foi respaldada por milhões de alemães que, com frequência, apoiaram entusiasticamente a fantasia distópica dos nazistas de uma Europa livre de judeus, dominada pelos alemães, mas poucos - se é que algum outro - deram uma contribuição mais direta e pessoal à sua implementação criminoso que Reinhard Heydrich. Foi Heydrich quem - em íntima coordenação com Hitler, Himmler e Göring - arquitetou os programas operacionais da Alemanha nazista de perseguição aos judeus entre 1938 e 1942, uma tarefa criminoso que, uma vez concluída, seria seguida pelo projeto ainda mais extenso de germanização dos territórios conquistados.

Contudo, a trajetória de Heydrich até assumir o poder praticamente ilimitado de perseguir e assassinar inimigos da Alemanha nazista no Reich e nos territórios ocupados foi qualquer coisa menos direta. Sua juventude na sombra da guerra e revolução, o declínio social da família e a carreira inicial na marinha de Weimar, fortemente nacionalista, tornaram-no bastante suscetível às políticas de direita, mas a conversão ao nazismo só ocorreu em 1931, depois do fim abrupto e inesperado da carreira militar. Sem a crise existencial a que essa dispensa da marinha levou e simultaneamente a influência crescente da noiva e da família dela, que eram nazistas engajados, talvez Heydrich

jamais tivesse ingressado na SS como oficial de seu Estado-Maior.

Mas se o desespero por obter uma segunda carreira de tipo militar e um desejo de agradar à noiva e à família dela foram fatores determinantes na decisão de Heydrich de requerer um cargo na SS, ele logo passou a endossar o nazismo em sua forma mais extrema. Para ser bem-sucedido num ambiente de trabalho novo, em que o radicalismo era recompensado, subscreveu plenamente o *ethos* da SS de implacável eficiência e firmeza. A determinação de compensar as sérias “imperfeições” de sua vida anterior – como a conversão tardia ao nazismo e os rumores persistentes sobre uma ascendência judaica, que levou a uma humilhante investigação do partido em 1932 – também ajudam a explicar sua rápida transformação num homem modelo da SS.

Em meados da década de 1930, Heydrich havia tido êxito em se reinventar como um dos mais radicais patrocinadores da ideologia nazista e de sua implementação por meio de programas rígidos e cada vez mais abrangentes de repressão. Nunca foi um homem de ideias – não era um visionário distópico como Hitler ou Himmler – mas foi um organizador de terror extremamente talentoso, que combinava uma rara percepção da fraqueza humana com a capacidade de se cercar de uma equipe técnica e administrativa muito capaz, que compensava sua falta de experiência no trabalho policial e de inteligência. Recompensando a iniciativa e penalizando os que mostravam insuficiente empenho, criou um aparelho de terror cujo pessoal radicalizado e *ethos* de trabalho diferia fundamentalmente dos de outras instituições nazistas e estatais em termos de vigor e compromisso ideológicos.

A mentalidade ou visão de mundo de Heydrich foi se desembaraçando cada vez mais dos padrões morais da sociedade europeia burguesa. O único critério ético que deveria influenciar a conduta – ou assim ele se convenceu – dizia respeito ao bem-estar do povo ariano e à prosperidade do futuro Grande Reich Alemão. O destino de não arianos simplesmente não era um fator a ser levado em conta quando se tratava de criar ou executar um programa. A realização da sociedade utópica de Hitler, assim ele firmemente acreditava, exigia a exclusão implacável e violenta dos elementos considerados perigosos para a sociedade alemã, uma tarefa que poderia ser mais bem cumprida pela SS, como intransigente executora da vontade de Hitler. Só pela limpeza da sociedade alemã de tudo que era estrangeiro, doente e hostil poderia emergir uma nova “comunidade nacional” e um “mundo melhor” – um mundo dominado por um povo alemão racialmente purificado.

A disposição de Heydrich para usar a violência na realização dessa visão foi parcialmente um resultado de suas circunstâncias pessoais. Desde a Primeira Guerra Mundial, vivera num mundo cercado pela violência e tingido por ela: tinha vivenciado guerra e revolução quando adolescente, entrando logo nas forças armadas e ingressando em seguida na SS, cujo objetivo primário consistia em reprimir violentamente inimigos políticos. Ainda assim os mecanismos de limpeza imaginados por Heydrich se radicalizaram dramaticamente entre 1933 e 1942, parcialmente como resposta a novas circunstâncias políticas após a eclosão e escalada da guerra em 1939 e parcialmente como resultado de sua rápida ascensão na hierarquia da SS e do senso embriagador de oportunidade histórica que tomou conta dele após a eclosão da Segunda

Guerra Mundial. Embora o extermínio em massa de judeus parecesse inconcebível mesmo para Heydrich antes da eclosão da guerra em 1939, seus pontos de vista sobre o assunto se alteraram significativamente durante os dois anos e meio seguintes. Uma combinação de brutalização de período de guerra, frustração com malogrados esquemas de expulsão, pressões de administradores alemães locais no Leste ocupado e uma determinação ideologicamente motivada de resolver o problema judaico de uma vez por todas levou a uma situação em que ele passou a ver o metódico assassinato em massa como ao mesmo tempo factível e desejável.

É, evidentemente, matéria de especulação saber como a carreira de Heydrich teria progredido se ele tivesse sobrevivido à tentativa de assassinato de maio de 1942. Há pouca dúvida de que, durante o curto tempo que sobrara ao Terceiro Reich, a pressão cada vez maior da resistência na Europa ocupada fortaleceu quem, dentro do movimento nazista, defendia, como Heydrich, uma resposta dura e radical às organizações de resistência. Do mesmo modo, não há dúvida de que ele teria apoiado entusiasticamente a nova escalada de programas genocidas no Leste ocupado e a supressão violenta da resistência alemã em julho de 1944. Contudo, como foi o caso com a ascensão, sua queda também teria sido condicionada por desdobramentos e acontecimentos além de seu controle. Se Heydrich tivesse sobrevivido à tentativa de assassinato de maio de 1942, sua vida teria terminado em suicídio em 1945 ou no Tribunal dos Criminosos de Guerra em Nuremberg, onde a condenação como assassino em massa e autor de crimes contra a humanidade está fora de dúvida.

Tal veredito teria refletido o fato de que Heydrich era muito mais que um perpetrador de gabinete, motivado pela carreira, na ditadura nazista. Ele desempenhou um papel decisivo ao desenvolver e promover a noção de um quimérico conglomerado de inimigos políticos e raciais que só poderiam ser derrotados por um aparelho de terror sempre em expansão, que não era limitado por qualquer lei. Como executor de programas de terror nazistas e da solução final até 1942, esteve intimamente envolvido em todos os processos cruciais de tomada de decisão que levaram à destruição da comunidade judaica europeia e ao assassinato de centenas de milhares de poloneses, ucranianos, russos, tchecos e alemães considerados politicamente ou racialmente perigosos. O papel central de Heydrich na concepção desses programas e o “sucesso” que teve ao implementá-los faz dele uma das principais figuras do Terceiro Reich e de suas criminosas políticas de perseguição. Só isso já reclama um esforço para compreender os acontecimentos e forças que moldaram sua vida, desde as origens numa família burguesa extremamente refinada e estável até o violento fim num dos momentos mais sombrios da história da Europa.

[1186](#) Haasis, *Tod*, p. 116; Axel Huber, “‘Du, Reinhard Heydrich, bist ein wahrhaft gutter SS-Mann gewesen’: Totenkult und Heldenmythos nach dem Tod von SS-Gruppenführer Reinhard Heydrich”, tese de mestrado, Universidade de Konstanz, 2009. Ver também o programa detalhado e instruções para os serviços fúnebres de Heydrich em Praga e Berlim, em BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich e IfZ, Ed 450. Ver também Heydrich, *Kriegsverbrecher*, pp. 6s. e 131; e Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, 4 e 7 de junho de 1942, pp. 450 e 455.

[1187](#) Ver as diretrizes estritas fornecidas pelo Ministério da Propaganda como resumido pelo correspondente em Berlim do *Frankfurter Zeitung*, Fritz Sängler, em Kárný *et al.* (orgs.), *Deutsche Politik*, doc. 107, p. 291s.; ver também Volker Ackermann, *Nationale Totenfeiern in Deutschland. Von Wilhelm I. tris Franz Josef Strauss, eine Studie zur politischen Semiotik* (Stuttgart, 1990), p. 196. Citações do obituário em *Der Neue Tag*, 5 de junho de 1942. Ver também *Völkischer Beobachter*, 5 de junho de 1942; “Ein Leben für das Reich”, *Das Schwarze Korps*, 11 de junho de 1942; Herbert von Daniels, “Synthese Sportler und Soldat. Heydrich bleibt Vorbild für die deutsche Jugend”, artigo sem data, em BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich; Fritz Helke, “Jagdflieger Heydrich”, *Königsberger Allgemeine Zeitung*, 9 de junho de 1942.

[1188](#) Discurso fúnebre de Himmler como reproduzido em Wannemacher (org.), *Leben der Tat*, pp. 81-90. O volume foi publicado pela editora Volk und Reich, sediada em Praga, no segundo aniversário da morte de Heydrich. Sobre os extensos preparativos para a publicação do volume, ver a correspondência entre o SS-*Standartenführer* Gies (Praga) e o SS-*Standartenführer* Brandt (Persönlicher Stab Reichsführer SS), em Arquivos Nacionais, Praga, 110-4-549. Ver também a correspondência entre Frank e Himmler sobre os eventos comemorativos do dia da morte de Heydrich, em Arquivos Nacionais, Praga, 110-4-549.

[1189](#) Discurso de Hitler como publicado em Reichssicherheitshauptamt (org.), *Meine Ehre heisst Treue*, p. 23.

[1190](#) Ver a correspondência de Himmler sobre esse assunto em BAB, NS 19/3454, e as cartas escritas por Wilhelm Petersens para Lina Heydrich, em BAB, R 58, suplemento 23. Segundo as ordens de Hitler, Heydrich deveria ser de novo sepultado, depois que a guerra acabasse, num Grande Hall para os líderes militares da Alemanha, recentemente construído. Bormann a Lammers, 6 de junho de 1942, em BAB, R 45II/1157B. Sobre o túmulo de Heydrich, ver Laurenz Demps, *Der Invalidenfriedhof. Denkmal preussisch-deutscher Geschichte in Berlin* (Stuttgart, 1996), pp. 80ss.

[1191](#) Sobre Heydrich se tornando um nome familiar, ver o relatório do SD, nº 290, de 11 de junho de 1942, em BAB, R 58/172; reproduzido em Boberach (org.), *Meldungen aus dem Reich*, vol. 10, pp. 3802ss. Ver também *Wochenschau*, nº 615, 17 de junho de 1942. Sobre as ordens de Hitler: carta do NSDAP-Reichsleitung para o SS-*Obergruppenführer* Schmitt, chefe do departamento de pessoal da SS, 23 de julho de 1942, em BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich. Sobre a mudança de nome da Sexta Divisão de Infantaria da SS, ver *Völkischer Beobachter*, 7 de junho de 1942, e IfZ, Ed 450. Ver também as trocas de cartas entre Lina Heydrich e os comandantes do regimento de infantaria da SS “Reinhard Heydrich”, em BAB, R 58 apêndice 23. Sobre o selo especial com Heydrich, ver BAB, NS 19/545. O selo está reproduzido em Deschner, *Heydrich*, p. 176. Sobre a mudança de nome de ruas, ver *Der Neue*

Tag, 31 de maio de 1943. A citação é de *Germanische Leithefte*, junho de 1942, p. 2.

[1192](#) Sabine Behrenbeck, *Der Kult um die toten Helden. Nationalsozialistische Mythen, Riten und Symbole 1923 bis 1945* (Colônia, 1996), pp. 595ss.; Daniel Siemens, *Horst Wessel. Tod und Verklärung eines Nationalsozialisten* (Munique, 2009). Sobre as homenagens da SS por motivo da morte, ver Fritz Weitzel, *Die Gestaltung der Feste im Jahres- und Lebenslauf in der SS-Familie* (Wuppertal, 1942), pp. 38 e 76; Karl Hermann Frank, 18 de outubro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-8, caixa 22.

[1193](#) Goebbels, *Tagebücher*, parte II, vol. 4, p. 450 (anotação de 4 de junho de 1942).

[1194](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 261.

[1195](#) Ver as notas de Böhme de 12 de junho de 1942, arquivo do Ministério do Interior, Praga, 114-10-1/II, e Král, *Deutschen*, p. 480.

[1196](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 263; Berton, "Attentat", p. 690s.

[1197](#) Berton, "Attentat", pp. 668ss.

[1198](#) A carta é citada na íntegra em *ibid.*, p. 688, nº 15. Sobre o assassinato dos dois suspeitos, ver "Totenbuch des SS-Standortarztes Mauthausen", 24 de outubro de 1942, em KZ-Gedenkstätte Mauthausen, AMM Y/46. Sobre o fato de eles serem mortos em câmara de gás e não fuzilados, ver as confissões dos dois oficiais da SS encarregados das mortes, Martin Roth e Werner Fassel, em "Urteil des Landgerichts Hagen", 24 de julho de 1970, 11 KS 1/70, em KZ-Gedenkstätte Mauthausen, AMM P/19/45; e Pierre Serge Choumoff, *Nationalsozialistische Massentötungen durch Giftgas auf österreichischem Gebiet 1940-1945* (Viena, 2000), pp. 101ss.

[1199](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 263s.; Mastny, *Czechs*, pp. 215ss. Ver também Peter Steinkamp, "Lidice 1942", em Gerd R. Ueberschär (org.), *Orte des Grauens. Verbrechen im Zweiten Weltkrieg* (Darmstadt, 2003), pp. 126-35. Ver também o relatório final de Geschke sobre a destruição de Lídice, datado de 24 de junho de 1942, em arquivo do Ministério do Interior, Praga, 301-5-4. Ver também "Führerbericht über den Mordanschlag auf SS-obergruppenführer Heydrich", de Daluge (29 de junho de 1942), em arquivo do Ministério do Interior, Praga, 301-5-4. Números de mortos como citados em Wolfgang Benz, *Legenden, Lügen, Vorurteile. Ein Wörterbuch zur Zeitgeschichte* (Munique, 1992), p. 140. A vítima mais jovem foi Josef Hroník, de 14 anos, a mais velha Emanuel Kovářovský, de 84 anos. Ver também a Declaração Oficial do governo alemão, 10 de junho de 1942, como citada no Relatório do SOE britânico, Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/79.

[1200](#) Arquivo do Ministério do Interior, Praga, 325-2-2, 325-2-4, 325-2-5. Sobre o projeto "Lebensborn", ver Georg Lilienthal, *Der "Lebensborn e. v.". Ein Instrument nationalsozialistischer Rassenpolitik* (Frankfurt, 1993), pp. 242ss. Ver também Zahra, *Kidnapped Souls*, p. 197.

[1201](#) Miroslav Kárný, "'Heydrichiaden': Widerstand und Terror im 'Protektorat Böhmen und Mähren'", em Loukia Droulia e Hagen Fleischer (orgs.), *Von Lidice bis Kalavryta. Widerstand und Besatzungsterror. Studien zur Repressalienpraxis im Zweiten Weltkrieg* (Berlim, 1999), pp. 51-63, aqui p. 61. Para a citação de Goebbels, ver a anotação em seu diário de 14 de junho de 1942, em *Tagebücher*, parte II, vol. 4, p. 523s.

[1202](#) Ver, por exemplo, *The Times*, 26 de junho de 1942; *New York Times*, 11 de junho de 1942.

[1203](#) “Memorandum on German Occupation of the Protectorate”, do Ministério da Guerra (12 de janeiro de 1943), em Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/79.

[1204](#) Ver os louvores em *Lidice: A Tribute by Members of the International P.E.N.* (Londres, 1944), citação de Thomas Mann na p. 90. Sobre *Lidice*, de Mann, originalmente intitulado *Der Protektor*, ver Uwe Naumann, *Faschismus als Grotteske. Heinrich Manns Roman “Lidice”* (Worms, 1980). A história dessa operação e o subsequente aniquilamento de Lídice também inspiraram incontáveis filmes, romances, peças teatrais e canções após a guerra. A história do assassinato inspirou filmes como *Attentat* (1964), *Operation Daybreak* (1975) e *The Assassination of Reinhard Heydrich* (1991), assim como a canção “A Lovely Day Tomorrow”, da banda de rock britânica Sea Power.

[1205](#) Thomas Mann, *Essays*, vol. 5: *Deutschland und die Deutschen 1938-1945*, org. Hermann Kurzke e Stephan Stachorski (Frankfurt, 1997), p. 185s. Sobre a difusão do texto como panfleto de propaganda jogado atrás das linhas alemãs em setembro e outubro de 1942, ver *ibid.*, p. 373s. Sobre Mann e Heydrich, ver Hübinger, “Mann und Heydrich”, pp. 111ss.

[1206](#) Beneš a Bartoš, como citado em Mastny, *Czechs*, p. 217.

[1207](#) Menos de dois meses depois, em 29 de setembro de 1942, o ministro do Exterior tchecoslovaco, Jan Masaryk, recebeu garantias escritas do governo francês no exílio de que também eles consideravam o Pacto de Munique nulo e sem efeito. Ver Jan Kuklík, “Oduznání mnichovské dohody za druhé světové války”, *Historie a vojenství* 46 (1997), pp. 49-68; Jan Němecek, “Rok 1942 v československém zahraničním odboji”, em *Rok 1942 v českém odboji. Sborník příspěvků z vědecké konference* (Praga, 1999), pp. 19-24.

[1208](#) Discurso de Frank de outubro de 1942, em Arquivos Nacionais, Praga, 114-6-8.

[1209](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 265; Dennler, *Böhmische Passion*, pp. 78-80. Ver a longa lista de informantes e somas pagas a eles em troca de informação, em arquivo do Ministério do Interior, Praga, 315-194-30.

[1210](#) MacDonald, *Killing*, pp. 193ss. Čurda foi detido pelas autoridades tchecas em 1945 e, depois de uma fracassada tentativa de suicídio, foi enforcado em 1947 por alta traição.

[1211](#) Berton, “Attentat”, p. 694, nº 27; “Totenbuch des SS-Standortarztes Mauthausen”, 24 de outubro de 1942, em KZ-Gedenkstätte Mauthausen, AMM Y/46.

[1212](#) Ver “Führerbericht über den Mordanschlag auf SS-Obergruppenführer Heydrich”, de Daluge (29 de junho de 1942), em arquivo do Ministério do Interior tcheco, 301-5-4.

[1213](#) Berton, “Attentat”, pp. 668ss.; Haasis, *Tod*, p. 152.

[1214](#) “Totenbuch des SS-Standortarztes Mauthausen”, 24 de outubro de 1942, em KZ-Gedenkstätte Mauthausen, AMM Y/46.

[1215](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 265; Mastny, *Czechs*, p. 220s.; MacDonald, *Killing*, p. 196; Frantiček Schildberger, *Ležaky* (Hradec Králové, 1982).

[1216](#) Ver o relatório de Geschke sobre as sentenças de morte de 24 de junho de 1942, em arquivo do Ministério do Interior, Praga, 301-5-4; ver também Brandes, “Nationalsozialistische Tschechenpolitik”, p. 47; Sládek, “Standrecht”, p. 332s.

[1217](#) Ver o relatório “Protectorate Background for Operations”, 14 de agosto de 1942, em Arquivos Nacionais, Kew, HS 4/79. Sobre a produtividade da indústria de armamentos tcheca até 1945, ver Vladimír Francev, “Panzerjäger – Program. Nový úkol pro protektorátní průmysl”, em *Válečný rok 1944* (Praga, 2002), pp. 320ss.

[1218](#) Smith *et al.*, *Himmler: Geheimreden*, pp. 146-61, aqui p. 159. Que Himmler estava profundamente abalado com a morte de Heydrich é confirmado por depoimento pós-guerra de Wolff, em *IfZ*, ZS 317, f. 31. Ver também Longerich, *Himmler*, pp. 586ss. Kurt Daluege argumentou no mesmo sentido quando, em 7 de junho de 1942, escreveu no *Völkischer Beobachter* que a morte de Heydrich tornara a SS “ainda mais determinada a exterminar os elementos do submundo europeu” responsáveis pelo assassinato, querendo com isso se referir aos judeus. *Völkischer Beobachter*, 7 de junho de 1942.

[1219](#) Longerich, *Himmler*, pp. 586ss.; Christopher R. Browning, *The Path to Genocide: Essays on Launching the Final Solution* (Cambridge, 1992), p. 169; ver também Pohl, *Ostgalizien*.

[1220](#) As reuniões entre Himmler e Hitler ocorreram em 27, 28, 30 e 31 de maio, assim como em 3, 4 e 5 de junho de 1942. Ver Witte *et al.* (orgs.), *Dienstkalender*, pp. 441-56; e Longerich, *Himmler*, pp. 588ss.; Witte, “Duas Decisões”, p. 333s.; Pohl, *Ostgalizien*, p. 204s.

[1221](#) A grafia accidental do primeiro nome de Heydrich com um “t” deu origem à especulação um tanto curiosa de que a operação genocida no Governo Geral não foi batizada em homenagem ao protetor do Reich assassinado, principal organizador da “Solução Final”, mas em homenagem ao ministro da Fazenda, Fritz Reinhardt, cujo ministério administrava a propriedade roubada dos judeus assassinados. Ver: Robert Lewis Koehl, *German Resettlement and Population Policy, 1939-1945: A History of the Reich Commission for the Strengthening of Germandom* (Cambridge MA, 1957), p. 198. A confusão causada pela existência de duas grafias – *Aktion Reinhard* e *Aktion Reinhardt* – é facilmente explicada. Durante toda a década de 1930, o próprio Heydrich usava ambas as grafias para seu primeiro nome. Ver: Peter Witte e Stephen Tyas, “A New Document on the Deportation and Murder of Jews during ‘Einsatz Reinhard’ 1942”, em *Holocaust and Genocide Studies* 15 (2001), pp. 468-86, aqui p. 484, nota 41.

[1222](#) Ver Shlomo Aronson e Richard Breitmann, “Eine unbekannte Himmler-Rede vom Januar 1943”, *VfZ* 38 (1990), pp. 337-48. Ver também Peter Black, “Die Trawniki-Männer und die Aktion Reinhard”, em Bogdan Musial (org.), “*Aktion Reinhardt*”. *Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944* (Osnabrück, 2004), pp. 309-52; BAB, BDC, SSO Reinhard Heydrich; ver também a troca de cartas entre Himmler e Globocnik, 4 e 30 de novembro de 1943 e 5 de janeiro de 1944, em BAB, NS 19/2234, também reproduzida como parte de 4024-PS, em *IMT*, vol. 34, pp. 68-71.

[1223](#) Goebbels, *Tagebücher*, parte II, vol. 4, p. 432 (anotação no diário de 2 de junho de 1942); Gottwald e Schulle, *Judendeportationen*, pp. 260ss.

[1224](#) Kárný, *Konečné řešení*, p. 153s. Sobre o número de sobreviventes judeus, ver Adler, *Theresienstadt*, p. 15.

[1225](#) Longerich, *Himmler*, p. 638s.; Juliane Wetzels, “Frankreich und Belgien”, em Benz (org.), *Dimensionen des Völkermordes*, pp. 105-35; Klarsfeld, *Vichy*, pp. 379ss.; Longerich, *Himmler*, pp. 590ss.

- [1226](#) Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 261.
- [1227](#) Smith et al., *Himmler: Geheimreden*, pp. 146-61, aqui p. 159. Ver também Heinemann, "Rasse", p. 167s.
- [1228](#) Schirach como citado em Botz, *Wien*, p. 597s.
- [1229](#) Bormann a Goebbels, 8 de junho de 1942, em BAB, NS 19/1969.
- [1230](#) Bryant, *Prague*, p. 173s. Heinemann, "Rasse", p. 157.
- [1231](#) *Ibid.*, 359f., nº 10; Lower, *Nazi Empire-Building*, p. 177.
- [1232](#) Heinemann, "Rasse", pp. 162ss.
- [1233](#) Wildt, *Generation*, p. 704.
- [1234](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 123.
- [1235](#) Ver a correspondência de Lina sobre as internas do campo em BAB, NS 19/18. Depoimentos de testemunhas oculares e ex-trabalhadores escravos na propriedade de Heydrich, registrados em Praga depois de 1945, como citado em Schwarz, *Frau an seiner Seite*, p. 211. Ver também arquivo do Ministério do Interior, Praga, 325-57-3; Jörg Skriebeleit, "Jungfern-Breschan", em Benz e Distel, *Ort des Terrors*, vol. 4, pp. 164ss.
- [1236](#) Recorte de jornal com o anúncio da morte de Klaus, em IfZ, Ed 450.
- [1237](#) Gitta Sereny, *Das Ringen mit der Wahrheit. Albert Speer und das deutsche Trama* (Munique, 1995), p. 381s.; Lili Scholz, "Bis alles in Scherben fällt". *Tagebuchblätter 1933-1945* (2ª ed., Hamburgo, 2007), p. 415s. Ver também a carta publicada pelo oficial comandante de Heydrich, Kurt Joachim Fischer, em *Der Spiegel*, 16 de março de 1950.
- [1238](#) Entrevista com o autor em março de 2009. A teoria do roubo foi confirmada pelo julgamento em corte marcial de um processo contra Fischer em 28 de dezembro de 1944. Ver Generallandesarchiv Halle, rubrica 465a/59/15/7492. Quero agradecer a Axel Huber por essa referência.
- [1239](#) Sobre expulsões, ver Benjamin Frommer, *National Cleansing: Retribution against Nazi Collaborators in Postwar Czechoslovakia* (Cambridge, 2005).
- [1240](#) O destino de Elisabeth Heydrich segundo seu neto, Heider Heydrich, numa entrevista com o autor em março de 2009.
- [1241](#) Heydrich, *Kriegsverbrecher*, p. 154s.; e o comentário de Werner Maser na p. 201s.
- [1242](#) Ver a extensa documentação em IfZ, Ed 450 II. Ver também Uwe Danker, "NS-Opfer und Täter. Versorgung mit zweierlei Mass. Lina Heydrich und Dr. Norbert L. mit Rentenangelegenheiten vor Gericht", *Demokratische Geschichte. Jahrbuch zur Arbeiterbewegung und Demokratie in Schleswig-Holstein* 10 (1996), pp. 277-305.
- [1243](#) *Jasmin* 4/69.

Siglas

AMV	Arquivo do Ministério do Interior
DÖW	Dokumentationsarchiv des Österreichischen Widerstandes, Viena
GStA	Geheimes Staatsarchiv, Berlim
IfZ	Institut für Zeitgeschichte, Munique
IMT	<i>Tribunal Militar Internacional, Nuremberg</i> , 42 vols. (Nuremberg, 1947-1949)
OA	Arquivo Osoby
PAAA	Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes, Berlim
StaH	Stadtarchiv Halle
USHMMA	Arquivo do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos
VfZ	<i>Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte</i>

BIBLIOGRAFIA

Fontes de Arquivo Bundesarchiv Berlin

NS 2 (*Rasse- und Siedlungshauptamt*)
30-8, 88 174

NS 19 (*Persönlicher Stab Reichsführer SS*)
219 1969 3514
545 2234 3979
1757 2655
3454

NS 31 (*SS-Hauptamt*)
236

R 19 (*Ordnungspolizei*)
395 401

R 22 (*Reichsjustizministerium*)
4070

R 43II (*Neue Reichskanzlei*)
1326 357

R 45II (*Reichskanzlei*)
1157b

R 58 (*Reichsicherheitshauptamt*)
18 269 956
137 276 991
172 291 1027
239 336 1032
240 623 1082
241 825 9318 (anteriormente anexo 21)
242 826 9319 (anteriormente anexo 22)
243 827 9320 (anteriormente anexo 23)
256 954
264 956

R 55 (*Reichspropagandaministerium*)
20750

R 69 (*Einwandererzentralstelle*)
1146

R 70 (*Besetzte Gebiete*)
13

Pastas do antigo Centro de Documentação de Berlim

PK, Heydrich, Reinhard SSO, Heydrich, Heinz
PK, Best, Werner SSO, Heydrich, Reinhard
SSO, Alvensleben, Ludolf-Hermann von SSO, Hildebrandt, Richard
SSO, Best, Werner SSO, Mehlhorn, Herbert
SSO, Eicke, Theodor SSO, Ploetz, Hans-Achim
SSO, Fentz, Walter SSO, Pomme, Kurt
SSO, Frank, Karl Hermann SSO, Rall, Gustav

Bundesarchiv Berlin, Abteilung Filmarchiv
DW 615/26/1942 (*Deutsche Wochenschau*)

Bundesarchiv Berlin, Dahlwitz-Hoppegarten
MIA, 35 ZR 512 A9
ZR 277 ZR 521 A9

Bundesarchiv Freiburg, Militärarchiv
BA-MA, RH 1/58. BA-MA, RW 4/v. 581
BA-MA, RH 20-14/178 BA-MA, SF-01/28985

Bundesarchiv Ludwigsburg
201 AR-Z 76/59, vol. 2, p. 42 B 162/Vorl. AR-Z 302/67, vol. 3
B 162/Vorl. Dok. Slg. Einsatzgruppen in Polen II

Archiv der KZ-Gedenkstätte Mauthausen
AMM Y/46 AMM P/19/45

Arquivo do Ministério do Interior, Praga
114-10-1/II 325-166-3 325-2-5
114-3-14 / 36-7 325-2-2 325-57-3
315-194-30 325-2-4 325-166-3 301-5-4

Dokumentationsarchiv des Österreichischen Widerstandes, Viena
15.909 21732/62 21732/62

E20.530 01575 22124
17072a/b 01905 9413
20752/93b 21058/20 2020

Archiv des Instituts für Zeitgeschichte, Munique

Ed 180/5 Fa 199 MA 682
Ed 450 Ed 450 II MA 1498
Eich 1368 Fa 506 PS-3047
Eich 1503 Fa 64 OKW T-77/1050
Eich 1633 MA 145/1 PS 1063
Eich 464 MA 172 ZS 106
Eich 739 MA 225 ZS 207
Eich 983 MA 280 ZS 3092
Fa 108 MA 325 ZS 249
Fa 183 MA 328 ZS 317
MA 342 ZS 573
MA 433 ZS 658
MA 438 ZS 1260
MA 444 ZS 1579
MA 445 ZS 1718
MA 451 ZS 1939

Arquivos Nacionais, Kew

GFM 33/4830 HS 4/79 WO 208/4472
HS 4/39 HW 16 WO 219/5283

Arquivo Nacional, Praga

109-4-16 109-4-711 110-4-549
109-4-175 109-4-729 114, caixa 43
114, caixa 53 114-2-47, caixa 8 114-6-8
114, caixa 89 114-308-3 114-6-8, caixa 22
114, caixa 1140 114-3-17 114-7-300
114, caixa 8 114-5-15, caixa 19
114-22 114-5-15, caixa 8
114-22-39 114-6-2
114-2-26 114-6-2, caixa 22
114-6-4, caixa 22

Nederlands Instituut voor Oorlogsdocumentatie, Amsterdã

Doc. I, 691 A

Arquivo Osobyi, Moscou

500/1/154 500/3/795 500/4/261
500/1/261 500/1/88 501/1/18
500/1/379 500/3/316 501/1/18

Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes, Berlin

PAAA, Inland II A/B 347/3 PAAA, R 101109

PAAA, Inland IIg 177 PAAA, R 101109

PAAA, Inland IIg 81 PAAA, Inland II AB 80-41 Sdh. III, vol. 1

PAAA, Inland IIg 189

Stadtarchiv Halle an der Saale

Akten der Schulverwaltung, p. 118, vol. II, Konservatorium Bruno Heydrich FA 2571

Arquivo Estatal de Praga

NSDAP Prag, coleção de pastas "K. V. Müller"

Arquivo do United States Holocaust Memorial Museum, Washington, DC

11.001 M, rolo 1, pasta 25 RG 11.001 M, rolo 94, pasta 1525

RG 11.001 M, rolo 8, 625 RG 11.001 M, rolo 9, pasta 649

RG 11.001 M, rolo 1, pasta 20 RG 11.001 M, rolo 9, pasta 645

RG 15.007 M, rolo 8, pasta 101 RG 11.001 M, rolo 9, pasta 659

RG 15.015 M, rolo 3, pasta 168 RG 11.001 M, rolo 13, pasta 21

RG 48.004 M, rolo 3, pasta 300041 RG 48.005 M, rolo 2

Arquivos do Yad Vashem, Jerusalém

051/204

053/87

0-53/93/283

97-210 F I

M9/584

Fontes Impressas Primárias

- Akten zur deutschen auswärtigen Politik 1918-1945, Série D: 1937-1941*, 8 vols. (Baden-Baden, 1950-95).
- Arad, Yitzhak, Gutman, Yisrael e Margaliot, Abraham (orgs.), *Documents on the Holocaust: Selected Sources on the Destruction of the Jews of Germany and Austria, Poland, and the Soviet Union* (Yad Vashem, 1981).
- Bargatzky, Walter, *Hotel Majestic. Ein Deutscher im besetzten Frankreich* (Freiburg im Breisgau, 1987).
- Benz, Wolfgang, Kwiet, Konrad e Matthäus, Jürgen (orgs.), *Einsatz im "Reichskommissariat Ostland". Dokumente zum Völkermord im Baltikum und in Weissrussland, 1941-1944* (Berlim, 1998).
- Best, Werner, "Apologie des Juristen", *Deutsches Recht* 9 (1939), pp. 196-99.
- _____. "Der 'politischste' Beruf", *Deutsches Allgemeine Zeitung*, 12 de abril de 1939.
- _____. "Der Reichsführer SS und Chef der Deutschen Polizei", *Deutsches Recht* 6 (1936), pp. 257-58.
- _____. "Grundfragen einer deutschen Grossraum-Verwaltung", em *Festgabe für Heinrich Himmler* (Darmstadt, 1941), pp. 33-60.
- Beyer, Hans Joachim, "Amerikanisches oder bolschewistisches 'Volkstum'", *Deutsche Volksforschung in Böhmen und Mähren* 2 (1943), pp. 204ss.
- _____. *Aufbau und Entwicklung des ostdeutschen Volksraums* (Berlim, 1935).
- _____. "Auslese und Assimilation", *Deutsche Monatshefte* 7 (1940).
- _____. *Das Schicksal der Polen. Rasse - Volkscharakter - Stammesart* (Leipzig, 1942), pp. 158ss.
- _____. *Umvolkung. Studien zur Frage der Assimilation und Amalgamation in Ostmitteleuropa und Übersee* (Brno 1945).
- Burckhardt, Carl Jacob, *Meine Danziger Mission, 1937-1939* (Munique, 1960).
- Ministério Tchecoslovaco das Relações Exteriores (org.), *German Massacres in Occupied Czechoslovakia Following the Attack on Reinhard Heydrich* (Londres, 1942).
- _____. *Memorandum of the Czechoslovak Government on the Reign of Terror in Bohemia & Moravia under the Regime of Reinhard Heydrich* (Londres, 1942).
- Dalton, Hugh, *The Second World War Diary of Hugh Dalton 1940-1945*, org. Ben Pimlott (Londres, 1986).
- Daniels, Herbert Edler von, "Reinhard Heydrich als nationalsozialistischer Leibbeserzieher", *Leibesübungen und körperliche Erziehung* 61 (1942), pp. 114-17.
- Darré, Richard Walther, *Neuadel aus Blut und Boden* (Munique, 1930).
- Denkler, Wilhelm, *Die böhmische Passion* (Freiburg im Breisgau, 1953).
- Diels, Rudolf, *Lucifer ante Portas. Es spricht der erste Chef der Gestapo* (Stuttgart, 1950).
- Dokumentationsarchiv des Österreichischen Widerstandes (org.), *"Anschluss" 1938. Eine Dokumentation* (Viena, 1988).

- Engel, Gerhard, *At the Heart of the Reich: The Secret Diary of Hitler's Army Adjutant* (Londres, 2005).
- Foerster, Wolfgang, *Generaloberst Ludwig Beck. Sein Kampf gegen den Krieg. Aus den nachgelassenen Papieren des Generalstabschefs* (Munique, 1953).
- Frank, Karl Hermann, *Böhmen und Mähren im Reich. Vortrag gehalten am 24. Juni 1941 im Ostinstitut in Krakau* (Praga, 1941).
- Gisevius, Hans Bernd, *Bis zum bitteren Ende. Bericht eines Augenzeugen aus den Machtzentren des Dritten Reichs* (Hamburg, 1954).
- Goebbels, Joseph, *Die Tagebücher von Joseph Goebbels*, org. Elke Fröhlich, 29 vols. (Munique, 1993-2005).
- Groscurth, Helmuth, *Tagebücher eines Abwehroffiziers 1938-1940*, org. Helmut Krausnick e Harold C. Deutsch (Stuttgart, 1970).
- Haffner, Sebastian, *Geschichte eines Deutschen. Die Erinnerungen 1914-1933* (4ª ed., Stuttgart, 2000).
- Hagen, Walter (vulgo Wilhelm Höhl), *Die geheime Front. Organisation, Personen und Aktionen des deutschen Geheimdienstes* (Linz e Viena, 1950).
- Heiber, Helmut (org.), *Reichsführer!... Briefe an und von Himmler* (Stuttgart, 1968).
- Hertzberg, Gustav Friedrich, *Geschichte der Freimaurerloge zu den drei Degen im Orient von Halle* (Halle, 1893, reedição de 1907).
- Heydrich, Lina, *Leben mit einem Kriegsverbrecher* (Pfaffenhofen, 1976).
- Heydrich, Reinhard, "Aufgaben und Aufbau der Sicherheitspolizei im Dritten Reich", em Pfundtner (org.), *Dr. Wilhelm Frick und sein Ministerium*, pp. 125-30.
- _____. "Der Anteil der Sicherheitspolizei und des SD an den Ordnungsmassnahmen im mitteleuropäischen Raum", *Böhmen und Mähren* 25 (1941), pp. 176-78.
- _____. "Der Anteil der Sicherheitspolizei und des SD in Böhmen und Mähren", *Böhmen und Mähren* 2 (1941), pp. 176-77.
- _____. "Die Bekämpfung der Staatsfeinde", *Deutsches Recht* 6 (1936), pp. 121-23.
- _____. "Kripo und Gestapo", *Düsseldorfer Nachrichten*, 29 de janeiro de 1939.
- _____. *Wandlungen unseres Kampfes* (Munique e Berlim, 1936).
- Himmler, Heinrich, "Denkschrift über die Behandlung der Fremdvölkischen im Osten" (maio de 1940), reeditado em *VfZ* 5 (1957), pp. 194-98.
- Hitler, Adolf, *Adolf Hitlers Monologe im Führerhauptquartier 1941-1944. Die Aufzeichnungen Heinrich Heims*, org. Werner Jochmann (Munique, 1982).
- _____. *Hitler's Table Talk 1941-1944; with an introductory essay on The Mind of Adolf Hitler by Hugh R. Trevor-Roper* (Londres, 1953).
- Hitler, Adolf, *Reden und Proklamationen*, org. Max Domarus, 2 vols. (Würzburg, 1962-1963).
- Höhn, Reinhard e Seydel, Helmut, "Der Kampf um die Wiedergewinnung des deutschen Osten. Erfahrungen der preussischen Ostsiedlung 1866-1914", em *Festgabe für Heinrich Himmler* (Darmstadt, 1941), pp. 61-174.

- Hubatsch, Walter (org.), *Hitlers Weisungen für die Kriegsführung 1939-1945. Dokumente des Oberkommandos der Wehrmacht* (2^a ed. rev., Koblenz, 1983).
- Internationaler Militärgerichtshof Nürnberg (org.), *Der Prozess gegen die Hauptkriegsverbrecher vor dem Internationalen Militärgerichtshof* (14. November 1945 bis 1. Oktober 1946), 42 vols. (Nuremberg, 1947-1949).
- Jacobsen, Hans-Adolf (org.), *Generaloberst Halder. Kriegstagebuch*, vol. 1: *Vom Polenfeldzug bis zum Ende der Westoffensive* (14.8.1939-30.6.1940) (Stuttgart, 1962).
- Jordan, Rudolf, *Erlebt und erlitten. Weg eines Gauleiters von München bis Moskau* (Leoni, 1971).
- Kárný, Miroslav e Milotová, Jaroslava (orgs.), *Anatomie okupační politiky hitlerovského Německa v "Protektorátu Čechy a Morava". Dokumenty z období říšského protektora Konstantina von Neuratha* (Praga, 1987).
- Kárný, Miroslav, Milotová, Jaroslava e Kárná, Margita (orgs.), *Deutsche Politik im "Protektorat Böhmen und Mähren" unter Reinhard Heydrich 1941-1942* (Berlim, 1997).
- Kersten, Felix, *The Kersten Memoirs, 1940-1945*, org. Hugh Trevor-Roper (Londres, 1957).
- _____. *Totenkopf und Treue - Heinrich Himmler ohne Uniform* (Hamburgo, 1952).
- Klarsfeld, Serge (org.), *Centre de Documentation Juive Contemporaine, Recueil de Documents du Service des Affaires Juives, le II-112, du Sicherheitsdienst SD (1937-1949)* (Nova York, 1980).
- Klein, Peter (org.), *Die Einsatzgruppen in der besetzten Sowjetunion, 1941/42. Die Tätigkeits- und Lageberichte des Chefs der Sicherheitspolizei und des SD* (Berlim, 1997).
- Köhler, Hansjürgen, *Inside the Gestapo: Hitler's Shadow over Europe* (Londres, 1941).
- Král, Václav (org.), *Die Deutschen in der Tschechoslowakei 1933-1947. Dokumentensammlung* (Praga, 1964).
- Lidice: A Tribute by Members of the International P.E.N.* (Londres, 1944).
- Lösener, Bernhard, "Als Rassereferent im Reichsministerium des Innern", *VfZ* 9 (1961), pp. 261-313.
- Maercker, Georg, *Vom Kaiserheer zur Reichswehr. Geschichte des freiwilligen Landesjägerskorps. Ein Beitrag zur Geschichte der deutschen Revolution* (Leipzig, 1921).
- Mann, Thomas, *Essays*, vol. 5: *Deutschland und die Deutschen 1938-1945*, org. Hermann Kurzke e Stephan Stachorski (Frankfurt am Main, 1997).
- Matlock, Siegfried (org.), *Dänemark in Hitlers Hand. Der Bericht des Reichsbevollmächtigten Werner Best über seine Besatzungspolitik in Dänemark mit Studien über Hitler, Göring, Himmler, Heydrich, Ribbentrop, Canaris u. a.* (Husum, 1988).
- Michaelis, Herbert e Schraepler, Ernst (orgs.), *Ursachen und Folgen. Vom deutschen Zusammenbruch 1918 und 1945 bis zur staatlichen Neuordnung*

- Deutschlands in der Gegenwart. Eine Urkunden- und Dokumentensammlung zur Zeitgeschichte*, vol. 12: *Das Dritte Reich* (Munich, 1967).
- Moravec, Frantisek, *Master of Spies: The Memoirs of General Frantisek Moravec* (Garden City, NY, 1975).
- Naudé, Horst, *Erlebnisse und Erkenntnisse als politischer Beamter im Protektorat Böhmen und Mähren 1939-1945* (Berlin, 1975).
- Nicolai, Walter, *Geheime Mächte. Internationale Spionage und ihre Bekämpfung im Weltkrieg und Heute* (Leipzig, 1923).
- Noakes, Jeremy e Pridham, Geoffrey (orgs.), *Nazism, 1919-1945: A Documentary Reader*, 4 vols. (Exeter, 1995-1998).
- Petzina, Dietmar, Abelshäuser, Werner e Faust, Anselm (orgs.), *Materialien zur Statistik des Deutschen Reiches 1914-1945* (Munich, 1978).
- Pfützner, Hans, *Reden, Schriften, Briefe. Unveröffentlichtes und bisher Verstreutes* (Berlin, 1955).
- Pfundtner, Hans (org.), *Dr. Wilhelm Frick und sein Ministerium* (Munich, 1937).
- Präg, Werner e Jacobmeyer, Wolfgang (orgs.), *Das Diensttagebuch des deutschen Generalgouverneurs in Polen 1939-45* (Stuttgart, 1975).
- Reichssicherheitshauptamt (org.), *Reinhard Heydrich, 7. März 1904-4. Juni 1942. Meine Ehre eene Treue* (Berlin, 1942).
- Riemann, Hugo (org.), *Riemanns Musik-Lexikon* (8^a ed., Berlin e Leipzig, 1916), vol. 1.
- Safrian, Hans e Witek, Hans (orgs.), *Und eener war dabei. Dokumente des alltäglichen Antisemitismus in Wien 1938* (Vienna, 1988).
- Sagel-Grande, Irene, Fuchs, H. H. e Rüter, C. F. (orgs.), *Justiz und NS-Verbrechen. Sammlung deutscher Strafurteile wegen nationalsozialistischer Tötungsverbrechen 1945-1966*, vol. 19: *Die vom 10.01.1963 bis zum 12.04.1964 ergangenen Strafurteile* (Amsterdam, 1978).
- Sauer, Paul (org.), *Dokumente über die Verfolgung der jüdischen Bürger in Baden-Württemberg durch das nationalsozialistische Regime 1933-1945* (Stuttgart, 1966).
- Schellenberg, Walter, *The Labyrinth: The Memoirs of Hitler's Secret Service Chief* (London, 1956).
- _____. *Invasion 1940: The Nazi Invasion Plan for Britain* (London, 2000).
- Scholz, Lili, *"Bis alles in Scherben fällt". Tagebuchblätter 1933-1945* (2^a ed., Hamburg, 2007).
- Schramm, Percy Ernst e Picker, Henry (orgs.), *Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier 1941-1942* (Stuttgart, 1963).
- Seraphim, Hans-Günther (org.), *Das politische Tagebuch Alfred Rosenbergs 1934/35 und 1939/40* (Göttingen, 1956).
- Silbergleit, Heinrich, *Die Bevölkerungs- und Berufsverhältnisse der Juden im Deutschen Reich* (Berlin, 1930).
- _____. (org.), *Preussens Städte. Denkschrift zum 100jährigen Jubiläum der Städteordnung vom 19. November 1808* (Berlin, 1908).
- Simmert, Johannes e Herrmann, Hans-Walter, *Dokumentation zur Geschichte der jüdischen Bevölkerung in Rheinland-Pfalz und im Saarland von 1800*, vol. 6: *Die*

- nationalsozialistische Judenverfolgung in Rheinland-Pfalz 1933-1945. Das Schicksal der Juden im Saarland, 1920-1945* (Koblenz, 1974).
- Smith, Bradley F., Peterson, Agnes F. e Fest, Joachim (orgs.), *Heinrich Himmler. Geheimreden 1933 bis 1945 und andere Ansprachen* (Frankfurt am Main, 1974).
- Speer, Albert, *Erinnerungen* (Frankfurt, Berlin e Viena, 1969).
- Urban, Lisl, *Ein ganz gewöhnliches Leben* (Leipzig, 2006).
- Verhandlungen des Reichstages. Stenographische Berichte*, 4. Wahlperiode 1939-1942, vol. 460.
- Wagner, Eduard, *Der Generalquartiermeister. Briefe und Tagebuchaufzeichnungen des Generalquartiermeisters des Heeres General der Artillerie Eduard Wagner*, org. Elisabeth Wagner (Munique e Viena, 1963).
- Wagner, Gerhard (org.), *Lagevorträge des Oberbefehlshabers der Kriegsmarine vor Hitler, 1939-1945* (Munique, 1972).
- Walk, Joseph (org.), *Das Sonderrecht für die Juden im NS-Staat. Eine Sammlung der gesetzlichen Massnahmen und Richtlinien. Inhalt und Bedeutung* (2ª ed., Heidelberg, 1996).
- Walter, Bruno, *Thema und Variationen. Erinnerungen und Gedanken* (Estocolmo, 1947).
- Wannenmacher, Walter (org.), *Reinhard Heydrich. Ein Leben der Tat* (Praga, 1944).
- Weitzel, Fritz, *Die Gestaltung der Feste im Jahres- und Lebenslauf in der SS-Familie* (Wuppertal, 1942).
- Winiewicz, Józef Marja, *Aims and Failures of the German New Order* (Londres, 1943).
- Witte, Peter *et al.* (orgs.), *Der Dienstkalender Heinrich Himmlers 1941/42* (Hamburg, 1999).
- Zuckmayer, Carl, *Als wär's ein Stück von mir* (2ª ed., Hamburg, 1977).

Jornais e Periódicos

České slovo; Deutsches Recht; Frankfurter Allgemeine Zeitung; Hallesche Nachrichten; Hallescher Central-Anzeiger; Jasmin; Königsberger Allgemeine; Mitteilungsblatt des Reichskriminalamtes; Národní politika; Neue Freie Presse; Der Neue Tag; New York Times; Reichsgesetzblatt; Das Schwarze Korps; Der Spiegel; The Times; Venkov; Verordnungsblatt des Reichsprotectors in Böhmen und Mähren; Völkischer Beobachter.

Fontes Impressas Secundárias

- Abrams, Lynn, "From Control to Commercialization: The Triumph of Mass Entertainment in Germany 1900-1925", *German History* 8 (1990), pp. 278-93.
- Ackermann, Josef, *Heinrich Himmler als Ideologe* (Göttingen, 1970).
- Ackermann, Volker, *Nationale Totenfeiern in Deutschland. Von Wilhelm I. bis Franz Josef Strauss, eine Studie zur politischen Semiotik* (Stuttgart, 1990).
- Adam, Uwe Dietrich, "The Gas Chambers", em François Furet (org.), *Unanswered Questions: Nazi Germany and the Genocide of the Jews* (Nova York, 1989), pp. 134-54.
- _____. *Judenpolitik im Dritten Reich* (Düsseldorf, 1972).
- Adler, Hans Günther, *Theresienstadt 1941-1945. Antlitz einer Zwangsgemeinschaft* (Göttingen, 2005).
- _____. *Der Verwaltete Mensch. Studien zur Deportation der Juden aus Deutschland* (Tübingen, 1974).
- Alberti, Michael (org.), *Die Verfolgung und Vernichtung der Juden im Reichsgau Wartheland* (Wiesbaden, 2006).
- Albrecht, Catherine, "Economic Nationalism in the Sudetenland, 1918-38", em Mark Cornwall e R. J. W. Evans (orgs.), *Czechoslovakia in a Nationalist and Fascist Europe, 1918-1948* (Oxford, 2007), pp. 89-108.
- Aly, Götz (org.), *Aktion T4 1939-1945. Die "Euthanasie"-Zentrale in der Tiergartenstrasse 4* (2ª ed., Berlim, 1989).
- _____. *"Final Solution": Nazi Population Policy and the Murder of the European Jews* (Londres e Nova York, 1999).
- _____. *Hitler's Beneficiaries: Plunder, Racial War, and the Nazi Welfare State* (Nova York, 2007).
- Aly, Götz e Heim, Susanne, "Staatliche Ordnung und 'organische Lösung'. Die Rede Hermann Görings 'Über die Judenfrage' vom 6. Dezember 1938", *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 2 (1992), pp. 378-404.
- _____. *Vordenker der Vernichtung. Auschwitz und die deutschen Pläne für eine europäische Ordnung* (Frankfurt am Main, 1993).
- Aly, Götz e Roth, Karl Heinz, *Die restlose Erfassung. Volkszählen, Identifizieren, Aussondern im Nationalsozialismus* (Frankfurt am Main, 2000).
- Amort, Čestmír, *Heydrichiáda* (Praga, 1965).
- Anderl, Gabriele, "Die 'Zentralstellen für jüdische Auswanderung' in Wien, Berlin und Prag: Ein Vergleich", *Tel Aviver Jahrbuch für Deutsche Geschichte* 23 (1994), pp. 275-99.
- Anderl, Gabriele e Rupnow, Dirk, *Die Zentralstelle für jüdische Auswanderung als Beraubungsinstitution* (Viena, 2004).
- Angrick, Andrej, *Besatzungspolitik und Massenmord. Die Einsatzgruppe D in der südlichen Sowjetunion 1941-1943* (Hamburgo, 2003).
- Applegate, Celia, "Culture and the Arts", em James Retallack, *Imperial Germany, 1871-1918* (Oxford, 2008), pp. 106-27.

- Arad, Yitzhak, *Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard Death Camps* (Bloomington, IN, 1987).
- Arendt, Hannah, *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil* (Londres, 1963).
- Armstrong, John A., *Ukrainian Nationalism, 1935-1949* (2^a ed., Nova York, 1963).
- Arndt, Ingo e Boberach, Heinz, "Deutsches Reich", em Benz (org.), *Dimension des Völkermords*, pp. 23-65.
- Aronson, Shlomo, *Reinhard Heydrich und die Frühgeschichte von Gestapo und SD* (Stuttgart, 1971).
- Aronson, Shlomo e Breitman, Richard, "Eine unbekannte Himmler-Rede vom Januar 1943", *VfZ* 38 (1990), pp. 337-48.
- Ayass, Wolfgang, *"Asoziale" im Nationalsozialismus* (Stuttgart, 1995).
- _____. "'Ein Gebot der nationalen Arbeitsdisziplin'. Die 'Aktion Arbeitsscheu Reich' 1938", *Beiträge zur nationalsozialistischen Gesundheits- und Sozialpolitik* 6 (1988), pp. 43-74.
- Bahro, Berno, "Reinhard Heydrich und Hermann Fegelein. Sportler - Soldaten - Helden", *Stadion. Internationale Zeitschrift für Geschichte des Sports* (31) 2007, pp. 111-30.
- Bailey, Roderick, *Forgotten Voices of the Secret War: An Inside History of Special Operations during the Second World War* (Londres, 2008).
- Bajohr, Frank, "'Die Zustimmungsdiktatur'. Grundzüge nationalsozialistischer Herrschaft in Hamburg", em Forschungsstelle für Zeitgeschichte in Hamburg (org.), *Hamburg im "Dritten Reich"* (Göttingen, 2005), pp. 69-131.
- Banach, Jens, *Heydrich Elite. Das Führerkorps der Sicherheitspolizei und des SD 1936-1945* (Paderborn, 1996).
- Bankier, David, *The Germans and the Final Solution: Public Opinion under Nazism* (Oxford, 1992).
- Barkai, Avraham, *Vom Boykott zur "Entjudung". Der wirtschaftliche Existenzkampf der Juden im Dritten Reich, 1933-1943* (Frankfurt, 1988).
- Barnett, Victoria, *For the Soul of the People: Protestant Protest against Hitler* (Nova York, 1992).
- Barth, Christian T., *Goebbels und die Juden* (Paderborn, 2003).
- Bartov, Omer, "Defining Enemies, Making Victims: Germans, Jews, and the Holocaust", em Amir Weiner (org.), *Landscaping the Human Garden: Twentieth-Century Population Management in a Comparative Framework* (Stanford, CA, 2003), pp. 135-47.
- Bartusevičius, Vincas, Tauber, Joachim e Wette, Wolfram (orgs.), *Holocaust in Litauen. Krieg, Judenmorde und Kollaboration im Jahre 1941* (Colônia, 2003).
- Bassler, Moritz e van der Knaap, Ewout (orgs.), *Die (k)alte Sachlichkeit. Herkunft und Wirkungen eines Konzepts* (Würzburg, 2004).
- Bauer, Yehuda, *Jews for Sale? Nazi-Jewish Negotiations 1933-1945* (New Haven e Londres, 1994).
- Baumann, Zygmunt, *Modernity and the Holocaust* (Ithaca, NY, 1989).
- Behrenbeck, Sabine, *Der Kult um die toten Helden. Nationalsozialistische Mythen, Riten und Symbole 1923 bis 1945* (Colônia, 1996).

- Benz, Wolfgang (org.), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus* (Munich, 1991).
- _____. *Legenden, Lügen, Vorurteile. Ein Wörterbuch zur Zeitgeschichte* (Munich, 1992).
- Benz, Wolfgang e Distel, Barbara (orgs.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, 9 vols. (Munich, 2005-2008).
- Berg, Christian, "Familie, Kindheit, Jugend", em *Handbuch der deutschen Bildungsgeschichte*, vol. IV, pp. 9-39.
- Bergen, Doris "The Nazi Concept of 'Volksdeutsche' and the Exacerbation of Anti-Semitism em Eastern Europe, 1939-1945", *Journal of Contemporary History* 29 (1994), pp. 569-82.
- _____. *Twisted Cross: The German Christian Movement in the Third Reich* (Chapel Hill, NC, 1996).
- Berghahn, Volker R. e Laessig, Simone (orgs.), *Biography between Structure and Agency: Central European Lives in International Historiography* (Oxford e Nova York, 2008).
- Berkhoff, Karel C., *Harvest of Despair: Life and Death in Ukraine under Nazi Rule* (Cambridge, MA, 2004).
- Bernhardt, Heike, *Anstaltspsychiatrie und Euthanasie in Pommern 1933 bis 1945. Die Krankenmorde an Kindern und Erwachsenen am Beispiel der Landesheilanstalt Ueckermünde* (Frankfurt am Main, 1994).
- _____. "'Euthanasie' und Kriegsbeginn. Die frühen Morde an Patienten aus Pommern", *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft* 9 (1996), pp. 773-88.
- Bernou-Fieseler, Anne e Théofilakis, Fabien (orgs.), *Das Konzentrationslager Dachau. Erlebnis, Erinnerung, Geschichte. Deutsch-Französisches Kolloquium zum 60. Jahrestag der Befreiung des Konzentrationslagers Dachau* (Munich, 2006).
- Berschel, Holger, *Bürokratie und Terror. Das Judenreferat der Gestapo Düsseldorf 1935-1945* (Essen, 2001).
- Berton, Pierre, *The Great Depression 1929-1939* (Toronto, 1990).
- Berton, Stanislav F., "Das Attentat auf Reinhard Heydrich vom 27. Mai 1942. Ein Bericht des Kriminalrats Heinz Pannwitz", *VfZ* 33 (1985), pp. 668-706.
- Bessel, Richard, "The 'Front Generation' and the Politics of Weimar Germany", em Roseman (org.), *Generations in Conflict*, pp. 121-36.
- _____. "The Nazi Capture of Power", *Journal of Contemporary History* 39 (2004), pp. 169-88.
- _____. *Political Violence and the Rise of Nazism: The Storm Troopers in Eastern Germany 1925-1934* (New Haven, 1984).
- Bird, Keith W., *Erich Raeder: Admiral of the Third Reich* (Annapolis, MD, 2006).
- _____. *Officers and Republic: The German Navy and Politics* (Ann Arbor, MI, 1982).
- _____. *Weimar, the German Naval Officer Corps and the Rise of National Socialism* (Amsterdã, 1977).
- Birn, Ruth Bettina, *Die Höheren SS- und Polizeiführer. Himmlers Vertreter im Reich und in den besetzten Gebieten* (Dusseldorf, 1986).

- Blaazer, David, "Finance and the End of Appeasement: The Bank of England, the National Government and the Czech Gold", *Journal of Contemporary History* 40 (2005), pp. 25-40.
- Black, Peter R., *Ernst Kaltenbrunner: Ideological Soldier of the Third Reich* (Princeton, NJ, 1984).
- Black, Peter, "Die Trawniki-Männer und die Aktion Reinhard", em Bogdan Musial (org.), *"Aktion Reinhardt". Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944* (Osnabrück, 2004), pp. 309-52.
- Blackbourn, David, *The Conquest of Nature: Water and the Making of Modern German Landscapes* (Londres, 2005).
- Blanning, Tim, *The Triumph of Music: Composers, Musicians, and their Audiences, 1700 to the Present* (Londres, 2008).
- Blaschke, Olaf, *Katholizismus und Antisemitismus im Deutschen Kaiserreich* (Göttingen, 1997).
- Blaschke, Olaf and Kuhlemann, Frank-Michael (orgs.), *Religion im Kaiserreich. Milieus - Mentalitäten - Krisen* (Gütersloh, 1996).
- Blodig, Vojtěch, "Dějiny ghetta Terezín (1941-1945)", em Miloš Pojar (org.), *Stín šoa nad Evropou* (Praga, 2001), pp. 57-66.
- Bloxham, Donald, *The Final Solution: A Genocide* (Oxford, 2009).
- _____. "The Missing Camps of Aktion Reinhard", em Peter Gray e Kendrick Oliver (orgs.), *The Memory of Catastrophe* (Manchester, 2004), pp. 118-31.
- Boberach, Heinz (org.), *Meldungen aus dem Reich, 1938-1945. Die geheimen Lageberichte des Sicherheitsdienstes der SS*, 18 vols. (Herrsching, 1984-1985).
- Boelcke, Willi A., *Kriegspropaganda 1939-1945. Geheime Ministerkonferenzen im Reichspropagandaministerium* (Stuttgart, 1955).
- Böhler, Joachim, *Auftakt zum Vernichtungskrieg. Die Wehrmacht in Polen 1939* (Frankfurt am Main, 2006).
- Bohn, Robert, "Die Errichtung des Reichskommissariats Norwegen", em *idem* (org.), *Neutralität und totalitäre Aggression. Nordeuropa und die Grossmächte im Zweiten Weltkrieg* (Stuttgart, 1991) pp. 129-47.
- _____. *Reichskommissariat Norwegen. "Nationalsozialistische Neuordnung" und Kriegswirtschaft* (Munich, 2000).
- _____. "'Ein solches Spiel kennt keine Regeln'. Gestapo und Bevölkerung in Norwegen und Dänemark", em Paul e Mallmann (orgs.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 463-81.
- Bokovoy, Douglas, "Verfolgung und Vernichtung", em *idem* e Stefan Meinung (orgs.), *Versagte Heimat. Jüdisches Leben in Münchens Isavorstadt* (Munich, 1994), pp. 223-60.
- Bornschein, Joachim, *Gestapo-chef Heinrich Müller. Technokrat des Terrors* (Leipzig, 2004).
- Borodziej, Włodzimierz, *Terror und Politik. Die deutsche Polizei und die polnische Widerstandsbewegung im Generalgouvernement 1939-1944* (Mainz, 1999).
- Botz, Gerhard, *Nationalsozialismus in Wien. Machtübernahme, Herrschaftssicherung, Radikalisierung* (ed. rev., Viena, 2008).
- _____. *Wohnungspolitik und Judendeportation in Wien 1928-1945* (Viena, 1975).

- Bracher, Karl Dietrich, *The German Dictatorship: The Origins, Structure, and Consequences of National Socialism* (Nova York, 1970).
- Bracher, Karl Dietrich, Sauer, Wolfgang e Schulz, Gerhard, *Die nationalsozialistische Machtergreifung. Studien zur Errichtung des totalitären Herrschaftssystems in Deutschland 1933/34* (Colônia e Opladen, 1960).
- Brandes, Detlef, "Kolaborace v Protektorátu Čechy a Morava", *Dějiny a současnost* 16 (1994), pp. 25-9.
- _____. "Nationalsozialistische Tschechenpolitik", em *idem* e Kural, Václav (orgs.), *Der Weg in die Katastrophe. Deutsch-tschechoslowakische Beziehungen 1938-1947* (Essen, 2004), pp. 39-50.
- _____. *Die Tschechen unter deutschem Protektorat*, 2 vols. (Munich, 1969 e 1975).
- Brandes, Detlef, Ivaničková, Edita e Pešek, Jiří (orgs.), *Erzwungene Trennung. Vertreibungen and Aussiedlungen in und aus der Tschechoslowakei 1938-1947 im Vergleich mit Polen, Ungarn und Jugoslawien* (Essen, 1999).
- Brechtken, Magnus, "Madagascar für die Juden". *Antisemitische Idee und politische Praxis 1885-1945* (Munich, 1997).
- Břečka, Jan, *Silver B neodpovídá. Historie čs. paraskupiny z Velké Británie v letech 2. světové války* (Brno, 2004).
- Breitman, Richard, *The Architect of Genocide: Himmler and the Final Solution* (Nova York, 1991).
- Breitman, Richard e Aronson, Shlomo, "Eine unbekannte Himmler-Rede vom Januar 1943", *VfZ* 38 (1990), pp. 337-48.
- Breuer, Stefan, *Ordnungen der Ungleichheit. Die deutsche Rechte im Widerstreit ihrer Ideen, 1871-1945* (Darmstadt, 2001).
- Breuer, Stefan, *Die Völkischen in Deutschland. Kaiserreich und Weimarer Republik* (Darmstadt, 2008).
- Breymayer, Ursula e Ulrich, Bernd (orgs.), *Willensmenschen. Über deutsche Offiziere* (Frankfurt am Main), 1999.
- Brissaud, André, *Canaris. Fürst des deutschen Geheimdienstes oder Meister des Doppelspiels?* (Frankfurt am Main, 1976).
- Broszat, Martin, "Hitler und die 'Endlösung'. Aus Anlass der Thesen von David Irving", *VfZ* 25 (1977), pp. 739-75.
- _____. *Nationalsozialistische Polenpolitik (1939-1945)* (Stuttgart, 1961).
- Broszat, Martin e Mehringer, Hartmut (orgs.), *Bayern in der NZ-Zeit*, vol. 5: *Die Parteien KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand* (Munich, 1983).
- Browder, George C., "Die Anfänge des SD. Dokumente aus der Organisationsgeschichte des Sicherheitsdienstes des Reichsführers SS", *VfZ* 27 (1979), pp. 299-324.
- _____. *Foundations of the Nazi Police State: The Formation of Sipo and SD* (Lexington, MA, 1990).
- _____. *Hitler's Enforcers: The Gestapo and the SS Security Service in the Nazi Revolution* (Nova York, 1996).
- _____. "The Numerical Strength of the Sicherheitsdienst des RFSS", *Historical Social Research* 28 (1983), pp. 30-41.

- Browning, Christopher R., "A Final Hitler Decision for the 'Final Solution'? The Riegner Telegram Reconsidered", *Holocaust and Genocide Studies* (1996), pp. 3-10.
- _____. *The Final Solution and the German Foreign Office: A Study of Referat DIII of Abteilung Deutschland 1940-43* (Nova York e Londres, 1978).
- _____. *Judenmord. NS-Politik, Zwangsarbeit und das Verhalten der Täter* (Frankfurt am Main, 2001).
- _____. *Ordinary Men: Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland* (Nova York, 1992).
- _____. *The Origins of the Final Solution: The Evolution of Nazi Jewish Policy, September 1939-March 1942* (Lincoln, NB, 2004).
- _____. *The Path to Genocide: Essays on Launching the Final Solution* (Cambridge, 1992).
- Bruendel, Steffen, *Volksgemeinschaft oder Volksstaat. Die "Ideen von 1914" und die Neuordnung Deutschlands im Ersten Weltkrieg* (Berlim, 2003).
- Brunner, Bernhard, *Der Frankreich-Komplex. Die nationalsozialistischen Verbrechen in Frankreich und die Justiz der Bundesrepublik Deutschland* (Göttingen, 2004).
- Bryant, Chad, *Prague in Black: Nazi Rule and Czech Nationalism* (Cambridge, MA, 2007).
- Buchheim, Hans, "Die SS - Das Herrschaftsinstrument", em *idem*, Martin Broszat, Hans-Adolf Jacobsen e Helmut Krausnick, *Anatomie des SS-Staates* (3ª ed., Munique, 1994), vol. 1, pp. 113-36.
- Buchheim, Hans, Broszat Martin, Jacobsen, Hans-Adolf e Krausnick, Helmut, *Anatomie des SS-Staates* (3ª ed., Munique, 1994).
- Büchler, Yehoshua, "The Deportation of Slovakian Jews to the Lublin District of Poland in 1942", *Holocaust and Genocide Studies* 6 (1991), pp. 151-66.
- _____. "A Preparatory Document for the Wannsee Conference", *Holocaust and Genocide Studies* 9 (1995), pp. 121-29.
- Burgdorff, Stephan (org.), *Der Zweite Weltkrieg. Wendepunkte der deutschen Geschichte* (Munique, 2005).
- Burian, Michal, Knížek, Aleš, Rajlich, Jiří e Stehlík, Eduard, *Assassination. Operation Anthropoid 1941-1942* (Praga, 2002).
- Burleigh, Michael, *Death and Deliverance: Euthanasia in Germany, c.1900-1945* (Cambridge, 1994).
- Burleigh, Michael e Wippermann, Wolfgang, *The Racial State: Germany 1933-1945* (Cambridge, 1991).
- Burrin, Philippe, *Hitler and the Jews: The Genesis of the Holocaust* (Londres, 1994).
- Büsch, Otto e Feldman, Gerald D. (orgs.), *Historische Prozesse der deutschen Inflation 1914-1924* (Berlim, 1978).
- Busch, Sabine, *Hans Pfitzner und der Nationalsozialismus* (Stuttgart, 2001).
- Büttner, Ursula, "Der Aufstieg der NSDAP", em Forschungsstelle für Zeitgeschichte in Hamburg (org.), *Hamburg im "Dritten Reich"* (Göttingen, 2005).

- Calic Edouard, *Reinhard Heydrich: The Chilling Story of the Man Who Masterminded the Nazi Death Camps* (Nova York, 1985).
- _____. *Reinhard Heydrich. Schlüsselfigur des Dritten Reiches* (Dusseldorf, 1982).
- Čapka, František, *Protektorát Čechy a Morava* (Brno, 1993).
- Caplan, Jane, "Political Detention and the Origin of the Concentration Camps in Nazi Germany, 1933-1935/6", em Neil Gregor (org.), *Nazism, War and Genocide: New Perspectives on the History of the Third Reich* (Exeter, 2008), pp. 22-41.
- Caplan, Jane e Wachsmann, Nikolaus (orgs.), *Concentration Camps in Nazi Germany: The New Histories* (Londres, 2009).
- Čelovský, Boris (org.), *Germanisierung und Genozid. Hitlers Endlösung der tschechischen Frage. Deutsche Dokumente 1933-1945* (Brno e Dresden, 2005).
- Červinka, František, *Česká kultura a okupace* (Praga, 2002).
- Cesarani, David, *Becoming Eichmann: Rethinking the Life, Crimes and Trial fo a Desk Murderer* (Cambridge, MA, 2006).
- Chiari, Bernhard, *Alltag hinter der Front. Besatzung, Kollaboration und Widerstand in Weissrussland 1941-1944* (Dusseldorf, 1998).
- Choumoff, Pierre Serge, *Nationalsozialistische Massentötungen durch Giftgas auf österreichischem Gebiet 1940-1945* (Viena, 2000).
- Clark, Christopher, "Religion and Confessional Conflict", em Retallack (org.), *Imperial Germany*, pp. 83-105.
- Clavin, Patricia, *The Great Depression in Europe, 1929-1939* (Basingstoke, 2000).
- Collingham, Lizzie, *The Taste of War: World War Two and the Battle for Food* (Londres, 2011).
- Connelly, John, "Nazis and Slavs: From Racial Theory to Racist Practice", *Central European History* 32 (1999), pp. 1-33.
- Conway, John S., *The Nazi Persecution of the Churches, 1933-45* (Londres, 1968).
- Gonze, Eckart, "Adel unter dem Totenkopf. Die Idee eines Neuadels in den Gesellschaftsvorstellungen der SS", em *idem* e Monika Wienfort (orgs.), *Adel und Moderne. Deutschland im europäischen Vergleich im 19. und 20. Jahrhundert* (Colônia, 2004), pp. 151-76.
- Cornwall, Mark, "'A Leap into Ice-Cold Water': The Manoeuvres of the Henlein Movement in Czechoslovakia, 1933-8", em *idem* e Evans (orgs.), *Czechoslovakia in a Nationalist and Fascist Europe*, pp. 123-42.
- _____. "'National Reparation?': The Czech Land Reform and the Sudeten Germans 1918-1938", *Slavonic and East European Review* 75 (1997), pp. 259-80.
- _____. "Stirring Resistance from Moscow: The German Communists of Czechoslovakia and Wireless Propaganda in the Sudetenland, 1941-1945", *German History* 24 (2006), pp. 212-42.
- Cornwall, Mark e Evans, R. J. W. (orgs.), *Czechoslovakia in a Nationalist and Fascist Europe 1918 -1948* (Oxford, 2007).

- Crampton, Richard J., *Eastern Europe in the Twentieth Century - and After* (Londres e Nova York, 1997).
- _____. "Edvard Beneš", em Steven Casey e Jonathan Wright (orgs.), *Mental Maps in the Era of the Two World Wars* (Basingstoke, 2008), pp. 135-56.
- Čvačara, Jaroslav, *Někomu život, někomu smrt. Československý odboj a nacistická okupační moc 1939-1941* (Prague, 2002).
- Dahlhaus, Carl, *Nineteenth-Century Music* (Berkeley, CA, 1989).
- Dallin, Alexander, *German Rule in Russia, 1941-1945: A Study of Occupation Policies* (ed. rev., Boulder, CO, 1981).
- Dams, Carsten e Michael Stolle, *Die Gestapo. Herrschaft and Terror in Dritten Reich* (Munich, 2008).
- Danker, Uwe, "NS-Opfer und Täter. Versorgung mit zweierlei Mass. Lina Heydrich und Dr. Norbert L. mit Rentenangelegenheiten vor Gericht", *Demokratische Geschichte. Jahrbuch zur Arbeiterbewegung und Demokratie in Schleswig-Holstein* 10 (1996), pp. 277-305.
- Dean, Martin, *Collaboration in the Holocaust: Crimes of the Local Police in Belorussia and Ukraine, 1941-44* (Nova York, 2000).
- Dederichs, Mario R., *Heydrich: The Face of Evil* (Londres, 2006).
- Demps, Laurenz, *Der Invalidenfriedhof. Denkmal preussisch-deutscher Geschichte in Berlin* (Stuttgart, 1996).
- Denkowski, Charles von, "Zur Verschmelzung von SS und Polizei als Reichssicherheitshauptamt", *Kriminalistik* 57 (2003), pp. 525-32.
- Deschner, Günther, *Heydrich: The Pursuit of Total Power* (Londres, 1981).
- Dieckmann, Christoph, "Deutsche Besatzungspolitik und Massenverbrechen in Litauen 1941 bis 1944. Täter, Zuschauer, Opfer", tese inédita de doutorado, Universidade de Freiburg, 2002.
- _____. "The War and the Killing of the Lithuanian Jews", em Ulrich Herbert (org.), *National Socialist Extermination Policies: Contemporary German Perspectives and Controversies* (Nova York e Oxford, 2000), pp. 240-75.
- Dieckmann, Christoph, Quinkert, Babette e Tönsmeyer, Tatjana (orgs.), *Kooperation und Verbrechen. Formen der "Kollaboration" im östlichen Europa 1939-1945* (Göttingen, 2003).
- Diehl, Paula (org.), *Körper im Nationalsozialismus. Bilder und Praxen* (Munich, 2006).
- _____. *Macht - Mythos - Utopie. Die Körperbilder der SS-Männer* (Berlim, 2005).
- Dierker, Wolfgang, *Himmlers Glaubenskrieger. Der Sicherheitsdienst der SS und seine Religionspolitik 1933-1941* (Paderborn, 2002).
- Diewald-Kerkmann, Gisela, *Politische Denunziation im NS-Regime oder die kleine Macht der "Volksgenossen"* (Bonn, 1995).
- Dillon, Christopher, "'We'll Meet Again in Dachau': The Early Dachau SS and the Narrative of Civil War", *Journal of Contemporary History* 45 (2010), pp. 535-54.
- Dimond, Mark, "The Sokol and Czech Nationalism, 1918-48", em Cornwall e Evans, *Czechoslovakia in a Nationalist and Fascist Europe*, pp. 185-206.
- Distel, Barbara e Jakusch, Ruth (orgs.), *Konzentrationslager Dachau, 1933-1945* (Bruxelas, 1978).

- Doerries, Reinhard (org.), *Hitler's Last Chief of Foreign Intelligence: Allied Interrogations of Walter Schellenberg* (Londres, 2003).
- Doležal, Jiří, *Česká kultura za protektorátu* (Praga, 1996).
- Domröse, Ortwin, *Der NS-Staat in Bayern von der Machtergreifung bis zum Röhm-Putsch* (Munich, 1974).
- Donson, Andrew, *Youth in the Fatherless Land: War Pedagogy, Nationalism and Authority in Germany, 1914-1918* (Cambridge, MA, 2010).
- Dörner, Bernward, "NS-Herrschaft und Denunziation. Anmerkungen zu Defiziten in der Denunziationsforschung", *Historical Social Research* 26 (2001), pp. 55-69.
- Döscher, Hans-Jürgen, *Reichskristallnacht. Die Novemberpogrome* (Munich, 2000).
- Drdáčková, Eva, *Správní uspořádání protektorátu do Heydrichovy správní reformy (1939-1942)* (Pilsen, 2004).
- Dreessen, Carl, *Die deutsche Flottenrüstung in der Zeit nach dem Vertrag von Versailles bis zum Beginn des Zweiten Weltkrieges und ihre Darstellung und Behandlung im Nürnberger Prozess von 1945/46* (Hamburg, 2000).
- Drobisch, Klaus e Wieland, Günther, *System der NS-Konzentrationslager, 1933-1939* (Berlin, 1993).
- Duhnke, Horst, *Die KPD von 1933 bis 1945* (Colônia, 1972).
- Dülffer, Jost, *Weimar, Hitler und die Marine. Reichspolitik und Flottenbau 1920-1933* (Dusseldorf, 1973).
- Dunger, Matthias, "Städtebauliche Planung und Wohnungsbau im 19. Jahrhundert in Halle/S.", tese inédita de doutorado, Universidade de Halle, 1991.
- Dunker, Ulrich, *Der Reichsbund jüdischer Frontsoldaten 1919-1938* (Dusseldorf, 1977).
- Ehmann, Annegret, "From Colonial Racism to Nazi Population Policy: The Role of the So-Called Mischlinge", em Michael Berenbaum e Abraham J. Peck (orgs.), *The History of the Holocaust: The Known, the Unknown, the Disputed, and the Reexamined* (Bloomington, IN, 1998), pp. 128-29.
- Eiber, Ludwig, "Unter Führung des NSDAP-Gauleiters. Die Hamburger Staatspolizei (1933-1937)", em Paul e Mallmann (orgs.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, pp. 101-17.
- Eisenberg, Christine, "Massensport in der Weimarer Republik. Ein statistischer Überblick", *Archiv für Sozialgeschichte* 33 (1993), pp. 137-77.
- Elvert, Jürgen, "Carl Schmitt. Ein Vordenker nationalsozialistischer Grossraumplanung?", *Historische Mitteilungen* 19 (2007), pp. 260-76.
- Epstein, Catherine, *Model Nazi: Arthur Greiser and the Occupation of Western Poland* (Oxford, 2010).
- Essner, Cornelia, *Die "Nürnberger Gesetze" oder die Verwaltung des Rassewahns, 1933-1945* (Paderborn, 2002).
- Evans, Richard J., "Coercion and Consent in Nazi Germany", *Proceedings of the British Academy* 151 (2007), pp. 53-81.
- _____. *The Coming of the Third Reich* (Londres, 2004).

- _____. "The Emergence of Nazi Ideology", em Jane Caplan (org.), *Nazi Germany* (Oxford, 2008), pp. 26-47.
- _____. *The Third Reich in Power* (Londres, 2005).
- Evans, Richard J., *The Third Reich at War 1939-1945* (Londres, 2008).
- Fabréguet, Michel, *Mauthausen: Camp de concentration national-socialiste em Autrich rattachée* (Paris, 1999).
- Falter, Jürgen, Lindenberger, Thomas e Schumann, Siegfried, *Wahlen und Abstimmungen in der Weimarer Republik. Materialien zum Wahlverhalten 1919-1933* (Munique, 1986).
- Fauth, Tim, *Deutsche Kulturpolitik im Protektorat Böhmen und Mähren, 1939-1941* (Göttingen, 2004).
- Fedorović, Tomáš, "Zánik města Terezín a jeho přeměna v ghetto", *Terezínské listy* (2004), pp. 15-43.
- Feldman, Gerald D., *The Great Disorder: Politics, Economics and Society in the German Inflation 1914-1924* (Oxford 1993).
- Fest, Joachim C., "The Successor", em *idem*, *The Face of the Third Reich: Portraits of the Nazi Leadership* (Nova York, 1970), pp. 98-114.
- Feuchert, Sascha, Leibfried, Erwin e Riecke, Jörg (orgs.), *Die Chronik des Ghettos Łódź/Litzmannstadt* (Göttingen, 2006).
- Fieberg, Gerhard (org.), *Im Namen des deutschen Volkes. Justiz und Nationalsozialismus* (Colônia, 1989).
- Fiedler, Jiří, *Atentát 1942* (Brno, 2002).
- Fischer, Albert, *Hjalmar Schacht und Deutschlands "Judenfrage". Der "Wirtschaftsdiktator" und die Vertreibung der Juden aus der deutschen Wirtschaft* (Colônia, 1995).
- Flachowsky, Karin, "Neue Quellen zur Abstammung Reinhard Heydrich", *VfZ* 48 (2000), pp. 319-27.
- Fonzi, Paolo, "Nazional-socialismo e nuovo ordine europeo: la discussione sulla 'Grossraumwirtschaft'", *Studi Storici* 45 (2004), pp. 313-65.
- Foot, Michael R. D., *SOE: An Outline History of the Special Operations Executive, 1940-1946* (Londres, 1984).
- Forschbach, Edmund, *Edgar J. Jung. Ein Konservativer Revolutionär, 30. Juni 1934* (Pfullingen, 1984).
- Förster, Roland G. (org.), *"Unternehmen Barbarossa". Zum historischen Ort der deutsch-sowjetischen Beziehungen von 1933 bis Herbst 1941* (Munique, 1993).
- Fraenkel, Heinrich e Manvell, Roger, *Himmler. Kleinbürger und Massenmörder* (Frankfurt am Main, 1965).
- Frajdl, Jiří, *Protektorátní kolaborantské a fašistické organizace, 1939-1945* (Praga, 2003).
- Francev, Vladimír, "Panzerjäger - Program. Nový úkol pro protektorátní průmysl", *Válečný rok 1944* (Praga, 2002), pp. 320-23.
- Frankenstein, Norbert von, *"Seeteufel" Felix Graf Luckner. Wahrheit und Legende* (Hamburgo, 1997).
- Frei, Norbert, "Zwischen Terror und Integration. Zur Funktion der politischen Polizei im Nationalsozialismus", em Christoph Dipper, Rainer Hudemann e Jens

- Petersen (orgs.), *Faschismus und Faschismen im Vergleich. Wolfgang Schieder zum 60. Geburtstag* (Colônia, 1998), pp. 217-28.
- Freitag, Werner e Minner, Katrin (orgs.), *Vergnügen und Inszenierung. Stationen städtischer Festkultur in Halle* (Halle an der Saale, 2004).
- Freitag, Werner, Minner, Katrin e Ranft, Andreas (orgs.), *Geschichte der Stadt Halle*, vol. 2: *Halle im 19. und 20. Jahrhundert* (Halle an der Saale, 2006).
- Freund, Florian e Perz, Bertrand, "Mauthausen-Stammlager", em Benz e Distel (orgs.), *Der Ort des Terrors*, vol. 4: *Flossenbürg, Mauthausen, Ravensbrück*, pp. 293-346.
- Frevert, Ute, *Women in German History: From Bourgeois Emancipation to Sexual Liberation* (Oxford e Washington, DC, 1990).
- Friedländer, Henry, *The Origins of Nazi Genocide: From Euthanasia to the Final Solution* (Chapel Hill, NC, 1995).
- Friedländer, Saul, *Nazi Germany and the Jews*, vol. 1: *The Years of Persecution, 1933-1939* (Nova York, 1997).
- _____. *Nazi Germany and the Jews*, vol. 2: *The Years of Extermination, 1939-1945* (Nova York, 2007).
- Friedman, Milton e Jacobson Schwartz, Anna, *The Great Contraction, 1929-1933* (Princeton, NJ, 2008).
- Frisch, Walter, *German Modernism: Music and the Arts* (Berkeley, CA, 2005).
- Frommer, Benjamin, *National Cleansing: Retribution against Nazi Collaborators in Postwar Czechoslovakia* (Cambridge, 2005).
- Früh, Eckart, "Terror und Selbstmord in Wien nach der Annexion Österreichs", em Felix Kreissler (org.), *Fünfzig Jahre danach. Der Anschluss von innen und aussen gesehen* (Viena e Zurique, 1989), pp. 216-23.
- Fulbrook, Mary (org.), *Twentieth-Century Germany: Politics, Culture, and Society 1918-1990* (Londres, 2001).
- Gailus, Manfred, *Protestantismus und Nationalsozialismus. Studien zur Durchdringung des protestantischen Sozialmilieus in Berlin* (Colônia, 2001).
- Garbe, Detlef, *Zwischen Widerstand und Martyrium. Die Zeugen Jehovas im "Dritten Reich"* (Munique, 1993).
- Gebel, Ralf, "Heim ins Reich". *Konrad Henlein und der Reichsgau Sudetenland (1938-1945)* (Munique, 1999).
- Gebhart, Jan, "Historiography on the Period 1938-1945", *Historica* 7/8 (2000-1), pp. 145-63.
- _____. "Migrace českého obyvatelstva v letech 1938-1939", *Český Časopis Historický* 3 (1998), pp. 561-73.
- Gedye, G. E. R., *Fallen Bastions: The Central European Tragedy* (Londres, 1939).
- Geinitz, Christian, *Kriegsfurcht und Kampfbereitschaft. Das Augusterlebnis in Freiburg. Eine Studie zum Kriegsbeginn 1914* (Essen, 1998).
- Gellately, Robert, "Allwissend und allgegenwärtig? Entstehung, Funktion und Wandel des Gestapo-Mythos", em Paul e Mallmann (orgs.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, pp. 47-70;
- _____. *The Gestapo and German Society: Enforcing Racial Policy 1933-1945* (Oxford, 1990).

- _____. *Hingeschaut und weggesehen: Hitler und sein Volk* (Munich, 2002).
- _____. "Social Outsiders and the Consolidation of Hitler's Dictatorship", em Neil Gregor (org.), *Nazism, War and Genocide: Essays in Honour of Jeremy Noakes* (Exeter, 2005), pp. 56-74.
- Gellately, Robert e Stoltzfus, Nathan (orgs.), *Social Outsiders in Nazi Germany* (Princeton, NJ, 2001).
- Geller, Jay H., "The Role of the Military Administration in German-Occupied Belgium, 1940-1944", *Journal of Military History* 63 (1999), pp. 99-125.
- Gentile, Emilio, *The Sacralization of Politics in Fascist Italy* (Cambridge, MA, 1996).
- Geppert, Dominik e Gerwarth, Robert (orgs.), *Wilhelmine Germany and Edwardian Britain: Essays on Cultural Affinity* (Oxford, 2008).
- Gerhard, Gesine, "Food and Genocide: Nazi Agrarian Politics in the Occupied Territories of the Soviet Union", *Contemporary European History* 18 (2009), pp. 45-65.
- Gerlach, Christian, *Kalkulierte Morde. Die deutsche Wirtschafts- und Vernichtungspolitik in Weissrussland 1941 bis 1944* (Hamburg, 1999).
- _____. "Die Wannsee-Konferenz, das Schicksal der deutschen Juden und Hitlers politische Grundsatzentscheidung, alle Juden Europas zu ermorden", *Werkstatt Geschichte* 6 (1997), pp. 7-44.
- Gerstner, Alexandra, *Neuer Adel: Aristokratische Elitekonzeptionen zwischen Jahrhundertwende und Nationalsozialismus* (Darmstadt, 2008).
- Gerwarth, Robert, "The Central European Counter-Revolution: Paramilitary Violence in Germany, Austria and Hungary after the Great War", *Past and Present* 200 (2008), pp. 175-209.
- Gerwarth, Robert e Malinowski, Stephan, "Hannah Arendt's Ghosts: Reflections on the Disputable Path from Windhoek to Auschwitz", *Central European History* 42 (2009), pp. 279-300.
- Geyer, Martin H., *Verkehrte Welt. Revolution, Inflation und Moderne, München 1914-1924* (Göttingen, 1998).
- Gilbert, Martin, *Kristallnacht: Prelude to Disaster* (London, 2006).
- Glettler, Monika, Lipták, Lubomír e Míšková, Alena (orgs.), *Geteilt, besetzt, beherrscht. Die Tschechoslowakei 1938-1945. Reichsgau Sudetenland, Protektorat Böhmen und Mähren, Slowakei* (Essen, 2004).
- Goldhagen, Daniel Jonah, *Hitler's Willing Executioners: Ordinary Germans and the Holocaust* (London, 1997).
- Golla, Karl-Heinz, *Der Fall Griechenlands 1941* (Hamburg, 2007).
- Goshen, Seev, "Eichmann und die Nisko-Aktion im Oktober 1939. Eine Fallstudie zur NS-Judenpolitik in der letzten Etappe vor der Endlösung", *VfZ* 29 (1981), pp. 74-96.
- Gottwald, Alfred and Schulle, Diana, *Die Judendeportationen aus dem Deutschen Reich von 1941-1945. Eine kommentierte Chronologie* (Wiesbaden, 2005).
- Graf, Christoph, *Politische Polizei zwischen Demokratie und Diktatur. Die Entwicklung der preussischen Politischen Polizei vom Staatsschutzorgan der*

- Weimarer Republik zum Geheimen Staatspolizeiamt des Dritten Reiches* (Berlín, 1983).
- Graml, Hermann, *Reichskristallnacht. Antisemitismus und Judenverfolgung im Dritten Reich* (Munich, 1998).
- Gregor, Neil, "Hitler" em Steven Casey e Jonathan Wright (orgs.), *Mental Maps in the Era of Two World Wars* (Basingstoke, 2008), pp. 177-202.
- Grenville, John A. S., "Die 'Endlösung' und die 'Judenmischlinge' im Dritten Reich", em Ursula Büttner, Werner Jöhe e Angelika Voss (orgs.), *Das Unrechtsregime. Internationale Forschung über den Nationalsozialismus* (Hamburg, 1986), vol. 2, pp. 91-121.
- Gruchmann, Lothar, "Blutschutzgesetz" und Justiz. Zur Entstehung und Auswirkung des Nürnberger Gesetzes vom 15. September 1935", *VfZ* 31 (1983), pp. 418-42.
- _____. (org.), *Johann Georg Elser. Autobiographie eines Attentäters* (Stuttgart, 1970).
- Gruner, Wolf, "The Factory Action and the Events at the Rosenstrasse in Berlin: Facts and Fictions about 27 February 1943 - Sixty Years Later", *Central European History* 36 (2003), pp. 178-208.
- _____. "Poverty and Persecution: The Reichsvereinigung, the Jewish Population, and anti-Jewish Policy in the Nazi State, 1939-1945", *Yad Vashem Studies* 27 (1999), pp. 23-60.
- Haar, Ingo e Fahlbusch, Michael (orgs.), *German Scholars and Ethnic Cleansing, 1920-1945* (Oxford, 2005).
- Haasis, Hellmut, *Tod in Prag. Das Attentat auf Reinhard Heydrich* (Reinbek, 2002).
- Hachmeister, Lutz, *Der Gegnerforscher. Die Karriere des SS-Führers Franz Alfred Six* (Munich, 1998).
- Hartmann, Christian, *Wehrmacht im Ostkrieg. Front und militärisches Hinterland 1941-42* (Munich, 2009).
- Hartmann, Christian e Slutsch, Sergej, "Franz Halder und die Kriegsvorbereitungen im Frühjahr 1939. Eine Ansprache des Generalstabschefs des Heeres", *VfZ* 45 (1997), pp. 467-95.
- Harvey, Elisabeth, "Culture and Society in Weimar Germany: The Impact of Modernism and Mass Culture", em Mary Fullbrook (org.), *Twentieth-Century Germany: Politics, Culture, and Society 1918-1990* (London, 2001), pp. 279-97.
- Hauser, Andrea, *Halle wird Grossstadt. Stadtplanung, Grossstadtleben und Raumerfahrungen in Halle an der Saale 1870 bis 1914* (Halle an der Saale, 2006).
- Havlíková, Jana (org.), *Museli pracovat pro Říši. Nucené pracovní nasazení českého obyvatelstva v letech 2. světové války. Doprovodná publikace k výstavě* (Praga, 2004).
- Hawkins, Mike, *Social Darwinism in European and American Thought, 1860-1945* (Cambridge, 1997).
- Headland, Ronald, *Messages of Murder: A Study of the Reports of the Einsatzgruppen of the Security Police and the Security Service* (Rutherford, NJ,

- 1992).
- Heiber, Helmut, "Der Generalplan Ost", *VfZ* 6 (1958), pp. 281-325.
- _____. "Zur Justiz im Dritten Reich. Der Fall Eliáš", *VfZ* 3 (1955), pp. 275-396.
- Heinemann, Isabel, "'Another Type of Perpetrator': The SS Racial Experts and Forced Population Movements in the Occupied Regions", *Holocaust and Genocide Studies* 15 (2001), pp. 387-411.
- _____. "'Deutsches Blut' Die Rasseexperten der SS und die Volksdeutschen", em Jerzy Kochanowski e Maike Sach (orgs.), *Die "Volksdeutschen" in Polen, Frankreich, Ungarn und der Tschechoslowakei. Mythos und Realität* (Osnabrück, 2006), pp. 163-82.
- _____. "'Ethnic Resettlement' and Inter-Agency Cooperation in the Occupied Eastern Territories", em Gerald D. Feldman e Wolfgang Seibel (orgs.), *Networks of Nazi Persecution: Bureaucracy, Business, and the Organization of the Holocaust* (Oxford e Nova York, 2004), pp. 213-35.
- _____. "Rasse, Siedlung, deutsches Blut". *Das Rasse- und Siedlungshauptamt der SS und die rassenpolitische Neuordnung Europas* (Göttingen, 2003).
- Heinemann, John L., *Hitler's First Foreign Minister: Constantin Freiherr von Neurath, Diplomat e Statesman* (Berkeley, CA, 1979).
- Herbert, Ulrich, *Best. Biographische Studien über Radikalismus, Weltanschauung und Vernunft, 1903-1989* (Bonn, 1996).
- _____. *Hitler's Foreign Workers: Enforced Foreign Labor in Germany under the Third Reich* (Cambridge e Nova York, 1997).
- _____. "Ideological Legitimization and Political Practice of the Leadership of the National Socialist Secret Police", em Hans Mommsen (org.), *The Third Reich between Vision and Reality: New Perspectives on German History, 1918-1945* (Oxford, 2001), pp. 99-108.
- _____. "Traditionen des Rassismus", em *idem* (org.), *Arbeit, Volkstum, Weltanschauung. Über Fremde und Deutsche im 20. Jahrhundert* (Frankfurt am Main, 1995), pp. 11-29.
- _____. "Von der 'Reichskristallnacht' zum 'Holocaust'. Der 9. November und das Ende des 'Radauantisemitismus'", em *idem* (org.), *Arbeit, Volkstum, Weltanschauung*, pp. 59-77.
- Herbert, Ulrich, Orth, Karin e Dieckmann, Christoph (orgs.), *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager: Entwicklung und Struktur*, 2 vols. (Frankfurt, 2002).
- Herbst, Ludolf, *Das nationalsozialistische Deutschland, 1933-1945. Die Entfesselung der Gewalt. Rassismus und Krieg* (Frankfurt am Main, 1996).
- Herf, Jeffrey, *The Jewish Enemy: Nazi Propaganda during World War II and the Holocaust* (Cambridge, MA, 2006).
- Hermann, Angela, "Hitler und sein Stosstrupp in der 'Reichskristallnacht'", *VfZ* 56 (2008), pp. 603-20.
- Hesse, Hans (org.), *Persecution and Resistance of Jehovah's Witnesses during the Nazi Regime, 1933-1945* (Brèmen, 2001).
- Heumos, Peter, *Die Emigration aus der Tschechoslowakei nach Westeuropa und dem Nahen Osten* (Munich, 1989).

- Hilberg, Raul, *The Destruction of the European Jews* (Londres, 1961).
- Hildebrand, Klaus, *Das vergangene Reich. Deutsche Aussenpolitik von Bismarck bis Hitler, 1871-1945* (Stuttgart, 1995).
- Hildesheimer, Esriel, *Jüdische Selbstverwaltung unter dem NS-Regime. Der Existenzkampf der Reichsvertretung und Reichsvereinigung der Juden in Deutschland* (Tübingen, 1994).
- Hillmann, Jörg e Scheiblich, Reinhard, *Das rote Schloss am Meer. Die Marineschule Mürwik seit ihrer Gründung* (Hamburg, 2002).
- Hilmes, Oliver, *Herrin des Hügels. Das Leben der Cosima Wagner* (Munich, 2007).
- Hoch, Anton e Gruchmann, Lothar, *Georg Elser. Der Attentäter aus dem Volke. Der Anschlag auf Hitler im Münchner Bürgerbräu 1939* (Frankfurt am Main, 1980).
- Hockerts, Hans Günter, *Die Sittlichkeitsprozesse gegen katholische Ordensangehörige und Priester 1936/1937. Eine Studie zur nationalsozialistischen Herrschaftstechnik und zum Kirchenkampf* (Mainz, 1971).
- Hoensch, Jörg K. e Kováč, Dušan (orgs.), *Das Scheitern der Verständigung. Tschechen, Deutsche und Slowaken in der Ersten Republik* (Essen, 1994).
- Hoerz, Peter, F., *Jüdische Kultur im Burgenland. Historische Fragmente - volkskundliche Analysen* (Wien, 2006).
- Höhne, Heinz, *Canaris. Patriot im Zwielicht* (Munich, 1976).
- _____. *Mordsache Röh. Hitlers Durchbruch zur Alleinherrschaft, 1933-1934* (Reinbek bei Hamburg, 1984).
- _____. *Der Orden unter dem Totenkopf. Die Geschichte der SS* (Munich, 1984).
- Hořák, Martin e Jelínek, Tomáš, *Nacistická perzekuce obyvatel českých zemí* (Prag, 2006).
- Hořejš, Miloš, "Spolupráce Böhmischo-Mährische Landgesellschaft, Bodenamt für Böhmen und Mähren a Volksdeutsche Mittelstelle na germanizaci české půdy na Mělnicku a Mladoboleslavsku (1939-1945)", *Tereziňské listy* 34 (2006), pp. 89-124.
- Huber, Axel, "'Du, Reinhard Heydrich, bist ein wahrhaft gutter SS-Mann gewesen'. Totenkult und Heldenmythos nach dem Tod von SS-Gruppenführer Reinhard Heydrich", tese inédita de mestrado, University of Konstanz, 2009.
- Hübinger, Paul Egon, "Thomas Mann und Reinhard Heydrich in den Akten des Reichsstatthalters von Epp", *VfZ* 28 (1980), pp. 111-43.
- Hüser, Karl, *Wewelsburg 1933 bis 1945 - Kult- und Terrorstätte der SS. Eine Dokumentation* (2ª ed., Paderborn, 1987).
- Husson, Edouard, "Comment écrire la biographie d'un acteur de l'appareil de terreur du IIIe Reich? L'exemple de Reinhard Heydrich (1904-1942)", *Revue d'Allemagne et des Pays de Langue Allemande* 33 (2001), pp. 439-51.
- _____. "Die Entscheidung zur Vernichtung aller europäischen Juden. Versuch einer Neuinterpretation", em Klaus Hildebrand, Udo Wengst e Andreas Wirsching (orgs.), *Geschichtswissenschaft und Zeiterkenntnis. Von der Aufklärung bis zur Gegenwart. Festschrift für Horst Möller* (Munich, 2008), pp. 277-89.

- _____. *Heydrich et la solution finale* (Paris, 2008).
- Hüttenberger, Peter, "Nationalsozialistische Polykratie", *Geschichte und Gesellschaft* 2 (1976), pp. 417-42.
- Ivanov, Miroslav, *Der Henker von Prag. Das Attentat auf Heydrich* (Berlim, 1993).
- Jacobsen, Hans-Adolf, "Kommissarbefehl und Massenexekution sowjetischer Kriegsgefangener", em Buchheim et al., *SS, doc.*, 1, pp. 449-544.
- Jahn, Peter e Rürup, Reinhard (orgs.), *Erobern und Vernichten. Der Krieg gegen die Sowjetunion 1941-1945* (Berlim, 1991).
- Jančík, Drahomír, Kubů, Eduard e Kuklík, Jan (orgs.), *Arizace a restituce židovského majetku v českých zemích (1939-2000)* (Praga, 2003).
- Jansen, Christian e Weckbecker, Arno, "Eine Miliz im 'Weltanschauungskrieg'. Der 'Volksdeutsche Selbstschutz' in Polen 1939/40", em Wolfgang Michalka (org.), *Der Zweite Weltkrieg. Analysen, Grundzüge, Forschungsbilanz* (2ª ed., Munique, 1990), pp. 482-500.
- _____. *Der "Volksdeutsche Selbstschutz" in Polen 1939/40* (Munique, 1992).
- Jansen, Hans, *Der Madagaskar-Plan. Die beabsichtigte Deportation der europäischen Juden nach Madagascar* (Munique, 1997).
- Janssen, Karl-Heinz e Tobias, Fritz, *Der Sturz der Generäle. Hitler und die Blomberg-Fritsch-Krise 1938* (Munique, 1994).
- Jastrezebski, Włodzimierz, *Der Bromberger Blutsonntag. Legende und Wirklichkeit* (Poznan, 1990).
- Jaworski, Rodulf, *Vorposten oder Minderheit? Der Sudetendeutsche Volkstumskampf in den Beziehungen zwischen der Weimarer Republik und der CSR* (Stuttgart, 1977).
- Jefferies, Matthew, *Imperial Culture in Germany, 1871-1918* (Basingstoke e Nova York, 2003).
- Jelavich, Barbara, *Modern Austria: Empire and Republic, 1815-1986* (Cambridge, 1987).
- Jelínek, Zdeněk, "K problematice atentátu na Reinharda Heydricha", *Historie a vojenství* 40 (1991), pp. 65-101.
- _____. *Operace Silver A* (Praga, 1992).
- Jellonek, Burkhard, *Homosexuelle unter dem Hakenkreuz. Die Verfolgung von Homosexuellen im Dritten Reich* (Paderborn, 1990).
- Jochmann, Werner, *Gesellschaftskrise und Judenfeindschaft in Deutschland 1870-1945* (Hamburg, 1988).
- Johnson, Eric A., *Nazi Terror: The Gestapo, Jews, and Ordinary Germans* (Nova York, 1999).
- Jung, Otmar, *Plebiszit und Diktatur. Die Volksabstimmungen der Nationalsozialisten. Die Fälle "Austritt aus dem Völkerbund" (1933), "Staatsoberhaupt" (1934) und "Anschluss Österreichs" (1938)* (Tübingen, 1995).
- Kahrs, Horst, "Von der 'Grossraumwirtschaft' zur 'Neuen Ordnung'. Zur strategischen Orientierung der deutschen Eliten 1932-1943", em Götz Aly (org.), *Modelle für ein deutsches Europa. Ökonomie und Herrschaft im Grosswirtschaftsraum* (Berlim, 1992), pp. 9-28.

- Kaienburg, Hermann, *Das Konzentrationslager Neuengamme 1938-1945* (Berlim, 1997).
- _____. "Sachsenhausen-Stammlager", em Benz e Distel (orgs.), *Ort des Terrors*, vol. 3: *Sachsenhausen, Buchenwald*, pp. 17-72.
- Kaiser, Wolf, "Die Wannsee-Konferenz. SS-Führer und Ministerialbeamte im Einvernehmen über die Ermordung der europäischen Juden", em Heiner Lichtenstein e Otto R. Romberg (orgs.), *Täter - Opfer - Folgen. Der Holocaust in Geschichte und Gegenwart* (2ª ed., Bonn, 1997), pp. 24-37.
- Kárný, Miroslav, "Heydrichiaden". Widerstand und Terror im "Protektorat Böhmen und Mähren", em Loukia Droulia e Hagen Fleischer (orgs.), *Von Lidice bis Kalavryta. Widerstand und Besatzungsterror. Studien zur Repressalienpraxis im Zweiten Weltkrieg* (Berlim, 1999), pp. 51-63.
- _____. "Heydrichova cesta do Paříže (5.5.1942)", *Historie a vojenství* 41 (1992), pp. 95-108.
- _____. "Konečné řešení". *Genocida českých židů v německé protektorátní politice* (Praga, 1991).
- _____. "Die Logik von München. Das Protektorat Böhmen und Mähren", em Dietrich Eichholtz e Kurt Pätzold (orgs.), *Der Weg in den Krieg* (Berlim, 1989), pp. 279-308.
- Kárný, Miroslav, "Die materiellen Grundlagen der Sozialdemagogie in der Protektoratspolitik Heydrich", *Historica* 19 (1989), pp. 123-59.
- _____. "Nisko in der Geschichte der Endlösung", *Judaica Bohemiae* 23 (1987), pp. 69-84.
- _____. "Der 'Reichsausgleich' in der deutschen Protektoratspolitik", em Ulrich Herbert (org.), *Europa und der "Reichseinsatz". Ausländische Zivilarbeiter, Kriegsgefangene und KZ-Häftlinge in Deutschland 1938-1945* (Essen, 1991), pp. 26-50.
- _____. "Zur Statistik der jüdischen Bevölkerung im sogenannten Protektorat", *Judaica Bohemiae* 23 (1987), pp. 9-19.
- Kasten, Bernd, *"Gute Franzosen". Die französische Polizei und die deutsche Besatzungsmacht im besetzten Frankreich 1940-1944* (Sigmaringen, 1993).
- Kay, Alex J., *Exploitation, Resettlement, Mass Murder: Political and Economic Planning for German Occupation Policy in the Soviet Union, 1940-1941* (Nova York e Oxford, 2006).
- _____. "Germany's Staatssekretäre, Mass Starvation and the Meeting of 2 May 1941", *Journal of Contemporary History* 41 (2006), pp. 685-700.
- Kempner, Robert, *Eichmann und Komplizen* (Zurique, Stuttgart, Viena, 1961).
- Kenmann, Alfons, "Störfaktor and der 'Heimatfront'. Jugendliche Nonkonformität und die Gestapo", em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 179-200.
- Kershaw, Ian, *Hitler 1889-1936: Hubris* (Londres, 1998).
- _____. *Hitler 1936-1945: Nemesis* (Londres, 2000).
- _____. "Improvised Genocide? The Emergence of the 'Final Solution' in the Warthegau", *Transactions of the Royal Historical Society*, 6ª série (1992), pp. 51-98.

- _____. "‘Working towards the Führer’: Reflections on the Nature of the Hitler Dictatorship", *Contemporary European History* 2 (1993), pp. 103-18.
- Kerstingjohänner, Helmut, *Die deutsche Inflation 1919-1923. Politik und Ökonomie* (Frankfurt am Main, 2004)
- Kessemeier, Gesa, *Sportlich, sachlich, männlich. Das Bild der ‘Neuen Frau’ in den Zwanziger Jahren* (Dortmund, 2000).
- Kettenacker, Lothar, *Nationalsozialistische Volkstumspolitik im Elsass* (Stuttgart, 1973).
- Kindleberger, Charles P., *Die Weltwirtschaftskrise, 1929-1939* (Munich, 1973).
- Klarsfeld, Serge, *Vichy – Auschwitz. Die Zusammenarbeit der deutschen und französischen Behörden bei der “Endlösung der Judenfrage” in Frankreich* (Nördlingen, 1989).
- Klarsfeld, Serge e Steinberg, Maxime, *Die Endlösung der Judenfrage in Belgien* (Nova York, 1980).
- Klein, Fritz, "Between Compiègne and Versailles: The Germans on the Way from a Misunderstood Defeat to an Unwanted Peace", em Manfred F. Boemeke, Gerald D. Feldman e Elisabeth Glaser (orgs.), *The Treaty of Versailles: A Reassessment after 75 Years* (Nova York, 1988), pp. 203-20.
- Klein, John W., "Hans Pfitzner and the Two Heydrich", *Music Review* 26 (1965), pp. 308-17.
- Klenner, Jochen, *Verhältnis von Partei und Staat 1933-1945, dargestellt am Beispiel Bayerns* (Munich, 1974).
- Koehl, Robert Lewis, *The Black Corps: The Structure and Power Struggles of the Nazi SS* (Madison, WI, 1983).
- _____. "The Character of the Nazi SS", *Journal of Modern History* 34 (1962), pp. 275-83.
- _____. *German Resettlement and Population Policy, 1939-1945: A History of the Reich Commission for the Strengthening of Germanism* (Cambridge, MA, 1957).
- Kogon, Eugen, *Der SS-Staat. Das System der deutschen Konzentrationslager* (Munich, 1946).
- Kogon, Eugen, Langbein, Hermann e Rückerl, Adalbert, *Nationalsozialistische Massentötungen durch Giftgas* (Frankfurt, 1983).
- Kohlhaas, Elisabeth, "Die Mitarbeiter der regionalen Staatspolizeistellen. Quantitative und qualitative Befunde zur Personalausstattung der Gestapo", em Paul e Mallmann (orgs.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, pp. 219-35.
- Kokoška, Jaroslav e Kokoška, Stanislav, *Spor o agenta A-54* (Praga, 1994).
- Konrád, Ota, "Die deutschen Hochschullehrer in Prag vor und nach 1938/39. Versuch einer Bestandsaufnahme", em Jerzy Kochanowski e Maiké Sach (orgs.), *Die “Volksdeutschen” in Polen, Frankreich, Ungarn und der Tschechoslowakei. Mythos und Realität* (Osnabrück, 2006), pp. 147-62.
- Koonz, Claudia, *The Nazi Conscience* (Cambridge, MA, 2003).
- Kracik, Jörg, *Die Politik des deutschen Aktivismus in der Tschechoslowakei 1920-1938* (Frankfurt am Main, 1999).

- Krause, Andreas, *Scapa Flow. Die Selbstversenkung der wilhelminischen Flotte* (Berlin, 1999).
- Krausnick, Helmut, "Die Einsatzgruppen vom Anschluss Österreichs bis zum Feldzug gegen die Sowjetunion. Entwicklung und Verhältnis zur Wehrmacht", em *idem* e Hans-Heinrich Wilhelm, *Die Truppe des Weltanschauungskrieges. Die Einsatzgruppen der Sicherheitspolizei und des SD, 1938-1942* (Stuttgart, 1981), pp. 13-278.
- _____. "Hitler und die Morde in Polen. Ein Beitrag zum Konflikt zwischen Heer und SS um die Verwaltung der besetzten Gebiete", *VfZ* 11 (1963), pp. 196-209.
- Krausnick, Helmut e Wilhelm, Hans-Heinrich, *Die Truppe des Weltanschauungskrieges. Die Einsatzgruppen der Sicherheitspolizei und des SD, 1938-1942* (Stuttgart, 1981), pp. 13-278.
- Krejčí, Jaroslav, "The Bohemian-Moravian War Economy", em Michael Charles Kaser e Edward Albert Radice (orgs.), *The Economic History of Eastern Europe, 1919-1975* (Oxford, 1986).
- Krejčová, Helena, Svobodová, Jana e Hyndráková, Anna (orgs.), *Židé v Protektorátu. Hlašení Židovské náboženské obce v roce 1942. Dokumenty* (Praga, 1997).
- Kroener, Bernhard R., Müller, Rolf-Dieter e Umbreit, Hans, *Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg*, vol. 5/1: *Kriegsverwaltung, Wirtschaft, und personelle Ressourcen* (Stuttgart, 1988).
- Kubů, Eduard, "'Die Bedeutung des deutschen Blutes im Tschechentum'. Der 'wissenschaft-spädagogische' Beitrag des Soziologen Karl Valentin Müller zur Lösung des Problems der Germanisierung Mitteleuropas", *Bohemia. Zeitschrift für Geschichte und Kultur der böhmischen Länder* 45 (2004), pp. 93-114.
- _____. "Die Kreditanstalt der Deutschen 1911-1945. Ein Beitrag zum Wirtschaftsnationalismus der Deutschen in den böhmischen Ländern und ihrem Verhältnis Deutschland", *Zeitschrift für Unternehmensgeschichte* 45 (2000), pp. 3-29.
- Kubů, Eduard e Jančík, Drahomír, *"Arizace" a arizátoři. Drobný a střední židovský majetek v úvěrech Kreditanstalt der Deutschen (1939-45)* (Praga, 2005).
- Kühl, Stefan, *Die Internationale der Rassisten. Aufstieg und Niedergang der internationalen Bewegung für Eugenetik und Rassenhygiene im 20. Jahrhundert* (Frankfurt am Main e Nova York, 1997).
- Kuklík, Jan, "Oduznání mnichovské dohody za druhé světové války", *Historie a vojenství* 46 (1997), pp. 49-68.
- Kulischer, Eugene M., *Europe on the Move: War and Population Changes, 1917-1947* (Nova York, 1948).
- Kulka, Otto Dov, "Die Nürnberger Rassegesetze und die deutsche Bevölkerung im Lichte geheimer NS Lage- und Stimmungsberichte", *VfZ* 32 (1984), pp. 582-624.
- Kulka, Otto Dov e Jäckel, Eberhard (orgs.), *Die Juden in den geheimen NS-Stimmungsberichten 1933-1945* (Dusseldorf, 2004).
- Kundrus, Birthe, "Kontinuitäten, Parallelen, Rezeptionen. Überlegungen zur Kolonialisierung des Nationalsozialismus", *WerkstattGeschichte* 43 (2006), pp.

45-62.

Kural, Václav, *Vlastenci proti okupaci. Ústřední vedení odboje domácího 1940-1943* (Praga, 1997).

_____. "Von Masaryks 'Neuem Europa' zu den Grossraumplänen Hitler-Deutschlands", em Richard Plaschka (org.), *Mitteleuropa-Konzeptionen in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts* (Viena, 1995), pp. 351-57.

Kwiet, Konrad, "Die Kennzeichnung mit dem Judenstern im Herbst 1941", em Wolfgang Benz (org.), *Die Juden in Deutschland 1933-1945. Leben unter nationalsozialistischer Herrschaft* (Munique, 1988), pp. 614-31.

_____. "Rehearsing for Murder: The Beginning of the Final Solution in Lithuania in June 1941", *Holocaust and Genocide Studies* 12 (1998), pp. 3-26.

_____. *Reichskommissariat Niederlande. Versuch und Scheitern nationalsozialistischer Neuordnung* (Stuttgart, 1968).

Lang, Jochen von, *Der Adjutant Karl Wolff. Der Mann zwischen Hitler und Himmler* (Munique, 1985).

Laqueur, Walter, *The Changing Face of Antisemitism: From Ancient Times to the Present Day* (Oxford, 2006).

Lehmann, Joachim, "Herbert Backe - Technokrat und Agrarideologe", em Ronald Smelser (org.), *Die braune Elite* (Darmstadt, 1993), vol. 2, pp. 1-12.

_____. "Verantwortung für Überleben, Hunger und Tod. Zur Stellung von Staatssekretär Herbert Backe im Entscheidungsgefüge von Ernährungs- und Landwirtschaft, Agrar- und Agressionspolitik in Deutschland während des Zweiten Weltkrieges sowie deren Voraussetzungen", em Ernst Münch (org.), *Festschrift für Gerhard Heitz zum 75. Geburtstag* (Rostock, 2000), pp. 509-26.

Lemberg, Hans, "Prag im Zerrspiegel. Die Propagierung des 'deutschen Prag' in der Protektoratszeit" em *Magister noster. Sborník statí věnovaných in memoriam Prof. Dr. Janu Havránkovi* (Praga, 2005), pp. 383-94.

Lemmermann, Heinz, *Kriegserziehung im Kaiserreich. Studien zur politischen Funktion von Schule und Schulmusik 1890-1918*, 2 vols. (Liliental bei Bremen, 1984), vol. 2, p. 671.

Lethen, Helmut, *Cool Conduct: The Culture of Distance in Weimar Germany* (Berkeley, CA, 2002).

Lewis, Wallace L., *The Survival of the German Navy 1917-1920: Officers, Sailors and Politics* (Ann Arbor, MI, 1983).

Lewy, Guenter, *The Nazi Persecution of the Gypsies* (Oxford, 2001).

Lexa, John G., "Anti-Jewish Laws and Regulations in the Protectorate of Bohemia and Moravia", em Avigdor Dagan (org.), *The Jews of Czechoslovakia*, 4 vols. (Filadélfia, 1968-84), vol. 3, pp. 75-103.

Lilienthal, Georg, *Der "Lebensborn e. v.". Ein Instrument nationalsozialistischer Rassenpolitik* (Frankfurt, 1993).

Lilla, Joachim, *Der Preussische Staatsrat 1921-1933. Ein biographisches Handbuch* (Dusseldorf, 2005).

_____. *Statisten in Uniform. Die Mitglieder des Reichstags 1933-1945. Ein biographisches Handbuch* (Dusseldorf, 2004).

- Liulevicius, Vejas Gabriel, *The German Myth of the East: 1800 to the Present* (Oxford, 2009).
- _____. "Der Osten als apokalyptischer Raum. Deutsche Fronterfahrungen im und nach dem Ersten Weltkrieg", em Gregor Thum (org.), *Traumland Osten. Deutsche Bilder vom östlichen Europa im 20. Jahrhundert* (Göttingen, 2006), pp. 47-65.
- Longerich, Peter, *Die braunen Bataillone. Geschichte der SA* (Munich, 1989).
- _____. "Davon haben wir nichts gewusst!" *Die Deutschen und die Judenverfolgung 1933-1945* (Munich, 2006).
- _____, (org.), *Die Ermordung der europäischen Juden. Eine umfassende Dokumentation des Holocaust 1941-1945* (Munich, 1989).
- _____. *Heinrich Himmler. Biographie* (Munich, 2008).
- _____. *Joseph Goebbels. Biographie* (Munich, 2010).
- _____. *Politik der Vernichtung. Eine Gesamtdarstellung der nationalsozialistischen Judenverfolgung* (Munich e Zurich, 1998).
- Loock, Hans-Dietrich, *Quisling, Rosenberg und Terboven. Zur Vorgeschichte und Geschichte der nationalsozialistischen Revolution in Norwegen* (Stuttgart, 1970).
- Löw, Andrea, *Juden im Getto Litzmannstadt. Lebensbedingungen, Selbstwahrnehmung, Verhalten* (Göttingen, 2006).
- Lower, Wendy, *Nazi Empire-Building and the Holocaust in Ukraine* (Chapel Hill, NC, 2005).
- _____. "A New Ordering of Space and Race. Nazi Colonial Dreams in Zhytomyr, Ukraine 1941-1944", *German Studies Review* 25 (2002), pp. 227-54.
- Lozowick, Yaacov, *Hitlers Bürokraten. Eichmann, seine willigen Vollstrecker und die Banalität des Bösen* (Zurich, 2000).
- Luh, Andreas, *Der deutsche Turnverband in der ersten Tschechoslowakischen Republik. Vom völkischen Vereinsbetrieb zur volkspolitischen Bewegung* (Munich, 1988).
- Lukeš, Igor e Goldstein, Eric (orgs.), *The Munich Crisis, 1938: Prelude to World War II* (London, 1999).
- Luža, Radomír, *V Hitlerově objetí. kapitoly z českého odboje* (Prague, 2006).
- MacDonald, Callum, *The Killing of SS Obergruppenführer Reinhard Heydrich: 27 May 1942* (London, 1992).
- _____. *Heydrich: Anatomie eines Attentats* (Munich, 1990).
- McElligott, Anthony, *Contested City: Municipal Politics and the Rise of Nazism in Altona, 1917-1937* (Ann Arbor, MI, 1998).
- Madajczyk, Czeslaw, "Besteht ein Synchronismus zwischen dem 'Generalplan Ost' und der Endlösung der Judenfrage?", em Wolfgang Michalka (org.), *Der Zweite Weltkrieg. Analysen, Grundzüge, Forschungsbilanz* (2^a ed., Munich, 1990), pp. 844-57.
- _____. *Die Okkupationspolitik Nazideutschlands in Polen 1939-1945* (Colônia, 1988).
- _____. (org.), *Vom Generalplan Ost zum Generalsiedlungsplan* (Munich, 1994).

- Mai, Uwe, *Rasse und Raum. Agrarpolitik, Sozial und Raumplanung im NS-Staat* (Paderborn, 2002).
- Malinowski, Stephan, *Vom König zum Führer. Deutscher Adel und Nationalsozialismus* (Frankfurt am Main, 2003).
- Mallmann, Klaus-Michael, Böhler, Jochen e Matthäus, Jürgen, *Einsatzgruppen in Polen. Darstellung und Dokumentation* (Darmstadt, 2008).
- Mallmann, Klaus-Michael e Paul, Gerhard (orgs.), *Karrieren der Gewalt. Nationalsozialistische Täterbiographien* (Darmstadt, 2004).
- _____. *Herrschaft und Alltag. Ein Industrieviertel im Dritten Reich* (Bonn, 1991).
- Mang, Thomas, *Gestapo - Leitstelle Wien - Mein Name ist Huber* (Münster, 2004).
- Mann, Reinhard, *Protest und Kontrolle im Dritten Reich. Nationalsozialistische Herrschaft im Alltag einer rheinischen Grossstadt* (Frankfurt am Main, 1987).
- Manoschek, Walter, *„Serbien ist judenfrei“. Militärische Besatzungspolitik und Judenvernichtung in Serbien 1941/42* (Munich, 1993).
- Maršálek, Hans, *Die Geschichte des Konzentrationslagers Mauthausen* (Wien, 1980).
- Marsálek, Pavel, *Protektorát Čechy a Morava. Státoprávní a politické aspekty nacistického okupačního režimu v českých zemích 1939-1945* (Praga, 2002).
- Marssolek, Inge e Ott, René, *Bremen im „Dritten Reich“. Anpassung - Widerstand - Verfolgung* (Bremen, 1986)
- Mason, Timothy W., *Sozialpolitik im Dritten Reich. Arbeiterklasse und Volksgemeinschaft* (Opladen, 1977).
- Mastny, Vojtech, *The Czechs under Nazi Rule: The Failure of National Resistance, 1939-1942* (Nova York, 1971).
- Matthäus, Jürgen, *“Operation Barbarossa’ and the Onset of the Holocaust”, em Browning, The Origins of the Final Solution, pp. 253-55.*
- Matušů, Marie, *Muži pro speciální operace* (Praga, 2004).
- Mazower, Mark, *Hitler’s Empire: Nazi Rule in Occupied Europe* (Londres, 2008).
- _____. *Inside Hitler’s Greece: The Experience of Occupation 1941-1944* (New Haven, 1993).
- Meershoek, Guus *“Machtentfaltung und Scheitern. Sicherheitspolizei und SD in den Niederlanden”, em Paul e Mallmann (orgs.), Gestapo im Zweiten Weltkrieg, pp. 383-402.*
- Meershoeck, Guus, et al. (orgs.), *Repression und Kriegsverbrechen. Die Bekämpfung von Widerstands- und Partisanenbewegungen gegen die deutsche Besatzung in West- und Südosteuropa* (Berlin e Göttingen, 1997).
- Mehringer, Hartmut, *“Die KPD em Bayern 1919-1945. Vorgeschichte, Verfolgung und Widerstand”, em idem e Broszat (orgs.), Bayern in der NS-Zeit, vol. 5: Die Parteien KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand, pp. 1-286.*
- Meier, Kurt, *Kreuz und Hakenkreuz. Die evangelische Kirche im Dritten Reich* (Munich, 1992).
- Melzer, Emanuel, *“Relations between Poland and Germany and their Impact on the Jewish Problem in Poland (1935-1938)”, Yad Vashem Studies 12 (1977), pp. 193-229.*

- Meyer, Ahlrich, *Die deutsche Besatzung in Frankreich 1940-1944. Widerstandsbekämpfung und Judenverfolgung* (Darmstadt, 2000).
- Meyer, Beate, "Jüdische Mischlinge". *Rassenpolitik und Verfolgungserfahrung 1933-1945* (Hamburg, 1999).
- Michman, Dan, "Why Did Heydrich Write the 'Schnellbrief'? A Remark on the Reason and on its Significance", *Yad Vashem Studies* 32 (2004), pp. 433-37.
- Mikolajczyk, Steffen, "Eine aufstrebende Industriestadt huldigt der Monarchie. Der Kaiserbesuch 1903", em Werner Freitag e Katrin Minner (orgs.), *Vergnügen und Inszenierung. Stationen städtischer Festkultur in Halle* (Halle an der Saale, 2004), pp. 206-13.
- Milotová, Jaroslava, "Cizorodí dělníci a jejich pracovní nasazení v nacistickém Německu v letech 1939-1945", em Havlíková (org.), *Museli pracovat pro Říši*, pp. 25-40.
- _____. "Personální aspekty tzv. Heydrichovi správní reformy", *Paginae historiae* 1 (1993), pp. 196-218.
- _____. "Výsledky Heydrichovi správní reformy z pohledu okupačního aparátu", *Paginae historiae* 2 (1994), pp. 161-74.
- Milton, Sybil H., "The Expulsion of Polish Jews from Germany, October 1938 to July 1939: A Documentation", *Leo Baeck Institute Yearbook* 29 (1984), pp. 169-74.
- Milton, Sybil H., " 'Gypsies' as Social Outsiders in Nazi Germany", em Gellately e Stoltzfus (orgs.), *Social Outsiders in Nazi Germany*, pp. 212-32.
- Míšková, Alena, "Die Deutsche Universität Prag im Vergleich mit anderen deutschen Universitäten der Kriegzeit", em Hans Lemberg (org.), *Universitäten in nationaler Konkurrenz. Zur Geschichte der Prager Universitäten im 19. und 20. Jahrhundert* (Munich, 2003), pp. 177-94.
- _____. "Rassenforschung und Oststudien an der Deutschen (Karls-) Universität in Prag", em Brandes *et al.* (orgs.), *Erzwungene Trennung*, pp. 37-50.
- Mommsen, Hans, *Auschwitz. 17. Juli 1942* (Munich, 2002).
- _____. "Der nationalsozialistische Polizeistaat und die Judenverfolgung vor 1938", *VfZ* 10 (1962), pp. 68-87.
- _____. "The Realization of the Unthinkable: The 'Final Solution of the Jewish Question' in the Third Reich", em Gerhard Hirschfeld (org.), *The Policies of Genocide: Jews and Soviet Prisoners of War in Nazi Germany* (London, 1986), pp. 97-144.
- Moorhouse, Roger, *Berlin at War: Life and Death in Hitler's Capital, 1939-45* (London, 2010).
- _____. *Killing Hitler: The Third Reich and the Plots against the Führer* (London, 2006).
- Morsch, Günter (org.), *Mord und Massenmord im Konzentrationslager Sachsenhausen 1936-1945* (Berlin, 2005).
- Moser, Jonny, "Nisko: The First Experiment in Deportation", *Simon Wiesenthal Center Annual* 2 (1985), pp. 1-30.
- _____. "Österreich", em Wolfgang Benz (org.), *Dimension des Völkermords, Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus* (Munich, 1991), pp. 67-93.

- _____. "Die Zentralstelle für jüdische Auswanderung in Wien", em Kurt Schmid e Robert Streibel (orgs.), *Der Pogrom 1938. Judenverfolgung in Österreich und Deutschland* (Viena, 1990).
- Moulis, Miloslav e Tomášek, Dušan, K. H. Frank. *Vzestup a pád karloovarského knihkupce* (Praga, 2003).
- Mucha, Josef e Petrželka, Karel, *O některých současných problémech národnostně smíšených manželství* (Praga, 1946).
- Mühlen, Patrick von zur, *Rassenideologien. Geschichte und Hintergründe* (Berlim e Bonn-Bad Godesberg, 1977).
- Müller, Klaus-Jürgen, *Das Heer und Hitler. Armee und nationalsozialistisches Regime, 1933-1940* (Stuttgart, 1969).
- Müller, Michael, *Canaris. Hitlers Abwehrchef. Biographie* (Berlim, 2006).
- Müller, Rolf-Dieter, *Hitlers Ostkrieg und die deutsche Siedlungspolitik. Die Zusammenarbeit von Wehrmacht, Wirtschaft und SS* (Frankfurt, 1991).
- Müller, Sven Oliver e Torp, Cornelius (orgs.), *Imperial Germany Revisited: Continuing Debates and New Perspectives* (Oxford e Nova York, 2010).
- Musial, Bogdan, *Deutsche Zivilverwaltung und Judenverwaltung im Generalgouvernement. Eine Fallstudie zum Distrikt Lublin 1939-1944* (Wiesbaden, 1999).
- _____. "Konterrevolutionäre Elemente sind zu erschossen". *Die Brutalisierung des deutsch-sowjetischen Krieges im Sommer 1941* (Berlim e Moscou, 2000).
- _____. "The Origins of 'Operation Reinhard': The Decision-Making Process for the Mass Murder of the Jews in the Generalgouvernement", *Yad Vashem Studies* 28 (2000), pp. 113-53.
- Musilová, Dana, "Problémy sociálně ekonomického vývoje v letech 1939-1945 v protektorátu Čechy a Morava", *Historický obzor* 3 (1992), pp. 149-52.
- Naumann, Uwe, *Faschismus als Grotteske. Heinrich Manns Roman "Lidice"* (Worms, 1980).
- Nečas, Ctibor, *Holocaust českých Romů* (Praga, 1999).
- Nelles, Dieter, "Organisation des Terrors im Nationalsozialismus", *Sozialwissenschaftliche Literatur-Rundschau* 25 (2002), pp. 5-28.
- Němeček, Jan, "Německá okupační politika v protektorátu a český protiněmecký odpor", em *Historické, právní a mezinárodní souvislosti Dekretů prezidenta republiky* (Praga, 2003).
- _____. "Rok 1942 v československém zahraničním odboji", em *Rok 1942 v českém odboji. Sborník příspěvků z vědecké konference* (Praga, 1999), pp. 19-24.
- Nesládková, Ludmila (org.), *The Case Nisko in the History of the Final Solution of the Jewish Problem* (Ostrava, 1995).
- Nessou, Anestis, *Griechenland 1941-1944* (Osnabrück, 2009).
- Neuberger, Helmut, *Freimaurerei und Nationalsozialismus. Die Verfolgung der deutschen Freimaurerei durch völkische Bewegung und Nationalsozialismus 1918-1945*, 2 vols. (Hamburgo, 1980).
- Neufeld, Hans-Joachim, Huck, Jürgen e Tessin, Georg, *Zur Geschichte der Ordnungspolizei, 1936-1945* (Koblenz, 1957).

- Nicholas, Lynn H., *The Rape of Europa: The Fate of Europe's Treasures in the Third Reich and the Second World War* (Nova York, 1994).
- Nicosia, Francis R., "The End of Emancipation and the Illusion of Preferential Treatment: German Zionism, 1933-1938", *Leo Baeck Institute Year Book* 36 (1991), pp. 243-65.
- _____. "Ein nützlicher Feind: Zionismus im nationalsozialistischen Deutschland 1933-1939", *VfZ* 37 (1989), pp. 367-400.
- Noakes, Jeremy, "The Development of Nazi Policy towards the German-Jewish 'Mischlinge' 1933-1945", *Leo Baeck Institute Yearbook* 34 (1989), pp. 291-354.
- Obst, Dieter, *"Reichskristallnacht". Ursachen und Verlauf des antisemitischen Pogroms vom November 1938* (Frankfurt, 1991).
- Ogorreck, Ralf, *Die Einsatzgruppen und die "Genesis der Endlösung"* (Berlim, 1996).
- Olshausen, Klaus, *Zwischenspiel auf dem Balkan. Die deutsche Politik gegenüber Jugoslawien und Griechenland von März bis Juli 1941* (Stuttgart, 1973).
- Ophir, Baruch Z. e Wiesemann, Falk, *Die jüdischen Gemeinden in Bayern, 1918-1945* (Munique, 1979).
- Orth, Karin, "Rudolf Höss und die 'Endlösung' der Judenfrage. Drei Argumente gegen deren Datierung auf den Sommer 1941", *WerkstattGeschichte* 18 (1997), pp. 45-57.
- _____. *Das System der nationalsozialistischen Konzentrationslager. Eine politische Organisationsgeschichte* (Hamburg, 1999).
- Osterloh, Jörg, *Nationalsozialistische Judenverfolgung im Reichsgau Böhmen und Sudetenland, 1938-1945* (Munique, 2006).
- Ottmer, Hans-Martin, *"Weserübung". Der deutsche Angriff auf Dänemark und Norwegen im April 1940* (Munique, 1994).
- Overy, Richard, "Business in the 'Grossraumwirtschaft'. Eastern Europe, 1938-1945", em Harold James (org.), *Enterprise in the Period of Fascism in Europe* (Burlington, VT, 2002), pp. 151-77.
- _____. *Interrogations: The Nazi Elite in Allied Hands, 1945* (Nova York, 2001).
- Pasák, Tomáš, *Emil Hácha (1938-1945)* (Praga, 1997).
- Patzold, Kurt e Schwartz, Erika (orgs.), *Tagesordnung. Judenmord. Die Wannsee Konferenz am 20. Januar 1942. Eine Dokumentation zur Organisation der "Endlösung"* (Berlim, 1992).
- Paul, Gerhard e Mallmann, Klaus-Michael (orgs.), *Die Gestapo. Mythos und Realität* (Darmstadt, 1995).
- Paul, Gerhard, "'Kämpfende Verwaltung'. Das Amt IV des Reichssicherheitshauptamtes als Führungsinstanz der Gestapo", em *idem* e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 42-81.
- Pavlowitch, Stevan, *Hitler's New Disorder: The Second World War in Yugoslavia* (Londres, 2008).
- Penton, James, *Jehovah's Witnesses and the Third Reich: Sectarian Politics under Persecution* (Toronto, 2004).
- Pernes, Jiří, *Až na dno zrady. Emanuel Moravec* (Praga, 1997).

- Petrick, Fritz, *Die Okkupationspolitik des deutschen Faschismus in Dänemark und Norwegen, 1940-1945* (Berlim, 1992).
- Peukert, Detlev J. K., *Inside Nazi Germany: Conformity, Opposition, and Racism in Everyday Life* (New Haven e Londres, 1987).
- Pierenkemper, Toni e Tilly, Richard, *The German Economy during the Nineteenth Century* (Nova York, 2004).
- Pinwinkler, Alexander, "'Assimilation' und 'Dissimilation' in der Bevölkerungsgeschichte ca. 1918-1960", em Rainer Mackensen (org.), *Bevölkerungsforschung und Politik in Deutschland im 20. Jahrhundert* (Wiesbaden, 2006), pp. 23-48.
- Piper, Ernst, *Alfred Rosenberg. Hitlers Chefideologe* (Munique, 2005).
- Pohl, Dieter, "Die grossen Zwangsarbeiterlager der SS- und Polizeiführer für Juden im Generalgouvernement 1942-1945", em Herbert et al. (orgs.), *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 1, pp. 415-38.
- _____. *Die Herrschaft der Wehrmacht. Deutsche Militärbesetzung und einheimische Bevölkerung in der Sowjetunion 1941-1944* (Munique, 2008).
- _____. *Nationalsozialistische Judenverfolgung in Ostgalizien 1941-1944. Organisation und Durchführung eines staatlichen Massenverbrechens* (Munique, 1996).
- _____. "Schauplatz Ukraine. Der Massenmord an den Juden im Militärverwaltungsgebiet und im Reichskommissariat 1941-1943", em Norbert Frei, Sybille Steinbacher e Bernd C. Wagner (orgs.), *Ausbeutung, Vernichtung, Öffentlichkeit. Neue Studien zur nationalsozialistischen Lagerpolitik* (Munique, 2000), pp. 135-73.
- _____. *Von der "Judenpolitik" zum Judenmord. Der Distrikt Lublin des Generalgouvernements 1939-1944* (Frankfurt am Main, 1993).
- Pollmeier, Heiko, "Inhaftierung und Lagererfahrung deutscher Juden im November 1938", *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 8 (1999), pp. 107-30.
- Popplow, Ulrich, "Reinhard Heydrich order die Aufnordung durch den Sport", *Olympisches Feuer. Zeitschrift der deutschen Olympischen Gesellschaft* 8 (1963), pp. 14-20.
- Potthast, Jan Björn, *Das jüdische Zentralmuseum der SS in Prag. Gegnerforschung und Völkermord im Nationalsozialismus* (Frankfurt am Main, 2002).
- Přibye, Lukáš, "Das Schicksal des dritten Transports aus dem Protektorat nach Nisko", *Theresienstädter Studien und Dokumente* 7 (2000), pp. 297-342.
- Prien, Jochen, *Geschichte des Jagdgeschwaders 77*, vol. 1, 1934-1941 (Eutin, 1992).
- Procházka, Theodor, *The Second Republic: The Disintegration of Post-Munich Czechoslovakia, October 1938-March 1939* (Boulder, CO, 1981).
- Průcha, Václav, *Hospodářské a sociální dějiny Československa 1918-1992, 1. díl období 1918-1945* (Brno, 2004).
- Pulzer, Peter G., *Die Entstehung des politischen Antisemitismus in Deutschland und Österreich 1867-1914* (2^a ed., Göttingen, 2004).

- Puntenius, Michael, "Das Gesicht des Terrors. Reinhard Heydrich (1904-1942)", em *idem, Gelehrte, Weltanschauer, auch Poeten. Literarische Porträts berühmter Hallenser* (Halle, 2006), pp. 199-201.
- Puschner, Uwe, *Die völkische Bewegung im wilhelminischen Kaiserreich. Sprache, Rasse, Religion* (Darmstadt, 2001).
- Querg, Thorsten J., *Spionage und Terror. Das Amt VI des Reichssicherheitshauptamtes 1939-1945*. Tese de doutorado, Freie Universität Berlin, Berlin, 1997.
- Querg, Thorsten, "Wilhelm Höttl. Vom Informanten zum Sturmbannführer im Sicherheitsdienst der SS", em Barbara Danckwortt, Thorsten Querg e Claudia Schöningh (orgs.), *Historische Rassismusforschung. Ideologie - Täter - Opfer* (Hamburg e Berlin, 1995), pp. 208-30.
- Rabinovici, Doron, *Instanzen der Ohnmacht. Wien 1938-1945. Der Weg zum Judenrat* (Frankfurt, 2000).
- Ramme, Alwin, *Der Sicherheitsdienst der SS. Zu seiner Funktion im faschistischen Machtapparat und im Besatzungsregime des sogenannten Generalgouvernements* (Berlin Oriental, 1970).
- Rapp, Petra Madeleine, *Die Devisenprozesse gegen katholische Ordensangehörige und Geistliche im Dritten Reich* (Bonn, 1981).
- Rebentisch, Dieter e Teppe, Karl (orgs.), *Verwaltung contra Menschenführung im Staate Hitlers. Studien zum politisch-administrativen System* (Göttingen, 1986).
- Rehding, Alexander, *Hugo Riemann and the Birth of Modern Musical Thought* (Cambridge, 2003).
- Reichardt, Sven, *Faschistische Kampfbünde. Gewalt und Gemeinschaft im italienischen Squadrismus und in der deutschen SA* (Colônia, 2002).
- _____. "Gewalt, Körper, Politik. Paradoxien in der Kulturgeschichte der Zwischenkriegszeit", em Wolfgang Hardtwig (org.), *Politische Kulturgeschichte der Zwischenkriegszeit 1918-1939* (Göttingen, 2005), pp. 205-39.
- Reiche, Eric G., *The Development of the SA in Nürnberg, 1922-1934* (Cambridge, 1986).
- Reichelt, Katrin, "Kollaboration und Holocaust in Lettland, 1941-1945", em Wolf Kaiser (org.), *Täter im Vernichtungskrieg. Der Überfall auf die Sowjetunion und der Völkermord and den Juden* (Munich, 2002).
- Reitlinger, Gerald, *The SS: Alibi of a Nation 1922-1945* (Nova York, 1956).
- Reittererová, Vlasta, "Das Mozartjahr 1941 in Prag. Ein Beitrag zur Geschichte des Musiklebens im Protektorat Böhmen und Mähren", em *Přednášky z 47. běhu Letní školy slovanských studií* (Praga, 2004), pp. 184-206.
- Retallack, James (org.), *Imperial Germany, 1871-1918* (Oxford, 2008).
- Reulecke, Jürgen, *Geschichte der Urbanisierung in Deutschland* (Frankfurt am Main, 1985).
- Richardi, Hans-Günter, *Schule der Gewalt. Die Anfänge des Konzentrationslagers Dachau 1933-1934. Ein dokumentarischer Bericht* (Munich, 1983).
- Riess, Volker, *Die Anfänge der Vernichtung "lebensunwerten Lebens" in den Reichsgauen Danzig-Westpreussen und Wartheland 1939/40* (Frankfurt am

- Main, 1995).
- Robel, Gert, "Sowjetunion", em Bez (org.), *Dimension des Völkermordes*, pp. 499-560.
- Rohde, Horst, "Hitler's First Blitzkrieg and its Consequences for North-Eastern Europe", em Militärgeschichtliches Forschungsamt (org.), *Germany and the Second World War*, 10 vols. (Oxford, 1990-), vol. 2: *Germany's Initial Conquests*, pp. 101-26.
- Röhr, Werner, "Das Sudetendeutsche Freikorps - Diversioninstrument der Hitler-Regierung bei der Zerschlagung der Tschechoslowakei", *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 52 (1993), pp. 35-66.
- Roseman, Mark (org.), *Generations in Conflict: Youth Revolt and Generation Formation in Germany, 1770-1968* (Cambridge, 2003).
- Roseman, Mark, *The Villa, the Lake, the Meeting: Wannsee and the Final Solution* (Londres e Nova York, 2002).
- Rosenkranz, Herbert, "Entrechtung, Verfolgung und Selbsthilfe der Juden in Österreich", em Gerald Stourzh e Birgitta Zaar (orgs.), *Österreich, Deutschland und die Mächte. Internationale und Österreichische Aspekte des "Anschlusses" vom März 1938* (Viena, 1990), pp. 367-417.
- Ross, Corey, "Entertainment, Technology and Tradition: The Rise of Recorded Music from the Empire to the Third Reich", em Karl Christian Führer e Corey Ross (orgs.), *Mass Media, Culture and Society in Twentieth-Century Germany* (Basingstoke, 2006), pp. 25-43.
- _____. *Media and the Making of Modern Germany: Mass Communications, Society and Politics from the Empire to the Third Reich* (Oxford, 2008).
- Rossino, Alexander B., *Hitler Strikes Poland: Blitzkrieg, Ideology and Atrocity* (Lawrence, KS, 2003).
- _____. "Nazi Anti-Jewish Policy during the Polish Campaign: The Case of the Einsatzgruppe von Woynsch", *German Studies Review* 24 (2001), pp. 35-53.
- Rössler, Mechtild e Schleiermacher, Sabine (orgs.), *Der "Generalplan Ost". Hauptlinien der nationalsozialistischen Planungs- und Vernichtungspolitik* (Berlim, 1993).
- Roth, Karl Heinz, "Heydrich Professor. Historiographie des 'Volkstums' und der Massenvernichtungen. Der Fall Hans Joachim Beyer", em Peter Schöttler (org.), *Geschichtsschreibung als Legitimationswissenschaft* (Frankfurt, 1997), pp. 262-342.
- Roth, Karl Heinz, "Konrad Meyers erster 'Generalplan Ost' (April/Mai 1940)", *Mitteilungen der Dokumentationsstelle zur NS-Sozialpolitik* 1 (1985), pp. 45-52.
- Rothkirchen, Livia, *The Jews of Bohemia and Moravia: Facing the Holocaust* (Lincoln, NB, 2006).
- Runzheimer, Jürgen, "Die Grenzzwischenfälle am Abend vor dem Angriff auf Polen", em Wolfgang Benz e Jermann Graml (orgs.), *Sommer 1939. Die Grossmächte und der Europäische Krieg* (Stuttgart, 1979), pp. 107-47.
- _____. "Der Überfall auf den Sender Gleiwitz im Jahr 1939", *VFZ* 10 (1962), pp. 408-26.

- Rürup, Reinhard, "Das Ende der Emanzipation. Die antijüdische Politik in Deutschland von der 'Machtergreifung' bis zum Zweiten Weltkrieg", em Arnold Paucker, Sylvia Gilchrist e Barbara Suchy (orgs.), *Die Juden im nationalsozialistischen Deutschland* (Tübingen, 1986), pp. 97-114.
- _____. *Topographie des Terrors. Gestapo, SS und Reichssicherheitshauptamt auf den "Prinz-Albrecht-Gelände". Eine Dokumentation* (Berlim, 1987).
- Rutherford, Phillip Terrell, *Prelude to the Final Solution: The Nazi Program for Deporting Ethnic Poles 1939-1941* (Lawrence, KS, 2007).
- Safrian, Hans, *Die Eichmann-Männer* (Viena, 1993).
- _____. "Expediting Expropriation and Expulsion: The Impact of the 'Vienna Model' on Anti-Jewish Policies in Nazi Germany, 1938", *Holocaust and Genocide Studies* 14 (2000), pp. 390-414.
- Salewski, Michael, *Die Deutschen und die See. Studien zur deutschen Marinegeschichte des 19. und 20. Jahrhunderts*, 2 vols. (Stuttgart, 1998 e 2002).
- Sasse, Konrad, "Aus Halles Musikleben von der Mitte des 19. Jahrhunderts bis 1945", em Rat der Stadt Halle (org.), *Halle als Musikstadt* (Halle an der Saale, 1954), pp. 40-52.
- Sauer, Bernhard, *Schwarze Reichswehr und Fememorde. Eine Milieustudie zum Rechtsradikalismus in der Weimarer Republik* (Berlim, 2004).
- Sauer, Wolfgang, *Die Mobilmachung der Gewalt* (Colônia, 1974).
- Schäfer, Kirstin A., *Werner von Blomberg. Hitlers erster Feldmarschall* (Paderborn, 2006).
- Schaser, Angelika, "Gendered Germany", em Retallack (org.), *Imperial Germany*, pp.128-50.
- Scheffler, Wolfgang, "Der Brandanschlag im Berliner Lustgarten im Mai 1942 und seine Folgen. Eine quellenkritische Betrachtung", *Berlin in Geschichte und Gegenwart. Jahrbuch des Landesarchivs Berlin* 3 (1984), pp. 91-118.
- Scheil, Stefan, *Die Entwicklung des politischen Antisemitismus in Deutschland zwischen 1881 und 1912* (Berlim, 1999).
- Schelvis, Jules, *Vernichtungslager Sobibór. Dokumente - Texte - Materialien* (Berlim, 1998).
- Schenk, Dieter, *Hitlers Mann in Danzig. Albert Forster und die NS-Verbrechen in Danzig-Wespreussen* (Bonn, 2000).
- Schildberger, František, *Ležáky* (Hradec Králové, 1982).
- Schleunes, Karl A. (org.), *Legislating the Holocaust: The Bernhard Loesener Memoirs and Supporting Documents*, trad. Carol Scherer (Boulder, CO, 2001).
- Schmidl, Erwin A., *Der "Anschluss" Österreichs. Der deutsche Einmarsch im März 1938* (Viena, 1994).
- _____. *März 38. Der deutsche Einmarsch in Österreich* (Viena, 1987).
- Schmidt, Ulf, "Reassessing the Beginning of the 'Euthanasia' Programme", *German History* 17 (1999), pp. 543-50.
- Schmidt-Hartmann, Eva, "Tschechoslowakei", em Benz (org.), *Dimension des Völkermords*, pp. 353-80.

- Schmiechen-Ackermann, Detlef, "Der 'Blockwart'. Die unteren Parteifunktionen im nationalsozialistischen Terror- und Überwachungsapparat", *VfZ* 48 (2000), pp. 575-602.
- Schmoller, Gustav von, "Heydrich im Protektorat Böhmen und Mähren", *VfZ* 27 (1979), pp. 626-45.
- Schmuhl, Hans-Walter, "Halle in der Weimarer Republik und im Nationalsozialismus", em Freitag et al. (orgs.), *Geschichte der Stadt Halle*, vol. 2, pp. 237-302.
- _____. *Rassenhygiene, Nationalsozialismus, Euthanasie. Von der Verhütung zur Vernichtung "lebensunwerten Lebens" 1890-1945* (Göttingen, 1987).
- Schreiber, Carsten, *Elite im Verborgenen. Ideologie und regionale Herrschaftspraxis des Sicherheitsdienstes der SS und seines Netzwerks am Beispiel Sachsen* (Munich, 2008).
- Schuhladen-Krämer, Jürgen, "Die Exekutoren des Terrors", em Michael Kissener e Joachim Scholtyseck (orgs.), *Die Führer der Provinz. NS-Biographien aus Baden und Württemberg* (Konstanz, 1997), pp. 405-43.
- Schulte, Jan Erik (org.), *Die SS, Himmler und die Wewelsburg* (Paderborn, 2009).
- _____. *Zwangsarbeit und Vernichtung. Das Wirtschaftsimperium der SS. Oswald Pohl und das SS-Wirtschafts-Verwaltungshauptamt 1933-1945* (Paderborn, 2001).
- Schulz, Andreas e Grebner, Gundula, *Generationswechsel und historischer Wandel* (Munich, 2003).
- Schulze, Hagen, *Freikorps und Republik* (Boppard, 1968).
- Schumann, Dirk, *Politische Gewalt in der Weimarer Republik. Kampf um die Strasse und Furcht vor dem Bürgerkrieg* (Essen, 2001).
- Schwarz, Gudrun, *Eine Frau an seiner Seite. Ehefrauen in der SS-Sippengemeinschaft* (Hamburg, 1997).
- Schwegel, Andreas, *Der Polizeibegriff im NS-Staat. Polizeirecht, juristische Publizistik und Judikative 1931-1944* (Tübingen, 2005).
- Seeger, Andreas, "Gestapo-Müller". *Die Karriere eines Schreibtischtäters* (Berlin, 1996).
- Seidel, Doris, "Die jüdische Gemeinde Münchens, 1933-1945", em Angelika Baumann e Andreas Heussler (orgs.), *München arisiert. Entrechtung und Enteignung der Juden in der NS-Zeit* (Munich, 2004).
- Semerdjiev, Stefan, "Reinhard Heydrich. Der deutsche Polizeichef als Jagdflieger", *Deutsche militärzeitschrift* 41 (2004), pp. 36-8.
- Sereny, Gitta, *Das Ringen mit der Wahrheit. Albert Speer und das deutsche Trauma* (Munich, 1995).
- Serrier, Thomas, *Entre Allemagne et Pologne. Nations et identités frontalières, 1848-1914* (Paris, 2002).
- Severová, Dana, "Sociální politika nacistů v takzvaném Protektorátu v letech 1939-1945", *Dějiny socialistického Československa* 7 (1985), pp. 184-90.
- Siemens, Daniel, *Horst Wessel. Tod und Verklärung eines Nationalsozialisten* (Munich, 2009).

- Silberklang, David, "Die Juden und die ersten Deportationen aus dem Distrikt Lublin", em Bogdan Musial (org.), *"Aktion Reinhardt". Der Volckermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944* (Osnabrück, 2004), pp. 141-64.
- Simmert, Johannes e Herrmann, Hans-Walter, *Dokumentation zur Geschichte der jüdischen Bevölkerung in Rheinland-Pfalz und im Saarland von 1800*, vol. 6: *Die nationalsozialistische Judenverfolgung in Rheinland-Pfalz 1933-1945. Das Schicksal der Juden im Saarland, 1920-1945* (Koblenz, 1974).
- Skriebeleit, Jörg, "Flossenbürg-Stammlager", em Benz e Distel (orgs.), *Ort des Terrors*, vol. 4: *Flossenbürg, Mauthausen, Ravensbrück*, pp. 17-66.
- Sládek, Oldrich, "Standrecht und Standgericht. Die Gestapo in Böhmen und Mähren", em Mallmann e Paul (orgs.), *Gestapo im zweiten Weltkrieg*, pp. 317-39.
- Smelser, Ronald M., *The Sudeten Problem 1933-1938. Volkstumpolitik and the Formulation of Nazi Foreign Policy* (Folkestone, 1975).
- Smilovitsky, Leonid, "Righteous Gentiles, the Partisans and Jewish Survival in Belorussia, 1941-44", *Holocaust and Genocide Studies* 11 (1997), pp. 301-29.
- Smith, Bradley F., *Heinrich Himmler: A Nazi in the Making, 1900-1921* (Stanford, CA, 1974).
- Snyder, Timothy, *Bloodlands: Europe Between Hitler and Stalin* (Londres, 2010).
- Spieß, Alfred e Lichtenstein, Heiner, *Unternehmen Tannenberg, Der Anlass zum Zweiten Weltkrieg* (2ª ed. rev., Frankfurt am Main e Berlim, 1989).
- Stahel, David, *Operation Barbarossa and Germany's Defeat in the East* (Cambridge, 2009).
- Steigmann-Gall, Richard, *The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919-1945* (Cambridge, 2003).
- _____. "Religion and the Churches", em Jane Caplan (org.), *Nazi Germany* (Oxford, 2008), pp. 146-67.
- Stein, Harry, "Buchenwald-Stammlager", em Benz e Distel (orgs.), *Ort des Terrors*, vol. 3: *Sachsenhausen, Buchenwald*, pp. 301-56.
- _____. "Das Sonderlager im Konzentrationslager Buchenwald nach den Pogromen 1938", em Monica Kingreen (org.), *"Nach der Kristallnacht". Jüdisches Leben und antijüdische Politik in Frankfurt am Main 1938-1945* (Frankfurt am Main, 1999), pp. 19-54.
- Steinbacher, Sybille, *"Musterstadt" Auschwitz. Germanisierungspolitik und Judenmord in Ostoberschlesien* (Munique, 2000).
- Steinkamp, Peter, "Lidice 1942", em Gerd R. Ueberschär (org.), *Orte des Grauens. Verbrechen im Zweiten Weltkrieg* (Darmstadt, 2003), pp. 126-35.
- Steinweis, Alan E., "German Cultural Imperialism in Czechoslovakia and Poland, 1938-1945", *International History Review* 13 (1991), pp. 466-80.
- _____. *Kristallnacht 1938* (Cambridge, MA, 2009).
- Steur, Claudia, "Eichmanns Emissäre. Die 'Judenberater' in Hitlers Europa", em Paul e Mallmann (orgs.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 403-36.
- _____. *Theodor Dannecker. Ein Funktionär der "Endlösung"* (Essen, 1997).
- Stevenson, Scott, *The Final Battle: Soldiers of the Western Front and the German Revolution of 1918* (Cambridge, 2009).

- Stibbe, Matthew, *Women in the Third Reich* (Londres, 2003).
- Stokes, Lawrence D., "The Sicherheitsdienst (SD) of the Reichsführer SS and German Public Opinion, September 1939-June 1941", tese inédita de doutorado, Johns Hopkins University, 1972.
- Stoldt, Hans-Ulrich, "Operation Anthropoid", em Stephan Burgdorff (org.), *Der Zweite Weltkrieg, Wendepunkte der deutschen Geschichte* (Munich, 2005), pp. 171-75.
- Stolle, Michael, *Die Geheime Staatspolizei in Baden. Personal, Organisation, Wirkung und Nachwirken einer regionalen Verfolgungsbehörde im Dritten Reich* (Konstanz, 2001).
- Stoltzfus, Nathan, "The Limits of Policy: Social Protection of Intermarried German Jews in Nazi Germany", em Gellately e Stoltzfus (orgs.), *Social Outsiders in Nazi Germany*, pp. 117-44.
- Strauss, Herbert A., "Jewish Emigration from Germany: Nazi Policies and Jewish Responses", *Leo Baeck Institute Yearbook* 25 (1980), pp. 313-61; e p. 26 (1981), pp. 343-409.
- Strebel, Bernhard, *Das KZ Ravensbrück. Geschichte eines Lagerkomplexes* (Paderborn, 2003).
- Streit, Christian, *Keine Kameraden. Die Wehrmacht und die sowjetischen Kriegsgefangenen 1941-1945* (Stuttgart, 1978).
- Šustek, Vojtěch, "Josef Pfitzner a germanizace města Prahy", em *Osm set let pražké samosprávy. Sborník příspěvků z 18. vědecké konference Archivu hlavního města Prahy* (Praga, 2002), pp. 167-81.
- Sydnor, Charles, "Executive Instinct. Reinhard Heydrich and the Planning for the Final Solution", em Michael Berenbaum e Abraham Peck (orgs.), *The Holocaust and History: The Known, the Unknown, the Disputed and the Re-examined* (Bloomington, IN, 1998), pp. 159-86.
- _____. "Reinhard Heydrich. Der 'ideale Nationalsozialist'", em Ronald Smelser e Enrico Syring (orgs.), *Die SS. Elite unter dem Totenkopf. 30 Lebensläufe* (Paderborn, 2000), pp. 208-19.
- Tampke, Jürgen, *Czech-German Relations and the Politics of Central Europe. From Bohemia to the EU* (Londres, 2003).
- Teichová, Alice, "Instruments of Economic Control and Exploitation: The German Occupation of Bohemia and Moravia", em Richard Overy, Gerhard Otto e Johannes ten Cate (orgs.), *Die "Neuordnung" Europas. NS-Wirtschaftspolitik in den besetzten Gebieten* (Berlim, 1997), pp. 83-108.
- _____. "The Protectorate of Bohemia and Moravia (1939-1945): The Economic Dimension", em Mikulas Teich (org.), *Bohemia in History* (Cambridge, 1998), pp. 267-305.
- Ther, Philipp, "Deutsche Geschichte als imperiale Geschichte. Polen, slawophone Minderheiten und das Kaiserreich als kontinentales Empire", em Sebastian Conrad e Jürgen Osterhammel (orgs.), *Das Kaiserreich transnational. Deutschland in der Welt, 1871-1914* (Göttingen, 2004), pp. 129-48.
- Tönsmeier, Tatjana, *Das Dritte Reich und die Slowakei 1939-1945. Politischer Alltag zwischen Kooperation und Eigensinn* (Paderborn, 2003).

- Tooze, Adam, *Wages of Destruction: The Making and Breaking of the Nazi Economy* (Londres, 2006).
- Toury, Jacob, "Ein Auftakt zur 'Endlösung'. Judenaustreibungen über nichtslawische Reichsgrenzen 1933-1939", em Ursula Büttner, Werner Johe e Angelika Voss (orgs.), *Das Unrechtsregime. Internationale Forschung über den Nationalsozialismus* (Hamburgo, 1986), vol. 2, pp. 164-69.
- _____. "Die Entstehungsgeschichte des Austreibungsbefehls gegen die Juden der Saarpfalz und Badens", *Jahrbuch des Instituts für Deutsche Geschichte* 15 (1986), pp. 431-64.
- Tregenza, Michael, "Belzec Death Camps", *Wiener Library Bulletin* 30 (1977), pp. 8-25.
- Tuchel, Johannes, *Am Grossen Wannsee 56-58. Von der Villa Minoux zum Haus der Wannsee-Konferenz* (Berlim, 1992).
- _____. "Gestapa und Reichssicherheitshauptamt. Die Berliner Zentralinstitutionen der Gestapo", em Paul e Mallmann (orgs.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, pp. 84-100.
- Tuchel, Johannes, *Konzentrationslager. Organisationsgeschichte und Funktion der "Inspektion der Konzentrationslager" 1934-1938* (Boppard, 1991).
- _____. "Reinhard Heydrich und die 'Stiftung Nordhav'. Die Aktivitäten der SS-Führung auf Fehmarn", *Zeitschrift der Gesellschaft für Schleswig-Holsteinische Geschichte* 117 (1992), pp. 199-225.
- Tuchel, Johannes e Schattenfroh, Reinold, *Zentrale des Terrors. Prinz-Albrecht-Str. 8. Das Hauptquartier der Gestapo* (Berlim, 1987).
- Tullner, Mathias, *Halle 1806 bis 2006. Industriezentrum, Regierungssitz, Bezirksstadt. Eine Einführung in die Stadtgeschichte* (Halle an der Saale, 2007).
- Turner, Henry Ashby, *Hitler's Thirty Days to Power: January 1933* (Londres, 1997).
- Twigge, Stephen, Hampshire, Edward e Macklin, Graham, *British Intelligence: Secrets, Spies and Sources* (Kew, 2008).
- Ullrich, Volker, *Die nervöse Grossmacht. Aufstieg und Untergang des Kaiserreiches, 1871-1918* (3ª ed., Munique, 2007).
- _____. *Vom Augusterlebnis zur Novemberrevolution. Beiträge zur Sozialgeschichte Hamburgs und Nordeutschlands im Ersten Weltkrieg* (Brêmen, 1999).
- Umbreit, Hans, *Deutsche Militärverwaltungen 1938/39. Die militärische Besetzung der Tschechoslowakei und Polens* (Stuttgart, 1977).
- Vaněk, Ladislav, *Atentát na Heydricha* (Praga, 1962).
- Verhey, Jeffrey, *The Spirit of 1914: Militarism, Myth and Mobilization in Germany* (Cambridge, 2000).
- Voigt, Rüdiger (org.), *Grossraum-Denken. Carls Schmitts Kategorie der Grossraumordnung* (Stuttgart, 2008).
- Wachsmann, Nikolaus, "The Dynamics of Destruction: The Development of the Concentration Camps, 1933-1945", em *idem* e Jane Caplan (orgs.),

- Concentration Camps in Nazi Germany: The New Histories* (Londres, 2009), pp. 17-43.
- _____. *Hitler's Prisons: Legal Terror in Nazi Germany* (New Haven e Londres, 2004).
- Wagner, Patrick, *Hitlers Kriminalisten. Die deutsche Kriminalpolizei und der Nationalsozialismus* (Munich, 2002).
- _____. *Volksgemeinschaft ohne Verbrecher. Konzeptionen und Praxis der Kriminalpolizei in der Zeit der Weimarer Republik und des Nationalsozialismus* (Hamburg, 1996).
- Waite, Robert, *Vanguard of Nazism: The Free Corps Movement in Postwar Germany, 1918-23* (Cambridge, MA, 1952).
- Waldman, Eric, *The Spartacist Uprising of 1919 and the Crisis of the German Socialist Movement: A Study of the Relation of Political Theory and Party Practice* (Milwaukee, WI, 1958).
- Wannenmacher, Walter, "Reinhard Heydrich", *Böhmen und Mähren* (1942).
- Warmbrunn, Werner, *The German Occupation of Belgium, 1940-1944* (Nova York, 1993).
- Watt, Donald Cameron, *How War Came: The Immediate Origins of the Second World War, 1938-1939* (Londres, 1989).
- Weale, Adrian, *The SS: A New History* (Londres, 2010).
- Weber, Reinhard, *Das Schicksal der jüdischen Rechtsanwälte in Bayern nach 1933* (Munich, 2006).
- Weber, Wolfram, *Die innere Sicherheit im besetzten Belgien und Nordfrankreich 1940-1944. Ein Beitrag zur Geschichte der Besatzungsverwaltungen* (Düsseldorf, 1978).
- Wegner, Bernd, *Hitlers politische Soldaten. Die Waffen-SS 1933-1945. Leitbild, Struktur und Funktion einer nationalsozialistischen Elite* (Paderborn, 1997).
- Wehler, Hans-Ulrich, *Deutsche Gesellschaftsgeschichte*, vol. 3: *Von der deutschen Doppelrevolution bis zum Beginn des Ersten Weltkrieges, 1849-1914* (2^a ed., Munich, 2007).
- Weigelt, Wolfgang, "Nauen/Stolpshof", em Benz e Distel (orgs.), *Der Ort des Terrors*, vol. 3: *Sachsenhausen, Buchenwald*, pp. 231-32.
- Weikart, Richard, *From Darwin to Hitler: Evolutionary Ethics, Eugenics, and Racism in Germany* (Basingstoke, 2004).
- Weinberg, Gerhard L., *Hitler's Foreign Policy 1933-1939: The Road to World War II* (Nova York, 2005).
- Weingart, Peter, Kroll, Jürgen e Bayertz, Kurt, *Rasse, Blut und Gene. Geschichte der Eugenik und Rassenhygiene in Deutschland* (Frankfurt am Main, 1988).
- Weiss, Aharon, "The Holocaust and the Ukrainian Victims", em Michael Berenbaum (org.), *A Mosaic of Victims: Non-Jews Persecuted and Murdered by the Nazis* (Nova York, 1990), pp. 109-15.
- Weisz, Franz, "Personell vor allem ein 'ständestaatlicher' Polizeikörper. Die Gestapo in Österreich", em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 439-62.

- Weitbrecht, Dorothee, "Ermächtigung zur Vernichtung. Die Einsatzgruppen in Polen im Herbst 1939", em Klaus-Michael Mallmann e Bogdan Musial (orgs.), *Genesis des Genozids. Polen 1939-1941* (Darmstadt, 2004), pp. 57-70.
- Weitbrecht, Dorothee, *Der Exekutionsauftrag der Einsatzgruppen in Polen* (Filderstadt, 2001).
- Weitz, Eric D., *A Century of Genocide: Utopias of Race and Nation* (Princeton, NJ, 2003).
- Welch, David, *Germany, Propaganda and Total War, 1914-1918* (New Brunswick, NJ, 2000).
- Welzer, Harald, *Täter. Wie aus ganz normalen Nenschen Massenmörder werden* (Frankfurt, 2005).
- Westermann, Edward B., *Hitler's Police Battalions: Enforcing Racial War in the East* (Lawrence, KS, 2005).
- Wetzell, Juliane, "Frankreich und Belgien", em Benz (org.), *Dimension des Völkermordes*, pp. 105-35.
- Weyrauch, Walter Otto, *Gestapo V-Leute. Tatsachen und Theorie des Geheimdienstes. Untersuchungen zur Geheimen Staatspolizei während der nationalsozialistischen Herrschaft* (Frankfurt am Main, 1989).
- Whiting, Charles, *Heydrich: Henchman of Death* (Barnsley, 1999).
- Wiedemann, Andreas, *Die Reinhard-Heydrich-Stiftung in Prag 1942-1945* (Dresden, 2000).
- Wighton, Charles, *Heydrich: Hitler's Most Evil Henchman* (Londres, 1962).
- Wildt, Michael, "Before the 'Final Solution': The Judenpolitik of the SD, 1935-1938", *Leo Baeck Institute Year Book* (1998), pp. 241-69.
- _____. *Generation des Unbedingten. Das Führungskorps des Reichssicherheitshauptamtes* (Hamburg, 2002).
- _____. "Der Hamburger Gestapo-Chef Bruno Streckenbach. Eine nationalsozialistische Karriere", em Frank Bajohr e Joachim Szodrzynski (orgs.), *Hamburg in der NS-Zeit. Ergebnisse neuerer Forschungen* (Hamburg, 1995), pp. 93-123.
- _____. (org.), *Die Judenpolitik des SD 1935 bis 1938. Eine Dokumentation* (Munich, 1995).
- _____. (org.), *Nachrichtendienst, politische Elite und Mordeinheit. Der Sicherheitsdienst des Reichsführers SS* (Hamburg, 2003).
- _____. "Radikalisierung und Selbstradikalisierung 1939. Die Geburt des Reichssicherheitshauptamtes aus dem Geist des völkischen Massenmordes", em Paul e Mallmann (orgs.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 11-41.
- _____. "Das Reichssicherheitshauptamt. Radikalisierung und Selbstradikalisierung einer Institution", *Mittelweg 36* (1998), pp. 33-40.
- _____. "The Spirit of the Reich Security Main Office (RSHA)", *Totalitarian Movements and Political Religions* 6 (2005), pp. 333-49.
- Wilhelm, Friedrich, *Die Polizei im NS-Staat. Die Geschichte ihrer Organisation im Überblick* (2^a ed., Paderborn, 1999).
- Wilhelm, Hans-Heinrich, *Die Einsatzgruppe A der Sicherheitspolizei und des SD 1941/42* (Frankfurt am Main, 1996).

- Williams, Max, *Reinhard Heydrich: The Biography*, 2 vols. (Church Stretton, 2001 e 2003).
- Winkler, Heinrich August, "Die Revolution von 1918/19 und das Problem der Kontinuität in der deutschen Geschichte", *Historische Zeitschrift* 250 (1990), pp. 303-19.
- _____. *Von der Revolution zur Stabilisierung. Arbeiter und Arbeiterbewegung in der Weimarer Republik 1918 bis 1924* (Berlim e Bonn, 1984).
- Witte, Peter, "Two Decisions concerning the 'Final Solution of the Jewish Question': Deportations to Łódź and the Mass Murder in Chelmno", *Holocaust and Genocide Studies* 9 (1995), pp. 318-45.
- Witte, Peter e Tyas, Stephen, "A New Document on the Deportation and Murder of Jews during 'Einsatz Reinhard' 1942", *Holocaust and Genocide Studies* 15 (2001), pp. 468-86.
- Wysocki, Gerd, "Lizenz zum Töten. Die 'Sonderbehandlungs'-Praxis der Stapo-Stelle Braunschweig", em Paul e Mallmann (orgs.), *Gestapo im Zweiten Weltkrieg*, pp. 237-54.
- Wysocki, Gerhard, *Die Geheime Staatspolizei im Land Braunschweig. Polizeirecht und Polizeipraxis im Nationalsozialismus* (Frankfurt am Main e Nova York, 1997).
- Yahill, Leni, "Madagascar, Phantom of a Solution for the Jewish Question", em Bela Vago e George L. Mosse (orgs.), *Jews and Non-Jews in Eastern Europe, 1918-1945* (Nova York, 1974), pp. 315-34.
- Zahra, Tara, *Kidnapped Souls: National Indifference and the Battle for Children in the Bohemian Lands, 1900-1948* (Ithaca, NY, e Londres, 2008).
- Zámečník, Stanislav, "Dachau-Stammlager", em Benz e Distel (orgs.), *Ort des Terrors*, vol. 2: *Frühe Lager, Dachau, Emslandlager*, pp. 233-74.
- Zbikowski, Andrzej, "Local Anti-Jewish Pogroms in the Occupied Territories of Eastern Poland, June-July 1941", em Lucjan Dobroszycki e Jeffrey S. Gurock (orgs.), *The Holocaust in the Soviet Union: Studies and Sources on the Destruction of the Jews in the Nazi-Occupied Territories of the USSR, 1941-1945* (Armonk, NY, 1993), pp. 173-79.
- Zeman, Zbyněk, *The Life of Edvard Beneš, 1884-1948: Czechoslovakia in Peace and War* (Oxford, 1997).
- Zimmermann, Michael, *Rassenutopie und Genozid. Die nationalsozialistische "Lösung der Zigeunerfrage"* (Hamburg, 1996).
- Zimmermann, Moshe, "Utopie und Praxis der Vernichtungspolitik in der NS-Diktatur. Überlegungen in vergleichender Absicht", em *WerkstattGeschichte* 13 (1996), pp. 60-71.
- Zimmermann, Volker, *Die Sudetendeutschen im NS-Staat. Politik und Stimmung der Bevölkerung im Reichsgau Sudetenland (1938-1945)* (Essen, 1999).
- Zipfel, Friedrich, *Kirchenkampf in Deutschland 1933-1945. Religionsverfolgung und Selbstbehauptung der Kirchen in der nationalsozialistischen Zeit* (Berlim, 1965).
- Zumbini, Massimo Ferrari, *Die Wurzeln des Bösen. Gründerjahre des Antisemitismus. Von der Bismarckzeit zu Hitler* (Frankfurt am Main, 2003).

ÍNDICE

Abwehr
 Heydrich e
 ver também Polícia de Segurança
Agência Central para a Emigração (UWZ)
Agência Central para a Emigração Judaica
 em Praga
 em Viena
 no Reich
Agência Central para a Imigração (EWZ),
Aktion Reinhardt
Albert, Wilhelm
Alemanha
 Guilhermina
 Imperial
 Primeira Guerra Mundial e
 ver também referências isoladas
Alsácia
 -Lorena
Alvensleben, Ludolf von
Amort, Čestmír
Angell, Norman
Arendt, Hannah
Armínio
Aronson, Shlomo
Associação do Reich de Judeus
Attlee, Clement
Auschwitz
 -Birkenau
Áustria
 Anschluss
 expulsão de judeus da
 -Hungria

Bach, Johann Sebastian
Bach-Zelewski, Erich von dem
Backe, dr. Herbert
Baden
Balfour, James

Barão Vermelho
 ver Richthofen, Manfred von
Bartoš, Alfréd
Baumann, Břetislav
Bautzen
Baviera
 ver também Munique
Bayreuth
Beck, gen. Ludwig
Będzin
Beethoven, Ludwig van
Bélgica
Belzec
Bendzin
 ver Będzin
Beněs, Edvard
 Hácha denuncia
 ocupação da Boêmia e Morávia e
Bergen-Belsen
Berlim
Bertsch, Walter
Best, Sigismund Payne
Best, Werner
 conhece Heydrich
 despertar político
 em competição com Schellenberg
 envolvimento na Noite das Facas Longas
 envolvimento no planejamento da campanha da Polônia
 problemas na relação com Heydrich
 sobre governança nazista
 sobre Heydrich
Beucke, Heinrich
Beutel, Lothar
Beyer, Hans Joachim
Bielorrússia
Binet, Laurent
Bismarck, Otto von
Blaskowitz, Johannes
Bloch-Bauer, Ferdinand
Blomberg, Werner von
Boden, Margarete
 ver Himmler, Margarete
Boêmia
 ver também Protetorado da Boêmia e Morávia
Boeselager, Philipp von

Böhme, Hans-Joachim
Böhme, Horst
Boleslav (irmão de São Venceslau)
Bonn
Bormann, Martin
Bosch, Hieronymus
Bose, Herbert von
Bracher, Karl Dietrich
Brandt, dr. Karl
Brasil
Bratislava
Brauchitsch, Walther von
 mantém conversações com Himmler
Brecht, Bertolt
Brest-Litovsk
Brigada Tcheca
Brno
Brod, Max
Bromberg
Bruckner, Anton
Brüning, Heinrich
Brünn
 ver Brno
Bruxelas
Buchenwald
Bühler, Josef
Bürckel, Joseph
Burckhardt, Carl Jacob
Burgenland
Burgsdorff, Kurt von
Bydgoszcz
 ver Bromberg

Calic, Eduard
Canaris, Erika
Canaris, Wilhelm
 relacionamento com Heydrich
Centro Político (PÚ)
Chamberlain, Houston Stewart
Chamberlain, Neville
Chelmno
Churchill, Winston
Colijn, Hendrikus
Colômbia
Columbia-Haus

Comitê da Petição (PVVZ)
Comitê Britânico de Operações Especiais (SOE)
Conferência de Wannsee
Heydrich na
Congregação Religiosa Judaica de Praga
Cracóvia
Crimeia, a
Croácia
Čurda, Karel
Cvetković, Dragiša
Czerny, Carl

Dachau
judeus austríacos mandados para
Daladier, Edouard
Dalton, Hugh
Daluege, Kurt
Heydrich entra em contato com
Dannecker, Theodor
Danzig
-Prússia Ocidental
Darré, Walther
Darwin, Charles
Defesa da Nação (ON)
Deschner, Günther
Dinamarca
Dollfuss, Engelbert
Dresden
Dynów

Eberstein, Elise von
Eberstein, Karl von
Eberstein, major von
Eckart, conde Du Moulin
Eden, Anthony
Edrich, Viktoria
Eichmann, Adolf
Agência Central para a Emigração Judaica (Viena) dirigida por
anteriores
Conferência de Wannsee e
deportações de judeus e
encontra-se com Heydrich em Praga
envolvimento na implementação do Holocausto
Höppner escreve para
papel em Praga

plano Madagáscar e
transformado em assessor especial de Heydrich
visita o Oriente Médio

Eicke, Theodor

Eliáš, Alois

Elser, Georg

Epp, Franz Ritter von

Eppstein, Paul

Equador

Erzberger, Matthias

Escritório Central de Raça e Assentamento (RuSHA)
ver também Litzmannstadt; Posen; Protetorado da Boêmia e Morávia

Escritório Central de Segurança do Reich (RSHA)
cria regulamentos para a marcação de judeus
criação/papel
estrutura/natureza do
exige a entrega de judeus
plano Madagáscar e
relatórios
terror dirigido por Heydrich

Eslováquia

Espanha

Estados Unidos da América

Esterwegen

Falkenhausen, Alexander von

Família Horák (Lídice)

Família Stříbrný (Lídice)

Fasch, Carl Friedrich Christian

Fehmarn

Fernando, arquiduque Francisco

Ferdinando II, imperador

Fest, Joachim

Fey, Emil

Filbert, Alfred

Fischer, Ferdinand

Flossenbürg

Flotow, Friedrich von

Forster, Albert

França
deportações de judeus da
invadida/ocupada
ver também Alsácia; Madagáscar; Paris

Frank, Hans
ver também Göring, Hermann

Frank, Karl Hermann
 antecedentes
Frass, Georg
Freikorps
Freisler, dr. Roland
Frey, Martin
Frick, Wilhelm
Frisch, cap. Von
Fritsch, Werner von
 envolvimento de Heydrich no caso contra
Fuchs, Wilhelm
Fundação Reinhard Heydrich
Funk, Walther

Gabčík, Josef
Galícia
Galton, Francis
Gandhi, Mohandas K. (Mahatma)
Gebhardt, prof. Karl
Gercke, Achim
Gestapo
 caso von Fritsch e
 Heydrich assume controle da
 igrejas e
 invasão austríaca/*Anschluss* e
 judeus e a
 maçons e
 no Protetorado da Boêmia e Morávia
 no RSHA
 papel
 relações com o exército
 ver também SD
Gies, Robert
Gleiwitz
Globocnik, Odilo
Goebbels, Joseph
 defende a marcação de judeus
 define com Heydrich as políticas do Protetorado
 elogia os esforços de Heydrich no Protetorado
 encontra-se com Heydrich
 faz campanha contra escolas religiosas
 instiga a Noite dos Cristais
 reação ao ataque contra/à morte de Heydrich
 sobre a invasão da Áustria
Gorazd, bispo

Göring, Hermann
arquiteta diretrizes de casamento
decretos poloneses de
encontra-se com Heydrich
Frank procura ajuda de
nomeia Heydrich diretor da Agência de Investigação da Moeda Estrangeira
Plano de Quatro anos dirigido por
questão Von Fritsch e
sobre política judaica

Governo Geral
deportação de judeus/de ciganos para o
locais de extermínio
ver também Aktion Reinhardt; Bühler, dr. Josef; Frank, Hans

Grã-Bretanha
ver também Londres

Grécia

Gregory, barão dr. Karl von

Greiser, Arthur

Groscurth, ten. cel. Helmuth

Gross-Rosen

Grynszpan, Esther

Grynszpan, Herschel

Grynszpan, Mordechai

Grynszpan, Rivka

Grynszpan, Sendel

Guilherme II, kaiser

Günther, Hans (oficial da SS)

Günther, Hans (professor universitário)

Gürtner, Franz

Gustloff, Wilhelm

Hácha, Emil

reconhece Protetorado como parte do Reich

ver também Beneš, Edvard; Hitler, Adolf

Haganá

Hagen, Herbert

Halder, gen. Franz

Halle

acontecimentos revolucionários no pós-Primeira Guerra Mundial

Conservatório

família de Heydrich muda-se para

Heydrich para de visitar

ver também Heydrich, Bruno; Heydrich, Elisabeth

Hamburgo

Händel, Georg Friedrich

Hansen, alm. Gottfried
Harster, Wilhelm
Hartl, Albert
Heimwehren
Heindorf, Wolfgang
Held, Heinrich
Henlein, Konrad
Hess, Rudolf
Heydrich, Bruno
 carreira musical
 enfrenta a falência/ruína
 postura política de
 rotulado judeu
 traços característicos de
 vida em Halle
Heydrich, Carl Julius Reinhold
Heydrich, Elisabeth
 enfrenta a falência/ruína
 morte
 religião de
 traços característicos de
 vida em Halle
Heydrich, Ernestine Wilhelmine
Heydrich, Heider
Heydrich, Heinz Siegfried
Heydrich, Klaus
Heydrich, Lina
 antipatia por Margarete Himmler
 antissemitismo de
 casa com Heydrich
 dá à luz
 dificuldades no casamento
 fica noiva
 fica sabendo da mudança de Heydrich para Praga
 muda-se para Munique
 muda-se para Praga
 postura política de
 primeiros anos
 recordações pós-guerra
 sobre Heydrich adquirindo poder
 vida como viúva
Heydrich, Maria
Heydrich, Marte
Heydrich, Reinhard
 ameaças contra sua vida/segurança pessoal

antissemitismo de
antissociais e
atitude com relação ao roubo
Batalha da Grã-Bretanha e
busca uma nova carreira
campanha da Noruega e
campos de concentração e
carreira naval/dispensa
comemoração de
concepção do RSHA
conhece a futura esposa
contato com o nazismo
educação
emite “Princípios da Segurança Interna do Estado durante a Guerra”
envolvimento na implementação do Holocausto
estilo de comando
estudos sobre
eventos revolucionários de 1918-19 e
excursão ao *front* russo
fica noivo
fica sabendo dos problemas financeiros da família
formação musical/inclinações musicais
funeral
giro de inspeção na Polônia
ideologia
igrejas e
interesse pelo esporte/exercício
interesse pelo recrutamento/treinamento
invasão da Áustria/Anschluss e
massacre de Bromberg e
nascimento
no encontro dos “Velhos Combatentes”
no hospital/morte
Noite dos Cristais e
ordena investigação de novas técnicas para matar
passa a ter responsabilidades pela “reordenação étnica”
pensamento econômico
planeja/dirige operações na Tchecoslováquia
planos para assassinar
politização
Primeira Guerra Mundial e
proíbe as compras dos judeus
questão judaica/problema judaico e
reação à resistência
reconhece a natureza diferente da campanha da Polônia

redige testamento
responsável pela emigração judaica
rumores de que seria judeu
sobre educação
sobre inimigos da Alemanha/do nazismo
sobre *Mischling/Mischlinge*
ver também Aktion Reinhardt; Fundação Reinhard Heydrich;
e referências isoladas
vida familiar/problemas de família
Heydrich, Reinhold Otto
Heydrich, Richard
Heydrich, Silke
Hildebrandt, Richard
Himmler, Heinrich
caso Von Fritsch e
concede a Heydrich autorização para a Luftwaffe
cria categorias de valoração racial
despertar político
discurso no funeral de Heydrich
encarregado por Hitler da manutenção da ordem 195
encomenda o plano de Meyer
encontra Heydrich pela primeira vez
encontra-se com Frank
encontra-se com Globocnik
encontra-se com Heydrich e Hitler
Epp nomeia
estilo de comando
fornece empréstimo a Heydrich
“Garotos do Swing” e
/Heydrich ampliam sua influência
/Heydrich expulsam judeus/planejaram eliminar judeus
/Heydrich percorrem territórios orientais
/Heydrich preocupados com a saúde mental dos homens
/Heydrich preparam-se para a campanha da União Soviética
/Heydrich recomendado a
/Heydrich supervisionam as investigações de Elser
giros de inspeção
ideias raciais de
invasão austríaca e
manda Heydrich para Berlim
massacre de Bromberg e
negado por Hitler o controle de territórios orientais
neopaganismo de
nomeado para cargos por Hitler
ordem sobre ciganos

planos para/campanha na Europa Ocidental e
programa/planos de reassentamento
promove Heydrich
questão judaica/problema judaico e
relacionamento com Heydrich
sobre educação
sobre emigração/deportações de judeus
suspeita dos militares
ver também Brauchitsch, Walther von; Partido Nazista; SS, Wagner, Eduard
Himmler, Margarete
ver também Heydrich, Lina
Hindenburg, Paul von
Hiss, Mathilde
ver Osten, Mathilde Von
Hitler, Adolf
abranda a tensão entre a SS e os militares
anseio por uma Praga sem judeus
assina o Pacto de Munique
autoriza programa de eutanásia
campanha/política na Europa Ocidental e
campanhas do norte da Europa/da Noruega e
caso von Fritsch e
declaração colonial
deportações de judeus e
dirige sua atenção para os Sudetos
discurso da “reordenação étnica”
discurso no funeral de Heydrich
distancia-se da postura política da igreja
elogia Heydrich
encomenda o “projeto de solução final”
encontra Hácha
invasão/campanha da Polônia e
judeus alemães e
negociações com von Schuschnigg
nomeia Heydrich protetor do Reich
nomeia von Neurath
pacto com Stálin
pede ação contra resistência
política tcheca
propõe área judaica
reação ao ataque contra/à morte de Heydrich
rejeita sugestão da estrela amarela
relacionamento com Heydrich
SA e
sanciona política judaica

sobre a emigração/questão judaica
sobre a guerra com os Estados Unidos
sobre a utilização de mão de obra soviética na Alemanha
sobre o plano Madagáscar
SS leal a
tentativas de assassinato
torna-se chanceler
ver também Himmler, Heinrich;
União Soviética

Hoffman, Ernst
Hofman, Otto
Hohlbaum, prof. Josef A.
Höppner, Rolf Heinz
Horák, Josef
Höttl, Wilhelm
Huber, Franz Josef
Hungria
ver também Áustria
Huppenkothen, Walter
Hus, Jan

Igreja Católica
Igreja Protestante
instalações/fábricas da Škoda
Itália
Iugoslávia

Janáček, Leoš
Japão
Jarmy, Iza
Jeckeln, Friedrich
Jennings, Humphrey
Jerusalém
Jordan, Rudolf
Jost, Heinz
Jung, Edgar Julius
Jünger, Ernst
Jungfern-Breschan
Jury, Hugo
Juventude Hitlerista

Kafka, Franz
Kaltenbrunner, Ernst
Kapp, Wolfgang
Katowice

Kattowitz
 ver Katowice
Kaunas
Keilberth, Joseph
Keitel, Wilhelm
Kennan, George
Kersten, Felix
Ketteler, Wilhelm Emanuel von
Kharkov
Kiel
Kiev
Klapka, Otakar
Klausener, Erich
Kleikamp, Gustav
Klein, Johannes
Klopfer, Gerhard
Klüber, ten. cel.
Knochen, Helmut
Koch, Erich
Köhler, Hansjürgen
Kokoschka, Oskar
Königsberg
Krakau
 ver Cracóvia
Krantz, Elisabeth Anna Amália
 ver Heydrich, Elisabeth
Krantz, Hans
Krantz, Kurt
Krantz, Maria Antonie
Krantz, prof. Eugen
Krejčí, Jaroslav
Kritzinger, Friedrich-Wilhelm
Krüger, Friedrich-Wilhelm
Kube, Wilhelm
Kubiš, Jan
Künzel, Erwin

Lagarde, Paul de
Lammers, Hans
Lang, Fritz
Lange, dr. Rudolf
Lehár, Franz
Lehmann-Jottkowitz, Hertha
Leibbrandt, dr. Georg
Leipzig

Lênin, Vladimir
Leningrado
Letônia
 ver também Riga
Leuben
Lewis, Cecil Day
Ležáky
Lichtenburg
Lichtenstein, Abraham
Liderança Central da Resistência Interna (ÚVOD)
Lídice
Liebknecht, Karl
Liga de Proteção e Oposição Nacionalista Alemã
Lituânia
 ver também Kaunas
Litzmannstadt
 Escritório de Raça e Assentamento
Łódź
 ver também Litzmannstadt
Lohse, Hinrich
Londres
Longerich, Peter
Lorena
 ver também Alsácia
Lösener, Bernhard
Losert, Josef
Löwenherz, Josef
Lubbe, Marinus van der
Lublin
 deportações de judeus para
Luckner, conde Felix von
Lugano
Lutero, Martinho (teólogo)
Luther, dr. Martin (funcionário do ministério do exterior alemão)
Lütjenbrode
Luxemburgo
Luxemburgo, Rosa

Maçons
 Heydrich e os
Madagáscar
Maercker, maj. gen. Georg
Majdanek
Mann, Heinrich
Mann, Thomas

sobre Heydrich
Marbod, rei
Marrocos
Maruščáková, Anna
Mauthausen
Mautsch, Maria Antonie
 ver Krantz, Maria Antonie
Mehlhorn, dr. Herbert
Meisinger, Josef
Meissen
Mendelssohn, Felix
Menzies, *sir* Stewart
México
Meyer, dr. Alfred
Meyer, prof. Konrad
Millay, Edna St Vincent
 ministério do interior
 relacionamento com a SS
 ministério dos territórios orientais ocupados
Minsk
Mogilev
Mohr, Werner
Moltke, Helmuth von
Moravec, Alois
Moravec, Emanuel
Moravec, František
Moravec, Marie
Moravec, Vlastimil
Morávek, comte.Václav
Morávia
 ver também Protetorado da Boêmia e Morávia
Morávia-Ostrava
Morell, dr. Theodor
Moringen
Moscou
Mozart, Wolfgang Amadeus
Müller, Heinrich
 envolvimento na Noite dos Cristais
 na Conferência de Wannsee
Müller, Karl Valentin
Munique
 Pacto de
 ver também Heydrich, Lina
Mussolini, Benito

Natzweiler
Naujocks, Alfred
Nebe, Arthur
Nehru, Jawaharlal
Nehvizdy
Nelson, Frank
Neuengamme
Neumann, Adolf
Neumann, Erich
Neumann, Friedrich
Neurath, barão Konstantin von
 Antecedentes
 críticas a
 emite ordem para a estrela amarela
 posição minada por Heydrich
Nicolai, Walter
Nisko
NKVD
Nockemann, Hans
Noruega
Noske, Gustav
Nuremberg
 Leis

Oberg, Carl Albrecht
Ohlendorf, Otto
Opálka, Adolf
Ordem Teutônica
Organização Cônsul
Organização de Nacionalistas Ucrrianos
Oslo
Osten, Hans von
Osten, Jürgen von
Osten, Lina von,
 ver Heydrich, Lina
Osten, Mathilde von
Ostland

Países Baixos, os
Palestina
Papen, Franz von
Papst, Johannes
Paris
 Heydrich em
Partido Comunista (KPD)

Partido Comunista da Tchecoslováquia (KSČ)

Partido Nazista

Heydrich ingressa

Himmler ingressa

Partido Popular Bávaro (BVP)

Partido Social-Democrata (SPD)

Patzig, Conrad

Pearl Harbor

Peru

Petřek, padre Vladimír

Pfitzner, Hans

Pfitzner, Josef

Pilsen

Pio XI, papa

Ploetz, Hans-Achim

Plzeň

ver Pilsen

Polícia de Segurança

Abwehr e

papel da

ver também SD

Polícia Militar Secreta

Polícia Política Bávara

Polkes, Feivel

Polônia

Heydrich aprova execuções na

Heydrich planeja operações

invasão da

judeus na

ver também Governo Geral; Göring, Hermann; Heydrich, Reinhard; Hitler, Adolf; SS

Pomme, Kurt

Posen

Agência Central de Reassentamento

Escritório de Raça e Assentamento

ver também Poznan

Poznan

Praga

Castelo

chegada de Heydrich a

exposição “Paraíso Soviético” em

Igreja de São Cirilo e São Metódio

planos arquitetônicos para

pré-guerra

toque de recolher/lei marcial em

Universidade Alemã de
Universidade Tcheca em
ver também Agência Central para a Emigração Judaica; Eichmann, Adolf
vida de Heydrich em
Protetorado da Boêmia e Morávia
criado o
deportação de judeus do
Escritório da Terra
Escritório de Raça e Assentamento
Heydrich governa
Heydrich pacífica
Heydrich persegue ciganos no
Heydrich, germanização e
Heydrich, Holocausto e
Heydrich, imperialismo cultural e
judeus no
natureza da ocupação alemã
natureza do
reações ao ataque contra Heydrich no
resistência no
sofre retaliação pela morte de Heydrich
ver também Gestapo; Praga
Prússia
Ocidental
sudeste da
ver também Danzig
Prützmann, Hans-Adolf

Rademacher, Franz
Raeder, alm. Erich
Rall, Gustav
Rasch, Otto
Rath, Ernst vom
Rathenau, Walther
Rauff, Walter
Rauter, Hanns Albin
Ravensbrück
Reeder, Eggert
Rehm, Hans
Reichert, Franz
Reitzel, Otto
Renânia
Ribbentrop, Joachim von
Richthofen, Manfred von
Riemann, Hugo

Riga
Říha, Václav
Röhm, Ernst
Romênia
Rosegger, Peter
Rosenberg, Alfred
 choca-se com Himmler
 divergências com Heydrich

SA

 Heydrich vira-se contra a
 natureza da
 SS e
 Violência
Saarpfalz
Sachs, Willy
Sachsenburg
Sachsenhausen
São Venceslau
Sarajevo
Sasnowitz
 ver Sosnowiec
Sauckel, Fritz
Schacht, Hjalmar
Schäfer, Emanuel
Scharnhorst, Gerhard von
Schellenberg, Walter
 amizade com Lina Heydrich
 cumprer tarefas de Heydrich
 organiza manual sobre a Grã-Bretanha
Schirach, Baldur von
Schleicher, gen. Kurt von
Schmidt, Otto
Schmitt, Carl
Schmoller, Gustav
Schöngarth, Karl Eberhard
Schultze, Erich
Schulz, Erwin
Schuschnigg, Kurt von
SD
 Gestapo e
 Heydrich desenvolve/planeja
 igrejas e
 judeus e
 na Áustria

na Europa Ocidental
papel da
planos para a campanha da Polônia
Polícia de Segurança e
SA e
Secret Intelligence Service [Serviço Secreto de Inteligência] (SIS)
Seignobos, Charles
Sérvia
Seyss-Inquart, Arthur
Siegel, Michael
Sigurdsson, Sverre
Silésia
Alta
Alta Silésia Oriental
Sipo
ver Polícia de Segurança
Six, Franz Alfred
Smith, Howard
Sobibor
Sociedade Schlaraffia
Sokol
Soldau
Sosnowiec
Speer, Albert
Sprenger, Jakob
SS
amplia o sistema de campos de concentração
amplia sua influência/seu papel
campanha da União Soviética e
constrói câmaras de gás
coordenação/relações SS-exército (Europa Ocidental)
coordenação/relações SS-exército (Polônia)
coordenação/relações SS-exército (União Soviética)
Heydrich exige disciplina da
Heydrich ingressa na
Himmler e
igrejas e
invasão da Polônia e
na Noruega
natureza da
nos Bálcãs
oficiais
política antijudaica
tensões SS-exército

ver também ministério do interior; Escritório Central de Raça e Assentamento;
SA; SD

Santa Ludmila

Stahlecker, Franz Walter

Stálin, Joseph

ver também Hitler, Adolf

Starhemberg, conde

Starhemberg, Ernst-Rüdiger

Stauffenberg, Claus von

Stavanger

Stennes, Walter

Stevens, Richard

Stolpshof

Strasser, Gregor

Strasser, Otto

Strauss, gen. Adolf

Strauss, Richard

Streckenbach, Bruno

Streicher, Julius

Stříbrný, Josef

Stuckart, dr. Wilhelm

Stülpnagel, gen. Carl-Heinrich von

Stülpnagel, gen. Otto von

Sudetos

Südost-Europa-Gesellschaft

Suécia

Sulza

Süss, Gustav Robert

Švarc, Jaroslav

Tannenberg

Tchecoslováquia

ocupação da

ver também Partido Comunista da Tchecoslováquia; Hitler, Adolf; Praga;

Protetorado da Boêmia e Morávia

Techow, Ernst Werner

Terboven, Josef

Terezín

ver Theresienstadt

Testemunhas de Jeová

Theresienstadt

planos de Heydrich para

Thierack, Otto Georg

Thomas, gen. Georg

Thomas, Max

Thümmel, Paul
Treblinka
Trevor-Roper, Hugh
Tuka, Vojtech
Turner, Harald
Ucrânia
 ver também Zhitomir
Udet, gen. Ernst
Uebelhoer, Friedrich
União Soviética
 campanha e Hydrich
Hitler decide atacar
 limpeza étnica/assassinato de judeus na
 planos alemães para
 planos/intenção de deportar judeus para
 ver também Moscou; SS

Valčík, Josef
Varsóvia
Versalhes
Tratado de
Viena
 ver também Agência Central para a Emigração Judaica
Volksdeutscher Selbstschutz
Wagner, Cosima
Wagner, Eduard
 encontra-se com Heydrich
 encontra-se com Heydrich e Himmler
Wagner, Josef
Wagner, Richard
Waldbreitbach
Wallenstein, Albrecht von
Walter, Bruno
Wangenheim, Hubertus von
Warthegau
Wartheland
Warzecha, cap.
Weingärtner, Martin
Weizsäcker, Ernst von
Wells, H. G.
Werther, Gertrud
Wighton, Charles
Willrich, Wolfgang
Wilson, Woodrow
Wisliceny, Dieter

Wolf, Martin Paul
Wolff, Frieda
Wolff, Karl
Woyrsch, Udo von

Zhitomir
Zuckmayer, Carl
Zweig, Stefan



1. Apenas alguns meses depois da tomada do poder pelos nazistas, Heydrich como chefe da Polícia Política Bávara, onde ele e Himmler usaram seus poderes para encarcerar inimigos políticos do novo regime no campo de concentração de Dachau.



2. O carro destruído de Heydrich após a tentativa de assassinato. A bomba atingiu a roda traseira do Mercedes conversível de Heydrich, fazendo estilhaços de metal e a crina do estofamento penetrarem em seu corpo. Ele morreu de septicemia alguns dias depois.



a)

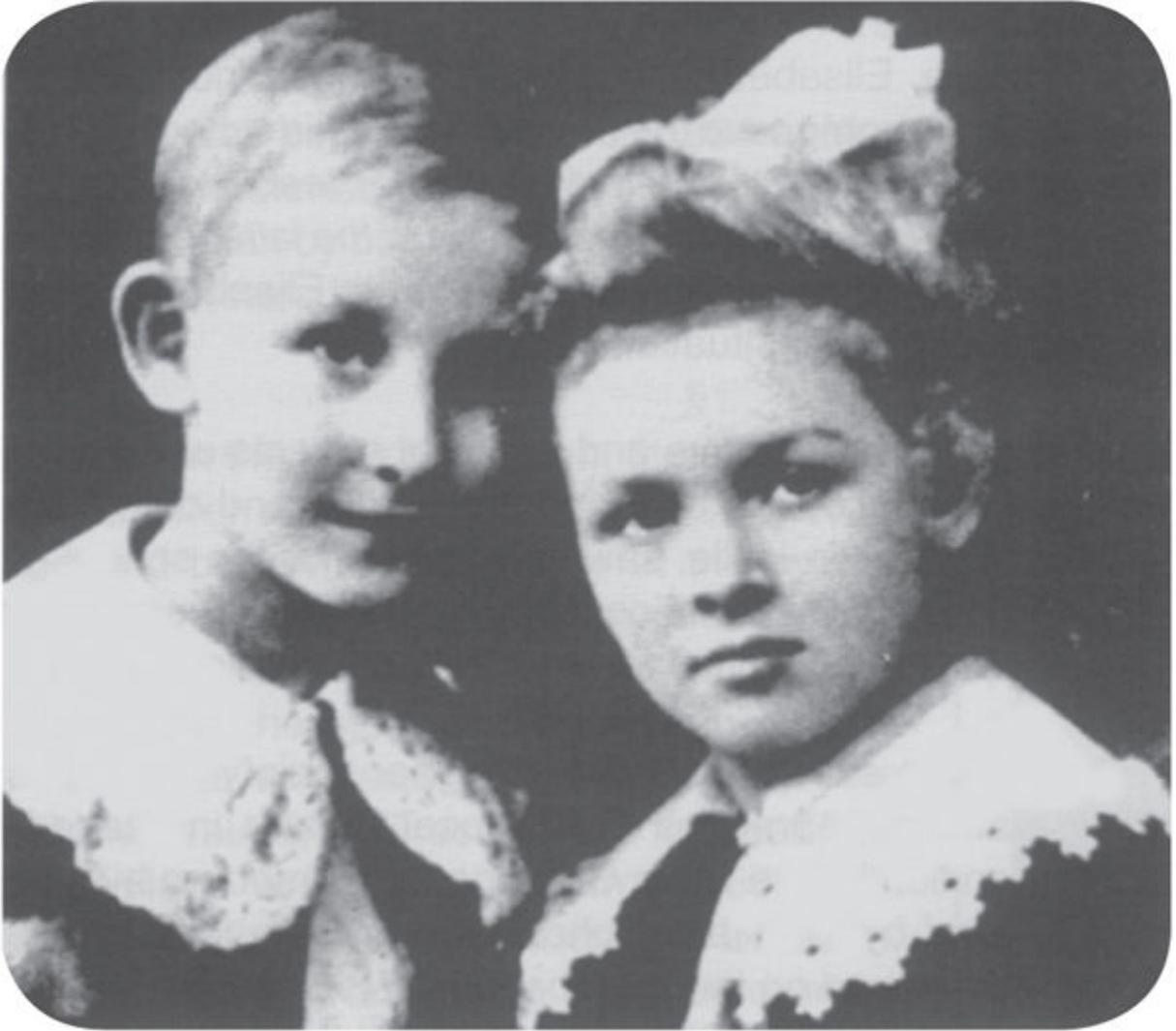


b)

3. a) e b) Os assassinos de Heydrich: Josef Gabčík e Jan Kubiš se ofereceram como voluntários para a missão de saltar de paraquedas, em 1941, nos territórios ocupados pelos nazistas. Depois da tentativa de assassinato, ambos foram traídos e mortos durante o cerco da SS a seu esconderijo.



4. O pai de Reinhard, Bruno Heydrich, foi um músico e compositor competente, cujo conservatório, em Halle, foi até a Primeira Guerra Mundial uma atividade familiar florescente.



5. O jovem Reinhard e a irmã Maria, c.1910. As três crianças Heydrich - Reinhard, Maria e Heinz Siegfried - desfrutaram de uma infância privilegiada. Quando ficaram mais velhos, Reinhard e Maria tiveram um grave desentendimento por ele tratar a família com desprezo.



6. Heydrich como aspirante da marinha, 1924. Durante seu período na marinha alemã, Heydrich se manteve isolado, mas ao que parece progrediu na carreira até 1931, quando foi exonerado do serviço militar devido à quebra de uma promessa de noivado e ao comportamento arrogante diante do tribunal de honra militar.



7. O casamento de Heydrich, 1931. Na época em que desposou sua noiva, Lina von Osten, Reinhard Heydrich iniciara uma nova carreira na SS. Lina teve influência crucial em sua decisão de ingressar na SS.



8. Heinrich Himmler acompanha a partida de seu assistente pessoal, Karl Wolff, e de Heydrich, depois de uma festa de aniversário na casa bávara de Himmler, em Waldtrudering. Nenhuma outra pessoa, exceto a esposa, teve maior impacto na carreira de Heydrich que o chefe supremo da SS, Heinrich Himmler. Os dois mantiveram um relacionamento muito próximo e a ascensão de Heydrich sempre se deu na sombra de Himmler.



9. Os Caçadores: Himmler, Heydrich e o chefe da uniformizada Polícia Alemã da Ordem, Kurt Daluege, compartilhavam uma paixão pela caça ao cervo. Os três representam as instituições-chave encarregadas da repressão e do assassinato em massa no Terceiro Reich: a SS, o SD, a Gestapo e a Polícia da Ordem.



10. Heydrich (segundo a partir da esquerda, de costas para a câmera) explica o material exposto no Museu Maçom da SS, em Berlim, a uma delegação de industriais alemães, c. 1935. Nos primeiros anos do Terceiro Reich, Heydrich via os maçons com um dos principais inimigos dos nazistas. Em 1935, considerou o problema resolvido e instalou um museu, perto da sede da Gestapo em Berlim, para esse “culto desaparecido”.



11. Heydrich, os filhos e a filha recém-nascida, Silke, nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. Embora nunca tenha sido um homem realmente dedicado à família, sentia um afeto particular por Silke, que trabalhou como modelo no pós-Segunda Guerra Mundial.



12. Heydrich vê Hitler observar o *front* na Polônia, 1939. Durante o ataque alemão à Polônia, Heydrich visitou inúmeras vezes o *front*, encorajando os *Einsatzgruppen* da SS a acelerar o processo de assassinar as elites polonesas na retaguarda dos exércitos alemães que avançavam.



13. Heydrich em traje de piloto durante a Batalha da Grã-Bretanha, 1940. Frequentemente ele dava mostras de que se sentia privado da possibilidade de lutar no *front* e participou inúmeras vezes de missões de combate como piloto de caça, com frequência sem o conhecimento de Himmler.



14. Himmler, Heydrich e o chefe da Polícia Criminal, Heinrich Müller, conferenciam após o fracassado atentado de Georg Elser contra a vida de Hitler em 1939. Embora de início suspeitassem de uma conspiração britânica, logo ficou claro que Elser não recebera assistência estrangeira.



15. Heydrich descansa no intervalo de um torneio de esgrima em Berlim, c.1941. Durante toda a década de 1930 e nas primeiras etapas da Segunda Guerra Mundial, Heydrich seguiu uma ambiciosa rotina de treinamento para se conservar fisicamente em forma e participou de uma série de torneios de esgrima.



16. Heydrich e Göring na recepção pelo aniversário deste, em janeiro de 1941. A princípio Göring e Heydrich tiveram um relacionamento conturbado, mas se tornaram íntimos colaboradores em programas antissemitas nazistas depois da Noite dos Cristais. Foi Göring quem autorizou Heydrich a preparar uma “solução definitiva do problema judaico”.



17. Rudolf Hess, Himmler (primeiro e segundo à esquerda), Fritz Todt e Heydrich (centro) ouvem atentamente o professor Konrad Meyer explicar seus planos de assentamento alemão no Leste, em março de 1941. O Plano Geral do Leste, de Meyer, destinava-se a proporcionar um mapa orientador da reordenação étnica da Europa Oriental e Central, e desempenhou um papel muito importante no pensamento de Heydrich sobre programas de germanização.



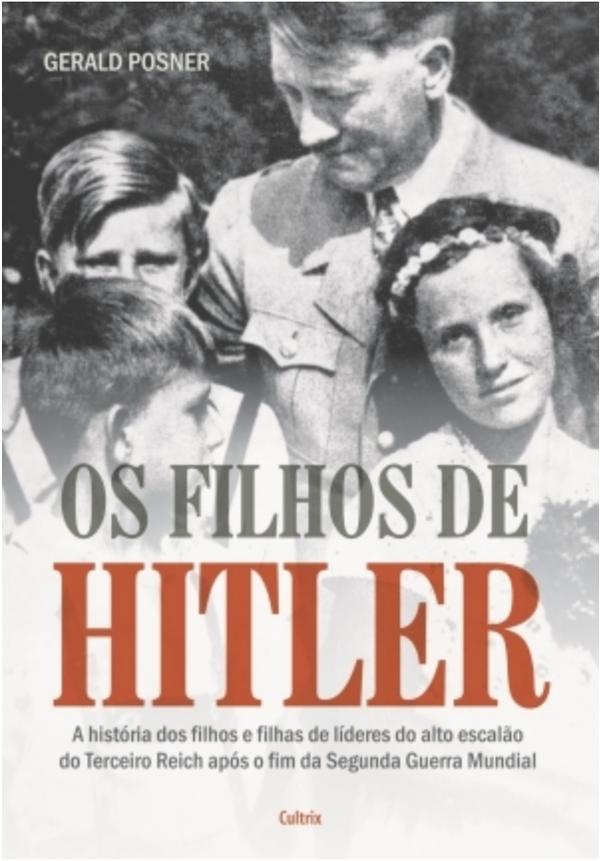
18. Heydrich presta homenagem à bandeira da SS sendo hasteada no Castelo de Praga quando de sua chegada, em setembro de 1941. Como protetor interino do Reich da Boêmia e Morávia, Heydrich conseguiu suprimir a oposição tcheca por meio de perseguição rigorosa e fomentou programas raciais destinados a germanizar o Protetorado da Boêmia e Morávia.



19. Heydrich saúda seu ex-assistente, Carl Albrecht Oberg, ao chegar a Paris, onde o empossa como o novo comandante da SS e chefe de polícia na França, em maio de 1942. Oberg foi o primeiro comandante da SS na França, o que representava um avanço muito importante para a SS, cuja autoridade ficara até então confinada essencialmente à Alemanha e ao Leste ocupado. Essa foi a última viagem de Heydrich. Um mês depois, ele estava morto.



20. Emocionado, Himmler fala no funeral de Heydrich, em Berlim. Foi o maior funeral público realizado na Alemanha nazista durante a guerra, sendo assistido por Hitler e praticamente todas as pessoas influentes do Terceiro Reich.



GERALD POSNER

OS FILHOS DE HITLER

A história dos filhos e filhas de líderes do alto escalão
do Terceiro Reich após o fim da Segunda Guerra Mundial

Cultrix

Os Filhos de Hitler

Posner, Gerald

9786557360415

296 páginas

[Compre agora e leia](#)

Por meio deste relato surpreendente, o autor Gerald L. Posner nos revela, como os filhos de nazistas proeminentes julgam os pecados dos pais como testemunhas oculares da história e como familiares. Muitos deles cresceram na atmosfera privilegiada do círculo íntimo de Hitler e evocam o Terceiro Reich pelos olhos da infância. Rolf Mengele, por exemplo, conta como descobriu o pai vivo no Brasil e viajou até aqui às escondidas para confrontar o "Anjo da Morte" sobre os crimes em Auschwitz. Wolf Hess defende com orgulho o pai, Rudolf, o vice-Führer, e seu surpreendente voo solitário em 1941 para a Grã-Bretanha. Ilustradas com

fotografias reveladoras, muitas delas inéditas, estas são histórias cruciais, que proporcionam uma nova visão da vida privada e das ações públicas daqueles que trabalharam próximos de Adolf Hitler e foram testemunhas oculares do regime de terror mais perverso de todos os tempos.

[Compre agora e leia](#)

SINCRONIZANDO
**TEMPO E
ETERNIDADE**

ENSAIOS SOBRE PSICOLOGIA JUNGUIANA



MURRAY STEIN

Cultrix

Sincronizando tempo e eternidade

Stein, Murray

9786557360934

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

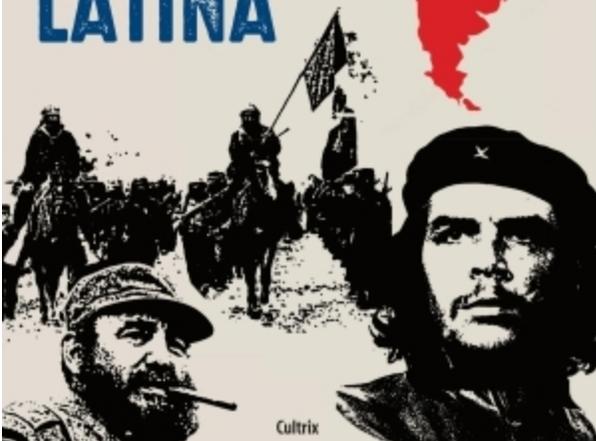
O Dr. Murray Stein, Ph.D., é um dos mais importantes escritores ligados ao pensamento junguiano no mundo contemporâneo. E nesta compilação, em que conta com alguns de seus ensaios mais brilhantes, ele aborda temas junguianos conhecidos como sincronicidade, símbolo e imagem arquetípica no intuito de trazer essas ideias para o espaço cultural amplamente globalizado. Estes textos constituem reflexões com base nas obras de C. G. Jung, Erich Neumann, Wolfgang Pauli e uma vasta gama de escritores psicanalíticos junguianos contemporâneos. A tese geral é de

que toda a humanidade está conectada: as pessoas estão ligadas umas às outras, à natureza e ao cosmos, e nenhum ser humano deve ser deixado de fora do quadro da consciência pós-moderna. Por meio de uma linguagem simples e dinâmica, o dr. Murray Stein nos mostra como é importante nos conhecermos melhor em essência e nunca nos esquecer de que somos parte de algo maior.

[Compre agora e leia](#)

Loris Zanatta

Uma breve,
da História
**AMÉRICA
LATINA**



Cultrix

Uma Breve História da América Latina

Zanatta, Loris

9788531614125

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Loris Zanatta expõe o conjunto de eventos que movimentou a América Latina, desde a colonização até os dias atuais, sem esquecer as características essenciais do território e dos seus habitantes antes da chegada dos europeus. De século a século, e de país a país, o autor entrelaça, de maneira brilhante, a história política, religiosa e ideológica das nações, convertendo diferentes histórias desarticuladas em uma história única. Este livro descreve o desenvolvimento da América Latina como uma terra de transformações,

revoluções e involuções, de frustrações e promessas.

[Compre agora e leia](#)

ERICH NEUMANN

A GRANDE MÃE

Um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos
e as manifestações femininas do inconsciente



Cultrix

A grande mãe

Neumann, Erich

9786557360941

576 páginas

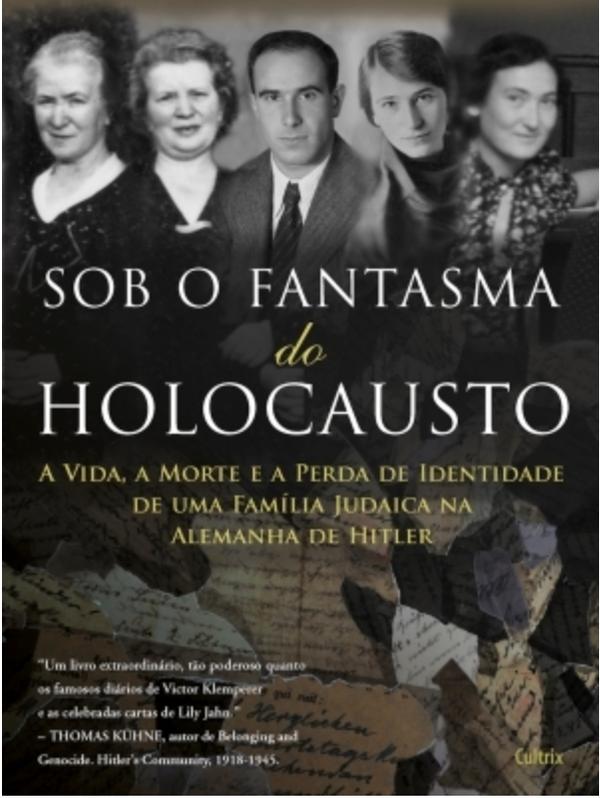
[Compre agora e leia](#)

Para quem conhece A Grande Mãe, eis aqui uma nova edição contemporânea e essencial para os novos tempos: com texto totalmente revisto e projeto gráfico revitalizado, ela traz ainda um caderno especial com 243 obras de arte - um tesouro da arte arcaica sobre mitos femininos. Neste livro, o renomado psicólogo analítico Dr Erich Neumann versa sobre as formas da manifestação do Feminino em seu caráter elementar e de transformação. Ao mesmo tempo, trata-se de uma obra fundamental para a pesquisa mitológica. Suas gravuras formam uma verdadeira galeria da História da Arte antiga, focada em

representações do Feminino Universal, dando continuidade significativa às pesquisas iniciadas por C. G. Jung sobre o arquétipo da Grande Mãe. Um amplo estudo sobre rituais, mitologia, arte e registro de análises sobre sonhos e fantasias, no intuito de examinar como este arquétipo foi expresso por milhares de anos em várias culturas e períodos históricos ao longo do tempo.

[Compre agora e leia](#)

REBECCA BOEHLING • UTA LARKEY



SOB O FANTASMA *do* HOLOCAUSTO

A VIDA, A MORTE E A PERDA DE IDENTIDADE
DE UMA FAMÍLIA JUDAICA NA
ALEMANHA DE HITLER

"Um livro extraordinário, tão poderoso quanto
os famosos diários de Victor Klemperer
e as celebradas cartas de Lily Jahn."

— THOMAS KOHNE, autor de *Belonging and
Genocide: Hitler's Community, 1918-1945.*

Cultrix

Sob o Fantasma do Holocausto

Boehling, Rebecca

9788531612404

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

As autoras evocam de forma eloquente a dor de uma família dispersa por três continentes em consequência da perseguição nazista. Com base num volume de 600 cartas encontradas recentemente, elas mostram como a crescente perseguição forçou os judeus alemães a se questionar a respeito de se deveriam "ficar ou ir embora" e documentam o terror máximo de tentar escapar da Alemanha quando o cerco se fechava. Esta fascinante e comovente narrativa da vida dos membros desta família antes, durante e depois do Holocausto, traz novas dimensões

ao nosso entendimento de como era a vida dos judeus na Alemanha e no exílio naqueles anos tenebrosos.

[Compre agora e leia](#)